

An illustration of a man and a woman in a romantic embrace. The man, with dark hair and a beard, is leaning towards the woman, who has long dark hair and is looking down with a slight smile. The background is a warm, orange-toned gradient with horizontal stripes. There are decorative white line-art branches with red leaves in the top left and bottom right corners.

DA MESMA AUTORA
DE SOL EM JÚPITER
Lola Balgado

A LINGUAGEM do AMOR



UM ROMANCE DE
LOLA SALGADO



A
LINGUAGEM
DO amor



Copyright © 2017 Lola Salgado

Capa: Lola Salgado

Revisão: Luísa Pinheiro

Diagramação Digital: Lola Salgado

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Playlist](#)

[Sobre la Autora](#)



Capítulo 1

*Se você se sentir um turista na sua própria cidade
Então é hora de ir embora
E definir um destino
Há tantos lugares diferentes para se chamar de lar*

Death Cab for Cutie – You're a tourist

Encaixei o último cabide no guarda-roupa, ainda tentando me familiarizar com o novo quarto. Meus olhos fizeram uma varredura no pequeno cômodo com piso de tacos, e nem mesmo o fato de faltarem alguns mudou a forma maravilhosa como eu me sentia. Tudo naquela cidade, desde as inúmeras árvores ao clima quente, acolhia-me de braços abertos. Era como se depois de passar a vida sendo apenas uma coadjuvante, eu finalmente me tornasse a protagonista dos meus

sonhos. Eu via, enfim, as coisas começando a acontecer, e era a única responsável por elas. Dependia apenas de mim, e de mais ninguém.

Respirei fundo, sorvendo uma boa quantidade de ar. O frescor pairando na atmosfera, a sensação de ser invencível... Existiam muitos sentimentos inexplicáveis me rondando. Caminhei até a janela, um sorriso inoportuno preso nos lábios. Eu deveria me sentir triste, ou pelo menos melancólica, depois de assistir aos meus tão queridos avós se despedirem com os olhos marejados, prestes a percorrerem quilômetros até Santa Cruz do Rio Pardo, minha cidade natal. No entanto, apesar de experimentar um friozinho subindo pela barriga, eu sabia não se tratar de uma despedida. Soava mais como um “até logo”.

No fim das contas, estar ali sempre foi o meu objetivo principal. Dentre tantas universidades no estado de São Paulo próximas de casa, escolhi o Paraná como lar. Não por querer fugir, mas apenas para ser diferente *dela*. Mostrar para nós duas a minha capacidade de realizar meus sonhos da maneira como ela não pôde realizar os seus e me atribuiu a culpa por isso. Provar que, apesar da rejeição, eu segui a vida da melhor maneira possível. Bem, isso seria muito admirável da minha parte se ela ligasse minimamente para o fato de eu estar ou não viva. Acho que, no fundo, ela só amava a si mesma.

A lembrança da minha mãe trouxe uma corpulenta nuvem de amargura para o dia, até então, ensolarado. Mordisquei a boca, demorando-me em observar o fluxo de pessoas caminhando lá no estacionamento. Quais eram as suas histórias? Como haviam chegado ali?

De repente, fui desperta dos meus devaneios por três toques leves na porta — leves até demais. Endireitei-me, demorando alguns segundos para entender que não seria a minha avó do outro lado, perguntando se eu estava com fome; nem o meu avô, convidando-me para acompanhá-lo até a padaria. Precisaria me acostumar com os detalhes de minha nova condição chegando em pequenas porções, revelando para mim como seria a partir de então.

— Entre! — falei, por fim.

Tão suave quanto as batidas, foi a maneira como a maçaneta girou e a porta se moveu, revelando Arthur. Ele era uma figura engraçada como um todo — olhos castanhos esbugalhados, conferindo-lhe uma expressão eternamente assustada; cabelos platinados espetados para todas as direções e um sorrisinho torto de

alguém com uma boa piada para contar. Soube, logo de cara, que nos daríamos bem.

Foi com ele que conversei primeiro pela internet, quando o resultado do vestibular foi divulgado e o meu nome estava lindamente posicionado em terceiro lugar do curso de Letras Português/Inglês. Encontrei Arthur em um grupo do *Facebook* e, embora as chances disso dar errado fossem gritantes, no fim das contas correu tudo bem. No final de semana anterior à minha mudança, fui com os meus avós para averiguar a situação do apartamento e descobrir se seria um bom lar pelos próximos quatro anos. Não tinha muitas expectativas, afinal, como já disse, as chances de dar errado eram *mesmo* enormes. Porém, indo contra as minhas suposições, encontramos um apartamento consideravelmente limpo e organizado para uma república.

Veja bem, eu falei *para uma república*.

Fora ele, morava mais uma garota. Os dois seriam os meus veteranos do curso de Letras. Ela se chamava Nataly, mas eu ainda não havia tido a chance de conhecê-la fora da internet, pois estava passando as férias na Disney com a família e voltaria um pouco depois das aulas começarem. Até para mim, uma CDF assumida, isso era completamente plausível.

Seríamos apenas nós três e isso parecia muito promissor.

Consegui achar móveis por preços ridiculamente baratos, neste mesmo grupo de *Facebook* onde encontrei um lar.

Era incrível a quantidade de alunos querendo se livrar o mais rápido possível dos pertences, a fim de voltar às cidades natais. Conforme o dia da partida se aproximava, os preços caíam e, por isso, consegui mobiliar um quarto com uma pechincha de trezentos reais. Tinha tudo o que um estudante poderia almejar: uma cama modesta, um guarda-roupa surrado e uma escrivaninha balançando de uma maneira preocupante, mas cumprindo com a função de sustentar meu notebook.

Então, depois de acertar todos os detalhes da mudança, ali estava eu, apoiada com as costas contra a janela para observar Arthur atravessar o cômodo em passos arrastados. Ao alcançar a cama, jogou-se preguiçosamente nela e só então percebi vestir uma camiseta com um enorme Darth Vader estampado. Ah, meu Deus, com toda certeza nos daríamos muito bem!

— Você está legal, Rebecca? — perguntou com a voz pastosa. Tudo em Arthur era demasiadamente devagar, como se ele estivesse sintonizado em outra frequência.

— Sim, eu acho. Ainda não deu tempo nem de me acostumar e nem de sentir saudade de casa... Engraçado, não?

Ele sorriu, assentindo com a cabeça.

— Sei como é. Ainda está muito recente... mas você vai gostar! — afirmou, espreguiçando-se.

— Há quanto tempo mora aqui?

— Dois anos.

— Você é de onde?

— Assis Chateaubriand.

— E você tem saudades? — *Pare de interrogá-lo*, meu subconsciente ordenou, mas as perguntas não paravam de pular da boca.

Arthur suspirou, com uma expressão revelando claramente que não.

— Lá não tem nada para mim — admitiu com um tom sombrio. — Nada que valha a pena.

Permanecemos em silêncio por alguns segundos, absorvendo o impacto das palavras. Peguei-me seguindo sua lógica de pensamento e constatando que, tirando os meus avós, eu também não tinha mais nada.

Contrariando seu ritmo lento, Arthur pulou para fora da cama em um rompante, com um sorriso animado brotando no rosto.

— Que tal uma caminhada?

— Na verdade, eu estava pensando em terminar de ajeitar as minhas coisas. — Encolhi os ombros, como se me desculpasse silenciosamente.

— Vamos lá, você ainda terá muito tempo para isso. As aulas só começam daqui a um mês. Quero te mostrar o bairro onde vai morar pelos próximos anos.

Olhei para a janela por cima dos ombros, pensando na melhor maneira de me esquivar sem magoá-lo. Mas, então, o imaculado céu turquesa repetiu o convite feito por Arthur. Fazia um dia tão bonito, com brisas deliciosas que adentravam o quarto chacoalhando as cortinas. Seria um desperdício ficar trancada ali a tarde toda.

— Tudo bem — cedi, sorrindo para ele. — Estou mesmo morrendo de fome!



Capítulo 2

Quando você pensa em amor, você pensa em dor?

Você pode me dizer o que você vê

Eu vou escolher em que acredito

Vance Joy – Mess is mine

Sempre gostei de ter as coisas sob controle. Isso não era difícil de perceber quando se levava em conta a maneira como eu seguia à risca a minha agenda pessoal. Tudo precisava ser planejado com antecedência, agir por impulso não era exatamente o meu esporte favorito. Isso também é um pouco por causa *dela*. A ânsia de não seguir os mesmos passos, de não cometer os mesmos erros, de não ser como ela.

No meu notebook, a música já havia ido de Zé Ramalho a Pink Floyd, passando por The Strokes no caminho. Não sou uma pessoa com os gostos muito definidos e atribuo isso ao fato de ter sido criada pelos meus avós. Duas gerações de diferença, eu sempre perambulei entre o antigo e o novo, entre o ontem e o

agora. Nunca me senti muito conectada com as pessoas da minha idade, mas também não me sentia tão madura quanto os mais velhos.

Por isso, aprendi a apreciar a minha própria companhia. Um mundinho só meu, repleto de jogos de tabuleiro, filmes de terror — quanto mais sangrentos, melhor — e passeios na minha Caloi verde-água com cestinha, a qual tinha feito questão de arrastar até Maringá.

Porém, a minha maior paixão era, com toda a certeza, os livros de fantasia. Algumas garotas nascem para o romance, mas preciso confessar que ele nunca foi para mim. Sempre com o nariz enfiado em uma nova história, eu gostava de viajar pelos reinos mais distantes, onde dragões e bruxos eram tão comuns quanto comer torradas no café da manhã. Espelhava-me nas personagens fortes encontradas nos livros e sonhava em ser uma *Hermione Granger* ou uma *Katniss Everdeen* da vida real. Talvez eu fosse o que os outros chamam de pessoa no mundo da lua, no entanto jamais me importei muito com isso.

Fui desperta dos pensamentos quando uma nova música começou, desta vez era Velha e Louca, da Mallu Magalhães.

*Pode falar que eu nem ligo,
Agora eu sigo
O meu nariz,
Respiro fundo e canto
Mesmo que um tanto rouca.*

*Pode falar, não me importa
O que tenho de torta
Eu tenho de feliz,
Eu vou cambaleando
De perna bamba e solta.*

Senti um calor gostoso no peito, dando-me conta de que contava pouco mais de duas semanas morando ali e eu já me sentia completamente em casa. Arthur e eu tivemos muito tempo para nos conhecer e, para minha surpresa, nós partilhávamos de vários gostos em comum — dentre estes, meninos. Descobri o fato de ele ser gay em uma abafada noite de quarta-feira, quando fomos até feirinha da cidade providenciar o tipo de comida que deixa os pais orgulhosos. No caminho

de volta para o nosso apartamento, cruzamos com um rapaz loiro de enormes olhos azuis. Ele parecia ter saído de uma revista e, enquanto eu lutava para me recuperar o fôlego, a voz arrastada de Arthur me fez dar um pulinho de susto no lugar.

— Meu Deus, Rebecca, você viu *aquele homem*?

— Se você está falando sobre o Thor que acabou de passar, sim, eu vi!

Depois disso, passamos horas a fio debatendo sobre famosos que achávamos ou não bonitos. Concordamos em quase todos os tópicos, exceto por Harry Styles. Embora eu o achasse um pedaço de mau caminho, Arthur dizia apenas que ele ainda precisava de muito arroz e feijão para *chegar lá*.

Sorri com a memória e, encarando o espelho, inclinei o corpo ligeiramente para a esquerda, a fim de alcançar a escova sobre a escrivaninha. Comecei pela minha franjinha reta, bastaram algumas escovadas para assentá-la no lugar. Meu cabelo cor de chocolate meio amargo batia pouco abaixo do pescoço em algo oscilando entre liso e ondulado. Eu gostava. Juntei-o sem dificuldade em um rabo de cavalo, abandonando o espelho em seguida.

Com exceção do cabelo, eu não herdara nenhuma característica física da minha mãe. Ao contrário dela, com os olhos castanhos e a pele oliva, minhas íris tinham cor de pistache e a pele era pálida a ponto de ser possível ver as azuladas linhas orgânicas formadas pelas veias. Eu nunca conheci o meu pai — nem eu, nem ninguém além dela — mas não era preciso ser um gênio da genética para calcular que eu deveria ser como ele.

Ajoelhei ao lado da cama, pescando a maleta de plástico debaixo dela, onde costumava guardar meus materiais de desenho. Destaquei uma folha de papel *Canson*, alinhando-a de maneira meticulosa sobre a escrivaninha bamba. Todos os meus conhecidos insistiam para eu investir nessa habilidade e, para muitos, foi uma grande surpresa a minha primeira escolha para a faculdade não ser algo relacionado a isso. No entanto, a verdade era que eu considerava o ato de desenhar uma válvula de escape. Era quando eu podia esvaziar minha mente de todos os pensamentos e me conectar comigo mesma. Jamais poderia tornar um momento tão íntimo como forma de ganhar pão. Talvez não fizesse o menor sentido, porém algo sobre monetizar o meu dom soava de maneira errada.

Foi esse o motivo para eu ter escolhido o curso de Letras. As palavras, sim, eram o ar que preenchia os meus pulmões e a força-motriz necessária para impulsionar os meus dias. Graças aos livros, não sucumbi à tristeza pela rejeição da minha mãe e, por essa razão, eram tão importantes para mim. Perdi a conta de

quantas vezes fugi da realidade enfiada por tardes e mais tardes em páginas amareladas de intermináveis livros. Meu sonho de trabalhar em uma grande editora veio daí. Se eu pudesse descobrir livros tão incríveis quanto aqueles com espaço especial no meu coração, talvez mudasse a vida de outras tantas pessoas. Já que eu não possuía o dom da escrita, contribuiria da forma que me era palpável.

Com essa certeza, eu estava decidida a começar a faculdade — dando o meu melhor para alcançar o sonho traçado com tanto afinco. E nada, nem ninguém, tiraria o foco do meu objetivo.

Ou, ao menos, era o que eu imaginava.



Capítulo 3

*Escute, eu não te conheço realmente
E não acho que queira
Mas acho que posso fingir se você puder*

Passion Pit – Carried away

— Arthur, estou indo ao mercado. Você precisa de alguma coisa? — perguntei, batendo com os nós dos dedos na porta fechada do seu quarto.

— Calma aí! — a voz pastosa veio abafada de lá de dentro. Alguns segundos depois, a porta foi aberta com um clique e ele apareceu do outro lado, com a cara amassada de quem havia acabado de acordar. — Traz um pacote de proteína de soja, por favor?

Ah, é, esqueci-me de contar, meu mais novo amigo era vegetariano! E, para a minha sorte, um ótimo cozinheiro. Já eu, não sabia nem fritar um ovo sem o risco de provocar um incêndio, então agradei aos céus por ele ter aparecido na minha vida. Além disso, seus pratos eram todos diferentes, muito coloridos e deliciosos. Quiche de palmito, talharim com brócolis, galettes de cenoura e, o meu preferido de todos,

risoto de amêndoas tostadas — também tinha uva passa nele, mas não me envergonho em admitir ter tirado todas e arrastado para o prato de Arthur.

Peguei a nota de vinte reais estendida na minha direção, observando-o virar as costas para, muito provavelmente, voltar a dormir. Se existia algo que eu jamais entenderia era isso que as pessoas da minha idade tinham de hibernar até metade do dia. Eu sei, pareço uma velha falando assim, mas depois de acordar por toda uma vida antes das sete, virou um hábito. E eu gostava muito. De manhã existia uma atmosfera incrível de tudo-pode-acontecer-hoje, e isso me deixava cheia de energia. Fora isso, nada era mais delicioso, para mim, que o céu pálido começando a receber as cores do dia, a brisa suave e contínua da manhã, além de uma profusão de pássaros celebrando um novo começo. Eu era uma pessoa simples de impressionar, no fim das contas. Pequenos detalhes já eram o suficiente para aquecer o meu coração.

Dei um pulinho até o meu quarto para escolher um par de all-star's da minha pequena coleção (foi o vermelho, a propósito) e então, no segundo seguinte, já corria animada pelos degraus em direção ao térreo. No meio do caminho, embolei os pés um no outro e voei para frente como uma manga madura caindo da árvore. Agarrei-me de qualquer jeito nas barras metálicas laterais para evitar quebrar os dentes, mas, mesmo assim, perdi o equilíbrio e me estatelei de bunda, deslizando alguns degraus naquela posição nada favorável.

— AIII! — gritei de dor, esfregando o bumbum, que queimava.

— Será que a donzela não tem outro lugar para ficar sentada?

Ergui o rosto, sobressaltada com a voz grossa como um trovão responsável por quebrar o silêncio do corredor. De frente para mim, estava parado um homem tão alto quanto um urso, cujos braços fortes seguravam uma enorme caixa de papelão parecendo realmente pesada. Com a cabeça inclinada para buscar visão, ele me encarava com os olhos ocre-esverdeados impacientes. Sua expressão era a mesma de alguém que acabou de pisar em um cocô a caminho de uma entrevista de emprego e ainda não se conformou com isso.

Fiquei tão perplexa com sua postura rude que demorei alguns segundos para compreender a grosseria gratuita com a qual se dirigiu a mim.

— Se você não percebeu, não estou aqui de bobeira. Acabei de cair!

— Mas não deixa de estar no meu caminho!

Ai, seu ogro estúpido!

Tomei um impulso para levantar, incrédula com sua falta de empatia com o fato de que eu podia ter me machucado. Sentindo as bochechas queimarem de raiva, abri espaço para ele, fazendo uma reverência exagerada para indicar o espaço livre.

— Prontinho, pode passar!

Em passos apressados que só reforçavam a sua impaciência, o Senhor Insuportável deixou um rastro de perfume no caminho. Tão logo o seu aroma delicioso e repleto de feromônios penetrou minhas narinas, estaquei no lugar, inspirando profundamente o cheiro amadeirado e forte que pairava pelo ar. *Pelas barbas de Merlin*, pensei atônita, agarrando o corrimão para refrear a moleza nas pernas.

Então, ainda entorpecida pelo cheiro dele, ouvi-o bufar antes de murmurar para si mesmo.

— Não era sem tempo!

Caí em mim, sendo dominada por uma chama de ira. Ela subiu pelo meu corpo, deixando tudo ardente. *Como é que é?*, meu subconsciente perguntou, estupefato. Sem pensar direito, girei nos calcanhares e comecei a subir atrás dele. Só percebi o que estava fazendo quando ouvi a minha própria voz trêmula de raiva.

— Qual é a sua, hein? É sempre um idiota mal educado com todo mundo?

Ele parou no lugar, visivelmente surpreso. Os segundos continuaram correndo e, quando achei que fosse apenas me ignorar e seguir o seu caminho, ele se inclinou para frente, deixando a caixa sobre o patamar da escada. Depois se virou, com as sobranceiras unidas e muitos vincos na testa.

— Perdão?

Só então tive a visão completa dele. Meus olhos percorreram um detalhe por vez, como que para compreender partes de um todo. Usava uma justa camiseta de gola V cinza mescla, destacando os bíceps fortes e o peitoral definido. O cabelo preto na altura das orelhas fora jogado para o lado em um penteado propositalmente desordenado (e incrivelmente sexy). No entanto, nada disso chamava tanto a atenção quanto a barba estilo lenhador cobrindo boa parte do rosto dele, contribuindo com o porte de *bad boy*.

Só recobrei o raciocínio quando nossos olhos se encontraram.

Eu o estava secando deliberadamente?

Não, de jeito nenhum!

— Bem... não estou com tempo para adolescentes com os hormônios à flor da pele. Tenho muito o que fazer, como pode ver. Até mais.

E, num impulso, deu as costas para mim novamente, agarrando a caixa no chão e sumindo do meu campo de visão. Permaneci olhando para o nada por alguns minutos antes de balançar a cabeça em negativa, decidida a tentar esquecer o encontro peculiar com o maior ogro de todos os tempos.

Logo saí do prédio de tijolinhos à vista com uma enorme letra G pintada em branco. Olhei ao redor, ainda surpresa com a pequena cidade dentro de Maringá, onde morava agora. Conhecido como “Os Blocos de Letras da UEM”, o condomínio possuía um edifício para cada letra do alfabeto do A ao Z. Cada um deles com 32 apartamentos de três quartos. Não era preciso fazer as contas para constatar o fato de haver uma população considerável de estudantes morando ali.

Caminhei até o suporte para bicicletas no estacionamento, soltando a minha Caloi do cadeado. Empurrei-a até sair pelos portões pintados por um verde pálido e, ao alcançar a rua, não hesitei em montar nela.

Quando comecei a pedalar a caminho do mercado, já nem me lembrava mais do barbudo grosseiro com o qual tive o desprazer de cruzar.

Mas mal sabia eu que ainda esbarraria muito com ele...



Capítulo 4

*Eu queria tudo o que nunca tive
Como o amor que vem com a luz
Eu vestia inveja e eu odiava aquilo
Mas eu sobrevivi*

Sia – Alive

Cerca de uma hora depois, eu subia as escadas do meu prédio com uma dúzia de sacolas pesadas prendendo a circulação dos dedos. O bumbum ainda protestava pelo tombo de outrora, por isso eu seguia em passos cuidadosos, com medo de escorregar novamente. Afinal de contas, quem, em sã consciência, gostaria de começar as aulas com um braço quebrado? Definitivamente, não eu.

Cheguei ao meu andar ofegante e lamentando por pensamentos a falta que um elevador fazia na vida de uma pessoa. Percorri o corredor com pressa para soltar as sacolas e libertar meus dedinhos roxos, mas minhas pernas viraram cimento quando reparei na porta aberta próxima à minha.

Foi então que um pensamento me ocorreu e, aos poucos, uni os acontecimentos daquele dia. O homem barbudo. Segurando uma caixa. Fazendo, muito provavelmente, a sua mudança. Para a droga do apartamento da frente!

Permaneci ali, tentando calcular qual a probabilidade de, em um condomínio com 480 moradias, aquele insuportável ser justamente o meu vizinho. Sem perceber, caminhei em direção à abertura, tentando coletar qualquer informação que pudesse me dizer um pouco mais a respeito do morador.

— Você só pode estar de brincadeira! — a voz grave quase me fez enfartar.

O sangue se esvaiu do meu rosto. *Santo Deus*, pensei assombrada, com o coração martelando furiosamente dentro da caixa torácica. Que tipo de piada de mau gosto era aquela? Se vergonha matasse, eu provavelmente teria falecido logo ali.

Girei o corpo, a fim de encará-lo de frente. Ele trazia, desta vez, duas longas tábuas de madeira, que julguei fazerem parte de um guarda-roupa. O Lenhador Estressado arqueou as sobrancelhas, estampando em cada centímetro do rosto o quanto parecia me achar estúpida. Para falar a verdade, eu estava me sentindo um pouco assim.

— Vai continuar aí o resto do dia? — perguntou, por fim, com aquele tom detestavelmente presunçoso.

Dei alguns passos para a direção do meu apartamento, sentindo-me contrariada com a sua falta de educação. Sem me encarar novamente, ele sumiu porta adentro como um raio.

Apesar de ter os dedos latejando com o peso das compras, a minha dignidade me manteve com os pés colados ao chão. Alguns minutos depois, o barbudo saiu do aposento com as mãos livres e, ao me encontrar, parou abruptamente, como se tentasse entender o que diabos eu ainda estava fazendo ali. Bem, essa era a mesma dúvida que eu tinha, para ser honesta.

— Você está se mudando para cá? — a pergunta pulou da minha boca antes que eu pudesse evitar.

— Olha só, que perspicaz!

Meus lábios se separaram ligeiramente, enquanto eu tentava entender como ele conseguia me tirar do sério com tamanha facilidade. Argh! Aquele... aquele Chewbacca estúpido!

— Você é um grosso, sabia?

Um sorriso mordaz tomou seus lábios escondidos por trás de todo aquele pelo facial. Ele se aproximou alguns passos de mim. Por algum motivo inexplicável, prendi a respiração.

— É um prazer conhecer você também! — disse, escondendo as mãos nos bolsos do jeans e me dando as costas pela terceira vez no mesmo dia.

Entrei em casa completamente atordoada. Deparei-me com um Arthur só de bermuda, ouvindo Nirvana no último volume enquanto lavava a pilha de louça do jantar.

— Você demorou!

Soltei as sacolas sobre o imenso carretel de fio de luz o qual usávamos como mesa, jogando-me em uma das cadeiras de maneira dramática. Percebendo o meu péssimo estado de espírito, ele secou as mãos em um pano de prato, sentando-se de frente para mim.

— O que foi?

— Tive o azar de conhecer o nosso novo vizinho. Ele não passa de uma versão grosseira do Chewbacca.

— Chewbacca? — perguntou ele, em seu habitual tom arrastado, rindo da minha tentativa de ofender alguém.

— Sim, com aquela barba enorme dele, foi a única coisa que consegui pensar.

Arthur arregalou os olhos naturalmente esbugalhados, assumindo, em seguida, uma careta safada.

— Nosso vizinho é barbudo?!

— É.

— Ai, Becca... — Ele fez cara de quem estava com vontade de comer uma rosquinha bem açucarada, mas, por algum motivo muito sério, não podia. — Eu adoro homens com barba! Acho tão másculos...

Esfreguei o rosto com as mãos, permitindo-me rir do meu novo amigo. Sua reação espontânea dissipou um pouco da minha raiva.

Eu disse *um pouco*.

— Mas ele é um idiota. Acredite em mim! Com toda a certeza bateu o recorde de maior quantidade de patadas por minuto.

— Ele pode estar apenas estressado com a mudança...

— Meu Deus, Arthur! Você está mesmo defendendo uma pessoa que nem conhece?

A minha pergunta arrancou gargalhadas de nós dois. Rimos tanto que meus olhos lacrimejaram. Ele encolheu os ombros, piscando para mim antes de se levantar e procurar a proteína de soja dentro das sacolas do mercado. Respirei fundo, secando as bochechas com as costas das mãos.

— Bom, idiota ou não, eu preciso dar uma olhada depois. Quem sabe não peço uma xícara de açúcar?

— Isso está muito batido! — Arquejei, incapaz de me desfazer do sorriso no rosto. — Precisa de algo mais original se não quiser que ele perceba suas intenções.

— Becca, sua *inocente*... Quem falou que eu não quero?

Amassei uma sacola do mercado, formando uma bolinha que usei para atirar nele em seguida.

— Para alguém tão calmo, você é muito pervertido!

— Você não viu nem um terço. Vou fazer o almoço... O que comprou de bom?

Enquanto Arthur revirava as sacolas com o seu ritmo devagar, peguei-me concentrada em pensar no vizinho irritante. Quero dizer, mesmo se ele realmente estivesse bravo com a mudança — o que era completamente cabível em um prédio sem elevador, diga-se de passagem — não tinha razão para me destratar, não é?

Bufei, raspando o dedo na superfície da mesa ao passo em que retomava a nossa breve conversa na cabeça. Então, sem perceber, meus pensamentos me traíram, levando-me a caminhos perigosos. Comecei a repassar imagens do Chewbacca mal humorado vagorosamente, como que me deliciando com alguns detalhes. Como os músculos do braço contraídos para sustentarem a caixa, ou a forma como ele era irritantemente interessante, ainda que com aquela barba estúpida de lenhador. Sério, em pleno verão, como ele aguentava tantos pelos?

Droga, Rebecca, que merda é essa?, meu subconsciente perguntou, de maneira acusatória. E, percebendo o que estava fazendo, senti o rosto ferver e me levantei de supetão, decidida a desenhar para varrer qualquer recordação dele para fora da mente.

Entrei como um raio no meu quarto, indo direto até os materiais de desenho. Liguei o notebook e abri a pasta de músicas, dando play no aleatório. No mesmo momento em que posicionava o papel na escrivaninha, a voz contralto da Pitty reverberou contra as paredes descascadas em alguns pontos, arrancando uma careta azeda de mim quando começou a cantar Equalize.

*Às vezes se eu me distraio
Se eu não me vigio um instante
Me transporto pra perto de você*

Mordisquei o lábio inferior, incapaz de apagar o peculiar encontro da memória. Além do mais, a música não estava ajudando em nada.

*Já vi que não posso ficar tão solta,
que vem logo aquele cheiro
Que passa de você pra mim
Num fluxo perfeito*

Pesquei o lápis 6b de dentro do estojo e, sem perceber, ocupei-me em traçar linhas até então desconhecidas para mim. Comecei pelo cabelo despenteado, indo para a sobrancelha grossa e expressiva e logo em seguida para a barba espessa que o atribuía um ar igualmente selvagem e atraente.

As horas escaparam pelos meus dedos como areia fina durante o tempo em que pinchei a tinta aquarela com delicadeza. Eu não conseguia entender como uma pessoa que eu esbarrara brevemente no corredor conseguia protagonizar os meus pensamentos de maneira tão incisiva, mas isso precisava parar por ali. Afinal de contas, a única razão para eu estar em Maringá era a faculdade. Qualquer outra coisa era um desvio do foco e, por essa razão, terminantemente proibida.





Capítulo 5

*Em algumas semanas
Eu vou ter tempo
Para perceber o que está bem diante dos meus olhos*

Two Door Cinema Club – What you want

Coloquei uma goiaba no bolsinho da frente da mochila depois de andar em círculos pela sala no que parecia ser a vigésima vez só na última hora. Eu estava apavorada. Conferi se tinha tudo o que precisava dentro da mochila e, tomada pela ansiedade, fui até o banheiro, abrindo-o de uma só vez sem nem ao menos bater antes. Deparei-me com Arthur, que tinha acabado de subir a bermuda para o lugar, parado com as pernas abertas em frente à privada. Com um gritinho apavorado, fechei a porta, morrendo de vergonha. Meu coração batia tão depressa que eu parecia prestes a vomitá-lo para fora.

Menos de um minuto depois, ele saiu, estudando-me com atenção.

— Você já está pronta? — perguntou, segurando os meus ombros para me forçar a encará-lo.

— Sim. Gosto de sair com antecedência.

— Mas, Becca, são cinco horas da tarde. A aula começa só às sete!

— Nós nunca sabemos quando um imprevisto vai acontecer...

— A UEM fica aqui do lado. Não demora nem 10 minutos se você for caminhando!

Então, agarrando a minha mão, Arthur me arrastou até a sala, obrigando-me a sentar no sofá. Foi até a cozinha, voltando com um enorme copo de água nas mãos.

— Toma, você precisa relaxar!

— Arth... — comecei, mas ele interrompeu.

— Eu sei que o seu coraçãozinho de CDF mal pode esperar para começar a estudar, mas hoje é só o primeiro dia de aula, Becca. Metade dos professores nem se dão ao trabalho de ir na primeira semana e a outra metade vai enrolar por uma hora inteira, fazendo dinâmicas de apresentação. E, além disso, você está muito arrumada! Sabe que hoje é o trote, né?

— Eu não vou participar! — afirmei, em pânico só de imaginar as mil formas como isso poderia dar errado.

— Ah, você vai, sim! Nem que eu precise te arrastar!

— Mas, Arthur...

— É legal! Além da melhor maneira de fazer amizade com o pessoal da sua sala.

Cruzei os braços, sentindo-me contrariada.

— Não vim de outro estado para fazer amizade!

— Ah, qual é! Para de ser chata! O vizinho te contagiou com o mau humor? — devo ter arregalado os olhos ao ouvir suas palavras, porque Arthur sorriu triunfante antes de prosseguir. — Para com isso, o trote nem é esse bicho de sete cabeças... Só um pouquinho de sujeira e depois vamos para a festa na república Belas Tetas.

— Eu... Calma, o quê?

Nós permanecemos nos encarando por alguns segundos, nos quais tentei transparecer o fato de que jamais, em toda a minha vida, iria para uma festa em uma república. Ainda mais com nome tão vulgar.

— Não existe a mais remota possibilidade de eu fazer parte disso! — afirmei, com o indicador apontando em sua direção.

— Jesus, Rebecca. É por causa do nome?

— É por causa de tudo, mas, sim, *principalmente* por causa do nome!

— Você vai deixar de se divertir por causa de um detalhe tão pequeno? — perguntou ele, com a voz pastosa.

— Olha, eu não sei qual o seu conceito de diversão, Arthur... — levantei do sofá em um pulo. — Mas o meu, com toda certeza, não é ficar suja por horas num lugar apinhado de gente. Num lugar que se chama Belas Tetas, para piorar!

— Meu Deus. Quem, em pleno século XXI, fala “apinhado”?

Suas palavras penetraram os meus tímpanos enquanto eu bebia um longo gole de água e, por muito pouco, não cuspi tudo nele. Tão logo engoli o líquido com certa dificuldade, ri desenfreadamente. Arthur me acompanhou e, depois de um tempo considerável rindo feito loucos, percebi que havíamos acabado de compartilhar um acesso de riso.

— Por favooooor! — ele pediu de maneira manhosa, ainda com a respiração entrecortada. — As festas começaram semana passada e a maioria das pessoas já foi em pelo menos uma delas. Se você não passar por isso, jamais poderá dizer que é, oficialmente, uma universitária!

— Você não vai me deixar em paz, não é?

— De jeito nenhum.

— Ok. Mas só essa!

— Você não está em posição de negociar, Becca! Sou seu veterano, eu praticamente mando na sua vida! — Arthur me lançou um sorriso maroto, como se isso encerrasse a questão, sem discussões.

— Até parece! — Atirei uma almofada nele, levantando-me para trocar de roupa por uma mais apropriada para ficar espantosamente suja pelas próximas horas.



Dizer que eu estava calma ao entrar na minha sala de aula seria uma mentira deslavada. Eu estava a ponto de ter um ataque de pânico. Bobeira, não? Mas sempre fui assim — quando queria muito alguma coisa, ficava ansiosíssima até acontecer. Com a faculdade não seria diferente. Até que eu me familiarizasse, ficaria com o coração palpitando desenfreadamente nas vésperas de cada aula. Bastava me conformar.

E por falar nisso, Arthur estava completamente certo sobre a sua previsão para aquela noite. A primeira aula foi inteira usada para apresentações e a maioria esmagadora dos alunos afirmou ter escolhido o curso por gostar muito de ler. Não me orgulho em admitir ter dito a mesma coisa, aliás. Mas, também, pudera, o que mais eu esperava encontrar no curso de Letras além de pessoas exatamente iguais a mim?

Nossa sala era grandalhona e abarrotada de mesas e carteiras pintadas com um creme pálido e sem graça. As amplas janelas basculantes, cujas molduras metálicas eram de um azul bic que doía os olhos, davam vista ao campus lá fora, repleto de árvores e prédios com arquiteturas díspares entre si, que em nada combinavam umas com as outras. Feita de tijolinhos a vista, tal como a fachada do bloco, a parede das janelas era a única diferente, uma vez que as demais eram brancas até dois terços do teto, onde terminavam com um verde-abacate desbotado.

O professor que deveria nos dar a aula anterior ao intervalo faltou e, por isso, fomos todos ao refeitório, a fim de nos conhecermos melhor. Existe algo que é preciso saber a meu respeito, antes de mais nada: eu odeio apresentações. Céus, eu não apenas odeio, eu *detesto* com todas as minhas forças! Não por ser tímida, nem nada parecido. O problema está naquele desconforto de não saber exatamente o que falar ou como agir perto de outra pessoa, então ficam os dois dando risadinhas nervosas e sustentando um interminável silêncio constrangedor. Agora some isso a uma sala de aula inteira se conhecendo. Pois é, tratava-se da minha versão do purgatório.

Dos quase quarenta alunos, a maioria esmagadora era composta por mulheres. E, com exceção de umas quatro pessoas mais velhas, o resto era todo da minha faixa etária. Acabei puxando assunto com uma menina que se sentou ao meu lado na cantina e perdi a noção do tempo enquanto ficávamos de papo furado, falando sobre nossas cidades natais e o que estávamos achando de Maringá em nossa breve estadia.

Achava-me tão entretida no assunto que, ao sentir um toque suave no ombro direito, quase morri do coração. Olhei para trás, encontrando Arthur com uma cara de poucos amigos. Naquelas quatro semanas passando a maior parte do tempo com ele, era a primeira vez que o via com expressão semelhante e, por essa razão, foi impossível não perguntar se algo tinha ocorrido.

— Ah, *você vai ver* o que aconteceu! — grasnou ele, com os olhos em chamas. — Nossa professora de Produção Textual, a Bernadete, se aposentou!

— Nossa, você está tão bravo assim *por isso*? — indaguei, levantando para acompanhá-lo. — Devia gostar muito dela!

— Não muito, para ser honesto. Mas, definitivamente, mais do que o aprendiz de algoz que contrataram no lugar!

— Oh — murmurei, lembrando-me de que também teria essa matéria. Seriam as três primeiras aulas do dia seguinte.

Caminhamos em direção ao nosso bloco sem trocar palavra alguma. Arthur bufava eventualmente, conforme parecia recordar de algum detalhe torturante do novo professor.

Tão logo entramos no prédio, cruzamos com uma menina que eu sabia ser da sala dele, pois ela já estivera em casa uma ou duas vezes. Forcei a mente na tentativa de evocar o nome dela, mas foi em vão. Eu simplesmente era péssima com isso. A única coisa que tinha certeza era de se tratar de um nome diferente...

— Pábila! — chamou Arthur em seu habitual tom de defunto.

Realmente fora do comum, pensei comigo, observando-a se aproximar com a mesma carranca do meu amigo.

— Finalmente achei você! Olá, Becca! — disse, sorrindo para mim. — Querem bala? É de menta.

Concordamos em uníssono e seguimos para os andares superiores, onde as nossas salas ficavam. Pábila jogou uma bala para cada um, antes de colocar para fora aquilo que tinha entalado na garganta.

— Dá pra acreditar *naquele idiota*?

— Nem me lembre. Sorte que a nossa tortura será apenas uma vez por semana!

— É tão ruim assim? — perguntei, começando a ficar assustada.

Com uma risadinha irônica, Arthur parou de frente para nós. Olhou para os dois lados, inspecionando se não havia mais ninguém no corredor, e só então respondeu.

— Ele é um estúpido, um mal educado, Becca! Mas o pior é que, quando ele entrou na sala de aula, eu fiquei duro! Que cara gostoso!

— Fala sério, Arthur! — Pábila desferiu um tapinha em seu peito. — Nem dá pra ver o rosto dele com tanto pelo na frente!

— Eu acho delicioso... É uma pena que ele seja um completo babaca sádico.

Nem consegui dar a devida atenção ao fato do meu amigo ter se excitado com o professor. Apenas engoli em seco, com um pensamento apreensivo começando a se formar na cabeça. Barbudo, mal educado... Pela máscara do Vader, não podia ser quem eu estava pensando! Ou será que podia?

Estava prestes a pedir mais detalhes para os dois quando refleti sobre o tamanho do absurdo da situação como um todo. Qual a chance de o meu novo vizinho ser também o meu professor? Quero dizer, estávamos falando de uma cidade com mais de 340 mil habitantes, e não de Santa Cruz do Rio Pardo, onde todos se conheciam. Santo Deus, eu estava ficando neurótica! Talvez Arthur estivesse mesmo certo: eu *precisava* descontraír um pouco.



Capítulo 6

*Eu sou uma alma nova,
Eu vim até esse mundo estranho, esperando
Que eu pudesse aprender um pouco sobre dar e receber
Mas desde que eu vim para cá, senti a alegria e o medo
Percebo que estou cometendo todos os erros possíveis.*

Yael Naim – New Soul

Ok, participar do trote foi a ideia mais idiota que eu poderia ter levado em conta, dentre todas as ideias idiotas existentes. Mas também a mais divertida. Céus, existe algo em ser humilhado publicamente ao lado dos seus novos colegas de classe que fortalece os laços com eles. Some isso às rodadas de tequila e pronto, temos a fórmula perfeita para a diversão.

Logo que a aula terminou, nossos veteranos (e, aqui, incluía o Arthur e a Pábila, que deveriam me proteger, mas, ao invés disso, estavam realmente animados em fazer justamente o oposto) nos arrumaram em fila indiana, enquanto

escreviam apelidos maldosos em papelões e colavam nos nossos peitos com fita adesiva. Os poucos meninos da sala tiveram os cabelos raspados e eu só conseguia me perguntar exatamente em qual momento considerei que aquilo, de alguma forma, poderia ser legal.

Caminhamos de mãos dadas até a Avenida Colombo, a principal avenida ao redor do imenso campus da UEM. O fluxo de carros, apesar de ser tarde da noite, era contínuo. Além do mais, várias salas dos mais variados cursos estavam ali para nos assistir. A parte boa era que não seríamos os únicos a passar por aquilo. A parte ruim... Bom, você deve saber.

O bombardeio começou com os ovos e eu preendi a respiração, odiando cada vez mais o momento crucial em que concordei com Arthur. Eu estava com sede de vingança! Ele me pagaria dolorosamente por ter me enganado com tanta frieza! Maldito! Porém, o ódio durou só até a farinha. Depois vieram as tintas guaches, os confetes e mais uma lista interminável de coisas que eu nem imaginava que poderiam estar ali no meio. Como, por exemplo, *miojo*. Depois do ódio, veio a melancolia e, por último, a aceitação. Quando, depois de quase duas horas de tortura, caminhamos (novamente de mãos dadas) em direção à República Belas Tetas, eu já estava até achando engraçado, mas existe a possibilidade de o álcool ter ajudado nisso. Ah, sim, tinha álcool! Mesmo a grande maioria sendo menor de idade. E, não, não podíamos negar! Quem falava a palavrinha começando com N era obrigada a tomar dose dupla.

Eu não era acostumada a beber, então, antes mesmo de chegar à festa em si, já estava naquele estado em que tudo fica mais divertido e bonito por conta do álcool. Depois de uma hora dançando espremida entre uma quantidade enorme de pessoas na mesma condição deplorável que eu, já ria além do normal e abraçava Arthur a cada vinte minutos, para reafirmar o tamanho do meu amor e apreço pela nossa amizade. No começo ele até tentou parecer ofendido por eu tê-lo sujado, mas depois apenas ria e retribuía cada nova demonstração de afeto.

— Eu tive tanta, taaaanta sorte por ter conhecido você, Arthur! — falei com a voz enrolada e ri, ao perceber que o meu sotaque estava exatamente como o dele.
— Sério, tinha tanta chance disso dar errado.

— Também te amo, Becca! Mas tem uma coisa que preciso perguntar.

— Sou toda ouvidos! — Bati continência e isso, por algum motivo, fez-me rir até perder a força nos joelhos.

— Você já bebeu alguma vez na sua vida?

— Claro que já! — respondi, ofendidíssima. — Todo ano eu tomo champanhe no Réveillon!

Arthur cuspiu a cerveja que tomava e me encarou com os olhos preocupados.

— Rebecca, isso é brincadeira, né?

— Não! Por quê?

— Como está se sentindo agora?

— Estou absolutamente normal. Só um pouquinho alegre.

Ele me estudou por algum tempo com seus olhos redondos. Depois segurou os meus ombros e uniu as sobrancelhas. Mordi a bochecha pelo lado de dentro, para não rir e estragar o meu disfarce de “menina *cool* que bebe socialmente e não fica bêbada”, mas foi por água abaixo quando me passou pela cabeça as terríveis semelhanças dele com Dobby, o elfo doméstico. Ri tanto que precisei me sentar no chão para não fazer xixi nas calças.

— Fica aqui quietinha, vou procurar a Pábila para te levarmos embora!

— Ai, meu Deus, Arthur! Não precisa disso! Estou legal! Hic! — soluzei, tampando a boca com as duas mãos em seguida. — Sério. Mas estaria melhor se as coisas parassem de rodar um pouco!

— Sim, você está quase sóbria! — ele falou, irônico, antes de me abandonar.

Não sei dizer quanto tempo levou até ele voltar. A única coisa que sei é que, àquela altura, comecei a me escorar na parede desesperada por um pouco de apoio. O mundo rodava muito e eu me sentia dentro de uma gigantesca máquina de lavar roupas. Inferno, talvez eu estivesse *um pouquinho* bêbada.

Eu disse *talvez*!

Comecei a me concentrar nas pessoas interagindo entre si para me livrar daquele desconforto que precede a vontade de vomitar, quando a voz pastosa do Arthur me arrancou dos devaneios abruptamente.

— Vamos?

— Até que enfim... Ah, oi, Flávia!

— Pábila! — ela me corrigiu, rindo.

Então meus olhos recaíram para o garoto ao lado de Arthur. Tudo bem, talvez eu estivesse pior do que imaginara! Aquele garoto estava mesmo ali ou só eu o via?

— Hum, esse aqui é o Pedro. Ele faz comunicação! Vai nos dar uma carona...

— Arthur explicou e, mesmo no estado catatônico no qual me encontrava, notei suas bochechas corarem.

Flá... Pábila estudou nós três e pareceu ter compreendido algo que eu não era capaz de pensar com a mente nublada pelo álcool. Olhou para o celular e passou a mão direita despreocupadamente pelos longos cabelos loiros.

— Arthur... acabei de lembrar, prometi para a Fernanda que dormiria na casa dela. Vou ver se a encontro em algum lugar!

Ele assentiu, deixando um estalado beijo na bochecha dela.

— Tchau! Nos vemos amanhã! Melhoras, Becca!

Depois disso, seguimos para o carro do Pedro, no qual pude sentar sem me preocupar com a sujeira, pois eles haviam forrado o banco de trás com algumas toalhas de banho.

Mesmo a república sendo ridiculamente próxima do nosso condomínio, a viagem pareceu interminável. Não só pelo álcool correndo impiedosamente nas minhas veias, mas principalmente pelo fato de, a cada semáforo encontrado vermelho, eu servir como uma enorme vela para os dois. Arthur parecia um *dementador* sugando a alma de Pedro, e eu precisei pigarrear em alguns momentos, para recordá-los da minha presença. Não saberia o que fazer se, porventura, acabasse *vendo demais*, se é que me entende. E eu sei que entende!

No entanto, eles estavam tão entretidos quando estacionamos em frente ao nosso condomínio que pedi o molho de chaves para Arthur.

— Não vou te deixar subir sozinha, Becca!

— Qual é... Só vou subir alguns lances de escada, o que pode dar errado? Hic.

Os dois me encararam com uma expressão que dizia claramente existir uma quantidade absurda de possibilidades para dar errado.

— Já volto! — Arthur disse para Pedro e, no mesmo instante, eles voltaram a se beijar como se tentassem devorar um ao outro. Literalmente.

Pigarreei pela última vez para indicar que ainda estava ali no carro, presenciando aquele amasso selvagem.

— É sério, eu posso fazer isso. Estou em perfeitas condições de subir sem causar danos maiores a ninguém! E isso me inclui!

— Promete?

— Sim — disse, deixando um beijo na bochecha de cada um e pulando para fora do carro.

Eu não podia estar mais enganada quanto a isso.



Capítulo 7

*Se tiver qualquer coisa que você queira
Se tiver qualquer coisa que eu possa fazer
Apenas me chame que eu mandarei
Com amor, de mim, pra você*

The Beatles – From me, to you

Comecei a me perguntar sobre a possibilidade de estar com o molho de chaves errado a partir da décima tentativa fracassada de enfiar uma delas na fechadura. A cabeça girava muito e tudo o que eu queria — e precisava — era me jogar contra o conforto da minha cama, sem me importar com a sujeira presa no meu corpo naquele momento. Isso seria assunto para quando acordasse. A vida tem suas prioridades, não?

Experimentava novamente a chave redondinha, agora com um pouco de força, quando ouvi a porta às minhas costas ser aberta num rompante, provocando um baque surdo.

— Por que você não pega uma panela pra ver se consegue acordar o prédio todo mais depressa?

Aquele som! Eu conhecia! Vinha de uma memória tão distante...

— Escuta aqui — ouvi a minha voz trôpega pairar pelo ar. — O mundo está rodando, não estou conseguindo entrar na droga da minha casa e não preciso de ninguém para piorar ainda mais as coisas, tudo bem?

Girei nos calcanhares, ficando de frente para o Chewbacca *bad boy*, e engasguei ao descobrir que estava sem camiseta. Por alguns segundos, esqueci-me até mesmo do que estava falando.

Em nome de Alvo Dumbledore, que merda é essa?, meu subconsciente berrou. Eu apenas engoli em seco, incapaz de desviar os olhos do V delicioso no final de seu abdômen. Eu já cogitava perguntar se podia tocar para comprovar se era real quando a voz dele voltou a penetrar meus tímpanos, em um tom bem menos arrogante do que da primeira vez.

— Por Deus, o que aconteceu com você?

Demorei um tempo para resgatar na memória como deveria estar a minha aparência e, quando isso aconteceu, comecei a ponderar se seria muito estranho eu sair correndo da frente dele até Santa Cruz do Rio Pardo. O barbudo arriscou um passo em minha direção e então o impensável aconteceu. Dobrei o corpo para frente e vomitei um jato verde e gosmento (que deixaria a menina do *Exorcista* com inveja) sobre suas pernas. A única coisa a me ocorrer foi o quanto eu estava ferrada. Aquele cara já era arrogante sem motivo, imagina depois daquilo!

Ah, não, Rebecca!, pensei comigo mesma, sentindo o cheiro horrível penetrar as minhas narinas.

— Puta que pariu! — ele murmurou sobressaltado, fuzilando-me com o olhar.

Suas pernas estavam inteiras respingadas com o vômito que mais parecia sopa de ervilha. Meu cérebro demorou para absorver todos os detalhes.

Euzinha. Inteira suja. Vomitando nas pernas do meu vizinho, Chewie.

Para fechar o combo, comecei a chorar tão logo dei por mim. Não chorar como uma pessoa normal faria. Claro que não, afinal onde estaria a humilhação, não é mesmo? Ao invés disso, comecei a soluçar freneticamente em busca de ar, contorcendo a cara em expressões de sofrimento que eram muito fiéis à forma miserável como eu estava me sentindo.

Mas. Que. Droga!

Estava tão absorta na minha própria infelicidade, que quase tive um infarto ao sentir as mãos geladas dele segurando os meus ombros e depois deslizando pelos braços, até alcançarem os meus pulsos, onde os seus dedos compridos se fecharam.

— Hei, está tudo bem! Acontece. Me empresta aqui essa chave, deixa eu tentar abrir pra você.

Resignada, entreguei o molho nas mãos dele, sem me dar conta de que havia ficado inteira arrepiada com a maneira cuidadosa com a qual ele se dirigiu a mim. De sobrancelhas unidas, ele destrancou facilmente a porta da minha casa, sem soltar um dos meus pulsos, no entanto.

— Se me permite — pediu, indicando o interior do meu apartamento com a cabeça.

— Esteja à vontade!

E então ele me guiou em direção ao banheiro, sentando-me na privada e me estudando com atenção, ajoelhando para ficar na mesma altura que eu.

— Acha que consegue tomar banho? Preciso dar um jeito naquela bagunça...

— O quê?! — perguntei, subitamente alarmada. Minhas bochechas esquentaram de uma só vez. — *É claro* que consigo! Ou você acha que vai entrar aqui e se aproveitar de mim?

Meu vizinho se enrijeceu ao ouvir minhas palavras, aproximando-se perigosamente de mim com uma expressão completamente chocada no rosto.

— Como é? — perguntou e pude sentir o seu hálito mentolado. Sua boca abriu e fechou três vezes antes da testa encher de vincos e os olhos claros arderem em fúria. — Você *não está* insinuando que...?

— Eu não sou nenhuma idiota! Sei bem o que está tentando!

— Qual o seu maldito problema, garota? — ele urrou. — Olha o seu estado, eu estou tentando ser gentil!

— Ahhhh, sim, é claro! — atirei, elevando o tom a cada palavra — Ser gentil agora compreende tirar a roupa de uma garota bêbada?

— Eu. Não. Me. Ofereci. Para. Te. Dar. Banho! — rosnou ele, visivelmente incrédulo com a minha postura.

— Sai daqui *agora* ou eu vou gritar!

Com uma risada ácida, o vizinho se levantou em um rompante e, num ímpeto de raiva, chutou a porta do banheiro. Estremeci com o barulho alto.

— Além de insolente, é uma cega, não? — arfou, com a voz trêmula de ódio.
— Isso é o que ganho por tentar ajudar! Da próxima vez que encher a cara, donzela, é bom não acordar o resto do bloco e nem vomitar no corredor inteiro se não quiser que eu chame a polícia! E se aquela maldita sujeira estiver lá amanhã de manhã...
— Ele esfregou o rosto agressivamente, lançando-me um olhar assassino. — É bom que *não esteja*! Vai por mim!

No segundo seguinte, Chewbacca não estava mais ali. Havia restado apenas eu e a sensação enorme de ter sido uma idiota com ele. E o pior, gratuitamente. Mas o que se pode fazer quando está com os pensamentos turvos pelo álcool e se segurando para não vomitar outra vez?

Tomei um banho na água gelada, levando muito tempo para conseguir me livrar de toda a tinta nos lugares mais inimagináveis. Talvez ainda houvesse a chance de eu acordar com as orelhas pintadas de azul, mas eu podia lidar com isso. Saí do banheiro pronta para dormir, no entanto recordei que ainda tinha o vômito verde me esperando lá fora e, para evitar maiores problemas, era melhor me livrar daquilo o quanto antes. Mesmo no estado crítico no qual me encontrava.

Apenas de toalha, atravessei o meu apartamento cuidadosamente, com medo de que tudo voltasse a girar como antes da ducha fria. Alcancei um balde na lavanderia e o enchi com água e uma quantidade razoável de produto para chão com cheiro forte de lavanda. Se isso não resolvesse o problema, eu não sabia mais o que resolveria.

Então, ao sair para o corredor, pronta para encarar a maior melecagem que eu, literalmente, já fizera na vida, qual não foi a minha surpresa ao me deparar com o corredor brilhando como uma pérola?

Lancei um olhar significativo para a porta de frente para a minha, fisingando o lábio inferior com força. Merda, eu havia sido uma completa imbecil com o vizinho. Voltei para dentro, trancando a porta com o coração do tamanho de uma ervilha.

Enquanto me livrava da água dentro do balde, sentindo uma irrefreável ânsia de vômito voltando a me dominar, prometi para mim mesma que procuraria Chewie para me desculpar por ter entendido tudo errado e agradecer por ele, ainda assim, ter sido gentil.

Bom, isso era o que eu *imaginava* que faria.



Capítulo 8

*E um erro assim tão vulgar
Nos persegue a noite inteira
E quando acaba a bebedeira
Ele consegue nos achar*

Engenheiros do Hawaii – Refrão do Bolero

Campainha.

Uma sonora e mortífera campainha tocando sem parar.

Reverberando dentro das paredes do apartamento, cuja pintura tosca começava a descascar em pontos variados.

Penetrando os meus tímpanos e percorrendo o caminho até o meu cérebro. E, então, causando a mesma sensação de se a minha massa encefálica estivesse sendo perfurada por centenas de pontas afiadas.

Ahhhh, maldição!, pensei comigo, tentando abafar o som maligno com o travesseiro fofinho. Foi em vão. A pessoa do outro lado da porta só podia ser um servo do Satanás, decidido a acabar com a minha vida.

— Já vai! — gritei e me arrependi no segundo seguinte por isso.

Jamais, em toda a minha vida, eu voltaria a cometer o erro de beber novamente. Eu me sentia como se tivesse passado a noite chacoalhando em uma centrífuga. Tudo doía — desde as órbitas dos olhos ao estômago frágil. Fora o cheiro terrível de vômito em mim. Aliás, isso era o de menos. Ao me levantar, o mundo girou ao meu redor desenfreadamente, passando o recado de quem mandava ali.

Vislumbrei a minha imagem refletida no espelho e arquejei em surpresa. Eu estava um fiasco! Descabelada, com manchas de tinta no rosto, olheiras enormes emoldurando os olhos, a franja toda espetada pra cima. A campainha voltou a ferir meus ouvidos sensíveis, obrigando-me a atender a porta e lidar com o fato de que toda ação tinha uma reação. Newton era um cara esperto, no fim das contas.

Do outro lado, encontrei um Arthur que parecia ainda não ter pregado os olhos, embora a luz do dia começasse a invadir o apartamento de maneira tímida. Essa seria a hora em que eu estaria acordando em um dia normal. O cansaço pesava em seus ombros, pois ele se encontrava um pouco curvado para frente.

— Becca, achei que não ia conseguir te acordar! — Entrou em passos lentos, com as sobrancelhas unidas.

— Faz tempo que está tentando?

— Meia hora!

— Ah, meu Deus, sinto muito! — abracei-o pela cintura, deixando um beijo tenro em sua bochecha. — Vou fazer a cópia da minha chave hoje, prometo! Assim que me livrar dessa dor de cabeça infernal!

Sua risada ecoou pelo ambiente, enquanto caminhávamos juntos até a cozinha, sentando um de frente para o outro.

— Você estava bem ruinzinha mesmo! Mas, para a primeira bebedeira, está muito bem.

— Não, Arthur! — balancei suavemente a cabeça em negativa. — Você não está entendendo... Não combino com isso! Aliás, como cheguei em casa ontem?

— Isso é sério? — ele crispou os lábios, assumindo um tom preocupado. — Eu te trouxe com o Pedro, nós te deixamos lá em baixo... Você não se lembra?

Forcei a memória, encontrando apenas uma lacuna enorme dentro da minha mente. A última coisa que eu me lembrava era de dançar alucinadamente e abraçar o meu amigo além do normal. Fora isso, mais nada.

— Não. Graças ao Yoda que não estou com nenhum osso quebrado! Mas... espera aí, quem é Pedro?

Só então notei no sorrisinho insistindo em permanecer nos lábios de Arthur. Era como se ele mal pudesse se conter, cheio de si. Meus lábios se separaram em surpresa e eu desferi uma sucessão interminável de tapinhas no seu ombro. Meu amigo só era lerdo só para algumas coisas, porque para outras...

— Eu não acredito! Me conta, eu quero saber!

— Ele faz comunicação e é todo esquisitinho, do jeito que eu gosto.

— É porque você também é esquisitinho — interrompi e, como resposta, Arthur atirou em mim um pacote vazio de bolacha que jazia na mesa há dias.

Então, sem esconder nenhum detalhe (e quando digo nenhum, estou sendo honesta), ele me contou desde as primeiras palavras trocadas com o tal do Pedro, até as últimas. Em alguns momentos explodi em risadas, morrendo de vergonha, mas Arthur não era do tipo que se importava com tabus, e por isso narrou pacientemente a sua Noite Maravilhosa, como ele mesmo denominou.

Ele se levantou para pegar a jarra de água na geladeira e voltou com dois copos até a mesa. Foi só ao ver as gotas de suor escorrendo pelo plástico que me dei conta da sede horrorosa que sentia. Bebi dois copos de uma vez, sem me importar com o olhar divertido do meu amigo.

— Hoje não será um dia tão divertido para você.

— Tudo bem — respondi. — É para eu não esquecer e acabar repetindo o erro novamente.

— Sei. — Ele piscou, levantando-se em seu ritmo tranquilo. — Vou deitar, estou acabado. Hoje eu não tenho as primeiras aulas, parece que a Regina está com suspeita de dengue... *tadinha*.

Estreitei os olhos, percebendo o olhar de ironia presente em seu rosto. Sustentamos o olhar por algum tempo, antes de gargalharmos desenfreadamente.

— Arthur, que horror!

— Você diz isso agora! Tem sorte porque só terá aula com ela a partir do segundo ano. Mas sua hora vai chegar, Becca. E, neste dia, você vai desejar que ela tenha dengue também.

— Meu Deus, espero morrer sua amiga.

— E vai! — Ele bocejou, com os olhos lacrimejando. Então, como se houvesse acabado de ter um estalo, empertigou-se no lugar, encarando-me com

atenção. — E, por ser minha amiga, ouça o que estou dizendo: não chegue atrasada na aula do Adônis hoje. Em hipótese alguma. Sério, é melhor faltar!

— Quem é Adônis? Aquele novo professor de que estão todos falando mal?

— O próprio — Suspirou, desanimado. — Talvez ele merecesse ainda mais uma dengue.

— Arthur!

— Tudo bem, sua certinha... Depois da aula dele a gente conversa. Quero ver se vai permanecer com a mesma opinião!

— Aposto que nem é tão ruim, você que é um chorão! — provoquei, fazendo-o rir.

— Espero que ele te reserve uma atenção especial. Honestamente!

Arrastei a cadeira para trás, levantando em seguida. Eu jamais conseguiria voltar a dormir, mesmo que o meu corpo estivesse clamando por isso, mas precisava, com urgência, dar um jeito na minha aparência. E o primeiro item da lista seria um banho bem demorado para me livrar dos resquícios do trote.

— Achei que morreríamos amigos!

— Nós vamos. Mas, às vezes, os amigos precisam de um balde de água fria para ganhar um choque de realidade!

— Se você está dizendo...



Capítulo 9

*Todos os dias isto está ficando mais próximo
Indo rápido como uma montanha russa
Amor como o seu certamente virá ao meu caminho*

Ruth – Everyday

Forcei as pernas a pedalarem mais depressa, apesar de claramente estar no meu limite. Mesmo o condomínio onde morava sendo apenas a alguns minutos de distância da universidade, o meu bairro abrigava uma profusão enorme de estudantes que, naquele momento, faziam calmamente o mesmo caminho que eu. E isso dificultava muito a tarefa de tentar chegar o quanto antes à aula de Produção Textual. Eu me perguntava como todas aquelas pessoas podiam caminhar com tamanha tranquilidade, quando faltavam apenas minutos para começar a aula. Eu, por exemplo, estava em pânico.

Jamais fui o tipo de pessoa que se atrasa para qualquer coisa. Como disse, possuía a vida inteira planejada previamente na minha agenda pessoal. Eu a levava

muito a sério, justamente para evitar qualquer tipo de imprevisto.

No entanto, as decisões erradas já haviam começado no dia anterior, quando dei ouvidos ao meu amigo, Arthur, e concordei em ir à festa da República Belas Tetas. Ao me lembrar desse detalhe, gargalhei sem me importar com o quanto deveria parecer insana, pedalando em ritmo frenético e rindo sozinha de, aparentemente, nada. Senhor, eu ainda não me conformava que tinha mesmo estado em um lugar com aquele nome!

Não voltei a dormir depois de ele ter me acordado. Em vez disso, tive a péssima ideia de ir até o centro, à tarde, resolver o problema da chave da qual ainda não tinha tirado uma cópia para mim. Mas, antes de continuar nas minhas desventuras, eis um fato importante sobre Maringá: ela era uma cidade quente. E não falo de um calor gostoso, como julguei de maneira precipitada e completamente equivocada nas primeiras semanas morando lá. Não, Maringá era quente como o inferno. A sensação de andar pela cidade no verão era semelhante a ter línguas de chamas subindo pelos membros, em lambidas ardentes. Agora, some isso a um organismo judiado por uma ressaca desgraçada. Pronto, acho que deu para imaginar o dia de cão que tive. Porque foi exatamente isso. Um dia de cão.

Sabe quando tudo parece conspirar contra você? Todas as coisas que podem dar errado acontecem de uma só vez? Que você se pergunta por que diabos saiu da cama? Pois bem. Esse era um desses dias, com o agravante de eu estar suando frio e me segurando para não vomitar na frente de tanta gente.

Por isso, ali estava eu, correndo contra o tempo para não me atrasar na única aula em que não podia. Arthur foi tão enfático ao me alertar sobre a intolerância de Adônis com a falta de pontualidade. Eu tremia só de imaginar a péssima imagem que causaria se não chegasse a tempo. Seria como assinar um atestado de *Odeie-me*, e isso eu não queria de forma alguma. Sempre fui a predileta de todos os professores na época do colégio, e ali não poderia ser diferente.

De toda a forma, meu estômago embolava só de pensar no homem que estava causando tanto alvoroço no curso de Letras. Quero dizer, ontem, na festa, não parecia existir outro assunto que não fosse sobre O Carrasco. Eu achava o apelido um pouco forte, ainda mais levando em consideração o fato de todos os terem conhecido recentemente. Ainda não dava para saber como ele realmente era. E se fosse apenas um dia ruim? E se tivesse apenas batido o carro naquele mesmo dia? Ou talvez a geladeira tivesse parado de funcionar? Ninguém precisava

estar bem o tempo todo e eu era a prova viva disso. Encontrava-me em um péssimo dia. Quem sabe ele não provasse, nas próximas aulas, estarem todos enganados?

Imersa em pensamentos, tranquei a bicicleta no suporte e corri em direção ao meu bloco, verificando o relógio no pulso esquerdo a cada dois segundos. *Que a força esteja comigo, que a força esteja comigo*, mentalizava copiosamente, desviando de alunos tranquilos demais. Aquele era o meu mantra e sempre dava certo.

Enquanto subia o lance de escadas (pulando os degraus de dois em dois), sobressaltei-me ao perceber que o celular começava a tocar. *Isso é hora?*, pensei irritada, tateando os bolsos nos meus shorts *jeans* em busca do aparelho. A melodia chamou a atenção de alguns olhares curiosos. Era *Quase Sem Querer*, da Legião Urbana. Atrapalhei-me com as mãos e quase o deixei estatelar-se no chão.

*Tenho andado distraído
Impaciente e indeciso
E ainda estou confuso
Só que agora é diferente
Estou tão tranquilo
E tão contente*

*Quantas chances desperdicei
Quando o que eu mais queria
Era provar pra todo o mundo
Que eu não precisava
Provar nada pra ninguém*

A música já tinha chegado ao refrão quando retomei o controle da situação, silenciando o celular ao apertar o botão que iniciava a chamada.

— Becca! — exclamou vovó do outro lado da linha.

No mesmo momento, percebi que não havia ligado mais cedo a fim de contar sobre a primeira noite na faculdade, como prometi que faria.

— Vovó! Me desculpa, me desculpa, me desculpa! Eu sou uma neta horrível, me esqueci completamente de ligar! — as palavras jorraram para fora da minha boca em uma velocidade surpreendente. — Estou um pouquinho atrasada para a

aula de um professor meio intolerante... ouvi dizer algo sobre ele esfolar os alunos impontuais, mas acho que são só boatos.

A risada gostosa dela me envolveu e, mesmo a quilômetros de distância, consegui visualizar perfeitamente a sua expressão na minha mente.

— Só você mesmo... Vai lá, não quero minha neta sem a pele por minha culpa. Mas me liga, hein!

— Não vou esquecer outra vez. Eu juro! Ligo assim que a aula acabar. Te amo!

— Te amo, querida. Boa aula!

Tão logo afastei o celular da orelha e meus olhos recaíram ao visor, quase desfaleci. Eu estava dez minutos atrasada!

Dez. Minutos. Atrasada.

Meu coração deu uma guinada dentro da caixa torácica e eu mordi os lábios nervosamente, correndo em direção à sala. As palavras ditas por Arthur ainda no começo do dia ecoavam nos meus pensamentos, claras como uma lâmpada. “Não chegue atrasada na aula do Adônis. Em hipótese alguma. Sério, é melhor faltar!”, ele afirmara com veemência, mas será que era para tanto?

Uni as sobrancelhas, sem nem ao menos considerar a ideia de matar uma aula. Eu jamais faria uma coisa dessas! Decidi, por conta e risco, descobrir sozinha como era o tal professor Adônis. Eu já nem acreditava que ele fosse tudo isso que diziam. Alunos sempre exageravam quando os professores eram o assunto. Eu não me deixaria levar pela opinião dos outros.

Por isso, apenas respirei fundo, os dedos trêmulos de nervoso. Em um ímpeto de coragem, ergui a mão na altura do peito e bati três vezes na superfície de madeira da porta fechada. A espera durou uma eternidade, na qual eu me perguntei se a minha decisão tinha sido mesmo sensata.

Quando a porta foi aberta e eu vislumbrei a pessoa parada de frente para mim, do outro lado, engasguei com a própria saliva e tossi feito um velho motor de carro afogado.

O professor Adônis, vulgo Carrasco, era ninguém menos que o meu vizinho, Chewie!

Por Lorde Voldemort, aquele, definitivamente, não era o meu dia!



Capítulo 10

*Quando você entrou o ar foi embora
E toda sombra se encheu de dúvida
Eu não sei quem você pensa que é
Mas antes que a noite acabe,
Eu quero fazer coisas ruins com você.*

Jace Everett – Bad Things

Incapaz de esboçar uma reação — mesmo a mais simples delas —, permaneci encarando os olhos ocre-esverdeados do Chewb... Professor Adônis! *É professor Adônis, Rebecca*, ralhei comigo mesma, pestanejando enquanto a minha mente lutava para calcular qual a chance de aquela estranha coincidência estar acontecendo na minha vida. Dentre todas as pessoas do mundo inteiro, precisava ser o meu vizinho insuportável?

— A donzela vai entrar ou queria só atrapalhar a aula mesmo? — rosnou, com o cenho franzido.

— Sinto muito — murmurei, passando cabisbaixa por ele, tal como um cachorrinho que sabe ter chateado o dono e, por isso, coloca o rabo entre as pernas, aguardando o castigo merecido.

Caminhei discretamente para a fila da parede, triste por não ter conseguido o meu lugar preferido do mundo: a primeira carteira da fila do meio. Apesar de que, com aquele estúpido, talvez fosse realmente melhor passar despercebida. Arrastei a cadeira suavemente, sentindo o peso do olhar da sala inteira sobre mim. Minha garganta ficara terrivelmente seca e eu tinha consciência do quanto meu rosto deveria estar vermelho naquele exato momento. Quando terminei de tirar o caderno de dez matérias de dentro da mochila e posicionar sobre a mesa, notei que ele estava parado de frente para a minha mesa, com os seus quase dois metros de altura.

Mordi o lado de dentro da bochecha, nervosa com a sua imponente e perturbadora presença. Próximo o bastante para que o seu perfume delicioso penetrasse minhas narinas, roubando a minha sanidade.

— Como é o seu nome?

— R-Rebecca — balbuciei.

— Bom, Rebecca — meu nome estalou em sua língua, ele parecia se deleitar com o meu nervosismo —, como estava dizendo para os seus colegas, eu *não tolero* atrasos. Em hipótese alguma. Cada vez que atravessar essa porta depois que ela já estiver fechada, é um décimo a menos na média. Estamos entendidos?

— Sim.

— Sim, *senhor*.

— Sim, senhor — ecoei, sentindo-me ridícula. Ele nem era tão mais velho. Na verdade, não tinha como saber exatamente, com toda aquela barba, mas eu duvidava que chegasse aos trinta.

Por uma fração de segundo interminável, ele continuou me encarando, os olhos brilhando intensamente. Eu conhecia aquele tipo de olhar... Era raiva.

Prendi a respiração, sentindo-me severamente exposta e só voltei a usar os meus pulmões quando ele se afastou da mesa, prosseguindo em explicar como seria o seu método de dar aulas. Apesar de tentar me focar em sua voz grossa como o sopro do vento em uma tempestade, meus pensamentos insistiam em me levar para longe. Santo Deus, qual era o problema dele comigo? Eu não o havia dado motivo algum para me tratar assim, a menos que ele considerasse o nosso

breve encontro no dia de sua mudança como uma justificativa plausível para o seu desprezo.

No entanto, não era só comigo, e eu sabia. Caso contrário, não estariam todos com aquela expressão de morte nos rostos, cujos olhares vazios focavam em direção nenhuma. Estiquei o pescoço para os lados, observando um por um. Pareciam todos desconfortáveis em permanecer ali. A sensação pairando pela sala era semelhante à de uma ida ao ginecologista: embora necessário, era terrivelmente incômodo e difícil.

Eu não sei quanto tempo passei distraída observando os outros reféns do Chewbacca do mal, mas foi só ao ouvir um pigarro impaciente que me dei conta de que ele — assim como os demais — me observava com atenção. Então tive a certeza de ter divagado o suficiente para me arrepender por isso. Droga, eu deveria ter dado atenção ao conselho de Arthur. Como queria poder voltar no tempo e jamais ter entrado nesse calabouço! Não hoje, e não tão despreparada!

— Começando por você, Rebecca. Conte para nós a razão para ter escolhido o curso.

— Eu adoro ler — limitei-me a dizer, querendo acabar logo com aquilo.

— Uma aluna de Letras que gosta de ler! Nossa! Eis um caso que precisa ser estudado.

A ironia estava presente em cada uma de suas palavras. Senti o rosto queimar enquanto o estômago gelou — uma antítese de sensações. Aquele idiota... Ouvi poucas risadas ressoarem pelas paredes da sala e constatei que a maioria estava apenas mortificada, temendo ser a próxima vítima. Apesar da provocação de Adônis, resolvi não revidar. Vovô dizia constantemente que eu era uma garota orgulhosa (às vezes ele trocava a palavra por tinhosa), e esta era uma característica da qual eu não me envergonhava. Eu não daria o gostinho para ele, afinal. Embora ele tivesse debochado de mim, eu respondi sua pergunta.

Porém, Adônis parecia não gostar de ser contrariado, por isso, inclinou-se ligeiramente em minha direção e insistiu, mudando a pergunta. O cheiro suave de menta vindo dos seus lábios me deixou momentaneamente desnorteada, como se eu conhecesse aquele cheiro de algum lugar.

— O que planeja para depois da faculdade? Ler?

Dessa vez, a quantidade de risadas foi maior. Senti as orelhas esquentarem, tamanha era a minha raiva.

— Na verdade, isso é *exatamente* o que planejo, professor! — devolvi, cuidando para não soar muito agressiva. — Quero trabalhar em uma grande editora, então receio que, sim, planejo ler bastante.

Ele arqueou as sobrancelhas, deixando transparecer a surpresa pela minha resposta. Babaca estúpido! Bem feito para ele se achou, mesmo por um segundo sequer, que eu ficaria acuada.

Meus membros delgados, assim como as bochechas rosadas destacando-se no mar lívido da minha pele; ou os olhos de pistache... todo o conjunto contribuía para a imagem de fragilidade que eu tanto odiava. Contudo, eu suspeitava que o agravante fosse o corte de cabelo, com aquela franjinha reta. Ela me roubava vários anos, fazendo parecer que tinha recém completado quinze anos. O grande engano das pessoas sempre foi tomar a minha aparência de maneira errônea, literalmente julgar o livro pela capa. Olhando para mim, a maioria imaginava que eu era uma garota delicada demais para conseguir me defender sozinha. Mas não poderiam estar mais enganados! Eu não queria ser aquela mocinha dos romances. Pelo contrário, eu ansiava ser a heroína das fantasias, empunhando espadas e vestindo cotas de malha.

Assentindo levemente com a cabeça, Adônis se afastou alguns passos, voltando-se para outra aluna. Tratava-se de uma garota loira sentada na extremidade oposta, ocupada em descascar pacientemente o esmalte roxo das unhas. Com um som que parecia uma tosse, ele chamou a atenção dela e logo pude ver a cor ser drenada para fora de seu rosto harmonioso.

Foi só então que consegui reparar no meu professor. Eu digo reparar *mesmo* nele. Porque até aquele segundo, eu apenas estivera olhando, sem verdadeiramente enxergar. Com o seu perfume amadeirado ainda presente nas minhas narinas, permiti meus olhos o estudarem com atenção. Ele usava um *jeans* rasgado nos joelhos tão justo que não conseguia cobrir os coturnos de couro marrons e, por isso, terminava acima deles. Uma camiseta branca contornando perfeitamente os músculos misturava-se a sua pele tão pálida quanto a minha, por cima da qual um cordão de couro pendia com um reluzente anel prateado servindo de pingente (não pude deixar de associá-lo ao Frodo, de *Senhor dos Anéis*). Por fim, um relógio no pulso esquerdo, cuja grossa pulseira, também de couro, parecia ter sido feita para o pulso dele.

Empertiguei-me na cadeira ao me dar conta de que estava deliberadamente o engolindo com os olhos. Qual era o meu maldito problema? O cara era um tirano...

Eu nem devia gastar o meu tempo dando a ele qualquer tipo de atenção.

Quando subi o olhar novamente para o seu rosto, para tentar me concentrar no que dizia, encontrei os olhos claros me estudando com intensidade. Parecia até mesmo lerem os meus pensamentos. Ele foi tão rápido em desviar o olhar que eu me perguntei, ainda arfando com nosso breve contato, se tinha sido mesmo real.



Capítulo 11

*Faz um tempo desde que me senti assim por causa de alguém
Eu gostaria de conhecer mais você, de verdade
Oh, oh, de conhecer você, mais*

Heartless Bastards – Only for you

Diminuí o ritmo das pernas até finalmente cessar as pedaladas, deixando a bicicleta deslizar pela descida suavemente. A brisa noturna acariciava o meu rosto, oferecendo trégua para o calor insuportável de Maringá.

Ao alcançar os portões do condomínio, girei o guidão para a direita de uma vez, fazendo uma curva fechada. Apesar de ter planejado voltar para casa empurrando a Caloi em uma caminhada tranquila com Arthur, ele havia me avisado no intervalo que dormiria na casa de Pedro.

— Isso não é justo! — reclamei, mordendo um pedaço da coxinha de frango e ignorando o olhar de reprovação do meu amigo. — Eu planejava passarmos a madrugada fazendo um boneco vodu para o professor Adônis!

A gargalhada de Arthur ressoou alta pela cantina, atraindo alguns olhares curiosos em nossa direção.

— Nossa! Cadê a minha amiga defensora de professores e o que você fez com ela?

— Cala a boca. — Bati no ombro dele com o meu. — Você tinha razão, ele é um babaca sádico!

— Eu sei!

— Mas o pior é que a sua macumba antes da aula funcionou. Ele me deu uma atenção muito especial. Parece não ter ido com a minha cara logo que me viu. Na verdade, ele me olha como se me odiasse!

— Você chegou atrasada?

Dei um longo gole no refrigerante, assentindo despreocupadamente.

— Ai, Becca... — Arthur se lamentou, como uma esposa cansada de pedir ao marido para não deixar a toalha molhada na cama, mas que continuava encontrando-a lá, da mesma maneira. — Você precisa começar a me ouvir! Por que entrou na sala?

Permanecemos conversando enquanto os minutos do intervalo corriam e, na ânsia por contar cada detalhe da excêntrica aula com o professor Adônis, acabei me esquecendo de mencionar o fato de ele ser o nosso vizinho. Fiquei tão perplexa que o importante detalhe fugiu da cabeça.

Tão logo ouvimos o sinal percorrer toda a extensão da universidade, despedimo-nos com um abraço rápido e eu o assisti se distanciar em uma velocidade surpreendentemente lenta.

Afastei a lembrança da cabeça, pulando da bicicleta e percorrendo o caminho até o bicicletário com tranquilidade. Eu ainda precisava telefonar para os meus avós, ou teria sérios problemas. Com um pesado suspiro, encaixei a roda da frente entre as hastes de ferro, tirando a mochila das costas para pescar a corrente e o cadeado em seguida.

Agachei-me, concentrada em travar a minha tão amada Caloi, quando uma nova rajada de vento ricocheteou contra o meu rosto, levando um perfume conhecido, embora eu não conseguisse me lembrar de onde. Puxei o ar de uma vez, preenchendo os pulmões na tentativa de absorver ao máximo aquele cheiro delicioso.

Pela cabeça do Ned Stark, que gostoso..., pensei comigo mesma, jogando a mochila nas costas novamente. Comecei a caminhar em direção a entrada do prédio

com um enorme G pintado em branco, enquanto tateava os bolsos da mochila, em busca das chaves. Trombei em algo muito sólido e dei alguns passos para trás, perdendo o equilíbrio. Uma enorme mão de dedos longilíneos se fechou ao redor do meu pulso para me impedir de cair. O toque gelado me fez estremecer.

— Olhe por onde anda!

Ao mirar para cima, encontrei os inquietantes olhos ocre do meu vizinho me encarando de volta, cheios de impaciência. Eu queria agradecer, mas parecia que um gato tinha comido a minha língua. Em algum lugar distante da memória, existia a sensação de já conhecer aquele contato frio como metal, embora ele não tivesse me tocado quando nos conhecemos, tampouco hoje, na aula.

Meus olhos recaíram sobre o cigarro preso nos seus lábios e, ao constatar que eu nunca havia sentido nenhum cheiro nele além do perfume maravilhoso, não pude refrear minha língua.

— Você fuma!

O professor Adônis elevou as sobrancelhas, parecendo confuso e atônito ao mesmo tempo. Nos sulcos formados em sua testa, era possível ler claramente a pergunta “e daí?”. No entanto, essa não foi a sua resposta. As bonitas íris foram em direção à mão ainda me agarrando com força e, como se estivesse desconcertado com a situação, soltou-me de súbito.

Apesar de as lembranças de toda a grosseria dele na aula permanecerem vívidas na memória, por alguma razão desconhecida fiquei decepcionada por não ter mais seus dedos frios na minha pele.

Pigarreei, confusa com o rumo perigoso tomado pelos pensamentos.

— Desculpa, eu me distraí procurando as chaves.

— Sem problemas — a resposta veio seca, como era de se esperar.

Seus olhos ainda continham o mesmo brilho agressivo da aula. Era nítido para mim o quanto ele não me suportava, eu apenas não entendia o porquê. Quero dizer, nunca tive inimigos ao longo da minha vida, muito menos *professores*. Costumava ser a aluna modelo, mas não com ele. Tudo bem, eu o chamei de idiota no nosso primeiro encontro, porém, em minha defesa, ele realmente tinha sido um grosso comigo! De toda forma, o mais engraçado era que, dentro de mim, existia a sensação de culpa. Como se houvesse uma razão para aquele olhar ferino lançado por ele sem trégua. O que era um absurdo, pois eu nem ao menos o conhecia direito.

Dei de ombros, decidida a subir e acabar com aquele estranho encontro. Se ele não gostava de mim, paciência. Não é como se eu fosse morrer por isso. O azar seria unicamente dele. Como a boa aluna que sempre fui, não precisava da sua simpatia para me sair bem. Lancei uma última olhadela ao homem taciturno de frente para mim, concentrado em soprar fumaça para fora dos pulmões. Retomando os passos lentamente, finalmente alcancei o molho de chaves dentro da mochila e, enquanto fechava o zíper com um pouco de pressa, fui surpreendida por sua voz intensa, responsável por um calafrio que desceu pela espinha.

— Está se sentindo melhor?

Estupefata, girei nos calcanhares, ficando novamente de frente para Chewie. Ele encolheu os ombros, atirando a guimba do cigarro para longe. Escondeu as mãos nos bolsos do jeans e avançou dois passos em minha direção.

— Como assim?

— Estava passando mal ontem.

— Como você sabe? — perguntei, com o coração perdendo uma batida. *Santo Gandalf, o que foi que eu fiz?*, pensei, aterrorizada com as opções surgindo em minha mente alarmada.

— Você não lembra?

— Ah, meu Deus! Lembrar o quê? — fui incapaz de esconder o pânico na voz.

Sustentamos o olhar pelo que pareceram horas, apesar de ser óbvio para mim que não passaram de segundos. Chewie estreitou as pálpebras, como se tentasse decidir se acreditava ou não em mim. Ele arriscou mais um passo à frente, carregando o perfume inebriante consigo. Perdi a força nos joelhos, sem conseguir compreender como um homem tão estúpido conseguia me deixar daquela maneira. Eu só podia ser louca!

— Hein? — insisti. — Lembrar o quê?

Ele balançou a cabeça em negativa e jurei ter visto a sombra de um sorriso em seus lábios.

— Esquece.

— Ahn? Não! — respondi, com as bochechas queimando. Como assim ele achava que podia deixar a minha cabeça lotada de teorias e simplesmente se esquivar? — Não, de jeito nenhum. Agora me fala! Você também foi à república Belas Tetas, é isso?

— O quê?! — o professor Adônis deu uma risadinha zombeteira. — Não, eu não estava nesta... *Belas Tetas*.

Proferiu as últimas palavras com mais ênfase e percebi que era para me deixar envergonhada. Ele conseguiu com maestria, porque no mesmo instante fechei os olhos, querendo sumir dali o quanto antes. Respirei fundo antes de encarar as enigmáticas íris. Elas tinham a mesma cor das folhas secas no Outono. Olhos de Outono.

Lancei um olhar de súplica para que ele acabasse logo com aquilo e respondesse a minha dúvida e, para o meu alívio, o meu pedido foi atendido.

— Nós apenas nos esbarramos no corredor, donzela. Você estava péssima... O que, aliás, nos leva à pergunta inicial. Está se sentindo melhor?

— Na medida do possível — respondi, raspando a ponta do *all-star* no cascalho do chão. — Bom, preciso subir... Meus avós estão esperando um telefonema. Sinto muito pela trombada!

Girei 180 graus, mas, antes de sequer começar a andar, sua voz veio novamente ao meu encontro.

— Eu vou pelo mesmo caminho — falou, surgindo ao meu lado em uma fração de segundo.

Confusa com a situação como um todo, permaneci calada enquanto subíamos os três lances de escada, até alcançarmos o nosso andar. Rodopiei nervosamente o chaveiro na mão quando alcancei o meu apartamento, acenando para ele com a cabeça.

Tinha acabado de empurrar a porta quando, pela terceira vez na última meia hora, sua voz grave e intensa me surpreendeu.

— Não deveria voltar sozinha a uma hora dessas... Ouvi dizer que é um bairro perigoso.

— Eu não vim caminhando. Tenho uma bicicleta... Uma Caloi verde-água com cestinha e tudo. — *Ok, por que eu falei a última parte?*

— Mesmo assim, não deixa de ser arriscado.

— Certo. — assenti, confusa. — Hum... Obrigada e até mais.

E então fechei a porta, tentando me convencer de que o fato de as minhas pernas tremerem como um massageador elétrico não significava nada de mais.



Capítulo 12

*Se você pudesse se controlar por um instante
Então você veria que eu seria
Sua desculpa para ter um amante
Sua própria montanha para escalar
Você veria*

Snowmine – Let me in

— CUIDADO!

Abri os olhos, sobressaltada. Tateei a cama em busca do celular e, tão logo o alcancei, descobri ser pouco mais de três da manhã. Com o coração batucando de maneira violenta contra a caixa torácica, esperei os olhos se acostumarem com a escuridão do quarto, lutando para organizar os pensamentos caóticos o mais depressa possível.

Um grito, eu ouvira um grito.

Não no meu sonho, mas ali no prédio. Foi a razão para eu ter acordado de maneira tão repentina. A voz ainda ressoava na minha mente, angustiada, sofrida e tão alta que parecia ter vindo de algum cômodo do apartamento. Um arrepio

percorreu minha espinha e resolvi levantar para averiguar se Arthur tinha mudado de ideia e voltado para casa. Caminhei até a parede oposta, tocando-a em pontos variados, em busca do interruptor. A luz feriu meus olhos. Pestanejei até adequar a visão.

— CUIDADO! — um novo urro reverberou pelas paredes, varrendo a cor para longe do meu rosto.

Pela máscara do Vader, o que foi isso?, pensei comigo mesma, notando minhas mãos ligeiramente trêmulas. Mudando de ideia, atravessei novamente o quarto, a fim de buscar alguma pista pela janela. Lá em baixo, o estacionamento se encontrava deserto. Se fosse um filme de faroeste, provavelmente seria a cena em que uma bola de feno passaria rolando com o vento. Não tinha ninguém. As folhas nas árvores farfalhavam com o constante sopro do vento e, no céu, a lua minguante refletia uma luz pálida.

Suspirei fundo, resignada. Destranquei a porta do quarto e perambulei pelo apartamento como uma alma penada, em busca de algo fora do meu alcance. Pesquei a garrafa de água dentro da geladeira, despejando uma quantidade razoável em um copo de vidro estampado com corações. Sentia-me incapaz de afastar da cabeça a lembrança dos berros. O dono deles parecia tão atormentado e cheio de dor... Era difícil ignorar a urgência com a qual clamara. E o mais estranho era não se tratar de um pedido de socorro, ou uma demonstração de medo.

Ele gritara “cuidado”. Mas cuidado com o quê?

Esfreguei o rosto, constatando ter perdido qualquer resquício de sono. Como poderia voltar a dormir depois de uma súplica como aquela? Depositei o copo dentro da pia e, no mesmo instante, fui surpreendida pelo som de uma porta sendo destrancada e aberta. Ouvi tão claramente que poderia ter sido ali dentro. Sem pensar muito, percorri a distância até a entrada do apartamento, repetindo as ações da pessoa ao lado de fora. Dentro de mim, existia a certeza de ser o dono do grito. Eu não sabia exatamente o porquê, mas precisava descobrir mais a respeito. Bem, ele havia me acordado, então essa já era uma boa desculpa.

Não encontrei ninguém no andar e, por isso, desci as escadas apressada, tomando cuidado para não embolar as pernas. Somente na metade do caminho fui me dar conta de que me achava descalça e ainda vestindo um pijama estampado com inúmeros *Stormtroopers*. Minhas bochechas queimaram, porém segui o caminho mesmo assim. *Eu perdi o juízo, só pode ser isso*, pensei comigo, começando a calcular as inúmeras razões para não ser uma boa ideia seguir uma

pessoa desconhecida na calada da noite. No entanto, eu apenas não conseguia virar as costas e subir. Sentia-me atraída tal como as abelhas são atraídas pelo açúcar.

Quando alcancei o térreo, reconheci a silhueta alguns metros a minha frente mesmo que o dono dela estivesse contra a luz. Chewbacca. Ou melhor, o professor Adônis. Conforme me aproximava de maneira hesitante, meus olhos foram captando fragmentos da imagem. Eles me deixaram atordoada ao extremo.

Ele vestia apenas uma bermuda de moletom preta, os pés descalços como os meus e o tronco nu. Reparei na tatuagem nas costas, pouco abaixo do ombro. Tratava-se uma sereia, constatei ao chegar um pouco mais perto, feita em escala de cinza, cujos enormes cabelos ondulados espalhavam-se ao redor dela. Um lindo desenho feito por um ótimo profissional.

Chewie fumava outro cigarro e, tão logo senti o aroma de menta no ar, entendi a razão para o seu hálito ter aquele cheiro. Então, observando-o ali em seu momento tão íntimo, comecei a me questionar sobre o que, de fato, eu pretendia fazer. Já o conhecia minimamente para imaginar a sua reação. Provavelmente seria grosseiro e me mandaria arrumar algo para me ocupar. Preparei-me para subir novamente, querendo dar uma última olhada no corpo forte e alto dele. Exatamente como o verdadeiro Chewbacca. Jamais existiu apelido que funcionasse tão bem para alguém quanto esse funcionava para Adônis.

Como que pressentindo a minha presença, meu vizinho olhou por cima dos ombros, a surpresa tomando seu rosto em questão de segundos. Os olhos, pela primeira vez, não me fitaram com raiva, mas sim com curiosidade. Então, o inesperado aconteceu — ele deu um passo para o lado, fazendo um gesto com a cabeça como se me convidasse para lhe fazer companhia. Mordi o lado de dentro da bochecha, cursando o trajeto até a posição indicada.

Senti o peso do seu olhar e, ao buscá-lo, deparei-me com as íris de Outono me estudando com atenção. Da mesma maneira como fizera na aula, tão intensamente a ponto de eu me sentir desnuda.

— Já é tarde — comentou e, apesar de despreocupado, tinha o tom impaciente de sempre. Como se, de maneira inconsciente, me alertasse a ficar longe. — A donzela deveria estar dormindo a uma hora dessas.

— Eu estava.

— E por que não está mais?

— Pela mesma razão que você também não — respondi, arrependida por ter descido. Onde eu estava com a cabeça, no fim das contas?

Tragando o cigarro com vontade, Chewie desviou a atenção para um casal em uma moto particularmente barulhenta, que acabava de chegar. Observei-os estacionar, imaginando onde poderiam ter passado a madrugada de uma quarta-feira. Minha imaginação sempre foi muito fértil e, por isso, fiquei tão entretida que ouvir a voz do professor Adônis próxima da minha orelha me fez pular de susto.

— Desculpa te acordar — disse simplesmente, deixando a voz morrer o ar.

— Então foi você?

A memória do rugido retornou muito vívida à minha mente. *Cuidado!*, tratava-se de um pedido excessivamente simples. Porém, a maneira como foi feito e a urgência naquele berro desentoadado... De repente me vi sem fôlego.

— Se estou pedindo desculpas... — murmurou ele, carregado de ironia.

Seus olhos passearam pela estampa do meu pijama e um sorrisinho rasgou os lábios. Meu rosto esquentou em um misto de vergonha e raiva. Por que ele precisava ser sempre tão grosseiro, sempre tão fechado?

Ignorando o alerta dado pelo meu subconsciente, de virar as costas e deixar o Chewbacca mal humorado para trás, aproximei-me dele um passo, motivada a descobrir a razão dos gritos. Afinal, uma pessoa não berrava no meio da noite sem um bom motivo.

— O que houve?

— Hum? — Ele arqueou as sobrancelhas, estudando-me com atenção.

— Para você gritar... *daquele jeito*.

— Daquele jeito como?

Sua voz aumentava o tom a cada nova pergunta feita por mim. Por Bilbo Bolseiro, aquele cara parecia um cão raivoso prestes a avançar a qualquer momento! Abracei o próprio tronco, na tentativa de me proteger do seu crescente descontentamento com a situação.

— Eu não sei... Como se alguma coisa horrível estivesse prestes a acontecer na sua frente.

Minhas palavras acionaram algum gatilho, pois Chewie fechou a cara em uma carranca assustadora. Suas grossas sobrancelhas se uniram, formando vincos na testa. Ele levou a mão direita ao cabelo e afundou os dedos compridos nele. Balançou a cabeça negativamente, tão indignado como se eu tivesse acabado de

pedir para se despir ali mesmo. *O que não seria bem uma má ideia...*, fui surpreendida pelo pensamento e respirei fundo, querendo recobrar o juízo.

— Nada — respondeu. — Não aconteceu nada. Pode voltar a dormir, donzela.

Por alguma razão inexplicável, o tom mandão me deixou uma pilha de nervos. Isso e também o maldito apelido que não tinha nada a ver comigo. *Espera aí, se eu estou acordada a culpa é dele! O mínimo que mereço é uma explicação!*

— Em primeiro lugar, tenho um nome. E, acredite, não é *donzela*! Depois, deve ter acontecido, sim. Porque ninguém fica berrando “cuidado” sem um motivo. Bom, ninguém *normal*, né?

Chewie separou ligeiramente os lábios, surpreso com a resposta. Então se aproximou até nossos narizes quase se tocarem — isso se ele não tivesse quase dois metros de altura, é claro.

— Escute aqui, *donzela* — proferiu entredentes, frisando a última palavra. — Não sei exatamente em qual momento você decidiu que era uma boa ideia se aproximar de mim, mas não é! Então não perca seu tempo, tudo bem?

— Eu... você... Argh! — Recuei um passo. — Seu estúpido! Só tentei ser gentil!

Ao ouvir as últimas palavras, ele jogou a cabeça para trás, soltando uma gargalhada nem um pouco calorosa. Mordisquei a parte interna da bochecha, um hábito terrível que piorava de acordo com o meu estado de espírito.

— Não tenho boas lembranças da última vez em que um de nós tentou ser gentil — murmurou mais para si mesmo do que para mim. E, como não entendi, resolvi ignorar.

Esfreguei o rosto, tentando varrer um pouco da raiva para longe, mas já era tarde. Professor Adônis tinha conseguido me envenenar com o seu amargor habitual.

— Você é um louco!

— E você, inconveniente.

Suas palavras permaneceram pairando pelo ar, mesmo minutos após ele ter partido. Eu, por minha vez, continuei paralisada no lugar, incapaz de entender como conseguia colocar os meus sentimentos em ebulição com tamanha facilidade.



Capítulo 13

*As coisas não são mais como costumavam ser
Falta alguém dentro de mim*

Metallica – Fade to Black

Já haviam se passado três semanas do começo das aulas quando Nataly chegou, na tarde de um sábado especialmente quente. Arthur e eu jogávamos Banco Imobiliário no chão da sala. O ventilador apontado em nossa direção eventualmente fazia as cédulas multicoloridas saírem voando pelo cômodo.

Eu ganhava disparadamente do meu amigo. Cada vez que ele caía em uma das minhas propriedades e precisava me dar um pouco mais de dinheiro por isso, eu era obrigada a ouvi-lo dizer com um sorriso travesso no rosto:

— Azar no jogo, sorte no amor!

E, bom, levando em conta o fato de Pedro estar cada vez mais presente no meu dia-a-dia, talvez ele tivesse razão.

Arthur estava prestes a entrar em falência no momento em que o barulho característico de uma chave destravando a fechadura nos surpreendeu. Meu coração deu uma guinada tão logo percebi quem conheceria. Por alguma razão, descobri-me assustada. Ele, por outro lado, parecia uma criança que acabara de receber a notícia de que todo dia seria Natal a partir de então.

Levantou-se em um pulo — o que era bizarro, afinal, tratava-se de Arthur, o menino-lesma — e correu até a porta, chegando uma fração de segundo antes de Nataly aparecer do outro lado, com duas malas de rodinha maiores que ela.

Com um impulso, ergui o corpo sem muita pressa e assisti ao abraço interminável e barulhento dos dois. Como já espiara suas fotos no *Facebook*, sabia como ela era. No entanto, não esperava que fosse tão baixinha e magrinha. Eu não entendia como Arthur podia abraçá-la daquela maneira sem quebrá-la ao meio, por exemplo.

A pele de Nataly tinha cor de caramelo e os cabelos encontravam-se trançados no estilo *Box Braids*, chegando até a cintura. Seus lábios carnudos eram lindos como os da *Angelina Jolie* e as sobrancelhas no melhor estilo *Cara Delevingne*. Ela parecia ter saído de uma revista!

Nataly soltou Arthur depois de uma eternidade e saltitou até mim, envolvendo-me com mais força do que eu esperava. Eu não era uma pessoa alta, mas me sentia dessa forma com o topo de sua cabeça mal alcançando meu pescoço. Correspondi ao abraço, constatando que o motivo para os dois darem tão certo morando juntos era por serem justamente opostos: enquanto ele tinha um ritmo devagar, quase parando, ela exalava energia. Talvez eu fosse o meio termo ali.

— Becca, você é ainda mais linda pessoalmente! — exclamou, com sua voz aguda.

— Eu ia dizer o mesmo.

— Então já gostei de você.

Sem dizer palavra alguma, desvencilhou-se de mim, caminhando em direção à mala maior, cujo rosa doía nos olhos. Abrindo o zíper com destreza, arrancou dois pacotes lá de dentro de tamanhos e formatos muito díspares entre si.

— Eu trouxe presentes da Disney para vocês! — explicou ela, jogando o pacote maior para Arthur. — Bom, na verdade estão mais para *lembranças* porque eu ainda não ganhei na Mega Sena, né?

Nossas risadas preencheram a sala. Nataly se sentou no sofá e me entregou uma embalagem retangular e comprida, parecendo ansiosa para abrímos os

pacotes de uma vez.

— Caramba... Obrigada! — agradei, começando a rasgar o embrulho.

— É de boas vindas... Espero que goste!

Como Arthur era todo lento, consegui revelar o meu presente antes dele. E quase gritei ao vislumbrar o que tinha dentro do pacote. Em parte por amar tudo relacionado a *Star Wars*, mas, principalmente, porque dentre todos personagens existentes, era justamente o Chewbacca que eu tinha preso nas mãos. Então, sem conseguir raciocinar direito, caí na gargalhada. Ri tanto que, às vezes, precisava puxar o ar e imitava o barulho de um porco. Minha barriga ficou até dolorida. Os dois me encaravam como se eu fosse uma maluca.

Quando finalmente consegui parar de rir, limpei as lágrimas com as costas das mãos e depois as levei ao peito, enquanto minha respiração ofegante suavizava aos poucos. Meus olhos recaíram para a expressão desapontada no rosto de Nataly. Só então percebi ter passado a impressão errada.

— Você o odeia, não é? — indagou ela, sem jeito.

— Não — gemi, controlando-me para não voltar a rir daquela ironia enorme.

— Meu Deus, não. Me desculpa... Eu amei. De verdade. Você não podia ter escolhido um presente melhor. — Sorri. — Aliás, como sabia que eu gosto de *Star Wars*?

— Perguntei ao Arthur!

Nós duas o encaramos e, com isso, meu amigo pareceu acordar de um transe.

— Por que você ria, então, Becca?

— Porque foi uma coincidência enorme ela ter escolhido justamente o Chewbacca!

Ela pegou a embalagem da minha mão, estudando o brinquedo.

— Eu não conheço nada sobre os filmes. Ia perguntar ao vendedor qual era o mais popular, mas daí encontrei esse bichinho peludinho e achei tão fofo! — Nataly justificou, encolhendo os ombros.

— Temos um novo professor. — expliquei. — E, desde quando o conheci, só consigo pensar nele assim. É a minha recompensa pessoal por todas as grosserias. Aquele barbudo rabugento só sabe bramir, igual ao Chewbacca.

— Calma! Adônis é o nosso *vizinho*? — Arthur perguntou com os olhos muito arregalados. Pareciam prestes a saltar do rosto. — Por favor, me diz que você é apenas péssima em inventar apelidos e por isso chama os dois da mesma forma!

Arqueei as sobrancelhas, desconfiada de que estivesse blefando. Meu amigo poderia, sim, ter sugerido o Chewbacca para tirar sarro da minha cara. Afinal, ele sabia muito bem o quanto o professor *me adorava*.

— Ele mora no apartamento da frente!

— Não! Isso não pode ser verdade. Sério mesmo? — insistiu, aparentando o mesmo atordoamento que senti quando, algum tempo atrás, deparei-me com o vizinho na faculdade e descobri ser o famoso Carrasco. — Tipo, mesmo, *mesmo*?

Assenti com a cabeça, notando sua expressão se obscurecer quase instantaneamente. Nataly olhava de um para o outro com cara de quem não fazia a menor ideia do que acontecia.

— Qual a chance de nós nunca termos nos cruzado aqui, nesse intervalo de tempo? — Arthur murmurou, emburrado.

— De quem vocês estão falando? — ela finalmente se pronunciou. — Quem é esse professor?

— Ele substituiu a Bernadete em Produção Textual, amiga!

— Nossa, mas é assim tão ruim?

Mal a pergunta foi lançada, Arthur e eu caímos na gargalhada. Nossas risadas eram nervosas e cúmplices, pois entendíamos quão bem o apelido descrevia nosso novo professor.

— Isso é um sim? — Ela uniu as sobrancelhas, confusa. — Eu quero saber tudo!

— Nataly, querida, você vai precisar sentar!

— E como vai! — completei.



Capítulo 14

*Eu e você
Não é assim tão complicado
Não é difícil perceber
Quem de nós dois
Vai dizer que é impossível
O amor acontecer?*

Ana Carolina – Quem de nós dois

— Vocês estão brincando comigo, isso sim! — Nataly grunhiu, depois de Arthur ter contado sobre professor Adônis costumar expulsar da aula quem não deixasse o celular no silencioso e este porventura começasse a tocar. — Já entendi tudo, combinaram essa historinha só para me deixar assustada! Arthur, isso é *tão* você!

— Quem me dera fosse brincadeira, Lily. O cara é um sádico. Gostoso, não posso negar, mas absolutamente sádico.

Ela procurou meu olhar instantaneamente, para confirmar se era verdade. Assenti desanimada, encolhendo os ombros como se dissesse “sinto muito”.

Embora ainda não contasse um mês desde o início das aulas, Adônis já tinha honrado muito bem o apelido conquistado pelo campus. O Carrasco. Eu não sabia quem fora o gênio responsável por isso, no entanto me sentia consolada por saber que todo mundo sofria tanto quanto eu. Bom, não *exatamente* como eu, porque aquele Chewbacca estúpido parecia ter algo pessoal comigo.

Depois da fatídica madrugada em que acordei com seus berros desesperados e tentei estabelecer uma conexão, as coisas pioraram drasticamente entre nós. Sempre quando nos cruzávamos, fosse pelos corredores da UEM, fosse pelas escadarias do nosso prédio, ele não tentava disfarçar o quanto aparentava me achar repugnante. Nem mesmo na sala de aula. Ele simplesmente me detestava. E, tratando-se de Adônis, isso era realmente desgastante.

Quero dizer, aquele homem não era nada fácil. Todo mundo estava ciente sobre a sua intolerância a atrasos, conversas, celulares tocando, assim como qualquer outra coisa que pudesse atrapalhar minimamente a aula. Certa noite, por exemplo, gritou minutos a fio com o professor da sala ao lado por fazer uma dinâmica na qual os alunos precisavam bater palmas. Lembro-me de, em determinado momento, tê-lo ouvido falar aos berros algo como “já pensou em dar aula para o primário, já que gosta tanto de balbúrdia?”.

Mas não era só isso. Professor Adônis tinha manias, muitas delas. Eram detestavelmente irritantes. Nós não podíamos nos dirigir a ele sem usar o pronome *senhor*. A menos, é claro, que quiséssemos levar uma patada na frente dos demais. E, bem, ninguém queria. Na segunda semana de aula, uma aluna desavisada que prolongara as férias foi embora chorando depois de tentar discutir sobre ele não ter o direito de tirar um décimo da média por conta dos atrasos. Só eu sei o quanto demorei para conseguir tirar a expressão desolada dela da minha cabeça.

Adônis odiava quem não prestasse atenção em suas valiosas palavras. Se alguém se distraísse — mesmo por uma fração de segundo — das explicações e tivesse o azar de ser descoberto pelos olhos ligeiros do Carrasco, era convidado a explicar a matéria em seu lugar. É desnecessário dizer que não existia a opção de negar, certo? Por isso todos ficavam roboticamente atentos a cada mísero movimento. Ninguém queria passar pela experiência traumática de explicar o conteúdo recebendo suas perguntas afiadas.

Aliás, por falar em perguntas, elas eram o terror de qualquer aluno com o mínimo aceitável de sanidade. Adônis nos bombardeava com elas durante as torturantes aulas. Embora parte de mim soubesse ser o seu dever como professor, eu o odiava pela maneira como fazia isso. Odiava ainda mais que oito em cada dez perguntas fossem dirigidas a mim. Na minha opinião, esse era o comportamento que mais honrava o apelido. Se eu fechasse os olhos, conseguia visualizar perfeitamente a imagem dele parando em frente a minha mesa, com a expressão desafiadora precedente a uma pergunta. Não respondê-lo era incabível, mesmo quando não se sabia a resposta. E, caso alguém falasse algo errado, precisava arcar com as consequências. Elas consistiam, basicamente, em Adônis realizando o que sabia de melhor: fazendo-nos desejar a própria morte apenas para nos vermos livres dele.

Ok, estou brincando.

Ou não.

— Vocês estão com cara de velório — Nataly rompeu o silêncio.

— Você também estaria se já conhecesse o Carrasco — murmurei e Arthur concordou com a cabeça.

Olhando de um para o outro, ela abriu um sorriso animado e se levantou do sofá em um pulo.

— Já sei como acabar com esse clima pesado. Vamos jogar verdade ou consequência!

— Ótima ideia, Lily — falou Arthur, com o seu característico tom moroso. — Comprei uma *Catuaba* para comemorar o meu primeiro mês com Pedro, mas ela cairia bem melhor hoje.

— Arrasou, amigo!

Verdade ou consequência? Com... Catuaba? Pela cabeça de Ned Stark, preciso sair daqui o quanto antes.

Enquanto meus colegas de apartamento corriam para a cozinha, aproveitei a deixa para escapar da sala. Mesmo sendo um sábado à noite propício para diversão, a ideia de encher a cara me parecia inconcebível. Quero dizer, só de lembrar como a tequila me deixara algumas semanas atrás, eu já sentia um calafrio percorrer o corpo. Meu conceito de recreação era tão discrepante das demais pessoas da minha idade. Ademais, eu tinha um trabalho para entregar na segunda-feira, o qual gostaria de revisar outra vez.

Eu tinha acabado de fechar a porta do meu quarto quando ouvi Arthur gritar de outro cômodo:

— BECCA, NEM PENSE EM ESCAPAR!

Mordi o lábio inferior, ponderando se me fingir de morta resolveria o problema. Ledo engano! Menos de dois segundos depois, o meu amigo escancarou a porta, sem nem ao menos bater antes.

— Arthur, seu louco, e se eu estivesse pelada? — ralhei com ele, atirando o travesseiro em sua direção.

— Não tem nada aí que eu queira ver. — Ele jogou o travesseiro em mim, acertando o ombro direito. — Agora, anda, eu sei que você fugiu de nós.

— Eu? Claro que não! Já estava vindo para o quarto, de qualquer jeito. Achei o momento adequado. Tenho um trabalho da faculd...

— Não ouse terminar a frase! Pelo amor de Deus, você só sabe estudar? Hoje é sábado.

Dei de ombros, fazendo a minha melhor expressão de súplica.

— Arthur, prometi para mim mesma não beber nunca mais! É horrível... Acordei com dor de cabeça, cheirando a vômito e só conseguia ficar em pé cambaleando. Não desejo isso nem para o professor Adônis, e olha que desejo muitas coisas ruins para ele!

— Primeiro: você reclama demais. — Arthur apontou o indicador para mim, estudando-me com os olhos naturalmente esbugalhados. — Segundo: não estou te dando uma escolha. E, por fim: se eu ouvir esse nome mais uma vez essa noite, não me responsabilizarei pelos meus atos.

— É sério, eu não posso, eu...

— Você já não fez esse trabalho semana passada?

— Já, mas...

— E já não revisou pelo menos duas vezes?

Cruzei os braços, contrariada.

— Hein? — Arthur provocou, arqueando as sobrancelhas.

— Sim, eu já re...

— Caso encerrado. Você tem dois minutos para estar na sala ou te tranco na casa do Carrasco!

Apesar de eu ter tentado manter uma postura rígida, foi por água abaixo tão logo suas palavras penetraram meus tímpanos. Explodi em risadas, fazendo-o rir comigo.

— Ah, não, por favor! Tudo menos isso!

— Catuaba ou Carrasco, Rebecca. A escolha está em suas mãos — falou entre risos, antes de fazer uma saída dramática do meu quarto.



Capítulo 15

*Todo este tempo eles me deixaram pensando
O amor é um barco que aos poucos vai afundando*

Little Joy – Brand new start

Para quem nunca tinha bebido mais do que alguns goles de champanhe nas datas festivas, eu estava indo longe demais, e ainda nem havia se passado um mês na faculdade. Eu não almejava ser o tipo de pessoa que perde a cabeça quando vai morar longe da família, mas também não podia ser tão ruim me divertir um pouco com meus colegas de apartamento quando todos os trabalhos da faculdade se encontravam em dia, não?

Nataly enrolou as tranças em um imenso coque no topo da cabeça e então girou a garrafa no meio da roda, com um sorriso diabólico no rosto. Quando o bico apontou para mim, os dois irromperam em risadas. Revirei os olhos, destampando-a para servir uma dose. Arthur dera a ideia de bebermos antes de escolher entre verdade ou consequência. Tornaria as coisas mais interessantes, de acordo com as

suas próprias palavras. Eu não cansava de me surpreender com quão discrepantes nossas opiniões eram. Quero dizer, se dependesse de mim, estaria realmente confortável em passar a noite de sábado regada a filmes de terror na *Netflix*. Mas, para as pessoas da minha idade, a ideia de se divertir sem ter tudo rodando parecia inconcebível.

Respirei fundo, prendendo a respiração antes de jogar a bebida garganta adentro. Raspei as costas da mão sobre os lábios, sentindo o organismo incendiar. De olhos lacrimejando, direcionei toda a sorte de palavrões para cada um deles, por pensamentos.

— V-verdade — balbuciei, concentrando-me para não vomitar tudo o que já havia bebido naquela noite. Considerando o fato de a Catuaba se achar pela metade e estarmos apenas em três, supunha-se que tinha sido uma quantidade relevante.

Nataly e Arthur se entreolharam e eu mordi o lado de dentro da bochecha. Não sei se era por ter convivido algum tempo sozinha com ele antes dela chegar, mas a cumplicidade dos dois me deixava roxa de ciúmes. Não fazia o menor sentido, até porque eles eram amigos muito antes. Mesmo assim, presenciar a maneira natural como se comunicavam sem dizer uma única palavra me deixava desconfortável. A verdade era que jamais consegui criar laços tão fortes com alguém — exceto os meus avós, é claro. Minhas amizades nunca duravam o bastante e eu me sentia como uma folha ao vento: sem raízes, sem amarras.

— Você já namorou alguém? — perguntou ela, com uma das sobrancelhas erguidas.

Até que demorou para chegarmos nesse assunto...

— Não.

— Ninguém? — Arthur insistiu. — Tipo, nem um namorinho de colégio sequer?

Oh, Céus...

— Não, ninguém.

Dei de ombros, um pouco irritada pela expressão de espanto compartilhada pelos dois. E daí se eu nunca me envolvi com ninguém? Isso não deveria ser assim tão importante na vida de uma pessoa, sobretudo se essa pessoa tivesse apenas dezessete anos, não é? Bom, ao menos foi o que pensei, mas pelo visto me enganei, pois eles continuaram me encarando como se eu fosse de outro mundo.

— Como assim, Becca? — Arthur parecia perplexo. — Calma aí, não vai me dizer que é *virgem*?

Separei os lábios em surpresa, chocada com o rumo da conversa. Nataly me fitava com curiosidade esperando uma reação e, como não veio, falou por mim:

— Ai, meu Deus! Não acredito. Você é!

Estreitei os olhos, olhando de um para o outro sem entender a incredulidade em seus rostos.

Pelos dragões de Daenerys Targaryen, que droga está acontecendo aqui? Meus colegas de apartamento estão mesmo fiscalizando minha sexualidade?

— E daí, gente? A maioria na minha idade também é!

— Ah, meu bem, você se surpreenderia... — Ela deu uma risadinha, piscando para mim.

Arthur continuou me estudando exasperado, como se tivesse acabado de descobrir que dividiu apartamento por quase um mês com uma *serial killer*.

Não ter feito sexo ainda é assim tão assustador?

— Por que você nunca... quis?

— Arthur, não está na cara? — Nataly feriu meus tímpanos com a voz aguda. — Ela está esperando a pessoa certa! É *tão* bonitinho!

— Não! — Empertiguei-me no lugar automaticamente. — Não tem nada a ver. Não procuro ninguém! Não tenho a menor necessidade de me apaixonar e... — Suspirei, dando-me conta de como fui agressiva na minha resposta. — Estamos mesmo discutindo minha virgindade?

Ficamos nos olhando por um bom tempo antes de explodirmos em risos. Talvez fosse o efeito da Catuaba, mas ri até perder o fôlego. Na minha insignificante experiência com bebidas alcóolicas, havia percebido um estado de alegria precedente ao momento quando tudo rodava que era bom. As coisas ficavam leves e tudo parecia incrivelmente divertido. O problema era que eu ainda não conseguia identificar a linha tênue separando o céu do inferno.

Quando finalmente conseguimos normalizar as respirações, Arthur segurou meu rosto com as duas mãos, deixando um beijo estalado na bochecha. Assim próximo de mim, pude sentir um pouco do seu cheiro de incenso. Depois de conhecê-lo, jamais poderia deixar de associar esse aroma a ele.

— Eu já disse o quanto amo você morar conosco, dentre todas as repúblicas onde poderia ter parado? Mas Nataly e eu temos muito trabalho pela frente.

— Muito trabalho...?

— Para te corromper, é claro. — Piscou, fazendo-me gargalhar novamente.

— Cala a boca, Arthur!

— Becca, é sério, não quero parecer invasiva, mas estou tão curiosa. — Nataly se manifestou. — Por quê?

— É, na verdade também estou! Você é muito bonita... Deve ter aparecido uma pancada de gente querendo tirar uma lasquinha, não?

— Você é terrível sabia? — Dei uma cotovelada nele, fazendo-o rir.

O silêncio que se instaurou na sala foi realmente desconfortável. Respirei fundo, tomando um longo gole de Catuaba, no bico mesmo, a fim de encontrar uma dose de coragem.

Se vou falar sobre isso, a bebida pode vir a calhar...

— A minha mãe me teve muito nova e nunca hesitou em demonstrar o quanto arruinei sua vida. É por isso que fui criada pelos meus avós... mas essa é uma história para outro dia. — Sorri para eles. — Desde que comecei a entender um pouco melhor a situação, prometi para mim mesma não ser igual a ela. Em nenhum aspecto. Então nunca me envolvi com ninguém. Vou ter muito tempo para isso no futuro, quando for mais velha... Agora o foco é a faculdade.

— Você é mesmo uma nerd! — Arthur brincou, fazendo cosquinha nas minhas costelas. — Mas, francamente, acha mesmo que vai conseguir controlar o seu coração até lá?

— Bom, não é querendo me gabar, mas fui bem sucedida em todo esse tempo, não é?

— Sei... Você diz isso agora! — falou Nataly, com um sorriso amigável no rosto. — Quero só ver quando o amor te pegar de jeito.

Ergui as mãos para o alto, dando a batalha como perdida. Discutir com eles não me levaria a lugar nenhum, porém no fundo tinha certeza absoluta de que isso jamais aconteceria. Nunca fui uma pessoa romântica. Paixão não era para mim. Existiam outras prioridades e, no fim das contas, não podia cometer os mesmo erros da minha mãe. Por mais triste que pudesse parecer, eu não acreditava no amor. Não *nesse* tipo de amor, ao menos.

O que eu mal podia sonhar, no entanto, era o quanto as coisas ainda mudariam dali para frente.



Capítulo 16

*Você precisa passar algum tempo, amor
você precisa passar algum tempo comigo
E eu sei que você vai encontrar, amor
Eu vou possuir seu coração*

Death Cab for Cutie – I will possess your heart

— Eu te desafio a correr pelado no estacionamento! — ouvi minha voz ressoar desafinada pela sala.

Arthur levou as mãos à boca, perplexo, ao passo em que Nataly ria desenfreadamente do sofá.

— Qual é, Becca, não vou fazer isso!

— Ah, você vai, sim — disse ela, apontando o indicador de maneira enfática.

— Se precisei telefonar para uma pizzaria e gemer como se estivesse tendo um orgasmo, você vai correr pelado, sim. Sem objeções.

— Mas, gente, isso é diferente. Eu posso até ser preso!

Levantei com um impulso, debruçando-me na janela da sala para espiar o movimento lá em baixo. Não havia nenhuma alma viva para contar história.

— Para de chorar, Arthur. Não tem ninguém lá.

— Jesus, isso tudo é vontade de me ver sem roupa? — ele fingiu estar indignado. — Era só pedir com carinho.

— Vai logo, para de drama! — Nataly sorriu, balançando o celular em frente ao rosto dele. — Vamos ficar aqui em cima registrando esse momento.

Meu amigo balançou a cabeça em negativa, olhando-me com cara de súplica. Quase chegava a me comover. *Quase*.

— Becca, você não é assim! — Ele abriu os braços, tentando me enlaçar pelo pescoço. — Você é uma menina doce e eu te amo!

— Sai pra lá! — Empurrei-o pelos ombros levemente. — Para de me bajular. Eu tive que ligar para a Pábila e dar em cima dela, lembra?

Ele teve um acesso de riso, sendo acompanhado por Nataly. Cruzei os braços emburrada, perguntando-me quão arrependida ficaria quando o efeito do álcool finalmente passasse.

— Acredite em mim, vai ser *muito difícil* esquecer.

— Vai ser difícil esquecer isso também — respondi, indicando a janela com a mão.

Arthur encolheu os ombros e começou a se despir na nossa frente. Com a sua velocidade característica (ou falta dela), ele tirou a camiseta, seguindo para a bermuda. Quando estava prestes a se livrar da cueca, no entanto, não pude conter um grito:

— NÃO FAÇA ISSO!

— Ué, mas você pediu.

— Eu sei, mas pensando melhor, isso acabaria com nossa amizade — falei séria, arrancando gargalhadas deles.

— Olha, Arthur, ela está certa. Não quero ter pesadelos com essa cena.

— Vão se ferrar! Agora, se me dão licença, preciso correr no estacionamento como um retardado.

— Não vai ser realmente um desafio, né? — Nataly provocou e, como resposta, ele mostrou o dedo médio antes de sair porta afora, munido de uma determinação invejável.

Nós duas nos encaminhamos à janela, ficando lado a lado para presenciar nosso amigo pagando o castigo. Ela sorriu maliciosamente, seus olhos de ônix

brilhavam em ansiedade.

Alguns minutos depois ele apareceu no estacionamento, o cabelo platinado se sobressaía na noite. Nataly ligou a câmera do celular, mirando para ele enquanto corria de um lado para o outro, ou o mais próximo disso, dado o fato de que até assim conseguir ser lento.

Um grupinho de rapazes passou por ele, fazendo Nataly e eu rirmos histericamente. Mesmo lá de cima, dava para perceber o quanto isso o deixara constrangido. Foi quando percebi o quanto eu estaria encrencada no meu próximo desafio.

Como ficamos por horas a fio apenas escolhendo “verdade” na brincadeira, chegamos a um acordo de que ninguém podia pedir essa opção mais de uma vez seguida. E, como na última rodada eu tinha feito justamente isso, agora seria obrigada a ter um desafio.

Que Dumbledore me proteja!

A porta foi aberta com um baque surdo, fazendo-me dar um pulinho de susto.

— Rebecca, você está *tão* ferrada!

Nataly gargalhou, atirando-se novamente no sofá.

— Sua reação foi hilária, amigo.

— Lily, o seu também está guardado, fica fria!

Observamos Arthur vestir novamente as roupas, antes de se sentar no chão da sala, com uma carranca dominando o rosto. Mordi o lado de dentro da bochecha para evitar rir mais. Isso só pioraria meu castigo.

Cruzei os dedos atrás das costas, torcendo para a garrafa apontar para Nataly. *Não seja eu, não seja eu, não seja eu*, torci por pensamentos, porém foi exatamente o que aconteceu. Depois de dar três voltas completas, a tampinha verde ficou de frente para mim, arrancando-me um gemido desanimado.

Essa não...

— Ah, nada como a vingança! — disse ele, com um sorriso mordaz.

Fiz a melhor expressão de pena que pude, pestanejando além do normal para meu amigo. Normalmente funcionava, mas naquela noite foi justamente o contrário. Pareceu acender algo dentro dele, pois Arthur praticamente gritou:

— Eu já sei!

Estudei a expressão sua satisfeita e, ao mesmo tempo, animada. No mesmo instante, senti um peso enorme recair sobre os ombros.

Droga, estou realmente ferrada!

— Você precisa entrar na casa do Carrasco!

— Eu... Calma, o quê?! — Engasguei com a saliva, tamanha foi minha surpresa. — Eu... na casa do... Arthur, não!

— Não existe essa opção, Becca.

— Mas, Arthur... Como? O que vou falar pra ele?

— Isso já é com você, ué. Lily, você tem alguma ideia? — perguntou, segurando-se para não rir.

Dado o silêncio que veio a seguir, olhamos para o sofá, encontrando Nataly adormecida. Instintivamente, conferi o meu relógio de pulso, descobrindo já passar das duas. Cruzes, eu não tinha a menor ideia de há quanto tempo estávamos naquela brincadeira perigosa.

— Não dá. Já está muito tarde.

— Rebecca! — Arthur apontou o indicador de maneira ameaçadora, tal como Nataly fizera com ele, não muito tempo atrás.

— Mas, Arthuuuur! — choraminguei, começando a considerar me atirar pela janela, só para evitar o iminente.

Ignorando meus protestos, ele chacoalhou nossa colega de apartamento, fazendo-a despertar abruptamente.

— Ahn? E-eu estava apenas descansando — balbuciou, fazendo-nos rir.

— Lily, o desafio da Rebecca é dar um jeito de entrar na casa do professor novo.

— O Carrasco?

Nataly nem ao menos tentou disfarçar a excitação. Mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, já tinha uma ideia boa de como era sua personalidade.

Arthur assentiu, fazendo-me estremecer somente com a perspectiva de encarar Chewie naquelas circunstâncias.

— Gente, isso... isso é demais. Ele vai gritar comigo e... — minha voz morreu no ar ao ver a cara que eles faziam para mim. — Não posso.

— Ah, para com isso, Becca. Vou ficar bravo se você se recusar! Todo mundo fez coisas que não gostava essa noite.

— Só que isso já é demais!

— Claro que não. — Nataly se dirigiu a mim, sorrindo. — É só você inventar alguma desculpa qualquer. Vai ser moleza!

— Como o quê?

— Sei lá... Diz que não está entendendo o conteúdo dele e precisa de ajuda, algo assim.

— Na madrugada de um sábado? — indaguei, desejando com todas as forças simplesmente poder *aparatar* para longe dali, como em *Harry Potter*.

Arthur e Nataly se entreolharam, daquele jeito irritante que conseguiam se comunicar e, antes que pudesse fazer algo a respeito, eles pararam um de cada lado, segurando-me pelos braços e me arrastando pelo apartamento em direção à saída.

— Parem com isso! Gente, vamos pensar em outra coisa. Se quiserem eu posso sair pelada no estacionamento. Tudo menos isso. Pelo amor de Obi-wan Kenobi! — as palavras pulavam para fora da minha boca, mas não causaram a menor empatia nos meus colegas.

Em um segundo eu me encontrava dentro de casa e, no seguinte, tinha sido trancada para fora.

— Só vamos abrir depois que você fizer o desafio! — ouvi a voz de Arthur dizer lá de dentro. Depois disso, o silêncio.

Senti a cabeça rodar, como um lembrete do álcool correndo nas veias. Aquilo não podia estar acontecendo. Eu não queria nem imaginar as possíveis reações de Chewbacca diante de um incômodo na calada da noite. Cocei a cabeça, sendo atingida em cheio por duas certezas cruéis — os meus amigos eram perversos e eu estava indiscutivelmente ferrada!

Sem ter uma alternativa, avancei em direção ao apartamento do meu vizinho. *Que a força esteja comigo*, pensei, levando o indicador à campainha.



Capítulo 17

*Tenho procurado por você
(...)*

*Nunca tinha sentido uma ansiedade como essa antes
Agora aqui você está entrando exatamente à minha porta*

Lenny Kravitz – Again

Nem ao menos tive tempo para me arrepender. Mal tirei o dedo do botão da campainha e a porta foi aberta, revelando Chewie sem camisa, para meu terror. Notei a surpresa em seu rosto ao se deparar comigo e só então me dei conta de não ter pensado em nada para dizer. Emudecida pelo nervoso, desci o olhar involuntariamente para o V desconcertante, o qual sabia que encontraria no final do seu abdômen.

Um suave pigarrear fez o meu rosto pegar fogo em uma velocidade surpreendente.

— Pois não? — Ele arqueou a sobrancelha.

Que merda eu estou fazendo?, perguntei-me, ao perceber que secava deliberadamente o meu vizinho-professor-chewbacca-carrasco. Céus, era muito para processar e minha cabeça simplesmente não cooperava.

Lutando para encontrar a voz em algum lugar dentro de mim, fitei os olhos de Outono que continuavam me encarando cheios de curiosidade.

— M-meus amigos me... trancaram para fora — titubeei, sentindo-me idiota ao extremo.

— E daí?

Sempre tão amável!

— Eu não tenho para onde ir.

— E você espera que eu faça o que exatamente...? — perguntou com um pouco de rispidez, fazendo-me separar os lábios em surpresa.

Argh! Esse estúpido sem o mínimo de empatia!

— Eu achei... Nada, esquece. Você não tem nada a ver com isso. Não sei o que me deu na cabeça.

Girei nos calcanhares para sair dali, mas, antes de dar o primeiro passo, seus dedos gelados se fecharam ao redor do meu pulso, restando-me.

Crispando os lábios, ele olhou para porta atrás de mim e depois suas íris percorreram o meu corpo, como se tentasse entender a situação. Para ser honesta, nem mesmo eu compreendia. Meu estômago revirou com o simples gesto. Eu estava um caco. Vestia somente uma camiseta enorme de ficar em casa e me encontrava descalça.

Adônis respirou fundo e deu um passo para o lado, abrindo passagem. Fiquei perplexa por estar prestes a entrar no apartamento dele e, por isso, congelei no lugar. Meus pés pareciam feitos de chumbo.

— Se você vai ficar plantada aí no corredor a noite inteira, me avise logo para eu poder voltar ao que fazia.

Assenti com a cabeça, engolindo em seco.

— Eu... com licença — murmurei, atravessando a porta em direção ao calabouço.

Conseguí me infiltrar! Não acredito!

Segui reto pelo corredor, indo em direção à sala. O perfume amadeirado e forte dele parecia impregnado em cada centímetro do apartamento, por isso inspirei fundo, tragando o delicioso aroma. A planta era familiar, porém causava

estranhamento por ser o inverso da minha. Em vez de a sala ser à esquerda, por exemplo, era à direita.

Apesar de o piso de tacos ser semelhante ao do meu apartamento (incluindo o fato de faltarem alguns), quase não era visível, uma vez que um amplo e felpudo tapete chumbo o escondia. Dois sofás marfim estavam posicionados em L, conferindo uma atmosfera aconchegante à sala, assim como a profusão de quadrinhos em tamanhos variados, os quais se espalhavam em uma desordem estranhamente harmônica na parede posterior ao estofado maior. A mesinha de centro era composta por quatro caixotes de madeira envernizada que, juntos, formavam um artefato atual e cheio de personalidade. Um pouco à frente, encontrava-se um móvel *vintage* de pés palito e divisões aparentes, sobre o qual a televisão fora colocada. A casa dele em nada era parecida com as mansões impessoais e monocromáticas dos mocinhos milionários em livros de romance. Não, era como se cada detalhe abrigasse um pouquinho do meu anfitrião, como se tudo ali dentro imprimisse quem ele era. Tratava-se de um verdadeiro lar.

Fui surpreendida por um vulto pulando nos meus pés e soltei um berro estridente.

— Porra, donzela, o que foi isso?

Com o coração batucando como a bateria de uma escola de samba, constatei o motivo do susto — um gato laranja muito gordo e peludo. Ele me estudou com os desconfiados olhos azuis por alguns segundos antes de soltar um miado baixo e pular para o sofá de dois lugares, onde se aninhou.

— Seu gatinho me assustou.

— Ele é mesmo *muito* ameaçador — Chewie falou com ironia e notei a sombra de um sorriso por trás da barba de lenhador.

Revirei os olhos e um sorriso finalmente apareceu no rosto dele. Indiquei com a mão o lugar vago ao lado do bichano.

— Posso me sentar?

— É para isso que serve.

Aconcheguei-me no assento e então meus olhos foram direto para o sofá maior, onde um lustroso violão preto se encontrava repousado. Desesperada para amenizar a estranheza da visita, acabei perguntando o óbvio:

— Você toca?

— Tirou essa conclusão sozinha?!

Nossa!

— Você é assim com todo mundo? — perguntei. — Ou só comigo?

— Desculpa, mas você não colabora. É sempre tão *sagaz*?

Quis xingá-lo de idiota, como fizera quando nos conhecemos, mas, como estava em sua casa, contive-me em morder o lado de dentro da bochecha, para evitar fazer uma besteira. Talvez tenha deixado transparecer a forma como me senti, pois nenhum outro comentário veio na sequência.

Ele sentou no braço do sofá maior e, sem desviar os desconcertantes olhos de mim, ocupou-se em estalar os dedos, os pulsos e, por fim, o pescoço. Assisti ao ritual um pouco horrorizada, lembrando-me da minha avó me advertindo a jamais, em hipótese alguma, fazer o mesmo. A menos que eu quisesse ferrar com as minhas articulações, é claro — o que não era o caso.

— Comecei aos dez — falou Adônis, sobressaltando-me. Pisquei os olhos algumas vezes, tentando me situar e, como que percebendo a minha dúvida, ele completou — O violão.

— Ah, sim. Legal. — Pigarreei, desconcertada por ele ter tentado ser minimamente gentil. — Eu já tentei aprender, um tempo atrás. Sei tocar *Come as You Are* e *Que País é Esse*.

— E *Smoke on The Water*?

— Não cheguei nessa. — Encolhi os ombros.

— É uma pena. — Sorriu. — Ela faz parte do trio de músicas que todo mundo estuda quando começa a tocar.

Peguei-me rindo baixinho, para a minha surpresa, com a cabeça ainda aérea, incapaz de acreditar na situação se desenrolando ao meu redor. Quero dizer, eu, bêbada, na casa do professor mais odiado da universidade — por mim também, inclusive —, falando sobre aulas de violão e até mesmo me divertindo. Aquela era uma cena até então inconcebível, mesmo para uma imaginação fértil como a minha. Arthur me metia em cada uma...

— É tipo um pacote de iniciante? — perguntei, querendo manter o tom leve da conversa.

— Sim. Você só pode afirmar ter conhecimentos básicos *depois* disso.

— Acho que falhei miseravelmente. — Meus olhos focaram no instrumento descansando inocentemente sobre o sofá e, sem pensar muito bem no que fazia, ouvi-me pronunciando o maior absurdo de todos: — Você poderia me ensinar agora!

Desejei morrer tão logo as minhas palavras foram jogadas ao ar. Um sorriso torto pincelou os lábios dele enquanto se levantava, já assumindo a constante

postura defensiva.

— Pedindo aulas particulares para o Carrasco, hein?

— V-você sabe do apelido? — Meu rosto queimou instantaneamente, como se eu mesma o tivesse criado. No entanto, apesar de não ter, sabia possuir uma parcela de culpa, afinal também o chamava daquela forma.

Além de Chewbacca, é claro.

E sádico, louco, lenhador estressado, entre outras coisas...

Minha nossa, sou uma pessoa desprezível, pensei desanimada.

— Posso ser muitas coisas, donzela, mas surdo não é uma delas.

Lembrei-me das inúmeras vezes em que este apelido fora repetido naquele sábado, por mim e pelos meus colegas, e quis sair correndo o mais depressa possível dali.

— Sinto muito, eu...

— Tudo bem — ele me interrompeu. — Não vamos criar caso com um detalhe tão pequeno. Em vez disso, me conte: por que desistiu do violão?

Separei os lábios, atordoada com a pergunta desprezível. Como meu vizinho permanecia constantemente na defensiva, jogar conversa fora não era exatamente o esperado.

Forcei a memória, lembrando-me das poucas aulas presenciadas há alguns anos, antes de abandonar a ideia de aprender a tocar um instrumento.

— Nenhum motivo especial. Só não era a minha praia.

— E qual é a sua praia?

— Bom, eu diria que são os livros, mas você certamente já sabe disso — respondi afiada, fazendo-o rir baixinho.

— Muito bem observado.

— Falando sério, agora, eu gosto muito de desenhar. Poderia fazer o tempo inteiro e não acharia ruim.

— Ah, é? — surpresa tomou seus traços harmoniosos. Precisei morder o lábio inferior para não rir da reação tão espontânea.

— É o meu escape da realidade. Não que eu tenha tantos motivos para isso... Mas, às vezes, não importa quão bom foi o dia, tudo o que mais quero é poder fugir por algumas horinhas. — Encolhi os ombros. — Você deve me entender.

— Mais do que imagina — Professor Adônis soltou um pesado suspiro e sua expressão endureceu um pouco. — A música é assim para mim, também. Desde muito antes de eu aprender a tocar, aliás. Foi o meu pai quem me ensinou a gostar,

então a vejo como uma velha amiga, sabe? Aquela que não importa quanto tempo passe, estará sempre de braços abertos para me receber.

Talvez por ser a frase mais longa já dita por ele sem uma boa dose de ironia, fiquei emudecida. Já estava tão acostumada com o lado agressivo e impaciente de Chewie que até descartara a possibilidade de ele ter uma faceta doce e gentil. Por isso foi um choque espiar um pouquinho do que tinha escondido dentro da casca rudimentar mostrada para o mundo.

Percebendo o meu silêncio, ele inclinou ligeiramente a cabeça para o lado.

— O que foi? — despertei do transe ao ouvir sua voz grave invadindo os meus tímpanos.

— Nada. Fiquei aqui pensando... Você, assim como eu, escolheu o curso de Letras quando tinha outra paixão.

— Parece que, afinal, temos algo em comum.

— Você nunca pensou em cursar a faculdade de música? — perguntei por fim, curiosa para saber um pouquinho mais sobre ele.

— Para ser honesto, sim. — Coçou o nariz, olhando para algum lugar que parecia ser muito longe dali. — Era a minha primeira opção. Mas as circunstâncias me fizeram mudar a posição do leme.

Estudei sua aparência por alguns segundos. A barba cheia, o cabelo caindo em suaves cascatas até a altura da orelha e o visual, como um todo, combinava mais com um músico do que com um professor de Letras. Distraída, acabei externando o meu pensamento.

— Você faz mesmo o estilo *rock star*.

Ele abriu um sorriso divertido. A visão deixou meus dedos gelados de nervoso, embora não conseguisse entender o porquê.

— Você me descobriu! Eu tive uma banda na época da faculdade.

— Sério? — arregalei os olhos, tentando formar uma imagem daquele homem robusto arrebatando corações com sua guitarra. — E como se chamava?

— O Tadeu.

— O Tadeu?! — ecoei e ele concordou com a cabeça. — Jamais existiu um nome tão ruim para uma banda, em toda a história. — Arranquei uma risada de Adônis. — Posso até imaginar a qualidade das músicas...

— Sinto te decepcionar, donzela, mas não tocávamos nada da nossa autoria. Fazíamos *cover* dos *Beatles*.

Meu queixo caiu no mesmo instante. Tínhamos mesmo duas coisas em comum ou era impressão minha?

— Tudo bem, agora você ganhou a minha atenção. Não me importaria se por acaso você resolvesse pegar o violão e me mostrar o que sabe.

— Então gosta deles também? — Notei o sorriso se alargar no rosto dele. — Quem sabe outro dia... Talvez você possa me mostrar um de seus desenhos. Seria uma troca justa.

Chewie cruzou os braços, unindo as sobrancelhas como se tivesse acabado de se lembrar de algum detalhe importante.

— O que aconteceu para você ter sido expulsa da própria casa?

Senti o meu coração acelerar com a pergunta. Desde que pisara ali, ele estivera agitado além do normal, e isso não melhorava nada com as íris de Outono focadas em mim ininterruptamente.

— Nós estávamos jogando verdade ou consequência. — Comecei, decidida a contar a verdade. No entanto, ao me recordar de que a brincadeira consistia em entrar na casa dele como forma de reprimenda, resolvi mudar um pouquinho alguns detalhes. — E-eu me recusei a fazer o desafio, por isso acabei trancada para fora.

— Ótimos amigos, os seus. — Apesar da ironia, Chewie sorria.

— O que seria de mim sem eles? — Entrei na brincadeira.

— E qual era o castigo?

— Qual castigo?

— O que você não quis fazer.

Engasguei com a minha própria saliva. Tossi desenfreadamente, aproveitando a oportunidade para buscar na minha mente alguma desculpa plausível. No entanto, não era exatamente a tarefa mais fácil do mundo pensar em qualquer coisa quando estava ocupada sufocando até a morte.

Pressentindo o pior, Adônis percorreu a distância entre nós e me encheu de tapinhas nas costas, até eu conseguir respirar normalmente.

— Era tão grave assim? — perguntou.

— Você não sabe o quanto — gemi.

O gatinho dele pulou no meu colo subitamente, fazendo-me berrar uma segunda vez na mesma noite. Com os joelhos trêmulos, encarei os olhos cristalinos do bichano, agradecendo mentalmente por me salvar do interrogatório. Quando ergui o olhar, encontrei Chewie com as sobrancelhas arqueadas e uma expressão impagável no rosto.

— Foi mal — Encolhi os ombros. —, mas ele está querendo provocar um infarto em mim, sei disso!

Adônis tombou a cabeça para trás, soltando uma gargalhada responsável por uma comichão nas minhas entranhas. Fisguei o lábio inferior, tentando recobrar o juízo escondido por trás de todo o álcool correndo por minhas veias. Mas como era possível quando ele ria tão genuinamente? Isso era tão... não ele.

Cocei a nuca, dando-me conta de que percorria caminhos perigosos outra vez. Aliás, desde quando o conhecera, há algumas semanas, vinha fazendo isso com frequência. Porém, não podia me dar ao luxo de esquecer sua personalidade em sala de aula. Afinal, o apelido Carrasco não era em vão. E como não!

— Não liga para ela, Castiel. Ainda não teve oportunidade para saber como você é adorável. — Seus dedos compridos se enterraram na pelagem acobreada do gatinho, que correspondeu com um ronronar suave, como o motor de um tratorzinho de brinquedo. Por alguma razão, a palavra “ainda” reverberou na minha cabeça como um sino estridente.

— Castiel? — Indaguei e ele assentiu. — Por causa de *Supernatural*?

— Na verdade, sim. Você conhece?

Mesmo sem ter a intenção, algo na forma como ele fez a pergunta me deixou ligeiramente ofendida. Era aquela velha história de pressupor fragilidade por causa da minha aparência. Eu mal podia mensurar o quanto odiava isso!

— É só a minha série favorita.

Sua expressão não contribuiu em nada com o meu estado de espírito. Endireitei-me no sofá, cruzando os braços.

— Surpreso?

Ele jogou as mãos no bolso da bermuda, assumindo um irresistível sorriso torto. *Droga, eu disse irresistível?*

— Um pouco, confesso. Primeiro Beatles, agora Supernatural... Eu esperava mais algo como princesas da *Disney* para você.

Apesar de captar o tom provocativo e entender ser uma brincadeira, não pude evitar o calor que invadiu o meu rosto de uma vez.

— Você se surpreenderia com as pessoas se deixasse esses pré-julgamentos de lado, sabia?

— Faço das suas palavras as minhas, donzela. — Ele piscou, lembrando-me de que seu apelido era Carrasco, no fim das contas.



Capítulo 18

*Você já precisou de alguém, mas não encontrou ninguém?
Então, meu bem, por que não fica mais um pouco?*

Mallu Magalhães – Don't you leave me

Apertei a campainha novamente, desejando com todas as forças que, diferente das demais vezes, alguém me atendesse. Os segundos caminharam em um silêncio clínico. Nem mesmo o mais escasso som vinha de dentro do meu apartamento.

Droga, eu mato eles! Ah, se mato!, mentalizei, imaginando toda sorte de técnicas de tortura as quais adoraria colocar em prática.

Encostei a testa na porta, desanimada. Quando espiara o relógio pela última vez, ele marcava pouco mais de quatro horas. Eu não ousaria olhar novamente. Estava abusando demais da boa vontade do meu anfitrião. E ele não era a pessoa mais paciente do mundo.

No mesmo instante em que me lembrei dele, o ouvi inspirar profundamente. A impaciência era perceptível mesmo sem encará-lo. Pensando bem, quando revelei o desejo de retornar ao meu apartamento, ele tinha parecido... decepcionado. É claro, existia a chance gritante de aquela percepção ser coisa da minha cabeça, afinal, havia muita Catuaba no meu organismo — mesmo indo ao banheiro a cada cinco minutos. No entanto, depois de horas conversando amigavelmente, ele tinha assumido um tom bem menos receptivo desde que havíamos saído para o corredor.

Já começava a considerar madrugar ali mesmo, a espera de um sinal de vida dos meus colegas, quando ouvi sua voz grossa ressoar pelo corredor deserto.

— Vamos entrar.

— O quê? — Girei nos calcanhares, encontrando-o recostado no batente com as mãos nos bolsos da bermuda. Foi preciso muita força de vontade para não escorregar os olhos para baixo... *Pelo amor de Vader, Rebecca! Se controle!*, censurei-me, sentindo o rosto queimar. — Entrar?! — perguntei, apenas para confirmar se tinha ouvido direito.

— Depois de tocar a campainha dezoito vezes, *receio* que ninguém vá abrir a porta — falou emburrado.

Eu queria rebater a ironia, porém só consegui absorver uma informação com o cérebro anuviado pelo álcool.

— *Dezoito* vezes? Que mentira!

— É... Eu comecei a contar depois de um tempo. Foi *bem mais* que isso.

Esfreguei o rosto somente para escapar das desconcertantes íris ocre-esverdeadas me encarando, aguardando uma reação.

— E então? — indagou depois de um longo silêncio. — Vamos perder quanto mais da nossa noite de sono?

— Mas eu *não posso* dormir na sua casa. Você é o meu professor.

— Qual sua outra opção, donzela? — rosnou, aparentando estar prestes a perder as estribeiras.

— Eu não sei. — Quando finalmente tirei as mãos da frente do rosto, encontrei-o com aquele conhecido brilho no olhar. Aquele que sempre dirigia a mim, de repugnância. Por alguma razão, sua abrupta mudança de postura me afetou além do esperado e, num ímpeto de raiva, ouvi-me praticamente gritar na calada da noite. — Olha, não estou conseguindo pensar direito. Eu não funciono sob pressão, tá bom? Você não está ajudando em nada me olhando com essa cara de quem chupou um limão azedo! Poxa.

Adônis arregalou os olhos claros por uma fração de segundo, surpreso com minha reação. Logo em seguida fechou a cara, dando de ombros.

— Como quiser. — Ele estendeu a mão, girando a maçaneta atrás de si e abrindo a porta com um pouco de rispidez. — Se conseguir se decidir antes de raiar o dia, não hesite em me procurar, *princesinha*.

Então desapareceu para dentro, deixando-me para trás com cara de tacho.

Calma, ele me chamou de... princesinha?!

Cruzei os braços sobre o peito, buscando na memória uma profusão de palavras nada educadas para dirigir ao meu irritante vizinho. Por que precisava ser tão desagradável? Céus, o homem parecia sempre na defensiva! E além de tudo ainda tinha conseguido arrumar um apelido mais detestável que o outro. Idiota! E pensar que senti remorso por chamá-lo de Carrasco ainda àquela noite...

Sentei-me no corredor, tentando ignorar o mal-estar avançando sobre meu corpo. Essa era a apenas minha segunda experiência com o álcool, mas a lista de traumas já era extensa. Caí em mim sobre a condição deplorável na qual me encontrava: largada sozinha no escuro, com uma quantidade escassa de peças de roupa cobrindo o corpo e sem conseguir formular pensamentos lógicos.

Bastou isso para me livrar do orgulho o mais rápido possível. No fim das contas, minha dignidade fora permanentemente danificada no momento em que corri como uma garotinha indefesa para os braços de Adônis.

Ok, não foi exatamente assim, apenas metaforicamente. Mas ainda era algo do qual me arrependeria posteriormente. E disso eu não tinha a mais remota dúvida.

Entrei como um raio em seu apartamento, pois não queria acabar mudando de ideia. Para a minha surpresa, encontrei-o ainda na cozinha, munido da mesma expressão exausta de uma pessoa tentando lidar com uma criança fazendo manha. Tão logo nossos olhos se encontraram, suas sobrancelhas arquearam como se me desafiasse silenciosamente, e a sombra de um sorriso apareceu entre toda a pelugem facial daquele insuportável. Anotei mentalmente o quanto o odiava. Quero dizer, ele tinha um dom intrínseco de despertar o pior em mim. Era necessário pouco tempo em sua companhia para o meu sangue ferver. Como conseguia ter tanta influência sobre mim?

Apesar da vontade crescente de descontar nele todas as frustrações da noite, lembrei-me de que apesar dos pesares, Chewbacca estava disposto a me ajudar. Tinha até mesmo sido agradável na maior parte da madrugada. Isso significava

muito para alguém desamparado como eu. Por isso apenas engoli o orgulho outra vez.

— Posso mesmo ficar aqui?

— Achei que a resposta estivesse implícita quando eu disse “vamos entrar”.

Ótimo, pensei chateada, se tínhamos estabelecido o mínimo de cordialidade nas horas em que permanecemos conversando, ela acabou de se dissipar. E graças a mim!

Antes de eu sequer pensar na resposta, minha barriga falou em meu lugar. O sonoro e prolongado ronco foi responsável pela nova onda de calor que tomou o meu rosto no segundo seguinte. Eu nem mesmo tinha percebido o buraco negro dentro de mim. Como era possível que em um instante eu estivesse bem e no seguinte pudesse comer a cidade inteira?

Sem dizer palavra alguma, ele abandonou o posto e se dirigiu à geladeira, de onde tirou uma bandeja de presunto e uma de queijo, além de uma caixa de suco de uva; deixando todos sobre a mesa. Taciturna, observei-o caminhar tranquilamente até um armário e pegar uma embalagem de pão de forma.

— O que está fazendo? — perguntei, embora fosse muito óbvio para mim.

Meu vizinho encolheu os ombros, arrastando uma cadeira que indicou com a cabeça.

— Não está com fome?

— Não — respondi categoricamente, mas fui traída pelo estômago outra vez. Eu parecia abrigar alguma criatura dentro de mim, como em *Alien* e o *Oitavo Passageiro*.

— Sei. Acho que o seu corpo discorda de você. — Seus olhos recaíram para a mesa e ele uniu as sobrancelhas grossas. — Não gosta de sanduíche? Posso preparar outra coisa.

Presenciar o homem apelidado de Carrasco sendo gentil novamente era uma cena realmente desconcertante. Ainda mais porque comigo ele parecia ser ainda pior que com os demais. Sempre cobrando além da conta e me deixando com a sensação constante de me considerar tão burra quanto uma lesma. Mas ali estava ele, preocupado em ser um bom anfitrião quando eu nem ao menos tinha sido convidada. Adônis era tão confuso! Principalmente para uma pessoa embriagada.

— Eu não quero dar trabalho.

— Tarde demais para isso. — Sorriu, amenizando consideravelmente o clima entre nós. — Mas você ainda pode colaborar comigo.

Mordi o lado de dentro da bochecha, compreendendo que o mau humor dele fora ocasionado pelo meu comportamento arisco lá do corredor. Aliás, a ideia de tentar retornar ao meu lar veio de mim, no fim das contas. Talvez Adônis tenha interpretado minha atitude quase desesperada — tocando a campainha sem parar —, como anseio por me livrar dele. No entanto, em minha defesa, era só para deixá-lo em paz!

Montei um sanduíche para mim e o abocanhei sem encarar o meu professor. Ele permaneceu ali, no entanto. Quietamente, com as costas apoiadas na parede e os olhos voltados para mim. Mesmo sem vê-lo, eu sabia que eles estudavam, sentia o peso deles e este era o aspecto de Adônis mais intrigante. Em que estaria pensando?



Capítulo 19

*Sei como você se sente por dentro
(...)*

*Algo está mudando dentro de você
E você não sabe*

Guns N' Roses – Don't cry

Foram precisos dois sanduíches para saciar minha fome, mas, também, pudera, passei horas sem ingerir nada além de Catuaba. Em seus movimentos silenciosos, Adônis me entregou uma barrinha de chocolate, com uma expressão desanimada no rosto.

— Não, obrigada — respondi automaticamente, mas ele apenas negou com a cabeça.

— Vai se sentir melhor com um pouco de glicose no sangue.

Emudeci, lembrando-me de já ter ouvido algo a respeito do açúcar cortar o efeito do álcool e, por isso, tomei o doce da mão dele. Seus dedos gelados tocaram

em mim e me peguei estremecendo.

Qual o meu maldito problema?

Se ele percebeu minha reação, decidiu ignorar. Aproveitei o momento para perguntar algo que ficou na minha cabeça:

— Como sabe que bebi?

— Não é difícil perceber, donzela — falou despreocupadamente e, por alguma razão, senti o rosto queimar de vergonha pela enésima vez. — E você mesma me disse que estava jogando verdade ou consequência.

— O que tem a ver? Podia ser com suco!

— Claro. Afinal, é o que todos fazem por aí, não? — Ele nem ao menos tentou disfarçar a ironia.

Empertiguei-me no lugar, constrangida por constatar que, nos nossos poucos encontros fora da faculdade, estive bêbada em dois deles. O pensamento me causou um incômodo semelhante a uma unha encravada e percebi o quanto não gostava de ter a imagem associada a festas e baderna. Afinal, isso não tinha nada a ver comigo... e tudo a ver com *ela*.

— Não faço isso sempre — comecei, sem entender exatamente o porquê. — É a segunda vez na minha vida inteira que bebo e, preciso salientar, as duas foram igualmente traumáticas! — Adônis arqueou as sobrancelhas ligeiramente, fazendo-me perceber a gafe que tinha acabado de cometer. — Não que você tenha contribuído com isso. Mas ser expulsa da própria casa não é exatamente a situação mais divertida do mundo.

— Certo. — Ele me encarou em um misto de surpresa e confusão.

— Sabe o que é pior? Não estou aqui para fazer amizades, farrear, nem nada do tipo. Não sou uma Maria vai com as outras, desesperada por aceitação. — As palavras pulavam para fora da minha boca em uma velocidade surpreendente. Mas a chance de eu simplesmente me calar naquela altura do campeonato era nula. — Eu só quero permanecer focada nos estudos, como estive a vida inteira. Preciso me formar e correr atrás dos meus sonhos. Nada mais me importou a vida inteira. Eu não posso ser como ela, você entende? Eu... — Interrompi a frase, começando a soluçar.

Ótimo, agora estou chorando, pensei atônita, as lágrimas quentes rolando pelas bochechas.

— Donzela... — chamou Adônis, perplexo, no entanto eu era incapaz de ouvi-lo. Retomei a sabatina, chorando feito uma criancinha assustada.

— Preciso provar para todo mundo o quanto sou forte e consigo o que quero. Não posso dar esse gostinho para a mulher que destr...

— Rebecca! — chamou novamente e, desta vez me calei no mesmo instante. Com exceção das apresentações, em sua primeira aula, ele nunca mais me chamara pelo nome. Era sempre “donzela”, por mais que eu odiasse e pedisse para parar. A propósito, parecia ser justamente esse o motivo dele persistir com o apelido.

Adônis parou atrás de mim, com seus quase dois metros de altura, antes de levar as mãos frias aos meus ombros, fazendo-me arfar de surpresa.

— Você tem o quê? Dezoito anos?

— Dezesete. Entrei adiantada na escola — respondi em um sussurro, sem entender o rumo da conversa.

— Não estou te condenando por se divertir em um sábado à noite na sua casa e com seus amigos, tá bom? Mesmo eles sendo companhias duvidosas — Ele sorriu e olhou para a direita. — Não é, Castiel?

Mirei na mesma direção, encontrando seu peludo companheiro de apartamento se arrastando contra o pé da mesa. Foi impossível dominar um sorriso depois disso. Aquele homem rudimentar tinha um *gatinho* de estimação. Quem poderia imaginar?

— Você é nova, ainda vai encher a cara muitas vezes. E não tem problema nenhum. Apenas... apenas faça isso de maneira responsável para não acabar arrependida depois.

Chewbacca sorriu com amargura, soltando-me. Fiquei ligeiramente desapontada por não ter mais suas mãos em mim e tentei atribuir a culpa disso ao álcool. Só podia ser isso, é claro.

— Vou arrumar as camas — murmurou, abandonando a cozinha em seguida.

Castiel permaneceu me olhando desconfiado com suas safiras e só se moveu quando me levantei. Ao chegar à sala, deparei-me com Adônis terminando de forrar o sofá maior com um lençol. Pela janela era possível observar o céu começando a ganhar as primeiras luzes pálidas do dia.

— Não precisa dormir aqui! — falei, sentindo-me péssima por ter arruinado completamente a noite dele.

Meu professor colocou o travesseiro em uma das extremidades do sofá, girando nos calcanhares para ficar de frente para mim, com cara de deboche.

— Quem disse que estou arrumando *para mim*?

Claro, como não pensei nisso?

— Oh, desculpa, eu achei...

— Que eu abandonaria o conforto da minha cama e dormiria todo torto no sofá? Sério mesmo, donzela?

Apesar do tom leve, não pude evitar me sentir meio idiota por ter acreditado, mesmo por um minuto sequer, que Chewbacca faria algo do tipo. Suas íris me observaram com atenção antes dele erguer as mãos no ar, em derrota.

— É brincadeira! Você vai dormir no meu quarto, a cama já está arrumada.

— Mas... — bufei ao ver a expressão petulante dele.

Ele estava se divertindo às minhas custas! Céus, dentre o turbilhão de sensações contraditórias causadas por ele àquela noite, a vontade de esganá-lo era a mais recorrente, com toda certeza.

— Não me olhe com essa cara de quem está prestes a chorar. — Ele abriu um sorriso largo e eu senti a boca do estômago congelar. O fato de ser tão singular presenciá-lo sorrindo tornava o gesto, de alguma forma, especial. Além do mais, era um sorriso lindo, embora custasse admitir isso. Eu não conseguia entender a razão, mas queria ter a oportunidade de ver mais vezes.

Cristo, eu realmente estou pensando no sorriso dele?, perguntei-me, incrédula, anotando mentalmente nunca, nunca mais em toda minha vida, tomar uma gotinha de álcool sequer. Não, era muito perigoso. Despertava sentimentos confusos, os quais eu não podia — e nem queria — lidar.

Segui o meu professor até o quarto dele. Parando de supetão, Adônis indicou o lado de dentro com a cabeça, sem atravessar a porta. Meus olhos fizeram uma varredura pelo cômodo, buscando mais detalhes a respeito do homem ao meu lado. Como o restante da casa, o quarto era limpo e organizado (além do esperado para um homem vivendo sozinho). A cama de casal estava posicionada na extremidade oposta à porta, ladeada por dois criados-mudos idênticos, os quais integravam a moderna cabeceira de pallet que se estendia pela parede. Ondulando-se preguiçosamente com as brisas vindas lá de fora, grossas cortinas de algodão cru cobriam a janela, exceto por uma fresta quase insignificante, por onde feixes de luz do alvorecer penetravam. As duas paredes restantes do quarto eram ocupadas pelo modesto guarda-roupa de canto talhado em madeira imbuia. E, finalizando a composição, um imenso espelho retangular jazia recostado logo ao lado da janela.

Ao entrar pude sentir, mais forte que no restante do apartamento, o aroma amadeirado e viril que me fazia revirar os olhos de tão bom. Caminhei até a cama de

casal e me sentei, timidamente, sentindo-me um pouco estranha por estar ali. De repente, tudo pareceu íntimo demais e eu adoraria rasgar a pele de Arthur e de Nataly com os dentes por me colocarem naquela situação. Mas, por outro lado, não tinha sido tão ruim, tinha?

— Tudo certo? — sua voz grave percorreu a distância entre nós sem dificuldade. Assenti com a cabeça e ele continuou. — A chave está na porta. Não hesite em trancá-la se for te deixar mais tranquila.

Uni as sobrelhas, ao mesmo tempo grata e confusa com a oferta, principalmente levando em conta a maneira como o maxilar dele se contraiu logo em seguida. Parecia insatisfeito com algo que eu não conseguia deduzir o que fosse.

— Vou descer para fumar um cigarro e já volto. Se precisar de alguma coisa, sinta-se em casa. — Coçou a nuca, um pouco sem jeito, e começou a fechar a porta. Antes dele sumir de meu campo de visão, no entanto, chamei-o.

Adônis tornou a aparecer, com o rosto barbudo e expressão séria.

— Obrigada por... por me acolher — murmurei, tentando esboçar um sorriso, que saiu tímido. Ele me encarou significativamente, pigarreando antes de responder.

— Boa noite, donzela — disse, deixando-me sozinha.

Olhei ao redor por segundos a fio, acostumando-me com os móveis sóbrios, que, de alguma forma, diziam tanto sobre o meu anfitrião. Tão logo os meus olhos recaíram para a fechadura da porta, descartei a ideia de trancá-la. Eu não o conhecia quase nada, no entanto sabia o suficiente para acreditar que Adônis não era uma pessoa má. Para começar, ele jamais teria me recebido ali, se este fosse o caso, muito menos deixado a chave para mim. Ele podia ser grosseiro e um pouco sem jeito com as pessoas, porém bastava fitar seus olhos para constatar que jamais faria mal para alguém, nem mesmo a uma mosca. Eu poderia dormir tranquila.

Levantei-me apenas para apagar a luz e logo me enfiei embaixo dos lençóis, imaginando que, noite após noite, era ali onde Adônis dormia, afinal de contas. Estar em uma cama de casal era a melhor coisa que me havia acontecido nas últimas horas, pois tinha espaço de sobra para ocupar. Pensei em Chewie, com todo o seu tamanho, apertado no sofá apenas para me proporcionar um pouco de privacidade, e sorri largamente.

Ajeitei-me de bruços, a única maneira como conseguia pegar no sono, abraçando o travesseiro confortavelmente. O cheiro dele se encontrava em cada centímetro do tecido e aquilo fazia o meu estômago revirar com uma sensação desconhecida. Cansada de brigar com minha mente depois de uma noite turbulenta

e completamente improvável, apenas aceitei que o meu professor era cheiroso pra caramba e me permiti sorver os resquícios do seu perfume, até ser embalada por ele.

Nos meus sonhos, as desconcertantes íris de Outono foram me visitar, assim como o hálito mentolado e o toque frio, com seus dedos tranquilos. Ele disse qualquer coisa, da qual não consigo me recordar, e permaneceu recostado sobre o batente da porta, observando-me dormir com uma expressão ilegível. Por alguma razão, eu adoraria saber interpretá-la.



Capítulo 20

*Não vejo a hora de te reencontrar
E continuar aquela conversa
Que não terminamos ontem
Ficou pra hoje*

Nando Reis – All Star

Cheirinho de café.

Nada era mais familiar que o aroma agradável que o meu cérebro tinha associado ao começo de um novo dia.

Eu me lembrava da minha casa em Santa Cruz do Rio Pardo, tão diferente do apartamento onde vivia agora. Se forçasse a memória, podia visualizar com clareza minha avó caminhando de um lado para o outro pela cozinha, colocando toda sorte de comidas deliciosas sobre a mesa do café da manhã. Especialmente o bolo de goiabada. Meu Deus, ele chegava a ser uma obscenidade de tão bom. Enquanto isso, vovô estaria ocupado pacientemente em passar a bebida fumegante para a

garrafa térmica azul-calcinha. Era a mesma desde quando eu me considerava gente. Uma adorável garrafa coberta por frisos e uma tampinha da mesma cor.

Respirei fundo, estranhando o fato de Arthur ter levantado antes de mim. Desde que eu me mudara para Maringá, isso jamais aconteceu. Nem uma vez sequer. Como Nataly não gosta de café, eu podia descartar a possibilidade de ela ser a responsável. Logo, só podia ser ele. Estiquei as pernas pela cama espaçosa, relutante em acordar.

Cama espaçosa?, minha mente ecoou e, no mesmo estante, ouvi um alarme ressoando por ela. *Mas, espera, a minha cama não é espaçosa!*

Abri os olhos, encontrando a realidade tão temida — eu tinha dormido na casa do meu professor de Produção Textual. Como pude esquecer? Instantaneamente, o coração deu uma forte guinada. Na noite anterior tive a ajuda do álcool para lidar com a situação bizarra na qual nos meti, mas como o faria naquela manhã? Como encararia os olhos desconcertantes dele? Droga.

Resignada a encarar o que viria pela frente, abracei o travesseiro uma última vez, afundando o rosto nele para sorver o cheiro já quase apagado de Chewie. Girei o corpo para a direita e soltei um grito apavorado logo em seguida.

— Meu Deus! — gemi, colocando a mão direita sobre o peito só para garantir que não enfartava. — Você quer me *matar*?!

Plantado em frente à porta, Adônis abriu um sorrisinho. Instantaneamente, foquei no meu braço esquerdo apertando o travesseiro dele contra o corpo com a mesma urgência com a qual abraçaria uma maleta cujo interior estivesse forrado de dinheiro. Soltei-o imediatamente e senti rosto esquentar de uma só vez, como se alguém estivesse com um maçarico apontado para ele.

— Não sabia exatamente como te acordar. Sinto muito.

Mordisquei o lábio inferior, tomando impulso com os braços para me sentar. Espiei para fora da janela e notei o sol já em seu ponto mais alto. Para alguém que gostava de acordar cedo, eu estava indo muito, muito mal.

— Dormiu bem? — perguntou, ainda sorrindo.

— Uhum — murmurei, mas como ele permaneceu me fitando, senti a necessidade de completar. — Fico feliz que tenha cedido o quarto para mim. Essa cama é o paraíso!

Um silêncio desconfortável invadiu o ambiente, enquanto eu avaliava quão estranhas as palavras podiam soar. Se enxergou algum duplo sentido, porém, ele ignorou.

— E você? — indaguei, por fim.

— Tão bem quanto se pode dormir em um sofá com metade do seu tamanho — falou e, quando eu estava prestes a responder, adicionou — É brincadeira, o sofá foi bom o bastante. Não dormia tão bem assim há muito tempo. — Concluiu, dando uma piscadela para mim.

Minha garganta secou. Um gesto tão simples e despretensioso como aquele e eu já estava toda esquisita. Só que, dessa vez, não tinha como atribuir a culpa dos sentimentos confusos ao álcool. E isso me preocupava.

Escondendo as mãos no bolso da bermuda, Adônis deu um passo para trás.

— Bom, Castiel e eu estamos te esperando na cozinha. Você sabe onde fica o banheiro, né?

— S-sim. — balbuciei, desconcertada com a atmosfera calorosa o rondando. Aquilo definitivamente era o total oposto do que eu conhecia. — Já estou indo lá com vocês, obrigada.

Permaneci encarando a porta mesmo minutos após Chewie ter saído. Acordar com ele no quarto não era o esperado, mas, agora que pensava a respeito, algo dentro de mim vibrava. *Como sou idiota*, pensei desanimada, caminhando para fora sem pressa. Não era como se ele tivesse feito algo de mais, é claro. Mas, por outro lado, ele não tentava *realmente* me acordar. Apenas permanecia ali, parado, com as íris de Outono miradas em mim. Por que precisava me encarar tanto? Aquilo me desestabilizava.

Assim como o restante da casa, o banheiro era limpo e organizado. Eu diria que até mais que o do meu apartamento. Sim, com certeza era. Fiquei de frente para o espelho, sem conseguir ignorar as olheiras gritantes circundando os olhos. Passei a mão na franja para assentá-la na testa da melhor maneira possível. A pior parte de dormir fora de casa — não que fosse uma prática recorrente para mim — era não ter uma escova de dente. Encarei a de Adônis repousada no suporte inocentemente e a minha mão coçou para pegá-la. *Não, de jeito nenhum, Rebecca. Isso é perturbador.* Suspirei e tomei o creme dental. Resolveria o problema, por ora.

Aproveitei o momento para enrolar um pouco. Era besteira e eu sabia disso, mas não conseguia evitar a vergonha. Pelo cajado de Gandalf, eu tinha dormido na casa do meu professor! Imagine só se isso caísse no ouvido dos outros alunos, a impressão errada que poderia causar. Logo eu, a odiada do Carrasco, dormindo em sua casa... Pareceria com algo inconcebível para mim.

Balancei a cabeça e saí de uma vez, decidindo que a minha mente se tornava cada vez mais perigosa. Era melhor mantê-la ocupada. Conforme me aproximava da cozinha, o cheirinho de café se fazia ainda mais irresistível. Atravessei a porta o mais silenciosamente possível, sem querer denunciar minha chegada. Isso porque Adônis se ocupava com alguma coisa na pia e a visão me dava vontade de rir. Não de um jeito ruim. Era apenas irresistível assistir àquele homem rudimentar concentrado em quebrar um ovo com tamanho cuidado.

Fisquei o lado de dentro da bochecha, aproximando-me da mesa. Pelo canto dos olhos, notei Castiel me observando como se me dissesse “se você não falar, eu falo”. Céus, aquele gatinho era muito expressivo! Como permaneci emudecida, ele me denunciou com um sonoro miado.

Adônis olhou por cima do ombro e sorriu. *Será que você não pode simplesmente parar com isso?*, pensei, fingindo não ser nada de mais a palpação em meu peito, *está tornando tudo mais difícil*.

— Gosta de omelete no café da manhã? — perguntou, deixando um prato sobre a mesa. O aroma invadiu minhas narinas e despertou um monstro lá de dentro, pois logo em seguida ele rugiu tão sonoramente quanto fizera durante a madrugada.

— Eu nunca comi, mas está com uma cara tão boa que vou provar.

Assentindo, ele empurrou o prato até a extremidade onde eu me encontrava. Afastei uma cadeira e me sentei, enquanto ele voltava para a pia. Alcancei o café e me servi em uma caneca com estampa de dinossauros responsável por me arrancar um sorriso. Fiz uma varredura sobre o que tinha na mesa e minhas bochechas voltaram a queimar. Em parte porque era muita comida e estava claro que ele fazia apenas para me agradar, mas, por outro lado, não tinha a única coisa que eu mais prezava no desjejum.

— Será que... — minha voz saiu baixíssima. Pigarreei, começando novamente. — Será que você poderia pegar um pouco de leite para mim? Não consigo tomar café puro.

— Que ultraje! — brincou, voltando para a mesa com outro prato. — O meu café está na lista de melhores bebidas do mundo e você vai misturar com leite? Estou ofendido.

Não pude segurar a risada. Presenciar o Carrasco de bom humor era quase chocante. Se eu contasse para qualquer pessoa da faculdade a maneira atenciosa

com a qual me tratava, provavelmente gargalhariam na minha cara. Acontece que eu mesma mal podia acreditar, apesar de ver com os meus próprios olhos.

Adônis foi até a geladeira e trouxe uma caixinha de leite, colocando-a a centímetros de mim.

— Quer que eu es quente?

— Não precisa. — Sorri. — A propósito, adorei as canecas — comentei, ao notar que a dele era exatamente como a minha. — Gosta de dinossauros ou foi só por acaso?

— Você não reparou o lençol onde dormiu?

— Talvez você não tenha notado, mas eu não estava exatamente nas melhores condições — falei e ele jogou a cabeça para trás, rindo gostosamente. — Então, não. Não notei.

— Está ficando mais afiada ou é impressão minha? — Abriu um sorriso torto e eu perdi o fôlego por alguns segundos.

Não seja ridícula, Rebecca.

Pare com isso.

Como a pergunta parecia retórica, decidi ignorar.

— Eu tinha cinco anos quando meu pai foi na locadora e voltou com o *VHS* de *Jurassic Park*. Você pode imaginar uma criança empolgada com alguma coisa. Assisti umas três vezes seguidas, no mínimo. E falei sobre o *T-Rex* e os *Velociraptors* talvez por meses. Acho que se ele suspeitasse disso tudo, jamais teria escolhido este filme.

Sem nem perceber, ri despreocupadamente. Na minha cabeça, a imagem de um mini Chewie fissurado por dinossauros se formou com tamanha clareza que era como se eu tivesse presenciado a cena.

— Então se eu vasculhar a sua casa, vou encontrar mais coisas relacionadas a isso?

— Com certeza, vai. — aquele sorriso de tirar o fôlego apareceu em seus lábios outra vez.

Apanhei os talheres posicionados à minha direita e cortei um pedaço de omelete. Ela cheirava muito bem. Meu Deus, como cheirava!

Levei à boca um pouco apreensiva, mas logo me vi devorando o prato de uma só vez. De frente para mim, Adônis bebericava o café com as íris vidradas em cada movimento meu.

— Parece que gostou — falou por fim, parecendo satisfeito.

— Você é muito bom nisso — admiti, lambendo os beijos, sem me importar se era um pouco obsceno. — Realmente bom. Estava delicioso. Obrigada.

— Disponha.

Não sei dizer quanto tempo permanecemos ali, conversando como se fôssemos velhos amigos. Na noite anterior, quando toquei sua campainha, não poderia imaginar nem em mil anos como seria *agradável* passar algumas horas com ele. Também, pudera, era difícil enxergá-lo de outra forma além de estúpido, afinal era isso que insistia em mostrar para as demais pessoas. Mas, ali, presenciando-o sorrir genuinamente e descobrindo mais e mais sobre o homem que despertava sensações tão engraçadas em mim, eu ousava ser otimista. Talvez as coisas melhorassem entre nós. Talvez eu me permitisse apreciar sua companhia. Quem sabe até mesmo não gostasse dele eventualmente?

Meu Deus, eu disse gostar?

Mas que droga! Apenas pare com isso, Rebecca!



Capítulo 21

*Seus olhos, eles cantam uma música para mim
E eu gostaria de dançar ao som dela, de verdade
E eu abrirei meu coração
E eu abrirei só para você*

Heartless Bastards – Only for you

Abocanhei um pedaço de torta de brócolis, folheando o caderno em busca das anotações que ainda não tinha revisado para a prova. Ajeitei-me no sofá, esticando as pernas preguiçosamente enquanto Nataly se ocupava em lixar as unhas, deitada de costas no chão.

Incomodada com o silêncio em demasia, corri os olhos até Arthur e, percebendo que ele também me encarava, desviei-os rapidamente para o caderno. Mesmo pouco mais de uma semana após a verdade ou consequência responsável pelo pernoite na casa de Adônis, eu continuava decidida a manter a frieza com os

dois. Em minha opinião, era merecida. Até porque, se ele não tivesse me acolhido, o que eu teria feito?

Respirei fundo, retomando o estudo. Não podia me dar ao luxo de ficar com a cabeça no mundo da lua. Naquela noite eu teria a segunda prova do ano letivo, mas, além dela, ainda viriam mais quatro pela frente, ao longo da semana. Fora os intermináveis trabalhos pipocando de todos os cantos, principalmente em Produção Textual. Céus, nós não passávamos nem mesmo uma única aula sem precisar entregar um relatório que fosse. E como era difícil agradar Adônis! Ele não fazia vista grossa mesmo com errinhos que os demais professores costumavam deixar passar batido. Qualquer motivo era o suficiente para ele arrancar alguns pontinhos a mais. Eu tinha até medo de quando suas provas chegassem. Sério.

Ao pensar nele, mordisquei o lábio inferior, arrancando uma lasca de pele responsável por um filete de sangue. *Droga*, ralhei comigo mesma. Eu nunca aprendia. Tinha essa mania e, por conta disso, vivia com a boca machucada. Mas como podia evitar quando aquele homem me deixava tão desconcertada? Bastava sua imagem invadir minha mente para meu corpo começar a reagir de maneira estranha: ora o coração palpitava, ora os punhos fechavam com força. Ele tinha uma habilidade muito rara de conseguir me tirar do sério mesmo sem estar presente.

Depois de passarmos uma madrugada inteira juntos e eu ter dormido em sua casa, fui inocente o bastante para imaginar que as coisas ficariam mais agradáveis entre nós dois, mesmo minimamente. Grande, grande engano! Afinal, quais as chances de ele deixar de ser um ogro? Eu deveria saber que eram remotas. Principalmente comigo, o seu alvo principal.

Semelhante à noite em que ele me acordou a primeira vez com os seus berros e eu tentei me aproximar, ele se tornou ainda mais exigente do que já era. Praticamente todas as perguntas das aulas eram dirigidas a mim, e aí da *donzela* se ela não soubesse responder. O apelido era usado com tanta frequência por ele que, quando eu menos esperava, todos os outros alunos passaram a me chamar assim. Além disso, Chewie tinha aquele tom vil de falar comigo, como se me aturar dentro da sala de aula fosse um castigo com o qual ele não pudesse lidar.

Eu queria ter a paciência do mestre Yoda para aturar as provocações dele sem me afetar tanto, no entanto bastava ouvir sua voz de trovão para a boca do estômago virar um nó. Se com todos os alunos Adônis já honrava o apelido de

Carrasco, comigo fazia ser fichinha. E não, não estou exagerando! Adoraria que fosse drama da minha parte, para falar a verdade. Mas não era.

Fechei o caderno de uma só vez, subitamente perdendo a vontade de estudar. Naquela noite eu teria duas aulas seguidas com ele e a constatação me deixava deprimida. A vida podia ser cruel quando queria. Estar na faculdade era um dos maiores sonhos da minha vida e eu adoraria curtir ao máximo. Com todos os outros professores era sempre prazeroso assistir a uma aula, descobrindo coisas novas e estudando matérias empolgantes. Adônis, porém, arruinava um pouco daquele calorzinho gostoso causado pelos demais. Conviver com ele era como começar a comer um apetitoso bolo de chocolate para descobrir, na primeira mordida, estar azedo.

E a pior parte era que, apesar de tudo, eu me lembrava da faceta doce que conheci e me perguntava por que não podia ser sempre assim?



— Pode prestar atenção na aula, por favor, *donzela*? — Adônis perguntou de maneira ácida, parado como um urso na frente da minha mesa. — Ou será que é pedir demais?

Subi os olhos por ele, relembrando da pior maneira onde eu estava. Se existia um lugar no mundo onde não podia divagar, certamente era na aula do Carrasco. Apesar de ter plena consciência disso, simplesmente não conseguia focar em uma palavra sequer. Eu atribuía a culpa unicamente ao meu avô, por ter me ligado no intervalo para avisar que precisava conversar sério comigo. Como se o fato de ter me deixado curiosa não fosse o bastante, algo no tom de voz dele despertou aquela parte negra que habitava dentro de mim. Eu era incapaz de decidir se desejava que o tempo passasse rápido para descobrir qual era a pauta da conversa, ou devagar, para evitá-la ao máximo.

Empertiguei-me no lugar.

— Sinto muito.

— Sinto muito, senhor.

— Sinto muito, *senhor* — ecoei, odiando-o um pouquinho mais. Ele morreria se uma única vez eu me esquecesse daquele maldito pronome? Será que era tão

insensível a ponto de não perceber o meu péssimo estado de espírito?

Sustentei o olhar com rebeldia, desafiando-o a me tirar do sério. Eu sempre fui uma aluna exemplar e jamais faltei com respeito a um professor, mas não hesitaria em mandá-lo à merda naquela noite, se fosse necessário.

Como se tivesse lido meus pensamentos, ele se limitou a bater com o dedo indicador na folha sobre a minha mesa. Só então me dei conta da presença dela ali.

Demorei-me observando-o enquanto se afastava em direção à extremidade oposta da sala. Usava uma touca na cabeça, apesar de não estar frio, que combinava muito bem com o estilo despojado dele. Era meio caidinha para trás e harmonizava com sua camisa jeans.

Só parei de secá-lo quando, em um rompante, ele me espiou novamente, fazendo o meu rosto queimar. Achei o momento oportuno para fazer o que ele havia pedido, antes que o desse mais motivos para pegar no meu pé. Por isso, abaixei a cabeça para o xerox abandonado. Tratava-se de uma atividade de interpretação. Era recorrente nas aulas de Produção Textual. De acordo com ele, só era possível escrever bons textos quando se sabia verdadeiramente ler um.

Suspirei, alcançando a lapiseira para começar.

Dreaming of You – Cigarettes After Sex

Vi você de longe

Imaginei quem você era

Imaginei como você era

Pensei que fazia o meu tipo

E agora eu estou sonhando com você

Quero você, sim, eu quero

Aposto que você nunca soube disso

Acho que você combinaria bem comigo

Quero você o tempo todo

E agora eu estou sonhando

Sonhando, sonhando, sonhando

Sonhando com você

E agora eu estou sonhando

Sonhando, sonhando, sonhando
Sonhando com você

Você é a única que eu estou convidando
Você é a única que está me chamando para tê-la

Não consegui chegar aos exercícios. Por alguma razão, a letra da música me deixou com as palmas das mãos suando frio. Engoli em seco, usando de todas as forças para me convencer ser muito provavelmente uma coincidência enorme. *Uma peça do destino*, mentalizei, batendo a ponta da lapiseira ferozmente contra o tampo da carteira.

No entanto, aquelas palavras faziam tanto sentido para mim. Era como se tivessem saído dos meus pensamentos. Exceto pela parte de querer ele, é claro. Eu não o queria. Longe disso. Talvez desejasse decifrar a razão para ser tão indigesto, mas definitivamente não tê-lo.

Mordi o lábio machucado com força e só me arrependi quando senti uma pontada de dor. Então ergui o rosto, deparando-me com as cores dos enigmáticos olhos de Adônis voltadas para mim. Ele estava recostado contra o quadro negro, com as mãos apoiadas na moldura de madeira. Sua expressão era a mesma que sempre estampava o rosto quando estava prestes a fazer uma pergunta — desafiadora.

— Alguma dúvida? — perguntou.

Voilà!, pensei, sorrindo internamente.

— Não, senhor — falei e ele assentiu, mas não parou de me estudar.

Eu faria de tudo para descobrir o que passava pela cabeça de Chewbacca quando me encarava daquele jeito por segundos a fio.

Tentando fugir do peso do seu olhar, voltei à atenção para a minha atividade.

- 1) *Levando em consideração o tom assumido pelo eu-lírico, elabore uma dissertação interpretativa e exemplifique o seu ponto com trechos da música.*

Curvei o tronco para frente, começando a transcrever a maneira como cada palavra conversava com os meus sentimentos. No entanto, foi só ao entregar que eu me dei conta de que Adônis poderia interpretar de maneira equivocada o meu

exercício, enxergando entrelinhas inexistentes. Ou assim eu pensava que elas fossem.



Capítulo 22

*Tem vez que as coisas pesam mais
Do que a gente acha que pode aguentar
Nessa hora fique firme
Pois tudo isso logo vai passar*

Marcelo Jeneci – Felicidade

Meu coração congelou quando o celular começou a tocar. Mesmo sabendo que aquele momento eventualmente chegaria, estar diante dele era alarmante. Por alguma razão, algo no tom usado pelo meu avô na ligação do dia anterior tinha despertado sensações indesejáveis. Eu não queria lidar com elas, não mais. Preferia quando aqueles sentimentos esmagadores ficavam trancafiados lá no passado.

Ainda assim, era preciso atender ao telefone. Vovô estaria do outro lado e eu sabia que não deveria ser fácil para ele também, talvez por isso tenha me dado algum tempinho para a tal conversa séria. Por alguma razão, eu já conseguia

antever qual seria a pauta, embora ele não tivesse adiantado nada. A minha mãe. Só podia ser ela. Toda a infelicidade da minha vida sempre vinha na companhia dela. Isso não terminaria nunca?

Com os dedos trêmulos, aceitei a chamada e levei o aparelho à orelha.

— Becca, querida, está ocupada?

Mirei a tela do notebook, onde o trabalho começado de Adônis me esperava. Suspirando pesadamente, fechei-o de uma vez.

— Não, vovô. Tudo bem com vocês? — perguntei, querendo ganhar tempo. Talvez ele não percebesse o meu jogo.

— Na medida do possível. Liguei porque preciso te contar uma coisa que... bom, não sei ao certo como vai reagir. — *Droga, não funcionou!*

— Você comentou ontem... — gemi. — Aconteceu algo?

O ouvi expirar do outro lado da linha. Eu podia visualizá-lo perfeitamente bem. Provavelmente estaria com os lábios crispados e a mão encaixada na testa, sobrepondo os olhos castanhos levemente caidinhos.

— Não sei como falar de outro jeito além de indo direto ao ponto. Sua mãe entrou em contato conosco.

Estremeci, empurrando a cadeira para longe da escrivaninha com a ponta dos pés. De repente, me senti claustrofóbica. Fazia o quê? Quatro anos? A verdade é que desde quando ela se mudara para outro Estado com o novo namorado, nunca mais tive notícias. Era como se estivesse morta. Para mim, estava.

— Por quê? — foi a única palavra a sair dos meus lábios. Em minha cabeça, um alarme fora disparado. Eu ouvia sem parar: *problema, problema, problema*.

— Marcela está grávida, Becca. De uma menina. O parto está previsto para meados de setembro. Ela quer vir a Santa Cruz do Rio Pardo logo depois do nascimento, para conhecermos.

Demorei além do necessário para absorver o que ele disse, porque, para mim, não fazia sentido. Soavam como palavras desconexas pairando pelo ar. A minha mãe... grávida?

— Ela falou ou perguntou alguma coisa sobre mim?

O silêncio que se fez em seguida respondeu a minha pergunta.

Não consigo recordar o restante da conversa. Se o meu avô tentou me consolar, ou se desistiu e acabou passando o telefone para vovó, que era mais doce com as palavras. Talvez tenha só desligado ao notar o meu estado estarecido, mas jamais saberei dizer. Parei de processar novas informações.

Lá do fundo da memória, uma lembrança surgiu sem minha permissão. Fechei os olhos, querendo afastá-la, mas era inevitável. Não tinha para onde fugir.

Saí da piscina lotada de adultos que não conhecia e olhei ao redor, à procura da minha mãe. Anoitecia, a fome tinha batido e eu simplesmente não aguentava mais permanecer naquela festa que nada tinha a ver com crianças da minha idade. Depois de percorrer cada centímetro da chácara, encontrei-a em um dos quatinhos do casebre, atracando-se com um homem qualquer. Funcionava sempre da mesma maneira — ela convencia os meus avós de que queria um tempo comigo. “É apenas um passeio de mãe e filha”, dizia, de maneira convincente, fazendo-os acreditar em mais uma mentira. Então me arrastava para todos os lugares nos quais eu daria tudo para não estar e sumia de perto, sempre para os braços de algum estranho. Sempre para longe de mim.

Em um misto de vergonha e choque, fiquei paralisada. Minhas pernas pesavam toneladas. Meus olhos permaneciam fixos nas mãos dele apertando os seios dela, enquanto ela rebojava em seu colo. Eu só conseguia pensar no quanto odiava tudo aquilo. Qual era o prazer sádico dela em precisar me ter junto quando obviamente não fazia a menor diferença?

Fui pega no flagra. Quando menos esperava, um par de íris azuis me fitou com atenção. Ele a tirou do colo com um movimento brusco. Depois disso veio aquele olhar dela tão conhecido. Ele dizia, mesmo silenciosamente, o tamanho do desprezo nutrido por mim. Dizia que eu era o atraso de sua vida. Aquele que me desafiava a contar para os meus avós um pouquinho que fosse e esperar pelas consequências.

Ainda assim, ela não se contentou com isso. Levantou-se graciosamente com um sorriso no rosto e veio até mim em passos mansos. Agarrou o meu braço com um pouco de força e me levou até o banheiro. Lá fora, a música era estridente. Mas a única coisa que eu ouvia era a afirmação de todas as coisas das quais eu já sabia. Ela não hesitava em dizer o quanto me odiava. Não me deixava esquecer, nem por um único segundo. Aproveitava cada oportunidade para me fazer acreditar o quanto eu era insignificante.

E, às vezes, eu acreditava.

— Becca?! — a voz pastosa de Arthur me tirou das trevas. Só então me dei conta de que eu chorava e da *maneira* como fazia isso.

Meus ombros se agitavam a cada nova puxada de ar para os pulmões e a gola da camiseta se encontrava ensopada, depois de tantas lágrimas rolando pelo

meu rosto caírem ali.

Sem pensar duas vezes, abri os braços. Eu nunca fui muito de precisar ser confortada, até porque jamais tive amigos para todas as horas. Limitava-me a manter alguns colegas na escola e isso era tudo. Mas, então, vendo a preocupação nos traços de Arthur e percebendo a sinceridade dela, não tive como fazer diferente. Senti a necessidade de tê-lo ali para mim. Já nem lembrava mais que estivera brava com o meu colega de apartamento.

Indo contra o ritmo naturalmente lento, ele percorreu o espaço entre nós em questão de segundos, envolvendo-me. Recostei a cabeça contra seu peito e me permiti viver aquela dor. Augustus Waters dizia em *A culpa é das Estrelas* que “*Esse é o problema da dor. Ela precisa ser sentida*”. Essa frase, apesar de tirada de um livro de romance, fazia todo o sentido do mundo para mim.

Abraçada ao meu amigo, sorvi seu cheiro suave de incenso e comecei a me acalmar quando senti seus dedos percorrerem carinhosamente a minha lombar. Permanecemos unidos sem trocar palavra alguma pelo que pareceram horas. Não era preciso dizer nada, porque aquele era o tipo de silêncio confortável que só é alcançado quando o nível de intimidade já é alto o suficiente.

— Quer conversar? — perguntou, em determinado momento. Neguei com a cabeça categoricamente. Não me sentia confortável para contar nada a respeito da minha mãe. Pelo menos *ainda* não. — Tem certeza?

Desvencilhei-me dele, secando as bochechas com as costas das mãos.

— Tenho, obrigada. Vou tentar esquecer isso, por enquanto. Preciso terminar um trabalho complexo do nosso professor preferido do mundo.

— Tudo bem, mas antes vamos colocar um sorriso nesse rostinho de boneca. Sei exatamente o que pode te animar!

Arregalei os olhos, incapaz de dominar um sorriso. A dúvida deve ter ficado óbvia no meu rosto, pois ele continuou.

— Torta de banana!

— Ai, Arthur. Eu já disse que te amo? — Abracei-o outra vez. De todas as receitas veganas maravilhosas que ele fazia, a torta de banana era, com toda certeza do mundo, sua especialidade. Era impossível permanecer triste depois dela.

— Vem, vamos lá — disse, entrelaçando os dedos nos meus e me arrastando em direção à porta. — A Lily deve estar roendo as unhas de preocupação. Foi ela quem te ouviu chorando.

— Sério? — quis perguntar por que ela não tinha entrado no quarto junto dele, mas Arthur aparentou ler os meus pensamentos, uma vez que respondeu minha pergunta interna logo em seguida.

— Ela está envergonhada desde aquele sábado. Não para de se culpar pelas coisas que *poderiam* ter dado errado.

Minhas bochechas esquentaram de vergonha. Eu tinha feito parecer, ao evitá-los por tanto tempo, que a minha noite e manhã com Adônis fora como uma de suas aulas — terrível. No entanto, não podia ser o mais distante disso. Vez ou outra eu ainda me pegava retomando os acontecimentos, sem entender como ele conseguia mudar tanto.

Enfim, não era esse o caso. Arthur e Nataly eram os meus colegas de apartamento. Minha segunda família. Viveríamos muito tempo juntos para eu agir daquela maneira por tão pouco. E, de pensar que eles estavam ali para mim quando eu continuava nutrindo rancor, julgava-me um pouco estúpida.

Foi por isso que, ao sair do quarto, abri os braços para Lily tal como fiz com Arthur. Há uma coisa que a minha avó sempre disse para me animar e eu levava comigo para a vida inteira: os momentos ruins serviam para intensificar os bons. Da mesma forma, aquela notícia arrebatadora dada por vovô teve, ao menos, uma parte boa — fez as coisas entre nós três voltarem aos eixos.



Capítulo 23

*Então, se você estiver solitária
Você sabe que eu estou aqui
Esperando por você
Eu sou apenas uma mira
Eu estou apenas a um tiro de distância de você*

Franz Ferdinand – Take me out

Esfreguei o rosto ao constatar que tinha pouco tempo até dar o horário de me arrumar para a faculdade. Mas eu simplesmente não conseguia me concentrar nas palavras na tela do notebook. Minha única vontade era tirar os materiais de desenho debaixo da cama e me afundar em alguma ilustração pelo máximo de horas possível. Queria me desconectar.

A torta de banana de Arthur serviu como uma boa injeção de ânimos, no entanto nem mesmo ela conseguiu arrancar de mim a vontade constante de cair no choro. Meus olhos se pareciam com piscinas furadas, vazando ininterruptamente.

Eu não deveria me afetar tanto e sabia disso, porém o meu coração não estava no mesmo time que eu, pelo jeito.

Fiz aquele som horrível de soluço quando se está há muito tempo chorando e limpei as lágrimas com a barra da camiseta. Se não tivesse o maldito trabalho de Adônis para apresentar dali a algumas horas, eu poderia muito bem matar aula.

Mordi o lado de dentro da bochecha, sem acreditar na ideia que acabara de ter. *Faltar? Pelo amor de Deus, Rebecca*, ralhei comigo mesma. Estava decidida a ser o mais discrepante possível daquela... *pessoa horrorosa*. E a faculdade era o primeiro item da lista. Eu a levava muito a sério. Obsessivamente, até.

Então, na tentativa de afastar a atenção da minha mãe e do acontecimento responsável por mudar o rumo da tarde, meus pensamentos foram automaticamente para o meu professor, que era também o meu vizinho. Embora este último detalhe estivesse me tirando do sério nos últimos três dias.

Não suportava mais acordar no meio da madrugada por causa dos berros. Eles tinham parado durante um período de tempo suficiente para eu me esquecer de que já haviam existido. Agora, no entanto, tinham voltado com tudo. Noite após noite, eu despertava apavorada com sua voz grossa ainda presente em cada centímetro do apartamento.

Era sempre a mesma coisa.

CUIDADO!

Nataly apostava com unhas e dentes que ele era louco e vivia pedindo para ligarmos ao síndico, reclamando. Arthur, por outro lado, não podia nem ao menos conceber a ideia.

— Ele já é *difícil* mesmo sem um motivo para nos odiar, Lily. Imagina se dermos um.

Eu estava do lado de Arthur, para ser honesta. Não pelos mesmos motivos, afinal receava não existir uma maneira de Adônis me tratar pior de como *já tratava*. Mas também não achava justo culpá-lo por algo de que não tinha controle. Eram apenas pesadelos, no fim das contas. Devia ser tão ruim para ele quanto era para nós.

Isso não significava que eu não estivesse tão brava quanto os meus colegas, porque estava sim.

Mas, além disso, eu ficava a cada dia um pouquinho mais curiosa. As perguntas pululavam dentro da cabeça sem dar trégua. Por que ele gritava sempre a mesma coisa? Por que tinha tanto desespero impregnado em seu pedido? E por

que nos dias subsequentes aos pesadelos ele parecia ficar um pouco mais mal humorado do que o habitual?

Cruzes, eram tantos por quês!

No entanto, a pergunta mais insistente e também a que mais me assustava era: por que não conseguia tirá-lo dos pensamentos nem por um maldito segundo?

Droga, nada disso estava certo! Tudo bem, ele era realmente bonito, e eu tinha começado a fantasiar aqueles braços fortes ao redor dos meus ombros... Isso sem nem mencionar os olhos de Outono.

Para, Rebecca! Pelo anel de Frodo Bolseiro. Isso está ficando ridículo.

Pigarreei, fingindo ter tudo sob o controle. Empertiguei-me no lugar e foquei no trabalho novamente. *Você só precisa se concentrar nisso, em nada mais*, mentalizei, tentando me convencer de que era assim tão simples.



Eu não compreendia como tinha conseguido terminar o trabalho a tempo, mas ali estava ele, salvo no *pen drive*. Apesar de todas as tentativas da minha mente de me boicotar, fugindo para longe da responsabilidade, estava feito.

Encarei o relógio e descobri ter poucos minutos para me aprontar, ou acabaria chegando atrasada. E, tendo em vista que a primeira aula seria a do Carrasco, isso era inconcebível.

Saí do quarto levando algumas peças de roupa embaixo do braço e agradei aos céus por encontrar o banheiro desocupado. Os banhos de Nataly não eram exatamente os mais rápidos do mundo, e não preciso nem dizer os de Arthur, né? Ele era uma lesma naturalmente, imagine então relaxado com uma agradável corrente de água morna caindo nas costas. Às vezes era preciso apelar às ameaças para conseguir arrancá-lo lá de dentro.

Como não podia demorar, entrei no box apressada e foi então que o primeiro *flashback* apareceu — eu me encontrava sentada sobre o vaso sanitário, com Adônis ajoelhado à minha frente, uma expressão preocupada tomando o rosto. A imagem parecia tão real que me assustava. Olhei para a privada, pensando no tamanho do absurdo daquela cena. Ele jamais estivera ali.

Ensaboei o corpo sem conseguir parar de pensar que eu não sabia ao certo como tinha chegado ao apartamento na noite do trote. E se...? Não, não podia ter uma alternativa em que Adônis estivesse presente. Não fazia o menor sentido. Ele nem ao menos esteve na festa.

Desliguei o chuveiro e puxei a toalha de uma só vez contra mim. No momento em que comecei a me secar, a lembrança invadiu minha mente em pequenas porções. Como quando recebemos uma mensagem muito grande pelo celular e ela chega fragmentada e fora de ordem.

Chewie entrando comigo no apartamento e logo depois ajoelhado na minha frente, ali mesmo. Também tinha o seu hálito mentolado, disso lembro muito bem. Ele chutou a porta, parecia bravo com alguma coisa que eu dissera.

— Da próxima vez que encher a cara, donzela, é bom não acordar o resto do bloco e nem vomitar no corredor inteiro se não quiser que eu chame a polícia! E se aquela maldita sujeira estiver lá amanhã de manhã... É bom que não esteja! Vai por mim!

Engoli em seco, compreendendo a situação. Recordei as palavras que disse a ele e meu rosto queimou de vergonha. Meu Deus, eu nunca mais queria beber na minha vida!

Só tinha me causado problemas até aquele momento. A pior parte estava em não poder confiar no próprio cérebro, já que ele tinha simplesmente apagado um pedaço da minha memória e resolvido devolver de uma hora para outra. Algumas coisas passaram a fazer mais sentido para mim, como na madrugada em que encontrei Chewbacca fumando no térreo e ele me perguntou se eu me sentia melhor; assim como quando dormi no seu apartamento e ele me disse para trancar a porta se quisesse.

Que vergonha!

Como pude agir como uma maluca sem mais nem menos?

Encará-lo depois de me lembrar deste evento fatídico seria difícil. Principalmente porque, apesar de ter rosnado ameaças, ele arrumou a minha bagunça no corredor. Exatamente como fizera pouco mais de uma semana atrás, quando bati na porta dele pedindo abrigo — negou a princípio, com o seu jeito rabugento de ser, mas depois fez o possível para me deixar à vontade.

Fiz uma careta azeda quando constatei que precisava me retratar, embora a ideia não me agradasse nem um pouco. Só de tentar conceber a ideia de procurá-lo

para conversar, já sentia as palmas das mãos suarem frio e os joelhos tremerem. Chewbacca me desestabilizava e isso era fato.

Eu só não tinha decidido ainda se isso era, necessariamente, algo ruim.



Capítulo 24

*Os meus sonhos
Eu procuro acordar
E perseguir meus sonhos
Mas a realidade que vem depois
Não é bem aquela que planejei*

Ira! – Eu quero sempre mais

Bati a ponta da caneta contra a superfície da mesa impiedosamente, esperando todos os alunos saírem para que eu pudesse voar no pescoço de Chewbacca. Aquele idiota! Como teve a audácia de me dar nota quinze em um trabalho valendo cinquenta? Argh! Juro por Darth Vader, se eu tivesse um sabre de luz faria pedacinhos de Adônis. Como faria. Respirei fundo, controlando-me para não ataca-lo enquanto ainda existiam testemunhas na sala de aula.

Já contava uma semana que eu tinha recuperado a memória sobre meu comportamento inadequado da noite do trote. Depois disso, remói obsessivamente

o ocorrido, buscando a melhor maneira de me desculpar, quando, na verdade, eu queria jamais ter me lembrado de nada.

Apesar de receber uma notícia arrasadora sobre a minha mãe, dei o meu melhor para entregar um trabalho impecável. E esse era o motivo principal da minha chateação. Não existia tempo ruim para mim, tratando-se de estudar. Mas de que adiantou, de toda a forma? Ele me perseguia. Só podia ser alguma coisa pessoal.

Mordisquei o lábio nervosamente, concluindo que, no fim das contas, era exatamente isso. O incidente aconteceu antes da nossa primeira aula e desde então, ele sempre fora pior comigo do que com os demais alunos — embora já fosse cruel o bastante com eles. Com certeza devia ser algum tipo de revanche estúpida. Pensando bem, eu também ficaria furiosa após limpar o vômito de alguma vizinha histérica qualquer.

Só que não fazia sentido!

Se fosse isso, ele jamais teria me acolhido quando precisei. Tampouco sido tão gentil. Céus, ele preparou o café da manhã para mim! Isso não combinava nada com o esperado para alguém querendo se vingar. A menos que a omelete estivesse envenenada e, dado o fato de eu continuar muito bem, obrigada, não era o caso.

Droga, Adônis fazia meus neurônios entrarem em curto circuito. Entendê-lo era algo de que eu já tinha desistido há algum tempo. Não tinha como!

Sentindo-me ainda mais irritada, bufei audivelmente e comecei a apanhar meus materiais, jogando-os de qualquer jeito dentro da mochila. Só então ele reparou em mim, finalmente desviando a atenção das pastas nas quais permanecia tão focado. Arrastou-se para trás em um rompante e o som da cadeira arranhando o chão me fez encolher o tronco.

— Algum problema? — perguntou, ligeiramente rouco. Estremeci ao simples som.

O que eu queria falar, mesmo?

Olhei para o papel em minhas mãos, um pouco desnorteada, e tive um lampejo de ira, levantando-me de uma vez da cadeira. Percorri a distância entre nós, colocando-o sobre sua mesa com um pouco mais de agressividade do que pretendia. Era impossível evitar. Ele podia ser rude, podia me bombardear com perguntas, podia até mesmo ficar me encarando durante a aula toda. Nada disso importava. Mas me dar uma nota daquelas? Era um motivo para lá de justo para comprar uma briga.

Professor Adônis franziu o cenho, olhando com confusão do meu trabalho para mim.

— Sim...?

— Essa nota está errada. Senhor. — corriji rapidamente.

Se era possível, suas sobrancelhas grossas se uniram um pouco mais. Ele tornou a espiar a atividade por um momento antes de responder.

— Não está, não.

— Tem que estar — respondi. O meu ódio crescia conforme sua expressão confusa se transmutava para uma presunçosa.

Ah, se *Avada Kedavra* existisse...

— Por que você acha isso?

— Porque o trabalho valia cinquenta. E eu tirei quinze! — falei enfaticamente. Eu devia, muito provavelmente, estar agindo como uma maluca obcecada pela faculdade.

E talvez eu fosse exatamente isso.

Notei, para meu desgosto, o canto de sua boca se elevar um pouco. Era como se a vontade inoportuna de sorrir estivesse surgindo e ele não pudesse fazer nada a respeito. Como aquele homem podia ser tão irritante?

— Entendi.

Paralisei por alguns segundos, absorvendo a resposta sucinta. Como assim “entendi”? Ele insinuou que eu estava sendo mimada? Meu Deus, se ele soubesse que corria risco de vida arruinando a minha média, jamais faria aquela expressão odiosamente linda.

Calma aí... Linda? Inferno, Rebecca, tenha foco!

Com as bochechas quentes como bolinhos recém-saídos do forno, apoiei as mãos sobre a mesa dele, inclinando ligeiramente o tronco para frente. Chewie cruzou os braços sobre o peito, evidenciando os bíceps. Arqueou a sobrancelha, como se me desafiasse a ir em frente. E foi exatamente o que fiz.

— Nunca, em toda a minha vida, aconteceu algo semelhante. 40% do valor total? Não. De jeito nenhum. Minha média pessoal sempre foi de 80% para cima. Isso é uma afronta!

— Talvez você não tenha se esforçado tanto. Porque essa atividade aqui — ele bateu o indicador sobre a folha —, não receberia o valor total nem em mil anos.

— Você não entende! Não existe isso de não se esforçar, para mim. Meu boletim sempre foi impecável. Por que está fazendo isso comigo? — choraminguei,

começando a me dar conta do quanto era inútil discutir com ele. O que estava pensando? Era o Carrasco, afinal.

— Porque o meu dever é te avaliar, *princesinha*. Sou pago para isso, caso tenha se esquecido. E, dado o fato de que leciono há três anos, receio *talvez* saber mais que uma caloura. Estou certo em pensar dessa forma?

Separei os lábios, chocada com a resposta. Depois de passar um tempo com ele e conhecê-lo um pouquinho, tinha se tornado ainda mais doloroso lidar com os coices. Logo depois do susto a raiva chegou. Só que tinha um problema: eu era uma chorona. Isso era intrínseco a mim. Não importava qual fosse o sentimento, se ele se tornasse muito intenso, com certeza seria acompanhado de lágrimas. Por isso, aproveitei enquanto ainda conseguia mantê-las nos olhos para atirar aquilo que estava preso na garganta há algum tempo.

— Você? — apontei o dedo em riste para ele, desejando poder matá-lo com a força do pensamento. — É um grosseiro! Estou cansada da sua arrogância desnecessária. Se acha que é muito legal ficar bancando o malcriado, eu acho patético. E *talvez* fosse mais fácil me concentrar nos trabalhos se você não ficasse gritando quase toda a noite e atrapalhando o meu sono. Isso sem contar essa sua mania de falar rosnando o tempo todo, seu Chewbacca estúpido! — concluí, um pouco ofegante.

Eu sei, não foi muito inteligente da minha parte. Gritar com o professor nunca é exatamente a melhor ideia. Mas o que se pode fazer? Às vezes alcançamos os nossos limites, e eu, com toda certeza, tinha atingido o meu. Aquela nota fora o estopim.

Ele ficou me encarando com uma expressão chocada por algum tempo antes de perguntar.

— Chewbacca?!

Sentindo que estava prestes a chorar, caminhei até a minha mesa o mais rápido possível, agarrando a mochila pela alça.

— Quer saber? Não importa. Até mais, professor — *espero que você tenha dengue*, completei por pensamento e me virei para me retirar.

— Espera, donzela. Por favor — estaquei instantaneamente ao ouvi-lo sendo educado. Girei nos calcanhares, ficando de frente para ele outra vez. Chewie enterrou os dedos longilíneos nos cabelos sedosos, parecendo pensativo. — É assim tão importante para você a nota de um trabalho?

— Meu Deus, que tipo de pergunta é essa?! Estou a quilômetros de distância da minha família. Que, por sinal, está desembolsando um dinheirão, só para me manter aqui. Tudo isso porque a droga dessa faculdade é o meu sonho da vida inteira. Então é óbvio que é importante! Eu levo isso aqui a sério, se ainda não deu para perceber.

— Tudo bem, fica calma — ele ergueu as mãos no ar, como se estivesse tentando tranquilizar uma criancinha. — Vou te dar outra chance. Não é algo que eu costumo fazer, mas vejo que você está realmente interessada.

Arregalei tanto os olhos que, com certeza, devia estar parecida com Arthur. Uma onda de alegria engoliu toda a raiva de uma só vez e eu precisei me segurar para não abraçá-lo.

— Uma nova chance! Ah, muito obrigada! Vou refazê-lo hoje mesmo e...

— Não será o mesmo trabalho — ele me interrompeu, enquanto estralava os dedos e logo depois os pulsos. — Tampouco um só.

— O quê?! — *Claro, estava fácil demais.*

— Vamos fazer assim: como ele valia cinquenta pontos, vou passar dez atividades diferentes, cada uma com nota cinco. No final das aulas você precisa me procurar para eu te passar os exercícios e também para entregar os que já estiverem prontos.

— Mas...

— Ou isso, ou contente-se com este aqui, donzela — concluiu, entregando-me o meu trabalho de valor vergonhoso. Peguei-o com os dedos em pinça, os ombros pesados de frustração.

Embora eu me sentisse grata por ter a oportunidade de uma nota melhor, dez trabalhos na mesma época em que as provas eram praticamente diárias tornaria tudo mais difícil. Sem contar que os outros professores também passavam diversos seminários, apresentações, livros para ler... Enfim, não importava. A questão era que ele podia facilitar se quisesse. Mas obviamente não queria.

— Obrigada — limitei-me a dizer. — Quando começamos?

— Na próxima aula.



Capítulo 25

*Como eu desejo que você possa ver o potencial
O potencial de nós dois
É como um livro elegantemente encadernado, mas em uma
língua que você ainda não pode ler, ainda não*

Death Cab for Cutie – I will possess your heart

— Jesus, Becca, onde você estava? — Arthur segurou o meu braço gentilmente, tão logo me alcançou.

— Na sala de aula.

— O que você fazia lá até agora? — perguntou, desconfiado, ao notar Adônis no fim do corredor, vindo do mesmo lugar que eu.

— É uma longa história. — Suspirei, esperando-o passar por nós para continuar. — Mas basicamente Chewbacca me fazendo desejar ter um tijolo na sala de aula só para poder jogar na cabeça dele. Se bem que aquela *barbona* amorteceria o impacto.

Meu amigo gargalhou e, pela espontaneidade dele, acabei rindo também. O que foi muito bom, pois aliviou um pouco da nuvem de amargura na qual me encontrava. Eu disse *um pouco*.

Encarei meu relógio de pulso, descobrindo restarem apenas cinco minutinhos do intervalo. *Droga, estou com tanta fome*, pensei com desânimo.

— Juro para você, se eu não tivesse prova daqui a pouco, voltaria para casa agora mesmo.

— Duvido. Alguma vez na vida já matou aula?

— Nunca — respondi contrariada, constatando que Arthur já me conhecia bem o suficiente. — Mas hoje seria um bom momento para mudar isso.

— Foi assim tão ruim a conversa de vocês? — Assenti com a cabeça. — Bom, sei como melhorar seu estado de espírito. Hoje tem uma festa na Cabô Caqui. Eu nem ia te chamar, porque você jamais aceitaria ir a uma festa no meio da semana, mas talvez seja uma boa ideia — falou, com seu tom moroso.

Pisquei os olhos algumas vezes. A única coisa que consegui captar foi o nome da república.

— Cabô Caqui? — Ecoei, boquiaberta. — Qual o problema dessas pessoas? É um tipo de regra escolher nomes com duplo sentido para as repúblicas, ou o quê? — perguntei e nos encaramos por alguns segundos antes de explodirmos em risadas.

Só Arthur mesmo para me deixar consideravelmente melhor em questão de minutos, pensei, encarando os olhos esbugalhados do meu amigo e o sorrisinho torto que jamais lhe escapava. Ainda esperava uma resposta. Mordisquei o lábio, ponderando as opções: poderia ficar trancada no quarto remoendo as más notícias da última semana pelas próximas horas ou então simplesmente sair da rotina e ver no que dava. Precisava mesmo espairecer, tirar algumas coisas da cabeça, incluindo Adônis. Ok, principalmente Adônis!

Eu não tinha nada a perder com isso.

— Tudo bem, acho que é exatamente do que preciso — Eu mal podia acreditar nas minhas palavras.

— Meu Deus, quem é você? O que fez com a CDF que mora comigo?

Bati em seu ombro com o meu, sem nem me dar conta do sorriso de orelha a orelha que trazia no rosto. O sinal ecoou pelos corredores, despertando-me para a realidade.

— Nos vemos mais tarde — despedi-me, seguindo para o bloco onde faria a prova.



A avaliação de Literatura Brasileira dissipou completamente qualquer resquício da minha conversa com Chewbacca. Diferente das demais pessoas, jamais fiquei nervosa com a chegada de um exame. Nem mesmo no vestibular. Como mantinha uma rotina de estudo saudável, não precisava me sobrecarregar com maratonas intermináveis de revisões nas vésperas. E era por isso que me identificava tanto com a Hermione Granger. Talvez não fosse a mais inteligente, como ela, mas ninguém podia dizer que eu não era aplicada. Não existia a menor dúvida de que se eu pusesse o Chapéu Seletor na cabeça, ele me mandaria para a *Corvinal* sem pensar duas vezes.

Fui uma das primeiras a sair da sala, logo depois de concluir a prova. Procurei na mochila meu exemplar de *A Fúria dos Reis* (sempre levava um livro comigo, para casos de emergência) e me sentei no pátio, em frente ao prédio onde ficava a sala de Arthur. Ajeitei-me confortavelmente no banco de cimento, prestes a afundar o nariz pelos Sete Reinos, porém uma conversa próxima de mim me chamou a atenção.

— Você só pode ser louca, Sophia. Logo ele?!

— Como assim “logo ele”? O Carrasco é um gostoso!

Por alguma razão, meu coração acelerou. Remexi-me no banco, de forma que pudesse espiar, pelo canto dos olhos, as donas das vozes. Eram duas alunas do último ano, eu lembrava vagamente delas da noite do trote.

— Mas, amiga, o cara parece o homem das cavernas! — falou a mais baixa, cujos cabelos eram pintados de azul turquesa.

— Eu sei! — A tal Sophia suspirou, com a mesma expressão que uma pessoa viciada em paçoca faria ao chegar a uma festa junina. — E é exatamente isso que o torna irresistível, você não acha? Esse jeitão de homem rústico... Ai, ai. Fico até imaginando o que não poderia fazer comigo.

Arregalei os olhos. Eu passava metade dos dias lamentando o fato de Chewbacca ser o meu professor e vizinho enquanto ela os fantasiava... Céus, isso

era loucura!

Meu cérebro, no entanto, não concordava comigo, pois, em uma fração de segundo, a imagem das mãos grandes de Adônis me segurando pela cintura se formou na minha imaginação, causando um suave arrepio que percorreu os braços e nuca. Minhas bochechas queimaram instantaneamente. Por Jon Snow, o que estava acontecendo?

— Eu acho que você é doida. Ainda não acredito que o convidou para a festa.

Sophia tombou a cabeça para trás, gargalhando gostosamente. Ela ficava muito bonita fazendo isso, com os enormes cabelos cacheados caindo pelos ombros e os dentes perfeitos reluzindo.

— Ah, você tinha que ver a cara dele. Foi tão engraçado!

— Posso imaginar... — A garota de cabelos tingidos deu uma risadinha nervosa. — Não é sempre que alguém chega e pergunta “Professor, que tal uma passadinha na Cabô Caqui hoje à noite?”. Sério, Soph, você tem parafusos faltando!

Elas voltaram a rir com entusiasmo, enquanto eu lutava para tirar a expressão de surpresa do rosto. Mesmo sem admitir, senti uma estranha pontada na boca do estômago. Para mim, sempre existiu a certeza de que o ódio por Adônis era unânime. Afinal de contas, em sala de aula ele era um verdadeiro pesadelo. Especialmente comigo. De fato, ele agia muito pior comigo do que com os demais. Mas quem sabe existissem pessoas que fossem o oposto? Pessoas que ele tratasse da maneira como me tratou em seu apartamento? Quem sabe ela, inclusive, fosse uma dessas pessoas?

Mordi o lado de dentro da bochecha, subitamente mal humorada. Olhei para o livro esquecido em minhas mãos e o fechei de uma vez, perdendo a vontade de ler. Algo sobre ela ser linda, desinibida e a fim do Chewbacca soou como um insulto. Eu não queria pensar muito sobre o porquê de estar me sentindo daquela maneira, mas não tinha o que ser feito quando o meu sangue simplesmente borbulhava.

— Becca? — sobressaltei-me ao ouvir a voz de Pábila. Olhei por cima do ombro e a encontrei de braços dados com Arthur. Os dois caminhavam com tranquilidade em minha direção. — Já saiu da aula?

No mesmo instante, desejei ter uma capa da invisibilidade para me esconder. Eu jamais deixaria de me arrepender por ter ligado bêbada para ela, fingindo estar apaixonada. Desde então, as coisas tinham ficado um pouco esquisitas entre nós. Mesmo comigo e Arthur explicando ser uma brincadeira, ficou parecendo que era apenas uma desculpa pós-rejeição.

A situação como um todo tinha servido como motivação para a listinha a qual escrevi na minha agenda pessoal, intitulada como COISAS PARA NUNCA MAIS FAZER.

Isso mesmo, em caixa alta.

Nela, existiam apenas dois itens: ficar bêbada e jogar Verdade ou Consequência.

— Estávamos em prova. Terminei a minha rapidinho. E vocês, o que estão fazendo aqui fora? — indaguei desconfiada, conferindo as horas no relógio só para ter certeza de ser muito cedo.

— Não é nada disso que está pensando, espertinha — brincou Arthur. — Tinha seminário e só faltava a apresentação de um grupo. Fomos liberados mais cedo. Aliás, foi bom te encontrar. Queria mesmo falar com você. Consegui carona com uma menina da minha sala. Você e eu vamos embora na frente para levar sua bicicleta, e elas nos pegam lá, né, Pábila?

Ela balançou a cabeça, fazendo os cabelos loiros cintilarem com a luz vinda das salas de aula.

— Mas e Nataly?

— Vai com o pessoal da sala dela. Já me mandou uma mensagem avisando.

— Ele estreitou os olhos, estudando-me com atenção. — Você está legal?

— Estou. Por quê?

— Sei lá, sua cara está estranha. Meio pálida.

— Deve ser fome. Vou aproveitar para beliscar aquele macarrão delicioso que você fez — desconversei, finalmente me levantando. O que menos queria era que soubessem da profusão de sensações engraçadas com as quais eu mal podia lidar.

Jogamos conversa fora por algum tempo, sem que eu conseguisse tirar os pensamentos de Adônis e da conversa que ouvira a respeito dele. Mesmo depois, enquanto empurrava minha Caloi, caminhando ao lado de Arthur em direção aos blocos da UEM, Chewie insistia em ocupar cada pedacinho da minha mente.

A ideia de que ele fora convidado a ir para uma festa por uma aluna me tirava do sério, mesmo sendo difícil de admitir para mim mesma. Porém, lutei para não esquentar com isso, com o consolo de que as chances de ele aceitar o convite eram minúsculas.

Ou, ao menos, é como eu gostaria que fossem.



Capítulo 26

*Já é meia-noite e estou tão acabada
Estou pensando o quanto eu preciso de você
Mas você realmente quer outra pessoa*

Sky Ferreira – You're not the one

Beberiquei a cerveja quente do meu copo descartável, franzindo o nariz quando o gosto amargo tocou a língua. Como alguém podia *pagar* para beber aquilo? Era amargo como o inferno. Poderia ser tranquilamente usada como instrumento de tortura. Aliás, era por isso que eu tomava o café sempre com leite, para suavizar o amargor — o qual, nem de longe, era tão gritante quanto o da bebida em minhas mãos.

Fiz a milésima varredura da noite pela Cabô Caqui, a procura do rosto conhecido de Chewbacca. Apesar de tentar me convencer de que ali seria o último lugar onde poderia encontrá-lo (ele não fazia exatamente o tipo sociável), a

ansiedade corroía meus ossos. Só de cogitar a hipótese, já sentia uma comichão nas entranhas.

— O que você vai fazer no recesso de Páscoa, Becca? — Lily perguntou, buscando-me para a realidade.

Pisquei algumas vezes, situando-me novamente. Ao meu redor, os rostos conhecidos de Nataly, Pábila, Arthur e Pedro me encaravam com expectativa. Estávamos todos apertados perto do bar improvisado, tendo em vista que metade da UEM parecia estar naquela festa.

— Vou voltar para a minha cidade. — sorri. Apenas dois dias me separavam de ser paparicada ao extremo em Santa Cruz do Rio Pardo. Saber que poderia finalmente matar a saudade dos meus avós me reconfortava, afinal, a saudade era uma companhia fiel no dia-a-dia. — E vocês?

— Eu também. Não vejo a hora! — falou ela, logo antes de abrir um sorriso gigante, emoldurado pelos lábios cheios que deixariam Kylie Jenner no chinelo.

— Eu vou ficar — Arthur murmurou, emburrado. Não pude deixar de pensar que jamais o tinha presenciado ao telefone, conversando com os pais. Ao contrário de Lily, que ligava quase todos os dias para a irmã, por exemplo. E até mesmo de mim, pois costumava falar com os meus avós pelo menos uma vez na semana.

Não tive a oportunidade de ouvir os planos de mais ninguém, tampouco de continuar refletindo sobre a relação do meu amigo com a família. Meus olhos foram atraídos como ímã para o cabelo azul turquesa pouco mais à frente. Instantaneamente, meu coração deu uma forte guinada dentro da caixa torácica e me repreendi por ser tão idiota. Era a amiga da tal Sophia, a qual havia convidado Adônis para a festa. Suspirei aliviada ao constatar que ela vinha logo atrás da amiga, sozinha. Não tive muito tempo para comemorar, no entanto, pois em uma fração de segundo, Chewbacca apareceu no meu campo de visão, deixando-me inteira gelada.

O quê?!, pensei atônita, sem conseguir acreditar no que os meus olhos me mostravam. Fisguei o lábio inferior com força, arrancando uma lasca sem nem ao menos perceber.

Então, no momento seguinte, fui atingida em cheio por desapontamento. Eu sabia que não existia uma razão para isso, afinal não era como se nós dois fôssemos grandes amigos, ou algo próximo disso. Na verdade, nossa relação era a pior possível e isso só me deixava com mais raiva da situação toda.

Onde eu estava com a cabeça? Seduzindo-me por ideias que a) eram perigosas demais e b) não condiziam minimamente com meus objetivos. Não condiziam com quem eu era, em primeiro lugar. Jamais fui uma garotinha apaixonada e isso não poderia mudar agora.

Mas que droga, eu disse apaixonada?

Não quis dizer isso, claro que não. Apenas me expressei mal.

— Meu Deus, Rebecca, o que houve com os seus lábios? — Arthur perguntou e notei seus olhos ligeiramente mais abertos.

Instintivamente, levei a ponta dos dedos até a boca e os tirei pintados de vermelho vivo. Eu definitivamente precisava parar com aquele mau hábito.

— Droga, preciso ir ao banheiro — murmurei, apenas para fugir de mais perguntas.

Bom, ao menos foi como tentei me convencer. No fundo, sabia que queria apenas fugir da visão privilegiada de Adônis conversando tão animado com Sophia.



Depois de alguns copos, até que o gosto da cevada ficava interessante, para ser honesta. E, ao contrário do me garantiram sobre a cerveja ser quase inofensiva por possuir um baixo teor alcóolico, eu me sentia como se estivesse eternamente no *looping* de uma montanha russa — rodando sem parar, a cabeça aérea e os pensamentos leves, fluidos... Aproximava-me perigosamente daquele ponto crítico em que ria um pouco além do necessário e fazia coisas estúpidas.

Isso não é bom, pensei, mas menos de um minuto depois já estava ocupada em rir desenfreadamente de Nataly imitando Arthur com perfeição. De olhos redondos como pires e a coluna um pouquinho curvada, ela caminhava lentamente de um lado para o outro, arrancando gargalhadas de todos nós.

— Você não presta! — Pábila deu um tapinha no braço de Lily. Ela fez cara de ofendida no mesmo instante, exagerando no sotaque arrastado para responder.

— Jesus, Pábila! O que deu em você?

Quase cuspi a cerveja que tinha acabado de beber. Aquilo era tão ele! Apertei os joelhos um no outro para evitar uma catástrofe, pois segurava o xixi há tanto tempo. A última vez em que fora ao banheiro, tinha levado meia hora e, por isso, adiava ao máximo a próxima ida. Se eu precisaria enfrentar aquele mar de gente

outra vez, que fosse quando estivesse no limite. Mas, pensando bem, talvez fosse o momento certo. Eu tinha rido tanto que, por um segundo, quase não fui capaz de conter a vontade.

Foi por pouco, meu subconsciente sussurrou aliviado e concordei, decidindo não abusar mais da sorte.

— Estou indo ao banheiro, alguém mais quer ir? Nataly, Pábila? — As duas negaram com a cabeça, apesar de Pábila ter feito uma expressão engraçada. — Eu juro que não vou te molestar! — disse, olhando para ela. — Só não quero... hic... enfrentar esse longo caminho sozinha.

Pude ver em sua cara de assombro e nas gargalhadas dos demais que eu tinha falado o que não devia. Acenei com a mão como quem dizia “deixa pra lá” e me afastei, perguntando-me quão arrependida ficaria no dia seguinte por ter dado outra chance para o álcool.

Chegar ao meu destino foi uma verdadeira aventura. Porém, isso não foi nada comparado à difícil tarefa de tentar me equilibrar para não encostar, de forma alguma, na privada cujo estado era deplorável. O problema de ficar bêbada estava no fato de que me manter equilibrada era semelhante a ganhar na loteria — bem difícil. Meus joelhos tremiam como galhos de uma árvore em uma tempestade, enquanto eu fazia o xixi mais interminável da minha vida.

Ao sair do cubículo imundo, uma fila enorme já tinha se formado na porta. A maioria me lançou um olhar feio, de quem se encontrava apurado e não suportava mais a angustiante espera. Eu sabia como eles se sentiam.

Como o banheiro ficava dentro da Cabô Caqui, era preciso atravessar a sala para chegar ao quintal, onde a festa realmente acontecia, e também onde os meus amigos me esperavam. Contrastando com a varanda, no entanto, o lado de dentro achava-se praticamente deserto, com exceção de algumas poucas pessoas descansando nos sofás, fumando os cigarros (sim, eu sei) e pensando na vida.

Eu estava a um passo da porta quando senti alguém pegar no meu bumbum. Foi tão rápido que poderia ter julgado como um acidente, caso não estivesse no único lugar da república onde isso era improvável. Foi por essa razão que olhei por cima do ombro e me deparei com um rapaz de expressivos olhos azuis sorrindo para mim.

— Você é muito bonita, sabia? Lembra a Zooey Deschanel, mas com olhos verdes!

Pisquei os olhos, emudecida, tentando decidir se ele realmente não percebeu o que tinha acabado de fazer, ou simplesmente era um descarado fingindo que nada tinha acontecido.

— Eu me chamo Hugo. Moro aqui. — Um sorrisinho brotou nos lábios finos.
— Qual o seu nome?

— Rebecca — respondi, dando um passo para trás instintivamente e cruzando os braços sobre o peito.

— E você é caloura, mocinha? Nunca te vi antes.

— A UEM é muito grande — disse séria, arrancando uma risada dele. Não era preciso ser um gênio dos sinais corporais para entender o meu desconforto. Mas Hugo parecia incapaz de enxergar qualquer coisa. Talvez tivesse bebido demais.

— Bem observado.

— Bom, meus amigos estão me esperando lá fora. Vou andando... — ameacei dar o primeiro passo, mas ele me segurou pela cintura, puxando-me contra si.

Arquejei, estarrecida com a situação.

— Eles não vão sentir sua falta. Fica mais um pouquinho aqui comigo, quero te conhecer melhor.

Com as minhas mãos, tirei as dele de mim. Eu nunca havia passado por nada minimamente semelhante, por isso não sabia ao certo como agir. Ainda mais com a cerveja me deixando ligeiramente burra. Respirei fundo e tentei ser enfática na resposta.

— Não estou interessada.

— Qual é, bonitinha! Não seja esnobe. Sou seu anfitrião, mereço um pouquinho de atenção.

Pelo amor de Yoda, qual era a dificuldade dele entender? Cansada de perder meu tempo com Hugo, rolei os olhos nas órbitas, virando-me para seguir o meu caminho.

Ele, por sua vez, não estava disposto a colaborar. Novamente suas mãos foram parar em mim, forçando-me a ficar de frente para ele. A força nos braços estava um pouco maior.

— Ah, pelo amor de Deus, será que você é mesmo tão inconveniente assim?
— atirei, dando tapinhas em seu peito, ao que ele apenas ria, divertido.

Argh, babaca idiota!

Foi então que uma voz conhecida penetrou meus tímpanos, deixando-me desnorreada.

— Donzela? Até que enfim, te procurei em toda parte. Ainda vai querer a carona? Estou indo embora agora.

Parado atrás de Hugo estava um Chewbacca de tirar o fôlego. Vestia uma camisa branca aberta nos primeiros botões e, para a minha surpresa um chapéu preto na cabeça, o qual contribuiu muito para o calafrio que percorreu minha espinha. Como eu não tinha reparado no chapéu quando o vi horas antes? Aquela visão era desconcertante!

Encarei-o sem conseguir disfarçar a confusão em cada centímetro do rosto. Adônis piscou para mim, indicando o rapaz que me segurava com um breve acenar de cabeça. Foi o suficiente para eu perceber sua intenção — ele tentava me ajudar. Suspirei aliviada, aproveitando o momento para me soltar pela segunda vez das garras daquele bêbado sem noção.

— Que bom! Quero a minha cama desesperadamente — admiti, ignorando o olhar perplexo que Hugo lançava de mim para Chewie. Nem me importei em dar tchau para ele. Aproximei-me do meu vizinho, sentindo-me protegida por seu tamanho avantajado.

Esperei estarmos longe o suficiente para quebrar o silêncio formado entre nós.

— Obrigada por isso — falei e ele assentiu.

— Disponha. — Observei-o esconder as mãos nos bolsos. — Falei sério, de toda forma. Estou indo embora. Quer vir comigo?

Meu coração parou brevemente.

— Eu...

— Não bebi, pode ficar tranquila. Estará segura.

Desviei a atenção para meu *All Star*, envergonhada. Esse detalhe nem ao menos tinha passado pela minha cabeça. Encontrava-me sem reação. Meus sentimentos estavam em ebulição e eu não tinha a menor ideia de como lidar com todos os pensamentos me bombardeando sem parar.

Quando subi novamente o olhar, encontrei as íris de Outono me queimando lentamente. Daquele jeito que ele sabia fazer tão bem. Mordi o lábio machucado sentindo uma pontada de dor e, impulsionada pelo momento — e um pouquinho pelo álcool, admito —, ouvi-me respondendo:

— Seria ótimo.



Capítulo 27

*Segredos que eu tenho mantido em meu coração
São mais difíceis de esconder do que eu pensei
Talvez eu só queira ser seu
Eu quero ser seu, eu quero ser seu*

Arctic Monkeys – I wanna be yours

Sentada confortavelmente no banco de passageiro, tive certeza de que Adônis possuía algum tipo de mania por limpeza. Nem mesmo vovô era assim, apesar do xodó enorme pelo carro.

Diferente do apartamento dele, no entanto, com seu perfume amadeirado; o automóvel tinha um aroma suave de lavanda, o qual identifiquei vir de um frasquinho sobre o painel. Não sabia dizer ao certo o porquê, mas sua organização excessiva era irresistível para mim.

Balancei a cabeça para silenciá-la e coloquei o cinto de segurança. Chewie se ocupava em passar freneticamente as músicas do *pen drive*. Ele parecia determinado a encontrar alguma faixa específica, não importava quanto tempo

permanecêssemos ali, no meio de uma rua deserta, na calada da noite. A vida tinha suas prioridades, certo?

Aproveitando o momento oportuno, enviei uma mensagem para Arthur.

Consegui uma carona, estou indo para casa.

A resposta dele chegou poucos segundos depois. Fiquei momentaneamente surpresa com a velocidade.

Rebecca, como assim? Com QUEM você está? E por que saiu sem falar nada? Você é LOUCA????

Não precisa se preocupar, está tudo ok. Festas são muito cansativas e barulhentas, acho que não nasci pra isso. □

Você é uma velha, hahaha.

Eu sei.

Mas quem está te levando?

Chewie deu partida exatamente quando eu ia começar a digitar novamente e, por isso, apenas guardei o celular no bolso. Não queria ficar tonta. Pelo menos não mais do que já estava.

Seus dedos tamborilavam o volante suavemente, seguindo o ritmo da melodia começando a se espalhar pelo carro. Eu não me encontrava no meu melhor

momento, por isso demorei a reconhecer qual era a canção. Mas sabia ser Beatles porque, bem, eles eram inconfundíveis.

Quando a letra começou, Adônis me surpreendeu ao acompanhá-la baixinho.

— *Eu deveria ter imaginado, com uma garota feito você, que eu adoraria tudo que você faz. E eu adoro. Hey, hey, hey. E eu adoro...*

Engoli em seco, com o coração batendo como uma britadeira. Pelo canto dos olhos, tentei buscar em seu rosto o menor indicativo possível que me respondesse o porquê daquela música em especial, dentre o vasto número que compunha a discografia da banda. No entanto, ele permanecia focado no trajeto, parecendo impassível. *Isso não significa nada, Rebecca. Pare de ver sinais onde eles simplesmente não existem!*

— *Então, oh, eu deveria ter percebido uma porção de coisas antes... Isto só podia acontecer comigo. Você não consegue ver? Você não consegue ver?*

Expirei o ar dos pulmões, incapaz de evitar que minhas mãos ficassem geladas feito picolés. Em um impulso, inclinei o tronco para frente, desligando o rádio com um pouco mais de violência do que pretendia. Eu precisava parar com aquilo antes que enlouquecesse. Adônis me confundia além da conta. Como era possível naquela mesma noite eu ter desejado matá-lo bem devagarinho e então ficar ofegante com a sua maldita voz grave cantando uma música romântica? Inferno, ele precisava se decidir!

Girei o rosto para o lado e o encontrei olhando para mim com curiosidade.

— Desculpa. É que a minha cabeça está doendo muito. — Bati com os indicadores nas têmporas, para dar ênfase à mentira.

— Quer passar na farmácia?

— Não precisa, tenho remédio em casa. Infelizmente isso acontece com certa frequência. — Essa parte era verdade. — Mais do que eu gostaria. Se a minha mochila estivesse aqui comigo, já teria resolvido o problema.

— Sério? — perguntou, desviando a atenção do trânsito para me olhar. Assenti com a cabeça e ele continuou. — Já foi ver isso?

— Não. — Dei de ombros. — São só dores de cabeça, nada muito dramático. Ele assentiu, sorrindo, e deixou meu estômago semelhante a um mar revolto.

— Você sabia que essas dores *não muito dramáticas* são a forma do corpo nos avisar que algo não está legal? Eu mesmo raramente tenho, donzela. Alguém na sua família usa óculos?

— Sim... Na verdade, todos. Por quê?

— Talvez seja a visão. Ainda mais lendo tanto. Negligenciar a saúde pode ser muito perigosos...

— Ok — interrompi-o. — Você venceu, vou aproveitar o recesso de Páscoa para marcar uma consulta, tá bom?

— Muito bem, é assim que se fala — Chewie piscou, causando uma nova comichão em mim.

Então me dei conta de que aquilo era uma verdadeira tortura. Nossa relação, como um todo, deixava-me perplexa. Como ele podia ser um ogro em sala de aula, mas fora dela agir daquele jeito que me deixava flutuando e sorrindo à toa? Pelas flechas de Katniss Everdeen, a oscilação apenas tornava tudo mais complicado! Já era difícil à beça digerir as mudanças gritantes em meu interior, imagine então com aquela dupla personalidade irritante!

E isso sem contar que ele tinha ido para a festa na Cabô Caqui graças ao convite de Sophia. Quem era ela, em primeiro lugar? Ela já tinha dormido na casa dele, como eu? Ele já tinha preparado omeletes para ela? Ela, por um acaso, tinha tomado café nas canecas de dinossauros de Adônis? Aposto que não!

Meu Deus, como sou ridícula!

Mordisquei as bochechas, percebendo o quanto aquilo me tirava do sério. Não só pelo fato de ela ser linda, confiante e saber exatamente o que fazer diante das possibilidades, mas principalmente pela maneira como ele demonstrou estar entretido com sua companhia.

Meu sangue ferveu em uma velocidade surpreendente e, antes de ter a oportunidade de pensar melhor, perguntei com um pouco de raiva.

— Afinal, por que você estava nessa festa idiota?

Chewie me encarou chocado, dando seta para entrar na rua onde morávamos. Demorou um pouco para quebrar o silêncio desconfortável que se instaurou entre nós.

— Não sei. Fui convidado e pensei “por que não?”. A outra opção era ficar em casa com Castiel. Pelo menos poderia me distrair um pouco. Mas você deveria me agradecer, eu te ajudei!

Olhei para ele indignada.

— Eu sei, mas esse não é o ponto!

— E qual é?

Rebecca, pelo amor de Deus, cale a boca AGORA!, meu subconsciente gritou, horrorizado. Consegui recobrar o juízo a tempo, percebendo que quase tinha

feito uma besteira. Eu precisava ficar longe dele o mais rápido possível ou acabaria falando algo do qual me arrependeria irremediavelmente.

Por sorte, havíamos estacionado e Adônis resolveu deixar o assunto morrer, o que era muito delicado de sua parte. Soltei o cinto com urgência, querendo escapar logo daquele carro. Porém, quando fui tentar destravar a porta, descobri estar emperrada. *Era só o que faltava.*

— Não consigo erguer o pino — murmurei enquanto direcionava toda a força possível para os dedos, mas sem obter êxito algum.

— Ah, isso. Sempre deixo para depois e acabo me esquecendo. Vou abrir para você.

Não pude sequer raciocinar direito, pois ele inclinou o corpo sobre o meu, apoiando um braço no meu colo enquanto o outro foi direto à trava. Engoli em seco com o pescoço dele tão próximo do meu rosto. Meu corpo parecia ter se esquecido de como funcionar. Fiquei petrificada. Não ousava me mexer um milímetro sequer.

Céus, como ele é cheiroso, pensei, notando o seu pomo-de-adão subir e descer. Ele se mantinha concentrado, alheio ao turbilhão de sensações que causava em mim. Então, ao entortar um pouquinho mais a cabeça para a direita, a aba do chapéu roçou suavemente na minha testa, afastando a franjinha. Não houve um único pelinho da minha nuca que não ficou arrepiado para contar história.

O ar se tornou denso e minha cabeça pesou além do normal. De repente, parecia haver mil agulhas espetando meu corpo em lugares diferentes, porque eu não conseguia ficar quieta. Comecei remexendo as pernas, depois os braços, os dedos das mãos e estava quase chegando ao quadril quando ele conseguiu.

— Prontinho.

— Graças a Deus! — praticamente gritei, pulando para fora do carro mais rápido que o *Flash*.

Já do lado de fora, notei a sombra de um sorriso em seu rosto e me perguntei se levava mesmo tanto tempo para destravar a porta ou ele tinha demorado um pouco mais do que deveria.



Capítulo 28

*Quando há um fogo em seu coração
E um desejo interminável em seu coração
Que o deixa maior que o sol
Deixe crescer, deixe crescer
Quando há um fogo em seu coração
Não se sinta alarmado*

Death Cab for Cutie – You're a tourist

O meu bolso vibrou. Lembrei-me do meu celular e, consequentemente, de Arthur. Ao pescar o aparelho, descobri que o meu amigo tinha me mandando uma chuva de mensagens.

Não adianta me ignorar, não vou desistir!

Essa pessoa misteriosa é um HOMEM?

Rebecca, você não está fazendo o que eu acho, né????

Cadê aquele papo de “só vou namorar depois de me formar”?

REBECCA, EU ESTOU PRESTES A CONTACTAR UMA EQUIPE DE RESGATE!!! ME RESPONDE!

Meu Deus, eu não acredito que você está MESMO fazendo AQUILO. Minha bonequinha foi corrompida! □

Foi impossível segurar o riso. Era por situações assim que eu já amava Arthur. Decidi deixar para explicar tudo quando nós dois estivéssemos pensando com clareza. Por isso, limitei-me a digitar uma resposta só para tranquilizá-lo.

Os planos ainda são os mesmos. Não aconteceu nada disso que está imaginando. Você continua sendo o perverso dessa relação. Conversamos quando vocês chegarem, bjs.

Meu vizinho tinha acendido um cigarro enquanto estive distraída com as mensagens. Caminhamos até a entrada do bloco G sem trocar palavra alguma. Os únicos sons presentes vinham do farfalhar das folhas nas árvores, dele soprando a fumaça dos pulmões e do meu coração batendo desenfreadamente.

— Você me chamou de Chewbacca hoje! — exclamou em determinado momento, com um tom divertido.

Esfreguei o rosto com as mãos, rindo sem me importar. Eu costumava ser uma pessoa calma. Era difícil me tirar do sério, de modo geral. Ele, no entanto,

conseguia esse feito com facilidade. Desde o nosso primeiro encontro, para ser honesta. Era como se me deixar descontrolada fosse uma habilidade especial de Adônis.

— Parece que descobriu o apelido secreto — admiti.

— Carrasco já não era o suficiente?

— Para os outros, talvez. Para mim sempre foi Chewie.

— *Sempre?*

— Desde que te conheci nas escadas e você foi tão *amável* comigo.

Ele jogou a cabeça para trás, em uma gargalhada contagiosa. Eu adorava a forma como seus olhos se estreitavam quando fazia isso.

— Você é impossível.

— Eu? — Arfei, atônita. — Você foi o maior grosso da história, sem nem me conhecer!

— Não vamos remoer o passado. — Ele piscou, com um sorriso torto no rosto. — O presente tem uma gama de possibilidades, então por que nos apegar ao que é imutável?

Apesar do tom suave e ligeiramente brincalhão, senti uma pontada de verdade em suas palavras. Era como se ele não se referisse especificamente ao dia em que nos conhecemos. Adônis deu uma última tragada e soltou a guimba no chão, pisando sobre ela com a ponta do coturno. Como permaneci emudecida, ele considerou o momento oportuno para voltar ao começo da conversa.

— Mas por que o Chewbacca?

— Ele é peludo e rosna o tempo todo, exatamente como você — soltei, aproveitando a pouca intimidade que já havíamos estabelecido. Ele separou os lábios, arqueando as sobrancelhas grossas.

— Peludo, hein?

— Você não vai ficar chateado por isso, né? — provoquei, rindo baixinho. — Sabe que são fisicamente parecidos.

— Certo. — Assentiu com uma expressão travessa no rosto. — Mas ele também é leal e destemido!

— E impaciente.

— Mesmo assim, todo mundo o adora.

— Isso é o que você está dizendo — sorri, começando a subir os degraus com ele logo atrás de mim.

Sua proximidade mexia comigo, tal como dentro do carro. A cada passo dado, sentia sua respiração ricochetear contra a nuca e era preciso muito autocontrole para não deixar transparecer a maneira como meu corpo reagia. Era uma loucura! Meus membros se assemelhavam a uma máquina desgovernada. Os joelhos tremiam, as canelas perdiam a força, os pelos eriçavam todos de uma vez. Eu jamais tinha experimentado nada minimamente parecido para ter como base e, por isso, achava-me em desvantagem.

Faltando apenas um lance da escada para chegarmos ao último andar, minhas pernas ficaram tão moles que embolei os pés e caí para trás. Depois disso, foi tudo rápido demais para acompanhar. Em um segundo estava no ar e, no seguinte, tinha braços ao meu redor e um tronco muito sólido me suportando. Seu peito subia e descia no mesmo compasso no qual as lufadas de ar roçavam minha pele. As mãos frias me abraçavam com firmeza, impedindo-me de me afastar novamente. Mas, ainda que não estivessem ali, eu não teria arriscado um único passo. Ele apoiou o queixo no meu ombro suavemente, enfeitiçado pelo momento assim como eu. Sem pensar muito, fechei os olhos, apreciando tê-lo tão próximo de mim, apreciando a forma como me encaixava nele tão bem. Até que senti uma coisa lá em baixo, perto do bumbum, que não estava ali um segundo antes e... PELO AMOR DE YODA, NÃO ERA O QUE PENSAVA, ERA?

Como se tivesse lido meus pensamentos, Adônis se mostrou consciente da pequena mudança que tinha acabado de acontecer, soltando-me de uma só vez.

— T-tome cuidado — sussurrou com a voz falha, pigarreando em seguida. — Se eu não estivesse aqui, teria se machucado.

Incapaz de formular uma resposta, disparei pela escada como um raio. Comecei a tatear os bolsos dos meus shorts em busca das chaves antes mesmo de alcançar o patamar, apenas para ocupar a mente e não pensar no absurdo que acontecera há poucos segundos.

Nós ficamos abraçados.

No escuro.

No meio da escada.

Bastante tempo.

Droga, eu jamais conseguiria encará-lo novamente! Mas talvez tivesse sorte e o meu cérebro simplesmente apagasse esse evento das lembranças. Isso me deixaria eternamente grata.

Como na noite do trote, errei o buraco da fechadura vezes o suficiente para ele tirar o molho da minha mão, gentilmente. Com a diferença de que dessa vez não era tanto pelo álcool e sim pelo nervosismo.

— Me deixa te ajudar — disse, abrindo a porta logo em seguida com uma facilidade invejável.

Ainda vou precisar me despedir dele, pensei desanimada, com pavor de encarar os olhos desconcertantes. Irritava-me um pouco agir como uma garotinha assustada. Eu queria ser destemida como as heroínas das minhas fantasias, mas lidar com tudo aquilo era mil vezes pior do que empunhar espadas e batalhar em mil guerras.

Inspirei profundamente, juntando toda a coragem necessária para me virar de frente para Chewie. Demorei a encontrar a voz, até então perdida em algum lugar dentro de mim.

— Obrigada por... tudo. Por me dar outra oportunidade de recuperar a nota. E me ajudar na república. E pela carona. E também pela escada — atirei as palavras sem nem ao menos respirar. Porém, ao parar para pensar nas últimas, meu rosto ardeu intensamente. — Quero dizer, por ter me *segurado* na escada e impedido que eu quebrasse a costela, e não por te...

— Já entendi. — Sorriu, concordando com a cabeça, e levou as mãos aos meus ombros, deslizando-as pelos braços com suavidade, até que os dedos se fechassem ao redor dos pulsos. — Acho que precisa descansar. Foi uma longa noite.

— É, foi. Bem... Até mais, Chewie — murmurei, desaparecendo para dentro do apartamento sem dar a oportunidade para uma resposta.



Capítulo 29

*Eu tenho essa necessidade de você,
se formando no meu coração pulsante
Eu soube o significado na hora
Apenas ontem nós éramos apenas dois mundos a parte*

Banks – Warm Water

Ao contrário do que eu gostaria, as memórias da noite anterior não tinham me abandonado. Meu primeiro pensamento logo ao abrir os olhos foi que, por Deus, Adônis me fazia perder qualquer vestígio de sanidade. A lembrança dos seus braços me segurando com firmeza ainda me causavam arrepios intensos. Se eu me concentrasse bem, quase podia senti-lo expirando contra a nuca.

Mesmo depois de estar totalmente desperta, permaneci na cama, abraçando o travesseiro com força e repassando obsessivamente cada singelo momento na companhia dele. Meu estômago congelava e o coração acelerava conforme as imagens se formavam na minha cabeça. Alguns meses antes, eu jamais teria

acreditado se alguém me contasse a que ponto chegaria. Tinha passado de uma garota decidida a não se envolver com ninguém para uma que ficava suspirando. O que Chewbacca tinha feito comigo?

Droga, as coisas não podiam continuar assim. Eram um desvio de foco, afastavam-me dos meus planos principais. Mas, por outro lado, sua voz afinada cantando Beatles ressoava nos meus tímpanos como se ele estivesse do meu lado e eu esquecia no mesmo instante o motivo pelo qual não podia me deixar levar. Era tudo tão novo, tão inusitado. Normalmente as garotas da minha idade já teriam nutrido pelo menos três tipos de amores platônicos diferentes ao longo da vida. Mas eu não era assim. Era como se tivesse nascido com defeito de fábrica. E, embora parte de mim estivesse com receio justamente por ser um terreno desconhecido, outra parte estava tentada a ir em frente e descobrir mais e mais a respeito. Eu queria experimentar o quanto pudesse daquelas intensas sensações. O frio na barriga era delicioso e perigosamente viciante.

Como se já não bastassem as questões internas me atormentando, ainda tinha Arthur e Nataly. Eu achei que uma boa noite de sono afastaria da cabeça deles a minha carona misteriosa da noite anterior. Só que, para meu desânimo, as horas em que passaram pensando no assunto serviram apenas para aguçar a curiosidade. Logo quando saí do quarto, encontrei-os na sala ainda em seus pijamas, esperando pacientemente para me encurralar.

A princípio, fui ingênua o bastante para acreditar que conseguiria omitir quem tinha me levado de volta para casa. Porém, depois de ser bombardeada com uma profusão de perguntas cabeludas, percebi ser melhor narrar detalhe por detalhe da noite anterior, antes que a imaginação fértil deles preenchesse as lacunas por mim.

Comecei do momento em que os vi pela última vez, durante a imitação de Nataly; depois veio o inconveniente momento com Hugo e a ajuda de Adônis. Senti-me no direito de esconder a música no carro, assim como a nossa proximidade na escada e o que aconteceu enquanto estávamos abraçados. Eles provavelmente entrariam em polvorosa e acabariam ampliando os acontecimentos consideravelmente. Eu não me sentia preparada para lidar com isso. Não quando nem ao menos compreendia as mudanças em mim. Por isso, inventei uma versão da história em que apenas nos despedíamos brevemente e eu subia sozinha, deixando Chewie para trás, ocupado com o seu cigarro de menta.

— Nunca mais faça isso, Becca! — gemeu Arthur assim que terminei. — Não confie nas pessoas assim, ainda mais sem avisar ninguém. O que nós falaríamos

para os seus avós se você fosse encontrada no meio de um matagal daqui uma semana, hein?!

— Que horror, Arthur! — Joguei uma almofada na cara dele, estarecida. — Você está sendo drástico e mórbido! Estamos falando do nosso professor, que por sinal mora no apartamento da frente.

— Mas e se não fosse ele? E se fosse alguém com intenções ruins? — insistiu.

— Daí eu não teria aceitado, né? Pare de me tratar como se eu fosse uma criança! Posso ser um pouco ingênua, mas não sou burra.

— Não fica brava, Becca — Nataly falou, com as sobrancelhas espessas unidas. — Nós só ficamos preocupados. Você desapareceu e mandou uma mensagem sem explicar muito bem o que tinha acontecido. Da próxima vez, tente avisar antes, pode ser? Somos seus veteranos e queremos cuidar de você.

Minhas bochechas esquentaram de vergonha. Vendo por aquele lado, eu realmente tinha errado. Se tivesse feito aquilo com os meus avós, por exemplo, provavelmente eles não teriam hesitado em chamar a polícia. Suspirei pesadamente e os encarei, consternada.

— Desculpa. Fui uma péssima amiga, prometo nunca mais sumir assim. Fiquei tão animada em poder vir para casa que não pensei direito. Ainda mais depois daquele babaca ter praticamente me agarrado.

— Eu conheço o Hugo, ele é levado mesmo. Ainda mais quando está bêbado... — Lily girou os olhos nas órbitas. — Mas a grande questão aqui não é essa. Quer dizer então que Adônis te trouxe, hein?

Os dois se entreolharam ligeiramente e senti o sangue esquentar de ciúmes. Como odiava aquela maldita forma que tinham de se comunicar! Cruzes, era péssimo sentir aquilo, mas eu não queria que eles fossem tão íntimos como eram. No mesmo instante, algo iluminou seus olhos e percebi que estávamos caminhando para uma direção perigosa.

— Te acolheu por uma noite inteirinha, se ofereceu para dar carona... — ela continuou, de maneira maliciosa.

— E por falar nisso, não era com ele que você estava ontem no intervalo?

Era exatamente por isso que eu não contava todos os detalhes para Nataly e Arthur. Imagine só se eles soubessem que Chewie havia preparado um café da manhã completo para mim? Além de ter me deixado dormir na cama dele! E se eles sonhassem com o incidente da escada... que Gandalf me livrasse disso! Aqueles

dois eram perversos, tinham mentes perversas e faziam perversidades! Tudo bem, fui enfática o suficiente. Mas eles, de fato, eram! Eu sabia que faziam aquilo somente para me provocar. Malditos, e eu ainda os considerava meus amigos.

— Vocês são ridículos. Os dois. E seja lá o que estejam tentando insinuar, é igualmente ridículo! — afirmei, tentando fazer pouco caso.

— Ihhh, ela ficou nervosa! Alguma coisa tem! — O sorriso de Nataly dobrou de tamanho.

— Será que andou acontecendo alguma coisa que não sabemos, Lily?

— Quem diria! A Becca, toda delicadinha, com um *homão daquele*! Me conta: como ele é sem roupas? É tão gostoso quanto aparenta?

— Quão longe vocês já foram, Becca?

Meu Deus!

Tampeei o rosto com as mãos e desejei, com todas as forças, desaparecer dali. Embora soubesse que eram apenas brincadeiras para me atormentar, eu não conseguia não me envolver, se é que fazia algum sentido. Queria ser uma avestruz, só para poder enterrar a cabeça no chão e me livrar daqueles comentários. Desejava que eles não estivessem tão certos sobre os meus sentimentos, porque ouvi-los brincando sobre aquelas coisas guardadas tão fundo dentro de mim soava como a confirmação de tudo o que eu ainda temia tanto. A confirmação de que se um dia eu havia nutrido sentimentos ruins por Adônis, a realidade já não era mais essa.

O problema estava em saber — ou simplesmente aceitar — *o que* eu sentia agora.



Capítulo 30

Pois eu, eu só penso em você
Já não sei mais por que
Em ti eu consigo encontrar
Um caminho, um motivo, um lugar
Pra eu poder repousar meu amor

Los Hermanos – Fingi na hora rir

Saltei no lugar ao ouvir o sinal reverberando pelas paredes da UEM. Com o coração acelerado, atirei todos os materiais para dentro da mochila em um passe de mágica, deixando apenas a agenda e uma caneta para trás. Quanto menos tempo eu precisasse ficar ali sozinha com Chewbacca, melhor. A vergonha pelo que tinha acontecido na escadaria corria pelas minhas veias ininterruptamente. Cada vez que eu me lembrava dos braços dele em volta de mim, queria poder ter a chance de nunca mais voltar a encontrá-lo novamente. Isso era uma besteira, né? Logo eu,

que sempre me admirei Katniss Everdeen, estava me escondendo dos meus problemas?

Respirei fundo, levantando da cadeira sem muita vontade. Gostando ou não, precisava encarar a situação. Era minha nota que estava em jogo, no fim das contas. No entanto, mesmo tendo essa certeza dentro de mim, meu corpo não colaborava. Todos os membros passaram a ter o dobro do peso, tornando difícil a simples tarefa de caminhar até a mesa do meu professor. Parecendo um velho robô enferrujado, arrastei-me com dificuldade. *Vamos lá, Rebecca, você consegue*, meu subconsciente me incentivou.

Sentado tranquilamente em sua mesa, Adônis estava indiferente ao quanto me desconcertava. Mantinha-se ocupado escrevendo qualquer coisa na pasta dos alunos e só notou a minha presença quando finalmente parei de frente para ele, pigarreando nervosamente.

Nossos olhares se encontraram e engoli em seco. Será que ele também havia passado o dia retomando os acontecimentos na cabeça, como eu fizera? Será que aquilo mexera tanto com ele como comigo? Quero dizer, era só me observar atentamente para perceber que algo me perturbava. Pequenos detalhes denunciavam a confusão dentro de mim, como os lábios em frangalhos de tanto mastigá-los, arrancando sangue pelo menos cinco vezes ao dia; o rosto ficando vermelho a cada meia-hora, que era a frequência com a qual eu pensava em Chewie; minhas mãos tremendo suavemente e o estômago revirando como uma centrífuga.

— Está tudo bem? — ele perguntou, com uma expressão preocupada.

— C-claro. Estou ótima. Muito bem, obrigada. Não podia estar melhor. Maravilhosamente bem. Nossa, é incrível o quanto estou me sentindo bem! — balbuciei, sem conseguir parar de falar como uma matraca. Notando que as suas sobancelhas tinham se unido, complementei. — Por quê?

— Não sei... Está meio verde.

— Verde? — Espiei o meu próprio braço, assustada. — Como assim verde?!

Adônis não pareceu ouvir a pergunta. Continuou me observando atentamente, tentando descobrir o que tinha de errado comigo.

— Seu olhar...

— O que tem ele?

— Está vidrado. Aliás... — Estreitou os olhos. — O que aconteceu com a sua boca?

— Eu... Eu...

— O que seus amigos andaram te dando, donzela? — perguntou de repente, como se tivesse acabado de ter um estalo. — Andou provando alguma coisa *ilícita*?

Meus lábios se separaram ligeiramente no tempo em que eu usei para compreender sua pergunta. Deixei minha agenda sobre a mesa, encarando-o perplexa. Coisa ilícita? Tipo... drogas?

Por Daenerys Targaryen, pensei, isso está piorando tudo.

— Espera. O quê? — Indaguei. — Você acha que... Céus, não! Não usei nada. Nunca faria isso. Estou perfeitamente normal. Só não dormi muito bem e ainda não me recuperei totalmente da ressaca. Enfim, nada muito preocupante.

Ele encolheu os olhos, suavizando a expressão no mesmo instante.

— Eu te acordei de novo?

— Não. — Balancei a cabeça. Droga, por que ele estava tão falante? Justamente quando o que eu mais queria era pegar o maldito trabalho e sair correndo dali? — Não foi por isso. Foi outra coisa, foi... — Suspirei, com as bochechas em combustão. — *outra coisa*.

Então a sombra de um sorriso pincelou os seus lábios e algo dentro de mim deu cambalhotas. Argh, Chewbacca me tirava do sério! Ele adorava me provocar daquele jeito, qual era o problema dele?

— Não importa, de qualquer forma — murmurei. — Estou aqui por causa do trabalho extra.

— Ah, sim. — Ele sorriu, inclinando-se para a pasta de couro e remexendo até encontrar uma folha única, a qual me entregou. — Serão todos neste molde.

Desviei a atenção para a atividade e descobri ser uma das interpretações de música com proposta textual. Ele as adorava.

— Eu entrego quando?

— Na próxima aula, como combinamos.

Empertiguei-me no lugar, mirando os olhos de Outono com atenção.

— Mas é feriado de Páscoa! Vou para a minha cidade, ficar com os meus avós.

Com uma expressão impassível, Chewie deu de ombros.

— E daí?

— Nenhuma chance de você adiar a data? — Ele negou com a cabeça antes mesmo de eu terminar a pergunta, por isso prossegui. — Por favorzinho, só dessa vez! Vamos, não vai fazer mal para ninguém!

— Donzela... — Adônis me lançou um olhar complacente. — É um recesso de quatro dias. Acho que dá tempo de ficar com os seus avós e fazer o trabalho, não? Aproveite os novos ares para se inspirar.

Mordi o lado de dentro da bochecha, assentindo com a cabeça. Tudo bem, não era como se eu precisasse fazer uma monografia durante a viagem, fora que eu realmente teria tempo de sobra. E, além disso, ele tinha respondido sem me dar uma patada, como normalmente acontecia quando estávamos ali naquele ambiente.

— Certo — respondi, tateando a mesa para pegar minha agenda. — Tudo bem, então. Feliz Páscoa!

— Não tão feliz, na verdade — falou em um sussurro. — Sem ninguém com quem cruzar pelas escadas... será bem chato. — Chewie piscou para mim e um sorrisinho entortou seus lábios para a direita.

— Eu... — minha voz morreu no ar, quando me dei conta do que estava implícito em suas palavras. Que tipo de prazer sádico ele tinha em me deixar com o rosto queimando de vergonha? Eu queria poder depilar todo aquele pelo facial com cera quente só para ele ver o que era bom!

Sem pensar muito bem, virei de costas em um rompante, disparando para fora da sala como se tivesse acabado de ver um fantasma.



Foi só na tarde seguinte que percebi o grande equívoco cometido. Mais precisamente quando decidi começar a arrumar a bagagem para viajar. Eu tinha o hábito de anotar cada coisinha que resolvia levar na mala, a fim de conferir se estavam todas lá, antes de voltar para casa. Isso era estritamente necessário, pois eu costumava esquecer meus pertences por onde quer que fosse.

Foi por isso que vasculhei a minha mochila em busca da agenda e, ao abri-la, qual não foi minha surpresa ao me deparar não com minha letra grandalhona e redonda demais, mas sim com a caligrafia sóbria e ligeiramente inclinada para a direita, de Adônis? Eu não reparei a existência outra agenda sobre a mesa dele

quando fui perguntar sobre o trabalho extra. No entanto, mesmo se tivesse visto, poderia ter me confundido, já que as duas eram idênticas — capa de couro sintético preto, sem nenhum detalhe para identificá-las. Aliás, talvez fosse uma boa hora para providenciar isso.

Raspei o polegar pelas quinas da agenda, tentada a abrir e ler linha por linha. Era muito provável que não encontrasse nada além de anotações cotidianas, eu sabia, mas o desejo de conhecer um pouco mais sobre Chewie me instigava a ir em frente. Ao parar para pensar nele, percebi que provavelmente ainda não percebera a troca, caso contrário já teria me procurado. Afinal de contas, não era preciso saber muito sobre ele para perceber o quanto era reservado.

Foi ao pensar nisso que desisti da ideia de bisbilhotar. Embora a curiosidade fosse enorme, o clima entre nós parecia suavizar exponencialmente. Na noite anterior ele conversara de maneira amigável comigo, como costumava fazer somente fora da universidade. Tratava-se de um passo e tanto. Eu não podia jogar esse avanço fora de jeito nenhum.

Respirei fundo e me espreguicei, decidida a devolver. Ao passar pela sala, encontrei Arthur cochilando no sofá. Lily tinha viajado antes mesmo de eu acordar. Eu ficava triste em saber que meu amigo ficaria sozinho pelos próximos dias, já que Pedro também voltaria para a cidade natal. Recordava-me da nossa primeira conversa, quando perguntei se ele tinha saudades de Assis Chateaubriand e ele negara categoricamente, afirmando não existir nada lá para ele. Então me passou pela cabeça que, apesar de nos conhecermos tão bem, sabíamos muito pouco a respeito de nossas histórias.

Saí para o corredor com o friozinho na barriga que sempre precedia os encontros com Chewie. Abracei a agenda sobre o peito e, com a mão livre, toquei a campainha antes que acabasse amarelando. Os segundos se atropelaram uns nos outros e me vi apertando o botão mais algumas vezes antes de chegar à conclusão óbvia — ele não estava em casa. Tentei uma última vez e voltei para o quarto.

Se ele não voltasse a tempo, só conseguiríamos trocar as agendas na volta. Em poucas horas eu estaria dentro de um táxi, seguindo para a rodoviária e, depois disso, em uma viagem com destino a Ourinhos, onde os meus avós estariam me esperando. Acho que não comentei, mas não existia ônibus que fizesse a linha direta de Maringá/Santa Cruz do Rio Pardo e, por isso, nos próximos quatro anos, precisaria ser sempre daquela maneira.

Atirei-me na cama, ponderando as possibilidades (que não eram muitas). Eu poderia deixar a agenda de Adônis com Arthur e pedir para ele entregá-la por mim, mas tinha certeza que o meu amigo não aguentaria devolver sem dar uma espiadinha antes. E, muito provavelmente, faria o mesmo com a minha.

Talvez eu pudesse deixar um recadinho embaixo da porta. Assim, se ele voltasse a tempo poderia me procurar e, se não voltasse, já ficaria avisado. Pulei da cama em um rompante. *Com certeza Hermione Granger lidaria dessa forma com seus problemas*, pensei, orgulhosa de mim mesma. Pesquei o caderno de dez matérias dentro da mochila, de onde destaquei uma folha. Sentei-me na cadeira e a escrivaninha balançou um pouco quando me apoiei sobre ela. Levei a ponta do lápis aos lábios, mordiscando-o. Uma carta para Chewbacca... como eu faria aquilo?

Caro professor, comecei, mas logo desisti e apaguei. *Formal demais*, meu subconsciente alertou.

Eu me sentia tão boba por travar com coisas corriqueiras, que muito provavelmente realizaria com tranquilidade se não se tratasse dele. Por que aquele simples detalhe mudava tudo? Por que pensar naquele rosto me deixava tão desnordeada?

Com Adônis na cabeça, meus dedos começaram a trabalhar sem que eu sequer me desse conta.

Chewie,

Talvez você não tenha percebido ainda, mas sua agenda ficou comigo. Acho que peguei por engano um pouco antes de fugir da sala de aula ontem à noite. Prometo não ler nada se você prometer o mesmo. Este é como um daqueles juramentos de mindinho e, portanto, inquebrável.

Não que tenha alguma coisa importante por lá, mas nunca se sabe, né?

Pretendo levá-la comigo para a minha cidade, só por garantia. Arthur costuma ficar realmente curioso quando está entediado e receio que estes quatro dias que passará sozinho possam surtir esse tipo de efeito. Então é melhor não arriscar.

Devolvo assim que eu estiver de volta. Desculpe pelo inconveniente.

A propósito, aproveitando que estamos falando — metaforicamente, é claro — sobre inconvenientes, quero me desculpar por uma coisa da qual não tive a oportunidade. Existe algo sobre as bebidas alcoólicas que deveria estar impresso nos rótulos: elas são malignas. É sério. O álcool vai parar na sua cabeça e enquanto

você dá risada pensando ser divertido, ele está te metendo nas maiores confusões. Eu não recomendaria nem para o meu pior inimigo. Tendo isso em mente, saiba que a memória de certa noite envolvendo vômitos dignos de filmes de terror e surtos psicóticos no banheiro foi sob efeito dele (há uma grande chance de você ter chegado a esta conclusão sozinho). Mas a grande questão aqui é: eu não me lembrava de nada!

Fui bombardeada há alguns dias com essas imagens embaraçosas e queria me desculpar pelo que te fiz passar. Na verdade, muito obrigada por me ajudar mesmo depois de eu ter te tirado do sério.

Estou te devendo uma.

Mas, por favor, não honre a fama de carrasco quando for cobrar o favor.

Dê um beijo no Castiel,

Rebecca. (Não donzela, nem princesinha).

Terminei de escrever com um sorriso largo no rosto e, depois de espiar o relógio e descobrir que eu tinha usado mais tempo do que poderia, corri para fora com urgência. Arrisquei uma última tentativa de tocar a campainha, porém ele claramente não estava lá. Mordendo o lado de dentro da bochecha, dobrei o papel em dois e o empurrei para dentro da porta, imaginando qual seria a reação de Chewie ao lê-lo.



Capítulo 31

*Você vai rir, sem perceber
Felicidade é só questão de ser
Quando chover, deixar molhar
Pra receber o sol quando voltar*

Marcelo Jeneci – Felicidade

Estiquei as pernas na *chaise* do sofá, alcançando o controle e apertando o botão *play*. Inspirei profundamente, sentindo o cheirinho de pipoca sendo feita. Foi impossível evitar o sorriso largo brotar no rosto. Semanas já haviam se passado desde a mudança de cidade, porém a minha sensação era de como se nunca tivesse saído dali.

Tudo permanecia igual de um jeito que reduzia o meu coração ao tamanho de um grão de mostarda. Estar na companhia das pessoas a quem mais amava no mundo aumentava o peso da distância e me fazia temer o dia da despedida. Dessa vez eu sofreria bem mais, sabia disso, pois o frescor da novidade já havia

terminado. Aliás, tinha o pressentimento de que conforme o tempo passasse, ficaria mais e mais difícil voltar ao meu novo lar depois de cada visita. Balancei a cabeça, afastando os pensamentos. Não adiantava sofrer por antecendência. O melhor a se fazer era aproveitar minha curta estadia. Eu lidaria com a saudade depois.

Na televisão, Drew Barrymore, com os cabelos loiros em corte *Chanel*, atendia ao telefone. Eu já tinha perdido as contas de quantas vezes assistira ao filme *Pânico*, mas aquela cena continuava sendo a minha favorita. Prendi a respiração quando o assassino revelou estar na mesma casa.

— *Ainda não me disse como se chama* — falou, com tom de deboche.

— *Por que quer saber o meu nome?* — ela perguntou, dando uma risadinha nervosa.

— *Porque quero saber para quem estou olhando.*

Dei um pulo no lugar quando meu avô apareceu na sala sorrateiramente, com o balde de pipoca em uma mão e a garrafa de refrigerante na outra.

— Posso me juntar a você?

Sorri para ele, batendo com a mão no lugar vago ao meu lado, como um convite silencioso.

— Pode. Mas só porque trouxe comida, viu?

Vovô riu gostosamente, sentando-se a poucos centímetros de mim. Espiou a televisão e, ao perceber qual era o filme, balançou a cabeça em negativa com um sorriso largo.

— Você nunca cansa de *Pânico*?

— Já fazia um tempão que não via! — defendi-me, enterrando a mão na bacia e agarrando um punhado de pipoca.

— Um tempão? Nós assistimos na noite em que saiu o resultado do vestibular.

— Então! — Pisquei para ele e nós dois caímos na gargalhada.

Na televisão, o namorado de Drew Barrymore apareceu morto na varanda da casa dela, com as entranhas para fora.

— Ótimo filme para se ver em família, este. — Brincou vovô e, como resposta, recostei a cabeça em seu ombro, aconchegando-me. Ele até podia fazer piadinhas, mas isso não mudava a realidade. Era o meu maior companheiro cinematográfico.

Vovó ainda não tinha voltado do trabalho, porém, ainda que estivesse em casa, arrumaria uma desculpa para se esquivar caso a convidássemos a nos fazer

companhia. Diferente de nós, ela odiava filmes sangrentos e acreditava que eles “traziam uma energia negativa”, de acordo com as próprias palavras. Sempre que dizia isso, porém, vovô balançava a mão como quem dizia “isso é besteira” e piscava para mim, com cumplicidade.

Permanecemos em silêncio enquanto a personagem principal levava a primeira facada. Aninhei-me ainda mais contra meu avô, deleitando o momento. Quando ela por fim morreu, ele deixou um beijo no topo da minha cabeça, antes de falar.

— A ótica ligou há poucos minutos. Assim que acabar aqui, nós vamos lá buscar os seus óculos, tá bom?

Assenti, apanhando mais pipoca e ocupando a minha boca em mastigar. Chewbacca estava certo, no fim das contas. O seu palpite sobre as minhas dores de cabeça terem ligação com a vista foi certo. Comentei com vovó sobre elas logo quando cheguei, há dois dias, e ela conseguiu um encaixe com o oftalmologista da família sem dificuldades.

Eu já havia me consultado com o doutor Seizi, um atarracado senhorzinho japonês, umas duas vezes. “Exames de rotina”, dizia minha avó, cada vez que marcava algum médico para mim, sem um motivo aparente. No entanto, em nenhuma das ocasiões eu tinha saído com uma receita ocular para correção de miopia.

Fisquei o lábio inferior, incapaz de evitar as lembranças de meu vizinho maringaense, afinal, graças a ele descobri precisar dos óculos.

Peguei-me imaginando o que ele estaria fazendo naqueles quatro dias de recesso. Teria viajado ou permanecia recluso no apartamento, na companhia de Castiel? Desde a minha chegada a Santa Cruz do Rio Pardo, só fui capaz de pensar nele obsessivamente. Eu simplesmente não conseguia tirá-lo da cabeça. Os detalhes mais corriqueiros empurravam meus pensamentos para seus olhos ocre esverdeados, ou o sorriso torto. Minha mente arrumava a menor desculpa para se concentrar nele.



Separei os lábios em espanto quando desviei o olhar para uma árvore a poucos metros de mim e consegui reparar em cada folhinha chacoalhando com o vento. Involuntariamente, levei a mão direita à armação de acetato, deslizando-a alguns centímetros pelo nariz, para baixo e depois para cima. Sem óculos, com óculos. Sem óculos, com óculos. Sem óculos, com óculos.

Em nome de Obi-wan Kenobi, eu estava cega!, pensei, sem me importar em parecer uma louca no meio da rua. Estive cética desde quando doutor Seizi me informara sobre os meus dois graus de miopia em cada olho e, por isso, precisava providenciar os óculos com urgência. Na minha cabeça, existia a certeza de enxergar perfeitamente bem.

Ledo engano!

Ali, tendo a prova viva da vista antes e depois da correção, eu percebia o quanto minha visão estava desfocada. Sem os óculos, enxergava o mundo como o espelho cheio de vapor, depois de um banho quentinho.

Vovó me encarou, com um sorriso divertido no rosto. Meu avô e eu havíamos passado no salão de beleza dela para buscá-la, a caminho da ótica.

— Agora acredita no oftalmologista? — perguntou, lembrando-me de que eu havia verbalizado as minhas duvidas quanto à necessidade das lentes.

Minhas bochechas queimaram de vergonha.

— Tudo bem. Acho que ter estudado medicina por anos fez com que doutor Seizi soubesse um pouquinho a mais que eu, né? — perguntei, fazendo meus avós rirem de mim.

Ela afagou meu rosto carinhosamente, pouco antes de entrarmos no carro.

— Você não muda nada — sussurrou baixinho, entre risos.

Enquanto sacolejávamos no carro e eu lutava para me acostumar com a nova supervisão, meu celular vibrou e eu o pesquei no bolso dos *jeans*, deparando-me com uma mensagem de Arthur.

Qual é a nova?

Excelente timing, o seu. Acabei de sair da ótica. Estou usando óculos.

O quê?! Minha bonequinha predileta ganhou mais pontos na escala nerd? Isso era MESMO possível?

Ri em deleite, percebendo o quanto estava com saudades do meu amigo-tartaruga com cheiro de incenso.

Você é um insuportável, alguém já disse?

Mais vezes do que imagina, haha.

Vou demorar a me acostumar com os quatro olhos.

Mostra para mim! Aposto que continua linda.

Estiquei o braço em frente ao rosto, abrindo na câmera frontal e tirando uma *selfie*. Mandeí-a para o meu amigo logo em seguida. Sua resposta chegou alguns segundos depois.

Porra, você, sim, é uma insuportável. Quase me faz duvidar da minha sexualidade agora.

Fique sabendo que vou contar isso ao Pedro.

Eu te mato!

Estou tirando print da conversa...

Rebecca!!!

É brincadeira, hahaha.

Sinto sua falta. ☐

Meu peito se comprimiu. Tadinho, eu podia imaginar quão solitários os seus dias corriam.

Eu também. Muita.



Capítulo 32

*Hoje, aqui. Amanhã não se sabe
Vivo agora antes que o dia acabe
Neste instante, nunca é tarde
Mal começou e eu já estou com saudade*

LS Jack – Amanhã não se sabe

Revirei-me na cama, acesa como uma lâmpada. Tateei o lençol em busca do celular e, ao descobrir já passar das duas, expirei desanimada. *Não vou conseguir dormir tão cedo*, constatei. A grande coisa sobre a insônia é que quanto mais se pensa sobre a necessidade de dormir, mais ansioso se fica e mais tempo se leva para adormecer.

Naquela noite, meus pensamentos encontravam-se quase na velocidade da luz. Não conseguia tirar o foco de Adônis por um segundo sequer. No entanto, quanto mais refletia sobre os últimos acontecimentos e a forma como ele fazia eu me sentir, menos me assustava a perspectiva de estar apaixonada. Sim, porque era *exatamente* isso. Agora eu entendia com clareza.

Claro que vovó tinha me ajudado a enxergar isso com um pequeno empurrãozinho, logo depois do jantar, quando me procurou para uma conversa. Ela sabia mais sobre mim que eu mesma. Deve ter percebido logo no primeiro dia a existência de alguma coisa ocupando minha cabeça, mas se segurou para ver se eu abordaria o assunto primeiro.

— Você está tão aérea, Becca. — Sua voz era bondosa. — E, além disso, esse seu hábito sempre piora quando está inquieta com alguma coisa. — Roçou suavemente o polegar contra o meu lábio inferior em frangalhos.

Desviei a atenção para os meus pés, com o coração dando uma forte guinada somente ao pensar no assunto.

— É por causa da... *notícia*?

Ergui o rosto de uma vez, em busca de seus olhos castanhos. Demorei alguns segundos para compreender ao que se referia. *A gravidez da minha mãe, é claro. Como pude esquecer?*

— Não. — Pigarreei, desconcertada. — Na verdade nem tive chance de pensar muito sobre isso. Fiquei um pouco chocada no dia, mas estão acontecendo tantas coisas... Acabei deixando passar.

Dei de ombros, como se o simples gesto explicasse tudo se passando em minha cabeça.

— Quer conversar sobre isso? — perguntou, dando tapinhas na minha coxa.

Encarei-a significativamente, carinho transbordando em mim. Isso era uma das coisas as quais eu mais amava nos meus avós — eles me davam espaço. Quero dizer, a maioria das pessoas provavelmente presumiria que ser criada por eles me deixaria mimada e despreparada para a vida, no entanto era muito pelo contrário. Eles jamais facilitaram muito as coisas para mim, como a maioria dos avós. Porque, na verdade, eles eram *mais* que isso. Eu os via como pais e sabia ser vista como filha, afinal a diferença de idade entre nós não era exatamente grande. Minha mãe me tivera muito cedo. Apesar de muito carinhosos e protetores, eles também entendiam o quanto era importante arriscar os meus próprios passos sozinha. E por essa razão o diálogo entre nós sempre funcionou bem. Jamais omiti ou menti para eles, porque sabia que, antes de qualquer coisa, tentariam entender o meu lado.

— Tem esse professor, que também é o meu vizinho — ouvi-me dizendo. — todos o chamam de Carrasco e não é sem motivo. Pelo menos não em sala de aula. Bom, ele está me tirando do sério...

As palavras escapavam facilmente dos meus lábios. Aproveitei a oportunidade para esvaziar todas as dúvidas me inflando. Céus, eram tantas questões! Na verdade, aquilo era exatamente o que eu precisava — ter alguém com quem conversar a respeito. Guardar tantas mudanças sem poder compartilhar com outra pessoa estava me deixando paranoica. Além disso, vovó compreendia como eu levava meu sonho a sério. Ela sabia quão importante era não dar os mesmos passos errados da minha mãe. Porém, ela também sabia que não adiantava me enganar. Não era inteligente. E foi exatamente isso o que me falou.

— A vida não é oito ou oitenta, Becca. Eu sempre te falo isso, querida. Existe uma gama enorme de tonalidades de cinza no caminho. Esse ano você completa dezoito anos, já está na faculdade... não é mais uma criança. Eu sei como se sente, compreendo o seu medo. Mas não precisa se castigar por erros que não são seus. Não precisa ser tão rígida consigo mesma, meu bem. Não é justo. Você precisa viver, afinal a vida é uma só e passa voando. — Seus dedos passearam pelos meus cabelos, prendendo uma madeixa atrás da orelha. — Ir a algumas festas, se apaixonar... nada disso é errado se você encontrar o equilíbrio. Errado é se limitar por medo.

Vovó estava certa. Sempre estava. Era muito sábia.

Acendi o abajur ao lado da cama, sentando-me e abraçando os joelhos. Conversar com ela foi bom para abrir os olhos. Tudo bem, eu tinha um sonho e ele era certo como o ar entrando em meus pulmões. Porém, não precisava viver para ele. Ou, ao menos, não só para ele. Se eu soubesse organizar todos os setores da minha vida, ficaria tudo bem. Admitir meus sentimentos por Adônis *não* me tornaria igual a minha mãe.

Além do mais, encarar a verdade de frente me possibilitaria vivenciar todas as sensações novas e deliciosas sem ficar sofrendo por isso. Eu estava disposta a demonstrar para Chewie meus sentimentos e ver no que daria. Esfreguei o rosto. De repente, meu peito encheu de saudade. Sem pensar muito, pulei para fora da cama e alcancei minha mala, vasculhando-a a procura da agenda dele.

Sorri, sentindo-me uma garota travessa enquanto abria em uma página aleatória. Eu adoraria encontrar todos seus segredos descritos nas linhas sóbrias, porém deparei-me apenas com anotações de compromissos, entregas de trabalhos, provas, etc. Deveria saber que aquele homem contido não sairia escrevendo sua vida, assim, tão facilmente. Adônis não fazia o tipo que tinha um diário.

Folheeí as páginas, passeando os olhos pela caligrafia tão dele. Roci a ponta do dedo por uma palavra qualquer, imaginando-o traçar aqueles mesmos movimentos. Avancei mais algumas folhas e, então, surpreendi-me ao encontrar algo fugindo do padrão.

*Ah, se eu pudesse escapar
das ondas de saudade
e do salgado do mar.*

*Ah, fosse fácil velejar
em águas agitadas
e apenas te amar.*

*Ah, mas é preciso navegar
pelas terras longínquas
que fiquei de explorar.*

*Ah, como eu queria parar de sonhar
com aqueles tempos
que jamais vão voltar.*

*Ah, se eu pudesse esquecer
que já estive à mercê
de toda a solidão.*

*Mas agora abri mão
e eis que vou sentindo a brisa.*

*Hoje não vou aceitar
Ficar sozinho no cais.
Me leva daqui, me leva praí
Você me faz feliz demais.*

Meu coração bombeou sangue mais depressa para o corpo. Em questão de segundos, minhas mãos suaram frio e o estômago revirou. Li os versos do que parecia ser um poema pelo menos três vezes. Porém, quanto mais eu lia, mais se

assemelhava ao esboço de uma música. Uma lamúria. Tinha mais a ver com ele. Enfim, não importava. A questão realmente relevante era a de parecer *conversar* comigo. Tal como na aula logo depois de eu ter dormido em sua casa... Cada palavra me dizia alguma coisa. Com a diferença de que, dessa vez, fora escrita por suas mãos longilíneas, pensadas pela cabeça indecifrável. Arranquei uma lasca dos lábios e nem ao menos senti. Com o nariz praticamente grudado na folha, deitei na cama novamente e absorvi a mensagem cravada com a caligrafia de Adônis repetidamente, até adormecer.



Capítulo 33

*Nem vi você chegar
Foi como ser feliz de novo
Nem vi você chegar
Foi como ser feliz*

Cícero – Ensaio sobre ela

Voltar para Maringá depois de passar alguns dias na companhia dos meus avós foi muito doloroso. Era mais fácil me inserir na nova rotina quando existiam tantas novidades me entretendo e tantos trabalhos me ocupando. O problema era que, ao voltar para Santa Cruz do Rio Pardo, eu havia lembrado tão bem da única vida conhecida por tanto tempo e aquilo despedaçou o meu coração. Embora eu tivesse a certeza de que viver aquela experiência era o meu maior desejo — afinal, levava-me em direção aos meus sonhos —, isso não amenizava a dor aguda no peito. Parecia ter uma farpa o espetando e eu ansiava por me livrar dela.

Agradei aos céus pelo fato de a viagem ter sido durante a noite. Além disso, tive a sorte de ninguém ter se sentado do meu lado, pois, assim, pude chorar à vontade, até o sono me embalar. Quando o ônibus estacionou na rodoviária, por volta do meio-dia, eu já estava consideravelmente melhor do que quando embarcara.

Digitei uma mensagem rápida para vovô, avisando sobre minha chegada. Logo depois, tomei um táxi e me escorei contra a janela, observando as ruas tão opostas de onde eu tinha vindo, passando rápidas ao nosso redor. Diferente da minha cidade natal, as corridas por ali eram simplesmente um roubo. Por um trajeto durando míseros minutos, eu desembolsara o equivalente às minhas refeições pelo período de uma semana. No entanto, só a perspectiva de chegar rápido ao meu apartamento já compensava isso. Sentia-me exausta pela noite mal dormida (por mais confortável que o ônibus fosse, jamais seria a mesma coisa do que a nossa cama macia, não?) e com um abismo dentro do estômago.

Pulei para fora do carro e segui para o bloco G, notando o fluxo de pessoas caminhando no estacionamento maior que habitualmente. Talvez estivessem todos chegando, assim como eu. Parei de frente para a escada e expirei, arrependida por ter levado tanta bagagem para Santa Cruz. Meus olhos foram involuntariamente para a mala de rodinhas grandalhona e a roliça valise — isso sem contar na mochila abarrotada arruinando a minha coluna — apenas esperando para serem transportadas por três lances de escadas. *Ok, acho que da próxima vez será mais inteligente levar a menor quantidade possível de coisas*, pensei desanimada. Fiz um rápido alongamento dos braços e, em um ímpeto de coragem, encarei o desafio.

Bastaram poucos degraus para minha postura de durona escorrer pelo ralo, é claro. Meus dedos começaram a ficar roxos e os braços moles, de tanto carregar peso. Na metade do caminho, eu já tinha arranhado as canelas vezes o suficiente para xingar em voz alta e suave como uma garrafa de água recém tirada da geladeira. Quando cheguei ao meu andar, fiz uma prece de agradecimento por ter chegado (praticamente) ilesa.

Os dedos dormentes atrapalharam a função de abrir a porta, mas a sensação libertadora de atirar toda aquela porcaria no chão fez todo o doloroso percurso valer a pena. Ocupava-me em massagear os pulsos quando notei o papel próximo ao meu pé.

Sem pensar duas vezes, abaixei-me para alcançá-lo, atraída pela forma tão cuidadosa com a qual fora dobrado. Nem tive tempo de refrear meus dedos, pois,

quando percebi, o bilhete já se achava aberto. Eu reconhecia aquela caligrafia ligeiramente inclinada para o lado, como se estivesse em itálico.

Meu coração disparou de uma vez, diante da expectativa. Encaminhei-me até a mesa, com os olhos pregados nas palavras escritas por Chewie, para logo em seguida arrastar uma cadeira e me sentar.

“Princesinha-donzela,

Você não me engana, ok? Sou levado a acreditar que foi um plano muito bem arquitetado para parecer o simples acaso. Mas estou de olho! Se você queria tanto espionar minhas anotações, era só pedir com jeitinho (igual quando veio contestar a nota, por exemplo).

É óbvio que eu jamais leria nada sem o seu consentimento. Seria uma invasão de privacidade. Pode ficar tranquila, afinal de contas, sou o Chewbacca, não sou? Altamente confiável. Você, mais que ninguém, deveria saber disso.

Sobre o tal evento traumático (essa é uma palavra que você provavelmente diria), espero tranquilizá-la repetindo algo que já falei antes: não vamos remoer o passado.

E já que você tocou no assunto álcool, qual é exatamente o seu lance com ele? Fiquei um pouco preocupado com certa listinha intitulada como COISAS PARA NUNCA MAIS FAZER. Não que eu tenha lido sua agenda. Eu seria incapaz disso. Mas você sabe, existe a chance de ela ter aberto acidentalmente e eu, sem a intenção, passado os olhos sobre algo aqui ou ali.

Como, por exemplo, no adorável lembrete do dia 14/03: TRABALHO DAQUELE IDIOTA PARA ENTREGAR!!!

Ou então o do dia seguinte: TENTAR TIRAR UMA FOTO DO CHEWBACCA PARA COSTURAR NA BOCA DE UM SAPO.

E talvez eu também tenha visto esse aqui, do dia 22/03: DONZELA É A VACA DA MÃE DELE!

Sobre estar me devendo uma: Castiel mandou dizer que tem saudades. Que tal passar aqui para devolver a minha agenda?

A.”

Ouvi minha gargalhada repercutir pela cozinha. Minhas bochechas emanavam calor de vergonha, mas, por outro lado, eu também tinha espionado um pouco da vida dele, não era?

No entanto, a surpresa pela resposta que nem ao menos esperava me deixou com um sorriso bobo no rosto. Alisei o papel e reli pelo menos umas quatro vezes, imaginando-o escrever aquilo para mim. “*Castiel mandou dizer que tem saudades*”, por Freddy Krueger, ele me convidou para uma visita! Meu estômago se parecia com uma máquina de lavar louça.

Coloquei água para esquentar no fogão, decidida a ir por partes. Minha vontade era simplesmente correr para o apartamento dele, mas não podia ignorar minhas necessidades fisiológicas. Separei um macarrão instantâneo de tomate de dentro do armário da cozinha e peguei as malas outras vez, arrastando-as para o quarto.

Só então me ocorreu que o apartamento se achava muito vazio. Quero dizer, onde estava Arthur? Bati na porta dele e, como não tive resposta, entrei. Encontrei o cômodo vazio. Torcendo o rosto em uma careta, tomei o celular na mão e digitei uma mensagem.

Acabei de chegar. Onde você está? Mudou de ideia e voltou para casa?

Engoli o almoço com pressa, ouvindo a voz de vovó ecoando pela mente. “*Isso faz mal, Becca!*”, ela disse todas as vezes que me encontrou comendo como uma louca, durante os quatro últimos dias. Em minha defesa, a comida era realmente boa e eu não podia dizer ao meu estômago para ir com calma, seria uma maldade sem tamanho.

Esqueci-me de tirar os óculos para tomar banho e só me dei conta de ainda estar com eles quando gotículas de água se projetaram em minha visão. Depois disso, sofri por tempo considerável escolhendo uma roupa adequada. Uma pilha havia se formado sobre a cama, com peças descartadas (coisa que jamais fizera antes). Acabei escolhendo um vestido soltinho cinza, ele se parecia com um *camisetão*. Meus olhos correram pela pequena coleção de All Star e optei pelo branco. Tirei o frasco de perfume de dentro da mala e espirrei contra o colo. Um friozinho de ansiedade crescia dentro de mim.

Parei de frente para o espelho, com o coração desgovernado. Ajeitei os óculos, empurrando-os para cima com o indicador. Assentei a franjinha com calma e usei os dedos para ajeitar o restante do cabelo. Inclinei o tronco em direção à

escrivaninha, pescando um batom coral comprado na minha cidade natal. Nunca fui muito de usar maquiagem fora de contextos que exigissem. Não que eu não gostasse, pelo contrário, achava lindo. Só não tinha muita oportunidade, dado o fato de minha vida se resumir a estudar e ficar trancafiada em casa. Mas ali, prestes a encontrar Adônis depois de alguns dias sem vê-lo, parecia um pecado não dar uma cor a mais para o rosto.

Uma vez que eu simplesmente admiti para mim mesma a forma como ele me balançava por dentro, tornou-se mais fácil lidar com todos os sentimentos novos e inesperados. Já não me assustava mais a ideia de nós dois sozinhos. Eu, na verdade, sentia-me radiante pelo convite. Não que fosse de fato um encontro, ou algo do tipo. De toda forma, era uma chance a mais de ficar perto dele. E se pudesse chamar sua atenção, era ponto para mim. Talvez ainda não soubesse nada sobre estar apaixonada, porém não era tarde para aprender.

Ao pisar fora de casa, meu celular vibrou indicando uma nova mensagem. Era Arthur.

Estou no Pedro, ele chegou ontem, graças a Deus. Nunca mais me deixem sozinho, por favor! Estou morrendo de saudade, bonequinha. Logo mais volto! <3

Sorri, com um pouco de pena dele. Quando nos encontrássemos novamente, perguntaria a razão para ter preferido ficar em Maringá. Chegara a hora de conhecer um pouco mais sobre meu amigo.

Respirei fundo, empertiguei-me e apertei a campainha de Chewie. *Que a força esteja comigo, que a força esteja comigo, que a força...*

A porta foi aberta de uma vez, revelando-o do outro lado. Seus olhos pareceram brilhar por um momento.

— Estava mesmo pensando em você, donzela. Fiquei com medo de o recado ter sido interceptado.

— A sua sorte foi que Arthur não estava em casa — falei, fazendo-o rir.

Então ele me olhou com atenção e suas pálpebras se estreitaram ligeiramente.

— Espera aí. — Um sorriso entortou seus lábios e eu soube qual seria a pauta antes mesmo dele falar. — Parece que estava certo sobre as dores de cabeça

nada dramáticas — meu vizinho deu ênfase nas últimas palavras.

Revirei os olhos, fingindo pouco caso.

— Sim, você é o cara — brinquei e ele assentiu, forjando uma expressão orgulhosa. — Descobri que tenho miopia e só acreditei quando coloquei os óculos.

— Mudou muito?

— Hum... digamos que agora eu tenho visão raio X.

Ele riu em deleite. O som aqueceu algo dentro de mim.

— Ficou muito bom, a propósito.

— O quê? — perguntei distraída.

— Os óculos. Eles te deixaram com mais cara de inteligente. Ficou linda.

O elogio me devolveu o mesmo sorriso idiota de quando eu lera sua cartinha pela primeira vez. Ele deu um passo ao lado, deixando-me entrar. Eu nem ao menos tinha reparado que permanecíamos parados no corredor. Esse era o efeito dele em mim — deixava-me flutuando e apagava o resto do mundo.

Estar de novo em seu apartamento foi estranhamente nostálgico. Inspirei, deliciando-me com o meu cheiro predileto, aquele perfume amadeirado e forte que combinava tanto com ele.

Quando ameacei parar na cozinha, suas mãos tocaram minha cintura com suavidade, guiando-me pelo corredor a caminho da sala. Arqueei em surpresa e, por isso, ele explicou.

— Castiel e eu estávamos começando a assistir *O Iluminado*.

— Não acredito! Eu adoro esse filme.

— Então parece que escolhi bem.

— Tá brincando? Melhor impossível. — Então fiz a minha melhor imitação de Jack Nicholson, com direito a uma expressão psicótica e tudo mais. — *Here's Johnny!* — Bastou nossos olhares cruzarem para que caíssemos na gargalhada.

Mal tive tempo de me ajeitar no sofá de frente para a televisão e Castiel pulou da janela, onde estava apumado, indo até mim. Ficou arrastando seu corpinho roliço contra as minhas pernas vezes o suficiente para que eu o segurasse — o que exigiu um pouco de força, pois o gato era obeso. Levei-o até meu colo, afundando a mão em seu pelo alaranjado em um cafuné.

— Ele gosta de mim! — murmurei, admirada.

— Ah, *e/le* gosta — Adônis respondeu de um jeito engraçado e, ao olhar para ele, encontrei-o com as íris em brasa.



Capítulo 34

*Não quero fechar meus olhos
Não quero pegar no sono
Porque eu sentiria a sua falta, baby
E eu não quero perder nada
Porque mesmo quando eu sonho com você
O sonho mais doce nunca vai ser suficiente*

Aerosmith – I don't want to miss a thing

Não sei exatamente como aconteceu, mas acabei adormecendo em determinado momento. Ainda estava tão cansada da viagem e mal tive tempo de me recompor antes de encontrar Adônis. Afinal de contas, era domingo, no dia seguinte eu voltaria para a realidade e, por isso, queria aproveitar ao máximo o nosso tempo juntos.

De toda forma, as coisas não foram exatamente como o planejado, porque em um segundo encontrava-me absorta nas imagens passando na televisão à nossa frente e, no seguinte, não me lembrava de mais nada.

Despertei de um sono calmo que parecia ter durado uma eternidade. Eu sentia um suave carinho na cabeça, perto da nuca, em movimentos de vai e vem. O contato mandava ondas de arrepio para o corpo todo, era delicioso. Abri os olhos e pisquei algumas vezes, tentando me situar. Eu me achava com a cabeça recostada sobre o peito de Adônis e nós estávamos praticamente deitados no sofá.

Céus...

Estremeci ligeiramente. O prazer se alastrava pelas minhas entranhas. Por Peeta Mellark, como aquilo tinha acontecido? Na minha última memória, nós permanecíamos apenas sentados um ao lado do outro, assistindo inocentemente ao filme. Será que eu tinha apagado do nada e despencado nele? Não era um problema para Chewie, no entanto, pois ele fazia aquilo com as mãos e era tão relaxante. Eu poderia simplesmente fechar os olhos e voltar a dormir.

Castiel brincava com uma bolinha vermelha a poucos centímetros do sofá. Conforme sua patinha a acertava, um barulhinho metálico vinha de dentro do brinquedo, deixando-o ensandecido. Sorri, sentindo-me aconchegada naquele apartamento e desejando com todas as forças que o momento durasse para sempre.

Meus olhos focaram na televisão e percebi que não era mais O Iluminado passando ali, e sim um episódio de *Stranger Things*. Eu idolatrava a série e já tinha assistido a primeira temporada duas vezes, por isso não foi difícil reconhecer. Fisguei o lábio inferior, ao tentar adivinhar a quanto tempo dormia. Considerando que o filme tinha duas horas e meia de duração, não era pouco. A constatação me fez remexer no lugar e, ao menor movimento, Adônis tirou a mão de mim. Lamentei por isso silenciosamente. Se dependesse de mim, ele não tiraria as palmas de mim nunca mais.

Bocejei da maneira mais convincente que pude, fingindo ter acabado de acordar. Espreguiçando-me, levantei-me do seu colo, embora estivesse muito confortável e quentinho.

— Eu dormi? — perguntei o óbvio.

— Nos primeiros vinte minutos. — Ele sorriu genuinamente. — *Stephen King* e *Stanley Kubrick* estão muito decepcionados com você.

— Que tipo de fã eu sou?

— O tipo *poser*, é claro.

Meu queixo caiu. Encarei Adônis com sangue nos olhos e ele sorriu maliciosamente.

— Você *não* disse isso!

— Eu disse, sim.

— Você está tão ferrado! — bradei, agarrando uma almofada e atirando contra seu rosto.

Sua gargalhada espontânea foi como um combustível. Alcancei outras duas almofadas e as joguei contra ele de maneira impiedosa. Adônis segurou o meu pulso quando estava prestes a alcançar mais uma almofada, imobilizando-me.

— Você acha mesmo que vai entrar na minha casa, dormir no começo do filme, jogar almofadas em mim e ficar por isso? — perguntou, inclinando-se sobre mim enquanto prendia o outro pulso.

Arregalei os olhos ao perceber qual seria o próximo movimento.

— Adônis, não! — ameacei, quando ele conseguiu segurar meus dois braços com uma só mão. Não era de se surpreender, afinal seus dedos eram muito longos. Eu até imaginava *outras partes* do corpo...

— Tarde demais, donzela. Você despertou a ira *wookiee*!

Minhas gargalhadas saíram antes mesmo de seus dedos alcançarem minhas costelas. Contorci-me desesperadamente, lutando para me soltar. Contudo, isso apenas servia como pretexto para as cócegas aumentarem a intensidade.

— Chega... para... — pedi, ofegante.

— O quê? — ele provocou. — Não estou ouvindo. Precisa pedir com jeitinho.

Seus dedos afundaram ainda mais na minha carne, arrancando lágrimas dos meus olhos.

— Por... favor... Chewie! — arfei, com a barriga doendo de tanto rir.

Ele me soltou e saiu de cima de mim logo em seguida, um sorriso vitorioso estampava o rosto. Mesmo um pouco escondido pela barba, o sorriso era lindo. Fechei os olhos, com a respiração entrecortada. Minha pele ainda formigava onde fora tocada e eu sentia uma leve comichão nas bochechas.

— Você é terrível! — murmurei, quando finalmente recuperei o fôlego.

— Engraçado... Eu ia dizer o mesmo. — Mostrei a língua para ele, usando meus braços trêmulos para me sentar novamente. — Isso me lembra, aliás, que você ainda está com a minha agenda!

Ele fez uma careta acusatória, como se tivesse me pego no flagrante de alguma situação muito embaraçosa. Bati a mão na testa, com o rosto quente.

— Como pude me esquecer do principal? — repreendi-me.

— Isso só comprova a minha teoria.

— Tudo bem. — Joguei as mãos para o ar, como se me entregasse. — Você me pegou. Foi *mesmo* um plano arquitetado. Queria ler suas anotações.

Chewie jogou a cabeça para trás, rindo. Foi impossível não acompanhá-lo.

— *Touché!* — Ele piscou para mim. E então, ao perceber que eu tinha me levantado, perguntou. — Onde está indo?

— Buscar a agenda.

— *Agora?*

— É ali do outro lado.

— Eu sei, mas não preciso dela neste momento — falou em um tom suplicante.

Sorri, sentindo-me lisonjeada. Buscar a tal agenda no meu quarto não levaria mais de cinco minutos, porém ele me queria ali, em sua companhia. A constatação aqueceu meu coração.

— Tudo bem, eu fico.

— Escolha sensata, donzela. Muito sensata.

Sua satisfação foi traída pela voz. Ele sacudiu o indicador no ar, como se tivesse acabado de recordar de alguma coisa muito importante. Logo em seguida girou nos calcanhares, deixando-me na sala por poucos segundos.

Quando o vi retornar com o violão, senti as mãos suarem frio. *O que ele vai fazer?*, perguntei-me, incapaz de desgrudar os olhos dos bíceps contraídos.

Lendo a dúvida no meu rosto, adiantou-se em responder:

— Fiquei te devendo uma aula.

Não pude evitar o sorriso.

— *Smoke on the Water?* — perguntei, lembrando-me da primeira vez em que estivera ali. Ele assentiu, sentando-se ao meu lado.

— Animada?

— Muito — admiti. — Será que vou conseguir?

— Bom, como sou um excelente professor, pode ser que dê conta. Mas não prometo nada.

Bati meu ombro no dele, enquanto ríamos como crianças que comeram uma quantidade alarmante de açúcar.

— Você está perdendo o amor à vida muito rápido, Chewie. Tome cuidado.

— Calma, está *mesmo* me ameaçando? Já se esqueceu da fúria *wookiee*?

— Ah, não. Não vou esquecer tão cedo, pode apostar. — Pisquei para ele, risonha. — Então, você vai virar um insuportável para me ensinar, ou podemos

continuar assim mesmo?

Adônis me estudou por alguns segundos com as íris brilhando e uma expressão impagável no rosto. Eu adoraria ser o *Charles Xavier* em momentos como aquele, apenas para ler os pensamentos daquele homem enigmático. Ele umedeceu os lábios e assentiu brevemente, parecia estar deliciado com alguma piada interna. Logo em seguida dobrou o tronco para frente, colocando o violão no meu colo com cuidado.

— Você nem me perguntou se eu era canhota! — protestei, observando-o dar a volta no sofá e parando logo atrás de mim.

— Não preciso perguntar, eu te vejo todos os dias.

— Andou reparando em mim, *professor*?

— Mais do que imagina — respondeu, soprando as palavras quentes contra a pele sensível da minha nuca. Todos os pelos da espinha se levantaram de uma só vez.

Olhei por cima do ombro, desconcertada com a proximidade entre nós.

— O que está fazendo?

— Te ensinando?

— Ah, sim... certo — resmunguei.

Seus dedos longos foram de encontro à minha mão esquerda, fechando-a ao redor do braço do violão.

— Na verdade é bem fácil tocar essa música — disse, apoiando o queixo no meu ombro, como fizera na escadaria pouco antes do feriado de Páscoa. Eu não participara de tantas aulas ao longo da vida para usar como parâmetro, mas não precisava ser muito inteligente para deduzir que em nenhum lugar do mundo os professores ensinavam a tocar violão assim. Dane-se, por mim estava ótimo, embora dificultasse um pouco me manter atenta às instruções.

— Você coloca esses dois dedos na terceira e quarta corda. — Soprou contra minha orelha, provocando uma corrente elétrica nas minhas extremidades. — A única coisa que precisa fazer é deslizar pelas casas... 0, 3, 5, 0 3, 6, 5. Desse jeito. — Sua mão guiou a minha pelo braço do violão e não pude deixar de associar a quando era muito nova e pedia para vovô dançar comigo, então ele me equilibrava sobre seus pés e dançava sozinho. A diferença gritante era que eu não ficava inteira arrepiada com o meu avô, como fiquei com Adônis.

O *riff* característico da música percorreu a sala contribuindo com o momento tão sensual. Eu juro, queria tentar. Sempre adorei aprender coisas novas e queria

mostrar a ele o quanto era esperta e rápida. Mas Chewie se aninhou ainda mais em mim, de modo que senti seu peito subindo e descendo contra as minhas costas. Paralisei diante da proximidade, temendo que um único movimento o fizesse se afastar subitamente. Eu não queria quebrar aquele momento por nada.

— Quer que eu mostre de novo? — perguntou com a voz rouca. Parecia cheia de desejo. Foi o suficiente para tornar o ar rarefeito. Minha respiração começou a ficar mais rápida e eu não pude evitar fechar os olhos. Ele agarrou minha mão outra vez, demonstrando os mesmos movimentos de segundos atrás. Dessa vez, no entanto, não ouvi nadinha. Estava aprisionada naquele instante. Adoraria estendê-lo ao máximo.

Então, como se estivesse tentando me desestabilizar, Adônis roçou a ponta do nariz na parte de trás da minha orelha com suavidade. Sua barba raspou no meu pescoço e a soma dos dois contatos foi demais para aguentar. De repente, meu corpo reagiu de uma forma alucinante que eu jamais experimentara antes. Todo o calor se concentrou no meu ventre e senti o meio das pernas ficando úmido. Sem perceber o que fazia, inclinei um pouco mais o tronco para trás, forçando as costas contra ele. Aquele novo mundo que me era apresentado aos poucos me alucinava. Estava sedenta por mais e mais. Céus, como eu o queria!

Sua respiração quente acariciava a minha pele quando o ouvi gemer baixinho. Apesar de, para mim, aquele som ter sido um combustível a mais para a sensação lasciva me dominando, para ele pareceu servir como uma âncora, puxando-o de volta para a realidade. Adônis se desvencilhou, tal como fizera na escada. Torci o rosto em uma careta de decepção, agradecendo por ele não poder enxergá-la. Em situações como aquela, eu percebia que ele se sentia tão ávido em ir em frente quanto eu, mas algo o deixava com um pé atrás.

Era como se ansiasse por dar uma volta na enorme montanha-russa que é o amor, mas seu medo de altura o impedisse de tentar. Eu apenas queria dizer a ele que estava tudo bem, porque também temia e seria tudo mais fácil se pudéssemos dar as mãos e acalantar um ao outro no percurso.

Pigarreando suavemente, ele se afastou do sofá. Ao encará-lo, encontrei-o esfregando o rosto. Estava um pouco pálido e inexpressivo.

— Que tal tentar sozinha agora? — perguntou por fim, quando me pegou com os olhos fixos nele.



Capítulo 35

*Quanto tempo antes de eu entrar?
Antes que inicie, antes que eu comece?
Quanto tempo antes de você decidir?
Antes que eu saiba qual é a sensação*

Coldplay – Speed of sound

Apesar de chateada, decidi não me abalar. Eu não tinha experiência quando se tratava de sentimentos. Na verdade, não tinha experiência alguma com a vida, em geral. Começava a minha, no fim das contas. Ainda não sabia ao certo o que pensar, tampouco quais passos dar, porém tinha uma certeza — ele despertara uma parte minha da qual eu desconhecia a existência. Sempre acreditei que a paixão não fosse para mim. Nunca me passou pela cabeça que ficaria daquela maneira por alguém. Em vista disso, não desistiria tão cedo do que quer que estivesse acontecendo entre nós. Não quando ele demonstrava estar igualmente abalado. Igualmente tentado. Estávamos no mesmo barco. E, além do mais, era tão

envolvente. Eu não podia deixar de lado o que o meu corpo pedia quase com desespero. Então, talvez, se eu seguisse cautelosamente, conseguisse alcançar seu coração da mesma maneira como ele alcançara o meu.

E, por isso, em vez de deixar o clima se dissipar, fiz uma nova tentativa de reacendê-lo.

— Acho que não nasci mesmo para isso — brinquei, com a voz um pouco trêmula. — Vou deixar para quem sabe — disse, estendendo o violão para ele desajeitadamente. — Toca alguma música para mim. Ainda não tive oportunidade de conferir se você é bom ou se é só balela.

Chewie sorriu, abandonando a rigidez adotada desde que se afastara. Tomou o instrumento para si, meneando a cabeça em um movimento quase imperceptível. Permanecendo taciturno, sentou-se no outro sofá e tamborilou os dedos contra a madeira lustrosa, com o olhar vago de quem buscava alguma música no fundo da memória.

Alguns segundos depois, observei-o se enrijecer de excitação, aprumando-se e começando a arriscar algumas notas.

— Essa aqui — ele disse, com as íris brilhando novamente. —, é a preferida de Castiel.

Pisquei para ele, relaxando corpo contra as almofadas macias. Quando de fato começou, precisei prender a respiração, absorta com a intensidade do momento. Seus dedos longos passeavam pelas cordas metálicas com a facilidade que só se adquire com os anos. Embora fosse difícil acompanhar suas mãos trabalharem, era bonito de ver a maneira como se entregava à música. A postura mudou completamente em uma fração de segundo. Se no dia-a-dia Adônis fazia o possível para se esconder por trás de uma casca grosseira e rudimentar, ali ele se expunha por livre e espontânea vontade. De olhos fechados, fazia os acordes reverberarem pelas paredes e, aos poucos, eu me sentia flutuar.

Tudo o que ainda não podíamos lidar pairava pelo ar em forma de melodia. Era tão nítido quanto meus desenhos em aquarela e mais bonito do que eles jamais poderiam ser. Era real.

As palavras não ditas. Os gestos contidos. O sentimento transbordando.

O assobio de Chewie me pegou desprevenida. Pude sentir todos os pelos eriçarem, um por um, ouvindo-o acompanhar a melodia e compor um arranjo. A cada dia eu conhecia um pouco mais daquele homem que, para a maioria, era

apenas um Carrasco, e isso aquecia o meu coração. Imitando-o, desci as pálpebras e decidi apreciar o que sucedia. Tudo parou: o relógio, meus pensamentos, a chateação. O momento conseguia ser tão sensual quanto nosso contato no sofá. Era como se ele conversasse comigo com os dedos, como se aproveitasse as entrelinhas.

No entanto, contrariando a minha ideia errônea de que ficaria por isso, Adônis começou a entoar a canção que eu, até então, ainda não havia reconhecido.

— *Eu encontrei-a quando não quis mais procurar o meu amor. E quanto levou foi para eu merecer, antes um mês e eu já não sei...*

Oh, Deus!

Era O Último Romance, de *Los Hermanos*. E, embora eu já a amasse muito antes daquela tarde, soube ali mesmo que jamais soaria da mesma maneira para mim. A voz do Amarante nunca mais seria tão bonita quanto fora um dia. Não, a partir daquela tarde, só existiria o timbre de Adônis. Grave como o sopro de uma tempestade e, ao mesmo tempo, suave como uma brisa de verão.

Inferno, meu professor tinha um lado negro que deixaria Darth Vader com inveja! Aquilo que fazia comigo era crueldade. Oferecia-me doses homeopáticas do paraíso apenas para aumentar a urgência com a qual meu corpo o cobiçava. Mas se ele achava que ficaria por isso, estava tão enganado... Eu demorara para aceitar o que meu coração clamava, mas, uma vez que tinha conseguido, iria até o fim.

Eu não tinha medo de altura. Estava mais que disposta a embarcar na montanha-russa.

Aprimei-me no sofá e me ouvi cantando junto dele a estrofe seguinte. Eu não era exatamente afinada, mas nossas vozes, de algum jeito, davam certo juntas. Ou talvez eu apenas estivesse hipnotizada. Havia a chance.

— *E até quem me vê lendo o jornal, na fila do pão, sabe que eu te encontrei. E ninguém dirá que é tarde demais, que é tão diferente assim. Do nosso amor a gente é que sabe, pequena...*

Mesmo de olhos fechados, senti o peso de seu olhar. Ao abri-los, não deu em outra — deparei-me com as ardentes íris de Outono e tive a certeza de que ele sabia exatamente o que causava em mim porque se sentia da mesma maneira.



Olhei por cima do ombro, deparando-me com Chewie me queimando com os olhos. Encontrava-se recostado contra o batente da porta, os braços cruzados sobre o peitoral e Castiel sentado ao lado das pernas. Com um último sorriso, acenei para eles como forma de despedida, embora minha vontade de voltar para o meu apartamento fosse inexistente. Meu vizinho deu uma piscadela, abaixando-se para pegar o bichano e sumindo para dentro de sua casa no segundo em que adentrei a minha.

Expirei, atravessando a cozinha em direção ao quarto. Nós nem ao menos havíamos notado as horas passarem. Quando menos percebemos, já era noite. Tudo fluía com naturalidade na companhia dele e eu lamentei silenciosamente por nossa tarde ter chegado ao fim. No dia seguinte, a realidade chegaria sólida como um muro. Eu temia como seria em sala de aula, quanto mais avançávamos em nossos sentimentos.

De toda forma, não tive tempo para pensar em mais nada relacionado a Adônis. Fui arrastada dos devaneios de uma só vez ao ouvir um choro alto e desesperado vir do quarto de Arthur. Sem refletir no que fazia, corri até lá e abri a porta de súbito, encontrando-o deitado em posição fetal na cama, abraçando o travesseiro com força demasiada. Eu não tinha a visão do rosto do meu amigo de onde me encontrava, mas podia ouvir muito bem a maneira como puxava o ar para os pulmões com força, assim como era nítido os nós dos dedos esbranquiçados. Meu coração apertou tanto que doeu, enquanto eu me aproximava hesitante dele. *Pedro...*, pensei, quando finalmente alcancei a cama, sentando-me em sua frente.

Tão logo notou a minha presença, Arthur revelou o rosto inchado e vermelho de tanto chorar. Estiquei as pernas e me esparramei pela cama até também estar deitada. Minha mão foi direto aos cabelos platinados do meu amigo, afastando-os de sua testa. Só então me dei conta do quanto já o amava. Presenciá-lo daquela maneira machucava. Arthur estava sempre de bem com a vida. Mesmo quando as coisas não caminhavam como queria, tentava enxergar a situação com positividade. No entanto, ali estava ele, em prantos. Algo muito sério devia ter acontecido.

Ele aninhou o rosto no meu ombro, o braço direito amarrando a minha cintura em um abraço casto. Retribuí o gesto, permitindo-o colocar para fora aquilo que doía tanto em sua alma, tal como ele fizera comigo na tarde em que descobri sobre minha mãe. Não sei dizer por quanto tempo permanecemos naquela posição, taciturnos. Mas, de alguma forma, o acalento funcionou, pois conforme os ponteiros

do relógio faziam sua dança cíclica, o choro do meu amigo abrandava, até cessar completamente.

Sua voz rouca invadiu meus tímpanos quando eu menos esperava.

— Obrigado, Becca.

Apertei a força nos braços, embalada pelo cheiro de incenso que vinha dele.

— É para isso que servem os amigos, não?

Ele concordou com a cabeça e uma risadinha baixa escapou dos seus lábios.

Afastei-me ligeiramente, a fim conseguir enxergar seu rosto.

— Foi o Pedro?

Arthur suspirou profundamente, limpando os olhos com as costas das mãos.

— Sim e não.

— Quer conversar sobre isso? — perguntei e ele me olhou significativamente antes de responder.

— Quero.



Capítulo 36

*Fale comigo suavemente
Há algo nos seus olhos
Não abaixe sua cabeça na tristeza
E por favor, não chore*

Guns 'N Roses – Don't cry

— Eu nasci em uma família muito conservadora — a voz arrastada de Arthur flutuou pelo ar. Embora se tratassem de poucas palavras, estavam recheadas de significado. Afinal de contas, meu amigo era gay. Eu já começava a entender a razão para qual ele não voltava para casa, antes mesmo de começar a contar sua história.

Assenti com a cabeça, observando-o derramar o vinho barato para dentro do copo. O líquido roxo avermelhado foi direto para seus lábios finos, em um longo gole. Arthur sentou-se no sofá, esticando as pernas para o meu colo. Em seguida, estendeu a bebida para mim. Depois de refletir um pouco a respeito, decidi que

provar um pouquinho não faria mal algum. Como vovó dissera, tudo se tratava de equilíbrio. Eu não precisava ficar bêbada para me divertir, mas, tampouco, deixar de beber. Beberiquei o conteúdo do copo, surpreendendo-me com o quanto era docinho e gostoso.

— Eles são evangélicos extremistas. Do tipo que considera um pecado hediondo a mulher cortar o cabelo. Agora imagine para outros assuntos... Enfim é complicado. — Ele tamborilou as unhas contra a superfície do sofá, com os olhos distantes. — A vida já era difícil antes mesmo de descobrir que era gay. Coisas simples para os meus amigos se tornavam uma tempestade lá em casa. Eu não podia simplesmente ser como uma criança normal e assistir aos desenhos, porque, é claro, eles eram armas do diabo prontas para destruir a família tradicional. Eu só podia consumir conteúdo cristão. Só podia ler a Bíblia e ouvir música *gospel*. E, tudo bem, você pode alegar não ser tão ruim assim. Mas, Becca, precisei ir ao cinema escondido para assistir Harry Potter, por exemplo. Tem ideia do que é isso? — perguntou e engoli em seco, assustada apenas com a perspectiva. — De toda forma, meus pais acabaram descobrindo que eu era fã e você pode imaginar como minha vida ficou depois disso. Meses e meses ouvindo sermões sobre o quanto esses filmes eram inapropriados, por incentivar a magia negra, porque claramente a J.K. Rowling era uma ocultista usando as crianças para implementar o maligno... Meu Deus. Eram absurdos atrás de absurdos.

Ele parou para umedecer a garganta com o vinho. Eu, por minha vez, usei o intervalo para refletir sobre isso. Meus avós sempre me deixaram ser do meu jeito, jamais me impediram de algo. E, embora a minha vida tenha sido difícil em vários aspectos, eu não podia nem mensurar a sofrimento de Arthur.

— Por volta dos quinze percebi que não gostava de meninas, mas sim de meninos. Tinha um amigo muito próximo, o Guilherme e, de repente, me vi enxergando-o de outra maneira. Só que eu não queria, de jeito nenhum, aceitar aquilo. Já era uma questão naturalmente difícil, agora imagine com o agravante que eu tinha em casa. E, por isso, agi por algum tempo da pior maneira que se pode agir, Becca.

Arqueei as sobrancelhas, sem conseguir esconder a dúvida do rosto. Arthur percebeu, visto que se adiantou em explicar.

— Ele também... também *gostava* de mim. Mas, ao contrário do que pensei, a constatação não me trouxe felicidade. Não, pelo contrário. Me deixou com muito medo. Se eu ficasse com ele, seria como admitir não só para mim, mas para o

mundo, que eu era aquela aberração. Porque era aquilo que os meus pais falavam sobre os gays: aberrações. Vão para o inferno. Deus os odeia. — Uma lágrima escorreu por sua bochecha. — Então, movido pelo medo, fui o maior babaca de todos os tempos. Becca, eu... fui homofóbico, preconceituoso, agressivo. Usava todas as oportunidades para atacá-lo com palavras, eu...

Sua fala foi interrompida com um soluço, enquanto mais lágrimas escapavam dos olhos esbugalhados de Arthur.

Crispei os lábios. *Atacá-lo com palavras*. Aquilo era tão familiar para mim que me dava náuseas. Eu não queria julgá-lo, porque jamais estive em sua pele para saber o que passou, porém já estive do outro lado. E lá também machucava muito.

— Ainda assim, meus pais começaram a desconfiar que tivesse algo errado acontecendo comigo. Eu mesmo ainda não conseguia lidar com aquilo, que ironia. Eles me trocaram de colégio e eu fui proibido permanentemente de sair de casa sem ser para a escola e a igreja. Foi na reclusão que comecei a pesquisar mais sobre o assunto e percebi como tinha sido idiota com Guilherme. Por isso, aceitei de bom grado o castigo imposto pelos meus pais. Eu merecia. Foram anos representando ser o filho perfeito, apenas para evitar dor de cabeça. Mas por dentro, Becca, eu me sentia em uma prisão. Cumprindo uma pena interminável.

— Foi por isso que escolheu estudar longe de casa — ouvi-me afirmando. Minha voz estava fraca.

— Sim, eu queria fugir deles. E consegui. A minha vida só começou *de verdade* aqui em Maringá. A primeira vez que beijei um homem foi aqui. Foi quando me aceitei como sou e aprendi a lidar com isso. Eu só conheci a felicidade na faculdade. Entende a gravidade disso?

Parei para absorver suas palavras por um momento. Ainda no quarto ele havia comentado que o motivo para as lágrimas estava um pouco associado ao Pedro, ao menos em parte. Isso significava que...

— Eles descobriram que você é gay?

Contrariando o momento, Arthur sorriu, olhando-me com admiração.

— Das bruxas da sua idade, você é a mais inteligente que já conheci — parafraseou a icônica fala de Remus Lupin para Hermione, em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*.

Cutuquei suas costelas com o indicador, sentindo um calor gostoso se espalhar pelo meu corpo. Apesar de amar os meus avós mais que tudo, eu conseguia compreendê-lo de certa forma. Jamais me sentira tão em casa quanto ali.

E, para ser honesta, enxergava os meus colegas de apartamento como uma segunda família, dada pela vida.

— Pedro me pediu em namoro hoje! — Um sorriso mordaz estampou sua feição. — Como é possível o melhor dia da minha vida ser também o pior?

— O que aconteceu?

— Ele deu a notícia no *facebook* e me marcou! Na hora nós nem lembramos da minha família. Mas eles viram, Becca! Bem depressa, na verdade. Apesar de suspeitarem a vida inteira, nunca tiveram uma prova concreta, até hoje. Meu pai me telefonou e gritou comigo por horas. Me chamou de *bichinha* e disse que ele e Deus têm vergonha de mim. — Uma risadinha incrédula penetrou os meus tímpanos. — O amor cristão é *tão lindo*! Meu pai falou que me deserdou. Não preciso mais voltar para casa. Falou com todas as letras, amiga. E agora estou por conta própria. Preciso arrumar um emprego o quanto antes porque não posso mais contar com a ajuda deles.

A minha incapacidade de encontrar uma resposta só transpareceu o quanto me sentia chocada com aquilo tudo. Céus, família dele preferiu virar as costas a aceitá-lo da maneira como era!

Isso é ridículo!, pensei, com ódio dos pais dele. Arthur era tão incrível e amoroso, como eles puderam agir assim? Engoli em seco, lembrando-me de que a minha mãe nem ao menos tinha um motivo, mesmo absurdo, para também me renegar. Eu podia não ter carregado as mesmas cruzes do meu amigo, mas entendia sua dor à minha maneira.

— Arthur, nossa. Sinto muito. Isso é tão horrível, eu nem ao menos sei o que dizer.

— Justo esse ano, que tem a merda do estágio obrigatório! — Ele praticamente gritou. — Inferno, Becca! A pior parte é que eu fui ingênuo o bastante para acreditar que um dia eles teriam empatia. Se colocariam no meu lugar. Que idiota!

Esfreguei os braços dele, em uma tentativa de consolá-lo.

— Deve estar sendo uma barra, mas você não está sozinho. Vou te ajudar a encontrar alguma coisa. Tenho certeza que a Nataly também vai fazer o possível.

Ele sorriu, buscando-me para um abraço apertado.

— Obrigado por me ouvir, já ajudou bastante. Vou tentar entrar em contato com a minha tia, também. Ela é diferente deles, sempre foi brigada com a minha mãe. Talvez ela possa... eu não sei... tentar falar com eles.

— Quando entrei aqui e te ouvi chorando, achei que Pedro tivesse terminado com você. Céus, só eu sei o quanto o odiei. Estava pronta para dar uma surra nele!

Meu amigo tombou a cabeça para trás, gargalhando com prazer.

— Becca, eu já disse que te amo?

— Só umas cinco vezes por dia.

Arthur me beliscou, arrancando um gritinho de mim. Então se empertigou, como se de repente tivesse se dado conta de algo muito importante.

— Espera um pouco! Você me mandou mensagem no almoço para avisar que tinha chegado. Onde estava até tão tarde, mocinha?

— E-eu? — perguntei, dando-me conta de que não havia inventado um álibi. Forcei a mente a trabalhar depressa e, quando consegui pensar em algo, cruzei os dedos atrás das costas, culpando-me pela mentira. — Fui passear no shopping. Aproveitei para ver um filme no cinema.

— Ah, é? — ele estreitou os olhos, desconfiado. — Qual?

— Você sabe — fiz um gesto com a mão como quem dizia “não esquentar com isso”.

— Não sei, não.

— Claro que sabe. Fui ver... *aquele*. Que está em cartaz e tudo mais.

— *Aquele qual?* — Arthur foi mais enfático.

— *Aquele*, ué. Com uma história e... pessoas atuando e... *você sabe*. — Notando que ele estava prestes a responder, completei. — Enfim, não importa. Vou tomar banho, estou toda suada — falei, deixando um beijo estalado em sua bochecha antes de me levantar em um rompante e fugir da sala.



Capítulo 31

*Eu poderia passar minha vida nessa doce redenção
Eu poderia me perder neste momento para sempre*

Aerosmith – I don't want to miss a thing

Adônis estendeu a mão, entregando-me o segundo trabalho extra que eu deveria fazer para recuperar a nota. Suspirei desanimada ao pensar nos oito restantes. *Talvez até a formatura eu tenha conseguido entregar o último*, sorri com o pensamento, recebendo um olhar curioso em troca.

Apesar do avanço no domingo e das longas horas passadas na companhia um do outro, nada havia mudado em nossa relação professor-aluna. Não que eu esperasse o contrário, é claro, mas não podia negar o quanto era impactante a discrepância do seu comportamento dentro e fora da universidade. Eu adoraria compreender porque era tão rígido em sala de aula, devia haver uma razão. Quem sabe eu perguntasse da próxima vez que acabasse *esbarrando* com ele por aí. Eu mal podia esperar por isso, afinal ele era bem mais interessante fora da UEM.

Dobrei a atividade e assenti para Adônis, agradecendo silenciosamente. Estava prestes a me virar quando ele quebrou o silêncio.

— Como amanhã é a revisão para a prova, pode entregar na próxima semana.

Sua voz estava um pouco mais baixa que normal. Mordi o lado de dentro da bochecha, pensando que, na verdade, ele esteve um pouco diferente, sim. Não só comigo, de toda a forma. Tinha feito menos perguntas e quase nenhum comentário irônico. Parecia distante.

— Obrigada — respondi, deslizando a alça da mochila pelo braço. — Até amanhã — completei, com um sorrisinho torto, mas ele sequer reparou.

Dei de ombros e saí, fechando a porta atrás de mim. Tateei os bolsos a procura do celular, mas antes que pudesse pescá-lo dentro do bolso, a folha escapou da minha mão. Ela planou no ar por poucos segundos e caiu no chão aberta, a centímetros do meu pé esquerdo. Quando me abaixei para alcançá-la, bati os olhos no título da música e meu corpo paralisou de uma só vez. Permaneci naquela posição engraçada, um pouco curvada para frente como se fosse uma idosa muito cansada.

Que merda é essa?, foi meu primeiro pensamento. No entanto, conforme meus olhos rolavam pelas palavras, uma onda de indignação avançava em minha direção. *Só pode ser brincadeira...* Até que a onda finalmente me engoliu e eu submergi em um mar de ira.

Mina do Condomínio – Seu Jorge

*Tô namorando aquela mina
Mas não sei se ela me namora
Mina maneira do condomínio
Lá do bairro onde eu moro*

*Seu cabelo me alucina
Sua boca me devora
Sua voz me ilumina
Seu olhar me apavora*

Me perdi no seu sorriso

*Nem preciso me encontrar
Não me mostre o paraíso
Que se eu for, não vou voltar
Pois eu vou
Eu vou*

Não consegui terminar de ler. Por alguma razão inexplicável, meu sangue borbulhou. Eu me sentia farta de patinar sem sair do lugar. Ele estava tirando com a minha cara, era isso mesmo? Eu era algum tipo de passatempo sádico dele? Meus sentimentos eram uma piada?

Se ele não queria se envolver, como aparentava, por que fazia aquele tipo de coisa? Por que me abraçou por trás na hora de me ensinar a tocar violão, se depois apenas se afastou? Por que cantou uma música tão linda para mim, se depois fingiu que éramos apenas bons amigos? Por que me provocava se, quando eu tentava ir em frente, ele me deixava na vontade?

Céus, como era complicado estar apaixonada! Eu jamais poderia imaginar antes que quebraria tanto a cabeça.

Sem ter tempo de pensar muito nos meus atos, abri a porta com um baque e entrei como um cão raivoso, batendo-a atrás de mim. Estava enfurecida com ele. Talvez mais do que deveria, no entanto ele sempre causou reações intensas demais em mim. Não seria diferente agora.

Percorri a distância até a mesa, sem me importar com o olhar perplexo de Adônis.

— Qual é o seu problema, hein? — minha voz saiu fraca, de tanta raiva. — Tenho cara de idiota para você brincar comigo?

Ele arregalou os olhos, chocado.

— D-do que está falando?

Bati com a mão no tampo da mesa, deixando o papel sobre ela. Suas íris foram de mim para o trabalho algumas vezes antes de ele arrastar a cadeira suavemente e se levantar, parando na minha frente.

Não ofereci oportunidade para que ele pudesse se justificar. Quando percebi que ele falaria alguma coisa, expirei o ar com força, avançando um passo. O meu dedo indicador estava apontado para ele como uma antena.

— Você não tem o direito de fazer isso, sabia? Quero dizer, você tem noção de como saí chateada da sua casa domingo à noite?

— Chateada? — perguntou, unindo as sobrancelhas em preocupação. — Por quê?

— Porque você bagunça a minha cabeça! Faz parecer uma coisa, instiga a minha imaginação e depois age como se não fosse nada de mais. Por que escolheu essa música? — Bati com o indicador na folha, parecendo uma maluca descontrolada.

— Porqu... — ele começou, mas o cortei.

— Não, quer saber? Chega. Está me deixando louca. Louca igual a você! Não consigo acompanhar essas mudanças de comportamento, não consigo saber quando será um estúpido ou aquela pessoa carinhosa que eu adoro passar o meu tempo. Não dá, Chewie.

— Donzela, me escu...

— Droga — interrompi-o outra vez. — É injusto que você faça eu me sentir dessa maneira, quando nem ao menos sei como reagir! Eu tenho todas essas sensações aqui dentro de mim e não tenho a mínima ideia do que fazer com elas, Adônis! Eu... eu penso nas coisas que gostaria de fazer com você, mas o problema é que eu não sei de nada disso e você simplesmente não ajuda. Mas poderia, se quisesse. — Passei as mãos pelo cabelo, fazendo uma pausa dramática. — Eu nunca nem ao menos beijei alguém, consegue entender a gravidade da situação? Para mim, a ideia de ter a língua de uma pessoa dentro da minha boca é mais assustadora do que cachorros de três cabeças ou *velociraptors*! E mesmo assim eu estou *tentando* lidar com isso, inferno! Eu posso ser a parte frágil da relação, mas é você quem está correndo como uma garotinha assustada! Céus, qual a dif...

Em um instante eu bramia cheia de raiva e, no seguinte, a sala de aula se tornou excepcionalmente silenciosa. Isso porque fui calada por Adônis. Calada com os lábios dele, a propósito. Demorei algum tempo para entender o que acontecia e, neste momento, realmente acreditei que fosse ter um infarto. Meu coração martelava com veemência dentro do meu peito, parecia prestes a entrar em colapso. Suas mãos me seguravam pela nuca, como se para evitar que eu acabasse fugindo dali. Sua respiração morna vinha contra meu rosto em suaves lufadas. Já a minha, achava-se curta e rápida. Eu praticamente hiperventilava.

A fração de segundo que ele demorou a invadir a minha boca me pareceu uma eternidade. Perdi o fôlego ao sentir o seu sabor e me deixei levar por ele. Sua língua se entrelaçou na minha, a princípio lenta e carinhosamente, como se para

não me assustar. Conforme eu correspondia, no entanto, imitando seus gestos, o beijo se tornava mais intenso e delicioso. Adônis me guiava, ávido de desejo.

Suas mãos longilíneas escorregaram pelas minhas costas, parando no final do quadril. Ele sugou a minha língua demoradamente enquanto me puxou contra o corpo sólido como uma rocha, pressionando os quadris nos meus e me mostrando seu volume propositalmente. Dessa vez, porém, não me assustou nem um pouquinho. Saber que apenas me beijar fazia o seu corpo corresponder daquela maneira acendeu uma chama ardente dentro de mim e me vi arquejando de maneira sonora.

Ele gemeu baixinho, mordendo o meu lábio inferior e depois escorregando a própria boca pelo meu queixo até chegar ao pescoço. Eu não queria que ele tivesse interrompido o beijo ainda, mas mal tive tempo de pensar em outra coisa qualquer. No momento em que começou a passear a língua molhada na pele supersensível do meu pescoço, eu só pude enterrar as unhas nos seus braços, sentindo aquele formigamento de desejo no meio das pernas. O mesmo que experimentara em sua casa. Era o que ele fazia comigo.

Meu Deus, meu Deus, meu Deus... Isso é... ai, Deus.

— Você... é... deliciosa... — murmurou entre um beijo e outro, sem notar que o fazia.

Eu me sentia como se estivesse nas nuvens. Parecia ser um daqueles sonhos dos quais não se quer despertar nunca. Enfiei as mãos por baixo de sua camiseta e passei os dedos pela pele nua, deleitando-me com os músculos rígidos que bagunçaram a minha imaginação tantas vezes. O simples gesto serviu como estopim para Adônis. Ele voltou a cobrir meus lábios com os seus enquanto nos girava, invertendo nossas posições. Suas mãos foram parar nas minhas coxas e ele me ergueu sem a menor dificuldade, até que eu estivesse sentada sobre sua mesa. Então se acomodou entre as minhas pernas, de forma que pude sentir seu desejo no mesmo ponto em que o meu pulsava. Aquilo foi... nossa.

— Louco de vontade... não consigo mais... deliciosa demais... — ele continuava a rosnar contra a minha boca como se entoasse um cântico de devoção. Sua língua se movia demonstrando a paixão violenta que, de tanto ser reprimida, jorrava em uma vazão enorme.

Cruzei as pernas ao redor do seu quadril, embriagada pelo seu perfume delicioso, por suas carícias e pela volúpia correndo pelas minhas veias, alimentando cada centímetro meu.

— Quero tanto você — deixei escapar, arrancando outro gemido baixo e rouco dele. O som acarretou uma nova onda de adrenalina, deixando-me cega. Eu estava cega de vontade. Droga, quanto mais nos beijávamos, maior se tornava a ânsia dentro de mim! Aquilo era insano. Suas mãos deslizaram para dentro da minha camiseta, subindo em direção aos seios. Não chegaram lá, no entanto, pois o sino estridente indicando o começo do segundo período nos arrastou bruscamente para a realidade. Eu sequer me lembrava de onde estávamos.

Adônis voltou a segurar o meu rosto, enterrando os dedos compridos pelos cabelos e me arrepiando inteira. Com uma sucessão de beijinhos, ele se afastou de mim. Mesmo escondidos pela barba, os lábios inchados entregavam o que estivemos fazendo durante o intervalo. Eu não queria nem ver o meu estado...

— Olha, muito bom o seu argumento, mas acho que vamos precisar terminar essa discussão mais tarde — sussurrou brincalhão, deixando um último beijo no cantinho da minha boca.

Minha risada saiu baixinha, já que eu ainda não havia recuperado o fôlego. Assenti, passando os dedos nos cabelos a fim de assentá-los da melhor maneira possível. Pulei da mesa e peguei minha mochila jogada no chão, sem saber quando exatamente ela fora parar lá.

Girei os calcanhares e, quando já estava com a mão na maçaneta da porta, olhei por cima do ombro, encontrando-o com um olhar lúbrico.

— Até mais, professor — disse, piscando para ele e arrancando um sorrisinho torto de seus lábios ainda avermelhados.



Capítulo 38

*Apenas quando o objetivo
É inalcançável
Eu começo a sentir
Como se estivesse me perdendo*

Little Joy – Unattainable

Não consegui prestar atenção em nenhuma outra aula pelo resto da noite. Tampouco em meus amigos e no que diziam enquanto traçávamos o trajeto para casa. Não consegui pensar em nada mais além de Adônis e em como ele colocou o meu corpo em ebulição. Em nome de Yoda, eu *precisava* de mais.

Contei todos os minutos, segundos e milésimos para avançar pela porta do seu apartamento e ter o seu corpo prensando o meu contra a parede, ter suas mãos provocando arrepios na minha espinha e me deixando com as pernas moles de vontade. Cada vez que recordava a maneira como ele me ergueu tão facilmente com seus braços fortes para me colocar sobre a mesa, um fio de eletricidade percorria as minhas extremidades. Quando fechava os olhos e repassava Adônis se encaixando entre as minhas pernas para me mostrar como eu o tinha deixado... por

Deus, aquilo des governava o meu corpo. Era uma confusão sem tamanho de emoções, mas o fato é que eu gostava.

A minha única vontade era dar continuidade àquilo que eu vinha ansiando dia após dia. Queria voltar a ouvi-lo rosnar baixinho aquelas palavras desconexas que exprimiam exatamente como eu me sentia. Queria ele. Mais, mais e mais.

— Jesus, Becca! Dá pra me ouvir pelo menos uma vez na noite? — perguntou Arthur, com uma pontada de irritação.

— Sinto muito, eu estou... — minha voz morreu no ar quando a imagem das mãos grandes de Adônis subindo pela minha cintura invadiu a minha mente.

— Com a cabeça na lua. Pelo amor de Deus, terra chamando! — Ele estalou os dedos e Nataly riu do meu estado caótico.

— Deixa a menina em paz! Eu hein. Não é porque você está triste que precisa descontar em todo mundo.

As palavras dela me despertaram para a realidade. Que péssima amiga eu era! Arthur passava por um momento tão difícil e eu sequer o ouvia. Mas, por outro lado, não é como se eu fosse culpada por minha noite ter sido incrível justamente quando ele achava-se infeliz.

Aproximei-me um pouco mais dele, recostando a cabeça em seu ombro da melhor maneira que pude, uma vez que empurrava a Caloi ao meu lado.

— Desculpa, algumas coisas aconteceram e eu simplesmente não consigo parar de pensar nelas. Sou a pior amiga do mundo. Você tem todo o direito de jogar na minha cara. — Concluí com um beijo estalado em sua bochecha.

Meus colegas de apartamento trocaram olhares significativos e eu lutei para ignorar a comichão de ciúmes nas entranhas.

— *Coisas*, hein? — Nataly tomou frente da conversa. — *Que tipo* de coisas?

Droga, eles me pegaram!

— Nada de mais — falei, em uma tentativa fracassada de fugir do assunto, mas fui apenas ignorada.

— Pensando bem, você sumiu no intervalo, não é? — Arthur perguntou, com uma expressão impagável se acendendo no rosto. — Te procuramos em toda parte, bonequinha. Por onde andou?

— Quem sabe fazendo essas *coisas* que não consegue parar de pensar.

— Bom, julgando pelo sorriso bobo-alegre na sua cara, devem ter sido boas *coisas*...

Argh, aqueles dois eram mesmo terríveis quando se uniam!

— Tudo bem, vocês venceram! — praticamente gritei. — Ok, eu confesso, estive com alguém. Aconteceu o que vocês estão insinuando. Pronto.

— MEU DEUS, REBECCA. VOCÊ FOI PERDER A VIRGINDADE JUSTO NA UEM?! — meu amigo berrou.

— O quê?! — Estaquei no lugar. *Qual é o problema dele?* — Não, porra! Qual o seu problema? — externei o pensamento, sem me importar por estarmos em frente ao nosso condomínio.

Olhei dele para Nataly e dela para ele, no mínimo umas cinco vezes, até cairmos na gargalhada. Precisei me dobrar para frente, de tanto que ri.

— Seu depravado. — Dei uma cotovelada em suas costelas. Ele limpou uma lágrima que havia acabado de escorrer antes de responder.

— Caramba, você me assustou!

— Sério, vocês acharam mesmo que eu faria sexo pela primeira vez na vida dentro da UEM?

— Vocês não. Só o Arthur! — Lily se defendeu, erguendo as mãos no ar e nos fazendo rir ainda mais. Então, como a curiosa que era, aproveitou a oportunidade para tentar extrair mais informações. — Mas então nossa bonequinha andou namorando pelos corredores, é? — *Na verdade foi na sala de aula*, pensei divertida, adorando ter um segredo para guardar.

Dei de ombros, fingindo não ser nada demais. Logo depois apertei o passo, passando na frente deles quando alcançamos o estacionamento. Levei a bicicleta até o suporte, acorrentando-a no bicicletário. Meus olhos foram direto para a vaga de Adônis e eu senti uma pontada de decepção ao encontrá-la vazia. Ele sempre chegava antes de mim, era estranho que ainda não estivesse ali.

Voltei para perto dos meus amigos com o celular na mão e uma mentira na ponta da língua.

— Vou dar um toque para os meus avós, subo daqui a pouquinho — balancei meu telefone no ar, com uma risadinha nervosa. Eu não queria que eles unissem os pontos e acabassem percebendo a minha razão de permanecer ali. Não ainda, pelo menos.

— Tudo bem, espertinha. Mas vou te esperar para saber quem foi o sortudo — Arthur falou com seu tom arrastado e sorriu para Nataly. — A Becca acha mesmo que vai conseguir escapar, *tadinha*.

— Eu só estou curiosa para saber o que aconteceu com a CDF que ia esperar terminar a faculdade... — ela falou com malícia, torcendo uma trancinha nos

dedos.

Eu mostrei a língua para eles, fingindo digitar números no ecrã do celular em seguida. Meus amigos não deixavam nada escapar, eu precisava ter cuidado com os dois, ao menos por ora.

Levei o aparelho à orelha, andando de um lado para o outro como se quisesse falar muito com a minha família. Esperei tempo o suficiente para ter certeza de que não voltariam. Sentei-me no chão, recostando as costas contra as paredes de tijolinhos à vista e respirei fundo.

Meus dedos brincaram com o celular, embora minha atenção estivesse toda voltada para a garagem de Adônis. *Cadê ele?*, eu me perguntava sem parar, incapaz de evitar a amargura me envenenando. Droga, ele mesmo tinha dito que continuaríamos a nossa *conversa*. Então onde estava? Alguma coisa teria acontecido justo naquela noite?

Conforme a madrugada avançou de mansinho, a certeza de que ele não chegaria tão cedo me atingiu em cheio. Meu professor estava fugindo de mim outra vez. Pelo amor de Dumbledore, como podia me beijar tão intensamente e depois simplesmente desaparecer? Qual era seu medo, afinal de contas? Será que ele não percebia o quanto aquele comportamento me machucava?

Cansada de esperar, encarei o relógio uma última vez, descobrindo que uma hora e meia já havia se passado desde que me sentara ali. Bati com as mãos nas coxas para limpar a poeira, ralhando comigo mesma por ser tão idiota. Era tudo culpa minha, afinal. Ninguém mandou me deixar levar daquela maneira. Olhei uma última vez para a vaga e segui em frente.

Talvez algo na minha expressão tenha servido como indicativo de que eu não queria conversar. Entrei como um raio no apartamento, encontrando Arthur e Nataly dividindo uma *long neck*, sentados no chão da sala.

— Becca, até que enfim! — Arthur exclamou, mas, tão logo seus olhos recaíram sobre mim, ele emudeceu, compreendendo que algo não estava legal. Nataly lançou um olhar preocupado em minha direção, como se me perguntasse silenciosamente se eu precisava conversar.

Acenei com a mão, fazendo um gesto de “deixa para lá”. Estava tão desanimada que nem ao menos percebi que nós três havíamos acabado de nos comunicar sem trocar uma única palavra.

Empurrei a porta do quarto com o ombro, jogando a mochila sobre a cama e me abaixando no mesmo instante para alcançar os materiais de desenho. Somente

aquilo seria capaz de me distrair. Eu queria tirar o foco de Chewbacca ao menos por algumas horinhas. Porém, contrariando a minha vontade, o desenho que meus dedos começaram a traçar foi justamente sobre ele, sobre nós.



Depois de terminar, encarei a ilustração por minutos a fio, passando o polegar suavemente pela superfície ainda úmida do papel *canson*. Nossos corpos unidos, os olhos fechados... Eu quase podia sentir sua respiração chegando em lufadas contra o meu rosto. Afastei a cadeira da escrivaninha de uma só vez ao perceber que a irritação ainda estava lá, escondida em algum lugar, só esperando o momento certo para surgir.

Caminhei até a janela, sendo recebida pelo céu estrelado. Fazia uma noite tão bonita de lua cheia e eu sequer tinha reparado até aquele momento. Somente uma pessoa havia protagonizado os meus pensamentos nas últimas horas. Cruzei os braços sobre a janela, apoiando o queixo neles e fingindo para mim mesma que

toda a minha frustração nada tinha a ver com o fato de que daria tudo para estar nos braços de Adônis novamente.



Capítulo 39 - Adônis

*Ninguém além de mim pode me salvar
Mas já é tarde
Agora eu não consigo nem pensar
Pensar porque eu deveria tentar*

Metallica – Fade to Black

Os sonhos eram sempre idênticos. Noite após noite após noite. Não importa como fosse o dia, existia a certeza de que, ao deitar a cabeça sobre o travesseiro, encontraria as mesmas imagens esperando por mim de braços abertos, tão fieis quanto cachorros eram aos seus donos. Sem tréguas. Era certo como a morte.

Eu estava farto. Farto de noites mal dormidas, farto de perambular entre a insônia e os pesadelos. Farto de não poder deixar o passado no lugar dele porque aqueles mesmos faróis ofuscavam a minha visão cada maldita vez que pregava os olhos. Eu só queria seguir em frente. Não, eu não queria, eu *já tinha* seguido em

frente. Mas o passado insistia em me perseguir, insistia em mostrar que os danos seriam eternos, eu gostando ou não.

A vida era uma coisinha injusta e irritante. Uma alameda cheia de subidas e descidas. Uma confusão. E eu estava *realmente* cansado. Cansado do quanto um único segundo podia mudar drasticamente todo o futuro. Uma única decisão e os trilhos saíam dos eixos para sempre. É como atirar um copo no chão — os vidros se estilhaçam e, depois disso, não há o que fazer. Podemos até unir os pedaços e colar pacientemente um no outro, no entanto as rachaduras permanecerão lá como um lembrete eterno. Os pesadelos eram as minhas rachaduras, recordando-me de outros tempos, de outra vida.

O vento fresco entrando pela janela servia como um bálsamo em meu rosto febril pelo álcool. Ao redor, o mundo girava suavemente, tirando e devolvendo o foco da minha visão. Cruzei os braços sobre a janela, observando as árvores passarem enfileiradas lá fora, como um vulto interminável. O carro flutuava sobre a pista. Ou talvez fosse apenas eu que estivesse nas alturas, como se fosse feito de gás hélio. Sentia-me invencível naquela noite. Era sempre assim depois de tocar. A atmosfera ao redor contribuía muito para isso.

Os shows despertavam o que existia de melhor em mim. Aquela parte que permanecia hibernando na maior parte do tempo e que dava um sentido à minha existência. Meus membros ainda formigavam pela adrenalina experimentada durante a madrugada. Eu era viciado na euforia decorrente de estar em um palco, era prazeroso ao extremo. Ainda que fosse nos piores bares inimagináveis e na maioria das vezes eu me encontrasse mais bêbado do que deveria.

— *Em que está pensando?* — Cecília perguntou, buscando-me novamente para a realidade.

— *Que provavelmente amanhã terei a maior ressaca de todos os tempos.*

Endireitei-me no banco e olhei para o lado, encontrando-a com os olhos pesados e muito vermelhos. Coloquei a mão sobre sua coxa, apertando-a com suavidade.

— *Eu poderia fazer isso o tempo todo. Realmente poderia.*

— *Ainda não entendi porque escolheu cursar Letras, se é assim tão apaixonado por música.*

Sorri, movendo a mão para a parte interna de sua perna, onde ela sentia cócegas.

— *Ah, então você não sabe?*

— Não — Cecília fez cara de desentendida, mas a malícia estava estampada em sua feição. Movi meus dedos por sua pele, como se tocassem teclas de um piano. Ela se contorceu toda, dando tapinhas nas costas da minha mão até que eu a soltasse e depois voltou a segurar o volante.

— Nenhum palpite? — perguntei, entrando no jogo.

Eu sabia o quanto ela adorava escutar aquela história. Já estava cansada de saber a razão para eu ter escolhido uma faculdade que nada tinha a ver comigo, mas ainda assim não desperdiçava uma única oportunidade de ouvir de novo. E eu não me queixava em repetir. Contaria todas as noites se ela assim quisesse.

— Não posso nem imaginar!

— Bom, talvez tenha sido culpa de uma garota muito bonita. — Enrolei os dedos em uma mexa do seu cabelo, sem desviar os olhos dela. — Na verdade, a culpa foi dos pais dessa garota, que mudaram para outro estado.

— E o que isso tem a ver com a paçoca?

— O que tem, Cecília, é que eu estava apaixonado por ela. Mudaria para a China se fosse preciso.

Ela se empertigou no lugar, ficando com a postura perfeita. Seus dedos tamborilaram impacientes no volante, como se mal pudesse se conter. Eu sabia exatamente o que ela perguntaria em seguida.

— Está me dizendo que desistiu do seu sonho por amor, é?

Tombei a cabeça para trás, gargalhando. Como era possível que depois de tanto tempo continuássemos naquele jogo?

— É exatamente o que estou dizendo.

— Isso é muito romântico! Ela é uma garota de sorte.

— Acho que está enganada. — Sorri. — Já que eu claramente sou o sortudo por aqui.

Cecília desviou a atenção da estrada para deixar um beijo rápido nos meus lábios. Seu hálito tinha cheiro de álcool, tal como o meu deveria ter, naquele momento. Quando ela voltou a olhar para frente, retornei à minha posição inicial — apoiado na janela para observar a paisagem.

As araucárias passando, uma a uma, ininterruptamente.

O vento tocando a minha pele, como uma invisível mão gelada.

Os campos se estendendo para o horizonte, como tapetes de veludo sob a luz pálida do luar.

Árvore, vento, grama.

Árvore, vento, grama.

Árvore, vento...

Adormeci sem perceber. Acordei quando minha cabeça caiu para frente, como um saco de areia. Esfreguei os olhos calmamente, estranhando o silêncio.

O nanosegundo seguinte pareceu durar horas, quiçá dias. Tudo se resumiu a flashes em câmera lenta. Eu me sentia como o expectador de um filme ao qual não queria assistir.

Os faróis com luz alta ferindo minhas retinas.

A buzina estridente dominando o mundo. O meu mundo, ao menos.

O grito de Cecília, quando ela despertou do transe.

Suas mãos girando o volante para a direita de uma vez.

Nós dois dentro de uma centrífuga enquanto eu ouvia a minha própria voz preencher o carro, demasiadamente atrasada:

— CUIDADOOOOO! CUIDADOOOOO!

Acordei gritando, como sempre acordava. Cada membro do meu corpo vibrava, como se eu estivesse levando pequenos choques. Apesar de ser uma noite razoavelmente fresca, eu me encontrava encharcado de suor. Arranquei a camiseta para me livrar da claustrofobia que se instaurou ao meu redor. Semelhante a correr por um imenso labirinto, sem chegar a lugar nenhum. Sentei-me na cama e cruzei as mãos sobre os joelhos, inclinando o tronco até a testa tocar nelas.

Percebendo o meu estado de espírito, Castiel soltou um miado suave e pulou para os meus pés, deitando sobre eles. E então as lágrimas vieram. Bastou que ele me dissesse, mesmo silenciosamente, “eu estou aqui” para elas jorrarem dos meus olhos. Já fazia um bom tempo, para falar a verdade. Mas ultimamente os sentimentos estavam tão confusos e intensos, era de se esperar que isso eventualmente acontecesse.

Conforme os ponteiros se atropelavam no relógio, elas me lavaram de dentro pra fora, aliviando o peso das minhas costas e esvaziando os pensamentos. Limpando as imagens. Devolvendo a sanidade aos poucos.

Mais uma noite sem dormir de maneira digna, pensei comigo mesmo, segundos antes de a campainha ressoar pelo apartamento. Empertiguei-me no mesmo instante, alcançando a camiseta para secar o rosto.

Deve ser algum vizinho puto comigo. Até que demorou bastante.

Viver a mercê dos pesadelos acarretara situações desgastantes ao longo dos anos. Nunca fui o cara amado pelos vizinhos, e receio que não seja difícil entender o

porquê. O som agudo penetrou meus tímpanos outra vez. Respirei fundo, resignado a encarar o problema de frente.

— É alguém muito irritado, Castiel. Melhor irmos lá atender — murmurei, abaixando-me para pegá-lo no colo.

Enterrei a cabeça no pelo fofo enquanto permitia que meus pés me levassem até a porta. Era minha forma de agradecer pelo acalento. Ele sempre estava lá para mim quando eu precisava.

Quem inventou o boato de que gatos não gostavam dos seus donos era, provavelmente, um imbecil.

— Já estou indo! — berrei com irritação, quando a campainha repercutiu novamente.

Destranquei a porta com impaciência. Ao abri-la, todos os músculos enrijeceram. Rebecca me encarava cheia de preocupação. Os lábios ligeiramente crispados. Os cabelos bagunçados indicando que havia acabado de acordar. Graças a mim, é claro.

Abri espaço para ela passar e soltei Castiel no chão, deixando um último cafuné na pelagem acobreada. Mal tive tempo de girar nos calcanhares e fui recebido por um abraço caloroso. Ela recostou a cabeça contra o meu peito e acomodou o corpo no meu. Surpreso, passei os braços ao redor do pescoço dela, aprisionando-a ali comigo.

Os sentimentos que eu tentava reprimir voltaram todos de uma só vez. O desejo intenso se alastrando pelos meus membros; a necessidade em tê-la por perto todos os dias; a maneira como ela chacoalhava o meu mundo. Eu queria, mas *não podia* me deixar levar. Já me achava no meio do caminho, no entanto, e cada passo à frente tornava ainda mais difícil dar meia-volta e recuar.

Minha garganta apertou quando retomei o momento crucial em que perdi o controle na sala de aula. Na sala de aula! Onde estava o meu bom-senso? Onde estava o Adônis comedido e focado? Eu já não sabia. Agora só existiam aqueles olhos de pistache e o conjunto de características que compunham a personalidade responsável por me abalar. Como a vergonha, por exemplo, quando nosso contato se tornava mais íntimo. E, ao mesmo tempo, a coragem de falar o que vinha à cabeça. Ah, ela era corajosa. Confessara os sentimentos, embora de maneira atrapalhada. Eu mesmo não fui capaz disso.

Então rompi as barreiras. Coisa que não podia ter feito, mas fizera. Foi impossível permanecer impassível vendo a chama dentro dela arder tão

intensamente. A garota era espirituosa e isso me atraía demais. Mas, por Deus, fui o primeiro homem a beijá-la! Não era certo. Eu não podia fazer isso com ela, *não podia*. Foi exatamente por essa razão que me demorei a voltar do trabalho. Supunha que ela estaria me esperando. Apesar de me sentir tentado a ir em frente, era egoísta demais da minha parte, quando não tínhamos a possibilidade de um futuro. A decisão já estava tomada.

Soltei-a com gentileza e tirei suas mãos de mim, afastando-me em seguida.

— Desculpa te acordar.

— Por mim não tem problema. Mas acho que o prédio inteiro ouviu dessa vez.

— Foi tão ruim? — perguntei, unindo as sobrancelhas.

Ela encolheu os ombros e mordiscou os lábios, deixando-os avermelhados.

— Normalmente você acorda depois do segundo berro... mas hoje foi desesperador. Parecia ter alguma coisa acontecendo.

— E tinha. Bom, aqui dentro, pelo menos. — Sorri, batendo os indicadores levemente sobre as têmporas. — Preciso dar um jeito antes que acabe sendo linchado.

— É, talvez seja uma boa ideia.

Assenti com a cabeça e permiti que o silêncio se instaurasse entre nós. *Precisa ser agora, Adônis. Acabe logo com isso, antes que seja ainda mais difícil.* Estudei-a pacientemente, enquanto arrastava uma cadeira e se sentava de frente para mim. Apoiei as costas nos armários da cozinha, subitamente desejando fumar um maço inteiro de cigarros. O nó da garganta dobrou de tamanho.

— Donzela — chamei-a e no mesmo instante ela se aprumou. — Quero aproveitar que está aqui e... *conversar* com você.

Em uma fração de segundo, os olhos se estreitaram e o nariz ganhou algumas ruguinhas. Essa era sua cara de indignada. Sempre precedia uma resposta atrevida. Eu adorava. Poderia provocá-la o dia todo só para ser presenteado com tal expressão.

— Você quer falar sobre o que aconteceu hoje — não foi uma pergunta.

— Sim, eu quero. — Concordei com a cabeça.

— Já entendi — ela abaixou os olhos, encarando os próprios pés. Ao erguê-los novamente, eles brilhavam. — Mas antes de você dizer o que acho que vai, deixe-me falar primeiro.

— Tudo bem. É justo.

— Alguma coisa está acontecendo. — Ela fez um movimento rápido com as mãos, indicando-nos. — Entre nós dois. *Com* nós dois. Eu sei que você também está se sentindo como eu, Chewie. É tão claro como a força, em Star Wars. Quase é possível ouvir a tensão estalando pelo ar. O jeito que você me toca ou a forma como me beijou... — Ela suspirou, com um sorrisinho aparecendo nos lábios. — Foi muito bom, foi... enlouquecedor.

— Hum... então o *meu beijo* foi enlouquecedor? — perguntei, apenas para vê-la com as bochechas coradas. — Eu desconfiava que era bom nisso, mas nem tanto assim, para falar a verdade.

— Não que eu tivesse muitos parâmetros de comparação, é claro.

Joguei a cabeça para trás, permitindo-me gargalhar. Aquela garota conseguia transformar qualquer momento com sua personalidade. Ela era fascinante. E isso só dificultava tudo. Eu queria conhecê-la mais, queria que pudéssemos continuar nos divertindo como fazíamos com facilidade. As coisas fluíam tão bem.

Expirei, eliminando a distância entre nós. Ajoelhei de frente para ela, apoiando os braços sobre as suas coxas. Percebi seu corpo ficando mais tenso, comparado a segundos atrás. A maneira como reagia a cada pequeno contato me convidava a continuar tocando, continuar abusando da sorte. Minha mente formava um milhão de possibilidades e... nossa, era uma covardia.

— Você está certa. Estou envolvido. E com tanta vontade quanto você, eu... — Engoli em seco. — Queria que fosse tudo simples, mas não é. Nós não podemos continuar com isso.

Levei a mão direita aos seus cabelos, prendendo uma mecha atrás da orelha suavemente.

— Sou o seu professor. Perderia o meu emprego na hora. E você... você também se prejudicaria. Sabe o tipo de coisas que fariam a respeito.

Rebecca repousou a mão pequena e delicada na minha, mantendo-a sobre sua orelha.

— Nós não precisamos anunciar em um alto-falante que estamos juntos. Pelo amor de Deus, somos vizinhos! Ninguém jamais sonharia com isso. Nós podemos ser discretos.

Fechei os olhos por um momento, colocando a cabeça no lugar novamente.

— O problema, donzela, é que tranquei o meu coração. E ele está fechado há muito tempo. Eu já não sei mais como abri-lo e nem posso.

Ela deu uma risadinha incrédula. Quando tornei a abrir os olhos, encontrei-a me encarando como se eu tivesse falado as últimas palavras em árabe.

— O meu nunca esteve aberto, Adônis. Eu nem sabia que existia uma chave! Mas, de alguma forma, você a encontrou e agora já era. Não há nada que se possa fazer a respeito.

— Não faz assim — pedi, roçando o polegar em suas maçãs. — Por favor.

— Por que não? Estou apenas sendo honesta.

— Eu sei. E queria ter te conhecido em outra época... em outra vida. Agora é impossível. Existe um caminho traçado e não há como desviar o foco dele. Eu não posso. Nós não podemos. A decisão já estava tomada muito antes de te conhecer.

— Não faz sentido — sussurrou, voltando a roer o lábio inferior. Dessa vez, um filete de sangue escorreu por ele.

Levei o indicador à fina gota vermelha, limpando-a com facilidade.

— Precisa parar com isso. Está parecendo uma vampira maluca.

— Talvez eu seja. — Ela deu de ombros e percebi o quanto estava chateada.

Veja bem, eu também estava. Mas precisava fazer o que era certo, mesmo se fosse exatamente o oposto do que eu realmente desejava.

— Hei, olha para mim — pedi e ela me olhou intensamente. — Eu te levo para casa. Está muito tarde para uma donzela andar sozinha por aí, ainda mais um caminho *tão longo*.

Rebecca deu um meio-sorriso, levantando-se de uma vez. Ofereci o braço e ela encaixou o dela, sem esconder o desânimo do rostinho delicado.

Saímos em silêncio e, ao parar em frente à porta do seu apartamento, ela não hesitou em se desvencilhar de mim.

— Obrigada pela carona. — Sorriu, mas os olhos não acompanharam.

— Prometo te deixar dormir agora.

— Quero só ver. Boa noite — disse e se virou, sumindo para dentro.

Mesmo minutos após ter se despedido, permaneci encarando a porta, tentando me convencer que eu tinha agido da melhor maneira, embora dentro de mim algo gritasse que não.



Capítulo 40

*Eu não sei onde ele está indo
Eu não sei onde ele esteve
Mas ele é inquieto à noite
Ele tem sonhos horríveis*

Daughter – Run

Balancei as pernas no ar, tentando manter os olhos nas páginas amareladas do livro. Era um sábado de tempo fechado, com fortes ventanias responsáveis por portas batendo e janelas tremendo. Suspirei, sem conseguir realmente me concentrar na leitura. Do lado de fora, as vozes dos meus colegas de apartamento repercutiam pelas paredes, muito altas e agitadas, roubando toda a minha atenção.

Fechei o livro, resignada. Eu não conseguiria ler enquanto eles não saíssem de uma vez por todas. Uma república qualquer faria um churrasco *open bar* naquela tarde. Eles passaram a semana comentando exaustivamente a respeito e, claro,

convidando-me em todas as oportunidades possíveis. Minha resposta era sempre não, pois queria aproveitar o dia para passear pela cidade em minha Caloi verde-água e distrair a cabeça da única coisa em que conseguia pensar ultimamente. É desnecessário dizer o que — ou melhor, *quem* —, né?

Calcei os chinelos e me arrastei até o quarto de Nataly, de onde vinha toda a balbúrdia. Meus olhos fizeram uma varredura pelo cômodo que aparentava ter roupas até o teto. Ela marchava de um lado para o outro, enquanto Arthur ajeitava os cabelos tranquilamente, estudando o próprio reflexo no espelho.

— Você não viu *mesmo* a minha bota nova? Aquela preta que termina no tornozelo?

— Jesus, Lily, quantas vezes preciso dizer que não? Se eu tivesse visto, falaria logo para você parar de andar igual a uma barata tonta.

Nataly estreitou as pálpebras, lançando um olhar assassino para Arthur. Estava linda, como sempre. Os cabelos trançados se encontravam presos em um rabo de cavalo no topo da cabeça e os lábios grossos pintados com um vibrante batom *pink*. Girando os calcanhares na minha direção, ela finalmente se deu conta da minha presença.

— Que susto!

— Desculpa. — Encolhi os ombros. — A propósito, acho que vi sua botinha embaixo do sofá por esses dias, já olhou lá?

Ela teve um estalo e, sem mais nem menos, saiu como um raio pela porta. Lá de fora, sua voz veio em um berro estridente.

— Está aqui! Você é foda, Becca!

Arthur e eu trocamos um olhar divertido e sorri para ele. Embora estivesse se arrumando para uma festa da qual havia falado a semana inteira, seus olhos entregavam a preocupação e melancolia que o acompanhavam desde o fatídico telefonema dos pais.

— Não quer mesmo ir? Mesmo, mesmo?

— Hoje eu passo. Preciso ficar um pouco sozinha.

— Tá bom, mas não vai ficar estudando a tarde inteira, viu? Você precisa se distrair um pouco.

Uni as sobrancelhas, fingindo indignação.

— Sério que seu conselho como amigo é esse?

— Hoje é sábado. Além disso, as provas já terminaram. E aposto que você não tem nenhum trabalho pendente, caso contrário teria infartado a uma hora

dessas.

— Você é uma péssima influência, sabia, Arthur?

— Sim, Rebecca, eu sabia. — Ele entrou na brincadeira. — Sou seu veterano. Essa é a minha função.



Destravei o cadeado da bicicleta. O vento forte despenteava meu cabelo, empurrando-o todo para o rosto. O céu tinha cor de chumbo, aparentando ser final de tarde embora não passasse das três. Raspei a ponta do tênis no chão, ponderando pela última vez se era uma boa ideia sair de bicicleta quando um dilúvio estava a caminho. No entanto, qual a minha outra opção? Eu não estava disposta a passar a tarde presa no quarto, assistindo a filmes de terror ou lendo as fantasias de sempre. Precisava espairar, fugir um pouco da rotina.

Por falta de alternativas, montei na Caloi e dei de ombros. *Não sou feita de açúcar*, pensei. Apoiei o pé direito no chão e busquei os fones de ouvido no bolso da calça, passando-os por dentro da camiseta para que não ficassem expostos. Encaixei-o nos tímpanos e, então, pus-me a pedalar.

Meus dedos se fecharam ao redor dos guidões emborrachados, enquanto meus pés trabalhavam em um ritmo preguiçoso, porém constante. As rajadas de ar chacoalhavam os galhos das árvores com rebeldia, fazendo-os dançar de um lado para o outro. Inspirei o ar fresco profundamente, preenchendo os pulmões. Já era possível sentir o cheiro de chuva.

Segui pelas ruelas do meu bairro, encontrando alguns barzinhos apinhados de estudantes, como grandes aquários lotados. Senti alívio por não ter acompanhado meus amigos na festa *open bar*. Eu não combinava tanto assim com elas, para ser honesta. Além do mais, a tarde estava bonita à sua maneira, com tons cinzentos e pálidos. No fim das contas, ansiava apenas por calma após uma semana tão cheia de acontecimentos.

Quando alcancei uma movimentada avenida, tive um estalo e me lembrei do estádio maringense. Várias pessoas aproveitavam o tempo livre para se exercitar ao seu redor. Sempre tinha alguém correndo, pedalando ou fazendo ioga por lá. Decidi que era onde eu queria estar e inclinei o corpo um pouco para frente,

pedalando em uma cadência maior. A avenida se tornou um declive e eu ganhei velocidade sem muito esforço. Deleitei-me com a sensação da brisa gélida contra o rosto e do quanto me sentia leve, como se planasse no ar. Eu adorava andar de bicicleta e esse era um dos principais motivos. Ainda não possuía habilitação — afinal, não completara a maioridade —, mas tinha certeza de que me daria melhor com motos, justamente pela sensação de liberdade quase selvagem.

Fiz uma curva fechada para a direita, a fim de atingir a calçada do estádio. Achava-se bem menos movimentado do que o habitual. Espiei o céu enegrecido sobre mim e constatei o porquê. Ainda assim, era acolhedor o suficiente. Algumas crianças corriam atrás de uma bola e, à minha frente, um casal passeava tranquilamente com os cachorros.

Endireitei a postura, voltando ao ritmo calmo inicial. Meus olhos se demoraram nos prédios elevando-se nas redondezas e nos carros que passavam eventualmente. Era bom mudar a rotina, só para variar. Arthur tinha razão, eu precisava relaxar mais, ao menos nos finais de semana, ou acabaria envelhecendo bem mais rápido.

O meu celular mudou de música e, de repente, ouvi a voz do Amarante, de Los Hermanos, começar a cantar a música que Adônis tocara para mim em seu apartamento. Era como eu suspeitava — jamais poderia ouvi-la novamente sem associá-la à Chewie. O problema era que eu estava tentando *não pensar* nele. Esse era o propósito daquele passeio, certo?

Só que era tão difícil! Quanto mais os dias corriam, menos eu conseguia refrear minha mente. Ela estava viciada nele. Recordei o nosso beijo, com saudades do que nem ao menos havia começado. O receio dele ou a maneira como se fechava para as demais pessoas... Não era preciso ser um gênio para entender que tinham algo a ver com seu passado. Algo acontecera para deixá-lo tão assustado, tão hesitante. Tal como eu. Quero dizer, o motivo para sempre ter fugido do amor por toda a minha vida foi o trauma causado pela minha mãe. As feridas ainda estavam lá, é claro, no entanto eu estava disposta a ignorá-las, ao menos por ora. Queria ver onde os sentimentos me levariam. Isto é, se ele também quisesse, se também estivesse disposto.

Eu tentava entender o lado dele, afinal não sabia nada sobre a sua vida. Se ele mostrava estar tão interessado em mim, deveria ser alguma coisa realmente forte a que o mantinha firmado no chão, sem poder sair do lugar. Adônis me dissera uma coisa que continuava reverberando pelas paredes do meu crânio,

copiosamente: “Queria ter te conhecido em outra época... em outra vida. Agora é impossível... Existe um caminho traçado e não há como desviar o foco dele”. E isso, de alguma forma, era tão familiar. Eu também tinha um caminho traçado e motivos sólidos para percorrê-lo. Quais seriam os dele?

Chacoalhei a cabeça para afastar os pensamentos. Eu prometi a mim mesma que, ao menos naquele sábado, não ficaria remoendo o assunto. Faria o possível para conseguir cumprir a promessa. Elevei o rosto, direcionando o olhar ao horizonte e, no mesmo instante, meus músculos endureceram, um por um.

Espera. Aquele ali é... oh, Deus!

Não tinha jeito. Quanto mais tentava, mais o universo me mostrava quem mandava ali. Eu estava certa de que o destino era aquele cara piadista, cujas sacadas sarcásticas poucos entendiam. Isso porque, a poucos metros de mim, o protagonista dos meus pensamentos se exercitava com tranquilidade.



Capítulo 41

*Quando um certo alguém
Desperta o sentimento
É melhor não resistir
E se entregar*

Lulu Santos – Um certo alguém

Eis um fato sobre Maringá: tratava-se de uma cidade repleta de academias ao ar livre. Em todos os bairros era possível encontrar os equipamentos coloridos em alguma praça qualquer. Normalmente quem mais as frequentava eram os mais velhos e, por isso, todos costumavam chamar de academia da terceira idade. Inclusive, um pouco mais adiante, duas senhorinhas se alongavam no espaldar púrpura. Meus olhos não se demoraram nelas, no entanto. Não quando Adônis se ocupava nas barras, vestindo apenas uma calça de moletom.

Pressionei o freio e a bicicleta perdeu velocidade até parar com um fraco solavanco. Sem nem ao menos perceber, pulei para o chão, com os olhos vidrados

nele. Adônis elevou o corpo no ar, sustentando-se com os braços. *Que covardia*, meu subconsciente sussurrou. Observei-o rodopiar como um ginasta olímpico incansável. Ele fazia parecer ser algo fácil. Prendi a respiração, aprisionada ao momento. O suor percorria a pele de Chewie, traçando caminhos convidativos aos olhos. Minha visão desceu até encontrar o abdômen definido e o V que eu tanto adorava.

Notando que ele havia parado de se movimentar, procurei suas íris e as encontrei focadas em mim. Arquejei, surpresa por ter sido pega no flagra. Recostei a bicicleta contra um banco de madeira, os dedos apertando o guidão mais forte que o necessário. Adônis saltou para o chão, esfregando as mãos nas pernas, como que para limpar o suor. Ele dobrou o tronco para frente, alcançando a mochila na qual, até então, eu não havia reparado. Tirou uma camiseta de dentro dela, vestindo-se em poucos segundos. Lamentei silenciosamente por ter me privado daquela visão maravilhosa.

Aproximei-me dele, tirando os fones do ouvido. Adônis fez o mesmo, parando a poucos centímetros de distância. O sorriso em seu rosto me deixou com as pernas trêmulas.

— Para um fumante, você tem um fôlego muito bom.

— Você ainda não viu nada. — Piscou, com uma expressão impagável no rosto. Não pude evitar a risada, embora meu rosto estivesse fervendo de vergonha.

Sentei-me no banco e, antes que pudesse me conter, perguntei.

— O que estava fazendo? — Apontei para a barra às suas costas.

— Se chama *Street Workout* — explicou, sentando-se de frente para mim. —, ou treino de rua. É um esporte relativamente novo... Usamos o peso do próprio corpo para executar os movimentos. Trabalha bem a força e o equilíbrio. É muito bom para a definição.

— É, eu *percebi* isso — murmurei. Como resposta, Adônis jogou a cabeça para trás, em uma gargalhada contagiante. — Então além de professor, é músico, cozinheiro e atleta. O que mais tem escondido aí?

— Você vai precisar descobrir sozinha. — Seu sorriso torto provocou uma comichão no meu estômago. Deslizei o corpo pelo banco, ficando praticamente deitada. Cruzei os braços sobre o encosto e apoiei o queixo neles, incapaz de desviar os olhos do homem a minha frente.

— Que surpresa te encontrar justo hoje — comentei, com os pensamentos distantes.

— *Justo* hoje? Por quê?

Porque eu estava tentando evitar você, pensei. Mas o que respondi foi:

— Hoje é um daqueles dias em que eu só queria fugir por algumas horinhas.

— Achei que desenhasse para escapar da realidade.

— Bom, sim. Mas... — *ultimamente só consigo desenhar você*. — minha casa estava claustrofóbica.

— Entendo. Eu também me sinto um pouco preso às vezes.

— Então vem e se exhibe para as pessoas com a sua barriga tanquinho?

O sorriso que Chewie abriu antes de uma risada calorosa escapar por seus lábios fez meu coração acelerar. Peguei-me sorrindo para ele feito uma boba.

— Eu criei um monstro! — brincou, escondendo as mãos nos bolsos e cruzando os pés.

Raspei o dedo indicador na superfície áspera de madeira. Momentos como aquele me deixavam um pouco frustrada. Ele mesmo dissera que estava envolvido. Como uma coisa que deveria ser simples se tornara tão complicada?

Acima de nós, um clarão dominou o céu, como um imenso *flash*. O som estrondoso veio logo em seguida, enquanto um raio rasgava o horizonte, fazendo o mesmo desenho que vasos sanguíneos. Eu sempre nutri um fascínio por trovoadas. A maioria das pessoas tinha medo, mas para mim existia algo quase poético no contraste entre o som majestoso e as linhas tão finas e delicadas.

Distraída com as imagens que os meus olhos registravam, ouvi a minha própria voz quebrar o silêncio entre nós.

— Não acha engraçado nos esbarrarmos o tempo todo? — suspirei. — Quero dizer, tirando o fato de sermos vizinhos, que já é uma coincidência enorme, parece que estamos sempre nos mesmos lugares.

Ele estava prestes a responder quando um aguaceiro irrompeu subitamente. Era como se as comportas do céu tivessem sido abertas de uma só vez. Foi repentino e, em questão de segundos, passou de um chuvisco para um temporal. Os pingos grossos feriam a pele e nos encharcavam em uma velocidade surpreendente. Fiquei em pé em um pulo, mas antes que pudesse alcançar minha bicicleta, Chewie a pegou primeiro, empurrando-a com facilidade.

Corremos pela calçada, ele na frente e eu atrás, até alcançarmos a marquise de um café, onde nos abrigamos. Minha roupa estava grudada na pele, fazendo-me estremecer de frio. Espiei-o pelo canto dos olhos, encontrando-o tão ensopado quanto eu. Adônis entortou a cabeça ligeiramente para a direita, estudando-me com

atenção. Então suas íris desviaram para o lado de dentro do estabelecimento antes dele falar.

— Essa chuva não vai parar tão cedo. Vamos entrar um pouco?

Assenti com a cabeça, enquanto prendia meus cabelos molhados em um rabo de cavalo. Então, tateei os bolsos em busca do meu molho de chaves. Eu costumava prender a corrente da bicicleta logo abaixo do guidão quando a usava, para não precisar carregar uma mochila comigo apenas com essa finalidade. Tomei a Caloi das mãos de Adônis, saindo da proteção do toldo para alcançar o suporte de ferro, onde a afivelei. O que restava de secura em mim foi aniquilado em uma fração de segundo.

Chewie permaneceu ao lado da porta me esperando e, quando passei por ele, sua mão veio de encontro às minhas costas. O toque foi suave e despretensioso, mas, ainda assim, roubou a força das minhas pernas. O interior do estabelecimento se achava quentinho e aconchegante. Poucos segundos depois de entrarmos, eu já havia parado de tremer. Caminhamos por mesas ocupadas, circundando-as até encontrar uma vaga, ao lado da parede pintada de azul pálido e decorada com quadrinhos de tamanhos e formatos variados. Seus dedos escorregaram até chegar à lombar e simplesmente se soltarem da minha pele. Fiz uma careta de reprovação, porém ela logo sumiu quando Chewie inclinou-se para puxar uma cadeira.

Uma risadinha incrédula escapou dos meus lábios. Dava para acreditar que aquele era o mesmo homem que eu havia conhecido nas escadarias alguns meses atrás? Aquele que rosnara para mim por estar em seu caminho? Céus, que mudança significativa!

— O que foi? — perguntou, com uma expressão curiosa.

— Se alguém me falasse um tempo atrás que o Carrasco afastaria uma cadeira para mim, eu provavelmente teria dito “conta outra”.

Olhei para ele e me surpreendi ao reparar no sorriso amargurado em seu rosto. Mordi o lado de dentro da bochecha, perguntando-me se por um acaso havia tocado em algum ponto delicado.

— Desculpa, eu não quis d...

— Não, tudo bem — interrompeu. — Você tem razões para isso, donzela. Sei que não sou a pessoa mais fácil do mundo.

Abri a boca para responder quando uma mulher muito alta parou ao nosso lado. Ela nos estudou por um momento e me senti um pouco exposta por estar

molhada ali dentro. Além do mais, seu sorriso era um pouco estranho, como quando estamos esperando alguém bater uma foto, mas a demora faz com que o rosto fique dormente e o sorriso amarelo.

— Desejam alguma coisa? — indagou, com cordialidade até demais.

Adônis me fitou com os olhos de Outono antes de perguntar.

— Que tal um café para esquentar o corpo?

Concordei com a cabeça, cruzando os braços sobre a superfície da mesa. Estava prestes a fazer o meu pedido quando sua voz repercutiu pelo ar primeiro.

— Um expresso duplo e um pingado, por favor — solicitou para a atendente, que assentiu e abandonou a nossa mesa em um piscar de olhos.

Arquejei, surpresa. *Era exatamente o que eu queria!*

— Como você sabia?

— Sabia o quê?

— Que eu queria um pingado — expliquei.

— Você me disse uma vez que não conseguia tomar café puro, só com leite.

— Ele me encarou como se tivesse falado algo tão trivial quanto “o sol é amarelo”.

Tentei buscar na memória a ocasião e, depois de alguns segundos, consegui recordar. Fora na noite em que joguei verdade ou desafio com os meus amigos e precisei dormir em sua casa. Dentro de mim, uma onda de excitação inundou tudo. Ele prestara atenção em um detalhe tão aleatório sobre mim! Por John Lennon, era muito excitante!

— Que sorrisinho de maluca é esse? — Seus lábios se torceram para a direita.

— Não acredito que se lembra disso.

— *É claro* que lembro! Você colocou leite no café que eu fiz com tanto carinho e dedicação. Tem ideia do quanto me magoou?

Não consegui segurar a gargalhada alta que veio depois disso. Alguns olhares curiosos se voltaram para nós, porém não me importei.

— Meu Deus, você é ridículo!

Ele riu baixinho e encolheu os ombros como se não se opusesse ao meu último comentário. De repente, esqueci-me de que estava molhada e gelada. Isso porque, dentro de mim, um fogo intenso se alastrou. Sempre quando passávamos um tempo juntos e eu conhecia mais daquele Adônis engraçado e dócil, que normalmente ficava escondido por dentro da camada rude, sentia-me sortuda. Quantos outros tinham o mesmo privilégio?

— Estou feliz por te conhecer — soltei simplesmente e ele me encarou com atenção, as íris brilhando. — Não apenas ter cruzado o seu caminho, mas de saber mais sobre você a cada dia. Até um tempo atrás eu não podia nem sonhar com esse seu lado brincalhão e leve, eu...

Fui obrigada a fazer uma pausa quando a atendente chegou com uma bandeja, trazendo nossos cafés. O aroma subiu pelo ar em uma nuvem de fumaça, penetrando as minhas narinas. Inspirei profundamente. Como amava aquele cheirinho!

Tão logo ficamos sozinhos novamente, Adônis se adiantou em responder, pendendo o corpo para frente.

— Ele não existiu por muito tempo, donzela. Eu já nem lembrava mais que um dia fui assim.

Senti seus dedos gelados alcançarem as costas da minha mão e enrijei no mesmo momento.

Como sou tonta, uma coisinha tão pequena e eu já fico toda boba...

Imitei-o, inclinando o tronco para ficar mais próxima dele.

— Eu gosto bem mais desse Adônis.

— Eu também — respondeu sério.

— E o que aconteceu para...? — minha voz morreu no ar. Não consegui colocar em palavras o que exatamente gostaria de saber. Isso porque existiam várias perguntas ali. *O que aconteceu para esse lado ter deixado de existir? O que aconteceu para você ter se tornado tão rude? O que aconteceu para que sua essência voltasse à tona?*

Por sorte, ele entendeu onde eu queria chegar e respondeu a última delas.

— Você aconteceu.



Capítulo 42

*Eu estive esperando por você
E você esteve esperando por mim
Me diga que você vai ser sempre verdadeira
E você será a única para mim*

The Civil Wars – Forget me not

Meu coração parou por alguns segundos e eu soube que deveria estar vermelha como um morango bem maduro. Sem desviar o olhar, Chewie bebericou o café, recordando-me da existência do meu.

Dei um longo gole da bebida fumegante, aproveitando para colocar a cabeça no lugar. Era perigoso percorrer caminhos como aquele, em que os sentimentos emergiam, porque tornava as coisas mais dolorosas. Por isso, em vez de me deixar abalar por suas últimas palavras, resolvi ignorá-las. Fingir que ele nunca dissera aquilo. Afastei a mão, quebrando o contato, e a repousei no meu colo. Mordi o lábio inferior, considerando o momento oportuno para uma dúvida que vinha ocupando a minha cabeça nos últimos dias.

— Chewie... — chamei, ganhando tempo para escolher as melhores palavras.

— Hum?

— Não fique bravo comigo, mas não consigo entender essa discrepância enorme entre você dentro e fora da sala de aula. Por que é tão... hum... *rígido*?

Sua língua passeou pelos lábios. Instintivamente, repeti o movimento sem nem ao menos dar conta. Ele apoiou os cotovelos sobre a mesa e cruzou as mãos com uma expressão desconfiada.

— *Rígido*? Achei que diria outra coisa.

— Você é muito nervoso e impaciente. — Respondi, porém como ele continuou me olhando com a mesma cara, completei. — Ok, eu confesso. Queria dizer carrasco mesmo.

Adônis riu, assentindo.

— Imaginei. Mas, respondendo sua pergunta, acho que devo isso à minha mãe.

— Sêrio?

— Dona Bárbara honra o nome que tem. Ela é mesmo *bárbara*. — Cobri a boca com a mão para abafar a risada que soltei sem querer. — Lá em casa quem mandava era ela. Não só em mim, aliás, meu pai que o diga. A mulher parece uma onça brava!

— Então está me dizendo que herdou a *braveza* dela? — enfatizei a palavra apenas para provocá-lo.

— Calma. — Sorriu. — Me deixe continuar.

— Sou toda ouvidos — falei com o rosto enterrado na porcelana da caneca.

— Bom, como estava dizendo, ela tinha punho firme. Eu não podia sair da linha nem um pouquinho sequer. Só que daí entra o agravante: minha mãe é professora de história, donzela. E ela me deu aula a vida toda. Agora imagine, se já era brava em casa, na escola isso triplicava. Vocês me chamam de... *carrasco* em sala de aula, entretanto é só porque não conheceram a professora Bárbara.

— Não acredito! — soltei, sem esconder a empolgação. — Agora tudo realmente faz sentido. Sua mãe devia pegar bastante no seu pé, né?

— Pegar no pé? Por favor, ia muito além de *pegar no pé*. — Ele abriu um sorriso arrebatador. — Mas, sim, para resumir é isso. Acho que acabei aderindo ao método dela. Depois que cresci, percebi que a maneira como nos disciplinava era importante. Carrego todas as aulas de história vivas na memória, uma por uma.

— Não acha que é um pouquinho demais? — perguntei timidamente. — Quero dizer, entendo o seu ponto, só que como estou do outro lado, tenho certeza que a maioria nutre um misto de raiva e pânico por você.

— Mas, Rebecca, eu quero apenas que vocês absorvam o conteúdo. — Seus dedos longos foram até anel prateado usado como pingente em seu colar, girando-o. Eu nunca tinha o visto sem ele. — Ocupar o posto de professor-camarada não me interessa. Estar em uma Universidade é um privilégio que a maioria desperdiça. Se vocês saírem das minhas aulas com uma bagagem a mais, a má fama terá valido a pena. É só isso que importa.

Fiz uma pequena pausa. Adônis era um homem interessante. Já havia me falado uma vez que o curso de Letras nunca foi sua prioridade e mesmo assim parecia levar tão a sério.

— Eu sempre fui muito estudiosa, então sei que não conta — comecei, sem ponderar se passava dos limites com aquela conversa. — Mas, por outro lado, também sempre fui muito observadora, Adônis. E nem sempre o melhor método é a repressão. Não é preciso ser amigão, também. O respeito habita em outros lugares.

— Acho que deve ter razão — falou baixinho, concentrando-se em estalar os dedos das mãos, com a mente longe dali.

Minha barriga roncou como um motor velho e, por isso, tomei o cardápio para mim. Comecei a folheá-lo sem saber ao certo o que queria. Meus olhos passeavam pelas apetitosas fotografias, cheios de indecisão, quando ouvi Chewie pigarrear. Subi o olhar e o encontrei com uma cara de desaprovação.

— Estou com fome — justifiquei, como se isso encerrasse o assunto. Porém, ele parecia não achar o mesmo, pois em uma fração de segundo seus dedos arrancaram a caderneta plastificada dos meus. — Hei! — protestei, indignada. Afinal, fome era uma coisa muito perigosa de se brincar.

Indiferente ao meu sofrimento, ele se curvou para trás, espiando o lado de fora por cima do ombro. Acompanhei seu olhar para descobrir que o temporal tinha cessado. Restava apenas uma garoa fraca e chata.

— Parou de chover, vamos embora?

— Mas eu estou com fome! — repeti.

Ele não ouviu da primeira vez?

— Eu sei. Vamos embora logo para que eu possa resolver isso.

O quê?

— Resolver... a minha fome? — Senti-me um pouco estúpida pela maneira como a pergunta soou.

Chewie soltou uma risada baixa, erguendo a mão direita a fim de chamar a atenção da garçonete, que veio prontamente. Depois de pedir a conta, voltou-se para mim outra vez.

— É o que pretendo.

— Vai cozinhar para mim?— Céus, as perguntas se tornavam cada vez mais óbvias! Eu parecia ter perdido o controle da língua.

— Só se você quiser.

— Calma, espera! — encarei o relógio, descobrindo que já passava das seis. *Pela máscara de Vader, passamos a tarde inteira juntos!*, surpreendi-me, encarando-o novamente. *E agora ele quer...* — Você está me convidando para jantar!

— Adoro a sua sagacidade... — Brincou, com sua habitual ironia. Respondi revirando os olhos dramaticamente.

— Não é isso, *Chewbacca* — dei ênfase ao apelido. — Eu achei que não podíamos nos envolver.

— Estou apenas te convidando, como um *amigo*, para comer *amigavelmente* na minha casa *amigável*.

Joguei a cabeça para trás, liberando a mais alta de todas as risadas. Ganhamos mais olhares impacientes, aos quais não dei a mínima.

— Certo, amigavelmente. Posso lidar com isso.



Eu adoraria ter ido para o meu apartamento. Adoraria tomar um demorado banho e vestir roupas limpas, secas e quentinhas. Adoraria andar de meias pelo resto da noite. Era o meu desejo inicial e ele ardia dentro de mim, eu juro. Afinal, minhas roupas ainda estavam úmidas e eu não planejava pegar uma gripe. No entanto, logo quando pisamos no terceiro andar do prédio onde morávamos, percebi que meus amigos já estavam em casa. Eu esperava que voltassem apenas de madrugada, mas pela balbúrdia vinda lá de dentro, dava para perceber que não apenas voltaram, como levaram outras pessoas para o *after party*.

Revirei os olhos, bufando audivelmente. Eu sabia que seria bombardeada no momento em que abrisse a porta. Meus colegas de apartamento me pressionariam até eu contar tudo o que havia para ser contado. Podia até imaginar as perguntas: Rebecca, onde você estava? O que fez durante a tarde inteira? O garoto misterioso também foi? Por que está molhada? Becca, você acabou de chegar, para onde vai?

Eu não queria precisar lidar com nada disso, pelo menos não naquele momento. Por isso, quando Adônis me convidou para entrar, encarando-me com aquela expressão tão indecifrável, assenti silenciosamente e o segui para dentro do seu refúgio. Castiel nos recebeu com miados roucos e cheios de manha. Sorri ao assistir ao dono se curvar para pegar o bichano no colo, enterrando o rosto contra a pelagem fofa dele.

Então, de repente, girou nos calcanhares, ficando de frente para mim.

— Vem aqui comigo, vou te dar uma toalha.

— Não precisa, eu estou bem. Praticamente seca.

Suas íris ocre esverdeadas percorreram o meu corpo, deixando um rastro de calor por onde passaram. Ele se demorou observando as duas bolinhas ainda molhadas da camiseta, que permaneciam ali graças ao sutiã. Por dentro quis morrer de vergonha, mas por fora não dei o braço a torcer. Fingi não notar.

— Sei — falou divertido, retomando os passos em direção ao quarto. E, para não ficar sozinha, percorri o mesmo trajeto, seguindo-o.

Paramos em frente ao guarda-roupa, de onde Chewie tirou uma toalha com estampa de dinossauros. Meu sorriso foi de orelha a orelha. Não dava para acreditar que o homem em minha frente era o mesmo que aterrorizava a todos na faculdade. Quem poderia acreditar que o Carrasco tinha canecas, lençóis e toalhas de *dinossauros*?

— Eu nem mesmo tenho o que vestir!

Adônis fez uma pausa dramática, ignorando completamente o meu comentário. Olhou para dentro do armário e o seu queixo caiu.

— Meu Deus, o que é isso aqui? — disse, pegando algo lá de dentro. — Seriam... *roupas*?! Nossa, quem esperaria por algo assim?

Mordi o lado de dentro da bochecha, tentando, com todas as minhas forças, permanecer impassível. Não queria dar o gostinho da vitória. Porém, ao notar a expressão travessa no rosto dele, desmanchei-me em risadas.

— Você é a pessoa mais insuportável do mundo!

— Eu sei. — Piscou, colocando as peças sobre as minhas mãos. — Vou adiantando a janta. Você tem alergia ou não gosta de alguma coisa?

— Não e não.

Sem dizer mais palavra alguma, Chewie sorriu e seguiu pra fora do quarto, deixando-me para trás. Era estranho, mas apesar das poucas visitas, eu me sentia estranhamente à vontade em seu apartamento. Mordisquei o lábio inferior, seguindo para o banheiro.



Capítulo 43

*Se ao menos você soubesse
Como poderia ser fácil me mostrar o que sente
Mais do que palavras
É tudo que você tem que fazer para tornar real*

Extreme – More than words

Embora a minha vontade fosse permanecer embaixo da água escaldante pelo resto da noite, fiz o possível para não demorar muito. Ele também tinha tomado chuva e, mesmo molhado e com frio, deixou-me passar em sua frente. Lavei a cabeça em poucos minutos, imaginando-o, a todo momento, dentro do box, sem roupa alguma cobrindo aqueles músculos deliciosos...

Cruzes, a minha imaginação estava para lá de fértil!

Sequei-me com a toalha de dinossauros, tentando refrear a sensação engraçada subindo pelas entranhas. Era uma droga não poder me deixar levar quando simplesmente não possuía nenhum controle sobre minhas emoções. Elas

tinham os próprios planos e não estavam dispostas a ceder para a razão. Só me restava aceitar.

Tomei a camiseta preta de gola V, escolhida pelo meu vizinho. Ele era muito mais alto e, por isso, ela me serviu como um vestido, terminando logo abaixo do bumbum. O característico perfume amadeirado dele invadia minhas narinas, fazendo-me revirar os olhos cada vez que inspirava profundamente. Meu rosto queimou quando alcancei a cueca boxer. Tentei agir com naturalidade enquanto a arrastava pelas coxas, cobrindo a minha nudez. Estudei meu reflexo no espelho por um momento. Apesar de a cueca parecer um shortinho, ficava coberta pelo algodão da camiseta-vestido. Encarei a calça de moletom dobrada sobre a tampa da privada e sequer precisei vesti-la para deduzir que ficaria imensa em mim.

Saí do banheiro em uma nuvem de fumaça, deixando a calça no quarto antes de rumar para a cozinha, onde encontrei os dois moradores. Castiel dormia tranquilamente em uma cadeira, ao passo que Adônis ocupava-se em descascar uma batata com agilidade.

Recostei-me no batente da porta, cruzando os braços sobre o peito. Permiti-me memorizar a cena antes de indicar minha presença ali, com uma suave tossida. Chewie olhou em minha direção e pareceu esquecer o que fazia. Os lábios se separaram ligeiramente enquanto as íris me estudaram com paciência, tal como eu estivera fazendo sem ele saber.

— A-algum problema com a calça? — Desconcerto tomou seus traços.

— Ficaram enormes. — Não era completamente verdade. Porém, algo na forma como seus olhos queimavam me deixou satisfeita por nem ao menos cogitar usá-la. — Algum problema em ficar sem elas? — Perguntei, fingindo inocência. Essa era a primeira vez, no entanto, em que havia malícia por trás das minhas palavras.

— Não. E-eu... Você está... — A voz saiu rouca. Ele precisou pigarrear para continuar. — Merda, donzela! — Seus punhos fecharam e os nós esbranquiçaram, como quando estava na barra se exercitando.

— O que eu fiz?

— Não banque a inocente! Sei muito bem o que está tentando, sua diabinha! — disse com a voz sôfrega, apontando o indicador para mim. Ele esfregou o rosto com as mãos de dedos compridos, passando ao meu lado como um raio.

— Onde você vai?

— Tomar banho! — a voz veio abafada lá de dentro.

Mordi o lábio inferior, a fim de evitar a gargalhada. Somente me ver tinha o deixado daquela maneira? Mas eu já havia usado vestidos antes! Olhei para baixo, encontrando o pano preto de sua camiseta contornando o meu corpo. Talvez fosse a camiseta. Talvez ele visse algo excitante em me presenciar vestindo suas roupas. Aquilo era bom. Saber que me desejava, ver com os meus próprios olhos o quanto Chewie perdia cada vez mais a batalha. Bom, ao menos era em que eu queria acreditar.

Percorri a distância até a pia e peguei a batata abandonada, retomando de onde ele tinha parado. Eu era péssima naquilo, mas queria ocupar a mente dos pensamentos a todo vapor. Antes mesmo que notasse, Adônis retornou silenciosamente. Percebi graças ao seu cheiro, pois se achava mais intenso do que nunca. Ele vestia apenas a calça rejeitada por mim e eu soube, no mesmo instante, que aquilo tinha virado um jogo. Talvez não consciente, mas ainda assim era. Arfei, surpresa com o quanto nosso encontro amigável se tornava interessante.

Ele me estudou novamente, enquanto se aproximava. Eu podia sentir o peso do seu olhar roçando na minha pele, queimando-me aos poucos. Queria que fossem os dedos, mas me contentava com aquilo. Engolindo em seco, Chewie se aproximou, abrindo a mão no ar. Coloquei a faca sobre ela, porém não saí de onde estava.

— Você fez isso? — indagou, indicando a batata toda mutilada. Eu pensei em responder com ironia, como ele costumava fazer. *O Castiel é que não foi*, ele provavelmente diria. Mas acabei apenas rindo. O estado em que deixei o pobre tubérculo era mesmo lamentável.

— Não sou muito boa na cozinha.

— Não diga isso, donzela. Você é péssima! — Sorriu torto. O ar rarefeito havia se dissipado. — Olha só isso aqui! — Esticou a batatinha especialmente destruída no ar.

Eu não me aguentei. Como poderia, afinal?

Minha gargalhada repercutiu pelas paredes do apartamento, tão alta quanto o sino que indicava as trocas de aulas na UEM.

— Desculpa, eu só queria ajudar! — choraminguei.

— Já fez isso alguma vez na vida?

— Não. — Encolhi os ombros.

— Já fez qualquer coisa na cozinha, antes?

Balancei a cabeça em negativa, pestanejando de maneira infantil. Ele expirou o ar em forma de risada incrédula.

— Como você se alimenta?

— Arthur. Ele é o melhor cozinheiro que conheço.

— Ah, não mesmo!

— Como você pode afirmar?

— Não tem como ele ser o melhor, já que eu obviamente ocupo esse lugar.

Bati meu ombro no dele, gostando de sentir nossas peles colidindo. Por isso, permaneci ali, mais próxima do que deveria.

— Convencido.

— Não se trata de ser convencido, mas sim de *saber* das coisas. Depois da janta você terá mudado de ideia.

— Quero só ver. — Pisquei.

— Você não vai apenas ver. Vai me ajudar!

Abri os lábios em assombro. Acho que foi notável, pois um sorriso vitorioso estampou seu rosto.

— Vou começar te ensinando a descascar uma batata. Porque isso — Tornou a erguê-la. —, está vergonhoso.

— Para de ser chato, aposto que nem está tão ruim.

Observei-o abandonar a faca sobre a tábua e caminhar até a geladeira, abrindo-a com um solavanco e pescando uma nova batata na gaveta de vegetais. Ele a atirou para mim. Agarrei-a como se dependesse daquilo para viver.

Enquanto Chewie vinha em minha direção, uma ideia invadiu minha cabeça. Eu sequer tive tempo de pensar direito, apenas vi meu corpo agindo por conta própria. Ele estendeu a mão para que eu entregasse o tubérculo, mas, em vez disso, escondi-o atrás das costas.

Com um sorriso travesso nos lábios, Adônis tentou pegar de mim, parando em minha frente. Apesar de ele ser muito maior, inclinei as costas para trás, como se estivesse prestes a deitar na pia. Apoiando um dos braços ao lado do meu corpo, ele copiou meu movimento, avançando para tomar o que eu escondia.

Estávamos muito próximos, sua respiração morna acariciava o meu rosto. Seus olhos permaneceram fixos na minha boca, enquanto ele se aproximava perigosamente, tão devagar que eu me perguntava se estava mesmo acontecendo. Nossos narizes estavam a poucos centímetros de distância. Minha garganta secou

naquela fração de segundo com duração infinita. Umedeci os lábios e esse foi o estopim para Adônis cobrir minha boca com a dele.



Capítulo 44

*Porque isso é torturante
A eletricidade entre nós dois
E isso é perigoso
Porque eu quero você tanto*

Daughter – Landfill

Arfei em espanto. Aquela era a última coisa que eu esperava quando aceitei o convite para jantar. E foi exatamente essa a razão para ser tão especial. Quando sua língua encontrou a minha, trazendo o sabor mentolado, soltei a batata sem nem pensar duas vezes, enterrando as mãos nos cabelos macios de Adônis. Sua respiração ficou pesada em um passe de mágicas. Ele me beijava como se estivesse faminto e somente eu pudesse saciar sua fome. Eu entendia porque era como me sentia.

Mordi seu lábio inferior, arrancando um suspiro pesado dele. Seus braços se fecharam ao redor da minha cintura, acabando com o resquício de distância que

ainda restava entre nossos corpos. O peito subia e descia rapidamente contra o meu. Uma das mãos subiu pela minha coxa, deixando apertões urgentes, até que chegou à curva onde começava o bumbum. Ele repousou a mão ali, enterrando os dedos. Sua necessidade de mim me inflamava por dentro e logo senti o corpo pegando fogo. A ânsia lasciva que somente Adônis podia despertar chegou de uma vez, roubando um gemido rouco do fundo da garganta.

Ele segurou o meu queixo com firmeza, beijando-me de uma maneira tão intensa que era quase obscena. Então, contrariando o que nossos corpos clamavam, descolou nossas bocas e encostou a testa na minha, ainda de olhos fechados.

— Meu Deus, não estou conseguindo me controlar.

— Mas não precisa.

— Eu não posso, eu... — Outro suspiro. — Não posso, Rebecca. Não dá.

Meu coração ficou do tamanho de um grão de mostarda. Em parte por causa das palavras, mas principalmente por ele ter me chamado pelo nome. Eu podia contar nos dedos da mão direita quantas vezes isso já havia acontecido. Eram tão poucas...

— Adônis... — falei em tom de súplica — Eu quero tanto você. Não pode me mostrar o quanto me deseja e depois recuar.

— Estou tentando fazer o que é melhor para nós dois — sussurrou baixinho e quase não entendi.

— Não. O que estávamos fazendo é justamente o melhor para mim neste momento. — As palavras se atropelaram para fora da minha boca. — Não me diga que tudo isso é medo?

— Shhhh — ele me calou com um beijinho, apertando a força no braço que permanecia na minha cintura. — Não é medo. Eu já te expliquei o quanto também quero isso. Mas não posso. Nós não temos futuro, donzela.

Ótimo, o apelido voltou.

— Por que diz isso?

— É complicado...

— Tente me explicar. Acho que mereço entender.

Respirei fundo, preenchendo os pulmões com frustração. E, com isso, juntei a coragem que só as pessoas que já perderam a esperança conseguem.

— Isso tem alguma coisa a ver com os seus pesadelos?

Adônis se desvencilhou de mim. O frio que me envolveu no segundo seguinte foi doloroso. Minha garganta deu um nó, sufocando-me aos poucos.

— Sim e não — falou por fim, fechando os dedos ao redor do meu pulso. Ocupou o polegar em acariciar a minha palma com gentileza. Seus olhos desviaram dos meus, mirando para um lugar muito longe dali. — Sempre fui apaixonado por música. Isso é um pouco culpa do meu pai. Ele também é professor, como a minha mãe. Dá aulas na UEL. Cresci ouvindo *rock* e herdei a paixão dele.

Eu me lembrava de algo assim. Ele mencionara no passado que começou violão muito novo, graças ao pai. As palavras ainda permaneciam vívidas na memória. *“A música é importante para mim. Desde muito antes de eu aprender a tocar, aliás. Foi o meu pai quem me ensinou a gostar, então eu a vejo como uma velha amiga, sabe? Aquela que não importa quanto tempo passe, estará sempre de braços abertos para me receber”*.

— Passei horas e mais horas da minha vida no quarto, treinando. Meus dedos se enchiam de bolhas e calos, mas era uma dor instigante. Soube na primeira vez que meus dedos passaram nas cordas de um violão que queria trabalhar com aquilo pelo resto da vida. Foi uma certeza. Mas não aconteceu como achei que seria. — Coçou o nariz, torcendo o rosto em uma careta amargurada. — Eventualmente acabei mudando de ideia. Minha vida tomou um curso diferente e, por isso, resolvi adiar meu sonho. Achei que tinha tudo sob o controle, mas estava longe disso, donzela. Porque a vida é essa coisinha mandona, que gosta das coisas à sua maneira. Então, quando cursava a faculdade de Letras, aconteceu uma coisa que mudou minha vida.

Ele me encarou e, pelos olhos de Outono, percebi que ainda não era o momento em que eu descobriria mais sobre os pesadelos. Mordi o lado de dentro e aceitei sua decisão, apesar de me corroer de curiosidade. Fui criada pelos meus avós com espaço e compreensão, por isso jamais pressionava alguém a dizer aquilo que não queria. Eu também já tinha sofrido na vida e sabia que, às vezes, o que menos queremos é precisar lidar com as memórias. Eu adoraria conhecê-lo mais e mais, descobrir o máximo possível sobre o homem por quem me apaixonara. Porém, seria tão melhor quando ele se sentisse confortável para falar. Ao menos, essa tática sempre funcionou lá em casa. Era por essa razão que eu jamais escondia algo dos meus avós.

— Eu perdi muitas coisas importantes, donzela. Eu *me perdi*. Depois disso, percebi que não podia mais me deixar em segundo plano. E isso nos leva ao motivo

de eu não poder me envolver com você agora. Quando prestei o concurso para lecionar na UEM, foi com uma única finalidade: juntar dinheiro.

Arqueei as sobrancelhas, confusa. Afinal, ninguém economizava sem ter uma grande motivação por trás. Lendo a dúvida no meu rosto, ele continuou.

— O salário aqui é bem melhor e, por não conhecer ninguém em Maringá, não gastaria com futilidades.

— E por que você precisa desse dinheiro?

— Porque vou me mudar.

— De cidade?

— De país.

— O quê?! — indaguei, atônita. — Como assim? Para onde você vai?

Seus polegares gelados alcançaram o meu rosto, roçando carinhosamente as bochechas. Eu gostava quando ele fazia aquilo. Fechei as pálpebras, apreciando o contato, desejando com todas as minhas forças que as coisas entre nós pudessem ser tão simples quanto aquela carícia.

— Para a Irlanda. Dois grandes amigos estão morando em Dublin e por isso vai ser mais barato dividir uma moradia com eles, enquanto tento ingressar na *Waterford Institute of Technology*, que fica em uma cidade vizinha.

— Mas... precisa ser lá? — Eu sabia que a pergunta era patética, mesmo assim não fui capaz de evitá-la. — Quero dizer, existem boas faculdades de música aqui também. O que essa tem de tão especial?

Ele deu um sorrisinho amargurado.

— Eu não sei. Sempre gostei da Irlanda. E, além do mais, vou poder aperfeiçoar o inglês e conhecer a Europa. Vou poder... fugir um pouco daqui. Preciso disso, donzela, do contrário não conseguirei seguir em frente. — Ele fez uma pausa, segurando o meu rosto com as duas mãos. — Você não tem nenhum objetivo que queira alcançar cegamente?

Expirei o ar dos pulmões. Abri os olhos, deparando-me com as íris enigmáticas de Chewie. *Sim, eu tenho*, pensei comigo, finalmente começando a compreender algumas coisas.

Desde que tive maturidade o suficiente para tomar decisões na minha vida, todas elas foram com um único propósito — dar um passo adiante para, um dia, conseguir trabalhar em uma grande editora. Para outras pessoas podia ser apenas um sonho pretencioso, mas para mim ia muito além disso. Era uma necessidade que estava interligada aos traumas passados. Se pudesse provar para mim mesma

que conseguia, então mostraria para *e/a* o quanto suas tentativas de me destruir foram em vão. E Adônis, assim como eu, também tinha suas motivações enraizadas no passado.

Uma onda de tristeza me afogou. Pisquei os olhos algumas vezes, perdida em pensamentos. Ele tinha razão, a vida era mesmo uma coisinha mandona que só gostava das coisas à sua maneira. Nos últimos anos, jamais desviei o foco das minhas metas. Enquanto minhas colegas de escola namoravam, saíam e começavam a descobrir a vida adulta, eu me mantinha atenta ao futuro que almejava. Chewie, no entanto, havia mudado isso. Despertara sentimentos intensos em mim, fizera com que eu me apaixonasse. E agora nós simplesmente não podíamos ir adiante. Não tínhamos uma possibilidade de futuro, de acordo com suas palavras.

— Quando? — foi a única coisa que escapou da minha garganta seca.

— Em janeiro — Encolheu os ombros. — É por isso que não podemos. Por mais que seja difícil me afastar quando também estou louco de vontade, sei que se nos envolvermos agora, será tudo mais complicado ainda na hora de partir.

O baque doeu mais do que se eu tivesse batido com a testa em um muro chapiscado. Meu coração se comprimiu como se grandes mãos o esmagassem. Ele iria embora em menos de um ano. Pelas barbas de Gandalf, aquilo era uma crueldade. Sem ter o que falar, puxei uma lasca de pele do meu lábio inferior com os dentes. Senti um ardor que não era nada se comparado ao estado em que eu tinha ficado.

— Quando vai parar com isso? — perguntou, enquanto o polegar traçava o contorno da minha boca.

Então, quando menos esperava, Chewie repousou os lábios sobre o meus. Aquilo doeu em mim, porque se parecia com uma despedida. Um último beijo. Ao se afastar, notei uma manchinha de sangue pintando sua boca. Sangue que vinha de mim, aliás.

Como não encontrei minha voz em lugar algum, permaneci emudecida. Assenti com a cabeça, preparada para colocar minhas roupas úmidas novamente e rumar para o meu apartamento. Porém, antes que arriscasse o primeiro passo, Adônis me segurou gentilmente pelos braços, preocupação tomando seus traços.

— Não precisa ir embora agora — falou, como se tivesse lido meus pensamentos. — Vamos jantar primeiro. Lembra? Comer amigavelmente na minha casa amigável.

Uma risadinha fraca escapou dos meus lábios antes que eu pudesse fazer algo a respeito.

— Tudo bem — respondi e ele sorriu genuinamente. Isso me deu ânimos para continuar. — Quero mesmo ver se você é melhor que o Arthur. Eu particularmente acho que não há a menor chance. — Brinquei, sem saber onde tinha encontrado o bom-humor novamente.



Capítulo 45

*Toda vez que estou sozinha
Não consigo evitar pensar em você
Tudo o que eu quero, tudo o que preciso
Tudo que eu vejo, é apenas você e eu*

Ariana Grande – Everyday

Abracei o próprio tronco, arrependida por não ter escolhido uma blusa quentinha. O inverno se aproximava a cada dia, embora alguns dias fossem especialmente mais frios que os outros. Como era o caso daquele, aliás. Mudei o peso do corpo de uma perna para a outra, distraída com o fluxo de pessoas andando em todas as direções. Apesar de não ser uma cidade tão grande, era muito maior que a minha. E eu não conseguia evitar me surpreender com o movimento frenético no centro em uma tarde no meio da semana.

Escondi as mãos nos bolsos do cardigã e recostei a cabeça contra a entrada da *Ian house*, soltando um pesado suspiro. Depois de ter passado o sábado na

companhia de Adônis e descoberto que em poucos meses ele estaria fora do país, as coisas tinham ficado um pouco nubladas para mim. Quero dizer, não que eu tivesse chorado pelos cantos e comido sorvete em potes, como nos filmes de romance. Porque eu, definitivamente, não era assim. Mas, tudo bem, talvez tenha desenhado um pouquinho mais do que o normal, confesso.

Eu disse *um pouquinho!*

Passei o domingo todo remoendo a nossa última conversa e me perguntando se o problema estava em mim. Entretanto, o dia nem ao menos havia acabado quando descartei a ideia. *Não tem absolutamente nada de errado com você, Rebecca*, ralhei comigo mesma, depois de uma tarde inteira reclusa no quarto. E realmente acreditava naquilo. Eu podia não ter nenhuma experiência com o amor, mas possuía as minhas qualidades e ninguém me faria duvidar delas. Nem mesmo Chewie. Além do mais, estava certa de que *Katniss Everdeen* jamais se deixaria abalar por algo tão pequeno.

Eu não sabia muito sobre o passado dele e não compreendia seus motivos para tomar aquela importante decisão. A vida era dele, de toda forma. Porém, quanto mais pensava a respeito do que me dissera, menos enxergava sentido em seu argumento. Mesmo decidido a se mudar e provavelmente certo sobre ser mais doloroso no final, eu queria tanto arriscar... Afinal, nós precisávamos nos privar de experimentar coisas novas apenas por um pequeno empecilho? Meu corpo pedia por ele a cada minuto do meu cotidiano e estava difícil me manter distante quando o que menos estávamos era longe. Pelo amor de Deus, ele era o meu vizinho e me dava aulas duas vezes na semana! Fora isso, ainda existiam os intermináveis trabalhos extras. Era uma grande droga.

Torci o rosto em uma careta amarga ao recordar do quanto fora mecânico e incômodo pegar a atividade com ele na terça-feira. E, naquela noite, eu precisaria fazer novamente.

Que a força esteja comigo!

Senti um toque no ombro esquerdo e quase desfaleci. Olhei para trás, encontrando os olhos esbugalhados de Arthur. Ele deu um sorrisinho torto, erguendo as mãos para me mostrar a pilha de currículos que havia imprimido. Nataly e eu tínhamos o ajudado a organizar suas informações da melhor maneira possível. Além disso, nos revezávamos para acompanhá-lo na jornada de encontrar em emprego que não comprometesse os estudos. Não estava sendo a tarefa mais

fácil do mundo, devo salientar. A maior parte das vagas era para trabalhar como vendedor de shopping no turno da noite; justamente quando estávamos em aula.

Conferi as horas no meu relógio de pulso.

— Temos meia-hora antes da entrevista, fica muito longe daqui?

— Cinco quarteirões — respondeu, sem esconder a nesga de desânimo do tom de voz. Estreitei os olhos, estudando-o com atenção.

— O que foi? Você está com uma cara...

Arthur apenas deu de ombros.

— Seria tão mais fácil simplesmente deixar para lá. Ninguém quer contratar uma pessoa sem experiência em nada. O que é uma maldita ironia, porque para ter experiência eu preciso da merda de um emprego! — Ele respirou fundo, com as bochechas vermelhas de raiva. — Fora que já é o quê? A décima entrevista em um intervalo de três dias?

— Arthur... — comecei, enquanto atravessávamos a avenida. — Você está um pouco frustrado e eu entendo. A vida é esquisita, né? Parece que tudo dá errado de uma só vez. Mas logo essa maré ruim passa. — Sorri. — Você vai encontrar um emprego e não vai mais precisar depender de ninguém. Vai poder viver a vida à sua maneira sem se preocupar em se esconder das demais pessoas. Fica calmo... Quando menos esperar, estará sorrindo à toa.

Sempre fui uma ótima conselheira. A parte ruim é que eu só conseguia pensar com clareza quando se tratava de problemas das demais pessoas. Os meus pareciam sempre enormes e irreparáveis e, na maior parte das vezes, eu praticamente surtava até encontrar uma solução.

— Tomara, Becca.

Meu amigo passou o braço direito sobre os meus ombros e o meu coração apertou um pouco. De fato, as coisas não estavam muito fáceis para ele. Eu me sentia impotente por assistir tudo de perto sem poder ajudar. Bem, estava jogando com as cartas que tinha nas mãos, acompanhando-o para as entrevistas e tentando colocá-lo para cima na medida do possível. Mas, ainda assim, parecia não ser o suficiente.

— Estou com medo, sabia?

— Da entrevista? — perguntei distraída.

— Da conversa que o Pedro quer ter comigo.

Ah, é, pensei, com um nó na garganta pelo meu amigo.

Como se já não bastasse o fato de sua família ter virado as costas para ele, ainda tinha *isso*. Pedro se sentia muito culpado por tudo, afinal fora ele quem deu a notícia no Facebook. Graças a ele, a vida do namorado tinha virado de ponta cabeça. O que era ridículo, porque todo mundo entendia que o grande problema na situação não estava em nenhum dos dois, mas sim nos pais de Arthur, preconceituosos o suficiente para deixar o filho a mercê da própria sorte. Desde então, os dois se viam cada vez menos. Meu amigo se queixava constantemente do quanto tinham se distanciado, mesmo quando estavam juntos.

A vida era difícil de entender, de vez em quando. Eu queria me compadecer por Pedro, mas só conseguia ficar decepcionada. Nataly e Pábila dividiam a mesma opinião. Poxa, eles deveriam passar por tudo isso juntos. Arthur precisava dele mais do que nunca. E o que ele fazia? Fugia. *Argh*, aquilo me irritava demasiadamente!

— E-ele adiantou a pauta? — balbuciei.

— Não. Mas não é difícil de imaginar, né?

Engoli em seco. *Não, não é.*

— Você acha que ele vai terminar?

Os lábios de Arthur tremeram levemente, como se estivesse segurando o choro com todas as forças.

— Droga, eu acho! — lamentou-se, ainda com o braço ao redor do meu corpo, enquanto virávamos à esquerda. — Becca, eu *não consigo* acreditar! Estou passando por tanta coisa, eu só queria... — Ele suspirou. — Só queria que ele estivesse do meu lado. Eu não me importaria de enfrentar os meus pais, ou quem quer que fosse, por ele. Eu juro, é tão certo estarmos juntos. Mas de que adianta? Só eu estou disposto a remar.

Como não encontrei uma resposta, enlacei-o pela cintura, depositando um pouco de força nos braços como se dissesse “estou aqui”. Seguimos em silêncio até chegar à loja onde ele seria entrevistado. Na minha cabeça, porém, uma frase ecoava como um alarme de incêndio: “só eu estou disposto a remar”. Por alguma razão, ela também descrevia bem a maneira como eu me sentia em relação ao Adônis.

Mordisquei o lábio inferior, tomando uma decisão: eu mostraria os meus motivos para estarmos juntos, da mesma forma que ele me dera os seus para não nos entregarmos aos nossos sentimentos. Ficar de braços cruzados não combinava nada comigo. Eu precisava ter a certeza de que usaria todas as minhas peças antes de abandonar o jogo, para não me arrepender depois.



Capítulo 46

Eu simplesmente não sei o que fazer comigo mesmo

Eu não sei o que fazer comigo mesmo

Planejando tudo para dois

Fazendo tudo com você

The White Stripes – I just don't know what to do with myself

Sentei-me na cama em um pulo, sobressaltada. A campainha repercutia muito alta pelas paredes do apartamento, sem cessar. Meu coração batucava com força dentro do peito, chegando até a doer. Tateei o lençol em busca do celular e meu queixo caiu quando espiei as horas no visor e descobri ser cinco e meia da manhã! Pela máscara de Vader, era cedo demais até para mim! Que tipo de ser humano faria aquele tipo de crueldade em pleno sábado? Ainda mais quando estava friozinho e, conseqüentemente, tão bom de dormir.

Bufei ao constatar que o barulho infernal não pararia a menos que alguém fosse até lá, nem que fosse para acertar uma panela naquela pessoa diabólica. E,

conhecendo bem o sono dos meus colegas de apartamento, estava certa de que deveria ser eu. Eles nem deveriam ter ouvido.

Arrastei-me pelos cômodos, odiando a pessoa do outro lado com todas as minhas forças. *Solte o botão da campainha, pelo amor de Deus!*

A raiva se esvaiu tão logo abri a porta. Do lado de fora, Chewie me encarava com uma expressão dengosa. Expirei, sem nem notar que sorria.

— Te acordei? — perguntou com ironia, observando o meu estado: camisola de *Stormtroopers*, cabelo desgrenhado e, provavelmente, olhos remelentos.

Embora eu soubesse que deveria estar morrendo de vergonha, ainda me encontrava um pouco apática pelo sono.

— Sim. E é bom ter um ótimo motivo para ter me arrancado da cama, ou as consequências serão severas.

Ele riu, apoiando o braço esquerdo contra a porta às minhas costas. Prendi a respiração com a nossa proximidade.

— Não era você que gostava de acordar cedo? — indagou divertido.

— Tem uma diferença enorme entre acordar cedo e madrugar! — protestei.

— Não tem dessa, cedo é cedo. Você está de corpo mole. — Piscou e eu derreti um pouquinho.

Conforme conseguia organizar meus pensamentos, percebia a estranheza de sua visita. Ainda mais considerando que durante a semana as coisas entre nós estiveram tão esquisitas enquanto tentávamos fingir um para o outro que os nossos sentimentos não entravam em ebulição quando ficávamos próximos.

Talvez ele tenha lido a pergunta na minha expressão confusa, pois aproximou o rosto um pouquinho mais antes de prosseguir.

— Não estou conseguindo ficar longe de você, donzela. Temos um problema aqui.

Meu coração deu uma guinada. Mordi o lábio inferior, com medo da súbita mudança ser apenas fruto da minha imaginação. Talvez eu acordasse agarrada ao travesseiro.

— Não parece um problema para mim — admiti, sentindo as bochechas queimarem.

Seu rosto chegou tão perto do meu que nossos narizes quase roçaram um no outro.

— Será que consegue arrumar uma mochila com roupas confortáveis até as seis? Que é daqui a... — Ele desviou as íris para o relógio por uma fração de

segundo antes de voltar a me encarar. — vinte minutos?

Espera... o quê?!

— Tipo uma mala? — perguntei debilmente.

— Tipo uma mala — ecoou, com um sorriso torto. — Vou te sequestrar.

— E vai me levar para onde?

— Se você soubesse, não seria um sequestro.

Oh, Deus...

Assenti com a cabeça, incapaz de encontrar a minha voz. Ele me deixara perplexa com o convite. Felizmente, o simples gesto foi o suficiente para Chewie abrir o sorriso mais lindo de todos.

— Te espero no carro.

Com as pernas trêmulas, observei-o descer as escadas. Eu sequer sabia por onde começar. Era difícil pensar em arrumar uma mala quando não fazia ideia de para onde iríamos.

Girei nos calcanhares, abrindo a porta. Quando me deparei com Nataly e Arthur encolhidos logo na entrada, pulei de susto. E então meu queixo caiu.

— V-vocês estavam... *ouvindo*?

Droga!

Os dois se entreolharam, culpa estampada nas feições. Porém, bastaram segundos para que as expressões se transmutassem para sorrisos vitoriosos, que diziam com todas as letras “te pegamos no flagra!”.

Droga, droga, droga!

— Meu Deus! — O sorriso de Nataly parecia de uma criança que tinha ganhado um caminhão inteirinho de chocolate. — Meu Deus! — repetiu e, após olhar de mim para Arthur, falou pela terceira vez. — Ai. Meu. Deus. Rebecca!

Meu amigo, por sua vez, demorou mais do que o habitual para esboçar a primeira reação. Tombou a cabeça para trás, liberando uma gargalhada desafinada. Esfreguei o rosto, sem saber o que fazer. Eu não queria que eles descobrissem naquelas circunstâncias. Planejava contar em breve, é claro, mas não às seis da manhã de um sábado, quando nem ao menos havia acordado direito.

— Isso é uma pegadinha, né? — perguntou Arthur, sem parar de rir. — Jesus, aquele era mesmo o *Carrasco*?

— Se eu não conhecesse a voz, jamais acreditaria. Quem sonharia nele falando todo mansinho assim? Fora que ele a chamou de... *donzela*?!

Ao ouvir as palavras dela, Arthur se empertigou, aparentando recordar um detalhe muito importante.

— Becca! Foi com ele que você esteve aquela noite na faculdade?

— Ai, meu Deus! — Nataly bateu palmas, empolgadíssima. — Então é por isso que às vezes você sumia no intervalo. Isso está ficando melhor a cada segundo!

Permaneci emudecida desde que entrara no apartamento. Quero dizer, nem ao menos tive tempo de responder, pois os dois pareciam duas matracas. Mas, mesmo que pudesse, o que diria? Eles tinham ouvido a conversa, de qualquer jeito.

— Dentre todas as pessoas dessa UEM, quem sonharia que justamente o professor Adônis ia mudar a cabeça da nossa bonequinha, hein? — Arthur olhava para lugar nenhum, como se fosse realmente muito difícil de acreditar.

— Tudo bem, tudo bem. Eu admito. Estamos... hum... saindo. Mais ou menos. É complicado, na verdade. Prometo contar todos os detalhes na volta se vocês prometerem que ninguém ficará sabendo. Por favorzinho? — Fiz minha melhor cara de piedade.

Meu amigo foi o primeiro a reagir. Adiantou-se e me envolveu em um abraço apertado.

— Bobinha, é claro que não vamos contar para ninguém! Somos uma família, lembra?

Nataly veio logo em seguida, fechando o triângulo enquanto assentia com a cabeça. Senti-me tão amada durante aquele instante que esqueci completamente o fato de só ter vinte minutos para arrumar a mala para um destino desconhecido.

— Você precisa se apressar, Becca — ela quebrou o silêncio carregado de cumplicidade. — Afinal, o seu Carrasco está esperando para te sequestrar!

Desejei ser uma avestruz, só para poder enterrar a cabeça no chão e escapar do olhar cheio de malícia que os dois me lançaram, enquanto ríamos como crianças. Em vez disso, concordei e aproveitei a oportunidade para fugir dali, correndo para o meu quarto.

Apesar de ter tentado organizar as minhas coisas para a viagem misteriosa o mais depressa possível, já tinham se passado vinte minutos do horário combinado quando corri pelo estacionamento, alcançando o carro do meu professor.

Em parte por ter perdido um tempinho com os meus amigos, mas, principalmente, porque foi difícil à beça escolher o que levar. Enquanto separava algumas mudas, ocorreu-me que ele não tinha falado por quanto tempo ficaríamos

fora. Talvez voltássemos no final da noite, mas talvez voltássemos somente no dia seguinte. Céus, eu sentia um friozinho na barriga de expectativa. Pensar que ele tomara a iniciativa me deixava louca. Por fim, depois de andar de um lado para o outro no quarto, pedi a ajuda de Nataly e ela me deu um conselho o qual julguei brilhante.

— É melhor levar demais do que *de menos*.

E era exatamente por isso que eu parecia carregar um corpo humano dentro da mochila: tinha colocado tudo o que imaginei necessário para o passeio. O que era muita, muita coisa mesmo.

Dei três toquinhos com os nós dos dedos no vidro do carro e Adônis pulou para fora no mesmo instante, os olhos brilhando intensamente.

Pegou a minha mala, guardando-a no porta-malas. Depois espiou o relógio, sem deixar escapar o atraso. No entanto, Chewie quebrou o silêncio apenas quando o carro já se locomovia pelas ruas muito arborizadas de Maringá. Eu me ocupava em observar o caminho, na tentativa de adivinhar para onde estava me levando. Por isso, ao ouvi-lo, sobressaltei-me.

— *Tsc, tsc...* Por sua culpa, donzela, nosso café da manhã será um pouco corrido. Quero pegar a estrada antes das sete.

Não consegui entrar na brincadeira. Isso porque “pegar a estrada” foram as únicas palavras registradas pelo meu cérebro. Prendi a respiração, olhando-o com expectativa. Até então não conseguira pensar direito sobre o convite dele como um todo.

— Nós vamos viajar, então — comentei, apesar de ser tão óbvio. Ele deu um sorrisinho travesso, piscando em seguida. — E esse lugar... ele é longe?

— Pouco mais de quinhentos quilômetros. Umas sete horas de viagem.

Minha boca ficou seca. Era quase o dobro de distância do que para a minha cidade natal! A informação veio como um baque. Por alguma razão, fiquei atemorizada com a perspectiva. A insegurança durou apenas segundos, de toda forma. Antes que pudesse sequer absorver a informação direito, Adônis repousou a mão direita na minha coxa. Lamentei que estivesse usando jeans naquele dia em especial, porque adoraria ter sentido o toque frio de seus dedos.

Quando busquei seu olhar, deparei-me com uma expressão preocupada.

— Tudo bem para você?

— T-tudo! Claro. — Sorri. — É só... — minhas palavras morreram no ar.

O que foi, Rebecca?, meu subconsciente perguntou. Refleti por um instante a respeito. Eu já deveria ter deduzido isso, não? Chewie tinha me falado para arrumar uma mala. Além disso, eu mesma pensei que poderíamos ficar mais de um dia fora. Então por que a notícia me perturbava?

Ouvi-me respondendo de repente.

— É só que eu nunca viajei sem os meus avós. Nunca fiz nada sem eles, na verdade. Acho que me assustei um pouco, mas já passou.

— Hei. — Seus dedos apertaram suavemente a minha perna. — Nós podemos mudar os planos. Mesmo que eu tenha passado a tarde inteira de ontem pensando nos detalhes, sou bom em improvisos. Só quero te roubar para mim um pouquinho, não importa onde.

Minha gargalhada preencheu cada centímetro do carro, ao mesmo tempo em que um calor gostoso me dominava por dentro.

Ele quer me roubar... por Bilbo Bolseiro! Espero que não devolva nunca mais.

— Planejou o meu “sequestro” a tarde inteira? — fiz aspas no ar e não escondi o tom desconfiado. — Seu mentiroso!

Ele parou o carro com facilidade em frente a uma padaria cujo cheirinho de pão assando dava para sentir da rua. A mão direita, que tinha saído da minha perna para a manobra, voltara rapidamente para lá. Meu estômago gelou.

— Minha moral está assim tão ruim com você, donzela? — Fingiu um tom ofendido, fazendo-me rir ainda mais. Concordei com a cabeça, apenas para provocá-lo. — Não estou mentindo. Eu *realmente* fiz isso.

— Por quê?

— Porque queria que fosse perfeito.

Oh!

Como era possível uma simples frase ocasionar um terremoto dentro de mim? Por um momento, esqueci-me até mesmo de como se pronunciava as palavras.

Chewie abriu e fechou a boca umas três vezes. Então passou a mão livre pela barba de lenhador, mirando o horizonte como se tentasse reunir coragem para dizer aquilo que queria. As íris de Outono se voltaram para mim pouco depois. Encontravam-se ardentes.

— Confia em mim, Becca? Eu... — sua voz falhou ao mesmo tempo em que um arrepio percorreu a minha coluna. Era a primeira vez que ele me chamava pelo apelido. Por alguma razão, o gesto me deixou com as mãos suando frio. Adônis

pigarreou antes de prosseguir. — Eu prometo que valerá a pena. O lugar é lindo. E são só dois dias... Voltamos na segunda de manhã.

Para mim vale a pena somente pelo fato de ter você, pensei. Porém o que respondi, foi:

— Eu confio.



Capítulo 47

*Eu, pelo menos, estou disposta
A ficar aqui até que você esteja disposto
Talvez você não esteja pronto
Para lidar com algo estável*

Sara Jaffe – Summer begs

Joguei uma batata chips para dentro da boca, sem conseguir dominar a sensação de leveza me dominando. Eu estava tão feliz... Se em algum momento hesitei em fazer aquela viagem, com toda a certeza qualquer resquício do sentimento já havia se dissipado. Mesmo com o bumbum amassado depois de horas sentada, uma felicidade avassaladora preenchia os meus membros cada vez que Chewie acompanhava as músicas de Beatles, que tocavam desde Maringá. A voz dele era como uma rajada de vento que arrepiava todos os pelos do meu corpo, fazendo-me estremecer.

Aprumei-me no lugar, girando o tronco a fim de ficar de frente para ele. Seu rosto estava totalmente focado na estrada. Era engraçado presenciá-lo tão sério, agora que já conhecia o Adônis brincalhão que tanto adorava. Ajeitei o moletom dele sobre o meu tronco, enterrando o rosto no tecido para sentir o aroma amadeirado pelo qual nutria um vício secreto. Tudo bem, talvez nem tão secreto assim. Conforme nos aproximávamos de Curitiba, mais a temperatura declinava. O que foi uma coisa muito boa, diga-se de passagem. Uma vez que as minhas blusas achavam-se apinhadas na mochila dentro do porta-malas, meu professor oferecera o próprio moletom.

Como se tivesse lido meus pensamentos, ele desviou os bonitos olhos para mim, em uma fração de segundo.

— Ficou quieta... achei até que tivesse dormido.

— Estava aqui pensando. Preciso mandar uma mensagem para os meus avós avisando sobre a viagem.

— Acha que está encrencada? — indagou, presenteando-me com um sorriso.

— Nem um pouquinho. — Ri baixinho, pensando melhor em sua suposição.

— Eles não são avós convencionais. Me oferecem bastante liberdade.

— Ah, é? — Concordei com a cabeça e ele prosseguiu. — Você sempre fala deles. Devem ser bem importantes.

— Foram eles quem me criaram. Minha mãe me teve muito nova e... — Parei por um momento, mordiscando o lábio inferior. — Você sabe, não ficou exatamente feliz com isso.

Adônis me lançou outro olhar. Este estava repleto de perguntas. Expirei o ar dos pulmões, decidindo que não queria alterar a atmosfera gostosa da viagem. Poderíamos conversar sobre isso em outras ocasiões. Seria um pecado macular a lembrança daquele dia maravilhoso.

— Então, para todos os efeitos, *e/les* são os meus pais.

Ele pareceu entender que aquele assunto não era o meu predileto, pois a pergunta que veio logo depois foi:

— E como foi ser criada por eles?

— Normal. A maioria das pessoas imagina que cresci em uma cúpula de proteção. Eles são corujas, não nego — nós dois rimos. —, mas sempre se esforçaram muito. Nunca escondi nada deles. Não que houvesse nada para ser escondido, mas você me entendeu.

— Humm, interessante. Você contou que ficou de porre logo no primeiro dia de aula?

— É claro — dei de ombros. — Inclusive a parte do vômito verde e tudo mais. Adônis riu de maneira tão gostosa que me contagiou.

— Contou que dormiu na casa do seu professor porque foi expulsa pelos seus colegas de apartamento?

— Nessa parte a minha avó ficou um pouco desconfiada sobre eu apenas *ter dormido*... mas contei.

Nossas risadas se sobrepuseram à música. Ele esfregou os olhos com os dedos longilíneos. Minhas bochechas se encontravam em brasas.

— Consigo entender a razão. — Brincou, lançando uma piscadela cheia de malícia para mim. — Então eles sabem sobre mim?

— Ah, como sabem! Conte sobre o professor sádico que me deu a primeira nota vergonhosa da vida inteira e que, além de tudo, não me deixa dormir à noite.

Neste ponto, ele gargalhava. A constatação de que eu ocasionara aquilo roubou a força dos meus joelhos. Céus, como amava aquele som!

— Aposto que me adoram.

— Tanto quanto eu.

Observei-o umedecer os lábios e fiquei sedenta. Adoraria tê-los sobre os meus. Para distrair a vontade de agarrá-lo com o carro em movimento, enfiei mais um punhado de batatas boca adentro, ocupando-me em mastigar. Isso evitaria meus pensamentos de percorrerem caminhos perigosos.

— Considerando que você já sabe bastante sobre a minha família, acho que deveria me contar mais sobre a sua.

Assenti, com um sorriso bobo no rosto. O interesse dele em mim muito me agradava. Empertiguei-me, desviando o olhar para fora. As folhas das árvores refletiam o Outono e, por isso, tinham as cores dos olhos de Adônis.

— Vamos ver... Vovô é a pessoa mais honesta que conheço. Ele parece o Ned Stark, sabe? É justo e tem um coração enorme. Acho que é impossível tirar o meu avô do sério. — Fiz uma pausa, sentindo o peso da saudade recair sobre os ombros. — Vovó é mais velha que ele, mas os dois são bem jovens. Por fora e por dentro. Ela tem 55 e ele 53. Minha avó é dona de um salão de beleza que é muito conhecido em Santa Cruz do Rio Pardo. Até um tempo atrás o cabelo dela era todo moderno, estava cada dia com uma cor diferente. Mas, principalmente, roxo. Meu Deus, como ela ama essa cor!

— Agora não está mais?

— Não, ela diz que passou da idade de fazer essas coisas. Mas, na minha opinião, acho que até o final do ano deve voltar às origens.

Continuamos conversando despreocupadamente. Um assunto puxava o outro com tamanha facilidade que era impossível parar de falar. E, assim, o tempo escapou pelos dedos como areia fina, fazendo com que horas de viagem aparentassem ter a duração de minutos.



Era por volta das três quando chegamos a uma cidade chamada Pontal do Paraná. Eu jamais tinha ouvido falar daquele lugar e, para falar a verdade, não consegui compreender a razão para Chewie tê-lo escolhido. No entanto, logo descobri que era preciso estar ali para ter acesso à Ilha do Mel, nosso destino primário.

Adônis tinha um conhecido na cidade, onde deixou o carro. Então rumamos para o cais, uma vez que a única maneira de chegar à ilha era por meio das barcas. Enquanto o barquinho balançava de um lado para o outro, descobri um apanhado de informações interessantes sobre o local, graças ao pescador tagarela que se sentou ao nosso lado. Dentre eles o fato de não existir um único carro lá, e também que a prefeitura limitava o número de visitantes para cinco mil pessoas.

Desembarcamos na praia das Encantadas. Inspirei profundamente o ar fresco que só é encontrado na natureza, olhando para Adônis com expectativa. Somente ali, tão longe de Maringá, fui tomada pelo entusiasmo. Céus, seríamos apenas nós dois sozinhos naquele lugar maravilhoso. Tinha como ficar melhor?

Caminhamos por ruelas estreitas sem trocar palavra alguma. Não se tratava de um silêncio constrangedor, no entanto, mas sim confortável. Do tipo que não é preciso falar nada para se sentir à vontade na presença de alguém. Eu gostava. O som dos nossos sapatos raspando na areia fina do chão se fundia ao sopro constante do vento, formando uma melodia de cadência suave e acolhedora.

Chewie segurou a minha cintura, indicando que viraríamos à esquerda. Cruzamos o cercado baixo e desnivelado de madeira que delimitava um enorme gramado. Só então me ocorreu que a grandalhona mala azul carregada por ele

abrigava uma barraca. Isso porque nos encontrávamos em um *camping*. Eu jamais estivera em um antes, mas não era preciso ser um gênio para chegar à conclusão óbvia.

Arqueei em surpresa, ganhando sua atenção.

— Já acampou?

— Nunca. Meus avós são modernos, mas nem tanto.

Ele riu genuinamente.

— Bom, vou precisar da sua ajuda para armar a barraca. — Tão logo suas palavras pairaram pelo ar, Chewie soltou uma risadinha, balançando a cabeça em negativa. — Essa frase pegou tão mal.

— Se tinha um duplo sentido, juro por Darth Vader que não entendi. — Dei de ombros. — Mas, espera. Armar a barraca? Só tem uma?

Apesar de ter dado a impressão de espanto, por dentro eu senti uma nova onda de excitação.

Oh, Deus, quais as chances de isso tudo ser um sonho muito bom?

— Sim. É onde você vai ficar.

— Eu? — indaguei e ele concordou. — Mas e você?

— Tenho um saco de dormir, donzela. Vou dormir do lado de fora.

Mordisquei o lábio inferior, ligeiramente desapontada.

O que você esperava, Rebecca? Que ele te agarrasse na calada da noite?

Pensando bem, não seria má ideia!

Enrubesci, imaginando as infinitas possibilidades desperdiçadas com sua escolha, porém decidi não me queixar. O fato de estarmos ali já era muito além do que eu esperara depois de descobrir que Chewie se mudaria para a Irlanda em poucos meses. Para alguém que tentava convencer o coração a desapaixonar, eu até que estava com sorte.

— Você faz isso sempre? — perguntei, enquanto caminhávamos em direção ao casebre laranja vibrante, localizado ao fundo do terreno. Aninhado bem em frente à porta, um imenso cachorro de pelagem cinzenta dormia a sono solto.

— Fazia. Na época da faculdade eu e os meus dois melhores amigos, os que estão em Dublin, aliás, acampávamos com frequência.

— E por que parou?

— Falta de oportunidade. Tem gente que gosta de acampar sozinho, mas para mim só vale a pena quando tenho uma boa companhia.



Capítulo 48

*Nossa vidas estão mudando de pista
Você me jogou pra fora da estrada
A espera terminou
Eu estou agora tomando o controle*

The Strokes - Reptilia

Depois de acertar os detalhes com o dono do *camping* e deixar metade do pagamento adiantado, passamos um tempo considerável montando a barraca. Preciso dizer de antemão que não se tratava da tarefa mais fácil do mundo. Em determinado momento percebi que ajudaria bem mais se simplesmente saísse do caminho e parasse de ser um estorvo. Por isso, deixei Adônis terminar de armar sozinho.

— Pegou tudo? — perguntou ele, buscando-me para a realidade. Assenti com a cabeça, mostrando o bloco de desenho em uma mão e o estojo na outra. Ele sorriu, prendendo a alça da capa do violão nos ombros largos.

Como já era final de tarde quando terminamos de nos acomodar no lugar onde ficaríamos por todo o final de semana, decidimos apenas caminhar um pouco pela ilha, em busca de um lugar onde pudéssemos sentar e relaxar depois de horas a fio trancafiados dentro do carro.

Não precisamos ir tão longe, de toda forma. Talvez a época do ano fosse a grande culpada pela Ilha do Mel achar-se praticamente vazia. Também, pudera, o inverno estava logo ali. Praias não eram o destino mais cobiçado em dias frios. No entanto, o fato de não ter quase ninguém contribuía e muito para a atmosfera entre nós dois. Era como se o mundo fosse inteiro nosso — e talvez fosse mesmo.

Deparamo-nos com a praia deserta, começando a receber as primeiras pinceladas de roxo vibrante, amarelo queimado e vermelho intenso, indicando a chegada do por do sol. À nossa direita, um rústico deque de madeira traçava o caminho em meio a pedras enormes e irregulares. Poucos metros à frente, ondas quebravam com mansidão, trazendo o característico cheiro de maresia aos nossos narizes.

Sentei-me na areia fofa, cruzando as pernas. Chewie imitou meus movimentos, abrindo a capa de couro e retirando o violão lá de dentro. Encaixou-o no colo, como se precisasse dele ali, porém não o tocou imediatamente.

Tateou os bolsos até encontrar o maço de cigarros, de onde tirou um e levou aos lábios, acendendo-o com destreza. Não demorou mais que segundos para o aroma mentolado pairar pelo ar.

— Obrigado por confiar em mim, donzela. — Tragou profundamente, soprando a fumaça para fora dos pulmões pouco depois.

— Já valeu a pena. — Admiti com honestidade.

Ele assentiu, calado. Levou o cigarro à boca outra vez, deixando-o lá, meio caidinho. A maneira como ficou preso em seus lábios era tão sexy que me deixava desconcertada. Respirei fundo, desviando a atenção para os dedos compridos e magros que começavam a passear pelas cordas despretensiosamente enquanto afinava o instrumento.

Abri meu bloco de desenho após pescar um lápis 6b no estojo. Desejei no meu íntimo que aquele fim de tarde não terminasse nunca, porque era muito bom apenas permanecer ali, em sua companhia. O grafite tocou na superfície áspera do papel Canson exatamente no momento em que os primeiros acordes repercutiram ao nosso redor, envolvendo-nos. Fechei os olhos por um momento. Meu coração parecia grande demais para caber no peito.

Retomei o desenho, eternizando-nos na folha de papel. Adônis e eu, sentados a 500 km de distância de onde morávamos, com uma vista extraordinária somando ainda mais à atmosfera. Ele segurando seu violão com um cigarro na boca, como um verdadeiro *rock star*. Eu desenhando despreocupadamente, como uma artista em potencial. Sorri com o rumo tomado pelos meus pensamentos.

No segundo seguinte, minha mente esvaziou em um rompante. Isso porque a voz de trovão do meu professor foi de encontro a mim, responsável por deixar meus dedos das mãos e dos pés formigando. As coisas que ele provocava no meu corpo eram insanas. Eu nem ao menos sabia que existiam tantas sensações fascinantes como aquelas desencadeadas por ele.

— *Tão perto, não importa quão distante. Não poderia ser muito mais vindo do coração. Sempre confiando em quem nós somos, e nada mais importa.*^[1]

Eu não conhecia a música, mas gostei assim que invadiu os meus tímpanos. Estava desconfiada que talvez se devesse pelo fato de ser ele quem cantava. Não importa, era linda.

— *Nunca me abri desse jeito. As vidas são nossas, nós vivemos do nosso jeito. Todas essas palavras eu não apenas digo, e nada mais importa.*

As horas avançavam, fazendo com que o sol se escondesse cada vez mais no horizonte e a noite avançasse lentamente como uma grande tenda negra. Não sei dizer quantas músicas Chewie cantou, tampouco em que momento exato eu constatei que havia parado. Quando terminei o desenho e percebi o silêncio, procurei seu olhar e o descobri voltado para mim, aquecendo-me naquela noite gelada.

Notei, atônita, que o violão já se encontrava guardado novamente em sua capa. Adônis tinha os braços cruzados sobre o peito e as pernas esticadas na areia. Sustentei o olhar, sentindo meu corpo incendiar de supetão. Fui tomada por um impulso de coragem, sem nem ao menos compreender de onde veio. Lembrei-me da promessa feita ao longo da semana: eu queria refutar seus argumentos para não estarmos juntos. E precisava ser ali, naquela cúpula que havíamos criado ao nosso redor.

Que a força esteja comigo!

— Adônis... — chamei, arrastando-me com sutileza para mais perto dele. Talvez tenha sido apenas impressão minha, mas seus olhos brilharam. — Fiquei pensando sobre tudo o que conversamos.

— O que exatamente, donzela? — perguntou em um tom leve.

— Nós dois — limitei-me a dizer. Sulcos se formaram em sua testa instantaneamente quando ele uniu as sobrancelhas. Mordi o lado de dentro da bochecha, procurando palavras para expressar exatamente como eu me sentia. — Você me disse que não podemos nos entregar aos sentimentos porque quando for a hora da despedida será bem mais difícil. Eu entendo, mas não concordo. Talvez no passado fizesse sentido, até porque passei a vida toda me enganando, fingindo que nada disso era para mim. Mas agora, Chewie, que experimentei essa intensidade de sentimentos, parece tão errado não mergulhar completamente de cabeça apenas por... *medo*. Porque é isso. Mesmo você não admitindo, está com medo de sofrer. E eu também estou. Droga, é claro que estou! Nunca vivi nada minimamente parecido, estou sempre um passo atrasada, sem saber o que vem pela frente. Mas quer saber? Talvez seja exatamente isso o que torna tudo tão excitante, sabia?

Respirei fundo, lutando para organizar os pensamentos. Ele parecia uma estátua, encarando-me com as íris enigmáticas. Esperando por mais.

Pigarreei, esfregando o rosto.

Você consegue, Becca. Vamos lá.

— É como não viver a vida ao máximo porque um dia morreremos. Entende o quanto é problemático?! Deixarmos de experimentar uma história que poderia ser incrível, tentar reprimir esse desejo ardendo aqui dentro só porque depois vamos sofrer na despedida. Não posso aceitar essa desculpa, não mesmo. Afinal, não sei você, mas independente de irmos em frente ou não, a despedida será dolorosa para mim, Adônis. Já percorremos um caminho muito longo para voltar atrás.

Engoli em seco, prestes a chorar. Inferno, por que eu precisava ser tão sentimental?

— Se eu me privar de sentir com a intensidade que mereço, vou me arrepender para sempre. Podemos não ter todo tempo do mundo, mas ainda existe o agora. É o que temos! — Ajoelhei-me na areia e avancei em direção a ele. — Isso é melhor que nada. Eu não sei o que te aconteceu no passado, mas não deixe o medo te manter preso... — Passei uma perna ao redor da sua cintura, sentando-me sobre ele. *Por Voldemort, estou mesmo fora de mim!* — Por favor, vamos descobrir onde isso vai dar.

Calei-me e percorri a distância entre nós, até alcançar sua boca. O conhecido sabor de menta estava lá, como eu me lembrava. Adônis permaneceu enrijecido por alguns segundos, parecendo surpreso com a minha investida. Porém não demorou para seus braços se fecharem na minha cintura e ele corresponder ao beijo. A força

do nosso abraço era tamanha que senti meus seios se comprimirem contra o seu torso. Ele passou a movimentar o quadril suavemente, mostrando-me seu desejo pulsante. Suas mãos passeavam pela minha cintura, apertando-me com urgência e ardor.

Mordi sua língua suavemente e fui presenteada com aquele gemido baixo que ele deixava escapar quando estava muito excitado. Arquejei, dominada pelo sentimento lascivo. Por Deus, sempre que aquele som penetrava os meus tímpanos, cada célula do corpo entrava em combustão espontânea. Era como uma corrente elétrica de voltagem altíssima estalando por onde passasse.

De repente, percebi que estar ali entre os seus braços fortes era tudo o que eu mais queria no mundo. Sentia-me satisfeita e completa. Adônis era o bálsamo confortando todo o anseio avassalador dentro de mim. O que mais importava?



Capítulo 49

*Bem, você é minha?
Você é minha? Você é minha?
Você é minha amanhã?
Ou minha só por esta noite?*

Arctic Monkeys – R U mine?

Aquele era oficialmente o nosso primeiro encontro e o lugar não poderia ser mais bonito. O restaurante à beira-mar rodeado por palmeiras enormes ganhava um ar rústico e aconchegante com as paredes de madeira. As luzes bruxuleantes vindas dos lustres de cobre faziam um show à parte, enquanto nos deliciávamos com toda sorte de frutos do mar, sentados em cadeiras de palha.

Eu gostava de pensar em quantos outros lugares maravilhosos como aquele estavam escondidos pelo mundo, apenas esperando para serem descobertos. Se não fosse por Adônis, eu jamais teria a oportunidade de estar ali. Gostaria de também ter um refúgio secreto ao qual pudesse apresentá-lo.

Espetei um camarão, raspando-o no molho branco antes de levá-lo à boca. Não contive o gemido de deleite que escapou dos meus lábios logo depois.

Adônis sorriu, satisfeito consigo mesmo.

— Você fica linda quando faz essa cara — murmurou, como se os pensamentos tivessem saído em voz alta.

— Qual cara?

— De prazer. Faz a imaginação alçar voo.

Arregalei os olhos, enrubescendo. Então ele *também* pensava em nós dois daquele jeito. Ultimamente o que eu mais fazia era fantasiá-lo me despindo aos poucos, os dedos longos se enterrando na minha pele. Sempre quando uma imagem dessas surgia em minha mente, o coração disparava e as mãos gelavam. Mas, ainda assim, era uma ideia deveras sedutora. *Por Luke Skywalker, como ficou quente aqui dentro!*

Minha reação arrancou uma risada divertida de Chewie. Ele se encontrava especialmente bonito naquela noite, a propósito.

— O que foi?

Adônis me provocava, é claro. Adorava me deixar envergonhada. Foi por essa razão que tentei surpreendê-lo com minha resposta.

— É que... — soprei, tentando soar sensual. — Me pergunto *em que* estava pensando.

— Hum... — Seu sorriso era travesso. — Vamos ver... talvez em você, com essa mesma expressão, comendo meu yakisoba que, francamente, é delicioso.

— O seu... yakisoba? — Não consegui esconder o quanto fiquei atordoada. Céus, podia jurar que ele falaria alguma coisa bem safada. Estreitei os olhos, caindo em mim. — Você estava só brincando comigo! — Arquejei, com o queixo caindo.

Sua gargalhada me envolveu, arrancando a vergonha que me engoliu de uma só vez. *Não acredito que caí nessa*, lamentei-me, sentindo o rosto febril.

— Eu? — Ele se fez de desentendido. — Claro que não! Jamais faria isso. Aliás... em que você estava pensando?

Mostrei a língua para ele, sem saber a razão pela qual me apaixonara por aquele insuportável. Eu devia ser masoquista. Por outro lado, quando parava para pensar na discrepância de quando o conheci, sentia-me sortuda. Ele era o meu refúgio secreto, no fim das contas, aquele que eu descobrira aos poucos. Camada por camada. E, quanto mais fundo penetrava, mais gostava do que descobria.



Saí do restaurante com uma carranca emburrada. Adônis caminhava despreocupadamente ao lado, com as mãos nos bolsos da calça. Não deixei passar o sorrisinho torto em seus lábios.

Apesar dos meus protestos, ele não havia me deixado pagar a conta. Nem mesmo metade! Ok, fora com a melhor das intenções, é claro, mas eu não me sentia bem sabendo que ele estava arcando com praticamente todos os custos da viagem. Além do mais, sempre achei o máximo aquelas mulheres modernas que pagavam a própria conta. E ele nem tinha me dado a oportunidade de me sentir assim. Aquele chato gostoso que não parava sorrir! Argh! Aquilo só dificultava a tarefa de manter a pose de brava.

Andamos alguns passos em silêncio, antes dele se curvar para sussurrar contra o meu ouvido:

— Ainda está brava comigo?

Um arrepio percorreu minha espinha como um raio caindo do céu. Parei no lugar, enrijecendo. Como não encontrei as palavras, apenas meneei a cabeça, concordando.

— Sério? — sua voz era como um sopro baixo, mal dava para ouvir. No entanto, eu podia sentir bem até demais o hálito quente contra minha pele já sensível. Mordisquei o lábio inferior, sem reação. — Você me quer longe, é isso?

Novamente, só fui capaz de responder por gestos. Assenti outra vez, lutando para manter o que restava da postura. Já não me lembrava, porém, do motivo para ter ficado brava com ele. De olhos fechados, não pensava em nada, somente em sua presença tão desconcertante e deliciosa.

— Mas não parece... — disse, roçando levemente os lábios contra o lóbulo da minha orelha. — Parece outra coisa.

— Ah, é? — Consegui perguntar. — O quê?

As pontas dos seus dedos subiram pelos meus braços e, embora fossem frios, deixaram um rastro de calor. Prendi a respiração quando repousaram nos meus cabelos, afastando-os da nuca.

Seus lábios úmidos deslizaram pelo pescoço. Foi com tamanha leveza que mal pareciam, de fato, me tocar. Ao mesmo tempo, a barba áspera arranhava minha

pele, provocando um leve ardor.

— Eu não sei... — sussurrou. — Só acho que quando alguém fica nervoso, não reage assim. — Ele raspou os dentes na nuca, arrancando um pesado suspiro de mim. — Viu, só?

Eu não conseguia pensar com clareza. O cérebro parara de funcionar.

— Adônis... — gemi.

Foi o suficiente para ele abandonar o autocontrole. Abri os olhos quando Chewie se afastou de mim. Ele olhou para os lados, a procura de alguma coisa e então se empertigou ligeiramente. Segurando o meu pulso com força, rumou em direção ao muro de uma casa ao final da rua, onde as luzes fracas dos postes não conseguiam alcançar e, por isso, encontrava-se muito mais escura que o restante da rua estreita e vazia.

Suas mãos pararam na minha cintura como em um passe de mágica e, logo em seguida, vi-me sendo prensada contra a parede por seu corpo muito sólido. Nossos lábios se chocaram de uma maneira um pouco dolorosa, mas logo a língua de Adônis percorria a minha boca, em um beijo faminto. Eu retribuía com igual intensidade, inclinando o quadril ao máximo para senti-lo mais e mais.

Suas mãos subiram pelas minhas coxas, desta vez desnudas, entrando para baixo da saia.

— Você... me... deixa... fora de mim — segredou contra minha boca, tal como fizera na primeira vez em que nos beijamos.

Então, a poucos metros de distância, ouvimos o ranger de um velho portão sendo aberto. Adônis ajeitou minha saia, afastando-se em uma fração de segundo e pigarreando. Rimos baixinho, cheios de cumplicidade.

Ele alcançou minha mão, entrelaçando nossos dedos. Mordi o lado de dentro da bochecha, sorrindo internamente. Percorremos o caminho até o acampamento em poucos minutos. Minha respiração já havia normalizado àquela altura.

Antes de atravessarmos a cerquinha irregular, no entanto, ele parou de frente para mim, levando as mãos aos dois lados do meu rosto. Algo em sua expressão cautelosa me alertou de que eu não gostaria tanto do que tinha para me falar.

— Donzela, eu... — Respirou fundo. — Eu não consigo simplesmente me entregar. Não só porque vou embora, mas pela minha história, por tudo que passei. Você está certa, *tenho* medo. Estive muito tempo solitário, te conhecer não estava nos meus planos.

— Nem nos meus.

— Eu sei. — Um sorriso fraco tomou seus lábios. — Eu quero você *demais*, Becca, mas é tão complicado. Ainda não estou preparado para tomar uma decisão que vai nos fazer sofrer lá na frente. Já sofri demais e vejo que você também. Se já está difícil agora para nós dois, imagine depois?

Este é um bom ponto, pensei, sentindo o desânimo avançar de fininho. Notando minha súbita mudança de humor, ele se adiantou, colando o corpo no meu. As mãos permaneceram em meu rosto, no entanto.

— Então porque estamos aqui, para começar?

Adônis fechou as pálpebras, com as sobrancelhas espessas unidas.

— Porque eu sou um maldito egoísta que não consegue ficar longe.

— Eu não quero ficar longe. Quero te descobrir cada vez mais, quero que você continue deixando o meu corpo desgobernado de uma maneira tão boa, e...

— Becca... — ele me interrompeu, com a voz sôfrega. Era quase uma súplica. Então, quando meu coração já se encontrava em frangalhos, voltou a me beijar.

Permaneci de olhos abertos por alguns segundos, os quais levei para me recuperar do susto. Retribuí ao beijo, adorando seu sabor mentolado, adorando suas mãos em mim, adorando tudo o que não podia ter. Adônis afastou o rosto poucos centímetros, encarando-me com as íris brilhando.

— Você me disse para aproveitarmos o agora.

— Disse — assenti, percebendo onde ele queria chegar.

— Fica comigo esse final de semana. Vamos fingir que tudo é fácil para nós e que temos todo o tempo do mundo.

Umedeci os lábios, estudando-o com atenção. Podia parecer loucura, mas de alguma maneira suas palavras reacenderam uma chama de esperança dentro de mim. Talvez pelo fato de que, por um instante, eu havia apagado a possibilidade de qualquer coisa entre nós. Enfim, não importava. Aquele era o nosso estranho jeito de amar e por mim tudo bem. Mesmo dois míseros dias eram melhores do que nada.

— Vamos deixar acontecer sem lembrar que tem uma data para terminar. Porque, Becca, eu...

Roubei um beijinho dele, calando-o. Existia algo melhor para aquele momento que nossos próprios atos? Se não tínhamos muito tempo, ao menos que soubéssemos nos aproveitar.

Suas mãos se fecharam ao redor da minha cintura e, quando nos afastamos um do outro, Adônis abriu um sorriso que me deixou sem fôlego.

— Entendi o recado.

— Que bom. Já estava pensando em desenhar — brinquei, puxando-o para dentro do *camping*.

Atravessamos o gramado até parar em frente à sua barraca grandalhona, onde ele me beijou profundamente. Parecíamos dispostos a recuperar o atraso de todos os dias perdidos. Se ali era o nosso refúgio da realidade, parecia uma boa ideia ficar com os lábios dormentes.

— Acho que não vou mais precisar do saco de dormir — sussurrou, encolhendo os ombros.

Não consegui evitar a risada.

— Você nunca precisou — respondi, observando-o abrir o zíper do nosso abrigo e se sentar logo na entrada.

No segundo seguinte, enlaçou os braços ao redor dos meus joelhos, forçando-me a imitar a posição da praia — sentada em seu colo. Caí sobre ele, jogando os braços ao redor do seu pescoço quase que instantaneamente. Adônis sorriu com malícia, levando-nos para dentro.

Ele tirou meus óculos, deixando-os em um cantinho no chão. Seus dedos compridos se enterraram nos meus cabelos quando os lábios voltaram a cobrir os meus, apaixonados. Fiquei inteira arrepiada, como se mil plumas percorressem meus membros. Subi minhas mãos por seus braços fortes, sentindo a rigidez deles, experimentando-o aos poucos. Percorri os ombros e descí pelas costas, onde, dominada pelo momento, enterrei minhas unhas, fazendo-o gemer daquela maneira deliciosa. Ouvi-me gemendo junto.

Ele levou as duas mãos ao meu quadril, pressionando-me para baixo — contra sua cintura. Senti-o rígido, ali, tão próximo de onde o meu desejo emanava. Soltei outro gemido que o fez abrir os olhos e me encarar com luxúria.

Adônis se elevou alguns centímetros comigo no colo, invertendo nossas posições. Seu braço serviu de apoio até minhas costas chocarem contra o chão e ele se deitou por cima de mim, apoiando-se nos cotovelos.

— Ah, Becca... O que você fez comigo? — perguntou baixinho, olhando-me de cima. — Não tenho mais nenhum controle sobre mim.

Passei os dedos pelos cabelos que caíam sobre seu rosto. Minha mão desceu até seu lábio inferior. Tracei o contorno com a ponta do indicador. Eu não

conseguia — tampouco queria — parar de tocá-lo. Nem por um segundo sequer. Mesmo no escuro, conseguia ver com clareza a maneira como seus olhos ardiam.

— Eu que devia perguntar isso. — Sorri. — Prometi para mim mesma nunca me apaixonar por ninguém.

Ele prendeu uma mexa atrás da minha orelha.

— E foi se apaixonar logo pelo Chewbacca, donzela? — Nossas risadas preencheram a barraca. — Eu tenho muitos motivos para estar assim, já você...

— Como assim? — indaguei, sem parar de sorrir.

— Bom, você é linda, inteligente, espirituosa, manda muito bem nos desenhos... e é uma das minhas melhores alunas.

— Para quem você deu um quinze, a propósito.

Adônis gargalhou. Seu peito subiu e desceu contra o meu. Algo sobre estar aprisionada sob seu corpo rudimentar fazia meu coração acelerar.

— Eu precisava fazer isso, caso contrário onde arrumaria outra desculpa para te ver um pouquinho mais a cada aula?

— Fala sério! — dei um tapa contra o seu ombro. — Pare de blefar.

Ele fez cara de ofendido.

— Por que você sempre acha que estou mentindo?

— Porque você adora me deixar confusa e envergonhada. É um tipo de prazer sádico.

— De fato, isso eu não posso negar — respondeu, entre um beijinho e outro. Arquejei, acariciando suas costas suavemente.

— Mas, voltando ao assunto, preciso discordar de você.

— Sobre o quê? — perguntou, distraído em soprar meus lábios.

— Você me disse que não tenho motivos para me apaixonar. Eu tenho sim, tenho todos.

— Então me convença, donzela.

— Você também é lindo. — Pisquei para ele. — Cozinha muito bem, gosta de dinossauros...

— Esse nem mesmo é um motivo justo! — protestou, interrompendo-me.

— É sim. Eu decido as regras por aqui. — Arqueei as sobrancelhas, desafiando-o, mas ele apenas encolheu os ombros. — Continuando, você é engraçado, gosta de filmes de terror, toca violão e me beija desse jeito delicioso.

— Como? — perguntou, com um sorriso enorme no rosto, que fazia seus olhos se estreitarem. Céus, como eu adorava aquele sorriso! — Assim? — Raspou

— Não.

— E assim? — Deu uma mordidinha leve no lábio inferior.

— Também não.

— Humm... Então deve ser assim — sussurrou, antes de invadir minha boca com sua língua. Todos meus membros amoleceram de uma só vez.



Capítulo 50 - Adônis

Marisa Monte – Não vá embora

Meu braço formigava de maneira irritante e, por isso, abri os olhos. Levei menos de um segundo para organizar a mente ao me deparar com Rebecca aninhada em mim. As lembranças da noite anterior voltaram à tona, fazendo-me

sorrir. Enterrei o rosto em seus cabelos, sorvendo o cheiro doce de shampoo. Aconcheguei-me ainda mais em suas costas e passei o braço livre pela cintura dela.

Estava duro e o seu bumbum tão próximo não ajudava muito. Além disso, minha bexiga protestava, a ponto de explodir, mas eu não sairia dali por nada. Não podia, de toda forma. Meu corpo clamava pela garota. Eu sabia o quanto estava ferrado por percorrer aquele caminho sem volta, mas não tinha forças para me manter longe. E como poderia? Merda, não dava. Joguei meu juízo no lixo quando planejei a viagem, no entanto não me arrependia minimamente. Pelo contrário, sentia-me grato por ter deixado de pensar tanto e agido somente pelo coração.

Rebecca era cheia de vida, era impossível não se contagiar com a energia vinda dela. Isso para alguém como eu, que havia esquecido como tudo podia ser leve, significava muito. Graças a ela, um Adônis que eu não recordava a existência emergia aos poucos. E esse Adônis sorria até ficar com as bochechas doloridas e gargalhava tão alto que as demais pessoas paravam para olhar. Ele era feliz.

Droga, eu realmente estou fodido.

Minha mão subiu e desceu por seu braço delgado quando percebi um detalhe tão importante, até então despercebido — eu dormira a noite inteira. Não um sonho inconstante, como já estava acostumado. Não, eu definitivamente dormira como uma pedra. Consegui descansar, como há muito não acontecia.

Separei os lábios, desconcertado. Já contava tanto tempo que eu era perseguido pelos pesadelos... Em certa altura, limitei-me a aceitar minha condição, acreditando ser imutável. Acordava noite após noite aos berros, suando frio e vazio. Depois do acidente, jamais tive uma trégua sem a intervenção dos remédios. E mesmo eles não eram capazes de me proporcionar muitas horas de descanso. Isso sem contar as noites de insônia, temendo reviver a única memória que eu gostaria de apagar para sempre.

Quando dias sem dormir se transformam em meses e, então, em anos, você passa a acreditar que está sendo castigado. Eu me sentia assim. Tinha sobrevivido, afinal. Talvez o Universo estivesse cobrando as decisões erradas, talvez esse fosse o preço a se pagar. E, por isso, eu apenas seguia consternado.

Ali, com Rebecca, no entanto, fui liberto. Por uma noite, mas ainda assim, era como meu pai dizia: para quem tem pouco, o menor presente é bem-vindo. Perguntei-me o quanto ela tinha a ver com isso, talvez tudo. Quando dormiu em meu apartamento pela primeira vez, meses atrás, também fui presenteado com um

sono calmo e sem sonhos. Na época julguei ser o cansaço por uma noite em branco, mas agora estava claro para mim a única constante nas duas situações — Rebecca. Ela, de alguma forma, acalentava-me.

Respirei fundo, admitindo que não aguentaria mais um segundo sequer, precisava me aliviar. Sem pressa, tirei o braço debaixo dela, cuidando para não acordá-la. Espreguicei-me e, quando estava prestes a sair da barraca, notei sua pasta de desenhos jogada próxima da entrada. Ri baixinho quando sua agenda me veio em mente. Foi uma surpresa deliciosa encontrar anotações a meu respeito espalhadas pelas páginas brancas. Embora se tratassem de “ofensas”, gostei de saber que ocupava seus pensamentos de alguma forma, porque ela, com certeza, protagonizava os meus.

Foi pensando nisso que, já do lado de fora, levava seus desenhos comigo. Não faria mal descobrir um pouco mais sobre aquela garota fascinante. Ela provavelmente ficaria toda vermelha quando descobrisse, e esse era apenas um motivo a mais para ir adiante. Comecei a folheá-los enquanto caminhava ao banheiro comunitário do *camping*. As cores pinceladas em aquarela exprimiam sua leveza e alegria, era possível identificar um pouquinho dela em cada um deles. Becca me disse, certa vez, que nas ilustrações encontrava uma maneira de escapar da realidade, mas, para mim, aquilo se parecia mais com um diário, onde podia colocar para fora tudo o que a afligia. Tal como eu fazia nas cordas do meu violão. Éramos tão parecidos, a nossa maneira.

Adentrei o minúsculo banheiro, deixando a pasta de desenhos sobre o reservatório de água da privada. Estralei o pescoço e depois os pulsos, mas, antes que pudesse me aliviar, ela escorregou e caiu aberta. Meus olhos correram pelos traços confiantes de uma imagem que eu ainda não tinha visto. De repente, todos os músculos enrijeceram de uma só vez.

O quê?

Flexionei os joelhos, tomando-a do chão. Com o dedo indicador, contornei as curvas e retas, reconhecendo-me. A barba, o cabelo, tudo estava ali. Não restavam dúvidas de que era eu. Umedeci os lábios, satisfeito pela descoberta. Mas, então, reparei na data rabiscada em uma das extremidades do papel e o coração se reduziu a um grão de areia.

Era do finalzinho de janeiro... só que não fazia sentido, as aulas só começaram em fevereiro. Estreitei os olhos, com um lampejo de entendimento. *Foi quando me mudei!*

Como se ganhando vida própria, meus dedos se ocuparam em passar as páginas, procurando por mais. Mesmo sem compreender o porquê, eu soube que encontraria mais de mim por ali. E não me enganei. Achei um punhado deles. Em alguns aparecia sozinho e, nos outros, éramos nós dois — na praia, cozinhando juntos e, inclusive, o nosso primeiro beijo.

Deixei a pasta sobre a pia e me sentei sobre o vaso, esquecendo subitamente da bexiga apertada. Fechando os olhos, inclinei o tronco para frente e escondi o rosto com as mãos. Encontrava-me acorrentado por uma profusão de emoções intensas e também confusas.

Depois de Cecília, acreditei que jamais conseguiria me envolver com alguém. Eu até arrisquei sair com meus amigos e retomar a maldita vida de antes, mas tudo tinha mudado demais dentro de mim. Mesmo quando ficava com uma garota em alguma festa qualquer, não conseguia ir adiante e levá-la para casa. Eu tinha minhas necessidades como as outras pessoas, é claro, mas mal podia cogitar transar com alguém. Era como trair Cecília, como ser um babaca sem sentimentos, era como jogar fora tudo o que havíamos vivido.

O luto passou e eu aceitei que as coisas simplesmente eram como eram. Ainda me sentia vazio e deslocado, não conseguia trazer o velho Adônis de volta. Pelo contrário, conforme os dias corriam, mais eu descontava nas pessoas ao redor minhas frustrações. Por que aquilo tinha acontecido comigo, para começar? Por que eu não pude morrer no lugar dela? Inferno, por que ela não me ouviu quando eu disse para dormirmos em um hotel já que estávamos bêbados demais? Aos poucos e sem perceber, construí um muro à minha volta, tijolo por tijolo, separando-me das demais pessoas, impedindo-as de se aproximarem. Até o verdadeiro Adônis deixar de existir e eu me convencer de que, no acidente, não perdera somente Cecília, mas também meu coração.

Só que, então, apareceu a garota de expressivos olhos verdes no meu caminho, falando sobre Star Wars e me desafiando em sala de aula. Ela me tirava do sério, a princípio, porque era tão complicado compreender as reações que me causava. Porém, ao mesmo tempo, eu sentia vontade de descobrir mais. E o Universo parecia gostar da ideia, pois ela surgia onde e quando eu menos esperava, bagunçando a minha cabeça, mexendo comigo, despertando-me da apatia. Ela balançava o meu mundo.

Droga, a quem estou tentando enganar?

Era ridículo continuar fingindo para mim mesmo que poderíamos voltar atrás. Se algum dia isso realmente foi possível, já havia sido há muito tempo. Agora, contudo, mexíamos demais um com o outro. Eu estava irreversivelmente apaixonado por Rebecca e, embora soubesse que nossos caminhos encontrariam uma bifurcação no futuro, não conseguia — e nem queria — me afastar.



Capítulo 51

*Você vai ficar comigo, meu amor?
Por mais um dia
Porque eu não quero estar sozinha
Quando estou neste estado*

Daughter – Run

Fui desperta por uma melodia suave e envolvente. Esfreguei os olhos para afastar o sono e, ao abri-los, deparei-me com Adônis ao meu lado. Ele dedilhava as cordas do violão, sentado a poucos centímetros de mim, com as pernas cruzadas como as de um índio. Ao me flagrar de olhos abertos, abriu um sorriso manso que me aqueceu por dentro.

— *Acorda amor, que já virou outro dia, e a gente pode fazer tudo hoje... Não me deixe pra depois, sempre tem um bom motivo pra nós dois. Os medos que a gente tem em cada noite, a gente pode deixar lá... Não me deixe pra depois, sempre tem um bom motivo pra nós dois.* — cantarolou bem humorado, piscando de maneira irresistível ao final.

É desnecessário dizer que me derreti inteira, né?

De repente, aquela expressão “borboletas no estômago” fez total sentido para mim. Fui tomada por uma sensação tão deliciosa, que só pude sorrir de volta. A faceta carinhosa de Adônis me surpreendia sempre mais. Principalmente porque era impossível não comparar com o Adônis de antes — o qual eu sabia permanecer lá, mas presenciava cada vez menos.

— Boa escolha. Eu adoro Mallu Magalhães.

— Eu sei. — Ele deu de ombros. — Li na sua agenda.

— Achei que jamais faria isso.

— Bom, não pude evitar. Foi um *acidente*.

Minha risada o fez rir também.

— Faz tempo que acordou?

— Donzela... você acha mesmo que eu ficaria acordado sozinho sem ter o que fazer — perguntou, deixando o violão de lado e deslizando o corpo até se deitar. —, quando tenho você toda para mim?

— Meu Deus, você não facilita a tarefa de não gostar de você, hein! — disparei, abraçando-o e escondendo o meu rosto (provavelmente inchado de sono) na curva do seu pescoço.

— Está tentando não gostar de mim, é?

— Ué, achei que estávamos fadados ao fim — carreguei as palavras de drama, aproveitando que estava com a cabeça fora do seu campo de visão para sorrir.

Sua mão gelada segurou o meu queixo, até que nossos olhos voltaram a se encontrar.

— Humm, então é fácil assim? Essa é a sua maneira de lidar com a situação?

Assenti, sem esconder a minha expressão travessa. Adônis umedeceu os lábios, balançando a cabeça em negativa. Um sorrisinho torto surgiu.

— Bom, só me resta dificultar ainda mais — murmurou, deixando um beijinho em cada canto da minha boca. Só isso foi o suficiente para meu coração palpitar mais depressa.

— Vai precisar se esforçar muito!

— Não será um problema, donzela. — Ele enterrou os dedos pelos meus cabelos, como se os penteasse. O movimento causou um leve e gostoso arrepio. —

Agora, que tal se arrumar? Quero te levar para conhecer o Farol e não pode ficar tão tarde, porque é uma caminhada e tanto até lá.

— Precisamos mesmo? Aqui está tão bom.

— Também acho. — Sorriu. — Mas vir para a Ilha do Mel e não passar lá é o mesmo que não vir, entende? Valerá a pena, eu prometo.

— Ai, Chewie... Você só me dá trabalho — falei, piscando para ele.

Sua gargalhada foi alta e contagiante.

— Olha quem fala! — Então, sentou-se e deixou dois tapinhas na minha coxa. — Te espero lá fora. Não demore!

Observei-o abandonar a barraca sem mover um único músculo. Ainda me sentia nas nuvens pela maneira como fui acordada. Adônis era tão carinhoso, e isso era evidente mesmo nos menores gestos. Era uma coisa natural para ele. Senti-me tão sortuda naquela manhã a ponto de esquecer que, na verdade, era bem o oposto disso. Nós éramos deveras azarados, afinal, no dia seguinte nossa dolorosa realidade voltaria à tona.

Espreguiceei-me, decidida a não sofrer por antecedência. Em vez disso, fiz como ele me falou — levantei depressa para que pudéssemos curtir o dia. Vesti shorts confortáveis e calcei o par de All-Star. Porém, quando saí para ir ao banheiro comunitário, decidi vestir um moletom por cima da camiseta. A temperatura parecia ter caído um pouco mais.

Encontrei-o próximo à cozinha do camping, brincando com o cachorro cinzento que vimos dormindo no dia anterior. Observei-os por alguns minutos antes de ser descoberta por Adônis, que me lançou um olhar divertido.

— Não conte ao Castiel! — pediu, com uma breve piscadela. — Ele jamais me perdoaria. — Suas palavras me arrancaram a mais alta das risadas, fazendo-me constatar que mal o dia começara e eu já estava mais feliz do que nunca.



Caminhávamos há cerca de meia hora. Como eu desconhecía o trajeto, Adônis ia à frente, olhando por cima do ombro de tempos em tempos, para verificar se estava tudo bem comigo. Não que fosse realmente necessário, já que

conversávamos desenfreadamente desde quando havíamos abandonado o acampamento.

Conforme nos aventurávamos pela estradinha íngreme a qual levava ao Farol, nossas vozes se embolavam cheias de entusiasmo. Falamos muito de nós mesmos, contando desde as lembranças mais triviais às mais significativas. Eu descrevi as maratonas de terror feitas na companhia do meu avô, às vezes em que descí o rio de boia com os colegas de escola, e até mesmo o meu fascínio pelas personagens fortes encontradas nos livros de fantasia. Expliquei para ele que almejava ser estudiosa como Hermione Granger e corajosa como Katniss Everdeen.

— Isso explica muita coisa — ele respondeu, entre risadas.

Então Chewie me contou sobre quando fazia teatro de sombras com os primos, usando bonecos de dinossauros e recriando as cenas mais icônicas de *Jurassic Park*. Eu sorria tanto a ponto de doer a bochecha. Adônis narrou os inúmeros shows feitos com a banda na época da faculdade e me disse que nada no mundo o fazia se sentir igual quando estava no palco. Notei a forma como seus olhos se obscureceram, mas não o interrompi. Eu gostava de ouvi-lo. Era muito interessante descobrir mais sobre sua vida que, até pouco tempo atrás, era tão misteriosa para mim.

Ele me falava sobre como Castiel aparecera em sua vida, quando, de repente, senti uma dor lancinante no tornozelo esquerdo. Era semelhante a um caco de vidro rasgando a pele em um movimento impiedoso.

— AIIII! — berrei, com lágrimas nos olhos. Em uma fração de segundo, Adônis percorreu a distância entre nós e me segurou pelos braços com firmeza. Estava branco como uma folha de papel.

— O que aconteceu?

Permaneci gemendo, emudecida pelo latejar que emanava pela perna. Pelo sabre de Yoda, como doía! Meu rosto já estava encharcado pelas lágrimas àquela altura.

— Becca?! — perguntou novamente, com mais urgência. — O que foi?

— M-meu tornozelo — titubeei, esticando-o para frente. Estava com medo de olhar para baixo e encarar o estrago. Pelo tamanho da dor, aparentava ser enorme.

Ele abaixou o tronco, arfando logo em seguida.

— É aqui que dói? — indagou, tocando sobre o ponto da pele que queimava e pulsava simultaneamente. Minha resposta foi um gritinho abafado. — Você foi picada por uma aranha.

— Como sabe? — perguntei debilmente.

— Porque tem dois furos — murmurou, ainda inclinado para baixo.

— O que está fazendo?

— Procurando a aranha... — sua resposta veio distante. Porém, logo em seguida ele arquejou outra vez. — Porra, olha o tamanho dela! Cuidado! — exclamou, empurrando-me levemente com o antebraço.

Manquei alguns passos para trás, mas não quis espiar o que me provocara tamanha agonia. Isso porque, como Rony Weasley, eu morria de medo de aranhas. Mesmo das mais pequenas, imagine então de uma que surpreendera Adônis.

Seus dedos se fecharam ao redor do meu antebraço, preocupação tomava sua feição. As sobrancelhas se encontravam unidas, formando um vinco profundo logo acima do nariz.

— Consegue andar? Precisamos voltar.

— Voltar? Para onde? — Tudo bem, eu não estava no auge da inteligência, mas, em minha defesa, era difícil pensar direito naquelas circunstâncias.

— Tem um postinho de saúde aqui na Ilha. Fica perto do nosso acampamento.

Arrisquei jogar o peso para a perna machucada, mas parei na metade do caminho. Machucava demais, não havia a menor chance de eu conseguir. Talvez a minha expressão desolada tenha sido o suficiente para Chewie porque, antes que eu pudesse perceber, ele me ergueu com os braços fortes, jogando-me sobre seu ombro.

Equilibrei-me nele, sentindo raiva por ser tão azarada. Droga, dentre tantas ocasiões para ser mordida por uma maldita aranha, precisava ser durante a nossa viagem? Ele tinha programado tudo e eu sabia que a visita ao Farol seria fantástica, somente pelo fato de estar em sua companhia.

Não demorou muito para Adônis começar a ofegar. Seu ritmo, apesar de constante, não era tão rápido quanto eu gostaria. Minha visão ficara turva de dor e eu simplesmente não conseguia parar de chorar.

Em determinado momento, ele me colocou no chão cuidadosamente, pescando o cantil de água dentro da mochila. Apesar de ser evidente o quanto estava com sede, ofereceu para mim primeiro. O líquido fresco me deixou momentaneamente aliviada. Durou muito pouco, no entanto. Enquanto Adônis se saciava, comecei a salivar além do normal e, de uma só vez, a ânsia subiu pela minha garganta. Dobrei o tronco para frente em um rompante, colocando minha bile

para fora. Era a segunda vez que eu vomitava na frente dele. Droga! Meus músculos peristálticos continuavam se contraindo, porém não havia mais nada para expelir, já que ainda não havíamos feito o desjejum.

Fui tomada por um enjoo descomunal, como se já não estivesse ferrada o bastante. Apoiei-me nele, suando frio.

— Já estamos chegando. — Ele afastou minha franjinha da testa. — Aguenta só mais um pouquinho.

Aquiesci e Chewie me ergueu outra vez, tornando a me colocar em seu ombro.

— Se precisar vomitar, dê três tapinhas nas minhas costas, tudo bem?

— Ok — limitei-me a responder, desejando com todas as forças que chegássemos o quanto antes.



Capítulo 52

*Mas, baby, nós dormimos de conchinha como ninguém
Então eu te ajudarei a ler esses livros
Se você suavizar minha aparência preocupada
E nós colocaremos nossa solidão na prateleira*

Ingrid Michaelson – You and I

— Como era a aranha? — De olhos fechados, ouvi a voz rouca do médico. Apesar de ele e Adônis conversarem logo à frente, eu sentia como se estivessem muito longe.

— Era uma armadeira, devia ter uns quinze centímetros.

— Como essa aqui?

Abri os olhos em frestas. O médico indicava um quadro bem grande na parede, com inúmeras imagens de aranhas. Adônis o estudava atentamente. Poucos segundos depois, ele concordou com um grunhido.

— Elas são bem agressivas mesmo. E nessa época do ano estão por toda a parte — Ouvi um dos dois respirar fundo. — Da próxima vez que algo assim

acontecer, é recomendado matar a aranha e levar para o hospital também. Você sabe, para não haver confusão.

— C-certo.

— Rebecca, tudo bem aí? — perguntou o doutor, com um tom um pouco mais alto.

— Já estive melhor — brinquei, arrancando risadas dos dois.

— Vou preparar o soro antiloxoscélico para aplicar em você. Ele tem anticorpos que vão se ligar às toxinas do veneno, neutralizando-as. A boa notícia é que, apesar de dolorosas, as armadeiras raramente apresentam risco à saúde e logo, logo você estará nova outra vez. A má notícia é que ainda vai doer por algumas horas. — Ele fez uma expressão complacente. — Você precisará ficar o resto do dia aqui, em observação.

Instintivamente, encarei Adônis com os olhos arregalados. O médico deu uma risadinha baixa.

— Você também pode ficar, se quiser — disse, dirigindo-se ao Adônis, que assentiu para mim quase imperceptivelmente, dizendo silenciosamente que, sim, ele ficaria. Uma onda de alívio tirou o peso dos meus ombros.

Desde que chegara ao hospital, estivera submersa em um mar de frustração. Eu sentia raiva do universo por pregar tamanha peça em mim. Ainda não havia me conformado com aquele empecilho justamente quando Adônis tinha se livrado das amarras. Amanhã já estaríamos novamente em Maringá e eu sabia que seríamos despertados daquele sonho delicioso o qual vivenciávamos.

Porém, toda a minha raiva se esvaiu logo que uma enfermeira voltou com o remédio. Quando ela parou ao meu lado esquerdo, pedindo-me para esticar o braço, senti instantaneamente os dedos frios de Adônis avançarem pela minha mão direita. Olhei-o significativamente, grata por estar ali por mim. Ele sorriu, levando minha mão aos lábios e deixando um beijinho terno.

A enfermeira precisou me espetar três vezes até encontrar uma veia. Aquilo não era nenhuma novidade e, para ser honesta, fora menos do que eu esperava. Durante a vida toda, sofri cada vez que precisei tirar sangue ou tomar medicação intravenosa. Era sempre um drama à parte que me resultava vários hematomas. Minhas veias simplesmente se escondiam!

Depois de pendurar a bolsa com o soro em um suporte de metal e indicar um botãozinho para chamá-la em casos de emergência, abandonou o quarto, deixando-nos sozinhos.

— Eu disse que devíamos ter ficado na barraca! — protestei, fazendo-o rir baixinho e balançar a cabeça em negativa.

— Não me faça me sentir pior, donzela.

Que mancada, Rebecca!, ralhei comigo mesma.

Acaricieei as costas de sua mão com o polegar, em suaves movimentos circulares.

— Não foi culpa sua.

— Eu sei. Mas isso não muda o fato de que estou puto. Não era para ser assim... — Explicou, cabisbaixo. Mordi o lado de dentro da bochecha para não gargalhar. Preciso salientar que foi muito difícil, no entanto, dado o fato de que ele ficava irresistível com aquela expressão de desânimo tão visível em seu rosto.

— Eu que o diga! — Protestei e nossas risadas se fundiram, preenchendo todo o quarto.

— Pelo menos tem um ponto positivo nisso tudo.

— Ah, é? — perguntei, genuinamente surpresa. — Qual?

Adônis abriu um sorriso divertido.

— Você vai virar a mulher-aranha!

Dessa vez não contive a gargalhada. Quase era possível esquecer a dor com Adônis ali para me distrair. Isso e também o fato de que o remédio amenizava um pouco o sofrimento.

Dei um tapa em seu ombro.

— Bobo!

— Olha, donzela, só não vai arcar com a fúria *wookie* porque já sofreu bastante hoje. Mas não se acostume! — ele enunciou as últimas palavras com os dedos em riste.

Minhas bochechas e a barriga doíam de tanto rir. Eu sabia que ele estava fazendo todas aquelas piadas apenas para me distrair e o adorava ainda mais por isso. Levei alguns minutos para conseguir normalizar a respiração. Então cometi o erro de olhar para a minha perna esquerda pela primeira vez. Devo dizer que havia um bom motivo para ter evitado espiar a picada até aquele momento — eu era *realmente* fraca para machucados. Qualquer tipo de ferida me tirava do sério, provocando um desconforto intenso pelo corpo todo. Até mesmo nos filmes. Era uma dor psicológica, é claro, mas não menos angustiante por isso.

Tão logo meus olhos recaíram para o tornozelo duas vezes maior que o normal, levei um susto considerável. Porém, isso não foi nada comparado ao terror

que me assolou ao perceber as veias negras que compunham desenhos orgânicos pela perna, como enormes relâmpagos arroxeados. *Que grande ironia!* Senti a cor ser drenada do rosto no mesmo instante. Notando o meu estado perplexo, Adônis afagou minha bochecha carinhosamente.

— Está doendo muito?

— Não tanto quanto na hora da picada, mas ainda sinto algumas agulhadas esporádicas.

— Vai ficar tudo bem. O médico me garantiu que não há o menor risco de... hum... necrosar.

Chewie me encarou profundamente por um momento, depois cruzou os braços no colchão e repousou a cabeça pouco abaixo do meu peito, fechando os olhos. Prendi a respiração por alguns segundos, esquecendo-me de que suas últimas palavras eram sobre minha ferida ter ou não a chance de apodrecer.

Não adianta ficar com raiva de uma fatalidade, pensei comigo, isso não muda nada.

Enterrei os dedos em seus cabelos cor de piche e tentei ignorar a dor. Às vezes eu conseguia, mas, eventualmente, sentia a perna toda queimar em espasmos de dor intensos. Quando isso acontecia, eu deixava escapar um gemidinho baixo e Adônis abria os olhos ligeiramente, para verificar se estava tudo bem.

Conforme as horas corriam, o intervalo entre uma fisdada e outra se fazia cada vez maior. Fechei os olhos, sem deixar de mover os dedos, no entanto. Apesar do dia conturbado, a tranquilidade avançava sobre mim como uma manta aconchegante. E, assim, adormeci na maca do hospital com Adônis deitado sobre a minha barriga sem nem ao menos perceber.



Já era tarde da noite quando chegamos ao *camping*. Depois de eu receber alta, paramos para comer em uma lanchonete, dado o fato de que passamos o dia todo em jejum. Estávamos famintos. Sei disso porque, no tempo em que permanecemos lá, não trocamos palavra alguma. Permanecemos concentrados apenas em mastigar, mastigar e mastigar, até eliminar qualquer vestígio de fome.

No caminho, aproveitamos para passar na farmácia e comprar uma pomada anestésica receitada pelo médico. Ele me dera instruções de passar pelos próximos dias na região da picada, enquanto ela ainda estivesse dolorida. Diferente do que eu imaginara, as veias roxas não suavizaram com o soro. Pelo contrário, encontravam-se muito aparentes em minha pele pálida. E, entre elas, era possível ver dois furinhos vermelhos. Era estranho imaginar que aquelas feridas insignificantes haviam causado tanta dor.

Tomei um banho demorado, deixando a água escaldante correr pelas minhas costas, aliviando a tensão. Mesmo dormindo boa parte do dia, achava-me mais exausta do que nunca. Enquanto me enxugava, não pude deixar de pensar como teria sido o nosso dia se aquela maldita aranha não tivesse estragado tudo. Balancei a cabeça, afastando o pensamento. Não fazia diferença pensar no que *poderia* ter acontecido.

Cruzei o gramado até a nossa barraca, acolhendo-me do frio da noite. Adônis já tinha voltado do banho, fazendo-me ponderar se tinha exagerado no tempo em que ficara trancafiada no banheiro feminino.

— Estava quase indo lá ver se outra aranha tinha te atacado — comentou, com um sorriso lindo.

— Isso seria muito azar. Até mesmo para mim.

Sua risada baixa preencheu nosso abrigo.

— Vem cá, me deixa cuidar de você — pediu, abrindo os braços e lançando uma piscadela.

Um calor delicioso se espalhou pelo meu peito. Assenti, deitando-me de costas para ele e me aninhando em seu corpo quente. Arrumei a cabeça sobre o braço esquerdo dele, usando-o como um travesseiro. Sua mão livre enlaçou-me pela cintura, protetoramente. Adônis deixou uma sucessão de beijinhos no meu pescoço, então apoiou o queixo sobre o meu ombro, de forma que sua respiração ricocheteava contra a parte atrás da minha orelha, causando arrepios esporádicos.

Permaneci emudecida, com medo de estragar o momento. Eu já me sentia melancólica antes da hora. No dia seguinte viajaríamos novamente para Maringá, onde nos tornávamos a Rebecca e o Adônis que não tinham um futuro. Antes que eu fosse totalmente engolida pela nuvem de amargura, sua voz veio baixinha ao meu encontro, despertando-me para a realidade.

— Becca, por que você nunca... — Pigarreou, ficando calado por alguns segundos, como se tentasse buscar as palavras certas. Eu já sabia qual seria a

pauta, antes mesmo dele terminar a pergunta. — Por que nunca quis se envolver com outra pessoa?

Expirei o ar dos pulmões e mordisquei o lábio inferior, perguntando-me se conseguiria fazê-lo entender. Talvez tenha demorado mais do que percebi, pois logo Chewie tornou a quebrar o silêncio.

— Não precisa dizer, se não quiser. Eu só queria ent...

— Tudo bem — interrompi-o. — Eu vou falar. Só não sei como começar a te explicar.

— Quem sabe pelo começo? — Brincou, arrancando-me uma risadinha.

— É, acho que essa é uma boa ideia. — Engoli em seco, fechando os olhos.

O rosto *dela* me veio em mente quase no mesmo instante. Embora muito tempo tivesse passado e eu tentasse me convencer de que tinha conseguido superar nossa história, minha mãe continuava tão presente dentro de mim. Como um espinho venenoso fincado na pele por tanto tempo que começara a fazer parte de mim. Mas eu não o queria lá.

— Minha mãe tinha quinze anos quando ficou grávida. Mas ela não era nenhuma *Lorelai Gilmore*, disposta a fazer tudo pela filha.

— Espera, quem é essa?

— Você não conhece *Gilmore Girls*? — Ele negou. — O seriado? — Tentei de novo. — *Tal mãe, tal filha*? — Como Adônis não disse nada, completei. — Deixa pra lá.

Sua risada me fez rir junto dele. Chewie apertou ainda mais o abraço, dando-me uma nova injeção de ânimos para continuar.

— Ninguém nunca soube quem era o meu pai, ela jamais contou. Meu avô diz que ela falava sobre a gestação como se eu fosse um parasita, matando-a aos poucos. Eles achavam que era algum tipo de depressão ocasionado pela gravidez indesejada e que passaria quando eu nascesse. Mas parece que conforme a barriga aumentava, menos ela aturava sua condição. Começou a falar sobre abortar e eles precisavam ficar vigiando para que ela não fizesse algum tipo de besteira. — Respirei fundo, decidida a não chorar. Não, já estava farta de derramar lágrimas por ela. — Ela sempre me odiou, Adônis. Era óbvio que ela não queria estar grávida, ninguém quer ser mãe na adolescência. Mas o que ela nutria por mim era algo bem mais visceral, bem mais doentio.

“Meus avós me criaram não só por minha mãe ser muito nova, mas principalmente porque, por ela, eu poderia morrer que não faria diferença. Bom, *no*

começo não. Porém, quanto mais o tempo passava, mais ela me odiava. A minha vida era uma espécie de afronta com a qual ela não podia lidar. Minha mãe aproveitava todos os momentos em que ficávamos sozinhas para destilar seu veneno. Ela me dizia o quanto me achava repugnante, afirmava que eu destruíra sua vida e não se cansava de dizer que tinha nojo de mim. Até a maneira como ela me olhava deixava bem claro”.

— Meu Deus — ele sussurrou, chocado. — Ela é uma doente!

— Não é. — Deixei escapar uma risadinha mordaz. — Ninguém jamais acreditaria em nada disso se a conhecesse primeiro. Ela é aquela mulher que, por onde passa, deixa os homens perplexos. É simpática, cheia de sorrisos fáceis e sabe exatamente o que falar e a hora certa. É *comigo* o problema.

— E seus avós?

— Eles não souberam de nada disso por muito tempo. É claro que notavam a indiferença dela e tudo mais, afinal não eram cegos. Mas eles achavam que era só isso. E eu não contava. Droga, eu não conseguia! Morria de medo. Achava que se ela já era capaz de me ferir tanto sem motivos, seria muito pior se a provocasse. — Um soluço escapou pela minha garganta.

Adônis respondeu com vários beijinhos que desciam pelo ombro, até chegarem ao cotovelo. Apesar da angústia dentro de mim mais intensa do que um punhado de picadas de aranhas, peguei-me sorrindo. Ele tinha esse poder de despertar sensações no meu corpo, as mais diversas. Mas, principalmente, trazia leveza para a minha alma. O sorriso era sempre recorrente em sua companhia.

— Ela tentou com todas as armas me destruir, da pior maneira que se pode destruir alguém: de dentro para fora. Era sempre por meio de chantagens emocionais, humilhações, ameaças... Eu poderia te contar tudo, mas ficaríamos aqui a noite toda e não chegaríamos a lugar algum. Enfim, não importa. Já passou. — Ignorei o nó enorme que se formou em minha garganta e prossegui. — Em determinado momento, os meus avós começaram a desconfiar. Eles notaram que tinha algo errado comigo e me pressionaram a contar. Eu tinha treze anos na época. Vovô ficou ensandecido! Lembro até hoje das faíscas em seus olhos. Os berros duraram horas e horas, até ela juntar as malas e sumir.

“Minha mãe tinha um namorado virtual que morava em outro estado. Uns dias depois da briga, ligou para casa avisando que estava morando com ele. Depois disso, trocou o número do celular e sumiu do mapa. Nunca nos falou onde estava, nunca mais sequer entrou em contato.”

O silêncio avançou pela barraca, dominando-nos. Permaneci presa em meus pensamentos, revivendo o peso daquela época. Havia tanto ódio dentro de mim. Passava noites e noites em branco, chorando até as lágrimas secarem. Eu só queria entender por que precisava ser daquela maneira. Era tão injusto! Eu nutria um misto de inveja e raiva das outras pessoas, com suas vidas normais e felizes. O amor materno era uma mentira. Ao menos para mim, é claro.

— Sinto muito, Becca. Deve ter sido uma barra e tanto.

— Eu tive muita sorte. Meus avós são tão maravilhosos. Nunca me deixaram duvidar, nem mesmo por um segundo, que eu não era amada. Por isso não sucumbi à tristeza. Em vez disso, fiquei determinada a mostrar para ela que, apesar de ter tentado tanto me convencer de que eu fracassaria, foi em vão. Não darei esse gostinho. Vou percorrer os meus sonhos incansavelmente, porque, como a minha avó sempre disse, “os momentos ruins servem para intensificar os bons”. Um dia vou olhar para trás e nada disso vai doer. *Por isso* nunca me envolvi com ninguém. Achava que o amor era uma coisa ruim. Tinha medo de cometer os mesmos erros, eu não sei. Fiquei tão focada em ser diferente daquela mulher que não pensei racionalmente.

Adônis se aconchegou ainda mais em mim, apertando-me com os braços fortes. Seus lábios roçaram a minha orelha quando ele começou a sussurrar de maneira enfática.

— Você não é nada como ela! Eu não a conheci e nem gostaria, mas sei disso, tão certo quanto posso afirmar que estou louco por você! Tem ideia do quanto é fascinante, donzela? — Eu o sentia soprar palavra por palavra. Cada uma delas causava um novo arrepio que vinha de dentro para fora. Meu coração batia com tamanha ferocidade que chegava a doer. — Você é autêntica e consegue transformar o dia de qualquer um com toda essa sua energia pulsante. E, Becca, você é linda! Não só por fora, mas principalmente por dentro. Nunca mais se deixe abalar por essa mulher... Ela se odeia e reflete nos demais. Sempre que pensar que tem alguma semelhança com sua mãe, lembre-se disso, por favor. Você *não* é nada como ela, donzela. Não é!

Antes que pudesse contê-las, as lágrimas irromperam dos meus olhos. Não eram de tristeza, no entanto. Oh, estavam muito longe disso! Girei o corpo, ficando de frente para Adônis. Os sentimentos pareciam não caber dentro de mim. Ele tinha o cenho franzido e os olhos ardiam intensamente. Quando seus lábios cobriram os meus, no entanto, não foram cheios de urgência, como nas demais vezes. Não,

nossas línguas se entrelaçavam com uma calmaria repleta de significado, tal como as folhas que se desprendem das árvores no Outono — movimentando-se suavemente ao vento, indicando uma nova estação, um novo começo.



Capítulo 53

*Vamos fazer acontecer, menina
Você tem que mostrar ao mundo
Que algo bom pode funcionar
E pode funcionar para você
E você sabe que vai funcionar*

Two Doors Cinema Club – Something good can work

Eu não tinha aulas de Produção Textual às segundas-feiras. E foi justamente por isso que pulei de surpresa quando senti grandes mãos se fecharem ao redor do meu braço direito e me puxarem para dentro de uma sala escura e vazia no intervalo. Não demorei em adivinhar quem era. Mesmo no escuro, a silhueta de quase dois metros era inconfundível. Fora isso, tinha também o aroma. Ah, como Adônis era cheiroso!

Arfei em surpresa quando ele fechou a porta e me pressionou contra ela, beijando-me como se não se importasse com o fato de estarmos no meio da

universidade. Bom, eu não me importava. Mas não podia esconder o fato de que me encontrava atordoada. Aquilo era totalmente o oposto do que eu esperava.

Desde aquela manhã, quando entramos na barca e assistimos a Ilha do Mel se distanciar aos poucos, fui incapaz de afastar o desânimo. Dentro de mim, uma mudança irrevogável acontecera nos dois dias isolados do resto do mundo, e eu me perguntava se Adônis também se sentia da mesma maneira. Depois das coisas que tínhamos vivido juntos, depois de termos nos entregado um para o outro, eu duvidava de que conseguiria persuadir o meu coração de que o certo era conter as emoções. Era difícil tentar me convencer a dar um passo atrás, quando tudo o que meu corpo pedia era apenas para ir em frente. Os sentimentos se tornavam mais e mais intensos conforme os dias passavam e eu começava a considerar que Adônis tinha razão — seria tão mais difícil nos afastar depois. Porém, quando eu revivia as recordações de nossa viagem, não conseguia me arrepender nem um pouquinho sequer. Pelo contrário, sentia-me grata por ter vivido coisas incríveis na companhia dele. Se tivéssemos pensado racionalmente desde o princípio, teríamos nos privado daquela experiência. E aquilo, sim, era inconcebível.

Então nós finalmente chegamos a Maringá, onde a realidade nos aguardava sentada em uma cadeira, como pais que esperam os filhos voltarem de uma festa que durou mais do que deveria. Eu não estava preparada para lidar com o Adônis que me ignorava nos corredores e era grosseiro em sala de aula. Eu gostava muito mais daquele que me acordava com músicas românticas e me beijava de um jeito que fazia o mundo inteiro parar de uma só vez.

No entanto, indo contra as minhas suposições, ali estava ele, entrelaçando a língua na minha, deixando o seu sabor impregnado em mim. Se por um lado Adônis tentava se manter distante para não se envolver, por outro ele não podia realmente *fazer* isso. As emoções estavam fora de controle, tal como para mim. Eram mais forte que nós e, por isso, talvez o certo fosse apenas ceder.

Ele mordeu o meu lábio inferior com um pouquinho a mais de força, arrancando um gemido abafado de mim. Afastei o rosto alguns centímetros, acordando do transe.

— Você precisa se decidir, *professor Adônis*. — Eu adorava chamá-lo daquela maneira quando estávamos dentro da UEM. Tinha um fundinho de rebeldia. Era delicioso que partilhássemos um segredo só nosso.

Ele deu uma risadinha baixa, encarando-me com diversão.

— Eu já me decidi — sussurrou e, por Deus, não houve um único pelo que não tenha se eriçado. Arregalei os olhos, incapaz de esconder a surpresa.

— Se decidiu?!

—... Sobre nós dois. — Ele completou. — Você tem razão, não dá para ignorar isso — disse, indicando-nos com a mão. — Eu gostei demais de passar o final de semana com você, donzela. Mas não consigo me contentar só com isso. Minha vontade de você é insaciável.

Santo Gandalf!

— Eu pensei nas coisas que você me falou e... nas coisas que passamos. Nada disso é muito fácil para mim, Becca. Ainda me assusta a intensidade dos meus sentimentos. Como eu disse, não estava nos meus planos me relacionar com alguém. Mas se pudermos... se pudermos ir devagar talvez não seja tão complicado. — Ele sorriu, pegando minha mão direita e colocando sobre o seu peito. — Não posso lutar contra ele, vou sair perdendo. Nós dois vamos. Eu tentei de toda forma me manter afastado, mas quer saber? Não aguento mais ficar longe. Não posso. — Adônis apoiou as duas mãos na porta às minhas costas, parando com o rosto a centímetros do meu. — Quero você. Quero fazer coisas com você, donzela. Droga, o que estou falando? — Ele riu, balançando a cabeça em negativa. — Está vendo, só? Não penso direito quando estamos juntos.

Não consegui encontrar nada para dizer. Isso porque era impossível raciocinar direito quando a minha cabeça achava-se em polvorosa. Em vez disso, considerei que o melhor para o momento era demonstrar como eu me sentia com todas aquelas revelações. Então, com um sorriso no rosto que ia de orelha a orelha, fiquei na ponta dos pés, alcançando sua boca. Joguei os braços ao redor do seu pescoço e os seus logo vieram parar na minha cintura. Seu sabor mentolado, dentre todos os gostos do mundo, já era o meu favorito. Eu não sabia qual seria o nosso futuro, mas por que me preocupar quando tinha Adônis todinho para mim, no presente?

Chewie separou a boca da minha, encarando-me significativamente. Levei uma mão aos seus cabelos, afastando-os de seu rosto. Somente então me dei conta de algo que ele tinha falado, em meio a declaração.

— Que *tipo de coisas* quer fazer comigo, Chewie?

Sua gargalhada soou mais alta do que deveria. Ele fisgou os lábios, com a expressão deliciada que sempre adotava quando eu era atrevida. Suas mãos

subiram pelas minhas pernas, elevando-me do chão. Instantaneamente, cruzei as pernas ao redor de sua cintura, a fim de me firmar.

— Você deve saber — soprou contra a minha boca.

— Não sei, não. Estou *realmente* curiosa.

— Hummm... — murmurou, com os lábios descendo pela minha mandíbula e percorrendo o pescoço. — Talvez eu precise mostrar então.

Ele deixou uma sucessão de mordidinhas que seguiam em direção ao decote em V da minha camiseta. Precisei morder o lado de dentro da bochecha para não fazer barulho. No entanto, mesmo que eu tivesse soltado qualquer som que fosse, ele teria passado despercebido, graças ao sinal estridente indicando o começo de uma nova aula.

Embora tenha sido difícil me desvencilhar de Adônis quando o desejo inflamando dentro de mim era justamente o contrário, eu não estava chateada quando pisei para fora da sala, ainda ofegante. Na verdade, não tinha como o meu sorriso ser maior.



— Agora, bonequinha, eu quero saber detalhe por detalhe desse *sequestro*!
— Arthur sorriu com malícia, estendendo o vinho em minha direção.

Tomei da mão dele, levando aos lábios no segundo seguinte. Pelo canto dos olhos, percebi que Lily sequer piscava. Acho que ela teria uma síncope se não descobrisse o que acontecera entre Adônis e eu durante o final de semana. E, para ser honesta, eu também não via a hora de contar.

Esperava ser bombardeada tão logo chegasse de viagem, mas, para minha surpresa, encontrei o apartamento vazio. Descobri, enquanto voltávamos da faculdade, que Arthur fizera uma entrevista de emprego para uma escola de reforço e que, de acordo com suas próprias palavras, estava muito otimista e sentia que a vaga seria sua. E era por isso que, apesar de Pedro ter pedido um tempo na relação dos dois, meu amigo sorria com leveza, daquela maneira que só ele sabia fazer.

— Onde vocês foram? — a voz estridente de Nataly repercutiu pela sala. Notei a impaciência em sua feição. Ela odiava esperar. Ainda mais uma fofoca.

Dei uma risadinha baixa.

— Ele me levou para a Ilha do Mel. Já ouviram falar?

— Jesus, não acredito! — Arthur escondeu a boca com as duas mãos. — Achei que tinham ido para qualquer lugar perto daqui!

— Você conhece? — perguntou Lily.

— Fui para lá no final do ano, com um pessoal do curso de História.

— Onde fica?

— Perto de Curitiba. — Foi a minha vez de responder. Os dois me fitaram cheios de interesse e, por algum motivo, adorei a sensação. — É um lugar muito lindo! Sério, você ia adorar, Lily. E a única maneira de chegar é indo de barca...

Narrei pacientemente cada momento da viagem. Desde os mais incríveis, até os nem tão incríveis assim — a aranha que o diga. Existia algo muito excitante em compartilhar todos os detalhes com os meus amigos. Em parte porque era uma desculpa perfeita para reviver os dois melhores dias que eu tivera desde que comecei a faculdade, mas também porque as reações deles eram hilárias. Nataly soltava gritinhos de surpresa e quase sempre se limitava a dizer:

— Ai, meu Deus!

Arthur, por outro lado, fazia toda sorte de perguntas indiscretas, que quase sempre rendiam um acesso de riso mútuo.

— Becca, você quer que eu acredite *mesmo* que vocês dormiram de conchinha, sozinhos em uma barraca, e não rolou nada? Tipo, nadinha?

— Eu juro!

— Argh, sua mentirosa! Fale pra mim, quão grande ele é?

O céu já recebia os primeiros raios solares quando entrei em meu quarto, pronta para dormir. Uma noite podia render a beça com a ajuda de um pouco de vinho. Depois de conversarmos sobre a minha relação com Adônis, concentramos um tempo considerável escolhendo as palavras menos educadas que pudessem expressar o quanto achávamos Pedro desprezível. Obviamente que nada daquilo era *de fato* verdade. Apenas estávamos decepcionados com ele. Então o assunto evoluiu para Nataly choramingando sobre como odiava estar solteira e, quando percebemos, os pássaros já cantavam do lado de fora da janela.

Deitei em minha cama e, apesar do cansaço enorme pelo dia cheio que tivera, não me senti mal por estar indo dormir tão tarde — ou, no caso, tão cedo. Jamais estive tão leve na vida. Agarrei o travesseiro, suspirando em deleite. Eu me sentia como se, pela primeira vez em toda a minha existência, tivesse encontrado um lugar no mundo. E a sensação era maravilhosa.



Capítulo 54

*Aproveitar uma oportunidade é abraçar a mudança
Eu conto minhas bênçãos sabendo que você vai me levar pra casa*

Little Joy – Brand new start

Empurrei os óculos para cima com o dedo indicador, sem parar de digitar o trabalho com a mão livre, no entanto. O relógio no cantinho do monitor indicava que me restava pouco tempo antes de começar a aula e eu ainda nem havia começado a me arrumar. Isso sem contar no buraco negro se formando em meu estômago. Normalmente eu teria o trabalho pronto uma semana antes da data de entrega. Isso se o professor Germano, de Linguística I, *tivesse passado* o trabalho com antecedência. Ele mandara um e-mail para a turma no começo do dia avisando. Eu nem podia mensurar o quanto estava irritada, mas já havia aprendido que na faculdade às vezes as coisas não eram tão justas. Só me restava correr contra o tempo.

— PUTA QUE PARIU! PUTA QUE PARIU! — o berro de Arthur me fez pular no lugar, ralando a coxa na escrivaninha bamba. Xinguei baixinho, esfregando a perna. — BECCA, LILY, CADÊ VOCÊS, PORRA?

Com o coração batendo desenfreadamente, girei a cadeira em direção à porta, um pouco atordoada. Isso era tão não Arthur! Antes que pudesse ter uma reação, porém, a porta do meu quarto foi aberta em um rompante, provocando um baque surdo.

— NÃO ESTÁ ME OUVINDO CHAMAR?

Encarei meu amigo com um pouco de choque. Ele nunca tinha gritado comigo daquela maneira. E, para ser honesta, ele estava bem agitado. Parecia ter tomado mais café do que deveria. Seus olhos estavam mais esbugalhados que o normal e o cabelo platinado achava-se definitivamente desgrenhado.

— Estou, é só que...

— ENTÃO POR QUE NÃO RESPONDEU?

— Meu Deus, você quer parar de gritar? Não tem ninguém surdo aqui! — ralhei com ele, irritada. Nataly apareceu no quarto logo em seguida, curiosidade estampava seu rosto.

Indiferente a minha bronca, ele prosseguiu os berros, como se estivéssemos a quilômetros de distância um do outro.

— EU CONSEGUI, BONECA! EU CONSEGUI!

— Conseguiu o quê, maluco? — Lily adiantou-se, sentando-se na minha cama com um olhar divertido. Senti-me um pouco melhor por constatar que não era a única estranhando o comportamento dele.

— O EMPREGO, LILY! EU CONSEGUI O EMPREGO! ELE É MEU!

— Não acredito! — exclamei, mas quase não deu pra ouvir. Isso porque, em uma fração de segundo, Nataly havia levantado e pulava pelo quarto abraçada a Arthur, gritando tanto quanto ele, ou quem sabe mais. Eu apostava que era mais.

Observei-os saltitarem como pipocas estourando por um tempo considerável. Quando, enfim, desvencilharam-se, abracei meu amigo com ternura.

— Ah, Arthur, que notícia ótima! Parabéns! — deixei um beijo estalado em sua bochecha. — Agora, sem gritar, por favor, me conte mais sobre o emprego.

Os dois riram genuinamente. Ele esfregou o rosto com calma, como se parasse para pensar a respeito pela primeira vez. Seu peito subia e descia em movimentos rápidos, a respiração estava ruidosa. Lily, com sua impaciência, deu um empurrãozinho nele.

— Anda, é para contar hoje, não semana que vem.

— Caramba, você é uma chata, Lily. Me deixe curtir a euforia em paz. — Ela respondeu mostrando a língua. — Bom, era a vaga da escola de reforço, eu disse que estava otimista! Vou ser orientador de Português. O salário não é maravilhoso, mas dá pagar minhas contas, pelo menos. E a melhor parte é que conta como estágio obrigatório!

— Seu sortudooooo! — ela cantarolou, voltando a pular com ele.

Foi inevitável me lembrar de vovó falando sobre como tudo na vida é um grande ciclo. Assim como a felicidade não dura para sempre, a tristeza também não, embora seja fácil esquecer isso. A dor tente a aparentar não ter fim, mas isso não muda o fato de ela ser, sim, finita. E depois de uma longa tempestade os raios de sol brilham com o dobro de intensidade.

Nataly parou de repente, olhando de mim para ele com uma expressão animada no rosto.

— Nós *precisamos* comemorar! Tipo, agorinha mesmo!

— Tem um barzinho aqui perto que faz dobro de chope às quartas-feiras! — Arthur não conseguiu esconder a empolgação. — Vou me arrumar.

— Oi? — perguntei, conferindo as horas no relógio de pulso. Eu tinha total consciência de que tinha os olhos arregalados e os lábios ligeiramente separados, mas eles pareciam indiferentes a isso. — Vocês querem sair na hora da aula?

— Becca, é só hoje e... — ela começou, porém a interrompi.

— Matar aula! Vocês querem *matar aula*, é isso mesmo? — repeti, como um disco quebrado.

— Bonequinha — foi a vez de Arthur tentar. —, essa é claramente uma emergência. Uma coisa muito boa aconteceu na minha vida e não podemos deixar passar em branco.

— E precisa ser na hora da faculdade? — Minha voz se tornava mais alta a cada segundo. — Não podemos comemorar *depois*, como sempre fazemos?

— Er, é só...

— Pelo amor de Deus, o que faço com vocês, hein? — esbravejei, cruzando os braços sobre o peito. — É óbvio que eu não vou matar aula. Parece até que não me conhecem!

— Mas, Becca...

— Não tem “mais” nem “menos”! — Falei com o dedo em riste, como uma mãe disciplinando os filhos rebeldes. — Nós vamos para a aula e depois saímos

para comemorar. Estamos entendidos? — Os dois me encararam surpresos. Algo na minha expressão deve ter servido como ponto final, pois Arthur jogou as mãos para o ar e grunhiu, irritado:

— Tá bom, tá bom! Ninguém vai matar aula, senhora certinha. Eu hein.

Observei-os abandonar o quarto como cachorrinhos acuados e mordisquei o lábio inferior para segurar a risada. Estava orgulhosa de mim mesma por não ter cedido. Quero dizer, por mais que os amasse e estivesse muito feliz por Arthur ter encontrado um emprego ideal, o qual traria sua liberdade, a faculdade *ainda* era o meu foco. Eu não podia me esquecer disso em hipótese alguma, ou as coisas eventualmente saíam do meu controle.



Demorei-me guardando os materiais na mochila, sem evitar passear os olhos por Adônis. Estava todo de preto e usava uma touca caidinha. Eu adorava seu estilo despojado e fora do convencional. Engoli em seco quando nossos olhares se cruzaram, tive certeza de que suas íris arderam para mim. Notando que ainda não estávamos sozinhos, ocupei-me em pegar o trabalho para entregá-lo.

Graças a C3PO esse já é o penúltimo!, pensei comigo, recordando que ele me dissera em nossa viagem que o trabalho fora apenas um meio de ficar mais próximo de mim. Uma risadinha escapou pelos meus lábios e precisei balançar a cabeça para afastar a lembrança. Se ele soubesse como correu risco de vida, jamais teria feito isso. Mas ainda bem que fez. Fora graças a uma das atividades que havíamos nos beijado naquela mesma sala, semanas atrás. Apertei os joelhos um no outro com a recordação e, então, senti seus dedos gelados no meu queixo, buscando-me para a realidade. Ele ergueu meu rosto até encontrar o meu olhar.

— Estou realmente intrigado sobre o motivo para você estar assim, toda vermelha.

— Me distraí com uma lembrança... — Sorri, dando uma piscadela para ele.
— Ali naquela mesa, a propósito — concluí, apontando para ela.

Chewie se sentou na beirada da minha carteira, balançando a perna direita no ar. Cruzou os braços no peito, com a expressão aérea, como se ele se deleitasse com a lembrança, tal como eu fizera há pouco.

— Essa é uma boa lembrança. — Riu baixinho, pigarreando em seguida. — Mas nem de longe a minha preferida.

— E qual é?

Adônis se inclinou em minha direção, sussurrando contra o meu ouvido.

— Te conto hoje à noite, depois da aula. Acho que essa é uma desculpa razoável para você ficar comigo nessa noite, não? — Afastei a cabeça alguns centímetros, apenas para me deparar com a expressão impagável em seu rosto.

— Já está com saudades, *professor Adônis*?

— Ah, você nem imagina o quanto!

Levei a mão esquerda a uma mecha de cabelo, torcendo-a no dedo médio.

— Não é que eu também não esteja, porque na verdade estou, e muito. — Ele sorriu, umedecendo os lábios. — Mas infelizmente precisará ser outro dia. Vou sair com Arthur e Nataly essa noite.

— Meu Deus, acabei de ser rejeitado! — ele colocou as mãos no coração, teatralmente. O som de nossas risadas preencheu a sala de aula. — Becca... — chamou, cheio de manha. — Não há nenhuma chance de eu te roubar só para mim?

Balancei a cabeça em negativa.

— Hoje realmente não posso. Arthur conquistou o primeiro emprego e, você sabe, está radiante. Vamos comemorar. Mas você pode vir também! — sugeri.

Ele encolheu os ombros, escondendo as mãos no bolso do jeans rasgado.

— Ou não, você decide. — completei. Adônis abriu um sorriso torto antes de responder.

— Foi mal, só acho que seria melhor não darmos tanta bandeira assim. Vai evitar dor de cabeça para nós dois.

— Eu sei.

Conferi se a porta estava fechada e inclinei o tronco para beijá-lo. Ele correspondeu, voltando a segurar o meu queixo com uma das mãos. Por alguma razão eu adorava quando ele fazia isso, achava tão excitante.

Desvencilhamo-nos apenas quando o sinal tocou — esse parecia ter virado um hábito nosso. E, para ser bem honesta, eu não me importaria se todos os meus intervalos fossem assim. Algo sobre estar com ele ali brincava com a minha imaginação e eu me via ofegando diante de todas as possibilidades existentes.

Cruzes, Rebecca, você está impossível!, meu subconsciente protestou e precisei concordar com ele. Eu não tinha culpa, de toda forma, Adônis me tirava do sério.

Tomei a mochila, levantando-me sem pressa. Captei a sombra de um sorriso em seu rosto, enquanto ele coçava a barba de lenhador.

— O que foi? — perguntei, já com a mão no trinco da porta.

— Conhecendo sua tendência a se meter em problemas quando bebe, acho que provavelmente ainda nos encontraremos essa noite.

— Bom, mal posso esperar por isso — brinquei, saindo no segundo seguinte.



Capítulo 55

*Minha cabeça está girando eu não sei o que fazer
Se eu sou tão feliz eu tenho tudo a perder*

The Subways – I want to hear what you have got to say

— Fui ao bar e tomei tequila, comi bolacha de limão, dei carona para um índio, dancei na boquinha da garrafa e... hum... tirei a roupa! — Pábila falou, empurrando a caneca de chope para mim enquanto todos riam. Empertiguei-me no lugar antes de prenciar como se fosse um discurso muito importante e articulado.

— Fui ao bar e tomei tequila, comi bolacha de limão, dei carona para um índio, dancei na boquinha da garrafa, tirei a roupa e virei estrelinha.

— Essa está fácil. — Arthur deu de ombros, a fala um pouco mais enrolada que o habitual. Então esticou a mão e tomou a caneca que eu havia estendido para ele. — Fui ao bar e tomei tequila, comi bolacha de limão, dancei na boquinha da garrafa, e...

Bastou isso para que nossa mesa entrasse em polvorosa. Era a terceira vez consecutiva que ele perdia a partida. Sem nos importar com o fato de estarmos no meio de outras tantas pessoas, começamos a bater com as mãos na superfície de madeira com a qual a mesa era feita.

— Vira, vira, vira, vira! — cantávamos em uníssono, assistindo ao nosso amigo tomar o que deveria ser a décima caneca de chope da noite. Eu tinha até pena dele no dia seguinte.

Conferi as horas no relógio de pulso e descobri que já fazia muito tempo que havíamos chegado. Isso devia explicar porque eu bocejava a cada cinco minutos.

Além de Nataly, Arthur e eu, também havia Pábila e Leo, um rapaz do último ano de Direito com quem ela saía há duas semanas. Ele não era dos mais falantes, mas sua risada compensava isso. Era um desafio sem tamanho não rir quando ele começava a fazer aqueles sons estranhos, semelhantes aos de uma hiena com muita dor.

— Acho que daqui a pouco fechamos o bar, hein — Lily comentou, estudando o ambiente ao nosso redor. Imittei o seu gesto e me surpreendi. De fato, poucas mesas haviam restado além da nossa. Era cabível, considerando ser a madrugada de uma quarta-feira.

Meu celular vibrou e, tão logo espiei o visor, deparei-me com uma mensagem de Adônis. Era a primeira vez que ele me enviava uma. Depois de viajarmos juntos, pareceu fazer sentido termos o número um do outro. No entanto, dado o fato de sermos vizinhos, ainda não havia surgido uma oportunidade para que precisássemos recorrer ao telefone. Por isso não pude evitar o sorriso diante da agradável surpresa.

Castiel mandou perguntar se já podemos te roubar para nós. Ele está muito carente.

Hahaha dentro de meia hora devo estar em casa. Será que ele consegue segurar as pontas até lá?

Ele disse que não pode prometer nada, mas vai tentar.

— Por mim a gente já pede a conta — aproveitei a deixa, ansiosa para me encontrar com Adônis.

— Acho que por nós também, né? — Pábila se dirigiu ao Leo, que se limitou a assentir.

Como Arthur não se pronunciou (particularmente, acho que estava se concentrando para não vomitar), chamamos o garçom e dividimos o valor entre nós. Quando enfim saímos para a rua, eu começava a ponderar como iria para casa. Isso porque, embora tivéssemos ido de carona com Leo, ele tinha bebido bastante durante a noite.

Como se tivesse acabado de ler os meus pensamentos, Pábila se pronunciou, externando exatamente o que me afligia.

— Você está bem para dirigir?

— Opa, claro que sim. Nem bebi tanto! Olha só — ele dobrou uma perna no ar, como se fizesse o número quatro. Não entendi o que ele queria exemplificar com aquilo, mas decidi não perguntar. Não me importava.

— Você bebeu pra caralho, nem vem! — Arthur atirou, rindo um pouco mais.

— Eu dirijo melhor bêbado, fica tranquilo.

Mordisquei o lábio inferior sem saber como agir. Por alguma razão, aquilo me incomodou em demasia. Não era como se eu nunca tivesse pegado carona com uma pessoa alcoolizada, porque já tinha sim (mas em minha defesa, não me orgulhava nada). Só que ali era diferente. Eu tinha visto a quantidade de bebida ingerida por ele. Eu mesma tinha bebido além da conta e isso me preocupava. Entretanto, como todos começavam a entrar no carro, entendi que ninguém mais se importava da mesma maneira que eu. Respirei fundo e dei de ombros. *São só alguns quarteirões*, pensei comigo mesma, circundando o veículo e entrando na extremidade direita do banco traseiro. Arthur, que se sentou ao meu lado, recostou a cabeça no meu ombro, sussurrando para mim.

— Me lembre de nunca mais beber?

— Não adianta, você não vai me ouvir.

— Não mesmo — ele respondeu, fazendo-nos rir.

Leo deu partida no carro e, para a minha surpresa, realmente dirigiu com mais cuidado do que na ida. Eu notava as casas passando devagar janela afora, como um indicativo de que nos encontrávamos em uma velocidade razoável.

— Meu pai me mata se eu aparecer com o menor arranhão nesse carro — ele se justificou em determinado momento, como se a falta de velocidade o envergonhasse.

Rolei os olhos nas órbitas, agradecendo intimamente aos céus por haver um motivo, mesmo estúpido, que o mantivesse mais atento ao trânsito. Paramos com um suave solavanco no semáforo de um cruzamento. Leo se inclinou para a direita, beijando Pábila com tamanha intensidade que senti as bochechas esquentarem. Apoiei a cabeça no vidro e olhei para fora, tentando encontrar algum ponto familiar para descobrir se já estávamos perto dos Blocos de Letras. Nataly mantinha-se ocupada com o celular e Arthur, ainda recostado contra mim, ressonava baixinho.

O farol abriu outra vez e, então, como que por uma peça pregada pelo destino, fomos atingidos em cheio, no meio do cruzamento. Os acontecimentos foram rápidos demais para acompanhar. Ouvi Leo arfar com um pouco de urgência e, depois disso, só tive tempo de girar o rosto para a direita antes de assistir ao carro que atravessara o sinal vermelho se chocar com violência contra nós.



Antes daquela noite, eu nunca tinha sofrido um acidente de carro. Mas, por sorte, não me machuquei muito. Arthur me empurrou com o peso do seu corpo contra a porta à minha direita e, por isso, bati a lateral da cabeça. Doeu um pouco na hora, mas existiam tantas coisas acontecendo que eu sequer percebi. Leo e Nataly, que se encontravam do lado da batida, foram as principais vítimas. Ele também bateu a cabeça, mas, a começar pela maneira como sangrava, dava para perceber que fora realmente forte. Além do mais, estava desmaiado sobre o volante. Minha colega de apartamento tinha quebrado o braço. O choro dela fez meu coração apertar de preocupação, porque sua dor fazia-se perceber nas soluçadas ritmadas.

Não sei dizer quem chamou a polícia e a ambulância. Na verdade, lembro-me muito pouco do que veio logo após a batida. Somente quem já passou por um evento traumático sabe o quanto as coisas se tornam confusas. Meu cérebro parecia ter entrado em pane e achava-se incapaz de absorver novas informações.

Eu só conseguia perambular de um lado para o outro, com lágrimas nos olhos, querendo ser útil de alguma maneira.

Como Arthur, Pábila e eu não tínhamos ferimentos graves, fomos liberados logo após fazer o B.O. Os enfermeiros prestavam os primeiros socorros aos nossos amigos enquanto discutíamos o que faríamos.

— Eu vou acompanhar o Leo — Pábila sussurrou, com o olhar perdido. Vocês têm como ir embora?

— Liga para o... *Chewbacca*, Becca — pediu ele e achei bonitinho que tivesse evitado falar Adônis na frente dela, mesmo em um momento delicado como aquele. — Eu queria ir com a Lily, pode ser?

— P-pode, mas...

— Eu explico para ela. Fica tranquila. — Notei as lágrimas em seus olhos quando ele abriu os braços e não hesitei em me aconchegar em seu corpo. Arthur tinha o abraço mais tranquilizador do mundo. — Podia ter sido pior... graças a Deus ninguém se machucou *tanto*. — Sussurrou contra o meu ouvido, porém parecia que ele dizia mais para confortar a si mesmo.

Quando finalmente nos afastamos, Pábila me surpreendeu com um abraço. Nós nunca mais havíamos ficado muito próximas depois de eu fingir que gostava dela — o que era uma besteira sem tamanho, na minha opinião. Mesmo se eu realmente estivesse a fim dela, não era como se eu fosse agarrá-la contra a vontade, pelo amor de Deus.

O fato é que estávamos tão vulneráveis que a estranheza entre nós se dissipou instantaneamente. Parecia pequeno demais em um momento tão delicado.

— Fica bem — murmurou, deixando um beijo na minha bochecha.

— Você também.

Então, depois de se despedir com um aceno, ela rumou para perto de Leo. A apreensão visível em cada centímetro de seu rosto delicado.

Respirei fundo e alcancei a telefone celular, discando o número de Adônis com os dedos trêmulos. Eu o queria desesperadamente, estava tão assustada, tão preocupada com Nataly e Leo. Somente ele seria capaz de arrancar aquela angústia me esmagando por dentro, com seu jeitinho brincalhão e cuidadoso.

Ou ao menos, foi o que imaginei. Porque, quando ele atendeu ao telefone, a realidade foi bem diferente disso.



Capítulo 56

*Garota, você sabe que eu quero seu amor
Seu amor foi feito a mão para alguém como eu
Venha agora, eu te guio
Eu posso ser louco, não ligue pra isso*

Ed Sheeran – Shape of you

Foram precisos apenas três toques para que Chewie atendesse à chamada. Seu tom entregou um misto de apreensão e curiosidade.

— Adônis, eu... — Contive um arquejo, esfregando as têmporas para tentar clarear os pensamentos. — Você pode me buscar, por favor? Nós batemos o carro, e... — deixei a frase morrer no ar.

Talvez tenha sido a minha voz de quem havia chorado muito, o fato é que consegui sentir o clima mudar drasticamente, mesmo pelo telefone. Era como se uma tensão de alta voltagem tivesse se instaurado entre nós. O silêncio que veio na sequência me recordou do Adônis de antes. Aquele que me fuzilava com o olhar e sempre respondia de maneira curta e grossa. Ouvi-o expirar profundamente antes

de finalmente quebrar o silêncio. Não pude deixar de notar a maneira urgente com a qual começou a me bombardear com perguntas.

— Bateram o carro?! Como assim?— Ele bufou do outro lado da linha, provocando um arrepio desconfortável em mim. — O que aconteceu?

Arranquei uma lasca de pele do lábio inferior, um pouco hesitante. O momento que demorei em responder não passou despercebido por ele, no entanto.

— Me responde, Rebecca!

— Nós estávamos voltando do barzinho quando um car...

— Calma, espera! *O quê?* — Adônis me interrompeu, ficando mais e mais descontrolado a cada segundo. — Voltando do bar? Oh, merda, me diz que chamou um táxi, por favor... — murmurou baixinho, como se lamentasse para si mesmo. — O motorista também estava bebendo?

— S-sim — respondi, um pouco envergonhada. Queria completar explicando que não tinha sido culpa de Leo, mas não tive tempo. Adônis começou a grunhir o que pareciam palavrões. Não dava para entender, de toda forma, porque sua voz estava realmente muito baixa. Mesmo assim, foi o suficiente para me deixar com um nó enorme na garganta.

— Você está ferida? — perguntou, em meio a um soluço. Então constatei, para o meu horror, que Adônis chorava!

Por Rony Weasley, o que está acontecendo aqui?

— Eu b-bati a cabeça... — O nervosismo me fazia balbuciar além da conta. — Mas não foi nada grave. Fui liberada pelos enfermeir...

— Onde você está, Rebecca?

— Na Av. Juscelino Kubitschek. Vou te mandar a localização pelo celular.

— Estou saindo daqui — anunciou simplesmente, desligando em seguida.

Engoli em seco, completamente transtornada com a maneira como Adônis reagiu. Na minha imaginação tinha sido muito diferente. Nela, meu vizinho também ficava preocupado, mas não com agressividade, tampouco *chorando*.

Arthur, que se aproximara da ambulância em que Nataly recebia os primeiros socorros, caminhava novamente em minha direção, com uma expressão intrigada. Ele segurou meus ombros com suavidade, estudando-me com atenção.

— O que foi?

— Sei lá... Ele não se comportou do jeito que eu esperava.

— Como assim? Ele não quis te buscar?

— Não é isso. É que... foi estranho.

— Deve ter sido o susto, bonequinha — Arthur completou, afagando minha bochecha com as costas das mãos. — Tomara que ele não demore, acho que já estão terminando. Devemos ir ao hospital dentro de minutos e eu não queria te deixar sozinha.

Abracei-o pela cintura, repousando a cabeça sobre seu peito. Arthur era tão magro que seus ossos se faziam proeminentes na pele. Sorvi o cheiro de incenso familiar e me senti um pouco menos perturbada. Meu amigo podia estar certo — havia mesmo uma chance de o susto ser o responsável pela atitude inesperada.

Poucos minutos depois, o carro de Adônis surgiu, em alta velocidade, parando de uma só vez a poucos centímetros de onde nos encontrávamos. Arthur se desvencilhou de mim, com as sobrancelhas unidas. Talvez ele tenha começado a entender o meu ponto exatamente naquele momento. Tinha algo muito estranho se passando ali.

Chewie pulou para fora com pressa, levando uma fração de segundo para percorrer o caminho até mim. Seus braços fortes me apertaram contra seu corpo robusto, esmagando-me momentaneamente. Os movimentos ritmados do seu peito subindo e descendo me fizeram perceber que ele ainda chorava. A constatação roubou o ar dos meus pulmões. Tudo bem, eu entendia que a notícia do acidente era realmente preocupante, mas eu estava bem! Não era como Nataly que, por exemplo, quebrara o braço.

— Porra, donzela, por que você fez isso? — Perguntou, segurando o meu rosto com as duas mãos. Ele levou os lábios aos meus, deixando beijos rápidos, porém cheios de gravidade.

Então, quando afastou o rosto ligeiramente para me fitar, seus olhos desviaram para um ponto atrás de mim e ele me soltou em um rompante. Era para Arthur que ele dirigia o olhar furioso, a propósito. Avançando com o indicador apontado, Adônis começou a rosnar de maneira ameaçadora para o meu amigo atônito.

— Inferno, vocês não têm responsabilidade? Podia ter acontecido o pior! Entende isso? — Ele atirava as palavras com ódio. Era como se meu amigo tivesse sido a faísca necessária para atear o fogo dentro do nosso professor.

— Adônis! — chamei, suplicando através do olhar para que parasse.

Eu entendia que estávamos errados. O policial me informara um pouco antes que Leo responderia por dirigir bêbado, mesmo não sendo o responsável pelo acidente. E esse era o ponto — nós já *hávamos* pagado por nossas escolhas

erradas. Não era justo que ele fizesse aquilo quando o acidente ainda estava fresco nas memórias.

Ele entendeu o meu pedido, porque apenas esfregou o rosto e trotou para o carro. Encarei Arthur significativamente, encontrando-o de olhos arregalados. Apertei sua mão com suavidade, como uma forma de agradecer pela companhia. Meu amigo concordou com a cabeça, afastando-se logo em seguida.

Respirei fundo e entrei no carro, fechando a porta com um pouco mais de força que o necessário. Estava um pouco ofendida, irritada... nem mesmo conseguia reconhecer aqueles sentimentos confusos. Fui tão ingênua assim em achar que Adônis me acalentaria? Que droga!

A primeira coisa que meus olhos captaram foi o quanto suas mãos tremiam ao volante, apertando-o como se ele pudesse desaparecer dali a qualquer momento. Era impossível não perceber o clima pesado preenchendo o espaço entre nós, tão presente quanto um terceiro passageiro. Recostei a cabeça contra o vidro, ainda um pouco trêmula pela longa noite que tivera. Ocupei-me em mastigar a minha boca ao longo do percurso, ignorando o silêncio incômodo. *Dane-se. Se ele é um insensível, o problema é todinho dele*, pensei rabugenta, cruzando os braços sobre o peito.

A tensão não se dissipou quando chegamos ao nosso condomínio, tampouco enquanto subíamos as escadas. A raiva passou e deu lugar à melancolia. Eu ainda não me conformara com suas atitudes tão estranhas. Era como se ele me culpasse pelo acidente, pelo amor de Deus! Quão absurdo estava sendo tudo aquilo?

Parei em frente à porta, segurando o trinco um pouco sem jeito e girando o tronco para trás, a fim de dar uma última olhadela para meu vizinho tão difícil de entender. Deparei-me com seus olhos fechados e as mãos escondidas nos bolsos da calça jeans. Não tive chance de agradecer pela carona (embora um táxi provavelmente tivesse sido mais caloroso e empático), pois, tão logo suas pálpebras levantaram, ele proferiu com a voz seca:

— Precisamos conversar.

Oh, droga, isso não deve ser bom.

— Hum... ok — resmunguei, destrancando meu apartamento com a mesma velocidade de uma lesma.

Dei um passo ao lado e o observei entrar, refletindo sobre o quanto ele se parecia com um urso quando estava bravo. A situação era tão familiar, de um jeito

nada bom. Senti uma comichão na entranha atravessando a passagem logo atrás dele.



Capítulo 51

*Pode ser o que você quer
Ou o que eu tenho pra te dar
Uma vida inteira pra viver
Ou um só segundo pra lembrar*

Banda do Mar – Pode ser

Minha cabeça se assemelhava a um rádio dessintonizado, chiando sem parar e me impedindo de refletir. Limitei-me a arrastar uma cadeira na cozinha e me sentar — temia perder a força dos joelhos a qualquer momento. Adônis, por sua vez, permaneceu em pé. Ficou parado por poucos segundos e então, como se não conseguisse controlar o próprio corpo, começou a andar de um lado para o outro, parecendo perturbado. Notei, aliviada, que suas lágrimas enfim haviam cessado.

— Droga, donzela, não consigo me conformar! Você é tão inteligente. — Suas palavras eram cuspidas com urgência. — Tem ideia do quanto se arriscou?

Quase jogou a vida fora por uma idiotice. Por que não chamou um táxi, ou então, sei lá... por que não *me ligou* para te buscar? Por que você voltou com eles?

Era como se um gato tivesse comido a minha língua. Eu me sentia envergonhada, justamente porque considerei *não voltar* com meus colegas. Mas como poderia imaginar que tudo daria errado? Um segundo e a realidade fora transmutada para um rumo muito diferente do esperado.

— Nunca mais faça isso, por favor. Foi irresponsável demais! — Esfregou o rosto com impaciência. — O ser humano tem essa mania estúpida de achar que é inatingível, até que simplesmente acontece alguma merda e pronto, acabou. E depois não adianta espernear, porque o passado não muda, você entende isso? Não muda, Rebecca!

A intensidade de suas palavras me deixou momentaneamente desamparada. Precisei piscar algumas vezes para evitar o choro. Não era de tristeza, no entanto, mas sim de frustração. Eu me sentia frustrada comigo mesma por achar, equivocadamente, que Chewie seria compreensivo.

Ledo engano!

— Ninguém quer passar por isso, Adônis! — atirei, sem conseguir esconder a raiva. — Ou você acha que eu peguei carona imaginando que bateríamos o carro? Qual é, foi um acidente. Um acidente! — Minhas palavras morreram no ar quando nossos olhares se encontraram. Isso porque eu pude vislumbrar a maneira como as íris de Outono brilhavam. Ele também parecia segurar o choro, tal como eu. Céus, aquilo era desconcertante. — Por que está fazendo isso comigo? — ouvi-me perguntar, desamparada.

Adônis balançou a cabeça em negativa, suspirando pesadamente. Dava para sentir a energia emanando dele mesmo a centímetros de distância. Meu vizinho se parecia com uma bomba relógio prestes a explodir outra vez, como fizera com Arthur. Então, em um rompante, deu dois passos, caindo de joelhos em minha frente. Suas mãos me seguraram com firmeza, os dedos frios serviam como um bálsamo contra o meu rosto quente.

— Você não percebe, né? — Os sulcos em sua testa eram profundos. — Rebecca, por um segundo achei q-que... eu pensei... Meu Deus, eu não aguentaria passar por isso outra vez!

Abri a boca para perguntar “o que”, mas ele aproximou o rosto um pouco mais. Sua respiração morna e ritmada ricocheteava na minha pele. Nossos lábios

quase se tocavam. Enterrando os dedos compridos um pouco mais em meus cabelos, ele prosseguiu.

— Estou louco por você! Eu gosto de você pra caralho. É mais do que consigo compreender, é... loucura. Não posso te perder, *não posso*. Droga, e ainda me pergunta por que estou fazendo isso! Se você imaginasse o quanto eu me sinto vivo ao seu lado, o quanto meu dia só tem graça quando você está por perto. Está certa, Becca — sussurrou contra a minha boca. — Não vamos desperdiçar o nosso tempo. Eu preciso de você, preciso demais.

Ele parou a frase, assim, de uma só vez, para me beijar. A maneira intensa e desesperada com o qual sua língua se entrelaçava na minha me dizia mais do que qualquer palavra que pudesse sair de seus lábios. Sua paixão era liberta em momentos como aquele e eu me sentia em êxtase. Adônis era o meu nirvana. Com ele, eu alcançava lugares inimagináveis e nem mesmo o céu era o limite.

Abracei seu pescoço bem apertado, aprisionando-o contra meu corpo, que inflamava. Chewie tinha esse poder de levar as minhas sensações ao extremo — e era delicioso. Suguei seu lábio inferior cheia de desejo e, como resposta, seus braços se fecharam ao meu redor. Senti seus dedos enterrarem na minha pele e gemi contra sua boca. Então, meu coração perdeu uma batida quando Adônis levantou, levando-me junto em seu colo. Arfei, surpresa, cruzando as pernas ao redor de sua cintura para me firmar. O movimento fez com que sua ereção se apertasse contra mim, causando uma corrente elétrica que percorreu cada centímetro de pele, eriçando todos os pelos. Apenas algumas camadas de tecido me separavam dele e a sensação era insana. Eu o desejava tanto, mas, ao mesmo tempo, espasmos de ansiedade faziam os músculos vibrarem sem o meu comando. Apesar de ter fantasiado aquele momento quase obsessivamente nas últimas semanas, estar diante dele me deixava apavorada. Era uma verdadeira antítese de emoções.

Adônis percorreu o apartamento às cegas, consumindo-me com seu beijo ardente. Mesmo sem jamais ter pisado ali antes, a planta era a mesma do seu e, por isso, chegamos ao corredor com facilidade, onde ele parou brevemente, separando nossos lábios poucos centímetros. Consegui ler a pergunta em sua expressão séria e lasciva. “Onde é o seu quarto?”, ele me indagou sem dizer palavra alguma.

— A primeira porta — sussurrei, voltando a roçar a boca na dele. Eu não conseguia me manter longe nem mesmo por poucos segundos. O que podia fazer se meu corpo clamava desesperadamente por mais?

Caminhar pelo quarto não foi tão fácil quanto no restante da casa. Trombamos com a escrivaninha e com a quina do guarda-roupa no caminho e rimos juntos. Meus dedos estavam gelados e o coração palpitava desenfreadamente àquela altura. Eu não sabia dizer se era por nervosismo ou por anseio. Havia grande chance de ser os dois, para ser honesta.

Prendi a respiração quando Adônis se sentou na cama, comigo em seu colo. Suas mãos passearam na minha cintura, subindo pelo tronco até alcançarem o meu rosto. Ele fisgou meu lábio inferior com um pouco de força, deixando breves chupadas na pele dolorida, que eram acompanhadas por gemidos baixinhos e delirantes.

— Quantas vezes imaginei isso... — sua voz rouca penetrou meus tímpanos, ao passo em que ele mordiscava meus lábios em pontos variados, deixando-os formigantes.

Minha cabeça parecia ter parado de funcionar, mas o restante do corpo, por sua vez, nunca estivera tão vivo. Era como se meus membros funcionassem sozinhos, movidos por aquele combustível ardente que emanava de nós dois, deixando tudo em combustão pelo caminho. Sem pensar realmente no que fazia, vi meus dedos desabotoarem a camisa xadrez de Adônis com um pouco de pressa, revelando o peitoral definido que eu tanto adorava. Deslizei o pano por seus braços, espalmando seu abdômen masculino e instigante. Meus dedos desceram pelo V que eu já vislumbrava tantas vezes antes, tracei o contorno que levava para o cós da calça jeans, arrancando um gemido gutural de Adônis.

Isso serviu como um estopim para ele, porque, no segundo seguinte, suas mãos subiram pelas minhas pernas trazendo o vestido com elas. Ele o arrastou pelo meu corpo tão depressa que mal tive tempo de pensar. Limitei-me a erguer os braços, para ajudá-lo a terminar de se livrar da peça de roupa. Ele a atirou em qualquer lugar às minhas costas, abraçando-me e voltando a me beijar com ardor. O contato de nossas peles quentes fazia emanar uma nova onda de avidez em mim.

Seus lábios passearam pelo contorno da minha mandíbula, traçando-a até chegarem ao queixo e depois avançarem pelo pescoço. Ouvi um clique suave e, logo em seguida, meu sutiã se afrouxou, descobrindo os seios. Tomei a iniciativa de tirá-lo. Puxei-o para fora do corpo com lentidão, sentindo o olhar em brasa de Adônis que praticamente tocava o meu corpo, tamanha era a intensidade. A admiração quase devota com que me engolia com as íris arrancou qualquer vestígio de nervosismo de uma só vez. De repente, tive a certeza de que não existia nenhum

lugar que quisesse estar mais do que ali. Todos os outros acontecimentos foram varridos para fora da mente. Nada mais existia além de nós dois.

— Você é linda demais! — suspirou, apaixonado, subindo as mãos pela minha cintura. — Estou louco por você, minha donzela...

— Eu também, muito.

— Nervosa? — perguntou com um sorriso manso que amoleceu meu corpo todo. Balancei a cabeça, olhando-o significativamente.

— Não. Eu confio em você.

Adônis fechou os olhos com força, como se estivesse quase impossível se segurar um pouquinho mais que fosse. Bom, eu o entendia muito bem, porque me sentia da mesma maneira. Ele voltou a me beijar, faminto, e suas mãos se fecharam em meus seios, massageando-os cheios de vontade, ora com movimentos suaves, ora com uma firmeza que me fazia rebolar em seu colo, contorcendo-me inteira.

— Meu Deus... como... desejei... você... — rosnou, daquela maneira descontrolada que me deixava sem fôlego. — Como... quis... você...

Sua boca percorreu o caminho até eles e, no momento em que os alcançaram, precisei morder meu lábio inferior a fim de expelir toda aquela energia alucinante que, de uma só vez, se espalhou por meus membros.

Adônis levantou os quadris, girou o corpo e inverteu nossas posições, deitando-me na cama. Os dedos compridos se enroscaram na minha calcinha com delicadeza, quase como se pedisse permissão. Respondi com um demorado arfar e ele a escorregou pelas minhas pernas, deixando beijinhos pelo caminho. Primeiro nos quadris, depois nas coxas, nas canelas e, por fim, nos meus pés.

Ele ainda vestia suas calças quando avançou por cima de mim, abrindo minhas pernas com as mãos grandalhonas. Se a maneira como ele me olhava era um indicativo de como se sentia no momento, então ele estava pegando fogo. Estremeci ao observá-lo umedecer os lábios, como se estivesse faminto por mim, beirando a inanição.

Adônis lambeu o lado de dentro das minhas coxas, provocando uma comichão que começava no baixo ventre e se espalhava pelo corpo. *Por Deus, o que está acontecendo comigo?*, pensei, suando frio ao mesmo tempo em que queimava. Como era possível que tantas sensações discrepantes e intensas me tomassem de uma só vez? Como ele podia deter tanto controle sobre o meu corpo, ainda que inconscientemente?

— Adônis... — gemi baixinho quando ele começou a beijar o meu ponto de prazer e precisei fechar os olhos. Era muito para absorver, afinal.

Enterrei as mãos em seus cabelos sedosos, deixando-o brincar comigo. Eu já tinha ouvido falar sobre a primeira vez de uma mulher ser traumática, mas para mim — ao menos até aquele momento — estava indo muito bem, obrigada. Chewie me tragava de um jeito doce e carinhoso, sem pressa. Ele parecia se deliciar com cada pequena reação do meu corpo, do qual eu não possuía o mais remoto controle. Era como se Adônis partilhasse do meu prazer.

Meus joelhos tremiam e os dedos formigavam enquanto ele explorava todas as possibilidades com sua boca. A aspereza de sua barba era um contraste perfeito com a delicadeza úmida da língua. Meus gemidos se espalhavam cada vez mais pelas paredes do quarto, preenchendo-o por inteiro. Conforme ele mudava a cadência ou a pressão dos movimentos, mais eu aumentava a força com a qual segurava os seus cabelos.

— Donzela... — chamou, quando comecei a me contorcer além do normal. — Olhe para mim, por favor.

Com muita dificuldade, abri as pálpebras e me deparei com seu olhar concupiscente, entregue... Perfurando-me com as íris de Outono, Adônis me afogou em um mar de prazer que eu jamais sonhara experimentar. Entortei a coluna para cima, desmanchando-me em espasmos deliciosos. Era como se uma corrente elétrica percorresse o meu corpo, em ciclos intermináveis que começavam e terminavam no ventre. Minha respiração estava curta e rápida, como se o ar ali dentro tivesse se tornado rarefeito.

Rastejando para cima com os cotovelos, ele segurou o meu queixo com uma mão e buscou minha boca com a sua.

— Você é deliciosa — soprou contra a minha boca, provocando um gostoso calafrio nas minhas entranhas.

Levei alguns segundos para responder, os quais usei para me recompor do terremoto de sensações experimentado há pouco. Então, expirando o ar dos pulmões, sorri com travessura.

— Então eram *essas coisas* que você queria fazer comigo?

Ele tombou a cabeça para trás, gargalhando de maneira contagiante.

— Você acabou de arruinar o clima, Rebecca! — protestou teatralmente. O sorriso, no entanto, permanecia em seus lábios.

— Tenho um ótimo *timing* para piadas.

Nós dois rimos juntos, até que nossos risos morressem no ar. Lancei um olhar cheio de cumplicidade para ele e ocupei meus dedos em buscarem o fecho de seu jeans. Um pouco trêmula de nervosismo, desabotoei e deslizei o zíper para baixo. Adônis fechou as pálpebras, buscou uma das minhas mãos e a colocou dentro da calça, sobre a cueca, repousando a sua por cima. Senti-lo tão rígido me trouxe um ímpeto de excitação. Arranhei suas costas com a mão livre, enterrando o rosto na curva onde o pescoço encontrava o ombro, e sorvi seu perfume forte e viril. Balançando o quadril quase imperceptivelmente para frente e para trás, ele segredou em meu ouvido:

— Preciso de você. — Sua voz estava desconcertantemente sexy. — Preciso te fazer inteira minha.

— Eu já sou.

Minhas palavras despertaram algo nele. Isso porque, de repente, Adônis elevou o tronco, sustentando-se com os braços. Seus olhos brilhavam em demasia. Ele depositou um beijinho na minha testa e tomou impulso para levantar, mas parou na metade do caminho tão logo minha voz pairou ao nosso redor.

— Onde está indo? — perguntei, de sobrancelhas unidas.

— Para o meu apartamento.

— Agora?! Por quê?

— Porque não temos uma camisinha — ele encolheu os ombros, inclinándose para deixar um selinho em meus lábios. Sua rigidez se apertou contra as minhas pernas e eu suspirei.

— N-não precisa — minha voz falhou. Adônis lançou um olhar perplexo para mim, como se eu tivesse acabado de pedir para virarmos cambalhota. Adiantei-me em corrigir. — Não precisa *ir lá para isso*. Vamos pegar uma de Arthur.

Ele estreitou os olhos, absorvendo minhas palavras. Então, para a minha surpresa, levantou-se de uma só vez.

— Qual quarto? — perguntou, já a meio caminho da porta.

— No final do corredor — respondi, rindo.

Em um segundo eu refletia se ele conseguiria encontrar sozinho e, no seguinte, estava outra vez ali, tirando o que restava de suas roupas, rastejando sobre o meu corpo, buscando a minha boca, consumindo-me com um desespero lascivo. Ouvi o barulho do plástico sendo rasgado e, por alguma razão, o nervosismo voltou com tudo. Eu me sentia como se abrigasse uma montanha russa dentro do estômago, e ela fazia *looping* atrás de *looping*. Fechei os olhos,

esperando o momento crucial em que deixaria de ser virgem. *Por que está com tanto medo?*, meu subconsciente cobrou uma resposta que nunca chegou. Em vez disso, a mão fria de Adônis afagou minha maçã do rosto, buscando-me de volta para aquele momento.

— Você está legal?

Soltei um sorriso fraquinho, olhando-o com ternura.

— Não poderia estar melhor — menti, mas foi por uma boa causa. Meu professor me confortava, mesmo sem saber.

Ele deu beijinhos nos dois cantos da minha boca, carinhosamente.

— Quero que seja especial para você, Becca. Quero te fazer sentir do mesmo jeito que você faz comigo. Porra, como quero. — Ele me olhou com uma expressão carente responsável pelo calor gostoso que se alastrou dentro do peito, uma sensação de acalento sem igual. Se aquilo era estar apaixonada, eu adorava. Parecia grande demais para caber em mim.

— Já conseguiu — sussurrei. — Somos eu e você, e isso já é... perfeito.

O gemido baixo que ele engoliu me deixou sedenta. Eu não entendia como podia desejar algo que jamais experimentara antes, mas o anseio corria pelas minhas veias a todo vapor, vencendo a hesitação.

— Vou tentar ir com calma — disse, esfregando a ponta do nariz no meu. —, mas acho que vai doer um pouco.

Assenti, incapaz de encontrar palavras. Eu sabia que ele seria cuidadoso comigo, afinal, sempre era. Ainda assim, não podia ignorar o fato de que me encontrava gelada de nervosismo. Mordisquei o lábio inferior, fechando os olhos novamente. Chewie recostou o queixo em meu ombro, sua respiração morna e inconstante praticamente me acariciava. Meu coração bombeava sangue em uma cadência alarmante para o resto do corpo e eu senti como se todos os músculos tivessem enfraquecido de uma só vez. Adônis se encaixou em minhas pernas, colando nossos corpos.

— Meu Deus — gemeu contra o meu ouvido, com a voz embargada, enquanto deslizava para dentro de mim em um movimento forte de quadril.

Um guincho de protesto escapou da minha garganta, diante da dor pungente que cresceu pelo meio das minhas pernas. Apertei ainda mais os olhos, sentindo-os úmidos. Um pouco assustada, um pouco indignada com a dor intensa onde, até então, só houvera prazer, tentei afastá-lo. Adônis, no entanto, parecia cego de prazer. Voltando a se erguer nos braços, ele alcançou minha boca com certa

urgência, movimentando-se de novo e de novo dentro de mim. Cravei as unhas em suas costas, exprimindo a angústia que me tomou de uma só vez. Gemi de dor, sentindo o cheiro salgado e metálico de sangue no ar.

Então, como se tivesse acordado de um transe, ele paralisou e afastou o rosto alguns centímetros. Todos os seus músculos enrijeceram, revelando sua tensão. Abri meus olhos e o encontrei com as íris alastrando preocupação. Ele permaneceu assim, imóvel, com a respiração entrecortada, como se lutasse para manter a calma. Eu conseguia perceber o tamanho de sua necessidade por mim em pequenos detalhes, como no maxilar travado, no cenho franzido, ou na maneira como seu peito subia e descia rapidamente. No entanto, sabia que ele lutava para não me consumir com toda a urgência que queria apenas por minha causa, e a constatação me deixava cheia de vontade de suportar o desconforto, apenas para presenciá-lo dominado pelo desejo como há pouco.

Adônis suspirou pesadamente e procurou as minhas mãos com as suas. Ele entrelaçou nossos dedos, segurando-me contra a cama, como se me prendesse a ela. Estremecendo levemente, voltou a se movimentar devagarzinho, conhecendo o meu corpo. A dor foi suavizando a cada nova investida, dando espaço para uma sensação única e desconhecida. Tê-lo dentro de mim, tão intimamente, era indescritível, excitante, sensual ao extremo. Fechei os olhos, vivendo o momento. De repente, o incômodo já não era assim tão significativo, quase não dava para notar diante de todo o resto. Eu lhe oferecia tudo aquilo que sempre neguei para mim mesma — o descontrole delicioso de pertencer a outrem. Depois de uma vida com medo, sentia-me grata por ter me libertado das amarras, justamente me entregando de corpo e alma. E a antítese da situação só contribuía com a sensação de que logo não comportaria a intensidade com que gostava dele, a força com a qual precisava dele mais e mais.

Quando menos percebi, tímidos gemidos de prazer escapavam dos meus lábios, formando um arranjo com aqueles emitidos por Chewie. Deixei mordidinhas por seu pescoço, explorando seu corpo com minhas mãos, apalpando, apertando, arranhando.

— Becca... — Sua voz foi como um sopro. Eu mais senti do que ouvi. — Minha donzela... olhe para mim.

Obedeci, encarando-o com expectativa. A luz do luar entrava pela janela, deixando sua pele pálida e iridescente, além de destacar as gotículas de suor brilhando em seu corpo, como as estrelas brilhavam lá fora. Os olhos destacavam-

se no escuro, por sua vez. Eles praticamente flamejavam, fitando-me cheios de paixão e desejo.

— Fica ainda mais linda quando estou em você — falou com a mesma naturalidade que se comenta sobre o clima. — Você é perfeita para mim. Perfeita demais. Tenho medo de acordar de um sonho muito bom.

— Não vai — respondi com dificuldade. — Eu estou aqui e não vou a lugar algum.

Seus dedos compridos foram até a minha testa suada afastando a franjinha e oferecendo certo alívio. A esta altura, não havia mais resquício algum de dor, apenas prazer subindo em espirais pelo corpo como furacões intermináveis que faziam tudo tremer por onde passavam. Em um ímpeto de exaltação, remexi os quadris, pedindo por mais. Arranquei um uivo pesado de Adônis, que me tomou pelos braços e, de alguma forma, me vi sentada em seu colo. Abracei-o pelo pescoço, sem conseguir manter a boca longe da sua. Eu não podia. Não quando seu sabor era tão bom, não quando sua língua se entrelaçava a minha com tamanha paixão.

Segurando-me pelos quadris com as mãos pesadas, ele me subia e descia em movimentos fortes e ritmados. Eu me sentia um instrumento em suas mãos. Adônis fazia música com nossos corpos unidos, entregues, perfeitos um para o outro. De repente, percebi seus olhos obscurecerem, pendendo mais para o avelã. Suas unhas se enterravam em minha pele, causando pontinhos de dor em um mar de prazer. As sobrancelhas grossas estavam unidas e os sulcos em sua testa eram proeminentes. Ele até poderia se passar por bravo, não fossem os lábios separados daquele jeito delicioso. Senti meus músculos se contraindo um a um e me agarrei ainda mais em seu tronco muito sólido. Pela maneira como ele reagia, sabia que, juntos, caminhávamos para o mesmo destino. Partilhávamos das mesmas sensações.

O que senti depois foi como uma explosão. Veio do ventre e se expandiu para o corpo todo, causando formigamentos e tremedeiras nos lugares mais variados. Senti uma energia pulsante, ao passo em que era tomada pela exaustão.

— Porra! — Adônis convulsionou no segundo seguinte, segurando meu rosto com as duas mãos e me olhando tão profundamente que, pela primeira vez na noite, senti-me de fato exposta. Era como se eu fosse um livro aberto, ao qual ele pudesse ler e reler, apesar de já conhecer cada palavra impressa.

Seu polegar contornou o meu lábio inferior suavemente. Peguei-me estremeando ao simples gesto. Eu me achava tão sensível, até mesmo a brisa gélida entrando pela fresta da janela era suficiente para me arrepiar.

— Isso foi... — suas palavras morreram no ar. Eu notava suas íris passeando de um lado para o outro pelo meu rosto, como se memorizando cada centímetro. Minhas bochechas queimaram, mas de um jeito bom. Saber o quanto ele me achava bonita, o quanto me desejava, o quanto ele perdia o controle comigo trazia um sentimento esmagador. Meu coração estava com o dobro de tamanho.

— Maravilhoso — completei. — Esse é um daqueles momentos tão perfeitos que dão até um pouco de medo.

— Medo? — Ele arqueou as sobrancelhas.

— Medo de nada ser tão bom de novo.

Sua risada calorosa me aqueceu por dentro.

— Ah, Donzela, as próximas vezes realmente não serão apenas tão boas quanto, serão *melhores*.

Ri junto dele, recostando a cabeça contra o seu peito para ouvir os batimentos cardíacos ainda acelerados. Sorvi seu perfume e fechei os olhos, recebendo os braços fortes ao meu redor, protetores, carinhosos e — talvez o mais importante — meus.



Capítulo 58

*É tão singular
O jeito que me observa acordar
E meu cabelo não parece te assustar
Você, incrivelmente, não se importa*

Anavitória – Singular

Despertei com um afago suave no ombro direito e respirações que vinham em lufadas contra meu rosto. Pisquei algumas vezes, até encontrar Adônis com aquela expressão linda, meio safada, olhando carinhosamente para mim. Do lado de fora da janela, os primeiros raios de sol coloriam o céu pálido. As cortinas balançavam com mansidão, empurradas por preguiçosas brisas matinais. Forcei a memória para me lembrar de quando exatamente caí no sono, mas me deparei somente com o vazio. Jamais imaginei que sexo fosse tão cansativo a ponto de derrubar uma pessoa. Aliás, eu sempre ficava um pouco desconfiada quando, nos

filmes, as pessoas acordavam lindamente enroladas em lençóis brancos. *E, no entanto, aqui estou eu*, o pensamento me roubou um sorriso.

— Você não dormiu? — questionei, passeando o indicador pelas linhas do seu abdômen.

— Só um pouquinho.

— Teve pesadelos de novo?

Chewie negou com a cabeça, seu bom-humor era perceptível mesmo para alguém com a mente embaralhada pelo sono, como eu. *Quem te viu, quem te vê!* Mordi o lado de dentro da bochecha para segurar a risada.

— Eu não tenho pesadelos quando estou com você — respondeu com uma tranquilidade inabalável.

— Não?

— Hum-hum.

— Como assim? — Sorri, incrédula.

— Não sei, apenas acontece... Deve ser a força emanando de você, princesinha.

Ri baixinho, fazendo uma careta azeda para ele logo em seguida.

— Ah, não. Eu odeio esse apelido!

— Odeia, é? — Lançou uma piscadela para mim e eu sabia que estava me provocando. — E posso saber o porquê?

— É uma afronta! — expliquei. — Aprendi a gostar de “donzela”. Mas princesinha passa uma ideia de fragilidade que me incomoda.

— Você está sendo preconceituosa, Becca! — brincou, apertando o meu nariz de levinho. — Quer dizer que princesas não podem ser fortes e valentes?

— Bom, em geral não são.

— Meu Deus, isso está vindo de uma suposta fã de Star Wars? — perguntou, balançando a cabeça em negativa. — A princesa Leia não é uma personagem forte o suficiente para você?

Minha gargalhada repercutiu por todo o quarto, ao passo em que meu rosto deve ter ficado na cor de um tomate maduro.

— Nossa, você me pegou! — lamentei, escondendo o rosto em seu pescoço. Senti o cheiro não de perfume, mas sim o aroma terno de sua própria pele. Inspirei profundamente, deleitando a sensação de acordar em seus braços, depois da madrugada maravilhosa que passamos juntos.

Então, minha mente vagueou para o que acontecera antes. Quero dizer, apesar de ter me prendido às últimas horas, a noite havia sido realmente extensa, repleta de acontecimentos. A comemoração de Arthur, o acidente, o comportamento inesperado de Adônis. *Por Bilbo Bolseiro!*, meu subconsciente exclamou com a memória. Senti o estômago embrulhar de uma só vez quando minha mente foi invadida pelas imagens de horas atrás. Ele dirigindo silencioso, chorando e depois gritando comigo sobre eu ser irresponsável. Estava tão apavorado, agora eu percebia isso muito bem. Na hora julguei equivocadamente que me atribuía a culpa pelo acidente, mas não podia ser o mais distante disso. As palavras que ele cuspiam com raiva eram para si mesmo.

Enrijei no lugar ao fazer a conexão e finalmente ligar todos os pontos. Então, várias lembranças de dias aleatórios foram voltando aos poucos. Era isso! Os pesadelos, e quando ele me disse para beber com responsabilidade, muito tempo atrás. Não pude processar mais informações, de toda forma, pois, como se tivesse lido meus pensamentos, Adônis segurou meu queixo com brandura e ergueu meu rosto, buscando meus olhos.

— Em que está pensando?

Sustei o olhar, ponderando como seria a melhor maneira de abordar o assunto. Talvez não fosse o momento ideal, eu sabia, mas não custava tentar. Fiquei de barriga para baixo e me sustentei nos cotovelos para ter uma melhor visão dele. A curiosidade em seu rosto crescia a cada segundo.

— Essa noite, quando te liguei... — minha frase morreu no ar. Tamborilei os dedos no colchão, buscando as palavras certas. — Você... hum... *surtou*.

Ouvi o som característico dele se estalando e, ao subir o olhar, notei atordoada que estava um pouco pálido. Tão logo notou que eu o observava, murmurou:

— Fiquei preocupado com você.

— Não parecia ser só isso.

— Como assim? — Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, umedecendo os lábios.

— Não sei... Senti que aquela raiva não era totalmente voltada para mim.

— Eu não estava com *raiva*, Becca. — Sorriu com incredulidade. — Foi o calor do momento. Você me conhece, não sou a pessoa mais fácil do mundo.

— Não, Chewie. Você tenta se convencer disso, mas não é verdade. Eu teria acreditado se fosse antes, só que agora eu te conheço. É sempre tão carinhoso

comigo... e ficou tão bravo.

— É claro que fiquei! — exclamou. — Vocês fizeram merda, não vou passar mão na sua cabeça por isso, donzela.

Soltei o ar dos pulmões, um pouco irritada. Neste ponto, nada tinha mudado — ele permanecia enfático no quanto repreendia os eventos da noite anterior. Eu sabia que tinha a minha parcela de culpa, no entanto não deixava de considerar cruel sua maneira incisiva de lidar com a situação.

Disposta a evitar que acabássemos discutindo, decidi mudar de tática. Cruzei os braços sobre o peito dele, usando-o como um travesseiro gigante. O calor do seu corpo era convidativo e, por isso, impossível de resistir.

— Eu sei que você passou por alguma coisa muito ruim... algo que te deixou com sequelas permanentes.

— Sequelas? — Estreitou os olhos, desconfiado.

— Sim. Como os seus pesadelos, ou o seu medo de se entregar para alguém.

— Eu *me entreguei* para alguém! — Adônis rolou os olhos nas órbitas. — Achei que depois de ontem tivesse ficado bem claro — resmungou, como um velho rabugento.

Dei um tapinha em seu peito, sem conseguir segurar a risada. Ele arqueou as sobrancelhas de maneira ameaçadora, o que apenas me fez rir ainda mais.

— Você entendeu o que eu quis dizer! — Mordi sua orelha direita, tentando dissipar a expressão emburrada. Funcionou, pois, em um segundo, os lábios se torceram para o lado em um sorrisinho a contragosto.

— Ok, posso ter demorado *um pouco* para me livrar das amarras — Ele deu de ombros, forjando pouco caso.

— Enfim, você sempre bate nessa tecla do passado ser imutável. E desde o começo sempre cuidou de mim em todas as vezes que eu estive bêbada... — Expirei o ar dos pulmões. — Antigamente eu me perguntava o motivo de você ser tão rude e fechado com os outros quando, na verdade, é a pessoa mais carinhosa e cuidadosa do mundo. Mas depois eu entendi, Adônis. Você é como eu, tentando fugir da dor que existe no mundo! — Engoli em seco quando seus olhos brilharam além do normal. — Olha, não precisa me responder se não quiser... eu só queria entender, só queria te conhecer melhor. O que de tão ruim aconteceu para você ficar assim?

— Seu *timing* é realmente péssimo. Para tudo. — Sorriu tristonho, os olhos permanecendo apagados. Seus braços me apertaram em um abraço esmagador e precisei me ajeitar em seu corpo para não sufocar.

— Não precisa me fa... — comecei, no entanto fui interrompida por ele.

— Você merece saber, eu só... — Pigarreou. — É difícil falar sobre isso depois de tanto tempo. Um pouco estranho, não sei.

Permanecemos abraçados por um momento, que ele deve ter usado tentando encontrar uma boa dose de coragem. Seus dedos passeavam pelo meu braço como ondas no mar — indo e voltando continuamente. Eu podia supor quão difícil era abrir feridas do passado, afinal, não contava tanto tempo desde que contara minha história a ele. Por outro lado, depois de, pela primeira vez na vida, me abrir para alguém, experimentei uma sensação única, de aliviar o peso das costas. Como se, muito lentamente, as feridas começassem a coagular para, quem sabe um dia, cicatrizar.

Resgatando-me para a realidade, Adônis desferiu um beijo em minha testa.

— Eu já sofri um acidente de carro e perdi alguém muito... *importante* para mim. Perdi a minha namorada. Minha primeira e única namorada. — sua voz falhou ao mesmo tempo em que eu preendi minha respiração. O baque foi tão grande que me vi sem reação por um momento. — Nós éramos vizinhos de rua e meio que crescemos juntos... Não sei dizer exatamente quando deixou de ser amizade e passou a ser amor, mas eu gostava bastante dela. Tanto que abandonei meu sonho por ela.

Arregalei os olhos, sem esconder a confusão que me assolou. *Por Tyrion Lannister...*, pensei aturdida. Era muito para processar e ele mal tinha começado! Notando o meu desamparo, ele prosseguiu. Apesar de soturno, seu tom de voz era comedido, de alguém que já não se martirizava mais com isso.

— Pouco tempo depois de começarmos a namorar, seu pai foi transferido para trabalhar em outro estado. Passamos alguns meses separados, mas eu sabia que não daria certo daquele jeito, por isso chutei o balde e prestei vestibular de Letras, uma desculpa para ficarmos perto um do outro. E deu certo. Por quase dois anos eu vivi o meu paraíso, Becca. Eu não curtia tanto assim o curso, mas adorava a liberdade de morar sozinho, adorava as festas, a farra, adorava ter Cecília por perto e adorava ainda mais poder fazer shows com a minha banda. Eu pensava ser invencível — Um sorrisinho fraco pincelou seus lábios. —, e esse foi o maior de todos os enganos que já cometi na vida.

“Praticamente todo final de semana minha banda tocava em alguma festa qualquer, mas, às vezes, essas festas eram em outras cidades. Cecília e eu costumávamos viajar no carro dela, nós dois tínhamos habilitação e nos revezávamos, mesmo se tivéssemos enchido a cara. Eu nunca achei que um dia pudesse dar merda. Parecia que tínhamos tudo sob controle. — Adônis suspirou pesadamente, esfregando o rosto em seguida. — Na noite do acidente, sugeri dormirmos em um hotel. Foi a primeira vez, naqueles dois anos. Não porque tive algum pressentimento, ou algo do tipo, mas porque eu sabia que tinha bebido demais. Mal aguentava parar em pé, imagine então guiar o carro por duas horas.

“Nós chegamos a brigar por isso, mas ela venceu. Sempre vencia. — Outro sorriso apareceu em seu rosto, seguido por uma careta amargurada. — Nós capotamos o carro, Becca. Se você visse o estado em que ele ficou... não dava para acreditar que tinham duas pessoas lá dentro, muito menos que uma delas saiu viva. Cecília morreu na hora, me disseram. Eu me quebrei todo e fiquei em coma alguns dias, mas me safei. Tenho um pino na perna direita de recordação, e a raiva. Por que fomos tão burros? Imprudência não é uma coisa *cool*, Rebecca. E eu aprendi da pior maneira possível. Foi por isso que... você sabe... posso ter extrapolado um pouco hoje.

— Meu Deus... — murmurei, ainda atônita. Uma tristeza avassaladora me tomara depois de vislumbrar um pouco da história daquele homem tão solitário. — Nossa, eu não podia imaginar! Sinto muito que tudo isso tenha acontecido e sinto ainda mais por ter despertado esse trauma. Eu fui uma idiota, eu sei. Até pensei em chamar um táxi, mas fiquei com vergonha porque ninguém mais pareceu se importar.

— Donzela — Ele fechou os dedos ao redor do meu pulso direito. —, nunca, nunca *mesmo*, faça nada pensando em *seguir a onda*. Amizades só valem a pena quando não são más influências. E, no fim do dia, somos nós quem carregamos o peso das nossas escolhas erradas. Nós e mais ninguém.

Fugi de seu olhar, sentindo o rosto esquentar.

— Hei... não estou brigando com você. Estou dando um conselho, o qual gostaria de ter dado ao Adônis do passado.

— Você está certo. — Admiti e diminuí o tom de voz para prosseguir. — Deve ter sido muito difícil.

— Hoje não dói mais, mas no começo foi quase impossível. Achei, em muitos momentos, que não fosse conseguir.

— Como ela era? — perguntei, genuinamente curiosa. Não por algum tipo de ciúme estranho de pessoas mortas, mas para conhecer mais sobre ele. Sobre o seu primeiro amor, pelo qual ele abrisse mão de si mesmo. Ela devia ser, no mínimo, fascinante.

Notei a surpresa em sua feição e constatei que não ele esperava esse rumo para a conversa. Adônis coçou o nariz, olhando para muito longe dali, como se parasse para pensar no assunto depois de um intervalo de tempo realmente considerável. Similar a alguém que encontra um álbum de fotos muito velho e o folheia, relembrando cada momento, experimentando cada sensação, perambulando entre a familiaridade e as redescobertas de lembranças apagadas com o tempo.

— Hum, deixa eu ver... — resmungou de repente, enquanto seus dedos se enterravam suavemente em meus cabelos, em carícias suaves. — Cecília era bem romântica. Ela lia bastante, amava o Nicholas Sparks. Não gostava tanto de rock, mas ouvia por minha causa. — Sorriu brevemente. — Ela sempre quis ser professora porque adorava crianças e dizia que o sonho da vida dela era morar em uma casa com um jardim bem grande e muitos filhos para ocupá-lo. Nós passávamos a maior parte do tempo brigando pelas coisas mais idiotas, como, por exemplo, quando eu dizia que sertanejo universitário era um lixo. — Sua risada foi calorosa. Peguei-me rindo baixinho, junto dele. — Ela ficava realmente brava.

— Você acha mesmo um lixo? — questionei, divertida.

— Não. Eu só gostava de contrariar... você sabe.

— É, eu sei.

— Hoje eu paro para pensar e sei que eventualmente teríamos terminado se nada disso tivesse acontecido. A gente tinha mais diferenças que semelhanças. Eu fico triste porque realmente queria que Cecília alcançasse seu sonho. Ela seria uma ótima professora... — sua voz falhou e foi seguida por um soluço. Sem pensar muito, usei as costas da mão para secar as lágrimas escorrendo por sua bochecha e me aconcheguei um pouco mais nele. Adônis afundou o rosto nos meus cabelos, voltando a me esmagar com os braços.

Apesar das lágrimas e da viagem ao passado, eu não me arrependia de ter abordado o assunto logo depois de termos nos entregue verdadeiramente um para o outro. Por alguma razão, senti-me mais conectada com Chewie do que nunca. Ele conhecia meus segredos mais íntimos e eu sabia da sua história. Então, de uma só vez, a melancolia foi dissipada por algo muito maior. Meu coração se encheu de

amor e eu só consegui me sentir grata por nossas vidas, de alguma maneira, terem se cruzado. Todas as coincidências que outrora lamentei — como o fato de sermos vizinhos e também dele ser o meu professor — passaram a soar como um presente. Deixei alguns beijinhos em sua clavícula, esfregando o nariz na pele macia do seu pescoço.

— Obrigada por me contar.

Ele cobriu minha boca com a sua, em um beijo doce. Então, quando se afastou para me encarar nos olhos com as íris de Outono, sussurrou palavras que guardei em meu coração para sempre:

— Obrigado por ter mudado a minha vida, donzela.



Capítulo 59

*Pra você guardei o amor
Que nunca soube dar
O amor que tive e vi sem me deixar
Sentir sem conseguir provar
Sem entregar
E repartir*

Nando Reis – Pra você guardei o amor

A melodia do meu celular ressoou de maneira estridente embaixo do travesseiro e, pela primeira vez, odiei a voz do Renato Russo com todas as minhas forças. Tateei o colchão e o silencieei o mais rápido que pude. Apesar de lá fora o sol se encontrar em seu ponto mais alto, eu queria ficar na cama o restante do dia com Adônis, se possível. Estava tão delicioso ter seus braços me apertando contra o seu corpo. E, além de tudo, sentia-me realmente entorpecida. Não bastasse a noite

repleta de acontecimentos — incluindo o fato de eu ter perdido a minha virgindade —, tínhamos repetido a dose logo depois dele ter se aberto para mim!

Abafei um risinho, pensando a respeito. Eu adorava conhecer essa nova faceta de Adônis, ao mesmo tempo em que descobria um lado meu até então inimaginável. Suas expressões safadas, assim como a forma como me consumia... Céus, pensar que eu acreditava que só aconteceria depois da faculdade... *Pelas flechas de Katniss Everdeen, como fui inocente!*, pensei divertida. E, de olhos fechados, foi mais fácil retomar as imagens daquela manhã.

Eu tinha acabado de me sentar na cama, disposta a levantar e passar um café para despertarmos. Mas, então, senti sua respiração contra a nuca e, no mesmo instante, meu corpo amoleceu, como se derretesse aos poucos. Ele me enlaçou com um dos braços pela cintura, deixando beijos atrás das orelhas, depois nos ombro e ao longo da coluna. Mal acordara e já me encontrava ávida por ele. Previa que seria muito mais difícil me manter longe dali em diante. Agora que sabia o que estive perdendo, queria recuperar o tempo desperdiçado e estava certa de que ele também.

— Quero você... de novo... de novo... e de novo... — soprou com sua voz grave contra a minha pele já febril. — Está dolorida? — *Na verdade, um pouco*, pensei, mas em vez disso respondi com um acenar negativo de cabeça. Bastou isso para suas mãos me buscarem contra si.

Arrepiei-me inteira com a memória, no entanto ela se dissipou em uma velocidade surpreendente, tão logo o celular voltou a tocar. *Droga, Renato Russo! Me deixe dormir!* Estava prestes a jogar meu telefone contra parede, quando a voz sonolenta de Chewie me sobressaltou.

— Você devia atender, donzela. Já é a quinta vez, essa pessoa não vai desistir.

Ele abriu somente o olho esquerdo, como se lutasse para permanecer acordado. Eu estava indignada que alguém pudesse acordar tão bonito daquele jeito! Bufei dramaticamente, tomando o aparelho nas mãos. No mesmo instante, meu coração apertou de culpa. Era Arthur.

— Becca, até quem enfim! — exclamou, do outro lado da linha. — Onde você estava? Estou ligando há um tempão.

— Eu estava... é... dormindo.

— Até tão tarde?! Como assim?

— Hum... foi uma longa noite — resmunguei, cruzando os dedos pela omissão. Eu sabia que surgiria outra oportunidade mais conveniente para abordar o assunto, ou, ao menos, era a desculpa com a qual tentava aliviar aquela sensação de ser uma péssima amiga.

— E como! — sua voz morreu no ar, pouco antes dele pigarrear. Quando voltou a falar novamente, percebi certa cautela em suas palavras. — Você e o Adônis estão bem? Ele me assustou um pouco ontem.

Não podia estar melhor, metalizei, sentindo uma nova pontada de culpa.

— A mim também — admiti. — Mas era só o seu jeitinho único de dizer que tinha ficado preocupado. — Expliquei e, no mesmo instante, Chewie abriu os dois olhos, encarando-me com atenção.

Meu amigo riu em deleite.

— Que bom, isso é ótimo. Eu liguei, na verdade, para pedir uma carona. E se vocês estivessem brigados, eu precisaria recorrer ao Pedro. O que seria horrível, convenhamos.

— Nossa, Arthur, eu achei que estava preocupado com a minha felicidade!

— Só um pouquinho — brincou. — A vida tem suas prioridades, você sabe.

— A Nataly já recebeu alta?

— Ela recebeu alta há vinte minutos, mas nossa bonequinha estava apagada, né... — fingiu um tom ofendido. — Nós estamos sem dinheiro para o táxi. Você acha que pode falar com Adônis e me avisar se ele não se importa?

— Espera só um pouquinho — pedi, afastando o celular da orelha. Antes que eu pudesse sequer abrir a boca, Adônis assentiu com a cabeça. Lancei um olhar confuso em sua direção, começando a ponderar se ele podia ler meus pensamentos.

— O áudio do seu celular é muito alto, donzela. Muito mesmo.

— Você ouviu a conversa? — indaguei, com as bochechas em brasa.

— Todinha. — Arqueou as sobrancelhas espessas, fazendo-me rir.

Quando aproximei o telefone outra vez, pude ouvir o arquejar estupefato do meu amigo.

— Jesus, Rebecca!

— O que foi?

— O Adônis está aí?

— Uhum — concordei, sem entender aonde ele pretendia chegar. Eu não era a pessoa mais inteligente logo depois de acordar, confesso.

— Espera, mas você não estava dormi... REBECCA ELE POR ACASO DORMIU COM VOCÊ?

— C-claro que não! E-eu... — balbuciei, pensando em uma desculpa. Mas então engasguei ao ouvir a gargalhada de Chewie. Olhei para ele de maneira ameaçadora, desejando ter uma pinça com a qual pudesse arrancar pelinho por pelinho de sua barba. De toda forma, foi inútil, pois ele estava distraído demais se divertindo as minhas custas.

— Dormi! — respondeu sonoramente, e senti como se houvesse um maçarico apontado para mim.

Arthur abafou um gritinho excitado. Eu já até podia prever o bombardeio que seria quando eles chegassem. Principalmente por parte de Lily. *Meu Deus, isso é um pesadelo!*

Antes que eu pudesse reagir, os dedos compridos de Adônis roubaram o aparelho de mim, para o meu horror.

— Em qual hospital vocês estão? — perguntou tranquilamente e constatei que de fato os falantes do meu celular eram altos, pois pude ouvir perfeitamente Arthur indicar o endereço.

— Tudo bem. Vamos nos vestir e já estamos indo — Adônis respondeu, olhando-me cheio de malícia.

Os guinchos de Arthur foram responsáveis pelo nó que senti na boca do estômago e só pararam quando Chewie desligou o celular, deixando-o de lado para tentar me abraçar. Antes conseguisse, porém, afastei o corpo para trás. Eu ficara petrificada de vergonha.

— Por que você fez isso? — não escondi a pontada de revolta.

— Você ficou *brava*? — perguntou, chocado.

— É claro que sim!

— Mas foi só uma brincadeira... — Encolheu os ombros, fitando-me com os olhos redondos como pires. — Não significa nada.

— Eu não achei graça, Chewie! — grunhi, chateada. — Isso diz respeito a nossa vida particular. Agora eles sabem que... que nós...

— E daí? — ele me interrompeu, com tranquilidade. — Nós dois fizemos amor, o que tem de mais nisso?

— É só que... — minha voz morreu no ar, enquanto eu tentava entender a minha irritação. No entanto, só consegui me apegar à maneira como ele tinha se referido a nossa madrugada. *Fazer... amor?* — Argh, Chewie! Não é justo fazer isso

só para me deixar nervosa! — bufei simplesmente, apenas para manter a pose quando, na verdade, já tinha até esquecido a pauta principal.

— Donzela — chamou, com uma expressão divertida no rosto. —, adoro te ver envergonhada, não nego. Mas não fiz isso com esse propósito, eu juro.

— Ah, tá! — murmurei com ironia.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente para a direita, parecendo chateado com minha desconfiança. Então agarrou a minha mão e levou sobre o peito.

— O que você me deu ontem... o que nós dois vivemos... — Adônis balançou a cabeça, olhando-me no fundo da alma. — Foi foda demais. E não é motivo de vergonha para mim, Becca, porque tudo simplesmente ficou leve. Eu nem lembrava mais como era a sensação de me sentir vivo. Mas agora a perspectiva mudou, donzela. É tão certo estar com você, as coisas finalmente se encaixaram. Foi... *natural* contar. Não queria te chatear, foi só uma brincadeira inocente. Eu estou tão feliz, agi por impulso. É como se eu quisesse gritar pra todo mundo que te tenho toda pra mim.

Oh, droga.

Respira, Becca!

Mantenha o foco, você precisa ficar brava com ele e...

Dane-se! Quem aguenta ficar brava desse jeito?

— Você é um idiota! — Dei um tapinha nele, finalmente baixando a guarda e permitindo que ele me abraçasse bem forte. Era uma delícia estar aconchegada em seus braços.

— O *seu* idiota — respondeu divertido, fazendo-me rir a contragosto.

— Pensei que não daríamos bandeira para evitar dor de cabeça.

— Eles moram com você. Vão precisar se acostumar com a ideia, porque agora não vou mais te deixar em paz. — brincou, mordendo o meu pescoço de levinho.

— Tomara que não mesmo.

Meu vizinho se espreguiçou, evidenciando os bíceps definidos. Precisei engolir em seco e desviar o olhar, ou permaneceria o secando eternamente. Ele usou os braços para se levantar na cama, até estar sentado. Então buscou meu olhar com o seu, munido de uma indecifrável expressão no rosto.

— Eu adoro você inteirinha. — Seu indicador passeou no centímetro de pele entre os meus seios. *Pelo amor de Darth Vader! Se isso não é jogar baixo, eu não*

sei o que é... — Cada detalhe, Becca. Desde a língua solta ao jeito como fica vermelha quando está envergonhada. — Sorriu, umedecendo os lábios em seguida.

— E depois diz que não foi de propósito — falei baixinho, tentando fugir daquele ar rarefeito avançando sobre nós dois.

— Não imaginei que fosse sentir vergonha. Você sabe que não precisa, né?

Dei de ombros antes de responder, fugindo dos seus olhos de Outono desconcertantes.

— Você não conhece esses dois. Eles são terríveis.

— Só porque sabem o efeito que têm em você, donzela. — Ele afagou meu rosto com sua mão fria e deixou uma mordidinha no meu queixo. — Bom, precisamos ir.

Assenti com a cabeça, taciturna. Adônis levantou da cama, seu corpo nu parecendo um monumento. Observei-o pelo canto dos olhos enquanto pescava as próprias roupas espalhadas no chão, uma a uma, e as vestia despreocupadamente. Somente quando ele abandonou meu quarto para ir ao banheiro que consegui sair da cama. Os lençóis caíram quando fiquei em pé e abafei uma risadinha, pensando em como eu estava pagando a língua na faculdade. O ano mal estava na metade e eu já era uma pessoa totalmente diferente.

Tomei meus óculos na escrivaninha e parei de frente ao espelho, ainda nua, permitindo que meus olhos percorressem a imagem refletida. O cabelo estava desalinhado, como em todas as manhãs; o rosto um pouco inchado, de quem havia acabado de acordar; os olhos pequenos. Tudo continuava igual, mas, ainda assim, existia algo de diferente ali. Levei as mãos aos seios, sentindo-os. Desci pela cintura e parei logo depois de contornar os quadris, com uma estranha euforia crescendo pelas entranhas. Balancei a cabeça, afastando o pensamento e, com um sorriso inoportuno no rosto, caminhei até o guarda-roupa, escolhendo um vestido para usar que fosse tão leve quanto eu me sentia naquele momento. Adônis tinha razão, afinal. Era muito certo estarmos juntos, porque todas as outras preocupações se apagavam.

Eu terminava de amarrar o cabelo em um rabo no topo da cabeça quando ouvi sua risada debochada. Girei nos calcanhares no mesmo instante, flagrando-o com o presente que Nataly trouxe da Disney para mim — o Chewbacca.

— Pode me explicar isso, donzela? — Piscou para mim e eu soube, no mesmo momento, que aquela, sim, era uma brincadeira para me envergonhar. Rolei

os olhos nas órbitas, fingindo não me importar. A verdade era que eu me segurava para não rir junto dele.

— Ganhei de presente.

— O Chewbacca, hein? Uma coincidência e tanto encontrar esse brinquedo, não acha?

— Não sei do que está falando — fiz pouco caso. — Por que seria uma coincidência?

— Porque você tem um Chewbacca em tamanho real que é todo seu.

As últimas palavras me arrancaram da falsa apatia. Gargalhando tão alto quanto era possível, tomei o boneco da mão dele e bati meu ombro no dele de levinho.

— Então admite que esse apelido caiu como uma luva?

— O que eu admito, donzela, é que estou louco por você. E se pudesse não sairia desse quarto tão cedo — falou, com um olhar lascivo. Então me segurou pelo pulso e puxou contra o próprio corpo, fechando os braços ao redor da minha cintura.

— Não consigo parar de querer você, estamos com um problema aqui.

— Nossas definições de problema são *beeem* diferentes. — Sorri de orelha a orelha, buscando a boca dele com a minha.



Capítulo 60

*Me deixe sim, mas só se for
Pra ir ali e pra voltar
Me deixe sim, meu grão de amor
Mas nunca deixe de me amar*

Tribalistas – Grão de amor

Adônis tamborilava os dedos compridos no volante enquanto esperávamos o semáforo abrir. Apesar de não ter me machucado no acidente da noite passada, o trauma permanecia bem vívido na memória. Em parte porque eu havia ganhado um galo na têmpora direita, mas principalmente porque cada vez que atravessávamos um cruzamento, meu coração acelerava drasticamente. Eu mordiscava a bochecha por dentro e fechava os olhos, tentando convencer meu subconsciente de que não estávamos *verdadeiramente* em perigo. Devo salientar que essa era uma tarefa

muito difícil, no entanto. Ele parecia convicto de que bateríamos a qualquer momento.

— Domingo já é dia das mães... — Chewie me despertou dos devaneios com sua voz grave. — O ano está voando.

— Infelizmente, sim — respondi, fingindo não notar o olhar prolongado que ele lançou em minha direção. — Eu estava me referindo à última parte, mas a afirmação também cabe no começo.

Uma risadinha baixa escapou dos seus lábios.

— Imaginei que essa não fosse sua data favorita.

— De fato, passa bem longe. — Sorri.

Fomos tomados por um silêncio cheio de significado. Adônis deu seta para a esquerda e virou logo em seguida, antes de quebrá-lo.

— Vou para Londrina visitar a minha família nesse final de semana... Volto só na segunda.

Desviando a atenção do trânsito, ele me estudou com as íris que, naquela tarde, encontravam-se mais esverdeadas que nunca. Percebi a preocupação implícita naquele gesto. Dei de ombros, como se dissesse para ele que tudo bem.

— Ainda não combinei nada com os meus avós — *O que é muito estranho*, refleti por um momento. —, mas devo viajar para minha cidade também.

Ele repousou a mão direita na minha coxa, apertando-a.

— Não queria te abandonar justo em uma data tão significativa, mas dona Bárbara vai ficar ressentida se eu não for para casa.

— Meu Deus, não me diga que você pensou, mesmo por um momento, em ficar aqui e deixar sua mãe de lado.

— Talvez. — Ele abriu um sorriso doce e notei, para meu deleite, que pareceu um pouco envergonhado.

— Que filho horrível você é, Chewie! — provoquei, olhando-o com malícia.

— Não é esse o ponto, donzela.

— Então me explique qual é.

— É sério que você não percebe?

— Percebo o quê? — insisti e ele sorriu, divertido.

— Eu não iria sequer considerar a possibilidade se não gostasse e me preocupasse tanto com você. — Encolheu os ombros e me olhou cheio de carência logo em seguida.

— Ah — limitei-me a dizer, mas, por dentro, meus pensamentos entraram em polvorosa. Eu tinha a sensação de que Chewie sequer percebia o que fazia comigo. Ele parecia não ter ideia do quanto pequenas palavras ou simples gestos me deixavam atordoada ao extremo. Para ele, era natural ser tão carinhoso e, por Deus, aquilo era uma covardia.

Paramos o carro em frente ao hospital e precisei piscar os olhos algumas vezes, a fim de recobrar o juízo. Tinha até mesmo esquecido de onde estávamos e o que fazíamos ali. Minha cabeça ainda trabalhava a toda velocidade, tentando absorver a profusão de acontecimentos das últimas vinte e quatro horas — o que era uma tarefa bem difícil, dado o fato de que eles não paravam.

Avistei meus amigos sem dificuldade e me estiquei para fora da janela, acenando. Arthur estava mais descabelado que o normal e Nataly tinha o braço engessado. Pulei para fora do carro, percorrendo a distância até eles. Abracei Lily sem pensar duas vezes, tomando o cuidado de não encostar no braço machucado. Então, fui surpreendida por Arthur, que fechou um triângulo, entre nós duas. Permanecemos daquela maneira por algum tempo, até que tive um estalo e me afastei alguns centímetros para encará-la.

— Você está bem?

— Na medida do possível.

— E Leo? — indaguei, olhando de um para o outro.

— Recebeu alta antes da Lily — explicou Arthur. — Só precisou levar alguns pontos. Nada grave.

— Ou seja — exclamou ela, com sua voz estridente. — *eu* fui a azarada.

Olhei para o seu gesso e, apesar de tudo, sorri ao imaginar todas as possibilidades para aquela superfície tão branquinha. Além do mais, agora, depois de conhecer o passado de Adônis, eu entendia o quanto tivemos sorte. Podia ter sido pior em vários níveis.

— Pelo contrário, Lily — falei, fitando-a com ternura. Arthur concordou com a cabeça, apertando seu ombro.

— Foi só um braço quebrado, amiga. É chato, mas vai sarar. Talvez, hoje mesmo, estivéssemos em um cemitério — completou.

Estremeci com as palavras e olhei por cima do ombro, surpreendendo-me ao me deparar com Chewie fora do carro, recostado contra ele. Seus braços estavam cruzados sobre o peito e os olhos fixos em nós. Ele assentiu quase

imperceptivelmente e, por um momento, fui assolada por uma tristeza tão intensa ao tentar imaginar como deve ter sido para ele lidar com uma perda tão grande.

Fechei as pálpebras por um segundo que abrigou uma eternidade, imaginando-o mais jovem, recebendo uma notícia que mudaria sua vida para sempre. Por mais insano que pudesse parecer, foi como se eu tivesse conseguido experimentar — mesmo que um pouco — dos sentimentos. A raiva, a dor, a confusão e o medo. E então, as coisas começaram a fazer sentido. Eu compreendi o Adônis de antes. Aquele que bramia cheio de raiva para pessoas desconhecidas, que não tinha paciência para nada e, sobretudo, aquele que respondia com agressividade quando alguém tentava se aproximar e atravessar os muros tão ameaçadores que ele construía ao redor de si mesmo. E, com isso, percebi também que o meu sentimento por ele já não era o mesmo de antes. O simples gostar dava espaço a algo mais forte, mais intenso e mais puro, que, em nossa situação complicada, era um sentimento deveras perigoso e, por isso, proibido.



O percurso até nosso condomínio foi estranho e silencioso. Nataly e Arthur não conheciam Adônis como eu conhecia, então permaneceram acuados. Eu não os julgava, afinal também não me sentia à vontade perto do nosso professor quando a única faceta que ele me mostrava era a de Carrasco. Eu sabia que eventualmente meus amigos presenciariam as características dele que eu mais amava, mas, naquele dia, não podia ser o mais distante disso. Desde quando ligara o carro, Adônis permaneceu soturno e distante, como se estivesse preso em seu próprio mundo. Eu podia entender bem o porquê. A situação como um todo era muito dolorosa para ele.

Tentando evitar o clima desconfortável, liguei o som e o carro logo foi preenchido pela leveza deliciosa que só Beatles poderia proporcionar. Senti vontade de repousar a mão em sua perna, como forma de dizer que eu estava ali. No entanto, fiquei com medo de que isso fosse piorar as coisas. Sua expressão era séria e um pouco sôfrega, muito diferente de quando Arthur havia nos ligado, pouco antes, e ele fizera uma piada.

Quando estacionamos, percebi um alívio mútuo. Eu sabia que, se pudéssemos, nós quatro teríamos soltado suspiros pesados. Adônis me segurou delicadamente pelo pulso, em um pedido silencioso para deixarmos meus amigos passarem na frente. Esperamos poucos minutos antes de seguirmos logo atrás. Porém, mesmo desejando ter um momento a sós comigo, foram necessários alguns degraus para Chewie quebrar o silêncio.

— Ainda vou te ver hoje?

Encarei-o sem esconder a dúvida no meu rosto.

— Já está indo embora? — ele assentiu com a cabeça, no mesmo momento em que alcançávamos o patamar.

— Acho que precisam conversar um pouco, ainda não tiveram chance.

— É... tem razão — respondi, deparando-me com Nataly e Arthur parados em frente ao nosso apartamento, apesar da porta estar aberta atrás deles. Estreitei os olhos, percebendo a razão para terem nos esperado.

Esses curiosos!

Nataly se empertigou e, pestanejando além do normal, dirigiu-se a ele:

— Muito obrigada pela carona, professor Adônis.

Então esse é o álibi de vocês para me espiarem?, pensei, com uma onda de frustração por terem arruinado a minha despedida.

— Era o mínimo que eu podia fazer.

— Não quer entrar? — foi a vez de Arthur colaborar com o plano maligno.

— Tenho que preparar minhas próximas aulas... — Adônis enterrou os dedos longilíneos nos cabelos de piche. — Se precisarem de mim, não hesitem em me procurar. Melhoras, Nataly!

Então, contrariando minhas suposições, ele me puxou com gentileza contra si e me beijou, sem se importar minimamente com a companhia. Arquejei de surpresa contra seus lábios, sentindo que os dois faziam o mesmo. Antes que eu pudesse aprofundar o beijo, porém, ele se afastou alguns centímetros, fitando-me no fundo dos olhos.

— Você não me respondeu — sussurrou, para que apenas eu ouvisse. — Ainda vou te ver hoje?

— É o que você quer? — perguntei apenas para ouvi-lo confirmar, uma vez que a pergunta deixava bem óbvia sua intenção.

— Nem de longe — soprou contra o meu ouvido. — O que eu queria *mesmo* era te arrastar para dentro de casa neste momento.

— Essa é uma ideia irresistível — lamentei. — Depois da aula eu passo aqui.
— Castiel e eu vamos adorar.

Com um último acenar para os meus amigos, Chewie sumiu para dentro do apartamento. Mas, tão logo girei nos calcanhares e percebi a expressão que me lançavam, desejei ter entrado com ele. Arthur tinha os lábios separados em um círculo perfeito, ao passo em que Nataly sequer piscava. Minhas bochechas ferveram, mas fingi que não era nada demais e apenas apertei o passo, passando entre os dois. Eu tinha acabado de pisar na sala quando a voz dela me fez saltar de susto.

— BECCA, NEM PENSE EM ESCAPAR!

Encolhi os ombros, como um ladrão que é pego no flagra. Resignada, busquei seu olhar.

— Não acredito que enquanto eu fiquei desamparada e com dor no hospital, você estava *dando*! E ainda por cima não ia contar para nós! Que tipo de amiga você é?

Apesar de ter cuspidido as palavras com agressividade, bastaram segundos nos encarando para que nós três explodíssemos em gargalhadas. Quando menos percebi, lágrimas escorriam pelas minhas bochechas e eu me dobrava para amenizar a dor abdominal causada pelas risadas. Sequei o rosto com as costas das mãos, levando algum tempo até normalizar a respiração.

— Meu Deus, que jeito mais horrível de se referir a isso! — protestei, acarretando uma nova onda de risadas. — E, não, eu não ia esconder de vocês! Só achei que tínhamos uma oportunidade melhor para conversar.

— Essa oportunidade chegou, bonequinha! — Arthur falou, com seu tom devagar. Depois me beijou na bochecha e agarrou a minha mão, arrastando-me para o quarto de Nataly. — Pode nos contar todos os detalhes enquanto arrumamos as malas de Lily.

— Como assim arrumar as malas? Para onde você vai? — perguntei a ela.

— Vou voltar para a minha cidade. Minha mãe praticamente surtou quando soube... Viajo hoje de madrugada.

— E a faculdade? Você vai reprovar por faltas!

— Não vou, não. Peguei dois meses de atestado.

— Mas... você vai perder o conteúdo de dois meses?! — Não escondi o atordoamento.

— Claro que não. — Ela sorriu. — Já conversei com as meninas da minha sala, vão me passar tudinho. Amanhã vou mandar um e-mail para os professores também... vou aproveitar enquanto estiver lá para adiantar os trabalhos e tudo mais.

— Sei — Arthur a cutucou nas costelas. — Aposto que essa é a última coisa que vai fazer.

Ela apenas piscou para ele, com um sorriso travesso nos lábios carnudos que dizia “esse é um segredo nosso”. Ri baixinho, observando nosso amigo tomar uma das malas rosa-vibrante de Lily, abrindo-a sobre a cama.

— *Nós dois* precisamos arrumar a mala? — perguntei, recebendo olhares acusatórios de ambos.

— Nossa, Becca! — ela fez um beicinho, com uma expressão chateada.

— Não é isso, boba. Estava pensando em fazer uma pintura no seu gesso para você levar de recordação. Assim está muito sem graça.

— Não acredito! — um sorriso de orelha a orelha surgiu no rosto dela. — Sério?

— Uhum — concordei, caminhando em direção à porta. — Pode ser, Arthur?

— Bonequinha, desde que você me dê detalhes sobre o tamanho do *badalo* do professor Adônis, para mim tanto faz o que você vai fazer!

Eu estava prestes a perguntar o que era badalo, mas os gritinhos exasperados e as palminhas de Nataly foram mais que o suficiente para tirar a minha dúvida.

— Você é podre, sabia? — Baguncei seu cabelo e ele deu um tapinha na minha bunda. — Vou pegar meus materiais, já volto.

— Não demore — ela pediu, no momento em que eu abri a porta do quarto. — Preciso saber como o Carrasco é na cama!



Capítulo 61

Às vezes eu acho que não sou assim tão forte
Mas há uma força que me motiva
Cansada do meu pequeno coração, feito de aço
Cansada das feridas que nunca se cicatrizam

Marina and the Diamonds – Forget

Alisei o embrulho do presente pela décima vez, traçando, com o dedo indicador, os corações brancos de tamanhos variados que o estampavam. Já contavam horas que eu tentava reunir coragem para percorrer o caminho breve até o quarto dela. O que seria algo tão remotamente fácil para qualquer outra pessoa, exigia uma força sobre-humana de mim. Engoli em seco, decidindo ser o momento exato. Então, em passos arrastados, caminhei ao meu destino com os mesmos ânimos de alguém que caminhava em direção à força. As mãos tremiam mais e mais e os joelhos perdiam a força à medida que eu me aproximava do iminente destino.

Eu não conseguia compreender a razão para continuar nutrindo esperança por uma causa perdida, talvez fosse apenas uma masoquista idiota, humilhando-me

em busca de um pouquinho de amor. Não me importava, podia ser apenas um gesto, um sorriso, qualquer coisa que provasse a humanidade dela. Eu só queria acreditar que um dia as coisas poderiam ser diferentes.

Bati na porta e, como não obtive uma resposta, entrei mesmo assim. Encontrei-a sentada em sua cama, tão serena, olhando para algum lugar muito longe dali. Encontrava-se alheia ao mundo ao seu redor. Gaguejei para conseguir chamá-la e, quando ganhei sua atenção, hesitei instantaneamente com a ideia estúpida. O olhar dela conseguia falar — e muito.

A minha única vontade foi dar-lhe as costas e esquecer tudo aquilo. Porque, dentro de mim, eu já sabia que me arrependeria, e mesmo assim persistia, mendigando algo que deveria vir naturalmente. Eu ainda não entendia que o amor jamais precisa ser solicitado — ele simplesmente aparece nos pequenos atos. No entanto, eu economizara a mesada dos dois últimos meses para comprar a tela e as tintas a óleo. Isso sem contar nas longas horas trabalhando na pintura. Por essa razão, forcei minhas pernas a prosseguirem. A escolha já havia sido feita há muito tempo. Era tarde demais para voltar atrás.

Minha mãe o tomou de minhas mãos, rasgando o embrulho com desinteresse. Não havia nada em sua face, ela estava vazia, tal como o olhar que me dirigia.

— O que é isso? — perguntou baixinho, assim que seus olhos castanhos recaíram para o quadro.

Àquela altura, minhas palmas suavam frio. Limpei-as na camiseta, fitando-a de olhos arregalados. Na minha imaginação, aquele momento teria começado bem diferente. Talvez esse fosse o sinal. “Vá embora”, meu cérebro repetia, mas meu coração era burro demais para levar em conta.

— Você não ouviu?

— S-seu presente... presente de dia das mães — balbuciei, encarando meus próprios pés. — Fui eu mesma que pinteí.

Comecei a me preparar para a repulsa habitual, mas o que recebi em troca foi indiferença — e aquela era a pior coisa que uma pessoa podia fazer com outrem. Sobretudo uma mãe com sua filha.

Ela se esticou para trás e abriu a primeira gaveta do criado-mudo, de onde tirou um alicate de unhas. Antes que eu sequer assimilasse o que acontecia, o enterrou na pintura, destruindo-a com um único corte que atravessava a tela toda.

— Eu não sou sua mãe, Rebecca. Por que não entende isso?

Um sorriso amargurado pincelou meus lábios, enquanto usava os ombros para secar as lágrimas. Eu soube, desde quando recebi a notícia de que não poderia voltar para Santa Cruz do Rio Pardo no feriado, que aquele seria um péssimo dia das mães. Quero dizer, sempre era. Por várias razões óbvias e dolorosas demais. A única força que eu tinha nesses dias vinha da minha família. Meus avós amenizavam toda a escuridão dentro de mim, eu precisava deles para a ferida não incomodar tanto.

Porém, vovô ligara no final da semana me avisando que *e/la* estava lá. Dava para notar no desconforto em sua voz o quanto a situação também o machucava. Ele me explicou que ela e o marido chegaram sem avisar, como se tentasse justificar a razão para eu não poder voltar para a minha própria casa. E eu não conseguia ficar com raiva, tampouco minimamente brava com nada disso. O que mais meus avós poderiam fazer, afinal? Além do mais, mesmo que me deixasse doente de ódio o fato da minha mãe arruinar o meu feriado outra vez, eu não queria que os dois ficassem brigados com a filha apenas por minha causa. Não era justo. Então, mesmo perdendo a minha única chance de felicidade para aquele final de semana, conformei-me. Aceitei que seria doloroso e não tentei fugir disso.

Apesar de Arthur também ter ficado em Maringá — afinal sua situação não era melhor que a minha —, jamais me senti tão sozinha. Eu não o culpava pelo isolamento, pois também estava trancada no quarto desde que acordara. Não havia encontrado melhor maneira de lidar com a situação e temia acabar descontando em quem não tinha culpa de nada.

Percorri a distância até a janela, apoiando-me sobre ela para observar o movimento do estacionamento. Mesmo sem querer, meu pensamento vagueou para Adônis e sua família. Perguntei-me como estava sendo o domingo dele. Certamente melhor que o meu — não que fosse preciso muito para isso, é claro. De repente, desejei que tivesse ficado ali comigo. Seria tão mais fácil ter seus braços para me acalantar, os olhos de Outono voltados para mim, atentos, deslumbrados. Eu adorava a maneira como ele fazia com que eu me sentisse incrível, ímpar. Com o indicador, tracei espirais no parapeito, fechando os olhos e sentindo a brisa gélida roçar na pele. Se eu já sentia falta de sua companhia em míseros dois dias, não queria nem imaginar no futuro...

Balancei a cabeça, expulsando o pensamento de uma só vez. Havia algo sobre estar triste que me deixava um pouco irritada — parecia existir um ímã na melancolia que atraía memórias semelhantes, afundando-me cada vez mais, tal

como se um dementador estivesse ali, ao meu lado. Eu queria dar a volta por cima e mostrar para a tristeza quem mandava ali, mas o problema é que, naquele momento, encontrava-me um pouco sem forças. Nem mesmo desenhar me parecia atrativo, dado o fato de que lembrava demais um passado do qual eu adoraria me desapegar.

Meu celular vibrou, despertando-me para a realidade. Mordisquei o lábio inferior e inclinei o tronco para alcançá-lo sobre a cama, deparando-me com uma mensagem daquele que era o protagonista dos meus pensamentos.

Como você está?

Sorri sem me dar conta e me apressei em digitar a resposta.

Desidratada de tanto chorar.

Tentei me manter firme, Chewie, mas é mais forte que eu...

Me sinto patética por continuar sofrendo depois de tanto tempo. Ela nem ao menos se importa se eu estou ou não viva. Sou tão ridícula!

Fiquei um pouco envergonhada pelo desabafo tão espontâneo. O que eu menos queria era aborrecê-lo com os meus problemas quando ele deveria estar aproveitando a família e a leveza implícita nisso. Mas simplesmente saiu. Lutara tanto ao longo da tarde contra sentimentos inevitáveis que eles simplesmente escaparam na menor oportunidade. Estavam ali, entalados, assemelhando-se a uma bexiga que abriga ar além de sua capacidade. A mensagem de Adônis fora o rastilho necessário para que tudo viesse à tona. E eu sentia que precisava colocar para fora, ou acabaria enlouquecendo.

Becca, tudo bem não estar bem! Todo mundo tem altos e baixos, ninguém fica feliz o tempo todo. Só não se esqueça de que você não é nada como ela! Eu juro.

Agora, por favor, seus olhos são muito bonitos para perder tempo chorando. Ainda mais por quem não merece.

Como você faz isso, Chewie?

O quê?

Consegue arrancar um sorriso de mim quando essa é a última coisa que eu esperava fazer?

Bom... deve ser porque me viciiei no seu sorriso e não aguento a abstinência.

Então meu sorriso é uma droga, hein? Captei a mensagem.

Hahaha não era exatamente essa mensagem que eu queria passar, donzela.

E qual era?

Que eu poderia passar a vida arrumando todos os motivos do mundo para te ver sorrir, porque cada vez que isso acontece, tenho certeza do quanto é certo estar com você.

Meu coração parou por alguns segundos enquanto eu lia e relia a última mensagem. Céus, dizer que senti um friozinho na barriga seria mentira, porque foi mais como uma intensa geada dentro de mim — tudo congelou de uma só vez.

Essa era uma daquelas ocasiões em que palavras acabariam estragando tudo. O certo seria responder através de gestos, olhares, ações. Se eu pudesse, o teria envolvido em um abraço apertado e encarado seus olhos de Outono lá no fundo, mostrando-o o sorriso enorme que se achava em meu rosto naquele instante. Seria a minha maneira de dizer, ainda que silenciosamente, o quanto me sentia completa e feliz em sua companhia. O quanto eu começara a, de fato, viver e apreciar a minha vida. O quanto ele me ensinava despretensiosamente, cada vez que me elevava às estrelas com seu jeito carinhoso de ser.

Por isso, estiquei o braço em frente ao rosto, tirando uma foto com a câmera frontal — em parte por não ter encontrado palavras que pudessem expressar um terço da emoção que me tomou, em parte porque era daquela maneira que as coisas funcionavam entre nós. Nela, meu sorriso era radiante e genuíno. Ainda estava absorvendo o fato de que, em poucos minutos, Chewie conseguira arrancar a densa nuvem de amargura que pairou sobre minha cabeça por horas a fio. Enviei a foto e me joguei na cama, caindo de barriga para cima.

Porra... Você é linda demais!

Obrigado pelo sorriso, acho que posso aguentar mais 5 minutos até a próxima abstinência...

Minha gargalhada foi escandalosa. Fiz uma concha com o corpo, sendo acolhida por uma abundante sensação de bem-estar.

O tempo escapou pelos dedos como areia fina enquanto jogávamos conversa fora. E, aos poucos, a dor tão pesada deu espaço a uma alegria que era forte o suficiente para desviar minha atenção do passado imutável. Algo com um brilho intenso e capaz de aniquilar toda a escuridão.



Já era noite quando nos despedimos. Encontrava-me leve como uma pluma quando levantei da cama, com a cabeça dolorida e a orelha febril depois de tantas horas na mesma posição. Ainda assim, não me importava. O prazer de ter Adônis tão perto quando, na verdade, estava longe, compensava muito.

Espreguiceei-me ainda sentada, refletindo sobre aquele dia e o quanto tudo estava tão errado. Caminhei para o banheiro com os pijamas e a toalha embaixo do braço sem conseguir parar de pensar no fato de que a minha vida poderia ter tomado um curso completamente diferente se minha mãe tivesse sido mesmo uma mãe. Talvez eu tivesse me tornado alguém como Nataly — elétrica, falante, animada —, ou então como a garota que convidara Adônis para a festa na república Cabô Caqui — confiante, destemida, ousada. Afinal, quem sabe quantas coisas não haviam mudado em mim por conta *dela*?

Por outro lado, cada pequeno aspecto do meu passado tinha me levado a ser quem eu era — a menina que adorava se perder em páginas amareladas de fantasias, ou em sangrentos filmes de terror; que adorava desenhar, mas escolhera o curso de letras; que se apaixonara pelo professor e vizinho quando prometera a si mesma não se entregar ao amor. Não me leve a mal, não é que eu me queixasse da vida que tinha. Longe disso! Mas, às vezes, desejava que minha história pudesse ter sido outra, sentia saudade de viver algo que nunca experimentei. Isso ao menos fazia sentido?

Foi movida por esses pensamentos confusos que me sentei em frente à escrivaninha depois do banho, fazendo-a balançar um pouco. Isso e também o fato de me sentir tão invencível naquele momento — o que era totalmente culpa de Adônis. Ele pegava a minha autoestima, colocava-a em um foguete e a lançava para o espaço. E isso era muito, muito bom.

Abri o notebook, excitada com a ideia que invadira minha cabeça durante o tempo considerável em que deixei a água escaldante do chuveiro me envolver e relaxar. A coragem corria pelas minhas veias em abundância, mas, além disso, existia muito a falar. Durante os anos em que dividi um teto com a minha mãe, nos quais sofri agressões verbais e constante descaso em cada gesto dela dirigido a

mim, jamais consegui confrontá-la. Jamais consegui dizer o quanto ela me fazia mal, o quanto ela era como um veneno que, aos poucos, envenena a minha alma, aniquilando tudo pelo caminho. Tudo sempre partiu dela, como uma via de mão única e eu apenas aceitei. E essa era uma verdade que me doía muito — por que precisei ser tão fraca?

Demorei um pouco para encontrar o *Facebook* dela e me impedi de vasculhar sua vida. Não me interessava em nada, no fim das contas. Aquilo para mim soava mais como uma prestação de contas, não como uma tentativa de reaproximação. Estava tão cega com o propósito que, na hora, não parei para pensar nas possíveis consequências. Como disse, naquele momento eu me sentia invicta. Naquele momento eu era a Rebecca que sempre almejei ser e nenhum tipo de medo tiraria aquilo de mim.

Chega de permanecer nas sombras, pensei comigo, você já tomou muito da minha vida.

Endireitei-me na cadeira, encarando a foto de minha mãe e imaginando a situação como se não houvesse uma distância enorme nos separando. Não, eu me sentia como se seus hostis olhos castanhos estivessem voltados para mim naquele exato segundo. Traguei uma boa porção de ar, que serviu como uma injeção de coragem — a dose que eu precisava para tomar a importante decisão.

Por muito tempo detestei ser tão emotiva.

Odiei a intensidade dos meus sentimentos. Odiei quão fortes e tangíveis eles eram. Odiei estar à mercê de coisas das quais não possuía controle. Mas então eis que me pergunto — do que temos controle, afinal?

Tantas vezes desejei ser apática, apenas para que a dor não incomodasse com tamanha violência e que a sensação de vazio não existisse. Eu achava que “sentir” era a maior fragilidade que uma pessoa poderia ter. Que isso me tornava suscetível e, por isso, um alvo fácil. Acreditava ser merecedora de tudo o que passei. Merecedora de uma punição interminável e cruel.

*Certa vez, no auge dos meus onze anos, você me pegou lendo um livro e decidiu que aquilo a irritava, como tudo que estava vinculado a mim, é claro. Mas, nesse dia, você foi além e maculou o único lugar seguro que eu tinha, até então. Eu lia *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Não estava no seu caminho, mas mesmo assim, precisava arcar com o peso de minha existência ser um fardo tão grande para você. Quando atirou aquele livro em meu rosto — o que acabou rasgando a*

capa no meio, a propósito — eu chorei por horas, tentando entender o porquê. As perguntas implícitas não estavam relacionadas apenas ao incidente recente, como a nossa relação de maneira geral. Por que você me odiava tanto? Por que você precisava me ferir o tempo todo? Por que eu não tive a sorte que tanta gente tem e joga fora? Até hoje não encontrei as respostas, mas a ironia é que, naquela mesma tarde, quando consegui me acalmar e finalmente retomei a leitura, deparei-me com a frase que foi um divisor de águas para mim, aquela que mudaria a minha vida irreversivelmente: “Tenha pena dos vivos e, acima de tudo, daqueles que vivem sem amor”.

Então eu percebi. O problema não estava comigo. Nunca estive. São justamente os sentimentos que nos conferem humanidade e eu não preciso me envergonhar. Ficar triste, chorar, gargalhar, amar... nada disso é sinônimo de fraqueza. Pois eles são o que nos trazem um pouquinho de nobreza.

Ainda tenho o exemplar danificado do livro. Em primeiro lugar, para nunca me esquecer de como a vida pode ser cruel e impiedosa. Mas, principalmente, guardo-o como um lembrete de que até mesmo dos momentos mais obscuros, pode surgir um lampejo de felicidade e, em um único instante, a perspectiva de uma vida muda completamente.

Eu adoraria poder cuspir ódio para cima de você e acalantar a minha alma dolorida. Adoraria te dizer todas as coisas entaladas. Adoraria que tudo fosse diferente, não porque minha vida não seja maravilhosa, mas só para não ter tido a infelicidade ter o passado entrelaçado ao seu. Mas a deboche disso tudo é que eu não consigo te odiar como você me odeia. Dentro de mim, a única coisa que existe é a tristeza e como ela consome tudo o que encontra pelo caminho.

Eu posso ter sido privada de muitas coisas, mas estou certa de que você foi a grande perdedora nessa relação. Perdeu principalmente o amor que carrego dentro de mim — o qual tentei ignorar por tanto tempo. Esse amor pulsante e visceral que, com toda a minha intensidade em sentir, poderia mover montanhas. Esse amor que um dia julguei ser uma fraqueza, mas que, hoje vejo, é a minha força.

Espero, do fundo do meu coração, que essa criança que você carrega em seu ventre tenha mais sorte que eu.

Rebecca.



Capítulo 62

*Todas as luzes guiarão o caminho
Se você me ouvir agora
Todos os medos vão desaparecer
Se você me ouvir agora*

Alok – Hear me now

Foi somente depois de ter enviado o e-mail para minha mãe que percebi o quanto estava sendo egoísta por ficar sozinha a tarde toda quando Arthur também passava por uma situação difícil, assim como eu. Quero dizer, o dia das mães sempre foi horrível para mim e, por isso, eu sabia o que esperar dessa data ano após ano. Diria até estar acostumada. Fazia parte do combo-de-lembranças-arruinadas-por-minha-mãe. Mas não ele. Aquele era o primeiro feriado significativo depois de ter brigado com a família. E, mesmo as coisas não sendo tão maravilhosas antes, de acordo com ele, era inegável o quanto agora seriam ainda piores. Não se tratava mais de um mau relacionamento familiar, mas sim de

peessoas que preferiram abandonar o próprio filho a aceitar as diferenças. Mesmo de fora, eu entendia o quanto aquele telefonema do seu pai fora um divisor de águas. Não importa quantos anos passassem, aquele dia sempre voltaria à tona para Arthur. Seria um eterno lembrete de como a vida podia ser amarga.

Abandonei meu aposento, um pouco brava comigo mesma por ter desperdiçado um dia que poderia ter sido incrível. *Bem, domingo ainda não acabou...*, pensei comigo, dando três toquinhos com os nós dos dedos na porta fechada do seu quarto. Queria ajudá-lo a se erguer, tal como Adônis fizera comigo com suas mensagens.

Arthur demorou além do normal para responder, por isso precisei bater mais algumas vezes até sua resposta vir fraca lá de dentro. Mordi a parte interna da bochecha, entrando devagar em seu refúgio. Meu amigo tinha uma energia tão boa que acabava refletindo em suas coisas, era impossível não sorrir ao me deparar com qualquer coisa que lembrasse ele. Mas não aquela noite. Meus olhos fizeram uma varredura pelo cômodo e o achei, pela primeira vez desde quando me mudara para aquele apartamento, deprimente. Os antiquados móveis de imbuia me pareceram muito escuros; as paredes beges, sem sal; os pôsteres colados na parede, claustrofóbicos. Enquanto atravessava o quarto em direção à cama, onde Arthur encontrava-se aninhado, até mesmo o cheiro de incenso tão característico me embrulhou o estômago.

Com um edredom cobrindo o corpo esguio, ele lia um xerox sob a luz do abajur cuja base era uma garrafa de *Jack Daniels*. Só ergueu os olhos quando me sentei na beirada da cama, afundando o colchão com meu peso. Quando ele o fez, no entanto, senti uma pontada nas entranhas, pois estavam injetados e com enormes bolsas logo abaixo. Não era preciso ser um gênio para perceber que ele havia chorado a tarde inteira. Naquele instante, meu único desejo foi colocar um sorriso em seu rosto.

— Ia perguntar como você está, mas acho que já sei — sussurrei, tirando a franja platinada de seus olhos. Seu cabelo era um dos aspectos que eu mais adorava nele, porque refletiam muito da sua personalidade descontraída e única. De uma maneira talvez inconsciente, ele dizia para o mundo o quanto não se importava com a opinião alheia.

Arthur abriu um meio sorriso, o qual não foi acompanhado pelos olhos. Então, ainda taciturno, arrastou o quadril um pouco para a direita, abrindo espaço para

mim. Enfie-me embaixo da coberta, recostando a cabeça sobre o seu ombro. Permanecemos em silêncio, sozinhos em nossos pensamentos. Mas, embora não estivéssemos fazendo muita coisa juntos, só a companhia já ajudou a dissipar, lentamente, o ar pesado preenchendo o quarto do meu amigo.

Não sei dizer quanto tempo passou, mas foi bastante, isso posso afirmar com certeza. Sei porque, quando sua voz arrastada invadiu meus tímpanos, dei um pulinho no lugar — que passou despercebido —, sobressaltada.

— Tem dias que eu odeio a minha vida. Eu só queria... não ser assim.

— Assim como? Gay? — indaguei, apesar de já saber a resposta. Ele assentiu com a cabeça, de cenho franzido.

— É tão irônico se chamar *opção* sexual. Como se eu realmente pudesse escolher! — Bufou, irritado. — Sério, entre levar uma vida normal ou sofrer preconceito não só da sociedade, como da própria família, ninguém seria louco ficar com a segunda opção, né?

— Se você pudesse ser diferente, seria? — Olhei bem fundo em seus olhos.

— Você não, em meu lugar?

Respirei fundo, refletindo sobre o rumo da conversa por um momento, enquanto tentava buscar as melhores palavras para exprimir como eu me sentia por dentro.

— Eu não tenho a menor ideia de como deve ser viver com o peso da sociedade sobre você, Arthur. Posso tentar entender, mas como nunca passei por isso, jamais saberei com certeza. — Cocei o nariz, encarando meus próprios pés. Era mais fácil falar dessa maneira. — Então, com toda a minha ignorância, eu preferiria ser livre. Mesmo se essa liberdade pudesse me machucar às vezes e ser realmente difícil, ainda valeria a pena, porque no fim das contas, seria a minha única maneira de experimentar a felicidade. — Parei, piscando os olhos algumas vezes. — Isso fez algum sentido?

Ouvi um soluço e, ao erguer o rosto, encontrei-o com lágrimas pululando dos olhos. Meu coração ficou do tamanho de uma ervilha. Em pouco tempo de convivência, Arthur tinha deixado de ser apenas o meu amigo, para virar um irmão, minha família. E, quando alguém da sua família está sofrendo, é impossível não sofrer junto.

— Eu te amo — ouvi-me dizendo e me surpreendi com a honestidade contida nas palavras. Arthur procurou meus olhos, encarando-me com atenção. — Não estou falando da boca para fora, eu realmente te amo. Você é o meu melhor amigo,

Arthur. E eu te amo porque você é desse seu jeito único, entende? Não me importa se às vezes é lerdo demais, nem se os seus banhos são responsáveis por mais da metade da conta de água. — Ele riu, abrindo um sorriso tímido, porém genuíno. — Não me importa se você é o maior pervertido da história da UEM e muito menos se é gay. Porque, Arthur, esse é você! Qualquer detalhe diferente e já não estaríamos mais falando da mesma pessoa.

“Sinto muito os seus pais serem esses monstros, mas eles estão enganados. Deus não é assim. Ele não tem vergonha de quem você é, tampouco quer te ver sofrendo a vida toda. Ele diz ‘amai ao próximo como ama a ti mesmo’. Amar, entende? Amor é a chave de tudo, não o ódio. — Deixei um estalado beijo em sua bochecha. — Não chore mais por quem não merece. — Sorri ao parafrasear algo dito por Adônis aquela tarde. — Você ainda vai ser muito feliz. Daqui a alguns anos, nós vamos olhar para trás e tudo isso não passará de algumas lembranças ruins de um passado muito distante.”

— Obrigado, bonequinha. Eu também amo você. E *já sou* muito feliz. Graças a você e Lily.

— Eu também sou muito feliz. — admiti, empertigando-me ao pensar na nossa colega de apartamento. — E preciso contar uma coisa... Logo que Nataly chegou de viagem, e durante muito tempo, na verdade, eu morri de ciúmes de vocês dois. Apesar de serem amigos há mais tempo, eu sentia uma conexão muito forte com você... Era difícil ver a proximidade entre você e Nataly. Mas agora o apartamento está tão vazio sem ela que eu só consigo pensar no quanto nossa amiga maluquinha faz falta.

Arthur riu, balançando a cabeça em negativa.

— Jesus, você sentia *ciúmes* dela?! — Mal tive tempo de responder e ele prosseguiu. — Que ironia. — riu novamente, puxando-me para um abraço apertado. Retribuí, um pouco confusa com sua resposta. Não precisei externar minha dúvida, no entanto, pois logo ele explicou, tal como se tivesse ouvido o meu pensamento. — Nataly morre de ciúmes de nós!

— Ah, para. Que mentira!

— Ela bate exatamente na tecla de que você e eu temos uma conexão única e que ela é visível para qualquer um.

Joguei a cabeça para trás, gargalhando em deleite. Tão logo ouvi a risada do meu amigo fundindo-se a minha, ri ainda mais, adorando aquele som que ele emitia. Como se uma coisa puxasse a outra, logo estávamos os dois com lágrimas nos

olhos, mas, dessa vez, nenhuma era de tristeza. O que era uma coisa muito, muito boa mesmo, como você deve imaginar.

— Vamos jantar na lanchonete vegana que você me fala sempre? — perguntei sem fôlego, quando enfim consegui parar de rir. Minha respiração estava entrecortada e a barriga doía de tanto se contrair. — Como é o nome mesmo?

— Vaca Louca — respondeu, encolhendo os ombros. — Não tenho dinheiro, Becca. Nem para o táxi, nem para gastar lá.

— Eu não te perguntei isso, seu chato. Estou te convidando. Aliás, quem disse que vamos de táxi?

— De *pó de flu* é que não vamos, né... — Brincou e, como resposta, bati com meu ombro no seu.

— Não, porque você é claramente um trouxa. — Mostrei a língua. — Mas existe uma invenção humana incrível, chamada bicicleta. E, por acaso, tenho uma.

Os olhos do meu amigo brilharam intensamente ao assimilar minhas palavras. Ele abriu um sorriso de orelha a orelha e não foi preciso mais palavra alguma para eu entender — aquela noite de domingo estava só começando para nós dois.



Capítulo 63

*Ela demonstrou tanto prazer em estar em minha companhia
Eu experimentei uma sensação que até então não conhecia
De se querer bem, de se querer quem se tem*

Jota Quest – Ela me faz tão bem

Curvei-me para frente, focada no desenho sobre minha carteira mais do que deveria, tendo em vista o fato de me encontrar em uma aula. Não me agradava muito ignorar deliberadamente a professora Patrícia, mas eu não tinha culpa se a aula dela era tão enfadonha a ponto de dar sono. As opções eram escassas, no fim das contas — ocupar-me com alguma coisa a fim de me manter acordada, ou roncar na frente de todos. E, bem, mesmo sendo uma pessoa que levava a sério os estudos, eu ficava com a primeira opção sem a mais remota sombra de dúvida.

Mas não era de todo culpa dela. Conforme nos aproximávamos do final do semestre, mais atolados de trabalhos e provas nos tornávamos. Eu me sentia

exausta e, pela primeira vez na vida, desejando que as férias chegassem o mais depressa possível. Minha cabeça precisava de um descanso, só para variar.

Ajeitei-me no lugar, esfregando as mãos para descongelar os dedos. Se tinha uma coisa que eu definitivamente não gostava no frio era a falta de sensibilidade nos dedos. Para alguém que gostava de desenhar, assim como eu, esse pequeno detalhe atrapalhava em demasia, e isso era um saco. Fiz o formato de uma concha com as mãos, levando-as à boca e bafejando em uma tentativa de aquecê-las.

Junho tinha chegado sem eu sequer notar e, com ele, o Inverno. Assustava-me um pouco que o tempo estivesse correndo tão depressa, pois eu sabia me aproximar de algo que ainda não estava preparada para lidar. E precisava, porque Adônis viajaria para outro país, quer estivesse eu pronta ou não.

Eu evitava ao máximo pensar a respeito do nosso inevitável destino. Não só por me deixar com um nó esmagador na garganta, como se eu tivesse me entalado com um cubo de gelo grande e incômodo, mas, principalmente, porque era difícil acreditar que estávamos mesmo fadados ao fim.

Se, por um lado, o acidente de carro foi um evento traumático para todos os envolvidos, por outro ele representava um marco na minha relação com Chewie e isso me deixava um pouco dividida. Quero dizer, estava mal por Nataly ter quebrado o braço e tudo mais, só que também me sentia grata porque, de um acontecimento ruim, algo bom nascera entre meu professor e eu.

Após o feriado de dia das mães, seu apartamento virara praticamente meu segundo lar. Eu precisava me policiar bastante para não ficar lá permanentemente, porque essa era uma ideia muito tentadora, afinal. Quanto mais tempo passávamos juntos, mais nos queríamos. Minha vontade por ele nunca saciava e estava certa de que a dele também não. Bastava estarmos sozinhos para Adônis me lançar a expressão lasciva que aprendi a adorar. Em meio a maratonas de filmes de terror e madrugadas inteiras ao som de seu violão, também descobria minha sexualidade. Logo eu, que sempre considerei o sexo um assunto superestimado, passei a enxergá-lo com outros olhos. Meu professor afluía um lado meu até então inexistente. Aos poucos, aprendi a me amar de maneiras inéditas, diante da maneira quase devota com a qual ele me consumia, cheio de paixão.

Depois de conhecer a faceta carinhosa de Adônis, ele passou a me mostrar as outras. Cada noite era uma surpresa diferente e, céus, aquele homem era insaciável! Era como se ele tivesse transferido toda a energia que gastava sendo um carrasco para mim. Eu simplesmente contava os segundos para a próxima *aula*.

Não que fosse a única a descobrir coisas novas, a propósito. Juntos, testávamos nossos limites, conhecíamos nossos corpos e constatávamos o quanto eles eram perfeitos um para o outro.

Certa noite, enquanto eu terminava de revisar a matéria da prova que teria no dia seguinte, Adônis apareceu na sala sem camisa, queimando-me com um olhar penetrante. Endireitei-me no sofá, reconhecendo sua expressão. Tentei protestar, explicando o quanto precisava estudar, mas, antes de sequer terminar a frase, vi-me no banheiro, suas mãos longilíneas arrancando as minhas roupas com pressa, os lábios famintos na minha pele.

— Você fica sexy demais de óculos, donzela. Ainda mais assim, toda séria...
— rosnou, empurrando-me com o próprio corpo para dentro do box e me beijando como se me devorasse.

Suas mãos me seguraram pelas pernas, pouco depois de ele ter ligado o chuveiro sobre nós. Fui pressionada contra a parede fria e soltei um guincho de protesto, porém o contraste com a água escaldante era interessante e, mais ainda, o controle que ele tinha sobre o meu corpo naquela posição. Apesar das lentes dos óculos respingadas de água, dificultando minha visão, não ousei tirá-lo, pois estava muito ciente do efeito deles em Chewie. Segurei-me nos suportes para shampoo, fitando-o nos olhos.

— Vou ficar de exame por sua causa!

— Não tem problema, eu te dou aulas particulares — respondeu, deslizando os lábios pelo meu pescoço e, ao mesmo tempo, traçando com a barba um caminho deliciosamente dolorido.

— Adoro a maneira como você me toca — admiti em um sussurro.

— E eu adoro como o seu corpo reage a mim.

Ele soltou minha coxa direita, fazendo-me escorregar até o pé tocar o chão. Então seus dedos avançaram para o meio de minhas pernas, alcançando meu ponto de desejo. Arquejei e fechei as pálpebras. Seus movimentos começaram tímidos, despretensiosos, mas então, quando menos esperei, ele estimulava com avidez meu sexo excitado.

— Adoro você inteira, donzela... suas curvas... seus sons... sua expressão de prazer... — sussurrava entre um beijo e outro, porém eu quase não conseguia compreender. Não dava. Não quando meu corpo era uma orquestra e Adônis, o maestro. Ele sabia exatamente o que fazer comigo, conhecia-me tão bem quanto as

cordas de seu violão. Era como se meus gemidos de êxtase fossem uma melodia a qual ele ansiasse ouvir desesperadamente.

— Adoro o quanto você é linda... por dentro e por fora... Adoro sua inteligência... seu atrevimento...

— E eu... adoro... ador... hummm... — tentei entrar no jogo, mas não pude. Não tinha forças. As ondas de prazer me cobriam, inundando-me.

Deixei ele fazer música comigo, até que simplesmente me desmanchei em seus braços. Correntes de choque emanavam de todas as direções enquanto eu lutava para colocar os pensamentos no lugar. Então Adônis saiu do box e voltou com uma camisinha, ainda munido de sua expressão lúbrica, animalesca, deliciosa.

Naquela noite, depois dos mais intensos orgasmos, fui tomada pela exaustão. Chewie me enrolou em uma toalha e me levou no colo até o quarto, deitando-me cuidadosamente sobre a cama e me cobrindo com o edredom de dinossauros para me proteger do frio. Meus dedos estavam enrugados como uvas-passas e meus olhos pesados de sono. Ainda assim, lembro-me muito bem do que aconteceu depois disso.

Sem desviar os olhos dos meus, deslizou uma cueca pelas pernas e, logo em seguida, uma calça de moletom. Pegou algo de dentro do guarda-roupa pouco antes de rastejar sobre mim usando os cotovelos, até nossos narizes ficarem a milímetros de distância. Percebi suas íris de Outono se movendo para lá e para cá, absorvendo cada detalhe do meu rosto. Minhas bochechas esquentaram de uma só vez, sorri timidamente para disfarçar.

— O que foi, minha donzela?

— Seus olhos... — soprei contra seu rosto, entorpecida. — São muito enigmáticos. Sempre quis saber as coisas que você pensava quando me encarava por muito tempo.

— Nunca adivinhou?

— Não. — Encolhi os ombros, passeando os dedos em movimentos circulares por suas costas.

— E pensar que agora pouco elogiei sua inteligência... — Brincou, fisingando o lábio inferior.

— Sai pra lá, seu Chewbacca! — mostrei a língua enquanto desferia alguns soquinhos de mentira contra seu ombro.

— De jeito nenhum — falou contra a minha boca, antes de me beijar ternamente. Enquanto nossas línguas se entrelaçavam, ele procurou minha mão e

soltou algo gelado dentro dela.

Encerrei o beijo no mesmo instante, olhando-o cheia de curiosidade.

— É um presente — explicou.

Ergui a mão no ar e me deparei com um molho de chaves, presa a um chaveiro em forma de *Millenium Falcon*. Sorri por ele ser tão atencioso aos meus gostos, mas não entendi muito bem o propósito daquilo.

Que presente mais estranho... pensei comigo, analisando as chaves. Uma delas era pequena e estreita, bem parecida com a do meu apartamento, a propósito. A outra, grandalhona e roliça, lembrava aquelas chaves genéricas que vêm em guarda-roupas e criados-mudos, e... *Ah, não!*

— O quê?! — arfei, arregalando os olhos. Eu tinha certeza de estar igualzinha a Arthur. — Isso... esse... Meu Deus, Chewie!

— Não vai testar? É a primeira gaveta do criado-mudo.

Assenti, o coração semelhante à bateria de uma escola de samba. Usei os braços para me sentar e o encarei com expectativa. Adônis, por sua vez, encontrava-se tranquilo e diria até... *divertido* com a situação.

Pulei para fora da cama, ajoelhei-me ao lado do móvel e o abri com as mãos trêmulas. Eu queria dizer para o meu cérebro ficar calmo e curtir o momento, só que não tinha muito controle sobre ele. O que era um problema, pois ele deixava o restante do corpo desgovernado.

Respira, Becca, meu subconsciente me encorajou, e tentei fazer exatamente isso. *Inspira, expira. Inspira, expira. Inspira, expira.* Apertei os dedos ao redor do puxador e arrastei a gaveta para fora, revelando seu interior abarrotado. Meus olhos fizeram uma varredura pelos itens variados — escova de dente, escova para cabelos, pantufas, uma camisola de cetim, alguns itens de higiene pessoal e até mesmo um livro!

Como estava sem palavras, apenas busquei seus olhos, sem esconder minha perplexidade. Chewie sorriu, encolhendo os ombros como se dissesse “não é nada demais”. Mas era, e eu sentia isso!

— Comprei essas coisas para você. Essa gaveta agora é sua — explicou com uma tranquilidade invejável. — Porque quero você sempre por perto.

— Mas eu moro do outro lado do corredor! — falei debilmente.

Adônis rolou os olhos nas órbitas antes de me agarrar com seus braços fortes. Caímos juntos na cama, rindo.

— Você entendeu, donzela. Não quero você do outro lado do corredor... quero *aqui*, comigo.

E, de fato, eu tinha entendido. Muitas coisas, aliás.

Adônis tinha se aberto de maneira definitiva, deixando-me entrar em seu mundo, permitindo-me fazer parte de sua vida, sem temer pelo futuro. Não existiam mais amarras entre nós. Seu coração estava exposto para mim e era tão lindo.

Pisquei mais vezes do que deveria e foi um erro. Em um segundo tinha tudo sob controle e, no seguinte, lágrimas jorravam dos meus olhos. Não era por causa do presente em si, no entanto. Não, aquelas lágrimas estavam ligadas à constatação que veio tão certa quanto um raio que rasga o céu em uma tempestade — eu o amava.



Capítulo 64

*Tudo o que eu sempre quis
Tudo de que sempre precisei
Está aqui nos meus braços*

Depeche Mode – Enjoy the silence

Mesmo depois de o sinal de troca de aulas repercutir de maneira irritante pelas paredes da UEM, permaneci indiferente ao que acontecia ao meu redor. Não tinha prestado atenção em uma única palavra da aula de professora Patrícia e, francamente, não me importava. Abri o estojo e procurei minha caneta nanquim dentro dele para finalizar o desenho. Era preferível ter ficado em casa a apenas servindo como volume, eu sabia, mas estava em um daqueles dias nos quais nada realmente tem muita relevância. Lá no fundinho do meu coração, quase existia um sentimento de culpa por ter ficado alheia às aulas. Veja bem, eu disse *quase!* Era

como se minha cabeça fosse um computador cuja memória estivesse no limite e, por isso, não havia espaço para nenhum outro arquivo.

Só me dei conta de em qual aula estávamos quando ouvi um pigarrear impaciente, seguido pela voz de trovão tão íntima para mim.

— Donzela, pode deixar isso para depois, por favor? — perguntou Adônis e, ao subir os olhos, encontrei-o em frente a minha mesa, com as mãos nos bolsos e as sobrancelhas arqueadas.

Mordi o lado de dentro da bochecha para evitar sorrir e deixá-lo bravo, mas devo salientar que foi uma tarefa consideravelmente complicada. Isso porque era muito satisfatório presenciar a mudança acontecendo aos poucos no Carrasco. E eu não era a única a notar, aliás.

Nas últimas semanas, parecia não existir outro assunto entre os alunos de Letras. Fosse caminhando entre os corredores apinhados de estudantes, ou espremida em algum banco do refeitório durante o intervalo, existia a certeza de que, eventualmente, alguém acabaria mencionando algum comportamento completamente-não-Adônis que serviria de estopim para o ambiente entrar em polvorosa.

— *Dá para acreditar? Meu celular tocou durante uma explicação e ele não me expulsou! Só me mandou desligar.*

— *Eu sei! É bizarro. Antes de ontem cheguei atrasado e ele não descontou um décimo. Tipo, oi? Quem é você e o que fez com o Carrasco?*

— *E eu que trombei com ele no estacionamento? Achei que o cara fosse ficar puto, mas não ficou. Fez cara de puto, mas apenas me pediu pra tomar cuidado. Na hora só consegui pensar “que porra...?”.*

Na maioria das vezes eu encarava meus próprios pés para ninguém me pegar sorrindo como uma boba. Era inevitável, pois achava muito excitante o nosso relacionamento secreto e, principalmente, a maneira como ele se manifestava em seu comportamento.

Arthur era quem mais me perturbava. Ele parecia decidido a compensar a falta de Lily e, por isso, não dava uma trégua. Desde o momento em que acordávamos até quando chegávamos à faculdade, onde evitávamos o assunto por motivos óbvios, eu era obrigada a ouvir todo tipo de besteira cabeluda, como, por exemplo, naquele mesmo dia, horas antes, enquanto almoçávamos um nhoque maravilhoso feito por ele:

— Eu sempre soube que era falta de sexo! Sério, Becca, você salvou a vida de todo mundo. Merece ser reverenciada!

— Cala a boca, Arthur!

— Tudo o que ele precisava era uma boa foda...

— Arthur!

É desnecessário dizer que ele só queria me irritar, não?

Nada disso funcionava, no entanto. Eu estava bem humorada demais para me importar com a sabatina sobre a minha vida sexual com Adônis. Se fosse antes, provavelmente surtaria. Mas parece que Chewie não era o único em metamorfose.

De toda forma, não era como se ele tivesse virado outro, porque, não, não tinha. A essência era a mesma de antes, e grande parte das exigências também — ainda precisávamos nos manter atentos às aulas e ele permanecia tendo punho firme para corrigir as provas e os trabalhos. Além do mais, o meu tratamento era exatamente o mesmo dos demais alunos, o que era muito compreensível, dado o fato de que não queríamos ser pegos. A grande diferença era que ele já não distribuía patadas aos quatro ventos, tampouco gritava com alguém. E isso mudava tudo.

Ouvi um novo pigarrear, dessa vez mais impaciente, que me fez ficar gelada na cabeça aos pés. Céus, estava realmente difícil me focar! Empertiguei-me no lugar e busquei as íris de Outono, as quais brilharam além do normal. Encolhi os ombros como se me desculpasse silenciosamente, porém não foi o bastante para ele.

— Donzela... — Ele respirou fundo. — Você quer explicar a matéria em meu lugar?

Fiquei mortificada e, por isso, limitei-me em balançar a cabeça em negativa.

— Então pode, por favor, ficar atenta?

Concordei com a cabeça, mas como ele permaneceu imóvel em frente à mesa, senti a necessidade de completar.

— Sinto muito.

— Sinto muito, *senhor*. — *Ah, claro. Isso, definitivamente, não mudou em nada*, meu subconsciente murmurou de maneira rabugenta.

Para fechar aquela noite com chave de ouro, fiz uma coisa que, em um dia normal, teria me deixado de cabelos em pé.

— Sinto muito, senhor. Não sei onde estava com a cabeça, senhor. Não vai se repetir, senhor. Vou ficar atenta, senhor. Eu prometo, senhor. Podemos continuar

a aula, por favor, senhor?

Eu juro, a sala ficou tão quieta que teríamos ouvido uma agulha cair no chão. Era como se todos tivessem prendido a respiração, temendo a reação dele. Minhas palavras flutuaram carregadas de ironia pelo que pareceu uma eternidade. Arregalei os olhos tanto que tive a sensação de que, a qualquer momento, pulariam para fora do meu rosto. Fiquei petrificada. Na minha mente, o único pensamento ecoando era: *estou tão ferrada, tão ferrada, mas tão ferrada!*

Então o pior aconteceu. Uma risada tímida surgiu, quebrando o silêncio desconfortável. Depois outra, e outra e mais outra até a sala toda gargalhar em uníssono.

Realmente ferrada! Irrevogavelmente ferrada!

Continuei o encarando fixamente, tentando prever em sua expressão corporal qual seria o meu castigo. Dada a forma como suas pálpebras estavam estreitas e os músculos rígidos, seria algo muito, muito ruim mesmo. Seus olhos davam a impressão de estarem em brasa, pois brilhavam intensamente, perfurando-me.

Levou algum tempo até a classe voltar a ficar silenciosa. Eu estava começando a ficar em pânico com aquela espera. Jamais o tinha visto fazer algo parecido. Ouvi algumas pessoas tossindo, como se estivessem começando a ficar desconcertadas, tal como eu.

Quando pensei ter visto a sombra de um sorriso em seu rosto, Adônis avançou dois passos e apoiou o pé direito na estrutura da minha carteira. Meu corpo se esqueceu de como respirar. Senti algumas gotículas de suor sobre o lábio superior, apesar do frio.

Ele balançou a cabeça e se inclinou para frente, aproximando o rosto do meu ouvido e falando baixinho.

— Quero conversar com você depois da aula, tudo bem?

Nossa, estou ferradíssima!

Se tem uma coisa que estou é ferrada!

Minha boca ficou muito seca e a língua se parecia com uma lixa bem grossa. Limitei-me a murmurar um “*sim, senhor*”, evitando o peso do olhar dos demais alunos. Não precisava ser um adivinha para constatar que as pessoas ao meu redor, as quais tinham conseguido ouvir suas palavras, espalhariam bem rápido o quanto eu estava encrocada. Eu já até podia sentir as orelhas quentes.

Passei o restante da aula imaginando os cinquenta trabalhos que ele provavelmente me passaria e lamentei ser tão linguaruda. Resignada, só me restou

prestar atenção na aula, lamentando não ter ficado em minha casa naquela noite. Eu só esperava que ele não levasse para o lado pessoal...

Pulei no lugar quando, em um piscar de olhos, o sinal reverberou estridente. Comecei a juntar meus materiais sem muita pressa, querendo atrasar ao máximo a iminente conversa. Minha velocidade era diretamente proporcional à quantidade de alunos ali dentro — quando menos sobravam, mais devagar eu empurrava as coisas mochila adentro. Observei com desânimo meu último colega de classe abandonar a sala. Adônis, que caminhava logo atrás dele, lançou o tronco para fora, olhando discretamente os dois lados do corredor pouco antes de fechar a porta. Abaixei a cabeça para apanhar um lápis que deixara cair no chão e, neste curto intervalo de tempo, jurei ter ouvido o som característico de uma porta sendo trancada. De sobranceiras unidas, empertiguei-me, para encontrar seus olhos.

Meu professor estava novamente com as mãos nos bolsos do jeans, estudando-me com uma expressão impassível enquanto percorria o curto espaço entre nós em passos sossegados. Jogando a mochila nos ombros, afastei a cadeira com os pés e me levantei, à espera do meu castigo.

— Olha, eu... eu sinto muito. Nunca quis te desrespeitar, nem tirar sua autoridade. Eu só... argh, não sei. Me sinto meio patética quando sou obrigada a te chamar de senhor.

Adônis me surpreendeu com uma risada baixa. Mas isso não foi nada comparado a como fiquei quando ele escorregou a alça da mochila pelo meu braço, tirando-a de mim e deixando-a no chão. Não consegui perguntar o que estava acontecendo, pois ele se aproximou ainda mais, até nossos corpos ficarem praticamente colados um no outro.

— Por quê?

— Por que o quê? — ecoei, concentrada em sua proximidade.

— Se sente patética com um detalhe tão bobo?

— Porque você nem é tão mais velho assim! — exclamei. Só que, então, ao ouvir minhas palavras, percebi que nunca tínhamos chegado naquele assunto. O que era um absurdo, na verdade. — Quero dizer, eu acho. *Como* ainda não sei a sua idade depois de todo esse tempo?!

Seus dedos compridos me seguraram pelo rosto delicadamente, aprisionando-me àquele momento. Arquejei de maneira involuntária, sem entender exatamente o rumo da conversa, a qual deveria ser para me corrigir.

— Vamos ver... Deve ser porque você nunca *perguntou*? — Sorriu torto, roçando o lábio no meu de um lado para o outro. Minhas pernas ficaram com a mesma consistência do pudim que Nataly fazia às vezes e que nunca, nunca mesmo, acertava o ponto. — Achei que não se importasse.

— N-não me importo. — Suspirei contra sua boca, distraída com as mãos que se fecharam nos meus seios. — Só fiquei curiosa.

— Tenho vinte e cinco.

Sua resposta morreu no ar porque ele logo me beijou com ardor. Nunca imaginei o quanto uma sala de aula pudesse ser afrodisíaca, mas, vai por mim, quando se está nos braços do seu professor gostoso, não existe lugar mais excitante que este. Não refleti muito a respeito da loucura de estarmos nos agarrando dentro da sala de aula no meio do intervalo. Era muito difícil manter a lucidez com Adônis tomando meu lábio inferior com os dentes e o sugando daquela maneira tão obscena que simplesmente me deixava de joelhos bambos. No entanto, quando suas mãos se fecharam na barra da minha blusa e se ocuparam em arrancá-la de mim, consegui colocar a cabeça no lugar — mesmo por uma fração de segundo.

Afastei a cabeça alguns centímetros, a respiração entrecortada. Apesar disso, suas mãos se mantiveram atarefadas. Ele desabotoava a própria camisa quase com desespero.

— Eu perdi alguma coisa ou estamos nos despindo no meio da Universidade?

— Tecnicamente não no meio. Mas sim, estamos nos despindo. — Abriu um sorriso largo que me arrancou o fôlego de uma só vez. — Não temos muito tempo, a propósito.

— Muito tempo...? Adônis! — falei simplesmente, boquiaberta com o que se passava bem diante dos meus olhos.

— O que foi? — Seu tom de voz estava cheio de uma inocência que eu sabia ser falsa. Ele tombou a cabeça ligeiramente para a direita, arqueando as sobrancelhas como se não conseguisse entender a razão para o meu atordoamento. Então, dada a minha falta de reação, voltou a avançar sobre meu corpo. Puxou meus cabelos para o lado e em pouco tempo seus lábios úmidos passeavam pelo pescoço.

Céus, era como se eu tivesse uma cachoeira no meio das pernas. Eu juro, tentava com todas as minhas forças ser racional, mas a cada segundo passado lá

dentro, a tarefa se tornava mais e mais difícil. A vontade de ignorar a vozinha alertando sobre a insanidade do que estávamos fazendo diminuía o volume, dando espaço à vontade de me entregar, sem me importar com as consequências.

— Nós não podemos... — minhas palavras saíram como um sussurro fraco, não convenceram nem a mim mesma.

Chewie me segurou pela cintura, virando-me de costas para ele. Suas mãos escorregaram pelos braços e se fecharam ao redor dos pulsos. Com o próprio corpo, ele me empurrou para frente até que eu estivesse com os cotovelos apoiados na superfície da carteira. Arfei em surpresa. Pensei que fosse enfartar. Meu coração, já acelerado, parecia prestes a escapar pela garganta. Perguntei-me se ele também podia ouvir as batidas frenéticas como eu as ouvia.

— Parece que você quer isso tanto quanto eu... ou estou enganado? — soprou contra minha orelha esquerda. Ele deixou algumas mordidinhas no meu ombro e eu me esqueci até mesmo de como se fazia para falar.

Por Draco Malfoy...

— Temos aula daqui a pouco!

— Eu sei. Mas não perguntei isso.

Eu queria pensar em uma justificativa perfeita, mas só conseguia focar nos seus lábios descendo pelas minhas costas, enquanto uma das mãos avançava para dentro da calça.

— Podemos ser pegos.

— A porta está trancada. Me diz que você não quer e eu paro.

— Eu... — engoli em seco, deliciada com os movimentos circulares no meio das pernas.

Joguei o quadril para trás involuntariamente, pressionando o bumbum contra o seu volume rijo. O simples gesto foi responsável por um gemido baixo e rouco dele, diria até mesmo um pouco sôfrego. Anotei mentalmente o quanto adorava aquele som.

— Chewie... — chamei baixinho, ainda incapaz de ceder. Bastou ele abrir o botão da minha calça, porém, para eu atirar o meu juízo no lixo. *Dane-se*, pensei, enquanto ele deslizava o tecido pelas minhas coxas. Fechei os olhos, com um sorriso inoportuno nos lábios. Um pouco pela situação maluca, um pouco porque eu adorava a sensação de me sentir desejada intensamente por ele.

— A essa altura do campeonato, pensei que você já soubesse o quanto eu fico louco com esse seu jeitinho atrevido, donzela. Ninguém mandou me provocar —

sussurrou baixinho, segurando-me com força nos quadris. Todos os pelinhos do meu corpo arrepiaram de uma só vez quando senti sua rigidez entre as minhas pernas e precisei fisgar o lábio com força para evitar que um gemido alto escapasse.

Entregar-me para Adônis naquela noite, apesar de ter durado pouco — até porque, tínhamos um tempo escasso —, foi muito diferente das demais vezes, de uma maneira única. Era como se ele não pudesse se segurar perto de mim, como se estar no mesmo cômodo que eu fosse uma tentação sem tamanho. Como se cada vez que o ponteiro do relógio marcasse um segundo a mais, menor fosse a chance de responder por seus atos. E isso me deixava lisonjeada e ávida de desejo, ao mesmo tempo.

Eu mal podia acreditar que tinha passado da Rebecca decidida a não se apaixonar para a Rebecca que fazia amor com o namorado em um local público. Mas podia afirmar que jamais veria aquela sala — sobretudo aquele lugar onde estava apoiada — da mesma forma. Assim como nos demais aspectos da minha vida, Adônis ficava cada vez mais impregnado em mim e eu começava a me perguntar se algum dia poderia mesmo tirá-lo da minha alma e simplesmente seguir em frente.



Capítulo 65

*Alguém me disse tempos atrás
Que há uma calmaria antes da tempestade
Eu sei
Já vem chegando há algum tempo*

Creedence Clearwater Revival – Have you ever seen the rain

Espreguicei-me, aproveitando para esticar as pernas no sofá aconchegante. Castiel me lançou um olhar indignado, como se me culpasse por ter interrompido o sono dele em meu colo. Eu me surpreendia com o quanto aquele gatinho era expressivo, até parecia humano. Enterrei a mão nos pelos acobreados, afagando-o carinhosamente. Já havia perdido a noção de quanto tempo havia se passado desde quando me sentara ali para revisar o conteúdo da prova de Língua Inglesa, mas sabia ser bastante, pois sentia o bumbum amassado, além de um sono descomunal avançando de fininho.

Estiquei as costas para trás, a fim de conseguir espiar Adônis na cozinha. Ele se encontrava inclinado sobre a mesa, ocupado com uma pilha assustadora de provas para corrigir. Os cabelos estavam bagunçados de um jeito charmoso, caindo sobre o rosto dele — que ficava simplesmente irresistível quando estava tão concentrado.

Agora eu conseguia entender o dia em que ele simplesmente me atacou enquanto eu estudava. Existia algo nas pessoas quando elas estavam sérias e concentradas que mexia com a imaginação. Era uma tentação.

Ele estava sentado de frente para a sala, de modo que eu tinha visão completa do seu rosto. O cenho franzido, os lábios ligeiramente separados, os ossos proeminentes da clavícula que, apesar do frio, estava desnuda. Suspirei, arranhando a unha no sofá sem sequer me dar conta. Às vezes eu não acreditava na sorte que tinha, ele era tão bonito...

Meu rosto esquentou quando seus olhos subiram, em um rompante, pegando-me no flagra. Senti como se existisse um secador de cabelos apontado nas bochechas. Talvez ele não tivesse percebido o quanto fiquei desconcertada por estar o secando deliberadamente por longos minutos, porque apenas me lançou uma piscadela, com um sorriso doce nos lábios.

De repente, não senti mais vontade alguma de retomar os estudos (já era a minha segunda revisão, afinal de contas). Agarrei o corpo roliço de Castiel, ignorando seu miado agudo de protesto, o qual dizia com todas as letras “sua traidora!”. Coloquei-o no chão com delicadeza, abandonando a sala sem pensar duas vezes.

Quando meu pé descalço tocou o azulejo frio da cozinha, um arrepio desceu pela espinha, como se alguém tivesse soltado um cubo de gelo nas minhas costas. Estremeci-me inteira, arrastando uma cadeira para me sentar ao lado de Chewie, que me observava com uma expressão divertida.

— Não consegue ficar longe de mim, hein? — Brincou, esticando-se para me beijar na boca.

— Foi culpa do Castiel. Ele me expulsou da sala.

— Gato esperto — disse, olhando de soslaio para o bichano.

Rolei os olhos nas órbitas. Ele riu de maneira contagiante e, por isso, peguei-me rindo junto. Encarei-o com um carinho enorme, dobrando o tronco para frente, então afastei o cabelo do seu rosto. Meus olhos recaíram para a bagunça de papéis

ocupando toda a superfície da mesa. De um jeito muito estranho, ele conseguia manter certa organização mesmo no caos.

— Falta muito? — indaguei, distraída.

— Depende... você vai dormir aqui?

— Possivelmente.

— Então já estou quase terminando. — Encolheu os ombros, com um sorriso lindo, o que me arrancou outra risada.

Ficamos em silêncio por algum momento. Aquele tipo de silêncio acolhedor e confortável. Rocei o dedo na quina da mesa, estudando-o atenciosamente. Eu achava tão intrigante que, apesar de não ser exatamente sua paixão, ele levasse a profissão a sério. E, por isso, acabei externando o pensamento em voz alta.

— Por que você decidiu seguir carreira de professor se nunca foi a sua verdadeira opção?

Chewie me encarou significativamente, parecendo surpreso com a pergunta. Seus lábios se contraíram em uma linha, enquanto ele parecia pensar a respeito. Não deixei de perceber a maneira como sua mão buscou instintivamente o colar pendurado ao pescoço, aquele cujo pingente era um anel prateado. Então me ocorreu que, talvez, não se tratasse de um anel qualquer.

— Não sei, parecia a coisa certa a fazer. Eu sempre fui bem pé no chão. Sabia que seria mais fácil alcançar meus objetivos se estivesse financeiramente estável — concluiu, dando de ombros.

— Foi bem maduro da sua parte. — Sorri. — Eu admiro que você leve a sério sua profissão. — Empertiguei-me no lugar, olhando-o com malícia antes de completar. — Bom, mais ou menos, né?

Ele separou os lábios, fingindo estar chocado.

— *Mais ou menos*, donzela?

— Sabe como é, nem todos os professores concordariam com a sua conduta em ambiente de trabalho.

— Está mesmo me julgando por ter feito amor com você em sala de aula?

— Isso é exatamente o que estou fazendo! — Brinquei e, em troca, recebi um beijo manso e cheio de carícias. Ele deixou uma mordidinha no lábio inferior antes de se afastar novamente.

— Sua hipócrita! Você é a minha aluna, possui sua parcela de culpa por ter me enfeitado.

— Meu Deus, como você é brega! Enfeitiçado? Isso é tão cantada de tiozão, Adônis. Eu esperava mais de você.

Sua gargalhada foi genuína. Seus olhos se encheram de pés de galinha, ao passo em que meu coração se encheu de amor. Observei-o com um enorme sorriso, até que se recuperasse para responder.

— Rebecca... — Olhou-me com atenção, forjando uma expressão entregue.
— Não sou o *Charmander*, mas você me deixa pegando fogo!

— Não! — praticamente berrei, enquanto ríamos como loucos. — Nossa, está piorando cada vez mais.

— Ok, posso fazer melhor.

— Estou esperando. — Cruzei os braços, arqueando as sobrancelhas em desafio.

— Não sou o Yoshi, mas daria a minha vida por você! — sussurrou de maneira sexy, com uma expressão de carência que me deixou toda boba. Droga, não tinha como brincar quando ele conseguia me deixar apaixonada sem o menor esforço.

— Desista, Chewie. Se você dependesse de cantadas, ainda estaria solteiro.

— Poxa, eu me esforcei... — disse, arrastando a cadeira para trás em um movimento ligeiro. Logo me vi em seus braços e senti um friozinho na barriga que se espalhou por todo o corpo. — Vou precisar jogar com outras cartas, então.

Nós não fomos muito longe. Adônis me soltou sobre o sofá onde eu estivera durante a noite toda, deitando-se sobre mim. Apesar de esmagada pelo seu peso, eu adorava a sensação. Ri baixinho, passeando os olhos pelos menores detalhes do seu rosto que eu tanto adorava — as translúcidas íris com cor de Outono, o nariz comprido e reto, os lábios bem delineados que me davam uma vontade insaciável de beijá-lo até não aguentar mais. *Talvez essa não seja uma má ideia*, meu subconsciente sussurrou para mim e precisei concordar.

— Você nunca me contou muito da sua vida — comentei, raspando as unhas de levinho em seu pescoço, com movimentos de vai-e-vem. — Como foi depois de... hum... depois de tudo?

Ele deixou beijinhos nos cantos da minha boca. Eu simplesmente adorava quando fazia aquilo. Apoiando-se nos cotovelos, afastou o rosto para conseguir me fitar nos olhos.

— Depois do acidente? — perguntou e fiz que sim com a cabeça, adiantando-me em explicar.

— Quero dizer, como exatamente veio parar aqui?

— Eu continuei a faculdade. Meus pais não queriam, eles me pediram para trancar pelo menos por um ano e, bem, tentar colocar a cabeça no lugar. Mas, sei lá, achei que fosse surtar se ficasse em Londrina com eles por tanto tempo, porque lá tudo lembrava a Cecília. Passei só as férias de verão e voltei para Santa Catarina. Eu me foquei nos estudos completamente, só para não pensar tanto no que tinha acontecido e acabar ficando na merda. Funcionou.

Ele enterrou os dedos nos meus cabelos, massageando minha cabeça com mansidão. Todos os pelos da nuca eriçaram.

— Quando menos percebi, estava formado. Voltei a morar com os meus pais e fiquei perdido. A gente pensa que vai sair da faculdade com a carteira assinada no emprego mais foda, mas a realidade é bem diferente. — Riu baixinho. — É *bem* diferente mesmo. Minha mãe fez a minha cabeça e, por isso, comecei a pós. O salário de um professor com pós é muito maior e me pareceu uma boa ideia. Nessa época meu melhor amigo, Domênico, tinha acabado de se mudar para Dublin e eu decidi que queria o mesmo. Você sabe, recomeçar e tudo mais. Acabei conseguindo algumas aulas em uma faculdade particular, não muito tempo depois, o que foi muito bom, porque eu não aguentava mais ficar na casa dos meus pais.

— Que horror! — exclamei.

— Espera, não é nesse sentido! Eu amo a minha família para caramba, mas depois que se experimenta a liberdade, voltar para a casa é como uma prisão, donzela. Você vai passar por isso também.

Assenti com a cabeça, dobrando minha perna direita sobre o bumbum dele, como se para impedi-lo de sair dali. Não que ele estivesse tentando, a propósito. Mas sabe como são casais apaixonados, não?

— E depois?

— Dois anos se passaram muito rápido... — Ele sorriu, parecendo se desculpar por não ter muito mais a contar. — E aqui estou eu. O resto você já sabe.

— Só isso?

— Sinto muito, donzela, mas eu tenho sangue *hobbit*. Aventuras não combinam muito comigo.

— Você é alto demais para ser um *hobbit*! — atirei, fazendo-o rir.

— Tem razão. — Lançou-me uma piscadela, levantando as mãos no ar como se desse a batalha por perdida.

— E quando exatamente você começou a fazer aquele esporte que te deixou com o corpo assim?

— Assim como? — indagou, fingindo não entender. Eu via na sua expressão que ele queria apenas me ouvir dizer e, por isso, atendi sua vontade.

— Gostoso. Com esses gominhos aqui... — Passei os dedos por eles, contornando-os. — E esse V que me faz querer decretar essa a melhor letra do alfabeto.

— Você está se tornando uma bela de uma safada, hein? — Ele abriu um sorriso largo ao mesmo tempo em que eu dava um tapinha em seu peito. — Respondendo sua pergunta, foi na época da faculdade. Eu e meus amigos de banda conversamos muito depois do acidente e decidimos encerrar O Tadeu. Mas eu precisava demais estar envolvido com atividades, então aceitei o convite de um conhecido e daí uma coisa levou a outra...

Suas palavras ainda pairavam no ar quando ele espiou as horas no relógio de pulso. Notei as sobrancelhas grossas arquearem por uma fração de segundo antes dele se inclinar para deixar uma mordida na minha clavícula. Abafei um gemido, contorcendo-me inteira. Aquela era, definitivamente, uma de minhas zonas erógenas. Eu arrepiava com o menor toque, imagine então sua boca passeando por ali. Quando achei que as coisas estavam prestes a esquentar, no entanto, Adônis se levantou. Lancei um olhar indagativo para ele.

— Já é tarde... Estou indo tomar banho, vem comigo? — Sua boca entortou para a direita, sem esconder a proposta safada por trás do convite. Imittei seus gestos, levantando-me em seguida.

— Esse é o tipo de coisa que você não precisa nem perguntar — respondi, arrancando uma gargalhada deliciosa dele. Seus olhos brilharam. — Preciso só conferir meu e-mail antes. Estou esperando uma colega mandar a parte dela do trabalho que estamos fazendo em grupo. Posso usar seu computador?

Suas mãos se fecharam ao redor da minha cintura, buscando-me contra seu corpo.

— Só se você prometer estar lá em, no máximo, dez minutos.

— Uhum — soprei contra sua boca. — Talvez até em cinco.

— Então pode. — respondeu ele, deixando outra mordidinha alucinante na minha clavícula antes de abandonar a sala.

Pelo anel de Frodo Bolseiro, arfei, esfregando o rosto com as duas mãos para recobrar o juízo. Pensar com clareza era quase impossível com Adônis por

perto. Em passos preguiçosos, tracei o caminho até o quarto no final do corredor, o qual ele usava como uma espécie de escritório. Na maioria das vezes, era lá onde Adônis preparava suas aulas e corrigia suas provas e trabalhos. A porta rangeu bem alto ao ser aberta, chamando atenção de Castiel, que veio me fazer companhia.

Apesar de ter estado ali poucas vezes, eu gostava da atmosfera daquele cômodo, sentia como se fosse acolhida por ele. Imaginava Chewie concentrado por horas a fio ali, lendo infinitas redações e, dessa forma, conhecendo um pouquinho mais de seus alunos. Rocei a ponta dos dedos na estreita prateleira em formato de escada, a qual se encontrava abarrotada de livros — alguns técnicos, alguns de ficção. Meu coração apertou um pouco ao reparar em alguns exemplares de Nicholas Sparks espalhados entre tantos outros, como se para passarem despercebidos. Perguntei-me, com um estranho nó na garganta, se ele os lera ou simplesmente guardava pelo significado contido em cada um. Não me permiti pensar muito mais a respeito, de toda forma. Não importava. Ele tinha o direito de levar as memórias da primeira namorada consigo para onde quer que fosse, assim como eu teria quando a hora da despedida chegasse.

Suspirei, tocando o encosto da cadeira de pernas palito posicionada em frente à ampla escrivaninha feita com cavaletes. Seria estranho deixar de visitar aquele apartamento já tão familiar e mais estranho ainda presenciar outras pessoas morando ali. Seria doloroso não encontrar Adônis e Castiel todas as madrugadas. Seria quase impossível suportar a saudade, eu sabia disso. E tinha medo de simplesmente não ser madura o suficiente para lidar com aquela situação no futuro, porque, embora lutasse para enfiar na cabeça que o destino estava decidido, meu coração não conseguia compreender muito bem a ideia.

Balancei a cabeça, querendo afastar as preocupações. Era burrice sofrer com antecedência. Se o sofrimento seria inevitável, que pelo menos fosse uma única vez, não aos picadinhos.

Puxei a cadeira e me sentei, um pouco rígida. Empurrando os óculos para cima com o dedo indicador, agarrei o mouse, torcendo para Luciana ter mandado sua parte do trabalho — a única faltando para que pudéssemos concluí-lo. Digitei apressadamente meu *login* e senha, ansiosa para terminar o mais rápido possível com aquilo e finalmente poder me unir ao meu Chewbacca. No entanto, como eu já antevia lá no fundo do meu coraçãozinho, encontrei a caixa de entrada vazia. Retorci o rosto em uma careta insatisfeita. *Argh, que droga!*, pensei, irritada.

Eu odiava tanto, tanto, tanto alunos que não se comprometiam com as responsabilidades. Minha nossa, se ela soubesse disso jamais teria pedido para participar do grupo porque, honestamente, minha vontade era de falar umas poucas e boas para aquela irresponsável. Revirei os olhos, cansada de aceitar passivamente sua negligência com algo que envolvia a nota de mais quatro pessoas. Aprumando-me no assento, decidi enviar uma mensagem pelo *Facebook* a fim de cobrar (pelo que parecia ser a vigésima vez) a parte dela.

Achava-me tão imersa pensando no quanto nunca mais queria fazer equipe com Luciana em toda a minha vida acadêmica que demorei alguns segundos para perceber a notificação de mensagem não lida. Abri despretensiosamente o *inbox*, notando com certa curiosidade a falta de nome e foto do remetente, o qual estava identificado apenas como *Usuário do Facebook*. Isso significava vir de alguém que havia me bloqueado depois de entrar em contato comigo.

Cliquei sobre a bolinha e uma caixa de texto pulou no canto inferior direito da tela. Pisquei algumas vezes e estreitei os olhos ao me deparar com a mensagem extensa. Foquei a visão, só para constatar que não estava ficando louca. Então senti uma guinada muito forte no coração. Por um segundo, acreditei que estivesse morrendo.

Era ela, minha mãe.

Ela tinha respondido.

Depois de quase dois meses, quando eu já acreditava que ela tinha apenas decidido me ignorar.

Oh, Deus. Oh, Deus. Oh, Deus..., o pensamento se repetiu em *looping* na minha cabeça, enquanto eu reunia coragem para encarar aquilo de frente. Minhas mãos tremiam como as de uma pessoa nua bem no meio do Polo Norte. Meu estômago assemelhava-se a uma centrífuga, eu sentia como se a janta fosse jogada de um lado para o outro lá dentro, só esperando para jorrar pela minha boca.

Ok, fica calma. É só uma mensagem, Rebecca. Ela não pode te fazer mal, mentalizei com firmeza, sem nunca desconfiar como eu estava terrivelmente enganada quanto a isso.



Capítulo 66

*As coisas não são fáceis
Então, basta você acreditar em mim agora
Não aprenda as coisas na marra
Apenas me deixe te mostrar como*

Alok – Hear me now

Não me dei conta de que agarrava os braços da cadeira com tamanha força enquanto lia a mensagem da minha mãe. Na verdade, eu me encontrava alheia a todas as manifestações acontecendo no meu corpo naquele momento. Não percebi o tremor ininterrupto nas minhas pernas, tampouco a maneira como minha respiração estava curta e rápida. Também não me lembrei de que tinha prometido para Adônis estar no banho com ele em poucos minutos. Eu tinha esquecido o mundo ao meu redor, só tinha olhos para aquelas palavras. Como sempre, ela tinha todo o controle sobre mim. Eu era uma idiota e tinha total consciência disso. Mas simplesmente não conseguia evitar.

Não sei exatamente a razão para ter me procurado depois de tanto tempo e, francamente, não me importo nem um pouco. Eu sequer pretendia me incomodar em responder, mas não consigo simplesmente aceitar que você cuspa seu discurso de “ah, como sou coitadinha e injustiçada” sem que haja uma consequência. E é só por isso, Rebecca, que estou me dando ao trabalho de te escrever. Chegou a minha vez de atirar as palavras.

Eu tinha quatorze anos quando seu pai apareceu na minha vida. Apesar de nova, eu chamava muita atenção com o meu corpo. Estava acostumada com homens virando a cabeça para me olhar aonde quer que fosse. Tinha tantas curvas quanto uma mulher feita e, claro, ele percebeu isso bem rápido.

Seu pai costumava ser o tipo de homem com quem todas as mulheres sonham estar. Tinha a beleza de um ator, com os olhos verdes espertos e o sorriso fácil. Eu deveria ter imaginado que seria problema, mas não era tão inteligente quanto julgava, afinal. Quando menos percebi, me apaixonei. Ele me tinha nas mãos e sabia disso.

Se parece com tantas outras histórias que ouvimos por aí, não?

Só que não era como as outras, era pior.

Ele era um amigo de longa data dos meus pais que tinha acabado de voltar para Santa Cruz do Rio Pardo. Além de ser casado, era, pelo menos, vinte anos mais velho. Seu pai se aproveitou da minha ingenuidade, Rebecca. Por muitos meses. Eu o amei desesperadamente e acreditei em cada uma de suas promessas. Acreditei quando disse que largaria a esposa para ficar comigo e que fugiríamos para algum lugar melhor. Acreditei que ele também me amava e, por isso, me entreguei por inteira.

Até que veio a notícia de que eu estava grávida e tudo mudou drasticamente. Eu estava tão cega que, em um primeiro momento, me senti a garota mais sortuda do mundo. Finalmente ele teria o motivo que faltava para me dar a vida que eu sonhava ter. Mas foi bem diferente disso. O que ganhei foram ameaças. Ele prometeu me matar se alguém suspeitasse de nós dois. Eu estava proibida de “abrir o bico”. E foi então que percebi o quanto você era maligna.

Sempre tive grandes planos para a minha vida. Todos apostavam as fichas em mim. Eu era exatamente como você — jovem, estudiosa e cheia de energia. Mas toda a esperança de um futuro grandioso foi arrancada de mim de maneira

dolorosa e cruel. Você me destruiu, mudou tudo para sempre. Eu nunca pedi nada disso. Nunca te quis.

Quando digo que você não é minha filha, Rebecca, não é da boca para fora. Você não é NADA minha, além de um parasita que esteve no meu ventre por nove longos meses. Mãe é aquela que oferece proteção, afeto, carinho e eu jamais seria capaz de te oferecer algo assim. Porque você está certa, eu TE ODEIO. Vai muito além disso. Eu sinto NOJO de você. Repulsa. Desejei sua morte obsessivamente e jamais conseguirei perdoar meus pais por não respeitarem a minha decisão de cortar o mal pela raiz. Nunca quis que você existisse. Cada vez que você chorava na minha frente, eu me sentia um pouco mais vitoriosa. Porque, para mim, isso é o que você merece por ter destruído todas as minhas chances.

Despertei da realidade ao sentir os braços fortes e seguros de Adônis se fecharem ao meu redor. Enterrei o rosto em seu peito nu, chorando com a mesma intensidade que faria se alguém tivesse cravado uma adaga em meu coração repetidas vezes e continuasse me golpeando. Mais do que nunca, eu tinha raiva de mim mesma por ter provocado aquilo. *Por que você foi atrás dela? Qual o seu maldito problema?*, meu subconsciente perguntava copiosamente, castigando-me ainda mais. A questão é que eu não conhecia a resposta. A única coisa que sabia — bem até demais — era o quanto uma rejeição doía na alma.

— O que aconteceu? — perguntou ele, com a voz urgente, mas simplesmente não tive forças para responder.

Parecia tão distante a nossa conversa sobre o passado dele, assim como o convite para o banho. De repente, eu era aquela garotinha assustada, sendo arrastada para os cantos para que minha mãe pudesse demonstrar seu ódio. Voltei a ser a Rebecca acuada, a qual se escondia nos livros para fugir da realidade. Voltei a experimentar a pontada lancinante no peito e o nó na garganta que crescia a cada segundo, sufocando-me. Fechei as mãos em punhos, sentindo o ardor das minhas unhas cravando nas palmas. Eu só queria que aquilo passasse. Eu queria ser forte o suficiente para abandonar o passado, queria não me afetar tanto. Eu só queria fugir da dor. Meu Deus, como eu queria!

Percebendo quão no fundo do poço eu me encontrava, Adônis agiu da melhor maneira que poderia naquela situação — apenas permaneceu ali, onde estava, com os braços ao meu redor, como se me protegessem de toda a maldade do mundo. Embalada em seu perfume amadeirado misturado ao cheiro de sabonete

que subia da sua pele ainda quentinha do banho, permiti que as lágrimas jorrassem. Uma a uma, elas lavaram a minha alma. Uma a uma, elas me ajudaram a ficar calma quando o mundo parecia ter ruído em frente aos meus olhos.

Conforme o pranto cessava, uma cefaleia intensa avançava de fininho. Quando menos percebi, espremia as pálpebras de tanta dor. Era como se alguém estivesse martelando o meu crânio impiedosamente com uma pedra muito afiada. Céus, eu estava em frangalhos. Só queria estalar os dedos e sumir. Desse jeito, em um piscar de olhos.

Aninhei-me um pouco mais nele, completamente perdida. A tristeza tem esse poder, afinal. Ela te dá uma surra, te venda e te joga em um lugar irreconhecível, longe de tudo e de todos. Somente você e a solidão. Mas não uma solidão física. Não, essa é bem pior. É uma solidão da alma. Aquela que se sente mesmo cercado de pessoas. Aquela que corrói aos poucos até que você se torne um morto-vivo.

— O que aconteceu? — Adônis perguntou outra vez e sua voz veio como uma faísca de luz em meio ao breu em que eu me achava.

Ainda incapaz de encontrar a minha voz em qualquer lugar que fosse, apenas indiquei o monitor com a cabeça. A janela permanecia aberta, como um lembrete terrível de tudo que eu adoraria jamais recordar.

Chewie afrouxou um pouco o abraço, a fim de aproximar o tronco do computador. Observei suas íris translúcidas irem da direita para a esquerda sem parar. Mordisquei o lábio inferior, arrancando uma ou duas lascas de pele enquanto media suas reações a partir das expressões que o seu rosto assumia. Quanto mais ele lia, mais seu cenho se franzia, destacando os sulcos profundos na testa. Era possível enxergar o Adônis de antes, cheio de raiva, surgindo aos poucos. Seus lábios estavam tão crispados que eu mal os enxergava, porque tinham virado uma linha reta muito rígida. Quando terminou de ler, soltou-me em um rompante, levantando-se com rispidez. Subi os olhos, cheia de expectativa. Deparei-me com seu rosto pálido e chocado. As narinas estavam dilatadas enquanto ele balançava a cabeça em negativa sem parar. Então, sem mais nem menos, saiu em disparada do quarto, deixando-me sozinha.

Como se os dois estivessem revezando o turno para me dar amor, Castiel pulou no meu colo tão logo seu dono abandonou o cômodo. Enterrei os dedos em seus pelos macios e o acariciei como forma de agradecimento pelo apoio. Juntos, ouvimos os passos pesados de Adônis andando pela casa, portas sendo abertas e fechadas com força, gavetas deslizando nos trilhos. Perguntei-me o que poderia

estar acontecendo e ponderei se deveria ir atrás dele. Não cheguei a formular muitas teorias na cabeça, porém, pois logo ele estava de volta. Completamente vestido, ele trazia o violão e um cachecol e estava acelerado, eu diria até inquieto.

— O que está fazendo? — consegui perguntar. Minha voz saiu desafinada e fraca.

— Me preparando para fugir com você.

— *Fugir?*

— É. — Ele encolheu os ombros. — Vamos sair um pouco de casa e tentar esquecer esse monte de merda.

— Não estou a fim.

— Vamos lá, donzela. Não faz bem nenhum ficar remoendo essas coisas. Coloque uma blusa bem quente, porque está frio para caramba.

— Você não me ouviu? Eu não quero! — respondi, um pouco mais agressiva do que deveria.

Ele me encarou cheio de ternura, limitando-se a sorrir. Foi o suficiente para me desarmar.

— Por favor... é uma emergência. Não vou te deixar chorar a noite inteira, nem que eu precise te jogar nos ombros e te levar a força.

Quando menos percebi, tinha um sorriso tímido pincelando meus lábios. Às vezes, quando estamos feridos e cheios de raiva, a única coisa que realmente precisamos é de alguém para cuidar de nós e nos mostrar outro ângulo para encarar a realidade. Como quando somos crianças e ralamos nossos joelhos. Do chão, nós choramos e lamentamos o ocorrido, tristes pelo machucado. Mas então, as mãos de um adulto cuidam de nossas feridas e nos levantam outra vez, propondo que, depois de cada tombo, a única opção existente é a de seguir em frente.

Expirei o ar dos pulmões e assenti, pensando que, no fim das contas, poderia ser de grande ajuda tirar o foco do passado e voltar toda a atenção para o presente.

— Tudo bem — respondi. — Você venceu.

— Que bom. — Ele sorriu genuinamente. — Porque eu estava prestes a te erguer no colo. Mais um segundo e estaria encrencada.



Depois de tomar um remédio para dor de cabeça e me preparar para encarar o frio intenso de uma madrugada de junho, nos encontrávamos no estacionamento do condomínio. Dentro da minha cabeça, eu listava todos os motivos pelos quais não considerava uma boa ideia o simples fato de ter deixado o apartamento de Adônis para trás. O primeiro e mais óbvio de todos era que eu simplesmente não me sentia disposta para coisa alguma. A não ser que essa coisa em questão fosse chorar em posição fetal, é claro. Mas, além disso, eu teria uma prova no dia seguinte e precisaria passar a tarde fazendo a parte do trabalho que Luciana não havia entregado. Uma noite mal dormida não era exatamente a escolha mais sensata a se tomar diante de todos estes outros fatos.

Apesar disso, não ousei externar meus pensamentos. Não fazia sentido quando Adônis parecia tão determinado a me colocar para cima. Eu tinha descrença de que um passeio de carro fosse me tirar da fossa, mas já valia a pena só o fato de ele tentar. Eu teria topado qualquer coisa com ele, em parte como maneira de agradecer por se importar comigo, mas principalmente pela companhia.

Tão logo entramos no carro, escondendo-nos do frio cortante, ele inclinou o tronco em minha direção, deixando um beijo suave na minha boca. Então, com um sorrisinho travesso, alcançou o cachecol que havia trazido consigo e estendeu em frente ao meu rosto. Observei a lã cinzenta se aproximando até dominar a minha visão e só então constatei que estava sendo vendada!

— Hei! — protestei, mas ele cobriu meus lábios com os seus outra vez.

Sua mão subiu pela minha coxa enquanto eu correspondia ao beijo e comecei a me perguntar o que exatamente Chewie pretendia. Quando ameacei tirar o pano dos meus olhos, porém, seus dedos gelados me impediram, segurando-me pelos pulsos. *Pelo amor de Yoda...*, pensei, arquejando em surpresa. A situação como um todo ficava mais inesperada a cada segundo.

— Confia em mim? — perguntou baixinho, muito próximo do meu ouvido. Todos os meus pelos eriçaram, num misto de confusão e excitação. Mesmo que eu não estivesse com o melhor estado de espírito, ele tinha conseguido implantar uma sementinha de curiosidade dentro de mim, a qual germinava em uma velocidade surpreendente.

— Você sabe que sim.

— Então não tire a venda, tudo bem?

Assenti, obedecendo-o. Suas mãos soltaram meus braços e ele se afastou. Lamentei um pouco, era bom sentir sua presença sem saber quais seriam seus

próximos movimentos. O elemento surpresa podia ser um aspecto bem interessante.

Ouvi a chave girando na ignição e logo depois veio o ronco característico do motor sendo ligado. Senti um friozinho na barriga. Conforme o carro se locomovia devagar, eu conseguia perceber as luzes ondulantes vindas da rua. Tentei prestar atenção no caminho, mas era muito difícil manter senso de direção naquelas circunstâncias. Por isso, poucos minutos depois, ao sentir o automóvel parar, eu não fazia a mais remota ideia de onde poderíamos estar.

— Eu fiquei bem mal depois do acidente. De verdade. — Sua voz penetrou meus tímpanos de surpresa. Dei um pulinho no lugar, torcendo para ele não ter percebido. — Não queria mais comer, tomar banho, ou, sei lá... Eu não fazia mais nada. Só dormia o dia inteiro e descontava minhas frustrações em todo mundo. Enfim, foi muito difícil. Até o meu pai perturbar a minha paz, numa madrugada qualquer. — Chewie riu e pude perceber um pouco de saudade em sua risada. — Ele entrou no meu quarto me mandando colocar uma roupa, porque era “hora do show”. É óbvio que eu não queria ir para lugar nenhum e fiquei muito puto com o que quer que ele estivesse tentando, mas aceitei só para ele parar de fazer barulho.

“Nós entramos no carro e ele me vendou, mesmo sob meus protestos. Então dirigiu por algumas quadras para eu não saber mais onde estávamos. Exatamente como estou fazendo com você agora. Daí ele me pediu para guiar o caminho, daquele jeito, sem ver nada. Se eu falasse para ele virar a esquerda, ele simplesmente obedecia. Eu podia orientá-lo por minutos ou horas, a única regra era que precisávamos parar em algum lugar. Era eu quem deveria indicar quando. Achei a ideia ridícula, é claro. Só que não contestei. Queria acabar com aquilo e voltar para casa o mais depressa possível.”

— E depois? — ouvi-me perguntando, para a minha surpresa. Encontrava-me mais envolvida com a história do que imaginava.

Adônis passou o braço em meus ombros, puxando-me desajeitadamente para mais perto. Ele deixou um beijo na minha testa antes de dar sequência.

— Nós paramos no Lago Igapó, que é um dos principais pontos turísticos de Londrina. Desci do carro me perguntando qual a chance de termos chegado lá, e não parado em algum lugar qualquer. Nesse ponto, eu já nem lembrava mais da tristeza. Ele tinha conseguido me distrair. Só que então veio a tacada principal. Meu pai tirou nossos violões do porta-malas e me perguntou onde estávamos. — Adônis apoiou o queixo no topo da minha cabeça e desejei com ardor estar sem a venda,

para que pudesse presenciar suas expressões durante a narrativa. — Eu fiquei perplexo porque era óbvio, e respondi, meio sem jeito, que estávamos no Lago Igapó. Mas ele não aceitou a resposta. Repetiu a pergunta mais duas vezes. Continuei falando a mesma coisa, até que ele parou, me olhou atordoado e atirou: “Caramba, que tipo de droga você usou, Jimmy? Vai me dizer que não se lembra de nada?”

— Jimmy?! — Ecoei. — Como assim? E lembrar o quê? — As perguntas pulavam da minha boca. Naquele momento, minha língua não possuía freios.

Adônis riu em deleite. O som foi tão caloroso que me aqueceu inteira, como se eu abrigasse um aquecedor dentro de mim. De repente, não quis estar em nenhum lugar se não ali.

— Se você está assim, imagine como não fiquei na hora. É sério, pensei que o meu pai tinha enlouquecido. E ele continuou! “Porra, Jimmy, pegue logo sua guitarra. O show começa em cinco minutos e não precisamos de mais esse escândalo. Você ainda vai arruinar a nossa banda!” — Houve uma pausa, a qual ele usou para respirar fundo. — Demorei um pouco para entender que ele estava fazendo de conta. Assumi um personagem, inventou toda uma situação, só para me tirar da fossa. E, Becca, funcionou.

“Madrugada após madrugada, juntávamos nossos instrumentos e partíamos para mais uma aventura. Eu não tinha tempo de remoer o passado, porque estávamos ocupados demais para isso. É claro que éramos apenas dois alucinados tocando na calada da noite para uma plateia invisível, mas se você me perguntar, eu juro que não estivemos apenas em Londrina. Ah, não, nós tocamos pelos lugares mais fodas do mundo.”

Foi muito para aguentar. Sem pensar duas vezes, afastei o cachecol dos olhos, a fim de encará-lo. Encontrei-o com um sorriso tão brilhante e lindo que quase quis chorar. Por alguma razão, aquilo tocou muito fundo em mim. Deve ser porque minha figura paterna nunca esteve presente e ouvir aquela demonstração de amor tão grande amoleceu meu coração. No entanto, ia além disso. Ele estava disposto a compartilhar comigo um dos momentos mais íntimos com o pai e aquilo, mais do que qualquer palavra, mostrou-me o tamanho de seu sentimento. Adônis jamais esteve tão exposto. Permanecemos nos encarando por um instante, calados. Qualquer palavra que fosse dita arruinaria a atmosfera que dominou o carro.

Ele foi o primeiro a se manifestar. Roçou o nariz no meu de levinho, enquanto deslizava o tecido para cima dos meus olhos novamente.

— Você fez uma promessa, donzela. — Concordei, sorrindo. — Agora, me diga, para onde nós vamos?

— Siga reto, por favor. — Instruí, ouvindo-o dar a partida em seguida.



Capítulo 67

*Você é a razão de me sentir tão forte
A razão pela qual eu estou aguentando*

Vance Joy – Mess is mine

Meus dedos tremeram de expectativa quando o carro freou, parando com um breve solavanco. Pode parecer bobo, mas eu me sentia um pouco nervosa pelo que nos aguardava. Não era como se estivéssemos prestes a fazer algo majestoso, eu sabia, só que o meu coração não concordava comigo. Ele acreditava que era, sim, uma noite e tanto. Talvez eu devesse ouvi-lo mais vezes.

O trajeto por si só já havia sido uma experiência para lá de singular. Quero dizer, existia algo de excitante sobre precisar dar as coordenadas sem fazer a menor ideia de para onde estávamos indo. Era como se a intuição se encarregasse disso por nós.

— Preparada? — Adônis perguntou, repousando a mão pouco acima da minha perna. Balancei a cabeça em afirmativa, o movimento foi quase

imperceptível, no entanto. — Não tire a venda ainda — pediu e logo em seguida ouvi o barulho de sua porta.

Prendi a respiração, tateando o cinto de segurança até conseguir soltá-lo. Foi o tempo exato para Adônis contornar o carro e abrir a porta. Uma rajada de vento invadiu o interior, fazendo-me estremecer. No entanto, bastou que seus dedos escorregassem pelo meu braço, mesmo com algumas camadas de tecido os separando, para que uma corrente de calor emanasse pelo meu corpo. Ele os fechou ao redor do meu pulso, como costumava fazer sempre. E, se sua mão já era naturalmente fria, naquela noite era parecia ser feita de gelo.

Com a ajuda dele, pulei para fora, sendo recebida pelo frio cortante. Meu rosto e mãos arderam no mesmo instante. Contive o impulso de fechar os braços ao redor do meu tronco a fim de me proteger. Inspirei profundamente, sentindo o ar gélido invadir o corpo, dissipando o calor aconchegante que eu experimentara no carro até aquele momento.

Joguei o peso do corpo de uma perna para a outra, permanecendo parada no mesmo lugar, atenta aos sons. Seus passos no cascalho me indicavam que ele contornava o veículo outra vez. Logo depois, o barulho do porta-malas seguido por um som abafado que parecia ser de Adônis tomando o violão. Ele ativou o alarme e voltou a afundar os pés no seixo, aproximando-se novamente de mim. Antes que eu percebesse, suas mãos estavam na minha cintura, firmes. Chewie me posicionou para a esquerda e deduzi que deveria seguir naquela direção. Um calafrio desceu pela espinha, enquanto eu arriscava passos tímidos, sendo conduzida por ele.

O ruído contínuo do vento misturava-se às batidas alucinadas do meu coração e a respiração calma e pesada de Adônis, tão próximo de mim. Ao nosso redor, aves noturnas gorjeavam, cigarras zumbiam e sapos coaxavam, compondo, juntos, uma melodia calma e acolhedora. *Que lugar é esse?*, perguntei-me, notando a ausência de sons de carros que, mesmo tão tarde da noite, era comum no bairro onde morávamos.

— Aqui estamos — sussurrou contra a minha orelha esquerda e, com isso, roubou toda a força das minhas pernas. No segundo seguinte, senti o cachecol afrouxar até simplesmente escorregar pelo meu rosto.

Pisquei até conseguir acostumar a visão outra vez, depois de um tempo considerável sem enxergar nada. Meus olhos foram imediatamente ao letreiro luminoso — o qual possuía duas letras piscando ininterruptamente, como se estivessem prestes a queimar — indicando que ali era nada mais nada menos que a

antiga instalação da Universidade Católica da Maringá. Ah, sim, eu disse *antiga*. Soube disso na hora porque, certa vez, caminhando com Arthur no centro enquanto distribuíamos os seus intermináveis currículos, passamos em frente ao campus novo e ele me explicou sobre a mudança que ocorrera no ano anterior. No entanto, mesmo se eu não fizesse a mais remota ideia dessa informação, não teria sido difícil chegar à conclusão sozinha. Apesar de todas as luzes acesas no pátio da ampla propriedade, pequenos sinais de abandono se faziam presentes. Tais como a grama precisando ser aparada com urgência; a falta de seguranças inspecionando o local; ou a pintura gasta, tanto no prédio quanto no portão alto e imponente que nos separava lá de dentro.

Consegui entender perfeitamente o que Adônis me disse dentro do carro, sobre ter ficado atordoado quando ele e o pai chegaram ao Lago Igapó. As chances de pararmos no meio do nada eram mesmo gigantes, mas, ironicamente, estávamos em algum lugar significativo. E isso, por si só, já era incrível o suficiente para desviar a atenção dos fantasmas tentando dominar minha mente.

— Caramba! — limitei-me a dizer.

— Eu sei... — suspirou ele, como se deleitasse todas as possibilidades existentes. — Vamos ter que pular.

— O quê? N-não, isso é loucura!

— Uhum — Adônis concordou, com um sorrisinho travesso. — E é por isso que precisamos fazer.

Girei nos calcanhares, ficando de frente para ele.

— Podemos ficar aqui mesmo.

— Não podemos, não. — Ele me observou com atenção. — Calma aí, está amarelando? Não era você que queria ser uma mulher forte e tudo mais? Katniss deve estar tão desapontada neste momento...

— Nossa, você está jogando muito baixo! — protestei, arrancando uma gargalhada dele.

— Não posso negar. Mas, em minha defesa e parafraseando o que uma pessoa especial me disse um tempo atrás, acho besteira desperdiçarmos uma oportunidade dessas apenas por medo. — Ele piscou para mim ao terminar. Foi a minha vez de rir alto.

Estudei o portão, ponderando a ideia de invadir aquela propriedade. Céus, aquilo era mesmo uma loucura! Mas, ainda assim, era tentador ao extremo, ainda mais levando em consideração a minha companhia. Tomada pelo nervosismo,

mordisquei o lábio inferior e descobri que ele estava severamente machucado. *Graças a ela*, meu subconsciente me recordou. E isso serviu como uma espécie de estopim para que eu tomasse a decisão de simplesmente agir por impulso, sem pensar muito a respeito. O que fosse preciso para afastar a vaca da minha mãe para bem longe dos meus pensamentos. E isso contava invadir uma propriedade privada, por mais insano e perigoso que pudesse parecer. Se o segredo da vida era manter o equilíbrio, como minha avó tinha me ensinado, então tudo bem um pouquinho de loucura de vez em quando, certo?

Lancei uma última olhadela para Adônis, sentindo-me audaciosa ao tomar impulso e me agarrar nas barras metálicas. Ouvi-o arfar em surpresa às minhas costas e não pude deixar de rir, enquanto escalava da melhor maneira que podia — embora, devo salientar, eu fosse muito, muito descoordenada mesmo.

— Sempre me surpreendendo, hein?

— Não podemos cair na mesmice. Foi o que li em uma revista.

— Acho que estamos indo muito bem nisso — brincou ele.

A descida foi mais complicada que a subida, ainda mais com as pernas tremendo tanto quanto os galhos de uma árvore durante uma tempestade impiedosa. Mas, orgulhosa que era, não dei o braço a torcer. Ainda mais para Adônis, que sentia um prazer sádico em me ver envergonhada.

Soltei-me do portão apenas a poucos centímetros do chão, com medo de cair e acabar quebrando algum membro. Isso era o que menos precisava na minha vida. E, levando em conta que eu deveria ter algum tipo de ímã para confusão, era melhor prevenir.

Observei Chewie escalar as grades com tamanha facilidade, movimentando o corpo de uma maneira que era impossível desviar o olhar. Cada vez que os músculos se contraíam e deixavam a roupa mais justa e esticada, eu soltava um suspiro. Além do mais, apesar do violão nas costas, ele levou a metade do tempo usado por mim para invadir a universidade. Também pudera, depois de vê-lo se exercitando nas barras, eu entendi que aquilo ali era fichinha.

— Onde estamos? — indagou de repente e, de maneira involuntária, viramos-nos de frente para a construção outra vez.

Eu sabia que sua pergunta não era no sentido literal e, por isso, ocupei-me em contemplar o edifício abandonado. Estacando ao meu lado, ele fez o mesmo. Como se estivesse nos encarando de volta, o prédio amarelo-pastel se estendia pela propriedade, suntuoso. Possuía uma fachada semicircular projetada para

frente, sustentada por cinco grandes colunas de estilo grego, cujas superfícies eram cobertas por frisos verticais pintados em branco.

Os segundos se acumularam enquanto eu tentava pensar em algum cenário que fosse incrível o suficiente para sediar o que parecia ser desfecho perfeito para aquela noite. Raspei a ponta do all star no cascalho, avaliando todas as possibilidades. O silêncio se tornava cada vez mais incômodo, no entanto, e isso tirava a minha concentração. Lancei um olhar de súplica para Chewie, que apenas ergueu as mãos no ar, como se pedisse desculpas por não poder me ajudar. Esfregando as mãos uma na outra, eu brigava com o meu cérebro.

Por Gandalf, é só dizer qualquer lugar!, meu subconsciente rosnou, cheio de impaciência.

Fechei os olhos brevemente, sendo tomada pela memória de Adônis cantarolando Beatles para mim, na primeira vez que me deu carona. A lembrança me deixou semelhante a um balão de gás hélio — tão leve que parecia prestes a sair do chão, flutuando noite adentro. Percebi o quanto essas pequenas coisas eram, na verdade, grandiosas. E, apesar de o tempo passar cada vez mais depressa, arrastando-nos em direção ao fim, eu teria muito para levar comigo. Fui inundada por uma onda de saudade precoce, desejando ardentemente aproveitar ao máximo cada situação que tivesse a oportunidade de vivenciar com ele. Com isso, algo dentro de mim mudou com relação ao que fazíamos. Se antes já tinha sido incrível a simples ideia de ele se preocupar comigo, agora eu tinha finalmente entendido o propósito da coisa toda. Então, como se um botão dentro de mim tivesse sido ativado, ouvi-me quebrando o silêncio:

— Estamos em uma lanchonete americana dos anos sessenta. Aquelas com piso quadriculado preto e branco, mesinhas redondas e sofás de couro vermelho espalhados por toda a parte. Ali no canto tem uma *jukebox*, tocando Beatles há horas. — Apontei para a direita, ainda de olhos fechados. — E ali fica o balcão — Indiquei a esquerda com a cabeça. —, com um toldo listrado em cima e uma porção de banquetas em volta dele. Mas a melhor parte, com toda certeza, é aquela mesa em forma de carro no final da pista de dança, igual em *Pulp Fiction*.

— Mesa em forma de carro?! — A voz grave de Adônis penetrou meus tímpanos, entregando sua proximidade perigosa. Ele riu baixinho, enlaçando-me por trás com firmeza. — Meu Deus, sua imaginação é de dar inveja.

— Ué, se não for para ser assim eu nem brinco! — abri os olhos, sorrindo para ele.

Sem soltar os braços da minha cintura, ele começou a andar, obrigando-me a avançar em direção à área coberta do prédio. Meu coração bombeava sangue freneticamente para o corpo, diante da expectativa. Era insano que ele pudesse estar tão tranquilo quando o que fazíamos era claramente errado. E, além do mais, não tinha como negar que a atmosfera seria um pouco assustadora em outras circunstâncias. Aquele ali era o cenário ideal para um filme de terror, do tipo com chacinas e muito sangue. Estremeci brevemente com o pensamento.

— Você não está com medo? — deixei escapar.

— Eu deveria?

Perguntou, pouco antes de me soltar. Ele deslizou a capa do violão pelo braço, recostando-o contra a parede da entrada. Suas mãos tatearam os bolsos do jeans a procura do maço de cigarros e tão logo o encontrou, não demorou em acender um. O cheiro de menta invadiu minhas narinas no mesmo instante.

— Bom, sim! Eu sou menor de idade, você é o único que pode se encrenciar por aqui.

— Encrenciar? Estamos apenas curtindo uma matinê! A menos que seja crime te tirar para dançar, porque isso é exatamente o que pretendo fazer. — Piscou para mim, desviando a atenção para o celular logo em seguida.

— Ah, é? — indaguei, encarnando a personagem. — Quem disse que vou aceitar o convite?

Adônis se encontrava tão entretido com o telefone que sequer me respondeu. Em vez disso, soprou uma fumaça corpulenta para fora dos pulmões e deu outro trago demorado. Seu silêncio despertou a minha curiosidade e, por isso, pé ante pé, aproximei-me devagarinho dele, avançando pelas costas. Estiquei meu corpo todo, tentando enxergar por cima de seu ombro (o que era muito difícil, considerando seus quase dois metros de altura) no exato segundo em que ele conseguiu concluir o que fazia — encontrar uma música específica, tal como no dia da carona.

Ele me surpreendeu ao girar nos calcanhares e parar de frente para mim, contornando minha cintura com o braço que segurava o celular e colando nossos corpos. Sua boca veio à procura da minha, em um beijo mentolado cheio de paixão que me deixou com a sensação de que minhas pernas derretiam aos poucos.

— Quem disse que era um *convite*, em primeiro lugar? — soprou dentro da minha boca. Então, dando o último trago no cigarro, atirou a guimba para longe de onde estávamos, fechou o abraço e apertou o *play*.

Joguei os braços ao redor do seu pescoço, indo de um lado para o outro no ritmo animado da melodia que acabara de começar. Era incrível o poder que ele tinha de tecer um mundo à parte, onde só existíamos nós. E, nesse mundo, era preciso muito pouco para ser feliz. Em um segundo eu me preocupava com o nosso barulho e, no seguinte, era girada de um lado para o outro, como se realmente estivesse em um baile. Às vezes, meus pés embolavam e eu me segurava em seus bíceps para não cair como uma fruta madura no chão. Mas nem mesmo a minha total falta de desenvoltura para dançar foi capaz de arrancar o sorriso bobo do rosto dele, tampouco o meu.

— *Oh, eu preciso do seu amor, querida. Acho que você sabe que isso é verdade. Espero que você precise do meu amor, do jeito que eu preciso de você* — Adônis cantarolou, acompanhando a letra.

E, mesmo que *Eight days a week* fosse uma das minhas músicas favoritas dos Beatles, contive o impulso de cantar junto. Parecia quase um pecado interromper sua voz de trovão, ainda mais quando ela entoava palavras tão lindas. Ademais, apesar do frio intenso que fazia naquela noite, eu juro, todo o meu corpo suou com seu sopro quente contra a minha orelha. Era insano o que Adônis podia fazer comigo com tão pouco. Eu torcia para que com ele fosse da mesma maneira.

— *Me abrace, me ame. Me abrace, me ame. Eu não tenho nada além de amor, querida, oito dias da semana.*

Ele me lançou para trás, puxando-me para cima logo em seguida. Apesar de inofensivo, o movimento arrancou um gritinho apavorado do fundo da minha garganta, responsável pelas nossas risadas acaloradas. Levada pelo calor do momento, flexionei os joelhos, deslizando os pés nas pedrinhas irregulares do chão para a direita e para a esquerda, em uma imitação fajuta do estilo de dança da época. Gargalhando em deleite, Adônis me imitou, arrematando os passos com um movimento ondulante nos ombros.

— *Eu amo você todos os dias garota, sempre na minha mente. Uma coisa que eu posso dizer garota, eu amo você o tempo todo.*

Se ainda existia qualquer resquício de tristeza em meu coração, foi completamente dissipado enquanto eu requebrava o meu quadril de um lado para o outro, embalada pela música que parecia dominar a noite, embora viesse de um inocente celular. Horas atrás, quando Chewie me disse que estávamos prestes a sair de casa, eu me achava no fundo do poço. Sair era a minha última vontade depois das duras palavras da mulher que me deu à luz. Mas, ali, nos braços dele, as

lembranças do e-mail pareciam vir de um sonho bem distante. Eram imagens desconexas e apagadas, tão fracas que não representavam ameaça alguma para aquela felicidade que irradiava do meu coração e envolvia o copo inteiro, assim como o vento gelado roçando na pele.

A música chegou ao fim e, ironicamente, deu lugar a uma cuja melodia suave e melódica quase implorava para dançarmos agarradinhos. Como se tivesse lido meus pensamentos, Adônis agarrou a minha mão direita e me puxou contra si, fazendo nossos troncos colidirem de uma maneira deliciosa. Seus dedos escorregaram pela minha cintura até pararem sobre o bumbum, onde permaneceram. Dominei um sorriso, seu lado maroto era simplesmente irresistível.

Recostando a cabeça sobre seu peito, pude ver o céu que, naquela noite, encontrava-se tão lindo quanto em uma pintura feita por mãos muito talentosas, como que para contribuir com todo o frisson. Estava negro como piche, de maneira que as estrelas se destacavam além do normal, parecendo pequenos diamantes espalhados por todo o horizonte. Suspirei, aconchegando-me ainda mais nele. Foi quando suas mãos subiram pelas minhas costas novamente, parando na lombar, onde me apertaram com um pouco de urgência. Notei uma mudança quase imperceptível na atmosfera, do tipo que só consegue perceber quando se tem bastante intimidade com determinada pessoa. Talvez fosse impressão minha, mas ele parecia até mesmo ter tensionado um pouco os músculos.

Afastei o rosto alguns centímetros, buscando as íris de Outono. Se um dia elas foram tão ilegíveis para mim, agora ficavam cada vez mais límpidas e fáceis de interpretar. Ele sustentou o olhar por poucos segundos, antes de avançar em minha boca e invadi-la com a língua, que se entrelaçou a minha cheia de urgência. Senti seu sabor delicioso pelo qual me viciara e correspondi com igual ardor, ou ao menos tentei, porque conforme os segundos passavam, ele parecia ficar mais e mais exigente e logo me vi sem fôlego.

— Rebecca... minha donzela... — rosnou daquele jeito que me fazia delirar. Senti ondas de choque subindo pelas pernas, ao simples som de sua voz rouca e entregue.

Então, antes que eu pudesse sequer entender o que acontecia, ele resvalou o nariz na cartilagem sensível da minha orelha, a respiração morna acariciando minha pele suavemente. Quando voltou a falar, foi tão baixinho que eu mais senti do que ouvi.

— Eu te amo tanto... você é o que eu tenho de mais bonito.

Meu Deus!

Meu Deus!

MEU. DEUS!

O tempo parou de súbito.

Meu coração falhou uma batida, os dedos congelaram de uma só vez, as pernas fraquejaram.

Eu esqueci até mesmo de como se respirava.

Era a primeira vez que ele falava aquelas palavras e, pelo cajado de Gandalf, tinha como ser mais perfeito?

Adônis atravessara a barreira que eu mesma não tive coragem de ultrapassar, embora já tivesse percebido que há muito tempo eu deixara de estar “apenas” apaixonada.

Minha garganta secou, como se eu estivesse há dias no deserto, ansiando por um gole de água. Não sei explicar como me senti naquele momento. Foram sensações intensas demais, eu parecia ter sido atingida por um raio implacável, responsável por levar embora qualquer resquício de lucidez.

Num ímpeto de loucura, desses que só o amor pode proporcionar, agarrei seu rosto com as duas mãos, mirando o fundo de sua alma, através dos olhos ocre esverdeados. Ele me ofereceu um sorriso bobo, como se pudesse entender perfeitamente o que se passava na minha cabeça.

— Repete, por favor.

— Eu te amo, donzela.

— Outra vez! — pedi, parecendo uma lunática.

— Eu te amo. Te amo para caralho!

— Ai, meu Deus, Chewie! — grasei, sentindo as lágrimas brotarem pelos olhos.

Eu sei, eu sei, você deve estar pensando: que tipo de pessoa chora em uma situação assim?

Bem, aparentemente eu, é claro.

Mas que culpa eu tinha, afinal? Adônis despertava o melhor de mim, e não havia nada de errado em me mostrar para ele da maneira como realmente era. Foi um misto de felicidade com amor que parecia muito grande para caber no peito.

E, pela maneira como ele me encarava, com os olhos queimando intensamente e o sorriso mais lindo no rosto, eu sabia que não se importava com as

minhas reações nada convencionais. Dane-se, nós funcionávamos muito bem juntos.

— Eu te amo, *professor*. — Sorri, enquanto ele limpava as lágrimas das minhas bochechas com os polegares. — Amo muito.

— Me chame de professor outra vez e seremos obrigados a fazer algo realmente ilegal aqui... — Brincou, sorrindo com malícia.

Joguei a cabeça para trás, explodindo em gargalhadas tão altas que ecoaram por todo o terreno. Tornei a apoiar a cabeça em seu peito, tragando o perfume amadeirado enquanto íamos de um lado para o outro, como ondas quebrando na areia. Pelas horas seguintes, permanecemos daquela forma — agarradinhos, dançando sob as estrelas ao som de Beatles, em uma lanchonete dos anos sessenta que para sempre existiria em nossos corações.

Entre uma música e outra, Adônis me disse que o tamanho da aureola ao redor da Lua dependia da intensidade do sentimento entre as pessoas que a observavam. Talvez ele tenha inventado essa história, mas não me importo.

Aquela foi a maior aureola que já vi em toda a minha vida.



Capítulo 68

*Temos que nos segurar no que nós temos
Porque não faz diferença
Se conseguiremos ou não
Nós temos um ao outro e isto é muita coisa*

Bon Jovi – Livin' on a prayer

Lembro-me de, ao longo da minha infância, presenciar inúmeras vezes vovó se queixando com vovô sobre como o tempo voava e afirmando que, quando eles menos percebessem, eu estaria na faculdade, começando a minha vida.

— Falta um mês para o Natal! Dá para acreditar? — ela perguntava repentinamente, as mãos na cintura e o olhar distante, como se vislumbrasse memórias de um passado tão longínquo bem ali, em sua frente.

Vovô sempre ficava genuinamente surpreso. Ele parava o que quer que estivesse fazendo e a encarava com uma expressão concentrada enquanto, muito provavelmente, organizava a mente para averiguar se a informação era ou não verdadeira. Depois disso, eles gastavam horas e mais horas conversando a respeito de todas as coisas incríveis que já haviam feito juntos e como os tempos passados

eram melhores por ene motivos diferentes. Era certeza que, depois disso, vovó puxaria o gancho para alguma fofoca sobre um conhecido qualquer e a breve crise existencial terminaria tão de repente quanto começara.

O fato é que eu jamais entendi muito bem a surpresa deles porque, para mim, a percepção do tempo era totalmente oposta — os dias se arrastavam de uma maneira detestavelmente lenta. Feriados como Páscoa e Dia das Crianças (os meus favoritos) demoravam séculos para chegar, isso sem contar o meu aniversário. Para uma criança inquieta como eu, o intervalo entre um aniversário e outro aparentava ter muito mais de um ano. Era angustiante.

Porém, ali estava eu, sentada em minha cama com o notebook no colo, no auge de Agosto, com o clima amenizando tão suavemente que quase não se notava a transição de um rigoroso inverno para uma primavera agradável. Ao olhar para trás e espiar o passado, minha infância parecia estar a um piscar de olhos. E, pela primeira vez na vida, fiz das palavras de vovó as minhas. *Dá para acreditar?*, tinha se tornado um pensamento recorrente quando eu percebia quão rápido o ano estava passando. Quero dizer, eu sequer tinha percebido o primeiro semestre acabar e agora já estava organizando minha rotina de estudo para as primeiras provas do segundo, que começariam dali a duas semanas! Se as coisas continuassem naquele ritmo, de uma hora para a outra eu estaria me formando. E isso era realmente assustador.

Nataly voltou para Maringá pouco antes das férias de Julho, o que foi uma surpresa e tanto, pois Arthur e eu a esperávamos apenas quando as aulas retornassem. Na tarde de um domingo particularmente frio, ela entrou radiante na sala, arrastando as malas com o braço novinho em folha — exceto, talvez, por uma cicatriz vertical pouco acima do cotovelo. Nós dois nos entreolhamos perplexos e, é claro, Arthur não aguentou e precisou perguntar por que ela tinha retornado antes.

— Fiquem dois meses trancados com suas famílias e vocês vão querer voltar rapidinho! — explicou ela, bastante enfática.

— Lily, eu não preciso nem de uma semana para isso — ele respondeu, encolhendo os ombros. Nós três rimos em uníssono.

Tê-la novamente em casa foi, ao mesmo tempo, incrível e estranho. Incrível porque éramos como uma família e ela obviamente fazia falta com seu jeito tão Nataly de ser. Mas, por outro lado, dois meses abrigaram tantos acontecimentos que me davam a sensação de contarem anos desde que ela partiu para a cidade natal.

E, por isso, fiquei um pouco enferrujada nos primeiros dias, até que simplesmente voltássemos a ser como sempre.

Foi mais ou menos nessa época que liguei para minha avó, revelando o meu desejo de não voltar para Santa Cruz do Rio Pardo nas férias. Não preciso nem dizer o tamanho da surpresa dela, né? Meu coração se apertava de culpa, afinal, aquelas duas semanas seriam justamente o primeiro grande intervalo tempo livre desde que começara a faculdade. Dado o fato de que eu não tinha voltado para casa no feriado de dia das mães, fazia um bom tempo desde quando os visitara pela última vez. Eles contavam com aquela visita, dava para sentir a saudade na voz dela. Não era que eu também não sentisse, porque sentia muita, aliás. Só que eu tinha apenas alguns meses com Adônis antes de sua partida e queria aproveitar ao máximo. Depois disso, teria todos os feriados inimagináveis para passar ao lado deles. Expliquei tudo isso para ela, salientando o quanto era importante para mim e o quanto eu precisava disso. Mas, no fim das contas, se meus avós quisessem mesmo que eu voltasse, respeitaria a vontade deles, afinal, a decisão final pertencia a eles, obviamente.

— Você sabe que nós apoiamos suas vontades, querida. Mas eu só quero ter certeza de que essa escolha não é porque sua mãe esteve aqui conosco... — Sua voz entregou a preocupação. — Becca, você é a nossa prioridade, sempre foi e sempre será. Só pedimos para ficar aí no feriado por causa... — Ela suspirou pesadamente. — Foi pelo seu próprio bem.

Mordisquei o lado de dentro da bochecha. Vovó achava que eu tinha ficado chateada com um evento do qual eles não tiveram a menor parcela de culpa! Eu mal podia acreditar que ela se importasse com isso... Marcela era filha deles e, no fim das contas, não havia nada que eu pudesse fazer a respeito além de aceitar que, às vezes, as situações fogem do nosso controle. Então, uma intensa onda de amor tomou conta de mim e, se era possível, amei a minha família ainda mais.

Com isso, senti-me um pouquinho pior com o meu desejo. Afinal, meus avós também eram afetados pela minha mãe e, além do mais, não faziam ideia da gravidade do problema — já que eu nunca tive coragem de contar sobre a troca de e-mails reveladores que tive com ela.

— Vovó — chamei e parei por um momento, tentando encontrar as palavras apropriadas. — Eu nunca ficaria aqui em Maringá para... hum... *revidar*? Vocês me conhecem tão bem para pensar algo assim...

— Jamais acharíamos isso, meu bem. Seu avô e eu só estamos preocupados que você tenha ficado chateada com a situação.

— Não estou! Eu juro. Amo vocês mais que tudo e estou morrendo de saudade. Não quero que pensem, nem por um momento, que estou os trocando. É sério. — Sorri e tive a impressão que ela fazia o mesmo do outro lado da linha. — É só que... eu... o t-tempo está acabando — balbuciei até minhas palavras morrerem no ar. Foi necessário muito autocontrole para não acabar soluçando.

Não, isso é o que menos preciso, pensei categoricamente.

E foi então que vovó me surpreendeu mais uma vez, sendo a mãe perfeita que era para mim.

— Estou muito orgulhosa de você, Becca — Sua voz era branda. Percebi de imediato que as dúvidas dela finalmente tinham se dissipado. — Saiu daqui tão assustada, fugindo dos problemas para se proteger... mas agora veja só você! A cada dia que passa se aproxima mais e mais da mulher excepcional que te criamos para ser.

Meus olhos marejaram tanto que, por um momento, acreditei que fosse mesmo chorar. Mas, em vez disso, agradei infinitamente por ela ser tão incrível comigo e me dar a liberdade que eu tanto amava. Falamos um pouco mais antes de ela se despedir e passar para vovô, com quem conversei ao longo de quase uma hora. Ele me contou sobre um filme de terror que vira na televisão, mas não me falou qual era, alegando fazer questão de que eu visse com ele pela primeira vez. Eu ri em deleite, pois vovô era o melhor parceiro cinematográfico que uma pessoa poderia ter na vida.

Quando estávamos prestes a desligar, meu avô me garantiu que eles não estavam tristes comigo e me fez prometer que eu aproveitaria bastante as férias para que valessem a pena. Com um sorriso no rosto, dei a minha palavra de que faria o possível para que elas se tornassem inesquecíveis.

E, com isso, passei minhas primeiras férias da faculdade em Maringá, na companhia de pessoas que eu tanto amava — Arthur, Nataly e, principalmente, Adônis. Preciso salientar, inclusive, que foi ridiculamente fácil honrar minha promessa feita a vovô na companhia dos três. Não que tivéssemos feito coisas extraordinárias, como você deve estar imaginando. Não, às vezes a beleza da vida se esconde justamente na simplicidade de ter quem nos quer bem por perto.

Manhã após manhã, eu acordava aconchegada nos braços de Chewie, com afagos deliciosos nos cabelos que me despertavam lentamente e com Castiel nos

pés, como um filho que não consegue dormir sozinho no próprio quarto. E eu amava. Não existia maneira mais acolhedora de começar o dia, na minha concepção. Enrolávamo-nos na cama por um tempo, aproveitando a companhia um do outro em conversas intermináveis sobre tudo. Essa era uma das coisas que mais gostava em nós dois — o assunto jamais morria. Sempre havia coisas para dizer, histórias para contar, filmes para debater. Eu sabia, mesmo sem entender como, que nem mesmo anos convivendo com ele seriam capazes de extinguir todo o assunto existente entre nós. Essa certeza aquecia o meu coração além da conta.

Migrávamos, então, para o meu apartamento, onde preparávamos o desjejum juntos. Adônis sempre se encarregava das comidas e eu, do café. Somente após tudo estar pronto e já sobre a mesa que acordávamos meus amigos. Não de qualquer jeito, diga-se de passagem. Não, era sempre a base de paneladas, palmas e, de vez em quando, com Adônis dedilhando o violão animadamente. É desnecessário dizer que eles acordavam com sangue nos olhos, né? O mau humor durava pouco, de toda forma. Para ser específica, bastava eles vislumbrarem a mesa posta.

— Só vou te perdoar pela comida, Adônis! Você não, Becca, porque eu odeio café — disse Nataly certa vez, e a cozinha explodiu em risadas.

Era só depois do café da manhã que Adônis e eu nos curtíamos. E ele parecia decidido a passar o máximo de tempo comigo, pois não nos desgrudávamos nem mesmo por poucos minutos. Logo nos primeiros dias das férias, ele me convenceu a criarmos uma rotina de exercícios, alegando que eu era sedentária demais. Suas palavras vieram como tapas na cara. Encarei-o de queixo caído.

— Eu não sou sedentária! — afirmei.

— Claro que é.

— Mas eu ando de bicicleta e tudo!

— Cinco minutos por dia, que é o tempo daqui até a UEM! — disse ele, arqueando as sobrancelhas como se me desafiasse a discordar.

Droga, eu odiava que ele estivesse certo!

Concordei só para deixá-lo contente. No fundo, achava besteira desperdiçarmos tantas possibilidades aparentemente melhores. Mas a ironia de tudo é que eu passei a amar esses nossos momentos. Comprei uma corda de PVC verde-água e, enquanto Adônis fazia toda sorte de exercícios mirabolantes nas barras, eu pulava até que minhas pernas ficassem dormentes.

Às vezes apenas corríamos juntos, porém, e contornávamos a extensa área do estádio, misturando-nos a tantas outras pessoas ativas. Era difícil à beça acompanhá-lo, em parte porque estava bem mais condicionado fisicamente, mas principalmente porque suas pernas davam duas das minhas. Ele se esforçava ao máximo para não correr tão depressa e eu, para não ficar tão atrás.

Como saíamos muito cedo de casa, na volta eventualmente cruzávamos com Arthur no caminho, saindo para trabalhar. Ele sorria, todo empolgado, e falava com sua voz arrastada e calma:

— Vejo vocês depois!

Ah, é, esqueci-me de contar, praticamente todas as noites fazíamos algo juntos. Isso mesmo, os quatro! Aos poucos, meus amigos passaram a conhecer a pessoa incrível que Chewie era. Eles, inclusive, adotaram o apelido e, assim como eu, pararam de chamá-lo de Carrasco.

Quase sempre era em nosso apartamento, mas, de vez em quando, conseguíamos convencer Adônis a ceder o seu. Era bem difícil, no entanto. Ele continuava sendo o mesmo homem recluso de sempre e, além de tudo, não conseguia relaxar com a casa bagunçada. O que me deixava louca (no bom sentido), porque, pelos óculos de Harry Potter, se tinha algo que o tornava ainda mais sexy, com certeza era o seu TOC com limpeza. Cada dia era algo novo, como assistir a filmes de terror sob os protestos incessantes de Nataly; jogar cartas depois de levarem séculos para me ensinar; ou simplesmente conversarmos sobre trivialidades por horas a fio. E este era o nosso favorito, diga-se de passagem.

Dessa maneira, as férias começaram e terminaram tão rapidamente que eu mal vi. Com elas, Agosto, apesar de ser conhecido como um mês interminável, caminhava em direção ao fim em uma velocidade surpreendente.

Bocejei sonoramente, despertando dos devaneios. O notebook estava esquecido em minhas pernas, esquentando-as a ponto de incomodar. Espreguicei-me, decidindo que não queria perder mais segundo algum do meu dia sem fazer nada. Dei-me conta de que já fazia semanas desde a última vez que eu desenhara e, enquanto ainda era cedo para começar os estudos das provas que se aproximavam, talvez eu pudesse ocupar melhor o meu tempo livre, em vez de simplesmente jogá-lo fora.

Levantei, fechando o computador com um estalido e o deixando sobre a cama. Abaixei-me para pegar os materiais de desenho em baixo dela. Estavam

empoeirados e com algumas teias de formando em volta. Senti um pouco de peso na consciência por deixar de lado algo que eu gostava tanto, como os desenhos.

Destaquei uma folha de papel Canson, alinhando-a sobre a superfície da minha escrivaninha bamba. Espalhei as tintas aquarela e os pincéis, assim como lápis e outros materiais que eu costumava usar. No entanto, estava muito incomodada com o silêncio quase clínico, de modo que precisei tomar o notebook outra vez. Eu já tinha me habituado com quão triste o apartamento ficava enquanto Arthur estava no trabalho, mas naquela tarde em questão Nataly não estava, pois tinha saído com alguns colegas de sua classe. De forma que era só eu e um vazio um tanto desconfortável — sobretudo para alguém já acostumado a estar sempre acompanhado.

Abri a pasta de Pearl Jam e comecei a escolher músicas para uma *playlist*. Não sei dizer quanto tempo passei ali, mas fiquei tão distraída que, quando a melodia estridente do meu celular reverberou pelas paredes do quarto, meu coração quase foi parar na boca. Então, antes mesmo de me levantar da cama, experimentei algo diferente de tudo o que já sentira na vida — meus músculos ficaram moles e a angústia era tamanha que se assemelhava a uma faca afiada espetando minhas entranhas. Foi uma sensação tão intensa e genuína que eu apenas soube, mesmo sem entender como, quem estava do outro lado da linha.

Por isso, quando finalmente alcancei o telefone e vi a chamada via *Facebook* indicando Marcela Moraes, minha mãe, não foi nenhuma surpresa para mim. Apenas respirei fundo, repetindo meu mantra por pensamentos. *Que a força esteja comigo, que a força esteja comigo, que a força esteja comigo...* E, tomada por uma coragem que eu não entendia de onde surgira, apertei o botão verde com os dedos trêmulos.



Capítulo 69

*Problemas à minha esquerda, problemas à minha direita
Eu estive enfrentando problemas quase toda a minha vida
Meu doce amor, você vai me tirar dessa?*

Cage the elephant – Trouble

— NOJENTA! — Sequer tinha conseguido levar o telefone à orelha quando ouvi os berros do outro lado da linha. No mesmo instante, meus joelhos enfraqueceram e meu corpo todo ficou gelado, tal como se eu estivesse desnuda em pleno inverno. — EU ODEIO VOCÊ, SUA IMUNDA. EU ODEIO!

Fiquei paralisada. Tudo aquilo era tão familiar, mas, ao mesmo tempo, inédito. Quero dizer, apesar de sua voz mordaz nunca ter, de fato, se apagado da minha memória, já fazia tanto tempo que eu não a ouvia que o simples som me deixava estupefata. Trazia à tona um passado que, na maioria do tempo, eu fingia não existir. O último e-mail dela já tinha sido doloroso na medida certa, mas nada comparado ao simples fato de ouvi-la atirar xingamentos sem que eu tivesse a menor noção do porquê. Ah, não, aquilo ali tinha um toque cruel de realidade que nenhum outro tipo de mídia jamais poderia superar.

— FALA COMIGO, CADELA!

Mas eu não o fiz. E, apesar de um pouco chocada com a situação como um todo, a razão de eu não responder foi puramente orgulho. Foi só para mostrar a ela o quanto eu não precisava fazer o que ela mandava, ainda mais me tratando daquela maneira. Quase como um protesto involuntário, eu me recusava a lhe dar o poder de me afundar em um buraco de dor novamente. Algo dentro de mim mudara depois do nosso último contato e, estranhamente, eu não me sentia mais tão fraca e indefesa. Talvez porque eu vislumbrei quão doente ela era.

— O gato comeu sua língua, foi? — perguntou, sem gritar dessa vez. *Ótimo*, pensei, *já migramos para o tom hostil*. Ela riu com amargura. Um calafrio desceu pela minha espinha. — Engraçado, você estava bem corajosa nas mensagens! Cadê sua coragem agora? Hein?

Fisquei o lábio apenas para me impedir falar. *Ainda não*, meu subconsciente aconselhou e obedeci. Conhecia-a muito bem, no fim das contas, para saber que logo voltaria a berrar novamente.

Não levou mais do que alguns segundos para minhas suposições se confirmarem.

— MALDITA! DESGRAÇADA! VOCÊ SÓ SABE ARRUINAR A MINHA VIDA! POR QUE TINHA QUE ENTRAR EM CONTATO COMIGO? POR QUE VOCÊ NÃO ME ESQUECE?

— O que você quer, Marcela? — Surpreendi-me ao chamá-la pelo nome. Era a primeira vez que eu me dirigia a ela assim. Mas, também pudera, depois de ser apontada como parasita, *mãe* era a última palavra que eu gostaria de me referir a ela.

— QUE VOCÊ MORRA! DEMÔNIA! — *Voilà!* — SUA... SUA...

Então, o inesperado aconteceu. Um soluço sentido e desesperado veio do outro lado da linha, seguido pelo choro. Não um choro normal, porém. Marcela dava fortes fungadas em busca de ar, gemendo copiosamente em uma eterna lamúria. Juro que quase chegou a partir meu coração — isso se ela não estivesse me chamando de “demônia” há poucos minutos, é claro.

Sem saber exatamente o que fazer, apenas esperei, ouvindo-a guinchar como um animal ferido.

O que foi um erro muito grande.

Eu devia ter aproveitado a deixa para encerrar a ligação, enquanto ela ainda não tinha ferrado com o meu psicológico. Porque, conhecendo Marcela, era óbvio

que isso aconteceria em algum momento, era só uma questão de tempo.

Além do mais, eu deveria ter percebido o perigo daquela situação inusitada. O sinal de que as coisas não estavam nada normais e que isso acabaria se voltando contra mim. Afinal de contas, ela nunca chorava, mas estava fazendo exatamente isso agora. Ao longo de toda a minha vida, nunca a vi derramar uma única lágrima sequer. Então, por Deus, como não fui capaz de antever o que me aguardava?

Pegando-me desprevenida, aquela que deveria me amar incondicionalmente arriscou sua tacada mais certa e cruel de todas.

— ELA SE FOI! ELA MORREU! VOCÊ TIROU MEU BEBÊ DE MIM — berrou.

— Ela...? — comecei a perguntar, mas minha voz morreu no ar.

Ela não pode estar falando... Não, isso é demais até para ela, foi o que pensei, na tentativa de me consolar. Mas talvez nada fosse demais para ela. Talvez Marcela tivesse mesmo tanta frieza dentro de si a esse ponto.

— VOCÊ ARRANCOU A ÚNICA COISA QUE ME IMPORTAVA. TIROU MINHA ÚNICA CHANCE DE SER MÃE. EU TE ODEIO, SUA ABERRAÇÃO! ABERRAÇÃO!

Tirei o celular da orelha, desligando-o de uma só vez.

Meu coração pulsava com violência, de forma que eu tinha a sensação de que suas batidas ressoavam por todo o quarto, tal como se estivessem em alto-falantes.

Movida por uma força que cresceu como uma chama em mim, pulei na cama, agarrando o notebook como se dependesse disso para viver. Minhas mãos tremendo como britadeiras dificultavam a missão de bloquear o perfil daquela mulher tão baixa. Eu nunca mais queria abrir uma possibilidade para ela entrar em contato comigo. Nunca mais queria lembrar que tive o desprazer de ser gerada em sua barriga.

Droga, engole esse choro, sua idiota!, ralhei comigo mesma. E, de repente, todas as lembranças da minha infância ficaram fracas demais, insignificantes demais perto da covardia que ela acabara de fazer comigo.

Suas últimas palavras ecoavam na minha mente como sinos. “*Sua aberração, sua aberração, sua aberração...*”. Meu estômago embrulhou de uma só vez e precisei correr até o banheiro para vomitar. Ajoelhei-me em frente à privada e cruzei os braços sobre o assento, permitindo-me colocar todo o conteúdo dele para fora.

Ela perdera o bebê.

E achava que a culpa era... minha!

Minha nossa, quão absurdo era isso?

Meus músculos peristálticos se contraíram, um a um. Lancei o tronco para frente outra vez, despejando o restante do que havia dentro de mim. Limpei a boca com as costas da mão, sentindo-me vazia. A vontade de chorar sumia conforme eu refletia a respeito de nossa conversa. Se é que isso podia ser chamado de conversa. Quero dizer, como ela podia ser capaz de jogar aquela culpa em mim? Como, em sua cabeça perturbada, eu podia ter qualquer tipo de autoridade sobre sua gravidez?

Esperei um momento para me certificar que não havia nada mais para ser expelido do meu corpo e, em modo automático, levantei-me. Tirei minhas roupas sem perceber que o fazia. Eu precisava me lavar. Precisava tirar aquela sensação de me sentir suja e culpada, porque, por Deus, não fazia sentido.

Por favor, não caminhe por essa direção, Rebecca.

Não a deixe entrar em sua mente.

Abri o chuveiro e agarrei a esponja vegetal, despejando um pouco mais de sabonete líquido que o necessário. O cheiro de morango penetrou minhas narinas e gostei da sensação de frescor e limpeza que ele trazia. Por isso, esfreguei meu corpo com ardor, como se esfregasse o passado para fora de mim. Comecei pelos braços, subindo e descendo a bucha até que a pele ficasse sensível e avermelhada. Depois disso migrei para os ombros, barriga e pernas. Todos eram esfregados até que a sujeira saísse. Era obviamente simbólico e eu diria até um pouco... descontrolado. Mas eu precisava daquilo. Precisava ou acabaria sucumbindo.

Quando saí do banheiro enrolada em minha toalha, algum tempo depois, estava com a sensação de ter tirado quilos das costas. O mal estar ainda percorria cada centímetro de mim, mas decidi ignorá-lo. Durante meu banho de purificação, tomei a decisão de não ficar triste.

Eu não daria esse gostinho a ela.

Entrei no quarto como um raio, sem fazer ideia de que horas eram. Vesti uma camiseta de ficar em casa, amarrei meu cabelo no topo da cabeça e, antes de me sentar em frente à escrivaninha, escolhi uma nova *playlist* para me servir de companhia. A mais alegre que consegui encontrar, porque, minha nossa, eu lutaria com todas as minhas garras para não ficar como na noite em que ela respondeu minha mensagem. Não mesmo!

*Quando o sol bater
Na janela do teu quarto
Lembra e vê
Que o caminho é um só.*

A voz grave e conhecida de Renato Russo me arrancou um sorriso, tão logo pairou ao meu redor. Agarrei o lápis na mão com força e, tentando anestesiá-los meus pensamentos, deixei que meus dedos transferissem para o papel tudo o que eu abrigava em meu coração.

*Por que esperar se podemos começar tudo de novo
Agora mesmo
A humanidade é desumana
Mas ainda temos chance
O sol nasce pra todos
Só não sabe quem não quer.*

Quando menos percebi, reconheci Adônis surgindo no desenho. Não era uma surpresa, pois ele havia se tornado a âncora que me mantinha firme. No entanto, mesmo que qualquer outra pessoa surgisse ali, somente o fato de roubar a atenção dos meus pensamentos para algo que não fosse aquele maldito telefonema, já era fantástico. Sozinha em meu quarto, eu não me permiti cair. Mostrei para mim mesma o quanto eu podia ser forte, bastava acreditar nisso.

As horas voaram como folhas ao vento. Eu só percebi que havia matado aula quando terminei o desenho, muito tempo depois. Arfei em surpresa, refletindo que aquela era a primeira vez na vida que eu fazia algo parecido. Mas, estranhamente, não me senti culpada como sempre imaginei que seria. Eu precisava daquele tempo para mim, precisava colocar os pensamentos no lugar. Além do mais, a voz de vovó veio lá do fundo da memória, dizendo que tudo na vida era equilíbrio. Com isso, convenci-me de que até Hermione Granger já havia feito coisas questionáveis como aluna e tudo bem. Porque, no fim das contas, eu não precisava me castigar para ser diferente de Marcela. Tinha entendido o que Chewie me dissera na Ilha do Mel — eu não era *nada* como ela.

Afastei a cadeira com os pés, observando o desenho pela última vez. Um meio sorriso pincelou meus lábios e uma sensação de dever cumprido se alastrou

dentro de mim. Era por isso que eu amava desenhar, servia como uma verdadeira terapia.



Em passos arrastados, percorri o trajeto até a cozinha. Não estava com a menor fome, mas me sentia fraca e sabia que seria melhor comer alguma coisa, para o meu próprio bem. Abri a geladeira à procura de alguma coisa fácil que eu pudesse preparar (afinal, era uma negação na cozinha) e fui assolada por uma sensação nostálgica ao vislumbrar um saquinho de mercado cheio de batatas. Adônis estava em cada pedacinho das minhas memórias recentes. O meu primeiro ano da faculdade ficaria para sempre marcado por ele.

Tomei duas grandalhonas nas mãos, dirigindo-me a pia em seguida. *Não pode ser tão difícil fazer um purê sozinha*, pensei comigo, procurando o descascador nas gavetas a fim de evitar estragá-las com minhas incríveis habilidades gastronômicas — ou a falta delas. Então, levando mais tempo do que

qualquer outra pessoa, consegui executar o trabalho e, quando menos percebi, levava-as ao fogo, tomada por uma onda de deleite.

Olhando para as chamas azuladas saindo ininterruptamente da boca do fogão, suspirei pesadamente. Percebi que precisava me ocupar enquanto as batatas cozinhavam, porque, como dizia vovó: “cabeça vazia é oficina do diabo”. Eu não podia baixar a guarda. Eram justamente nesses momentos em que a tristeza se esgueirava silenciosamente, atacando com seus golpes impiedosos.

Esfreguei o rosto, os pensamentos vagando de meus avós para Marcela. Eu jamais escondi algo deles e, no entanto, omitia acontecimentos de meses relacionados a ela. Acontecimentos importantíssimos, diga-se de passagem. Um gosto amargo tomou minha boca e eu soube, no mesmo instante, o que deveria fazer. Praticamente corri em direção ao quarto, procurando o celular que ficara abandonado ao longo do dia, remetendo ao que existia de pior. Digitei o número de vovô, sentindo uma comichão no estômago.

Eu estava uma confusão de sentimentos. A verdade é que ainda não tinha conseguido absorver o impacto do que sucedera aquela tarde. Lá no fundinho do meu coração, existia uma sementinha maligna começando a brotar e eu refletia a minha parcela de culpa naquilo tudo. Talvez merecesse estar vivendo aquele pesadelo, afinal, por que fui mexer com quem estava quieto?

— Becca, querida, está tudo bem? — a voz gentil de vovô me fez estremecer. De repente, desejei não ter ligado. Eu não fazia a mais remota ideia de como começar.

— Vovô, eu... eu... — gemi, deixando minha fala se dissipar no ar.

Ele teve a delicadeza de esperar um momento antes de perguntar:

— O que aconteceu?

Notei, com amargura, a preocupação surgindo em suas palavras.

Já é tarde demais para mudar de ideia, Rebecca. Vamos lá!, meu subconsciente me incentivou. Mordisquei o lado de dentro da bochecha, tomando coragem para uma conversa que, definitivamente, não estava preparada.

— Preciso contar uma coisa. Várias, na verdade — admiti, ouvindo sua respiração pesada do outro lado da linha. — O dia das mães foi terrível. Não por que vocês não puderam me receber — adiantei-me em explicar. —, fiquei triste porque... bem, você sabe. As lembranças estavam vívidas e não tinha mais ninguém por perto para me distrair. Então eu fiz uma besteira, vovô. E não estou sabendo lidar com as consequências...

Surpreendi-me ao constatar a facilidade com a qual as palavras jorraram para fora de minha boca, tal como um filete contínuo de água escorrendo de um balde furado. Foi somente ali que me dei conta de quanto precisava daquilo, de quanto era necessário desabafar. Conforme ouvia minha própria voz narrando detalhadamente os e-mails e a ligação, sentia como me libertasse do veneno correndo em minhas veias. Exatamente como no banho, falar com vovô foi purificante para minha alma.

Ele, por sua vez, reagia com uma perplexidade crescente. Às vezes, deixava escapar um “meu Deus” aqui ou ali e, quando cheguei aos acontecimentos daquele dia, sussurrou palavrões cheios de raiva. No fundo da ligação, pude ouvir minha avó o bombardeando com perguntas sobre que estava acontecendo. Vovô não respondeu nenhuma, porém. Eu quase podia visualizá-lo em minha cabeça, com o cenho franzido e a mão esticada em direção a ela, como se, silenciosamente, a pedisse para ficar quieta.

Por um lado, sentia-me péssima que ele descobrisse sobre o passado de sua própria filha naquelas circunstâncias, mas, por outro, entendia que era melhor uma verdade doída a uma mentira confortante. Pelo menos era em que eu acreditava.

— Rebecca, quero que me escute com atenção, tudo bem? — Pediu com um pouco de urgência, tão logo terminei a sabatina. — Marcela estava com complicações na gestação desde quando nos visitou, em Maio. Esse foi o motivo dela ter vindo, meu amor! Não pense, de jeito nenhum, que isso é culpa sua. Você a conhece, sabe como ela é. Você sabe que... que ela faz de tudo... — Sua voz vacilou e ele fez uma pausa.

Mesmo pelo telefone, consegui perceber que, por uma fração de segundo, vovô quase chorou. E, com isso, constatei que a única razão para ele não ter feito foi o fato de estar conversando comigo.

— Marcela só quer te machucar, querida. Ela vive para isso. — Vovô pigarreou. — Sua mãe nos ligou agora pouco dando a notícia. Nós ficamos arrasados porque ninguém merece a dor de perder um filho, nem mesmo ela. Mas... — Novamente sua voz vacilou. — Eu não podia imaginar que ela teve a coragem de... Pelo amor de Deus!

“Sua avó e eu estávamos discutindo agora mesmo se deveríamos ou não te contar. Estávamos com medo de como isso podia ser impactante para você. Infelizmente você precisou lidar com muito mais, hein? Eu ainda nem sei como digerir tudo. Quero dizer, nunca soubemos quem era o seu pai e... droga! — Ouvi-o

bufar com impaciência. Conhecendo meu avô, eu sabia que a primeira coisa que faria depois de falar comigo seria ligar para *ela*. Desde muito nova, ele sempre tomou meu partido. — Becca, nada disso é culpa sua. As decisões da sua mãe só cabem a ela e você sabe que faríamos qualquer coisa por você, não é?”

— Eu sei, vovô — respondi, pouco mais alto que um sussurro. — Sinto muito aborrecê-lo com isso...

— Não, querida — ele me cortou. — O que me aborrece é você ter guardado consigo coisas que são pesadas demais para carregar sozinha.

Um calafrio percorreu minhas costas com o seu tom de voz. Era claramente de uma reprimenda. E, se existia algo que eu odiava, era decepcionar as pessoas que mais amava no mundo.

— Nunca mais, em hipótese alguma, esconda nada de nós, entendeu? — Suspirou com pesar. — Nós te damos liberdade, te apoiamos, deixamos você tomar suas decisões sozinha... A única coisa que pedimos em troca é o diálogo.

Minha garganta arranhou. Por um momento, perdi minha voz.

Céus, fui tão idiota! Estava tão envergonhada que chegava a doer.

Cocei minha nuca, buscando uma coragem que jamais veio.

— Ouviu?

— S-sim. Me desculpa. Achei que estava fazendo o certo, mas não vai mais se repetir.

— Preciso que você me dê sua palavra, Rebecca, de que não vai mais procurar sua mãe.

— Ela não é minha mãe — afirmei sem emoção. — E, sim, eu prometo.



Capítulo 10 - Adônis

*Problemas à minha esquerda, problemas à minha direita
Eu estive enfrentando problemas quase toda a minha vida
Meu doce amor, você vai me tirar dessa?*

Cage the elephant – Trouble

Tamborilei os dedos no volante com impaciência. Tão logo o semáforo abriu para mim, pisei no acelerador, ansiando chegar em casa o quanto antes. Desde quando encontrara o costumeiro lugar de Rebecca vago na sala de aula — a primeira carteira da fileira do meio —, soube que alguma coisa tinha dado errado. Afinal, foram suas duas primeiras faltas na minha matéria no ano inteiro. Ela esteve presente até mesmo em vésperas de feriado, em que a maioria dos alunos simplesmente não comparecia. E, para ela, que costumava ser disciplinada de maneira quase obsessiva, aquilo era alarmante.

Passei o primeiro período inteiro preocupado e, acima de tudo, estranhando aquele vazio de não tê-la por perto. Não que eu tivesse qualquer tipo de interação diferente dos demais alunos com Rebecca. Mas, só o fato de poder espiá-la o tempo todo, imaginando toda a sorte de coisas que gostaria de fazer quando estivéssemos a sós, era o suficiente para que sua falta fosse muito notável para mim.

Quando o intervalo chegou, disquei seu número apressadamente. Estava ocupado. Depois de três tentativas fracassadas, desisti, resignado. Saí à procura de Nataly e Arthur e os encontrei sentados nos bancos de cimento em frente ao bloco de Letras. Quando perguntei se tinha acontecido alguma coisa para Rebecca ter faltado, constatei, pelas expressões surpresas que fizeram, que eles sabiam tanto quanto eu.

— Achamos que ela estivesse com você! — exclamou Arthur e percebi o desconcerto em seu rosto. — Isso é muito estranho. Becca não gosta de faltar nunca.

— Não *mesmo* — Nataly enfatizou. — Ela já até brigou com a gente por isso.

— Eu sei... — *É por isso que estou aqui, afinal*, pensei irritado. Expirei o ar dos pulmões, segurando-me para não ser rude, no entanto. Esse era um defeito que eu precisava aprender a lidar. — Tentei ligar, mas deu ocupado.

— Será que não é bom irmos atrás dela? Pode ser algo sério — Nataly sugeriu, olhando de Arthur para mim sem parar.

— Acho que não. — Ele encolheu os ombros. — Talvez ela tenha ficado lá justamente porque precisava de um tempo sozinha.

Estreitei os olhos absorvendo as palavras e, ainda que relutante, precisei concordar com ele.

— É... você está certo. Ela provavelmente teria ligado para um de nós se fosse alguma emergência — admiti, encolhendo os ombros. — Bem, se souberem de alguma coisa, me avisem, ok?

Os dois assentiram, com olhares complacentes.

O restante da noite passou de maneira odiosamente lenta, mas, por sorte, a apresentação do seminário do segundo ano terminou muito antes do sinal da saída reverberar, permitindo-me voltar para casa — o meu maior desejo desde o instante em que notei a ausência de Rebecca.

Estacionei o carro, esfregando o rosto. Ao pensar em nós dois, senti uma pontada na boca do estômago. Eu sabia que estava irreversivelmente fodido sempre quando parava para refletir no quanto precisava dela por perto, no quanto sua

companhia era um elemento fundamental para a minha felicidade. Se passar poucas horas longe daquela garota já era um inferno, eu podia até antever como seria a hora da despedida... Nós seríamos fortes o suficiente para enfrentar o que nos aguardava? Eu temia que não.

Pulei para fora e, em passos apressados, atravessei a entrada do prédio G. Eu morreria por um pouco de nicotina correndo pelas minhas veias, mas havia coisas mais importantes naquele momento. Subi as escadas, sorrindo ao encontrar um punhado de memórias pelo caminho. A cada novo degrau, uma lembrança distinta cruzava comigo, e era delicioso poder revivê-las, mesmo brevemente.

Ao alcançar a porta de seu apartamento, estaquei no lugar. Quero dizer, eu realmente entendia sua necessidade de espaço e respeitava, mas, por outro lado, já tinha passado por momentos em que podia jurar querer ficar sozinho quando, na verdade, o que mais ansiava era calor humano para me acalantar. Além disso, não fazia bem algum remoer coisas ruins e, sobretudo, imutáveis. Ainda mais por tanto tempo. Então, se eu precisasse ser um pouco inconveniente, tudo bem. Esse era o preço a se pagar para vê-la com aquele sorriso lindo no rosto, o qual a deixava com o nariz um pouco enrugado e me fazia querer agarrá-la para nunca mais soltar. Droga, Rebecca me deixava alucinado. No melhor sentido que essa palavra pode abrigar.

Sem pensar vezes o suficiente para acabar mudando de ideia, toquei a campainha. Dado o fato de que ela demorou em dar um sinal de vida, fiquei atento aos sons vindos lá de dentro. Tentei pela segunda vez e, novamente, só tive o silêncio. *Cadê você, donzela?*, perguntei-me, a preocupação subindo em espirais pelas entranhas. Franzindo o cenho, apertei o botão novamente. Paciência não era exatamente meu nome do meio.

— SÓ UM MINUTO! — sua voz veio abafada e, poucos minutos depois, ela abriu a porta, enrolada em uma toalha azul, com motivos da *Corvinal*. Dominei um sorriso. Adorava aquele fascínio que ela tinha por seus livros e adorava ainda mais que quase todas as suas coisas fossem relacionadas a isso. Surpreendia-me o quanto nos descobríamos, a cada dia, mais e mais parecidos, a nossas maneiras.

Seus cabelos molhados pingavam nos ombros, escorrendo em direção aos seios e traçando um caminho para dentro do decote o qual eu adoraria percorrer com a minha língua. *Porra, Adônis, mantenha o foco!* Repreendi-me por não conseguir conter meus pensamentos nem mesmo em uma situação séria. Mas o

que eu podia fazer se ela aparecia daquele jeito? Era para matar qualquer um de tesão.

Involuntariamente, minhas mãos foram parar em sua cintura, puxando-a para mim. Um sorriso surgiu em sua boca, quando segurei seu rosto. Notei que os olhos não acompanharam, porém. Roçando os lábios nos dela suavemente, perguntei sem me afastar:

— Então é assim que você costuma atender a campainha?

— Só quando você não está por perto — Ela brincou e me senti aliviado por isso. Tão aliviado que demorei em perceber a provocação.

— Ah, é? — Pisquei, empurrando-a com meu corpo para dentro. — Vou me lembrar disso, donzela. Talvez eu esqueça acidentalmente minha camiseta em casa, da próxima vez que sair para treinar...

— Nãoooo! — Exclamou teatralmente e logo estávamos os dois rindo.

Entrelaçando os dedos nos meus, ela me guiou para a sala. Não pude deixar de sentir um cheiro diferente quando atravessamos cozinha. Encarei Rebecca com curiosidade, arqueando as sobrancelhas. Ela pareceu ter lido meus pensamentos, pois respondeu a pergunta mesmo sem eu jamais tê-la verbalizado.

— Tentei fazer purê de batatas hoje. Um. Simples. Purê. De. Batatas. Achei que era capaz de preparar uma receita aparentemente tão fácil...

— Nossa, por que sinto que o final dessa história não é feliz? — indaguei, rindo.

— Porque você sabe, como eu já deveria saber há muito tempo, que sou um desastre na cozinha. De alguma maneira que até agora não entendi como, consegui derrubar a panela e estava até agora tirando purê dos lugares mais inimagináveis. Incluindo eu.

— Depois de ver como você descascou uma batata lá no meu apartamento, nada mais me surpreende, donzela. — Sorri com malícia e ela mostrou a língua.

Apesar de ela querer parecer bem — e até se esforçar para isso —, eu sabia que algo, de fato, tinha acontecido. Isso porque seus lábios estavam péssimos. Principalmente o inferior, com pequenos hematomas arroxeados espalhados por ele. Eu podia até imaginar *quem* tinha a deixado daquela maneira. Usei o polegar direito para contorná-lo com delicadeza.

— Parece que a Becca vampira está de volta.

— Não consegui me controlar.

— Por quê? O que houve?

Rebecca se limitou a dar de ombros, como se isso respondesse perfeitamente bem minha pergunta.

— Senti sua falta hoje — admiti. — Fiquei preocupado... você nunca faltou em uma aula minha.

— Não foi por querer. Quando percebi, já era tarde demais. — Ela torceu os lábios em uma careta que dizia “sinto muito”, desvencilhando-se de mim e, em seguida, sumindo para dentro do quarto.

Joguei-me contra o sofá, para esperá-la se vestir. Não que essa fosse a minha vontade naquele momento. Porque nem de longe era. Minha vontade tinha mais a ver com apoiá-la no encosto do assento e, ali mesmo, arrancar sua toalha o mais rápido que pudesse. *Droga, Adônis!*, revirei os olhos, irritado comigo mesmo. O fato é que presenciá-la só de toalha tinha despertado um lado meu que dificultava a concentração... Enterrei as mãos no cabelo, tentando manter o foco. Rebecca precisava de mim. Aquele não era o momento, embora meu corpo não conseguisse entender isso.

Ela apareceu usando um vestido preto que se destacava em sua pele lívida. Escovava o cabelo distraidamente, os olhos mirando algum lugar muito distante dali. Eram pequenos sinais como esse que entregavam como ela verdadeiramente estava, embora não quisesse admitir nem para si mesma. Conferi as horas em meu relógio de pulso e me empertiguei.

— Seus amigos estão para chegar. Vamos para o meu apartamento?

Suas íris de pistache encontraram as minhas e percebi instantaneamente que pensava em se esquivar. Chateava-me um pouco que ela estivesse tentando se manter distante, porque tudo o que eu mais queria era ajudá-la. Ao longo da noite, temi que ela estivesse tão deprimida quanto ficou quando sua mãe entrou em contato e, pior ainda, temi que tivesse passado horas chorando por alguém que definitivamente não merecia suas lágrimas. Mas aquele comportamento era inédito para mim, eu não sabia exatamente como agir. Estava em dúvida se deveria atender sua vontade explícita de permanecer sozinha ou se essa era a sua maneira de pedir, silenciosamente, justamente o oposto. Decidi pela segunda alternativa, simplesmente por ser egoísta demais para sair de perto dela. Não dava, eu a queria o tempo todo.

Calado, percorri a distância entre nós dois, envolvendo-a em um abraço apertado. Meus polegares passearam para dentro do vestido e se ocuparam em massagear o começo de suas costas. Apoiei o queixo em seus cabelos molhados,

que cheiravam a shampoo. Ela demorou um pouco para corresponder ao afago, como se estivesse relutante. Então, sem mais nem menos, enlaçou minha cintura, escondendo as mãos nos bolsos de trás da minha calça.

Era um momento que dispensava palavras e, por isso, permanecemos em silêncio. Eu teria ficado a noite toda assim, se pudesse, no entanto sabia que a qualquer segundo seus amigos estariam ali e eu ainda não estava pronto para dividi-la com eles. Precisava arrancar alguma informação dela primeiro. Precisava garantir que ela ficasse leve novamente, porque Rebecca definitivamente não combinava com aquela expressão desolada e confusa.

— Sabe que pode se abrir comigo, não? — perguntei e ela meneou a cabeça, concordando. — Não precisa, se não quiser. Mas acho que deveria tentar.

— Por quê?

— Porque não é bom manter a mágoa dentro de nós, donzela. Do mesmo jeito que, se um espinho fura a nossa pele, não podemos ignorá-lo ou ele eventualmente inflamará. Precisamos arrancá-lo para a ferida cicatrizar — Com um meio sorriso, ela assentiu.

— Esse é um bom ponto.

Segurei seu rosto com as duas mãos, buscando seus olhos cristalinos. Então, quando tive certeza de que podia mirar dentro de sua alma, beijei-a como gostaria de ter feito desde que pisara ali.

— Me deixa cuidar de você — sussurrei em seu ouvido, sentindo-a estremecer contra o meu corpo. Por Deus, eu era viciado na forma como ela reagia aos meus menores toques. Amava como sua respiração acelerava quando eu me aproximava demais, amava deixar seus pelos eriçados sussurrando em seu ouvido, amava os sons que escapam de sua boca quando eu percorria suas curvas com minhas mãos, apalpando-a, experimentando-a... Eu a amava e os motivos apenas cresciam. Coloquei uma mexa de cabelo atrás de sua orelha, erguendo seu queixo para que me olhasse. — Castiel ainda não te viu hoje, aposto que está com saudade.

— Ah, agora, sim, estou convencida! — Um sorriso tímido surgiu em seu rosto, iluminando-o.



Castiel de fato parecia com saudade de Rebecca. No momento em que pisamos em casa, ele correu para as pernas dela, como um pequeno pedaço de metal sendo atraído por um ímã. Depois de se esfregar o suficiente para que conseguisse ganhar colo, não saiu mais de cima dela. Permaneceu lá, amassando pãozinho e ronronando até encontrar uma posição agradável e dormir a sono solto.

Certa vez ouvi dizer que os gatos têm o poder de absorver as energias negativas de nós, humanos, e, aos poucos, transformá-las em coisas boas. Aliás, esse seria o motivo para dormirem tantas horas — precisavam repor as forças, afinal. Nunca duvidei disso uma vez que, noite após noite, ao acordar de um pesadelo aos berros, Castiel estava ali para mim. Ele miava até eu pegá-lo e só saía de perto de mim depois de eu me acalmar. Desde que apareceu em minha vida, ele foi o melhor amigo que eu poderia ter. Não só nos momentos de alegria, mas, principalmente nos de desespero.

No entanto, naquela noite, tive a certeza dos seus “poderes curativos”. Conforme os minutos viravam horas, o estado de espírito de Rebecca se transmutava e, aos poucos, ela voltava a ser a garota incrível por quem me apaixonei.

— É abuso demais eu pedir para você preparar alguma coisa para mim? — perguntou ela logo que chegamos, pestanejando além do normal.

Ri em deleite, dando de ombros.

— Bom, tudo na vida tem um preço, você sabe.

— E o que vai me custar?

— Negociamos mais tarde — respondi, apenas para vê-la toda vermelha. Não importa quanto tempo passássemos juntos, Rebecca sempre corava com as minhas brincadeiras. E, para mim, esse era um motivo muito bom para continuar fazendo. Era uma delícia presenciá-la toda sem jeito. — Você não comeu nada a noite toda?

— Nem deu tempo, na verdade. Eu precisei limpar a bagunça do purê e tomar um banho, daí você já chegou. O que foi muito bom, porque sua comida é deliciosa.

— Minha... *comida*. Entendi. — Assenti, mantendo a expressão séria. Em uma fração de segundo seu rosto ficou inteiro vermelho, tal como costumava ficar depois de corrermos em volta do estádio. Sua risada pairou ao nosso redor e isso me aqueceu por dentro. Rebecca me trazia vida, isso era inegável.

— Seu safado!

— Só para você. — Lancei uma piscadela e, como resposta, ela me mandou um beijinho no ar. — Enfim, você quer comer o quê?

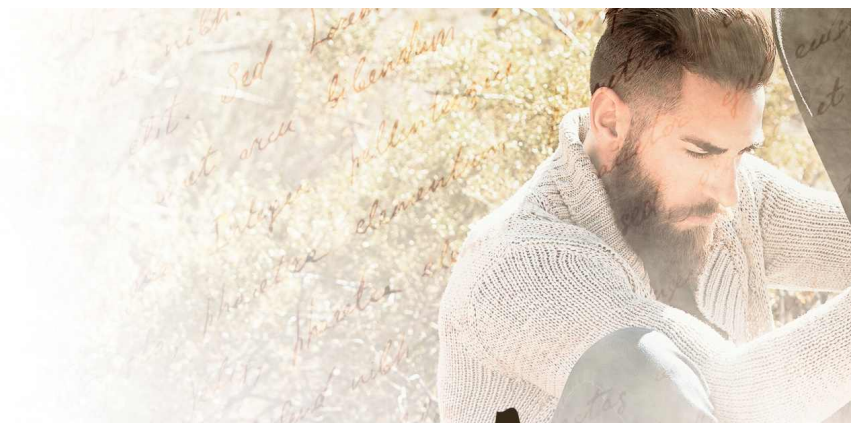
— Alguma coisa leve. Eu... hum... vomitei um monte hoje. Não estou sentindo fome, mas preciso forrar o estômago.

— Sopa, então? — indaguei.

— Sopa está ótimo.

Assenti, tomando do suporte fixado na porta o presente que ela havia me dado há alguns dias. Tratava-se de um imenso avental cuja estampa era nada menos que o dorso do *Darth Vader*. Nunca fui de usar aventais, mas aquele tinha obviamente um valor sentimental para mim — além de ser foda, é claro. Eu poderia até mesmo usá-lo para dar aula, embora não fosse fazer isso por motivos óbvios. Passei-o pelo meu pescoço e amarrei as pontas, sentindo-me como um verdadeiro *Sith*. Rebecca riu genuinamente, como em todas as vezes em que me presenciou usando.

Então, durante o tempo em que me ocupei cozinhando, fiz o possível para mantê-la conversando animada comigo. Embora isso não me ajudasse a avançar no porquê de ela ter faltado na aula, já era o suficiente para distraí-la e, no final, eu sabia que acabaria se abrindo quando estivesse preparada. Só o fato de ela não estar mais com o olhar desolado em sua feição já me deixava aliviado e feliz. Aquela garota tinha me resgatado quando eu mais precisava de ajuda. Ela tinha mudado minha vida sem ao menos perceber, eu só queria fazer o mesmo por ela.



Capítulo 71 - Adônis

*Levante, vá embora, saia de perto desses mentirosos
Porque eles não têm sua alma ou sua chama
Pegue minha mão, entrelace seus dedos entre os meus
E nós sairemos deste lugar escuro pela última vez*

Snow Patrol – Open your eyes

Foi somente depois de jantarmos que Rebecca conseguiu se abrir comigo. Não precisei perguntar nada, ela simplesmente pigarreou e começou a narrar os acontecimentos do dia. Falou sobre a ligação de sua mãe, sobre sua conversa com o avô e tudo o que havia tentado fazer depois para se manter firme. Ela não vacilou em momento algum, no entanto. Seu tom de voz era comedido. Ela parecia anestesiada, distante. Entendi no mesmo momento o quanto lutava, com unhas e dentes, para não se deixar abalar. E, se tinha como, amei-a ainda mais.

Um dos aspectos que eu mais gostava em Rebecca era sua força de vontade, a maneira como ela se dedicava para alcançar seus objetivos — que

consistiam basicamente em ser o mais discrepante possível de sua mãe. Não que fosse preciso muito esforço para isso, de toda a forma.

Enfim, eu também já tinha sofrido e sabia exatamente como era estar no lado de lá. Mas se tinha conseguido me reerguer, certamente foi com a ajuda das pessoas ao meu redor. Meu pai, aquele homem incrível que me ensinou tanto da vida; minha mãe, com seu punho firme que eu herdei; além dos meus amigos, que nunca me deixaram fraquejar. Já ela, não. Ela encontrava força em si mesma, como se batesse o pé e dissesse para a vida que não ia aceitar que as coisas fossem de jeito nenhum se não do dela. É claro que também precisava de ajuda, mas o ponto é que ela conseguia dar conta do trabalho mesmo sozinha. E isso era admirável.

Mas mesmo as pessoas mais fortes têm seus dias ruins — e aquele obviamente era um. Apesar de o brilho nos seus olhos suavizar conforme os ponteiros no relógio avançavam, eu ainda conseguia enxergar a mágoa neles. Estavam escondidas (muito bem, aliás), mas ainda estavam lá.

Foi por isso que, depois de ouvi-la pacientemente, resolvi que era a minha hora de falar. E falaria todas as coisas que ela precisava ouvir naquele momento. Tirei Castiel de seu colo — que não gostou nem um pouco —, e a tomei em meus braços. Rebecca arfou em surpresa e depois riu, abraçando-me pelo pescoço. Percorri o breve trajeto até o quarto, onde a soltei levemente sobre a cama, rastejando sobre ela em seguida e parando pouco antes de alcançar os seios. Cruzei os braços sobre sua barriga, apoiando o rosto neles. Busquei seus olhos, encontrando-os fixos em mim.

— Você precisa ouvir o seu avô. Sabe disso, né?

— Eu sei.

— Não pode mais procurar essa mulher.

— Não vou — murmurou.

— Imagino que deve ser foda passar por tudo isso, donzela, e não quero diminuir o seu sofrimento, só que você precisa enfrentar o passado. Precisa *mesmo*. — Pigarreei, parando por um momento para pensar melhor nas palavras. — Sua mãe sempre vai fazer parte da sua história. Assim como Cecília sempre vai fazer parte da minha. Cada vez que eu olhar para trás, o acidente de carro estará lá. A morte dela estará lá. Não tem como mudar isso, entende?

“E também não deixa de doer nunca mais — admiti, com um sorriso amargurado. — A maior mentira que nos contam é que, com o tempo, a ferida para de incomodar. Porque não para, Becca. Ela diminui a intensidade, mas continua lá.

O que precisamos é nos acostumar com ela e aceitá-la como parte de quem somos. Quanto antes você se conformar com isso, melhor. Merdas acontecem com todo mundo, o tempo todo. A vida não é justa, você sabe disso. Todos sofrem, isso faz parte do que é viver. Você mesma me disse uma vez que os momentos ruins servem para intensificar os bons, lembra?”

— L-lembro — balbuciou, com os olhos brilhando intensamente atrás das lentes dos óculos.

Deixei um beijo no meio dos seus seios, sentindo o tecido áspero do tecido em meus lábios.

— Deixe o passado para trás. Tranque-o e jogue a chave fora! Viver é nada mais, nada menos do que levantar a cada tropeço e seguir em frente da melhor maneira que podemos. — Inclinei o tronco, mantendo-me apoiado nos cotovelos. Precisava ter a total visão de seu rosto. — Esqueça que essa pessoa desprezível é a sua mãe. Apague ela da sua memória, porque você não precisa nem nunca precisou do amor dela. Seus avôs te amam muito e fizeram um ótimo trabalho. Olhe para você!

“Mas, além deles, tem muitas outras pessoas que te amam e vão continuar aparecendo outras pelo caminho. Porque, Becca, você é incrível. Nada do que ela disser vai mudar isso. Então... se eu realmente puder te dar um conselho como alguém que já quebrou a cara e quer muito o seu bem, pare de pensar nela cada vez que for tomar uma decisão. Pare de se cobrar tanto e viva a sua vida. A única coisa que você precisa querer de uma pessoa que te fez tão mal é distância. Deixe-a no seu passado e só assim será verdadeiramente feliz.”

Uma lágrima corpulenta escorreu de seu olho esquerdo, traçando um caminho brilhante em sua maçã. Limpei-a com meu polegar pouco antes de procurar sua boca para um beijo. Minha língua procurou pela sua ávida de desejo. Não existia momento algum em que meu corpo se cansasse do dela. Nós éramos como duas peças de Lego que só se encaixavam entre si.

Ao afastar o rosto alguns centímetros, ela sorria. Pela primeira vez na noite, um sorriso radiante e intenso.

— Eu mal podia sonhar com o quanto você é incrível... Quando descobri que era o meu novo vizinho, pensei “meu deus, sou *tãooo* azarada!” — Ela riu baixinho. — Mas, nossa, na verdade eu tenho muita sorte.

— Quem tem sorte sou eu, donzela — respondi, esticando o tronco para alcançar um marcador permanente sobre o criado-mudo mais próximo de mim. —

Tenho sorte porque cada pedacinho de você é perfeito para mim.

Sem dizer palavra alguma, ela me observou com curiosidade enquanto eu destampava a canetinha. Usei os braços para elevar o corpo até que estivesse sentado, então segurei seu pé direito e, conforme falava com ela, escrevia no dorso dele as mesmas palavras que dizia.

— Adoro sua coragem de falar o que vem na cabeça, adoro que você não abaixe a cabeça para as pessoas, adoro que você seja tão persistente e até um pouco... *teimosa*.

— Assim vou me apaixonar de novo, Chewie. — Piscou, com uma expressão travessa no rosto. — Não está facilitando as coisas para mim.

— Bom, eu te prometi na Ilha do Mel que ia me esforçar o máximo para isso, lembra?

Rebecca agarrou um travesseiro e o jogou contra o meu tronco. Nossas risadas preencheram o quarto. Aproveitei o momento para subir um pouco o seu vestido, deixando as coxas desnudas. Ela arfou e percebi seus músculos tensionando um a um quando comecei a escrever na parte interna delas.

— Adoro sua franjinha que te deixa com cara de mais nova, adoro o quanto tenho vontade de sugar seus lábios toda vez que estão assim, adoro te observar quando está concentrada com alguma coisa, principalmente estudando.

Levantei-me da cama e a puxei pelas pernas, até que elas estivessem ao meu redor. Não me importei em esconder que estava excitado, queria ela bem consciente disso. Bem consciente do quanto me deixava faminto e de que somente ela podia saciar a minha fome.

Então, inclinando-me sobre ela, subi o tecido preto de seu vestido, deixando-a somente de roupa de baixo. Notei seus braços arrepiados e sorri de prazer. Foi a vez de escrever na barriga. A cada letra desenhada, Rebecca contorcia levemente os quadris e era preciso o dobro de autocontrole para não arruinar nosso jogo.

— Adoro sua curiosidade, adoro o quanto você é desastrada, adoro te ver usando minhas camisetas porque te deixa ainda mais gostosa.

Minha mão deslizou para cima, parando sobre seus seios.

— Eu adoro... — comecei, mas minha frase morreu no ar quando ela mordeu o lábio inferior de maneira provocativa. — A-adoro... — Sua mão avançou para dentro da minha calça e, instantaneamente, esqueci o que falava.

— Adora o quê?

Fechei os olhos brevemente, sentindo seus dedos se fecharem ao meu redor. Ela gemeu baixinho, acendendo algo dentro de mim que era impossível de ignorar. *Dane-se, não dá mais*, pensei, tirando a minha camiseta com facilidade.

— Adoro te ver sem roupas — foi a vez dela falar. Tinha uma expressão travessa no rosto. — Adoro o quanto você fica sem controle quando está com tesão. Adoro os sons que solta quando eu faço isso... — Ela aumentou a pressão com a qual me tocava, arrancando um gemido gutural de mim. — Adoro te ter em mim...

Porra!

Cego de vontade, invadi sua calcinha com os dedos, ávido por ouvir seus gemidos doces. Alcancei o meio de suas pernas e, no mesmo instante em que os deslizei para dentro dela, seus quadris se contorceram.

— Adô... Adônis...

— Adoro como geme meu nome — sussurrei, deliciado com a maneira como suas pernas tremiam levemente e os olhos se apertavam com força.

Segurando-me com força pelos cabelos, ela me puxou para um beijo cheio de urgência. Gemi em sua boca, louco de vontade de consumi-la até esgotar todas as suas forças. E isso era exatamente o que eu faria.

Medindo cada reação, dedilhei seu corpo como se fosse um instrumento em cujo som eu era viciado. A música que fazíamos juntos era a que eu mais gostava no mundo todo. Aos poucos, Rebecca se contorceu mais e mais, preenchendo o quarto com seus sons deliciosos. Até que, de repente, convulsionou inteira e, desmanchando-se em espasmos, exclamou meu nome. Gemi junto dela, constatando que não conseguiria me segurar por nem mais um único segundo que fosse. Eu precisava fazer amor com Rebecca, precisava senti-la, precisava ouvi-la gritando o meu nome mais vezes.

Esperei suas pálpebras se erguerem, relevando as íris verdes que ardiam intensamente. Com um sorriso no rosto e incapaz de falar uma palavra sequer, tirei o que me restava de roupa o mais rápido que pude, sem quebrar o contato visual, no entanto.

— O que voc...? — começou, mas a interrompi.

— Shhhh.

Segurando suas pernas, encaixei meus ombros nas dobras de seus joelhos e deslizei para dentro dela, sentindo-a quente e úmida ao meu redor. Soltamos um gemido que saiu em uníssono.

— Quero te levar ao ápice comigo, minha donzela. Uma vez... duas... até não aguentarmos mais. — Sussurrei em seu ouvido e não estava brincando. — Porque eu adoro o quanto nossos corpos são incríveis juntos.



Capítulo 72

*Eu cometi erros, mas acredito que tudo valeu a pena
Porque no final, a estrada é longa
Mas apenas porque te faz forte
Está cheia de altos, voltas e reviravoltas
Às vezes você tem de aprender a esquecer*

Marina and the Diamonds – Forget

Abri os olhos, incomodada com um feixe de luz entrando pela fresta da cortina e parando de maneira deveras irritante sobre o meu rosto. Piscando algumas vezes, deixei que minha mente despertasse ao seu tempo. Lá fora, os pássaros cantavam alegremente, sugerindo que ainda era bem cedinho — a minha parte favorita do dia. Estiquei o braço e pesqueei o celular de cima do criado-mudo, não passava das sete. A constatação me deixou animada. Eu adorava todas as possibilidades existentes para uma nova manhã.

Espiei por cima do ombro e descobri que Adônis ainda dormia. Era a primeira vez que eu acordava antes dele e isso me arrancou um sorriso. Em parte porque eu sabia que ele estava cansado depois da noite... *agitada* que tivemos, se é que você me entende. Mas, principalmente, porque sentia um calor gostoso ao presenciá-lo dormindo com tamanha tranquilidade. Ainda mais por saber que ele passara tantos anos tendo sonos inconstantes e, nem de longe, reparadores.

Por mais tentador que fosse enterrar os dedos em seus cabelos macios até suas íris de Outono se revelarem para mim, decidi que ele merecia descansar o quanto seu corpo pedisse. Já eu, não conseguiria voltar a dormir nem mesmo se tentasse e, por isso, fiz o possível para me desvencilhar de seus braços fortes sem despertá-lo. O que não foi bem sucedido com Castiel, que se espreguiçou graciosamente e me fitou com seus enormes e desconfiados olhos de safira. Encolhi os ombros, como se me desculpasse por arruinar seu soninho, no entanto recebi apenas um miado rouco e duro como resposta.

Já em pé e do lado da cama, gastei alguns minutos observando Chewie. Um pouco assustador da minha parte, eu sei, mas o que podia fazer se ele simplesmente ficava lindo até mesmo dormindo? Quero dizer, eu, por exemplo, ficava um fiasco e tinha total consciência disso, ainda mais considerando o fato de que babava durante o sono. Mas ele não. Estava tão sereno que minha vontade era de me abrigar novamente em seus braços e ficar ali apenas aproveitando seu perfume amadeirado e seu calor aconchegante enquanto as horas passavam.

Não foi o que fiz, no entanto. Em vez disso, rumei para o meu apartamento e, considerando a hora, qual não foi minha surpresa ao me deparar com aquele delicioso cheirinho de café me esperando antes mesmo de eu abrir a porta? Encontrei Arthur em frente a pia, ocupado em passar o café fumegante. Tinha os cabelos despenteados e os olhos castanhos um pouco inchados de sono. Estava genuinamente intrigada por ele ter caído da cama tão cedo, justamente no mesmo dia que eu, quando, em um dia normal, ele provavelmente acordaria dali a, no mínimo, uma hora e meia. E só porque precisava trabalhar, caso contrário meio dia seria cedo para ele. Meu amigo era um dorminhoco assumido.

Ele não olhou em minha direção, sequer me recepcionou. Estranhei seu comportamento e, ao me aproximar um pouco, descobri que estava com os fones de ouvido. Mesmo a alguns centímetros de distância, o som era audível para mim. Eu não conseguia entender como Arthur ainda não tinha ficado surdo, ouvindo música naquela altura.

Fisquei os lábios e, devagarzinho para não acabar chamando sua atenção, esgueirei-me pela cozinha, percorrendo a distância entre nós. Abracei-o por trás, fazendo-o dar um pulinho sobressaltado no lugar. No mesmo instante, Arthur arrancou os fones, lançando-me um olhar irritado.

— Jesus, Becca! Está querendo me matar ou o quê?

— Matar está fora de questão — Deixei um beijo estalado em sua bochecha.
— Não esperava te achar acordado tão cedo.

— Minha chefe ligou avisando que a escola não vai abrir hoje — explicou com sua voz arrastada. — Estamos de luto.

— Nossa, quem morreu?

— Não faço a menor ideia. — Deu de ombros, fazendo-me rir.

— Lily ainda está dormindo? — indaguei, apenas para puxar assunto.

— Uhum. Nós ficamos acordados até tarde... — sua voz morreu no ar. Então, piscando os enormes olhos algumas vezes, ele pareceu se lembrar de algo muito importante, pois se empertigou no lugar, encarando-me com expectativa. — Você sumiu ontem, bonequinha!

— Devia ter avisado vocês, mas é que não foi de propósito, eu só... bem, só precisava de um tempo para colocar a cabeça no lugar. — Encolhi os ombros. — Foi mal.

— É, todo mundo tem os dias que só quer escapar... — falou baixinho, como se tivesse externado o pensamento sem ao menos se dar conta.

Arthur tampou a garrafa térmica tão devagar que tive vontade de tomá-la de suas mãos e fechar eu mesma. Em passos tranquilos, levou-a até a nossa mesa de carretel, junto de duas xícaras de porcelana que não combinavam entre si, para só depois me olhar com atenção.

— O que aconteceu? — perguntou, sério. Sério até demais, eu diria. — E nem adianta dizer que não foi nada, porque você nunca faltou antes e, além disso, sua boca está horrível e eu sei que você só faz isso quando está mal!

— Caramba, por que todo mundo sabe disso? — A pergunta simplesmente escapou. Porém, pela expressão impaciente que ele fez, cheguei à conclusão de que não foi exatamente no melhor momento. Suspirei fundo, encarando meus próprios pés para fugir de seu olhar. — Minha mãe — falei simplesmente.

Meu amigo arrastou uma cadeira, sentando-se à mesa. Em seguida, encarou-me com um olhar que, silenciosamente, fazia o convite para eu imitá-lo. Assenti,

pegando uma caixa de leite na geladeira antes de me juntar a ele. Tomei a garrafa térmica e nos servi em questão de segundos.

— Eu nunca te contei sobre ela, né? — perguntei, apesar de saber que não. Foi a minha maneira de começar o assunto. Estava na hora de me abrir para ele, pois, no fim das contas, eu já sabia sobre sua história de vida há muito tempo.

Com o rosto escondido por trás da caneca, ele balançou a cabeça em negativa. Eu o conhecia bem o suficiente para perceber a atmosfera entre nós mudando. Senti a expectativa emanando dele para mim, de maneira crescente. Sorri internamente, por algum motivo lisonjeada pelo seu interesse na minha vida. Sentia-me um pouco culpada por Nataly não estar ali também.

Veja bem, eu disse *um pouco*.

Embora eu a amasse muito, nem de longe tínhamos uma ligação tão forte quanto a que eu sentia por Arthur — e sabia que ele também sentia por mim. Eu não acreditava em outras vidas, mas se elas existissem, provavelmente já teríamos nos esbarrado antes. Tenho certeza disso.

— Que bom que já está sentado... porque a história é grande! — Comentei e rimos baixinho. Mordisquei a parte interna da bochecha, reunindo a última dose de coragem necessária, antes de começar a contar o passado como se me despedisse dele.

Eu não estava magoada com o acontecimento de ontem. Apesar de ter ficado um pouco pensativa e reclusa, foi apenas refletindo sobre a minha vida até ali. As minhas escolhas, minhas memórias... enfim. Não foi em nada parecido com o dia em que Marcela me contou sobre a nossa história, por exemplo, que fiquei no fundo do poço.

O fato de ela jogar em mim uma culpa que não me pertencia nunca foi uma novidade. Mas, no caso da filha que ela carregava no ventre, só me mostrou o tamanho de seu desequilíbrio. E, então, comecei a enxergar o outro lado da moeda com clareza e pensar que talvez eu tivesse muita sorte na situação toda. Era melhor que ela nunca houvesse nutrido nenhum tipo de interesse por mim, de certa forma. Eu tinha sido feliz, afinal. Mesmo com uma porção de eventos traumáticos, era como Adônis tinha me falado — meus avós fizeram um excelente trabalho. A felicidade se sobressaía.

Eu realmente precisava virar a página e estava concentrada demais nisso para me permitir abalar. Decidi que aquela fora a gota da água. Dei todas as chances que poderia dar para nós duas, arrisquei todas as tentativas de

aproximação, por várias vezes ofereci meu amor pedindo somente um pouco de empatia em troca. Agora, no entanto, eu só queria distância. E me sentia grata por ter finalmente acordado de uma ilusão criada em minha cabeça de que tudo um dia poderia mudar.

Aquele era o desfecho da minha história com ela.

Eu não percebi o momento exato em que Arthur agarrou minha mão com tamanha força. Só sei que, enquanto colocava para fora tudo o que mantive guardado em mim por tanto tempo, meus dedos começaram formigando, como se implorassem por um pouco de circulação sanguínea. Mesmo assim, não me movi um único centímetro. Não tinha como, eu me sentia tão acolhida por ele, mesmo que ainda não tivesse falado uma única palavra que fosse. Bastava a maneira atenciosa como olhava para mim, ou então o polegar subindo e descendo com leveza pelo meu pulso. O amor morava nas sutilezas, afinal.

— Adônis me disse que preciso ouvir o meu avô e deixá-la no passado. Acho que eles têm razão — concluí, parando para tragar um pouco de ar. Eu parecia ter me esquecido de respirar durante a sabatina.

Meus olhos ardiam intensamente, como se estivessem prestes a transbordar. Eu não queria isso. Ao procurar as íris do meu amigo, encontrei-as da mesma maneira. Brilhavam intensamente como se ele lutasse para conter a água ali.

Sem dizer palavra alguma, ele se levantou — no seu característico ritmo moroso, é claro —, dando a volta na mesa para me abraçar. Seus braços me contornaram pelo pescoço, como se me desse um mata leão, ao passo em que repousou o queixo no meu ombro direito.

Perdi a noção de tempo enquanto sentia sua respiração morna vir em lufadas contra a minha nuca. Diferente do que acontecia com Adônis, no entanto, elas não me deixaram arrepiada, nem nada, no mínimo, parecido. Estranhamente, foi confortante um pouco de calor humano, sobretudo de uma pessoa tão especial para mim.

Fechei as pálpebras, permitindo-me receber o seu carinho. Era bom ter alguém com quem me abrir inteiramente. Alguém que me entendia e sabia me confortar sem o menor esforço. Céus, como era bom saber que não estava sozinha naquele mar revolto que era a vida.

Arthur me pegou de surpresa ao afundar o rosto na curva entre o meu pescoço e o ombro, deixando um beijo estalado ali. Então, afastou-se de mim,

deixando um vazio onde estivera. Como percebi que ele não voltaria a se sentar ali, levantei-me em seguida e, juntos, fomos para a sala.

Ele se jogou contra o sofá maior, buscando uma almofada que colocou no colo. Depois deu três batidinhas com a mão sobre ela.

— Vem cá! — chamou, sorrindo largamente.

Sem pensar duas vezes, atirei-me em seu colo, como uma criança manhosa. Era bom ser confortada e esse era um aspecto meu que também tinha mudado na faculdade. Se antes eu considerava fraqueza precisar de ajuda, agora eu me sentia grata por ter tantos braços amigos abertos para mim.

— Não acho que Adônis nem o seu avô estejam errados. — Começou, e tinha o olhar distante, de quem pensava com calma nas palavras. — Só que também não acho certo você simplesmente esquecer tudo o que ela te fez sem colocar um ponto final antes. Não é justo só você sair prejudicada.

— O que quer dizer?

— Eu não contei para ninguém antes, mas acho que é o momento certo para isso... Pode te ajudar. — De cima, ele me fitou brevemente nos olhos. — Lembra que eu entrei em contato com a minha tia logo quando meus pais... hum... me deixaram na mão?

— Uhum — murmurei, curiosidade me dominando em uma velocidade surpreendente.

— Bom, ela ficou puta. Eu sabia que ficaria, porque ela nunca concordou com a minha mãe em várias coisas, principalmente em relação a mim. Minha tia também é a minha madrinha — explicou, com um sorriso tímido. — Enfim, ela tentou de toda forma fazer meus pais mudarem de ideia. Primeiro de um jeito civilizado e, como eles não cederam, começou a baixar o nível até chegar às ameaças. Eles não voltaram atrás mesmo assim.

“Eu pedi para ela deixar para lá, porque isso estava mexendo muito comigo, Becca. Você deve entender mais que ninguém o quanto dói a rejeição da própria família. — Sua voz vacilou e ele precisou pigarrear para continuar. — Além do mais não é como se estivesse fazendo falta o apoio deles, né? Eu estou trabalhando, consigo arcar com minhas despesas. E, além de tudo, minha tia, sendo a pessoa incrível que é, começou a enviar uma mesada que uso para pagar minha parte do aluguel. Isso aliviou bastante as coisas.”

— Jura? — não me contive. Fiquei tão feliz com a descoberta que a pergunta simplesmente pulou para fora. — Arthur, que coisa maravilhosa! Que bom que sua

tia não é nada como eles.

— Pois é, ainda bem que ela se importa tanto comigo. Nem todos têm a mesma sorte. — Falou com amargura. — Mas esse ainda não é o ponto que eu queria chegar. — Coçou a ponta do nariz, parando por um breve momento. — Por mim teria ficado por isso, exatamente como você quer fazer agora. Mas minha tia bateu o pé insistiu que não podíamos deixar barato. Ela me disse que não era justo eles me fazerem mal sem serem punidos por isso, porque, segundo ela, toda ação tem uma reação. E a deles também precisa ter.

Uau!, foi a única coisa que consegui pensar. Desejei com todas as forças conhecer sua tia. Ela era incrível simplesmente por amar tanto o meu amigo e isso já era um motivo e tanto. Eu me sentia grata por ele não estar totalmente desamparado.

— Um pouco antes de a Nataly voltar para casa, minha tia me ligou para perguntar se eu queria entrar com uma ação judicial contra os meus pais. Primeiro eu fiquei perplexo, porque nunca me passou pela cabeça essa possibilidade. Fiquei com medo, sei lá. Essas besteiras que nosso cérebro nos faz passar quando é preciso tomar uma decisão importante. — Ele deu uma risadinha nervosa e foi impossível não rir dele. — Mas daí ela me explicou que tinha entrado em contato com um advogado com fama de imbatível, lá da cidade dela. Chama Felipe Antunes, ou algo assim. Ela explicou toda a situação e perguntou se existia algo que pudéssemos fazer a respeito. Então ele disse que eu podia processar meus pais por abandono afetivo, porque, de acordo com a lei, tenho o direito de ser sustentado até terminar a faculdade e poder, de fato, me estabilizar.

— Meu Deus, Arthur! — exclamei, tentando organizar toda aquela profusão de informações na minha cabeça que, de repente, pareceu pequena demais para tantos pensamentos.

Como eu não sabia de nada daquilo? Céus! Tantas coisas importantes acontecendo com o meu amigo e eu não fazia a menor ideia.

— Eu sei — suspirou.

— E qual foi a sua decisão?

— Não me julgue, mas eu... aceitei — falou ele, pouco mais alto que um sussurro. Então, suas próximas palavras saíram atropeladas umas nas outras. — Pensei bastante no começo, porque, bem ou mal, eles me criaram por todos esses anos e me deram qualidade de vida. Só que, por outro lado, não se pode jogar um

ser humano fora desse jeito, sabe? Eu não fiz nada de errado para precisar ser punido. Eles, sim, fizeram!

Ele concluiu me encarando com os olhos ainda mais esbugalhados que o normal. Fui tomada por uma onda de compaixão. Quero dizer, eu bem sabia como era terrível viver com o peso de uma culpa de outra pessoa. Pagar pelos erros que não nos pertenciam. Sabia como era querer conseguir odiar alguém e, ao mesmo tempo, ficar mal por isso.

— Eu jamais te julgaria, Arthur! — falei genuinamente, usando os braços para elevar o tronco até conseguir abraçá-lo. — Só você pode decidir o que é certo ou errado na sua vida. A única coisa que mudou entre nós dois é que eu te admiro ainda mais por ser tão corajoso!

Como resposta, ele cutucou minhas costelas e me contorci para me esquivar de seus dedos magros, em meio a risos.

— Pense bem nessa possibilidade, Becca. Sei que não é uma decisão fácil, mas, independente da sua escolha, eu estarei do seu lado.

— É, eu sei que sim.

Nossa conversa se estendeu por horas, até Nataly irromper na sala, com uma expressão vaga de quem havia acabado de acordar e não fazia a menor ideia do que acontecia ao redor. Arthur e eu trocamos um olhar longo e repleto de cumplicidade. Eu soube, no mesmo instante, que tudo o que conversamos ao longo da manhã seria algo apenas entre nós, um segredinho nosso. E, por alguma razão, a sensação me agradou — e muito.



Capítulo 73

*Não se esqueça de mim, meu amor
Eu só quero segurar sua mão
Pendurar em cada palavra que você diz
Vamos escrever uma canção para nós
E cantar até que estejamos velhos e grisalhos*

The Civil Wars – Forget me not

Minha conversa com Arthur ecoou em minha mente ao longo de semanas. Assim como ele, a possibilidade de processar minha progenitora jamais passara pela minha mente e, por isso, cada vez que eu refletia sobre o assunto, sentia um misto de euforia e medo. Não que eu quisesse me vingar, nem nada parecido. Porque realmente não tinha nada a ver com isso. Eu decidi levar em conta o conselho de meu avô e Adônis — seguir em frente. Deixar o passado no único lugar onde ele deveria ficar. Mas, para isso, era necessário um ponto final. E eu sentia,

dentro de mim, que esse era um ponto final mais que pertinente à minha história com Marcela.

Concordava com o meu melhor amigo quando ele afirmava que nós dois não podíamos ser os únicos a saírem prejudicados. Porque no fundo, era isso. *Exatamente* isso. Não era justo que ela tivesse feito tantas coisas ruins para mim e ficasse por isso mesmo. Eu não podia arcar com suas escolhas erradas. E a faria ver isso, empurrando-as novamente em sua direção.

Apesar de ruminar a ideia por tanto tempo, somente no dia vinte e dois de setembro, meu aniversário, consegui admitir para mim mesma o quanto essa decisão era importante para que eu pudesse me libertar. Ao completar meus dezoito anos, senti uma onda paralisante de urgência. Lembrei-me de quantas vezes desejei ardentemente ser adulta apenas para ficar longe de Marcela. Parecia tão distante da minha realidade na época e, no entanto, chegou sem que eu sequer notasse. E agora que tinha a vida toda pela frente, à minha maneira, não admitiria que ela fizesse parte da minha história. Não, essa nova história era eu quem escrevia. Eu decidia o que acontecia e mais ninguém. Como quando me mudei para Maringá, senti-me verdadeiramente a protagonista.

Existe algo inexplicável sobre atingir a maioridade — sentimos o peso do mundo recair sobre os ombros. Ao menos foi assim para mim. E, de repente, entendi o que todos queriam dizer sobre a vida ser uma só para a desperdiçarmos. Ela é longa o bastante para cometermos tantos erros quanto forem precisos e também para nos importarmos com as coisas erradas antes de conseguirmos distinguir as certas; no entanto, a vida é também em um piscar de olhos e, quando menos se percebe, já passou. Então, quanto antes ficamos de bem com nós mesmos, menos precisamos quebrar a cara. Acho que ninguém quer persistir no sofrimento quando a felicidade está logo adiante, certo?

Foi por isso que, antes que meus avós tivessem a oportunidade de me ligar para dar as felicitações, tomei a iniciativa de telefonar eu mesma. Desci para o estacionamento, a fim de não ser interrompida por ninguém e, andando de um lado para o outro, disquei o telefone já decorado de vovô. Sabia que as chances de ele entender as minhas motivações seriam bem maiores, porque, no fim das contas, se existia alguém no mundo com quem eu me parecia, certamente era o meu avô. Céus, nós podíamos não ser fisicamente parecidos, mas éramos iguaizinhos em todo o resto.

— Becca? — perguntou, surpreso. — Eu é quem ia fazer isso, sua danada!

— Sinto muito. Mas você sabe que nunca me importei muito com essas coisas — admiti, sorrindo ao ouvir sua risada ecoar satisfeita do outro lado da linha.

— Sua sorte é que sua avó não está aqui. Sabe como ela é, ficaria chateada.

— Prometo que finjo surpresa quando ela me ligar mais tarde.

— Então tá bom. — Mesmo sem vê-lo, tive a certeza de que sorria largamente. — A que devo a honra?

— Bom... — minha voz ficou presa no fundo da garganta.

Engoli em seco ao perceber o quanto devia ter me preparado melhor para aquela conversa. Afinal de contas, não era como pedir para passar as férias em Maringá, ou como contar que eu estava namorando o meu professor. Tratava-se de uma decisão muito importante e, acima de tudo, impactante — não só a mim, mas a todos os envolvidos. Eles, inclusive. Porque eu sabia o quanto era difícil para os meus avós ficarem em linha de campo, sem saber exatamente o que fazer em relação à Marcela. Apesar de tudo, eu sabia que eles a amavam. Estavam severamente decepcionados, é claro, mas não se pode deixar de amar alguém, ainda mais quando esse alguém é parte de você.

— Rebecca...? — chamou ele, despertando-me para a realidade outra vez.

Essa é a hora, meu subconsciente sussurrou para mim.

Respirei fundo e contei até três com tranquilidade.

E então, antes que pudesse mudar de ideia, ouvi-me dizendo:

— Quero entrar com uma ação judicial contra a minha... c-contrá Marcela.

Ouvi-o pigarrear e então tossir por alguns segundos. Meu coração apertou tanto que doeu, mas era tarde para voltar atrás.

— Perdão? — perguntou, sem esconder o choque. — Ação... judicial? Mas, Becca... — suas palavras flutuaram pelo ar por segundos a fio. Ele parecia um pouco decepcionado comigo.

— Eu não quero parecer ingrata, vovô. Porque, meu Deus, você e vovó são tudo para mim e eu tenho muita sorte por serem tão incríveis. São os melhores pais que uma pessoa poderia ter. São os meus verdadeiros pais! — As palavras praticamente se embolavam, tamanha era a velocidade com a qual escapavam dos meus lábios. Mal me lembrei de respirar. — Eu não mudaria nada, mesmo que pudesse. Só que... O que Marcela fez comigo não perdeu a gravidade. Nem mesmo todo o amor de vocês foi capaz de amenizar isso. Ela deixou marcas eternas e para sempre vou carregar comigo.

— Eu sei, querida. Sei como você se sente frustrada, sei como a indiferença dela te afetou. Isso não machuca somente você, acredite em mim. O que não entendo é *por que* agora? O que vai mudar, nessa altura do campeonato?

— Tudo, vovô. Vai mudar *tudo*! — exclamei, irritada, chamando atenção de um rapaz que acabara de estacionar a moto a centímetros de mim. Ele me estudou com curiosidade por alguns segundos, antes de dar de ombros e seguir para dentro do bloco. — Todo mundo me diz para seguir em frente e é *exatamente* o que estou fazendo. A minha vida inteira eu permiti que ela pisasse em mim, porque a amava demais para reagir. Fui humilhada em todas as oportunidades possíveis porque ela nunca teve pena de mim. Agora estou pronta para deixar tudo isso para trás. Eu me conformei que Marcela nunca vai ser uma mãe para mim, vovô, me conformei. E não faz mais diferença, mas ela precisa pagar. Precisa!

Ele expirou o ar dos pulmões de maneira audível. Eu conseguia sentir sua impaciência avançando de fininho, porém não deixei que isso me afetasse. Já imaginava que talvez minha vontade não fosse ser tão bem recebida, no entanto não desistiria assim tão fácil. Eles podiam não concordar, mas ao menos precisavam se esforçar para entender. E, no fim das contas, ele sabia como eu era orgulhosa. Como eu não abria mão tão fácil das coisas que queria.

— Precisa pagar?! Becca, não estou te reconhecendo. Isso não se parece em nada com você... Onde está a minha menina que...

— Aceita tudo calada? — Interrompi-o. — Vovô, me desculpa. Todos esses anos suportei quietinha, mas não é justo. Não se trata de ela nunca ter me criado ou de nunca ter me dado amor. Quero dizer, é isso *também*, mas principalmente as maldades, as agressões verbais, ou todas as vezes que ela tentou me convencer que eu era um pedaço de merda e devia sofrer!

Parei onde estava, dobrando o corpo para frente e me apoiando com um braço no joelho enquanto tentava organizar os pensamentos, que estavam a mil por hora. Por um segundo, pensei que fosse chorar. Umedeci os lábios, fechando os olhos. Não era a primeira discussão que tínhamos, obviamente, porém não deixava de ser incômoda. Tal como se eu tivesse uma pedrinha no sapato e, a cada pisada, ela se aprofundasse mais em minha carne.

— Você vai defender essa mulher logo agora? — perguntei simplesmente. Ouvi-o arfar do outro lado, como se estivesse caminhando há muitos quilômetros e se sentisse exausto, mas ainda existissem muitos outros pela frente.

— Você está sendo injusta, Rebecca. — Sua voz entregou o desapontamento. — Sabe que se eu precisasse escolher cem vezes, cento e uma ficaria ao seu lado, meu amor. E não te condeno por ter rancor. Mas... eu não sei... você acha mesmo que isso resolve alguma coisa?

— Acho — falei baixinho. — Eu não posso cobrar amor dela. Não posso e você está certo. Nesse sentido não faz diferença alguma. Mas ela tem responsabilidades comigo perante a lei, e isso eu posso cobrar, vovô. Meu amigo me disse que podemos entrar com ação de abandono afetivo e, dependendo do caso, até danos morais. — Mordisquei uma unha, deixando-o absorver as palavras. — Não quero me vingar, se é o que você está pensando. Mas você sempre me ensinou que toda semente que plantamos germina um dia. Chegou a hora de Marcela colher os frutos.

— Tem certeza, meu bem? Essa é uma decisão muito importante.

— Estou pensando nisso desde que ela me ligou, vovô. Nunca tive tanta certeza de alguma coisa. Vou entender e respeitar se vocês não quiserem participar disso. Só que vocês me conhecem, sabem que quando decido uma coisa não volto atrás. Nem que eu precise esperar alguns anos até ter a minha estabilidade financeira, vou processá-la.

— Certo. — Ele estalou a língua. — Está certo. Vou conversar com a sua avó para ver o que ela acha disso e depois te ligo.

— Obrigada, vovô — respondi e, mesmo depois de ele ter desligado, permaneci estática no lugar, anestesiada.

Quando vovó me telefonou, naquela noite, para me desejar um feliz aniversário, percebi pelo seu tom de voz que ela já sabia da minha conversa com vovô. Apesar de sentir uma comichão nas entranhas, convenci-me de que era o certo a fazer e, na maioria das vezes, o certo não é sinônimo de fácil. No entanto, apesar de ter ficado um pouco esquisita comigo, ela não tocou no assunto durante a hora em que conversamos. Foi justamente o contrário — ela fazia o possível e o impossível para não dar margem ao assunto. A atitude de vovó me fez pensar que talvez eles não fossem se sentir confortáveis para me ajudar, o que, infelizmente, atrasaria os meus planos em muitos anos, além de dificultar em dobro. Mesmo assim, não pude culpá-los. Era realmente uma decisão muito importante, a qual cabia somente a mim e mais ninguém. Decidi não mais aborrecê-los com isso e, então, jamais voltei a tocar no assunto nas ligações subsequentes. Em vez disso,

ocupei-me em usar meu tempo livre para pesquisar a respeito das minhas opções, apenas para me livrar da sensação odiosa de ter as mãos atadas.

No entanto, contrariando as minhas suposições equivocadas, semanas após o meu aniversário, vovô me telefonou em uma remota tarde de quinta-feira para dar a notícia de que tinham contratado um advogado e que ele estava bem otimista sobre eu ganhar o processo. Primeiro fui atingida por um baque intenso. Minhas mãos tremeram, meu coração acelerou e eu tive a sensação de que desmaiaria a qualquer momento, tamanha foi a minha emoção.

A notícia serviu como a injeção de ânimos que eu vinha precisando. Senti-me como se fosse uma lâmpada acesa de repente depois de muito tempo apagada. Um calor descomunal subiu pelos meus membros e eu tive vontade de gritar para o mundo inteiro ouvir o quanto eu estava feliz e o quanto estava grata pela família maravilhosa que eu tinha.

Não conseguir me atentar a maior parte das instruções dadas pelo meu avô, mas, também pudera, minha cabeça tinha virado uma orquestra sinfônica. Os pensamentos davam cambalhotas de um lado para o outro, como crianças repletas de energia.

— Nós te amamos demais — falou vovô com a voz embargada, pouco antes de encerrar a chamada. Isso eu ouvi muito bem. — Temos muito orgulho da mulher que está se tornando, minha querida. Se você quer ir em frente nisso, então estamos do seu lado. Sempre te apoiaremos, Becca. Nunca se esqueça disso.



— AI, MEU DEUS! — berrei, irada. — AI. MEU. DEUS!

Adônis pareceu chocado. Fitou-me com os olhos arregalados e, por um momento, quase consegui esquecer a ira que se alastrou pelo meu corpo. Eu disse *quase!* Bastou meus olhos focarem na parte inferior do seu rosto, no entanto, para meu sangue ferver novamente.

— CHEWIE, O QUE FOI QUE VOCÊ FEZ?

— Eu... — começou, porém o interrompi.

— Como pôde fazer isso comigo? — choraminguei, usando toda a minha força para não voar em seu pescoço e fazê-lo pagar pelo crime hediondo de ter

tirado a barba.

Tirado. A. Droga. Da. Barba!

Logo depois da ligação de vovô, saí em disparada ao apartamento de Adônis para contar as novidades. Estava tão empolgada que acabaria explodindo se não contasse para alguém. No entanto, toda a felicidade se dissipou em um passe de mágica.

Então recordei que, na noite anterior, depois da aula, ele havia me dito que tinha uma surpresa para mim. Uma surpresa! Sério, quem, em sã consciência, chamaria isso de surpresa?

Eu não queria aceitar que havia passado horas da minha preciosa madrugada imaginando a enorme profusão de coisas que se encaixavam em “surpresa”, quando, na verdade, ele tinha deixado o meu pobre coração em frangalhos ao tirar a barba. Pelo anel de Bilbo Bolseiro, quanto mais eu me acostumava com a ideia, mais as minhas mãos tremiam de raiva. Não dava para acreditar que, àquela altura do campeonato, Adônis tivesse me traído de maneira tão fria.

Como confiar naquele homem depois disso?

— Você não gostou? — indagou, com uma expressão cautelosa.

Eu simplesmente não conseguia me conformar. Parecia outra pessoa de frente para mim.

— Se eu não gostei? SE EU NÃO GOSTEI? — arquejei, sem fôlego. — Você tem sorte de eu não ter um sabre de luz, Chewie, porque eu juro, faria picadinho de você. E não estou brincando!

Minhas palavras o fizeram gargalhar em deleite e eu só o odiei ainda mais. Droga, droga, droga! Por que alguém faria isso? Céus, eu queria chorar. Enterrando as mãos no cabelo para tentar me acalmar, ouvi-o perguntar com um tom de deboche:

— Então eu fiquei feio?

— É claro que você não ficou feio! Não existe essa possibilidade. — Encarei-o indignada. De fato, não tinha como. Seu maxilar bem delineado era masculino e me deixava ávida para contorná-lo com mordidinhas. Além do mais, sem todo o pelo na frente, sua boca ficava ainda mais deliciosa e carnuda. Uma verdadeira tentação. — Mas é que antes você era um *homão da porra*. Agora você é só um *homão*. Entende a gravidade da situação?

Ele passou os dedos longos pelas bochechas, como se experimentasse a sensação de não ter nada ali além de sua pele macia.

— Eu achei que fosse você fosse gostar, donzela.

— Por que você acharia um absurdo desses? — perguntei, sem esconder o quanto estava exasperada.

— Não sei... você me chama de Chewbacca porque eu sou peludo.

— Era no sentido carinhoso!

— Sim, mas achei que gostaria de me ver assim... para saber como eu sou — murmurou, fingindo estar emburrado. No entanto eu sabia que, na verdade, ele estava divertido com a minha reação.

— Você podia ter me mostrado uma foto, sabia?

— E perder de te ver assim toda irritadinha? — Ele sorriu torto, aprisionando-me em seus braços. — Não se preocupe, vai crescer rápido.

— Rápido pode ser bem relativo. — Encarei-o desconfiada. — Rápido quanto?

— Uns três meses e ela já estará cheia de novo.

— T-três meses?! — balbuciei de raiva. — Três meses é muito devagar! Ai, Adônis... — fiz beicinho, tentando afetá-lo. Mas, em vez disso, ele apenas riu baixinho.

Então, embora eu estivesse o lançando meu melhor olhar ameaçador, Adônis roçou suavemente seu rosto no meu. Estava tão macio quanto um pêssigo bem aveludado. Suspirei fundo, resignada. Isso foi o suficiente para me desarmar. Não era tão ruim, afinal.

Antes que eu me dessa conta, mordi a curvinha de sua mandíbula, arrancando um gemido baixo dele.

— Parece que mudou de ideia bem rápido, hein?

— Não é justo! Você fica um pecado quando está de barba. — *E olha que barbudos nunca me chamaram atenção...*, segurei-me para não dizer.

— Então está comigo só por causa dos meus pelos faciais, donzela?

— Obviamente! — brinquei e nossas risadas se fundiram.

Ele invadiu minha boca com sua língua, beijando-me de um jeito que beirava o obsceno. Meus joelhos ficaram com consistência de geleia de mocotó muito rápido e, quando Adônis começou a sugar meu lábio inferior, pensei que minhas pernas fossem ceder a qualquer momento.

Passei os braços ao redor do seu pescoço, mantendo-o aprisionado. Suas mãos desceram pelas minhas costas, parando em minha cintura, antes de ele afastar o rosto poucos centímetros, apenas para me encarar nos olhos.

— Não sei você, mas eu imagino tantas possibilidades... — sussurrou baixinho, com uma impagável expressão de indecente no rosto que me arrancou um suspiro.

— Que tipo de possibilidades?

— Algo envolvendo beijos. Muitos deles.

— Na boca? — perguntei, com uma falsa inocência. A verdade é que eu adorava quando ele era safado comigo.

— Ah, não! Definitivamente não na boca. — *Wow! Ficou quente aqui ou é só impressão minha?* — Na verdade, de todos os lugares do seu corpo, a boca é o único que não me passou pela cabeça.

— Hum... parece uma boa ideia — brinquei, piscando para ele. — Mas ficaria melhor se, em vez de falar, você me mostrasse.

Tão logo minhas palavras pairaram pelo ar, o rosto de Adônis se iluminou com o sorriso largo e lindo que ele abriu. Antes que eu pudesse sequer dizer *chewbacca*, ele já estava sem camisa e deslizava a minha para fora do meu corpo com uma facilidade invejável.



Capítulo 74

*Eu te conheci no escuro
Você me acendeu
Você me fez sentir como se
Eu fosse o suficiente*

James Arthur - Say You Won't Let Go

— CUIDADO!

Acordei repentinamente, apavorada com o berro. Meu coração martelava com veemência dentro de mim, como se protestasse pelo susto enorme.

Os braços de Adônis estavam fechados redor da minha cintura com uma força muito além do necessário. Não pude deixar de notar a maneira como seus dedos longilíneos tremiam nas pontas. “*De novo não...*”, lamentei por pensamentos. Do pé da cama, Castiel permanecia atento ao dono, como se apenas esperasse o momento certo para exercer seu trabalho de consolá-lo.

— CUIDADOOO! — repetiu, esmagando-me em outro abraço desesperado.

Girei o corpo, ficando de frente para ele. Nem mesmo isso foi capaz de despertá-lo. Estava completamente imerso no passado, preso em instante que há

muito o atormentava. Músculos de todo o seu corpo tencionavam para, logo em seguida, relaxarem. Era angustiante presenciá-lo daquela maneira.

Sem pensar duas vezes, afundei as mãos em seus cabelos. Com carícias suaves e contínuas, mostrei para o seu subconsciente que não estava na fatídica cena do acidente, mas, sim, comigo. E que ali era seguro. Tudo estava bem. Então, como se minha boca funcionasse sozinha, ouvi-me cantando baixinho, perto de seu ouvido:

— *Há lugares dos quais vou lembrar em toda minha vida, embora alguns tenham mudado. Alguns para sempre, não para melhor. Alguns se foram e outros permanecem...* — apesar de não tão afinada, minha voz se espalhou pelo quarto, varrendo qualquer vestígio do pesadelo para longe. — *Todos esses lugares tiveram seus momentos. Com amores e amigos que eu ainda posso me lembrar. Alguns estão mortos e alguns ainda vivem. Em minha vida, eu amei todos eles...*

Senti que Adônis acordava ao notar seus músculos relaxando um a um. Aos poucos, seu aperto foi suavizando até que ele abrisse os olhos devagarzinho, piscando algumas vezes. A confusão era aparente em seu olhar perdido.

— *Mas de todos esses amigos e amores, não tem nenhum que se compare a você. E essas memórias perdem o sentido quando eu penso no amor como algo novo.* — Continuei apenas para que seus pensamentos não voltassem para as lembranças do acidente. Enquanto a música preenchia cada centímetro do cômodo, ele abriu um sorriso lindo, apertando a parte interna da minha coxa de maneira suave. E, dada a maneira como seus olhos brilhavam intensamente, julguei que estava gostando da minha performance, apesar de eu não ser uma exímia cantora. Talvez essa fosse a magia dos Beatles, no fim das contas. — *Embora eu saiba que nunca vou perder afeto pelas pessoas e coisas que vieram antes, eu sei que, com frequência, vou parar e pensar nelas. Em minha vida, te amarei mais...*

— *Em minha vida, te amarei mais...* — ecoou ele, e sua voz soou bem melhor que a minha. Mesmo um pouco rouca, pois havia acabado de acordar, o timbre grave como uma tempestade era o suficiente para que todos os pelos da minha nuca arrepiassem. — Como é possível que exista uma música perfeita dos Beatles para cada momento da vida? — suspirou, queimando-me com seu olhar profundo. Um calafrio desceu pela nuca, indo parar na pontinha dos dedos dos pés.

— Acho que esse é um daqueles mistérios da vida que jamais descobriremos. Tipo se o Acre realmente existe e para onde vão as pessoas que desaparecem no Triângulo das Bermudas... Coisas assim.

Ele deixou escapar uma risada baixa e contagiante que serviu como uma onda de alívio para mim. Mas aquela não era a primeira vez na semana que eu acordava abruptamente no meio da madrugada com seus berros angustiados, e eu pressentia que tampouco seria a última.

Novembro chegara trazendo consigo o calor infernal característico de Maringá. O tempo era abafado e, ainda que um ventilador de tamanho razoável estivesse apontado em direção à cama, a sensação era a mesma de se, no lugar dele, fosse um secador gigante soprando ar quente para nós dois.

No entanto, não foi somente o verão a chegar com o penúltimo mês do ano, mas também (e principalmente) uma data significativa demais para Adônis. Afinal de contas, foi em uma madrugada de Novembro que sua vida mudara irreversivelmente, há cinco anos. Embora a data em questão ainda não tivesse chegado, eu conseguia perceber um punhado de mudanças sutis acontecendo em Adônis conforme avançávamos para o fatídico dia.

A mais perceptível delas era, sem sombra de dúvidas, a volta repentina de seus pesadelos. Desde quando havíamos decidido dar uma chance para nós dois, ele afirmava constantemente o quanto a minha companhia o fazia dormir bem, durante a noite toda. Eu me mantinha cética sobre, de fato, ser a grande razão por trás dessa mudança, mas não podia negar que nunca mais o testemunhara acordar gritando “cuidado”. Isso até aquele mês, é claro.

Então as coisas voltaram a ser novamente como antes. Bom, um pouco *pior* que antes. Não quando dormíamos juntos, pois eu o acordava e fazia o possível para acalmá-lo. O problema, na verdade, estava em quando eu não ficava lá. Porque, sem ter alguém para chamá-lo, Adônis permanecia berrando e berrando, de uma maneira angustiante, até eventualmente despertar. E isso podia variar muito. Alguns dias ele gritava muitas vezes, em outras, nem tanto.

O problema disso — além de os vizinhos não ficarem muito felizes —, era que seu humor piorava exponencialmente. Chewie já não era conhecido pela sua paciência, eu sei, mas, sem dormir direito, o pouco dela que ele tinha se extinguia. Não sobrava nem vestígios.

Com isso, características que renderam o apelido de Carrasco na faculdade começaram a retornar. Até mesmo coisas que já não o incomodavam mais há muito tempo, como celulares tocando, por exemplo, voltaram a irritá-lo profundamente. E era sempre muito imprevisível. Ele podia passar uma aula inteira tranquilo e, em um

rompante, estourar com o detalhe mais corriqueiro. Parecia uma bomba relógio prestes a explodir.

É desnecessário dizer que ele tinha voltado a ser a pauta central nos corredores do bloco de Letras, não?

A parte boa era que, apesar de irritadiço, ele não voltara a ser aquele ogro grosseiro que era no começo. Não porque não tivesse o impulso, diga-se de passagem. Mas sim por se esforçar muito. Dava para perceber o quanto lutava para não perder o controle porque, sempre quando alguém o tirava do sério, Chewie parava no lugar e respirava fundo pelo menos três vezes antes de ter alguma reação, que consistia basicamente em pedir, educadamente, para o aluno se retirar. Isso me deixava orgulhosa. Ninguém é perfeito e isso é fato, mas todos podemos sempre melhorar e, apesar das dificuldades, ele pelo menos estava tentando.

Eu usava todas as cartas que tinha na manga para animá-lo. Ele já havia feito isso por mim mais de uma vez, aquele era meu momento de retribuir. Só que ele não estava muito acessível. Mesmo que ficássemos horas a fio juntos, Adônis se mantinha taciturno na maior parte do tempo. Além do mais, eventualmente o encontrava pensativo, encarando o horizonte. Eu sempre mirava para a mesma direção, procurando o que chamava sua atenção, mas sabia que, na verdade, o que ele via estava muito longe dali.

— Desculpa te acordar outra vez — murmurou simplesmente, buscando-me de meus devaneios.

— Você sabe que não me importo.

— Hoje foi foda. Nem parecia sonho. Consegui sentir tudo, eu... — Adônis respirou fundo, esfregando o rosto com calma. — Acho que não vou mais conseguir dormir.

— Não precisamos dormir — falei, descendo o indicador por seu peitoral firme. Ele sorriu torto, buscando-me contra o seu corpo.

— Obrigado. Por tudo.

— Tudo o quê? — perguntei, distraída em contornar o cós de sua bermuda. Sua risada divertida me chamou atenção, no entanto. Subi o olhar e encontrei as íris de Outono mais translúcidas que nunca.

— Nossa, daria para fazer uma lista.

— Então comece, por favor — arqueei as sobrancelhas, como se estivesse impaciente.

— Por cuidar tão bem de mim. Por cantar Beatles quando estou tendo um pesadelo igual um garotinho assustado...

— O *meu* garotinho assustado — brinquei.

— Com certeza, sim. — Ele falou com um pouco de ironia e me lançou uma piscadela. — Por ter tanta paciência comigo nesse momento delicado... enfim, por ser você.

— Não tem porque agradecer nada disso. Só estou fazendo o mesmo que fez por mim, Chewie.

Ele assentiu de maneira quase imperceptível, fitando-me significativamente. Com as costas da mão direita, acariciou minha bochecha de maneira tão suave que fazia cosquinha. Meus olhos fizeram uma varredura pelo seu rosto, memorizando-o. Guardando-o eternamente dentro de mim. Eu amava todo o conjunto, desde as qualidades aos defeitos. Amava o quanto, apesar de diferentes, éramos tão iguais. Amava a sensação de encontrar o meu lugar no mundo cada vez que ficava em seus braços.

Embalada pelo momento, percorri a distância entre nossos rostos. Ele roçou a boca na minha suavemente antes de ceder ao beijo. Sua respiração quente ricocheteava contra a pele úmida e sensível dos meus lábios, deixando-me sedenta. Ao mesmo tempo, sua barba resvalou em meu pescoço e meu corpo todo incendiou. Adônis tinha razão, a barba não tinha demorado tanto para crescer. Já estava praticamente como antes, bem cheia e no estilo lenhador, porém um pouco mais rente ao rosto. Eu gostava do novo estilo. Deixava-o com a aparência mais jovem e leve, ao passo em que a barba maior o conferia uma expressão naturalmente rígida, como se ele estivesse sempre bravo.

Chewie me beijou profundamente, suas mãos pesadas passeando com mansidão pelo meu corpo. Não era com a urgência costumeira, a qual acabava nos levando ao desfecho em que ficávamos sem roupas, se é que me entende. Não, era um beijo apaixonado, calmo e ritmado, tal como dançar valsa.

Ele encerrou o beijo com um suspiro pesado e, ainda próximo o bastante para que nossos lábios se tocassem, sussurrou:

— O que vai ser de mim sem você?

Engoli em seco. Vinha repetindo a mesma pergunta na cabeça mais de uma vez por dia. Eu não tinha uma resposta e tentava não pensar muito nisso. Francamente? Estava morrendo de medo.

Como era possível que uma pessoa que havia entrado na minha vida naquele ano tivesse se tornado fundamental para mim? Eu não sabia. A única coisa que sabia com toda a certeza era que, quando chegasse o grande momento da despedida, seria como arrancar uma parte minha de maneira impiedosa. Já quase podia sentir a dor pungente vindo ao meu encontro, quando o que eu mais queria era correr para longe dela.

Incapaz de encontrar a minha voz, apenas recostei a cabeça em seu peito. Seus dedos compridos foram parar nas minhas costas, subindo e descendo até que eu conseguisse tirar aqueles pensamentos perigosos da cabeça. Os olhos ficaram pesados e a respiração tranquila. Então, quando menos percebi, adormeci nos braços que eu desejaria ter para sempre ao meu redor.



Capítulo 75

*Eu sei, tudo pode acontecer
Eu sei, nosso amor não vai morrer*

Papas da Língua – Eu sei

Abri os olhos lentamente, sendo recebida pelo barulhinho aconchegante da chuva batendo contra a janela. Permaneci imóvel, deixando o meu corpo despertar em seu ritmo natural. O quarto era invadido por uma contínua brisa fresca entrando por uma fresta mínima que eu deixara aberta na noite anterior. Ela avançava direto para a minha perna, acariciando-a com seu toque frio. Era bom. Dava vontade de ficar ali o resto do dia, sem me importar com nada mais. Só procrastinando.

Minha cabeça se parecia com um velho computador sendo ligado — começava a funcionar bem devagarzinho, assimilando as informações e resgatando as memórias recentes. Estiquei os braços para as laterais e só então me dei conta do quanto a cama estava vazia. E não deveria, dado o fato de que eu me

encontrava no apartamento de Adônis. Ele nunca levantava sem mim, isso era muito, muito estranho mesmo.

Pisquei algumas vezes, recordando de algo lá no fundo da memória.

Espera. Hoje não é... oh, Deus!

Então, enrijecendo inteira, peguei o celular da escrivainha, só para confirmar o dia. O baque foi tão grande que, por alguns segundos, fiquei paralisada.

Uma semana já havia se passado desde que eu o havia acordado cantarolando Beatles. Nesse intervalo de tempo, suas olheiras haviam dobrado de tamanho. Em algumas noites ele fez a tentativa de tomar remédio para dormir, mas acabava sendo pior. Em vez de acordar uma única vez na noite com os pesadelos, ele tinha sonos inconstantes e acordava o tempo todo. O que era ruim para nós dois.

Nesses últimos dias, eu praticamente tinha me mudado para a casa dele. Não havia uma única noite em que não dormisse lá. Em parte porque queria estar ali para quando precisasse, em parte porque usava essa desculpa para ter seu corpo quente grudado ao meu. Mas, para todos os efeitos, eu jurava de pé junto que era somente a primeira opção.

Esfreguei o rosto, tomando coragem para levantar. Talvez fosse só coisa da minha cabeça, mas seu apartamento parecia triste e terrivelmente vazio naquele dia. Eu atribuí a sensação ao silêncio desconcertante. Lá nunca era silencioso. Sempre tinha um som reverberando pelas paredes — ora nossas risadas alegres, ora alguma música dedilhada com tanta paixão por Adônis, entre outra infinidade de sons que podíamos fazer juntos, é claro. O fato é que aquela era a primeira vez que seu lar estava tão quieto.

Não precisei ir longe para encontrar Castiel e Adônis. Ambos estavam na sala. O gato, dormindo a sono solto no sofá de dois lugares, escondido entre algumas almofadas; o dono, por sua vez, tinha os braços cruzados sobre o parapeito da janela, com uma caneca fumegante presa em uma das mãos de maneira desajeitada. Seu olhar estava perdido entre as gotas que escorriam pelo vidro suado, deixando rastros orgânicos. Ele estava tão imerso nos próprios pensamentos que sequer me notou.

Como não queria alardear a minha chegada e interromper o seu momento introspectivo, recostei-me contra o batente da porta da sala, cruzando os braços para observá-lo. Eu não sabia muito bem o que fazer para desviar sua atenção das coisas que haviam acontecido naquela data. Quero dizer, de todas as vezes que

precisei de alguém para me segurar, Adônis parecia saber exatamente como agir. Sem esforço algum. Ele era naturalmente carinhoso, então qualquer coisa que fizesse soava como a mais incrível do mundo. Tinha o agravante de eu estar apaixonada também, não vou negar. O ponto é que eu tinha medo de tentar animá-lo e acabar fazendo justamente o oposto. Por isso, tudo o que fiz foi ficar onde estava. Até que, em determinado momento, ele se virou e nossos olhares se encontraram, então surpresa estampou seu rosto inteiro.

— Estava aí há muito tempo? — perguntou, vindo em minha direção.

— Defina *muito tempo* — brinquei e ele sorriu. O sorriso não acompanhou os olhos, no entanto.

— Isso pode ser considerado crime em alguns lugares do mundo, sabia? Agora acho que vou precisar te prender.

Não consegui conter o riso. Era bom saber que, apesar de triste, ele ainda estivesse fazendo suas brincadeiras. Adônis parou de frente para mim e segurou meu rosto com as duas mãos. Percebi que suas íris, naquela manhã, pendiam para o avelã. Tentei enxergar algo além delas, mas tudo o que vi foi o cansaço. Não só físico, mas principalmente psicológico.

— Como você está?

Ele se limitou a dar de ombros, desviando o olhar para os próprios pés.

— Vazio. — falou em um sussurro.

Aproveitei a deixa e passei os braços ao redor dele, eliminando o que restava de distância entre nós dois. Adônis retribuiu o abraço, enlaçando-me pelo pescoço.

— Já faz muito tempo, mas é como se tivesse sido, sei lá, semana passada. Só consigo pensar em Cecília. Que ela morreu e deixou tantos planos para trás. Me sinto culpado por estar tão... feliz. — Eu nunca tinha o presenciado falando tão depressa. As palavras se atropelavam, como se o estivessem sufocando e, por isso, ele quisesse se livrar delas. — Mas não faz sentido. Eu sei que não. Todo mundo merece uma segunda chance. Fora que não fiz nada de errado. Eu não estava dirigindo, até pedi para gente dormir em um hotel. Também podia ter morrido aquela noite, eu...

Um soluço alto escapou de sua garganta. A força em seus braços aumentou e ele enterrou o rosto na curva do meu pescoço, que logo ficou molhada com suas lágrimas. Seu choro era baixinho e cheio de sofrimento. Permaneci ali, servindo como ombro amigo para que ele afogasse as mágoas. Eu era da opinião que a

melhor maneira de acabar com a dor era colocando-a para fora. E, no fim das contas, era exatamente disso que ele precisava.

Deixei uma sucessão de beijinhos em seu ombro esquerdo, apenas para lembrá-lo da minha companhia, ao passo em que meus dedos subiam e desciam pelas suas costas, acariciando-o como forma de conforto. O choro de Adônis suavizou lentamente, até por fim cessar.

Ele se afastou alguns centímetros.

— Sei que vou soar como um idiota, mas acho que... que eu... — Respirou fundo, esfregando o rosto com uma das mãos. — Preciso ficar sozinho, donzela. Colocar a cabeça no lugar e tudo mais. Vou sair para me exercitar e tentar me distrair um pouco.

— Posso te ajudar com isso — falei, olhando-o significativamente. — Você sabe, se distrair. Podemos ver algum filme, ou então só sair para fazer alguma coisa juntos. Não precisa se afastar de mim.

Adônis balançou a cabeça em negativa, encolhendo os ombros.

— Sinto muito, mas hoje preciso *mesmo* de um tempo para mim.

Assenti, um pouco frustrada. Não é que eu não compreendesse o seu desejo, porque entendia muito bem. Só que nem ao menos tive a oportunidade de tentar. Ele sempre cuidava tão bem de mim, mesmo quando eu tentava me isolar de todos. Tudo o que eu queria era mostrar que podia fazer o mesmo.

Como se tivesse lido meus pensamentos, Chewie se adiantou em explicar:

— Meus pais me ligaram. Não são nem oito da manhã e eu já recebi uma mensagem da mãe dela e até dos meus amigos que estão fora do país. Só que esse é um dia que eu não gostaria de ser lembrado! Mesmo que a intenção de todo mundo seja boa. Eu gostaria que fosse como outro dia qualquer, que o passado ficasse realmente no maldito lugar dele. — Suspirou fundo, segurando os meus braços e deslizando as mãos até que elas chegassem aos pulsos. — Não tem nada a ver com você, com a gente. É só...

— Tudo bem — interrompi-o. — Eu entendo, de verdade. Vou para a minha casa, mas estou com o celular, caso você mude de ideia.

— Obrigado — Adônis deixou um beijinho em cada canto da minha boca, daquele jeito que eu adorava. — Vejo você depois da aula?

Depois da aula?, pensei atônita, *Mas ainda é manhã!*

— Só à noite? — a pergunta escapou e pairou ao nosso redor.

As sobrelhas de Adônis entortaram para baixo, como se, silenciosamente, ele dissesse “sinto muito”.

Respirei fundo, tentando me colocar no lugar dele. Não era pedir demais, afinal de contas, e eu sabia disso. Por isso, apesar de não ser exatamente o que eu queria, tudo o que fiz foi concordar e me despedir, respeitando sua vontade.

Aproveitei meu tempo livre para fazer o que sabia de melhor — estudar, é claro. As provas finais estavam logo ali e, embora eu já tivesse passado na maioria das matérias no terceiro bimestre, jamais deixaria a minha média diminuir por conta disso. Ter meu boletim impecável era uma das coisas que mais me davam prazer na vida, sem brincadeiras.

Ao longo de horas, mantive o nariz enfiado nos livros, parando apenas para necessidades fisiológicas. Então, por volta das três da tarde, tive um estalo e me lembrei de quando Adônis me vendou e nós acabamos parando no antigo campus da Universidade Católica. Eu estava no fundo do poço por causa de Marcela e, mesmo que sair fosse o último item na minha lista de desejos, ele persistiu até me convencer. O que foi muito bom, a propósito, já que transformou uma noite horrível em uma das melhores lembranças da minha vida inteira.

Empertiguei-me na cama, sendo atingida em cheio por uma ideia. Incomodava-me continuar inerte justamente hoje, que Adônis precisava tanto de mim. Ele havia me pedido um tempo e eu, com certeza, concederia. Não apareceria em seu caminho antes do horário combinado. Mas, e se depois da faculdade eu o tivesse esperando com uma surpresa? Uma carta na mão que ele não contasse? Parecia bom para mim.

Animação subiu pelas minhas pernas enquanto, em uma fração de segundo, eu já estava em frente ao guarda-roupa, escolhendo algo para usar. Vesti as primeiras peças que encontrei pela frente, calcei o par de All Star preto e tomei minha carteira antes de correr para o estacionamento, sentindo-me como a versão feminina do Flash — coisa que, obviamente, eu não era.

Lá embaixo, destravei minha Caloi do bicicletário, animada ao me lembrar de quando, um tempo atrás, ele havia comentado o quanto adoraria ter uma pintura minha na parede de sua sala. E, bem, talvez esse dia tivesse finalmente chegado.



Quando Adônis voltou da faculdade naquela noite, o apartamento todo cheirava a tinta. Eu já tinha terminado de pintar a parede há alguns minutos e me concentrava em colocar a lasanha no forno, já que cozinhar estava fora de questão para mim — a não ser que eu quisesse arruinar tudo, é claro. O que não era o caso.

Castiel não estava exatamente em seu melhor humor, o que era compreensível. Para um bichinho, o cheiro forte era mil vezes pior do que para nós, humanos. No entanto, como era por uma boa causa, minha única alternativa foi deixá-lo fechado no quarto de Adônis, com a janela aberta para que pudesse ventilar no cômodo e isso não irritasse o seu narizinho sensível. E isso, obviamente, só o fez ficar ainda mais emburrado comigo.

Eu usava o avental de Darth Vader que dera para ele no exato momento em que atravessou a porta, com um olhar confuso no rosto.

— Donzela?! — perguntou, fazendo uma varredura pelo ambiente com uma expressão desconfiada. — Esse cheiro é daqui de casa? O que está fazendo? Eu procurei você por toda parte na faculdade. Está tudo bem? Espera... você matou aula outra vez!

— Calma, respira. Sei que está meio difícil aqui dentro, mas faça um esforço. — Sorri, percorrendo a distância entre nós para cumprimentá-lo com um beijo. — Matei. Sou uma aluna horrível — brinquei, fazendo-o revirar os olhos para mim. — Eu tinha só as duas primeiras aulas hoje, que seriam apenas revisão para a prova.

— É sério que estou ouvindo isso da sua boca? — perguntou, rindo com incredulidade. — Becca, revisões são muito importantes.

— Eu sei, mas o que eu tinha para fazer aqui era mais. — falei, olhando-o com atenção. E, somente então reparei que tinha uma coisa faltando nele. A constatação foi responsável por uma guinada intensa no coração.

Adônis estava sem o colar cujo pingente era um anel prateado que eu desconfiava ser a aliança de namoro com Cecília. Pigarreei, desconcertada e, notando meu comportamento estranho, ele olhou para seu próprio peito, procurando o que estava roubando minha atenção.

— V-você está legal? Como foi seu dia? — balbuciei. — Fiquei preocupada.

— Eu estou... hum... tentando. — ele deixou os braços caírem ao lado do corpo. — Essa jamais será uma ocasião fácil. Quando enxergamos a morte tão de perto, ela nos marca para sempre. Mas, não sei, apesar de tudo esse foi o ano mais fácil de lidar com as lembranças. — Assenti, sem encontrar palavras adequadas

para o momento. Adônis deve ter percebido, pois logo se adiantou em completar. — Mas não vamos mais falar sobre isso. Estou curioso para saber o que te fez matar aula sem nem ao menos se sentir culpada, e... Espera — exclamou, quando seus olhos finalmente recaíram sobre o fogão — O que tem no forno?

Foi impossível segurar a risada ao ver sua expressão chocada no rosto.

— Uma lasanha, mas não fui eu quem fiz — expliquei, notando o alívio imediato tomar sua feição. — Caramba, você nem mesmo tentou disfarçar.

— Donzela, eu estava correndo risco de vida. Tinha coisas mais importantes com que me preocupar.

Forjei uma expressão ofendida, enquanto usava o pano de prato como chicote contra ele. Então, sem que eu conseguisse acompanhar direito seus passos, Adônis enrolou o tecido na mão e me puxou contra ele, até que nossos corpos estivessem colados. Era bom ver que ele, de fato, estava lidando bem com a situação como um todo. No fim das contas, o tempo que ele passou sozinho fez muito bem a ele.

— Vai me contar o que está tramando ou não? — sussurrou.

— Não. — Respondi. — Eu vou mostrar.

Desvencilhei-me de seus braços, parando atrás dele e, na ponta dos pés, cobri seus olhos com as minhas mãos. Empurrando Adônis com meu próprio corpo, guiei-o até a sala, fazendo-o parar exatamente de frente para a parede maior. A expectativa subia em espirais pelas entranhas, por isso não me demorei em liberar sua visão, louca para descobrir qual seria sua reação.

Adônis arfou surpreso e suas íris passearam cuidadosamente por todos os detalhes. Fiz como ele, permitindo-me admirar o trabalho que, apesar de ter feito um pouco às pressas, ter ficado tão incrível. A ilustração ocupava da extremidade direita até, mais ou menos, o centro da parede. Adônis estava com a mão em meu rosto enquanto me beijava com paixão. E, embora essa fosse a primeira vez que eu pintava sem ser no papel, consegui reproduzir bem o efeito aquarela que tanto amava, trazendo uma explosão de cor e vida para sua sala.

Na extremidade esquerda, escrevi, em letras cursivas, versos de uma música da banda Melim, chamada Dois Corações, a qual parecia ter sido escrita para nós dois, pois exprimia muito do que éramos:

Vi que era amor

Quando te achei em mim

E me perdi em você

Somos verso e poesia

Outono e ventania

Praia e carioca

Somos pão e padaria

Piano e melodia

Filme e pipoca

De dois corações um só se fez

Um que vale mais que dois ou três

Quando finalmente pareceu absorver tudo, Adônis se virou em minha direção e me encarou com lágrimas nos olhos. Eu soube, antes mesmo de ele avançar em minha direção sedento pela minha boca, que a surpresa tinha valido a pena. Matar aula e ficar *de mal* com Castiel também tinha valido a pena. Soube, pela maneira como ele sussurrou meu nome copiosamente enquanto arrancava o avental de mim, que tinha conseguido mostrar para ele o quanto o amava e o quanto faria tudo para vê-lo sorrir. Exatamente como ele sempre fazia comigo. E soube, acima de tudo que, não importava como fosse o destino. O mundo jamais voltaria a ser o mesmo para nenhum de nós. O nosso, ao menos.



Capítulo 76 - Adônis

*Espera um momento
Eu não quero me mover
E o verão implora
Ele implora para que nós provemos
Que nós podemos durar
Apenas mais uma estação*

Sarah Jaffe – Summer begs

Dezembro chegou.

Foi assim, sem avisos.

Chegou, lembrando-me de que meu tempo com Rebecca era limitado e, por isso, aproximava-se do fim. A partir de agora, seria uma angustiante contagem regressiva para o iminente.

Eu estava uma pilha de nervos. Tantas coisas passavam pela minha cabeça que era difícil acompanhar. A principal delas era, sem sombra de dúvidas, medo. Oh, definitivamente estava com medo! Eu me mudaria para um novo país e isso era

apavorante. Por mais que meus amigos estivessem lá, a minha vida estava aqui. Rebecca estava aqui. O que seria de mim? De nós?

Esfreguei o rosto, tentando pensar com clareza. Os últimos dias não estavam sendo fáceis. Depois que as aulas terminaram e eu cumpri com todos os meus compromissos acadêmicos, comecei a difícil tarefa de vender meus pertences um a um, desfazendo-me de tudo que conquistei com suor. Foi quando finalmente me dei conta de que a minha vida estava prestes a sofrer uma transformação enorme, que reverberaria ao longo de anos. Nada jamais voltaria a ser como antes. Tal como o acidente de carro, que me tirou bruscamente de um trilho para colocar em outro. Com a diferença de que, desta vez, era por escolha própria. Mas, ainda assim, assustador. A verdade é que nunca estamos preparados para sair da zona de conforto, ainda mais quando as pessoas que você mais ama habitam nela.

Conforme assistia à minha casa esvaziando e minhas conquistas se dissipando pelo ar como grãos de areia ao vento, o peso do que estava por vir começou a recair sobre os ombros. A gota d'água foi entregar o carro nas mãos do novo proprietário e perceber que, no novo país, eu teria que recomeçar do zero.

É óbvio, meu subconsciente falou, zombeteiro, *é para isso que está indo, não?*

E de fato era.

Sonhei com o dia da partida quase de maneira obsessiva e lutei com todas as forças que pude para chegar ali. Agarrei-me aquele objetivo a fim de evitar enlouquecer. Foi ele que me sustentou por tanto tempo. Em cada dia ruim, em cada noite assolada por um pesadelo, eu me confortava com a esperança de que, no futuro, deixaria tudo para trás. Seria um novo Adônis. Começaria do zero. Então por que meu coração apertava agora que estava na véspera de alcançar tudo que almejei com tanto afinco?

Eu não era idiota, nem nada. Sabia que tinha tudo a ver com Rebecca. Tudo a ver com o fato de que me apaixonar nunca esteve nos planos. Mas ia muito além disso. Não estava apenas *apaixonado*. Não, cada pedacinho de mim amava incondicionalmente aquela garota. Ela havia se tornado parte de mim. A peça essencial sem a qual não existia a mais remota chance de ser feliz. Então como seria quando eu tivesse que me desfazer dessa peça? Como eu seria feliz novamente? Que merda eu achava que estava fazendo?

Quando minha casa ficou tão vazia a ponto de não ser mais possível viver lá, concluí a mudança e entreguei as chaves na imobiliária, deslocando-me

temporariamente para o apartamento de Rebecca. Como Nataly voltara para a cidade logo que as aulas chegaram ao fim, ficamos apenas Becca, Arthur, Castiel e eu.

Noite após noite, sentávamos na sala e conversávamos até as primeiras luzes do dia invadirem a sala. Os assuntos perambulavam entre debates sérios e cheios de engajamento — eram minoria —, para os mais fúteis possíveis, como, por exemplo, em uma batalha entre um Espinossauro e um T-Rex, quem teria mais chance de vencer?

Acho que não é preciso dizer que estes eram os meus favoritos, né?

E, embora nossos horários tenham ficado bagunçados, eu não poderia me sentir melhor nos meus últimos dias em Maringá. Aquele tempo que passamos juntos foi muito *necessário* para mim. Em parte porque já tinha me esquecido da leveza de se estar entre amigos, podendo ser eu mesmo, rindo por tudo e por nada até os olhos marejarem — coisa que se tornou tão rara depois do acidente. Era bom perder o fôlego em meio a gargalhadas, as quais eu nem ao menos lembrava o motivo para terem começado. Mas, principalmente, porque desviavam a minha atenção dos problemas e os voltaram para coisas boas. Foi a força necessária para me manter firme em minha decisão quando, por dentro, estava repleto de incertezas.

Castiel, por sua vez, estava estressado naquela casa que não reconhecia e, por isso, tudo o que fazia era se esgueirar pelos cantos, sem entender o que estava acontecendo. Eu nem queria imaginar como seria a viagem de mais de dez horas trancado na gaiolinha e dentro do compartimento de carga, sozinho, assustado. Eu me sentia a pior pessoa do mundo quando pensava nisso. Então apenas não pensava. Era mais fácil assim.

É por uma boa causa, repetia como mantra, tentando convencer a mim mesmo. Porém já não tinha tanta certeza.

Faltando pouco menos de uma semana para eu viajar para Londrina e poder passar alguns dias com os meus pais a fim de me despedir, Rebecca perdeu o controle. Eu imaginava que algo assim pudesse acontecer, porque também estava no meu limite. Um passo falso e eu atravessaria a tênue linha que me separava do desespero. O principal motivo de ainda não ter esmorecido era ela. Não podia vacilar quando Becca precisava tanto de mim.

Tinha começado a arrumar minhas malas quando ela irrompeu o quarto, cambaleante. Os olhos estavam redondos como burquinhas e o desespero era

visível em cada centímetro de seu rosto delicado. Fazia uma tarde muito quente de uma semana particularmente abafada e ela vestia apenas uma camiseta minha. Por Deus, como eu sentiria falta de vê-la nas minhas roupas!

— Você não pode ir, Chewie. Não pode! — choramingou, cheia de urgência, mas as palavras saíram um pouco enroladas. Vi, no mesmo instante, seus olhos encherem de lágrimas e soube que era só questão de tempo.

Eu não sabia o eu dizer. Simplesmente não existiam palavras que pudessem confortá-la, tampouco a mim mesmo. Estávamos em um beco sem saída.

Parei o que estava fazendo e me virei para ela, encolhendo os ombros. Rebecca arriscou dois ou três passos, mas, quando os pés se embolaram, ela parou no meio do caminho. Só então me ocorreu o óbvio.

— Está bêbada?! — a pergunta soou mais como uma afirmação. Que ela resolveu ignorar, de toda forma.

— Não me deixe sozinha, por favor! Eu não sei mais viver sem você, é o que tenho de mais bonito, Adônis. Eu nunca imaginei o quanto a vida podia ser maravilhosa, nunca imaginei esse mar de sensações que abrigava dentro de mim, nunca sonhei que uma pessoa pudesse despertar tanta coisa em outra. — Sua voz, que já estava fraca e sem forças, vacilou perigosamente. — Eu preciso de você comigo, olhe só para nós dois. Isso aqui só acontece uma vez na vida. Nós fomos premiados! Não jogue fora a coisa mais incrível que já aconteceu em nossas vidas, ainda temos muito pela frente...

Ela parou subitamente, vencida pela vontade de chorar.

— Becca... — chamei, sentindo-me quebrado.

Porém, contrariando minha ideia de que fosse se acalmar, ela ficou ainda mais agitada. Com lágrimas pululando dos olhos, aumentou o tom de voz até estar quase aos berros.

— Você não precisa ficar em Maringá. — Soluçou, limpando o rosto com as costas das mãos. — Não precisa nem mesmo ficar aqui no Paraná, tem ótimas faculdades de música no Brasil. Nós damos um jeito. Eu procuro um emprego e vou te visitar todo final de semana, eu...

— Rebecca... não faz assim. — Percorri a distância entre nós, parando a poucos centímetros de distância. Fechei os dedos ao redor dos seus pulsos, acariciando sua pele com os polegares. Estávamos tão próximos que eu podia sentir o cheiro de vinho em seu hálito. — Só está dificultando tudo para nós dois. Eu te

avisei desde o começo, você quis ir adiante *sabendo* que precisaríamos nos separar.

— Mas tudo mudou! Tudo mudou, Chewie. Eu não podia imaginar quão longe chegaríamos.

— Eu sei. Eu sei que sim. Você acha que é fácil para mim? Acha que também não estou sofrendo?

Rebecca respirou fundo, fiscando o lábio inferior, como sempre fazia em momentos delicados.

— Não precisamos sofrer! Os planos mudam a todo momento. Novas prioridades aparecem... Droga, por que precisa ir embora? Por que não pode ceder e parar de pensar só em você?

— Nossa! — exclamei, chocado. Eu sabia que ela jamaisalaria algo parecido se não estivesse tão assustada, tão perdida. Mas isso não diminuiu o tamanho do absurdo contido em suas palavras. — Muito bom, isso mesmo! Vamos jogar coisas na cara um do outro, porque com certeza vai tornar tudo tão mais fácil, né? — Cuspi, carregado de ironia.

Por segundos que se pareceram com uma eternidade, sustentamos o olhar. Ela foi a primeira a reagir, desvencilhando-se de mim como se eu tivesse desferido um tapa em seu rosto.

— Donzela, escuta... nunca escondi de você que não queria me envolver no começo, porque eu sabia que seria difícil. E estava certo! Está sendo foda, bem mais do que imaginei! Você não é a única sofrendo aqui, acredite em mim. — Suspirei, cansado. — Não é justo me pedir para abrir mão do maior sonho da minha vida.

— Já fez isso uma vez... — murmurou baixinho.

— E me arrependo muito! Não há um dia que eu não lamente por isso! Talvez tudo tivesse sido diferente e Cecília estivesse viva agora. — Falei, segurando-a no rosto gentilmente para ter certeza de que me olharia nos olhos. Encarei-a significativamente, decidindo mudar de estratégia. Aproximando-me ainda mais, sussurrei baixinho. — Você abriria mão dos seus planos por mim? Viria para Irlanda comigo?

Surpresa estampou sua feição.

— I-ir para a Irlanda? — Ecoou, balbuciando. — Eu... eu não posso. É diferente.

— Diferente? Lá também tem editoras, sabia?

— Meus avós estão aqui. E eu ainda não sou independente financeiramente. Não posso mudar de país assim...

— Acabou de me dizer que arrumaria um emprego se eu ficasse. Por que não pode fazer o mesmo nessa situação?

— Eu não conheceria ninguém lá, Chewie. Só você.

Assenti, chegando ao ponto em que queria.

— E não seria o suficiente?

— Hum? — Ela me encarou com surpresa. — Sim, mas...

— Você não pode, não é? Não pode porque, no seu sonho, não é assim que as coisas acontecem. Dentro do seu coração, o que você sempre quis foi se formar *aqui*, trabalhar em uma grande editora *aqui*, alcançar seus objetivos *aqui*. E, por mais que me ame, não pode fazer isso consigo mesma, porque não sabe como será o dia de amanhã. Estou certo?

Ela permaneceu taciturna, mas sua expressão entregou que ela tinha entendido perfeitamente bem o meu ponto.

— Estou certo? — insisti. Como resposta, tive um tímido menear de cabeça. — Eu também não posso fazer isso comigo mesmo, Becca. Preciso me colocar em primeiro lugar, mereço isso. Jamais amei alguém como amo você — arqueei as sobrancelhas para me fazer entender. —, mas agora eu tenho que aprender a *me* amar tão intensamente. Eu era muito novo quando minha vida mudou para sempre. Segui em frente do jeito que dava, só que eu preciso de bem mais que isso. Não me contento em me arrastar para frente fingindo que está tudo legal aqui dentro. Preciso me redescobrir, preciso provar para mim mesmo que eu posso chegar lá, assim como você também quer desesperadamente provar para si mesma, donzela!

Uma lágrima corpulenta escorreu pela sua bochecha pouco antes de ela se lançar em meu corpo, abraçando-me com força. Aquela foi a sua maneira de pedir desculpas por ter perdido o controle. Eu não a condenava porque, no fim das contas, sentia o mesmo. Enterrei o rosto em seus cabelos, sorvendo seu cheiro, do qual eu sentiria muita falta. Fechei os olhos e me permiti ficar ali, aproveitando que ainda a tinha para mim, embora a contagem regressiva continuasse rodando.



Capítulo 77

Por favor, não chore, meu amor

Adeus

Eu quero ficar, mas agora é hora

Então por favor, não chore, meu amor

Por favor, não fique desse jeito

Porque você sabe que é difícil quando me olha dessa maneira

Cigarettes After Sex – Please don't cry

Aquela seria a nossa última noite juntos.

Meu corpo se parecia com uma máquina desgobernada, uma vez que uma confusão de emoções intensas se alastrava por ele.

O coração tinha o tamanho de uma ervilha, ao passo em que o nó da garganta era tão grande quanto uma ameixa. As mãos tremiam como folhas ao vento e meus membros suavam frio diante da expectativa do iminente.

Dizer que eu me sentia preparada seria uma mentira lavada. Pelo martelo de Thor, eu estava apavorada! Não conseguia sequer acreditar que tudo chegaria mesmo ao fim. Recusava-me a aceitar que, a partir de amanhã, Adônis não faria

mais parte da minha vida. Era doloroso demais amar tanto alguém e precisar vê-la partir.

Não significava que eu não o entendesse, porque, sim, entendia. Mesmo com a dor pungente me imobilizando, eu sabia que nossos caminhos haviam sido feitos para se separarem em determinado momento, afinal, estavam traçados muito tempo antes de nos conhecermos. Nós dois estivemos em frangalhos um dia e, embora tivéssemos ajudado na cura um do outro, ainda havia muito a fazer. Precisávamos perseguir nossos sonhos e mostrar para nós mesmos que a felicidade só dependia de nossas mãos. Só assim seríamos verdadeiramente felizes. Eu entendia isso. O difícil era explicar para o meu coração.

Além do mais, desde o começo ele sempre foi muito honesto comigo e me alertou o quanto seria difícil. E de fato estava sendo. Mas eu não me arrependia em nada. Se pudesse, faria tudo de novo, de novo, e de novo. Só para ter a chance de conhecê-lo e, com isso, descobrir tanto sobre mim mesma. Como o fato de que podia amar. Eu nunca estive quebrada como sempre imaginei. E aquele tipo de amor, diferente do que sempre achei, não era perigoso ou ruim. Ah, não, ele era lindo e poderoso o suficiente para mudar nossas vidas para sempre. Eu jamais seria a mesma Rebecca que chegou em Maringá cheia de dúvidas e medos. Assim como Adônis jamais seria o Carrasco que gritava com os alunos e afastava todos com seu mau humor. Por mais que doesse estar diante da despedida, eu tentava manter o meu coração em paz. Porque, no fim das contas, sempre carregaria comigo o quanto fomos perfeitos um para o outro naquele ano que passara tão depressa. Para sempre me lembraria de Adônis com uma saudade cheia de carinho, e pensaria que, onde quer que ele estivesse, eu torceria por sua felicidade.

Mordi o lado de dentro da bochecha, tentando segurar o choro.

Ainda não, Rebecca.

Seja forte.

Resignada, cruzei os braços sobre a janela, sentindo o vento ricochetear contra o meu rosto e soprar o meu cabelo para todas as direções. Do lado de fora, árvores e casas se fundiam em um borrão contínuo, enquanto o carro avançava para o destino secreto que Adônis planejava. Eu estava feliz que, em meio ao furacão de sentimentos que tivéssemos passando, ele ainda tivesse conseguido pensar em algo especial. Se dependêssemos de mim, provavelmente estaríamos chorando abraçados no sofá do meu apartamento, afogando as mágoas com a ajuda de um bom vinho.

Como se tivesse ouvido meus pensamentos, Chewie repousou a mão sobre a minha perna, pouco acima do joelho. Gostei do calor que emanou dela e, por isso, fechei os olhos. Não adiantava sofrer agora. Eu precisava me ater aos detalhes e guardá-los dentro de mim. Eles precisavam estar vivos na memória para eu saber que, mesmo por um tempo limitado, tudo valeu a pena.

Ainda de olhos fechados, pude ouvir o barulho dos pneus esmagando alguns cascalhos. Apesar de ser uma abafada noite de verão, eu sentia frio. Cruzei os braços ao redor do tronco, tentando dissipar aquela sensação gelada de dentro dos meus ossos, mas foi em vão. Eu sabia que mesmo se usasse todos os casacos do mundo, ainda assim não conseguiria me esquentar. Não dava.

Então, quando menos imaginei, freamos com um solavanco um pouco ríspido. Só então me permiti subir as pálpebras, vencida pela curiosidade. Estávamos parados de frente para um portal de tijolos com um pequeno (e inútil) telhado na superfície. Ele dava para uma alameda de paralelepípedos ladeada por cercas-vivas cujo fim não era visível dali. Enquanto o segurança saía da pequena salinha acoplada ao portal e percorria a distância até a janela de Adônis, não pude deixar de notar a plaquinha de madeira pendurada por grossas correntes, com o nome Estância Quatro Estações talhado nela.

Estávamos em um... hotel fazenda?

Adônis informou que tínhamos uma reserva e, em troca, recebeu um punhado de instruções. Eu não prestei muita atenção ao que diziam, no entanto. A ansiedade crescia como as labaredas de uma fogueira dentro de mim, dominando-me. Apesar de um pouco melancólica com o fato de aquilo ali ser o nosso fim, era impossível ignorar a excitação crescente. Ele era sempre tão incrível... eu já podia esperar uma noite maravilhosa, mesmo sem fazer a mais remota ideia de seus planos. Confiava nele cegamente, afinal.

Seguimos pela alameda e minha suspeita só se confirmou ao passo em que avançávamos. Quando enfim chegamos ao nosso destino e Adônis estacionou, pulei para fora do carro sem pensar duas vezes. Encontrava-me extasiada com a vista incrível que nos recepcionava. O show de luzes púrpura vibrante, laranja queimado e rosa pálido do crepúsculo começavam a abandonar o céu, o qual se tornava cada vez mais anil. A lua já ocupara seu posto, embora ainda não tivesse, de fato, anoitecido. Achava-se na fase minguante, tão fininha que quase não se fazia visível, mas, ainda assim, era belíssima.

Projetando-se para todas as direções que meus olhos alcançavam, um amplo jardim verdejante, tão uniforme que mais se parecia com um tapete fofo. Atrás de mim, vários casebres de tijolinhos à vista se espalhavam entre as inúmeras palmeiras imperiais que davam a impressão de tocar o céu com suas folhas grandalhonas. Arrisquei alguns passos à minha esquerda, sendo atraída pela tirolesa sobre o lago que, graças à brisa mansa, ondulava preguiçosamente, refletindo as luzes da noite. Ao lado dele, toras de madeira formavam um cercado ao redor de meia dúzia de cavalos, que pastavam tranquilamente, alheios a nossa presença.

— Tem muito mais para lá — Adônis sussurrou próximo ao meu ouvido e o corpo todo amoleceu. Olhei para onde ele apontava e me deparei com um punhado de estradinhas que sumiam entre as árvores, sabe-se lá para onde. — Vamos ter tempo de ver isso amanhã. Hoje te quero só para mim.

Assenti, sem encontrar a minha voz em lugar algum. Ele não deixou passar, no entanto. Quando menos percebi, seus braços me seguraram por trás, aprisionando-me contra ele. Adônis deixou uma sucessão de beijos no meu pescoço, interligados a fungadas deliciosas que roubavam toda a força dos joelhos.

Droga, eu definitivamente não estava nada preparada aquela maldita despedida!

Por mais que tudo fosse lindo, eu preferiria que estivéssemos em seu sofá, debatendo sobre dinossauros enquanto Castiel provavelmente estaria correndo atrás de sua bolinha barulhenta. Podia não ser tão único, mas ao menos não seria nossa última noite. E isso mudava tudo.

Uma lágrima escorreu pela bochecha, sem a minha permissão. Respirei fundo e usei de todas as forças para não me deixar levar pela vontade de chorar como uma criancinha. Não ainda, pelo menos. Haveria muito tempo para isso no futuro.

— Precisamos montar a barraca antes que anoiteça — sua voz de trovão dissipou meus pensamentos.

— Nós vamos acampar! — exclamei, genuinamente surpresa e, mesmo de costas para ele, soube que sorria. Embora minha última vontade fosse a de sorrir, peguei-me fazendo o mesmo. Não tinha como existir um desfecho mais perfeito para nós dois.

Girei em seus braços, ficando de frente para ele. Apesar de calmo, seus olhos entregavam como se sentia. E era exatamente igual a mim — uma confusão.

Estávamos na montanha-russa, afinal. Aquela que, no começo, Adônis teve tanto medo de enfrentar. Avançávamos em direção ao ponto mais alto do *looping*, quando o mundo todo fica de ponta cabeça e é preciso dar a mão para quem quer que esteja ao seu lado, apenas para mostrar que você também está ali e, atemorizado ou não, passará isso junto com ela.

Em um silêncio tão pesado quanto chumbo, descarregamos nossas coisas do carro (que não eram tantas, para ser honesta), para então armarmos a barraca o mais rápido que pudemos. Apesar de a minha ajuda não ser fundamental, permaneci ao lado dele fingindo que era, apenas para aproveitar sua companhia. Se pudesse, eu juro, me grudaria nele e não soltaria nunca mais.

Quando concluímos o nosso trabalho, já era noite. Havia poucas estrelas salpicadas pelo horizonte e o céu estava negro como os cabelos de Adônis. As folhas das palmeiras eram balançadas de um lado para o outro pelo vento e o tempo ameaçava uma chuva que nunca chegou.

Observei-o tomar o violão na mão e se sentar na grama. Seus dedos se ocuparam em afiná-lo, ao passo em que eu me deitava ao seu lado e o céu preenchia completamente o meu campo de visão.

Adônis parou brevemente o que fazia, a fim de levar um cigarro à boca, prendendo-o nos lábios. Usando uma mão para criar um casulo protetor contra o vento, ele acendeu o cigarro, tragando-o profundamente. O cheiro mentolado penetrou minhas narinas e percebi que sentiria saudades até disso. Cruzei os braços embaixo da cabeça, fazendo-os de travesseiro. Aguardei com expectativa que ele começasse.

Depois de mais dois tragos demorados e de estralar os dedos e os pulsos, suas mãos voltaram para o instrumento, começando a magia. Em um segundo tudo era silencioso e, no seguinte, a melodia lenta e melódica flutuava ao nosso redor, como uma cúpula nos separando do restante do mundo.

— *Eu vou cantar uma última vez pra você, então nós teremos mesmo que ir. Você foi a única coisa certa em tudo que eu fiz* — Sua voz era como um sopro que vinha da alma. Usando os braços trêmulos como apoio, elevei o tronco até estar sentada e ficar de frente para ele. Eu precisava olhar seus olhos lá no fundo. — *E eu mal posso olhar pra você. Mas cada vez que eu olho, sei que nós chegaremos a qualquer lugar longe daqui...*

“Anime-se, anime-se, como se você tivesse escolha. Mesmo se você não puder ouvir minha voz, estarei bem ao seu lado, querida. Mais devagar, mais

devagar, nós não temos tempo para isso. Tudo o que eu quero é achar um jeito mais fácil de sair de nossas pequenas cabeças. Tenha força, minha querida. Nós estamos destinados a ter medo, mesmo que seja só por alguns dias, compensando toda essa confusão...”

A letra me acertou em cheio, tal como um ônibus em alta velocidade, e o impacto foi difícil de suportar. De repente, todas as lágrimas que lutei tanto para manter dentro de mim jorraram para fora, como se uma comporta tivesse sido aberta de uma só vez. Eu me sentia como se alguém tivesse arrancado meu coração e o colocado dentro de um moedor de carne, porque ele estava destroçado. Com a visão embaçada, foi difícil perceber que seus olhos brilhavam intensamente, como se ele também estivesse no limite.

Ele se levantou em um rompante, com dois vincos profundos entre as sobrancelhas. Eu jamais saberia dizer há quanto tempo a música havia cessado. Não importava. Sumindo do meu campo de visão, ouvi a porta do carro sendo aberta e constatei que guardava o violão. Não o ouvi voltar, no entanto. Encontrava-me aprisionada naquele momento angustiante e, por isso, tive um sobressalto quando seus braços me ergueram do chão com facilidade. Segurei-o pelo pescoço, em um abraço bem apertado. De joelhos, Adônis percorreu a curta distância até a barraca comigo no colo e, antes que eu sequer me desse conta, estávamos os dois do lado de dentro.

Adônis girou nossos corpos para que eu ficasse sentada sobre ele. Permaneci com os braços em seu pescoço, com medo de que, se o soltasse, poderia perdê-lo a qualquer momento. Segurando-me pelo queixo com uma mão, ele invadiu a minha boca com a mesma avidez da primeira vez em que nos beijamos. Como se já estivesse com uma saudade antecipada e avassaladora. Sua língua se entrelaçou a minha com certo desespero, nossos gemidos baixinhos fundindo-se.

— Becca... minha donzela... — rosnou dentro da minha boca, de olhos fechados. Como se me beijar fosse a coisa que ele mais gostasse de fazer na vida. Como se ele idolatrasse o meu corpo e, principalmente, a maneira como eu me encaixava perfeitamente bem nele.

Elevando os quadris, ele me mostrou o tamanho de sua rigidez, fazendo-me arquejar contra seus lábios. Arranhei suas costas por dentro da camiseta, ao passo em que suas mãos ágeis me despiam o mais rápido possível. Fiz o mesmo com ele,

arrancando peça por peça como se estivéssemos em contagem regressiva para o fim. E, bem, de fato estávamos.

— Amando você... inteiro seu... — prosseguiu seu cântico rouco, sem nem ao menos perceber.

Seus lábios passearam pelo meu colo até alcançarem meus seios, onde se demoraram algum tempo, fazendo-me delirar. Entre mordidinhas com as pontas dos dentes e suaves chupadas, ele me deixou com o meio das pernas escorrendo desejo e o corpo todo arrepiado. Sua barba arranhava a minha pele sôfrega e o simples gesto me transportava para um mundo à parte, onde não havia a dor da despedida, somente nós dois e o nosso sentimento esmagador.

Comigo em seu colo, Adônis se esticou até alcançar uma camisinha dentro da mochila, a qual estava esquecida a alguns centímetros de nós. O observei rasgar o pacotinho metálico e rapidamente deslizar o látex pelo seu corpo, envolvendo-o. Tinha os olhos fixos no que fazia e, por isso, fui surpreendida quando ele se ajoelhou abruptamente, fazendo-me cair para trás com as pernas ainda entrelaçadas nele.

— Essa noite você vai enxergar as estrelas sem estar lá fora, meu amor — sussurrou no meu ouvido ao mesmo tempo em que deslizava com um movimento forte para dentro de mim. E, céus, foi como se o meu corpo tivesse sido atingido por uma sucessão de choquinhos que se espalhavam em todas as direções, fazendo-me tremer inteira. — Cacete, como vou sentir falta disso! — exclamou contra a pele febril do meu pescoço.

— Eu também vou — falei com dificuldade, perdendo o fôlego à medida em que ele me amava tamanha força. — De você inteirinho.

Gotículas de suor rolavam pelos nossos corpos e a barraca parecia mais abafada a cada segundo. Adônis se inclinou para frente, apoiando-se nos dois braços enquanto me devorava com seu desejo insaciável. Entreguei-me de corpo e alma, deixando que, através de gestos, disséssemos tudo o que jamais poderíamos em palavras.

— Olhe para mim, donzela — pediu e sua voz sozinha seria capaz de me levar ao ápice. Estava tão cheia de desejo que beirava o descontrole. Eu adorava. — Quero que você chegue lá comigo... e quero te olhar nos olhos quando isso acontecer.

Oh, Deus...

Aquilo foi demais para mim.

Meu corpo entrou em transe e, por um momento, fiquei fora do ar. Era apenas aquele prazer intenso nascendo no meu ventre e se espalhando de maneira voraz, arrebatando tudo pelo caminho.

— Não... me... esqueça... — pediu, em meio a gemidos e o som de nossas peles colidindo. — Não... esqueça... — disse outra vez, e mais outra, até que simplesmente não consegui mais ouvir. A única coisa dominando a minha mente era aquele instante e o quanto parecia bom demais para suportar.

Meus músculos convulsionaram um por um, ao mesmo tempo em que Adônis tremia e pulsava dentro de mim, soltando um gemido gutural que mais se pareceu com um rugido. Ele me queimou com seus olhos em brasa e eu soube que jamais me esqueceria de sua expressão completamente entregue.

Elevei um pouco o tronco, sedenta por seus lábios. Desta vez, nos permiti a calma. Passeei com a língua em sua boca, deleitando seu sabor mentolado que eu tanto amava. Nossas respirações entrecortadas se fundiam, servindo como música de fundo.

— Eu te amo! Te amo tanto!

— Eu amo você — falei, ao mesmo tempo em que uma gota quente caía no meu queixo.

Então constatei, surpresa, que ele chorava. Como se aquele momento tivesse sido muito para aguentar. Tal como a música lá fora havia sido para mim. Fisguei o lábio inferior, limpando suas lágrimas com os polegares, apesar de as minhas correrem livremente pelas bochechas. Ele deitou em mim, usando a minha barriga como travesseiro. No mesmo instante, meus dedos foram à procura de seus cabelos macios.

Meus pensamentos vagaram para longe dali, imaginando como seria o ano seguinte. Por mais que eu fosse ter as férias inteirinhas para me acostumar à ideia de que Adônis não faria mais parte da minha vida, seria muito difícil voltar a Maringá, onde tudo tinha um pouco dele. A UEM jamais seria a mesma sem ele para me puxar de surpresa para dentro de uma sala de aula vazia, ou então me mandar indiretas através de atividades, e até mesmo suas manias irritantes fariam falta. Além do mais, o vazio que ele deixaria no condomínio onde morávamos seria devastador. Era impossível imaginar outra pessoa morando de frente para mim, porque eu tinha seu apartamento como uma extensão da minha casa. Céus, eu não podia conceber minha vida dali para frente. Eu, que sempre fui de fazer tantos planos para criar a falsa sensação de ter tudo sob controle, não tinha a mais remota

ideia de como seria dali para frente. Se só pensar já machucava tanto, eu não queria nem ver quando finalmente chegasse a hora de tentar retomar a vida.

Foi tomada por essa angustia esmagadora que me ouvi sussurrando, como se minha boca tivesse vida própria:

— Não vou conseguir — admiti. — Não vai dar, Chewie.

Ele ergueu o rosto, encarando-me de sobrelance unidas.

— Como assim? Não vai conseguir o quê?

— Achei que era forte o suficiente, mas não sou. — Sorri com amargura. — Você vai para outro lugar, vai recomeçar. Mas eu não. Aqui tudo vai me lembrar de você para sempre. É demais para mim. Não estou preparada para te tirar da minha vida, eu...

— Shhhh — ele me calou pressionando o dedo indicador sobre meus lábios e me surpreendeu ao sorrir genuinamente. — Você não vai conseguir? Donzela... olhe só para você!

Arregalei os olhos, sem entender muito bem o que Adônís tinha tentado me dizer. Se enxergou a minha confusão, porém, ele ignorou. Em vez disso, inclinou o corpo em direção à mochila outra vez, pegando-a. Ele abriu o zíper menor que ficava na frente e, lá de dentro, tirou um embrulho prateado que cabia na palma de sua mão. Observei tudo sem dizer palavra alguma. Estava intrigada com o que quer que tivesse lá dentro.

— Eu ia deixar isso para amanhã, mas acho... acho que esse é um momento oportuno. — Pigarreou, passando as mãos no cabelo. — Vai ser muito difícil para mim também, Becca. Eu vivo para esse sonho há três anos, mas nem de longe será como almejei, pelo simples fato de não ter você lá comigo. Nada jamais será tão bom sem uma parte fundamental de mim. — Seus olhos brilharam. — Eu sei que ficar aqui vai ser uma barra, você tem razão, temos muitas memórias juntos. Mas também sei, tão certo como meu coração é seu, que vai conseguir passar por isso. Você é muito mais forte do que imagina. Aguentou coisa bem pior e usou como motivação para percorrer seus objetivos. Nunca perdeu a alegria, nunca parou de ter esse jeitinho Rebecca de ver o mundo. E isso, donzela, é... admirável.

Adônís colocou o pacotinho na minha mão e fechou meus dedos sobre ele com as suas. Depois disso, colocou-a ao seu coração.

— Nada é permanente. Estamos nos separando agora, mas não temos como saber o que o futuro nos reserva. Você sabe que a vida tem esse jeito engraçado de

agir, né? Nós dois achávamos que não encontraríamos o amor e olha só aonde viemos parar. — disse, soltando minha mão em seguida.

Não pude dominar o sorriso enorme que surgiu em meu rosto. Por alguma razão, suas palavras trouxeram alegria para o meu coração dolorido. Porque, no fim das contas, ele tinha razão. Nenhum de nós poderia imaginar o rumo que aquele ano tomaria. Nenhum de nós planejou se apaixonar. O mundo dá voltas e nós nunca sabemos para qual direção.

Desviei a atenção para o pequeno embrulho em minhas mãos. Adônis era sempre cheio de surpresas e essa era uma das coisas que eu mais adorava nele. Mordisquei o lábio inferior, abrindo o pacote sem muito alarde e o inclinando, para que o conteúdo escorregasse sobre os meus dedos. Levei-o para mais perto dos olhos, a fim de estudá-lo.

Tratava-se de uma pulseirinha com quatro tiras de couro trançado marrom e dois pingentes de ouro envelhecido. O primeiro, um delicado e pequenino símbolo do infinito, o qual me dizia tanto sem que Adônis precisasse falar nada. O segundo, para a minha surpresa, era um Tordo, o símbolo característico de Jogos Vorazes e, principalmente, de Katniss Everdeen. No entanto, apesar de eu amar a saga, fiquei um pouco decepcionada. Esperava algo mais simbólico vindo dele. Algo que dissesse mais sobre nós dois e que me recordasse dele para sempre.

— É linda! Obrigada. — Fitei seus olhos com intensidade.

Ele sorriu com um pouco de deboche, como se soubesse exatamente o que eu estivera pensando há poucos segundos.

— Não é para adorno, donzela — sussurrou, ainda sorrindo. Então, pegou-a de minha mão e a colocou no meu pulso direito, fechando os dedos sobre ela, em seguida. — Essa pulseira é para você se lembrar. Lembrar das pessoas que te amam muito e torcem pelo seu bem dia após dia. Que a vida nem sempre é justa, mas os momentos ruins servem para intensificar os bons. Que tudo bem não estar bem às vezes. Mas só às vezes. E que você pode se surpreender com as pessoas. Principalmente se julgá-las de maneira precipitada. — Ele riu baixinho e me lançou uma piscadela. Mostrei a língua para ele como resposta.

“É para você se lembrar, principalmente, do quanto é forte e capaz. Do quanto é incrível e destemida. Do quanto sua coragem pode te levar para qualquer lugar que quiser. Becca, é para você nunca desistir de percorrer os seus sonhos, nem os que virão depois desses. E para nunca, em hipótese alguma, deixar de

acreditar em você mesma. Porque eu acredito, meu amor. Nem a maior distância do mundo pode mudar isso.”

Meu coração inflou dentro de mim de um tanto que eu pensei que fosse explodir. Meu Deus, como ele podia ser sempre tão incrível? Sempre tão romântico e perfeito para mim? Isso dificultava demais as coisas. Abracei-o com lágrimas nos olhos, sentindo-me agradecida por, pelo menos, ter tido a chance de estar ao lado dele por todos aqueles meses. Agradecida pela vida, de alguma forma, ter nos unido.

Seus braços subiram pelas minhas costas, apertando-me ainda mais contra ele. E, mesmo que ele ainda estivesse ali, senti saudades. Do seu cheiro amadeirado, da sua barba raspando na minha pele, dos seus dedos compridos demais. Senti saudades de suas piadinhas para me deixar envergonhada, saudades de quando ele me enlouquecia quando nossos corpos viravam um só.

— Eu nunca vou deixar de te amar, Chewie — admiti, para ele e para mim mesma.

— Nem eu — falou em minha orelha. — Você abriu o meu coração e agora é a única dona da chave.



Capítulo 78

*Se lembra quando a gente
Chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
Sem saber que o pra sempre sempre acaba
Mas nada vai conseguir mudar o que ficou
Quando penso em alguém, só penso em você
E aí, então, estamos bem*

Cássia Eller – Por enquanto

Dublin, 13 de fevereiro de 2017.

Donzela,

Imagino que quando essa carta chegar, suas aulas já tenham começado.

A tecnologia evoluiu há muito tempo em se tratando de meios de comunicação, eu sei, mas acho que dessa maneira combina muito mais com nós dois, não? Ok, receio que esteja indo contra nosso trato de não mantermos contato. Receio também que isso dificulte muito aquela coisa toda de recomeçar do zero e tudo mais. Seguir em frente... enfim. Você tem todo o direito de não responder, se não quiser. Eu apenas não consegui ser tão forte assim.

Você está bem? Como foram suas férias?

Espero que nenhum vizinho mal humorado tenha se mudado para o apartamento da frente e roubado o meu posto. Isso me deixaria bem chateado. Também espero que o professor substituto seja um senhor de sessenta anos prestes a se aposentar e que ele cuspa bastante enquanto explica a matéria. Estou sendo um pouco egoísta, mas me reservo o direito.

Como estão Arthur e Nataly? Ainda tentando te levar para o mau caminho?

Por aqui as coisas estão uma loucura... A primeira delas é que Castiel me odeia. Acho que ele sente sua falta. E não o culpo, porque, porra, passo o dia todo querendo te mostrar todas as coisas incríveis que tem por aqui. Já me peguei, pelo menos três vezes, te chamando como se você estivesse do meu lado.

Estou tentando me adaptar. Quando dizem que aqui é muito frio, bem, não estão mentindo. Fora isso, morar com outros dois homens me faz querer assassinar alguém pelo menos 3x ao dia. Você sabe como odeio bagunça, né?

*Do sempre seu,
Adônis.*



Maringá, 3 de abril de 2017.

Chewie,

Que surpresa maravilhosa receber sua carta! Gritei por pelo menos meia hora quando vi o remetente e gritaria muito mais se não fosse o síndico me interfonando. Eu estava prestes a cortar os pulsos quando ela chegou, então muito obrigada por salvar a minha vida. (Talvez isso responda se estou bem, haha).

Brincadeiras à parte, as férias foram deprimentes por um lado (creio que os motivos sejam óbvios), mas maravilhosas por outro. Convidei Arthur para viajar para Santa Cruz comigo e ele ficou radiante, afinal, foi a primeira vez que viajou nas férias desde quando começou a faculdade. Meus avós o amaram (principalmente vovó, que fez questão de pintar o cabelo dele de azul) e exigiram que ele voltasse nas próximas férias.

Se isso te deixa aliviado, nossas novas vizinhas são uns amores. Uma é estudante de química e a outra de comunicação e multimeios. Nataly obviamente fez amizade com as duas no dia da mudança, por isso às vezes fazemos algo todos juntos. Ah, sim, respondendo a sua pergunta sobre o mau caminho: meus amigos acham que estou corrompida o suficiente e, de acordo com Arthur, “o trabalho deles acabou por aqui”.

Sinto te decepcionar, mas nosso novo professor de Produção Textual não é um senhor de sessenta anos com problema salivar. Ele é, na verdade, um quarentão muito sexy, é uma pena que já seja casado. Com um homem, a propósito.

Mande um beijo para o Castiel e diga para ele que eu o entendo, porque também te odeio. Também estou com muita saudade. Às vezes é quase insuportável e eu sinto raiva por precisar ser tão difícil. Algumas noites choro até pegar no sono e acordo morrendo de dor de cabeça. Eu saio do meu apartamento achando que vamos nos cruzar nas escadarias e passo pela sua vaga achando que o seu carro estará lá. Tomara que eventualmente pare de doer tanto e as coisas fiquem mais fáceis.

Espero que não tenha matado seus amigos. E espero que fique frio o suficiente para você nunca mais mostrar esse tanquinho para ninguém.

*Com amor,
Becca.*



Dublin, 21 de julho de 2017.

Donzela,

Queria dizer que nada de muito empolgante aconteceu desde sua carta, exceto talvez por EU TER SIDO ACEITO NA WATERFORD INSTITUTE OF TECHNOLOGY!!!

Porra, acho que essa é a primeira vez que me sinto verdadeiramente feliz desde que vim morar aqui. Nem posso acreditar que vou estudar em uma universidade tão foda, sério, acho que não caiu a ficha de que finalmente vou viver o

meu sonho. Pena que você não esteja aqui para que as coisas fiquem, de fato, perfeitas.

Vejamos o que mais tenho para contar...

Ainda não matei ninguém! E isso é uma coisa muito, muito boa, considerando que os impulsos homicidas estejam se tornando cada vez maiores. Meus pesadelos agora têm a ver com pilhas de louça criando mofo e roupas sujas espalhadas pela casa toda. Acordo no meio da madrugada imaginando uma toalha molhada sobre o sofá e, nossa, é assustador! Espero não acabar enfartando.

Acho que você vai ficar feliz em saber que, embora aqui seja verão agora, está muito longe de ser o tipo de calor para ficar sem camiseta. Ou seja, a chance de eu exibir meu corpo para as gringas é bem remota, pode ficar sossegada.

Castiel está começando a me perdoar e agora podemos sofrer juntos a falta que você nos faz. O que melhora as coisas consideravelmente. É mais fácil ter um ombro amigo, mesmo que esse ombro em questão seja peludo e felino, hahaha.

E, já que toquei no assunto, não tem um único dia que eu não pense em você no mínimo umas cinquenta vezes. Sei que parece piegas, mas juro pelo meu avental do Darth Vader que é verdade. Volto para Brasil em Dezembro, minha mãe está fazendo terror psicológico para eu passar o natal com eles e eu queria muito te visitar. Na verdade, não só visitar, mas aproveitar todo o tempo possível com você. Sei que isso não ajuda em nada o nosso plano inicial de seguir em frente (e talvez seja até um pouco perigoso), mas, eu juro, eu não consigo e nem quero seguir em frente. Quero você. Só você e, para sempre, você. Pense a respeito, sim?

*De um homem desesperado,
Adônis.*



Maringá, 17 de outubro de 2017.

Chewie,

Pelo amor de Yoda, estou tão feliz por você!!! Parabéns, parabéns, parabéns! Você merece toda a felicidade do mundo. Desejo de coração que essa nova fase da sua vida seja incrível. Meu Deus, são tantas coisas que eu quero saber, como, por

exemplo — como é o seu campus? E as aulas? Os professores? As matérias? Já fez novos amigos? Você vai precisar me contar TODOS os detalhes quando estiver aqui!

Porque, sim, é claro que minha resposta só poderia ser essa. Obviamente peguei meu juízo e joguei no lixo (afinal as chances de sofrermos ainda mais depois disso são grandes), mas não me arrependo minimamente. Estamos com o mesmo problema de não conseguir e nem querer seguir em frente. Também não paro de pensar em você, nem no Castiel. Acho que não tem como, porque vocês fazem parte de mim, no fim das contas.

Ah, por falar nisso, que dia você chega? Podemos ir para estreia de Star Wars, os últimos Jedi, o que você acha? Estou tão empolgada!

Um adendo sobre você não mostrar o tanquinho para irlandesas ruivas e possivelmente lindas — isso não me deixa apenas sossegada, me deixa quase tão feliz quanto você ter sido aceito na universidade dos seus sonhos. Parafraseando um ex-vizinho gostoso que tive, estou sendo egoísta, mas me reservo o direito, hahaha.

Por aqui as coisas não sofreram grandes mudanças. Continuo estudando muito e desenhando na medida do possível. Arthur finalmente superou o idiota do Pedro e voltou a ser o pervertido de sempre. Aliás, ele veio me perguntar se eu sabia algo sobre o sumiço de suas camisinhas e eu obviamente quis morrer um pouco nesse dia, mas já superei isso.

*De uma garota ansiosa,
Becca.*



Waterford, 30 de janeiro de 2018.

Donzela,

Eu amei te ver. Porra, como amei! Foi como me sentir vivo outra vez. Adorei passar o mês inteirinho com você, adorei principalmente te amar com toda a intensidade que você merece. Acho que dezembro foi o único mês de 2017 em que eu realmente fui feliz. Droga, o que faço com o meu coração? Por ele eu jamais teria voltado para cá. Dessa vez a despedida foi ainda mais difícil do que na primeira.

Estou na merda, de verdade, hahaha. Meus amigos de banda me pegam chorando nos momentos mais delicados e eu simplesmente não tenho o que fazer além de aceitar que, sem você, eu jamais voltarei a ser completo.

Ah, sim, eu disse colegas de banda. Eu e meus amigos conhecemos um americano e um irlandês em um pub que foram loucos o suficiente para topar fazer música com a gente. Estamos apenas nos divertindo, sem compromisso, mas é ótimo retomar os velhos tempos ao mesmo tempo em que as coisas são novas e inesperadas. Como, por exemplo, o fato de não sermos mais uma banda que faz cover.

Aliás, essa música fui eu que escrevi e estamos muito empolgados com ela:

“The Tyrannosaurs — Collision

*Eu ainda me lembro daquela noite
Quando percebi que as coisas nunca mais seriam iguais
Você estava parada na minha porta usando apenas uma camiseta
Seus olhos arregalados me fitavam com expectativa
Como se pedissem permissão para entrar na minha vida*

*Ohhhh, e eu soube, em uma fração de segundo
Que nós não seríamos apenas dois estranhos colidindo um contra o outro*

*Você era tão destemida, querendo seguir adiante
E penetrar cada vez mais fundo no meu coração
Até que estivesse cravada em minha alma
Mas eu só conseguia me perguntar
Como pude abrir a porta? Por que deixei você entrar?*

*Ohhh, e eu soube, em uma fração de segundo
Que nós não seríamos apenas dois estranhos colidindo um contra o outro*

*Ohhhh, agora já não há mais volta
Ohhhh, agora já não há mais volta*

*Você está em mim
E eu não tenho mais medo
Porque finalmente entendi*

*Que não somos mais dois estranhos colidindo um contra o outro
Não precisamos colidir um contra o outro
A única coisa que precisamos é dar as mãos
Porque a estrada ainda é longa*

*E tudo bem não conseguir tirar você da cabeça
Não preciso tirar você da cabeça
Porque, em você, encontrei a salvação”*

*Estou muito empolgado para saber a sua opinião.
De alguém apaixonado,
Adônis.*



Maringá, 9 de março de 2018.

Chewie,

PELO AMOR DE ALVO DUMBLEDORE, QUE COISA MAIS LINDA!!!!

Nossa, é desnecessário dizer que chorei por horas, né? Mal posso esperar para ouvir, sei que vai ficar ainda mais perfeita na sua voz. A propósito, eu AMEI o nome da banda. Mil vezes melhor que O Tadeu, hahaha.

Sério, são detalhes assim que tornam impossível não te amar. Você é muito amável, sabia? O que não facilita muito as coisas para o meu lado, mas tudo bem.

Entendo perfeitamente o seu sofrimento, por aqui as coisas ficaram bem difíceis de novo. Tudo me lembra você e eu tenho vontade de pegar o primeiro avião e ir aí te visitar. Mas, bem, as coisas não são tão fáceis assim, infelizmente.

2018 mal começou e eu já o odeio com todas as minhas forças! Nataly se mudou logo no começo do ano. Ela conseguiu um intercâmbio para o Canadá pelo Ciência sem Fronteiras e volta só no ano que vem. Estou com um pouco de inveja? Estou. Sou uma péssima amiga? Talvez.

Como se não bastasse isso, Arthur se mudou essa semana para São Paulo. Eu não estava esperando que ele fosse embora tão cedo, quero dizer, a formatura dele foi ainda no começo do mês. Então, sim, fui abandonada pelas três pessoas que mais amo no mundo depois dos meus avós. E sou a rainha do drama, pelo jeito, hahah.

A parte boa disso é que provavelmente esse é o momento da minha vida em que me torno uma mulher bem independente e foda. Tomara!

*De alguém carente,
Becca.*



Waterford, 2 de agosto de 2018.

Donzela,

Nem sei por onde começar... Minha vida está tomando um curso inesperado, tem tantas coisas incríveis acontecendo e eu lamento que coincidentemente seja em um momento tão difícil para você. Eu daria tudo para estar ao seu lado, encontrando todos os motivos possíveis para colocar um sorriso em seu rosto. Mas sei que você é incrível e forte o suficiente para conseguir passar por cima disso, então vou ficar na torcida para que as coisas se ajeitem e você fique bem.

Sinto muito só estar respondendo agora, sinto mesmo. Sua carta chegou há dois meses, durante as minhas férias de verão, mas eu não estava em casa. Acabei de voltar. E, na verdade, ainda estou vestindo as roupas da viagem. O que nos leva ao começo da carta, inclusive, sobre as coisas que estão acontecendo comigo. Com a minha banda, na verdade.

No começo do ano, pouco depois de te escrever, começamos a tocar em pubs ocasionalmente. Apenas para lembrar os velhos tempos e, você sabe, experimentar a sensação pela qual nós cinco somos viciados — a de estar em um

palco. Arriscamos tocar as músicas de nossa autoria e, estranhamente, está dando certo! Quero dizer, viajamos estes dois meses por toda a Europa tocando nos bares mais variados e as pessoas sabiam cantar nossas músicas! E, fora isso (que já é foda para cacete) no Spotify, que tem só a Collision por enquanto, já passamos de 10 mil seguidores!

Isso é 1/5 da população de Waterford. Ainda não caiu a ficha, de verdade! E eu queria poder viver tudo isso intensamente como meus amigos de banda, mas não consigo. Nada chega perto do que sonhei um dia, porque não tem como ser realmente feliz sem você aqui, Becca. Você não sai da minha cabeça nem por um segundo e eu acho que vou enlouquecer se não te encontrar outra vez. Você gostaria de me ver?

Se você quiser, eu volto para o Brasil em dezembro só para te ver. Só para você. Me diz que sim, por favor! Vamos fingir que tudo é fácil para nós e que temos todo o tempo do mundo.

Eu te amo muito e isso nunca vai mudar.

Adônis.



Maringá, 5 de outubro de 2018.

Chewie,

Ainda não acredito que o meu ex-namorado está ficando famoso! (E, ainda por cima, com uma música que é sobre mim). Céus, se a sua ficha ainda não caiu, imagine a minha? Sou uma musa inspiradora e tanto, hein? Hahah

Eu nem tenho palavras para expressar o quanto fico feliz por você. Está realizando seus sonhos, afinal. Isso é incrível. Hoje mesmo dei uma olhada no Spotify e vocês já estão com quase 400 mil seguidores — que é exatamente a população de Maringá. E agora me ocorreu que a cidade onde você está morando é minúscula! Só espero que não se esqueça de mim quando suas fãs começarem a jogar as calcinhas no palco, bem ao estilo Wando. :P

Bom, sobre a última parte da sua carta... Conheço essa frase — vamos fingir que tudo é fácil para nós e temos todo o tempo do mundo — de algum lugar, eu

receio, hahaha. Você sabe que meu coração sempre dirá sim, mesmo quando minha lógica implora para que seja um não. É ele quem tem a palavra final, só me resta aceitar isso. Além do mais, nós nunca fomos muito bons em pontos finais, não é? Nossa história, em vez disso, tem um punhado de ponto e vírgulas.

Então, respondendo sua pergunta, vou adorar te ver. Mais que isso, vou contar os dias. Porque, Chewie, a recíproca é verdadeira: não tem como ser realmente feliz sem você aqui.

Ps¹.: Agora eu moro no bloco C, apartamento 28.

Ps².: Meus colegas de apartamento não são exatamente legais.

Ps³.: Eu adoraria acampar, hahaha.

Becca.



São Paulo, 27 de fevereiro de 2019.

Chewie,

Essa carta é apenas para te atualizar do meu novo endereço.

Pois é, isso foi bem inesperado, eu sei, haha. Nataly resolveu estender o intercâmbio por mais seis meses e eu simplesmente não aguentaria ficar mais nenhum dia em Maringá, com todas aquelas lembranças de vocês três me seguindo por onde quer que eu fosse. Por isso transferi o meu curso para cá e agora moro de novo com Arthur.

No fim das contas, voltei ao meu estado de origem e isso é uma ironia. Mas confesso que jamais imaginei o quanto me apaixonaria por São Paulo. É uma cidade maravilhosa (metaforicamente, é claro, porque sinto falta de todas aquelas árvores de Maringá. Acredite: elas são muito úteis). Jamais experimentei essa energia pulsante de que tudo pode acontecer a qualquer momento e, nossa, tem tudo a ver comigo. Parece que finalmente me encontrei.

Aliás, tenho ótimas notícias (finalmente). A primeira e mais significativa é que EU CONSEGUI UM ESTÁGIO NA EDITORA DRAKON!!! Uhuuuuu! Essa é APENAS a editora que publicou Harry Potter e Jogos Vorazes aqui no Brasil. Entre outra infinidade de livros incríveis, é claro. Estou empolgadíssima e tremendo de medo.

Ainda não comecei, então não posso te dar detalhes mais consistentes, mas o fato é que me pego sorrindo a toa em vários momentos do dia quando para pensar que as coisas estão acontecendo. Acho que agora sei um pouco como você está se sentindo com sua banda. A sensação é maravilhosa!

A segunda é que a sentença do processo contra Marcela saiu! Ela foi condenada a me indenizar com nada menos que 50 mil reais.

Cinquenta. Mil. Reais!

Por Peeta Mellark, eu ficaria contente com míseros 50 reais, apenas pelo que representaria. Mas assim também está ótimo, hahah. Quero dizer, eu nunca poderei fazê-la sentir um terço do que eu senti em todos aqueles anos, mas ao menos ela vai sentir no bolso. A justiça foi feita e isso é maravilhoso. Agora eu posso, enfim, ficar em paz. Obviamente esse valor será parcelado, e ainda tem a porcentagem do advogado para descontar, mas a parte boa é que eu terei uma mesada pelos próximos anos.

Sua visita parece distante depois de tantos acontecimentos, mas, ainda assim, viva na memória. Amei ver você novamente, amei o seu cheiro na minha pele, amei que, por algumas semanas, fomos apenas nós novamente. E é tudo muito fácil quando somos apenas nós.

Sinto muito sua falta.

Becca.



São Paulo, 16 de julho de 2019.

Chewie,

Trabalhar em uma editora não é nada parecido com o que sonhei. Na vida real, é bem mais estressante, menos glamouroso e diria até um pouco frustrante. Tem tantos talentos não descobertos escondidos por aí, que com certeza mudariam a vida de muitas pessoas, mas me falta poder para fazer qualquer coisa a respeito. Estou um pouco desapontada por ter levado tanto tempo para alcançar meu sonho e então descobrir que era “só isso”. Talvez seja a hora de percorrer novos objetivos? Eu não sei.

Mas se tiver que trabalhar nesse emprego para sempre, talvez eu fique muito, muito infeliz mesmo. Ele não é para mim.

Bom, tirando isso, minhas emoções estão uma bagunça.

Isso é um pouco culpa sua.

Na verdade, é totalmente culpa sua. Estou apenas sendo legal, haha.

Vi que vocês assinaram contrato com uma gravadora incrível e só consigo ficar feliz que sua vida esteja no rumo que você sempre sonhou. Isso explica o porquê de eu nunca mais ter notícias suas. Deve estar muito ocupado. Só que o problema disso é que seu silêncio está mexendo comigo além da conta. Chego em casa dia após dia procurando uma carta sua, buscando um pouco mais de você, sem saber quando ou se vou encontrar. Estou desnorteada. Não faço a menor ideia de para qual direção correr.

Andei refletindo muito sobre essa loucura que somos nós. E então me ocorreu que, meu Deus, até quando vou continuar me enganando com pequenas migalhas do amor que já tive um dia? Você não está mais aqui, nem nunca mais estará. Sua vida está prosseguindo e, a cada passo que você dá adiante, também é um passo a mais para longe de mim. Céus, como isso machuca! Machuca muito saber que, embora o meu sentimento por você continue exatamente o mesmo — se não maior — as coisas jamais voltarão a ser como antes. Nós nunca mais voltaremos a ser aquelas duas pessoas que só funcionam juntas. Estou feliz por você, é claro, mas ao mesmo tempo algo morre dentro de mim.

Arthur me diz que eu preciso seguir em frente. Preciso superar o passado e tentar achar a minha felicidade. Acho que concordo com ele. Nossa história foi linda e intensa, mas isso aqui é uma ilusão, estamos sendo inocentes por achar que vai dar em alguma coisa. Isso aqui é um erro, Adônis.

Então, acho que você deveria saber, estou saindo com um colega do trabalho há algumas semanas.

O amor e o carinho que sinto por você jamais mudarão. Você foi o meu primeiro amor e, mais do que isso, virou parte de mim. Não posso mudar isso e nem vou. Mas eu não sei se é justo comigo mesma esperar por alguém que não vai voltar, entende? Talvez já tenha passado da hora de virar essa página. Não porque quero deixar você para trás, mas porque preciso disso, ou jamais serei feliz outra vez. E, por mais que seja difícil e doloroso, tenho que tentar.

Espero que esteja bem,

Becca.



Waterford, 4 de novembro de 2019.

Rebecca,

Uau! Eu estou... sem palavras.

Surpreso? Com certeza.

Feliz? Deveria estar, eu sei. Seria tão nobre e maduro da minha parte, não?

Só que não podia ser mais distante disso, porque, nesse momento, estou com vontade de quebrar coisas. Muitas delas.

Porque estou com tanta raiva? Porque sou um idiota, é claro.

Que bom que você conseguiu nos superar. Espero um dia também conseguir.

E, Becca, desejo verdadeiramente que seja muito feliz.

Adônis.



São Paulo, 10 de janeiro de 2020.

Chewie,

Quem dera eu tivesse superado! Mas, dado o fato de que terminei o namoro com um cara incrível simplesmente porque ele não era você, acho que estou bem longe disso, hahaha. Fico me perguntando se algum dia vou conseguir estar com uma pessoa sem instantaneamente me lembrar de você, ou se o único caminho que resta para mim é adotar vários gatinhos (peça desculpas ao Castiel) para tentar preencher o vazio que ficou aqui dentro desde que você partiu. Arrisco dizer que será a segunda opção.

A razão dessa carta é que eu comecei a escrever no final do ano passado, para tentar colocar para fora todo esse turbilhão de sentimentos que abrigo dentro de mim. E foi tão bom! As palavras jorravam para fora sem o menor esforço. Eu

podia estar com o pior dos humores, era só sentar para escrever que meu dia voltava a se iluminar e as cores ficavam mais vibrantes.

Enfim, o fato é que eu nunca tive pretensão nenhuma com isso. Nunca quis nada além de tirar o peso dos meus ombros. Ocupar a mente para não acabar surtando. Só que isso foi até Arthur ler escondido (sim, ele continua sendo uma peste). Ele insistiu tanto que eu estava desperdiçando um dom e que deveria publicar na internet, que acabou me vencendo pelo cansaço.

Daí ele me mostrou esse site, o Wattpad, que é uma espécie de plataforma para autores amadores disponibilizarem suas obras gratuitamente. Então os leitores podem ler, comentar e votar naquelas obras que mais gostarem.

Eu fiquei bem cética e, para falar a verdade, nunca acreditei que 1 única pessoa fosse ler. Então imagine qual não foi a minha surpresa quando, em apenas dois meses, o livro já tenha passado da marca dos 5 milhões de leituras? É inacreditável! Mal posso conceber que isso esteja mesmo acontecendo.

Talvez você esteja se perguntando por que diabos eu te contaria tudo isso nessa altura do campeonato. E, bem, é porque meu livro, A Linguagem do Amor, é sobre nós dois. Não era a minha intenção falar sobre você. A intenção era justamente NÃO falar. Escrever foi minha tentativa de te tirar da cabeça, mas, você sabe, em se tratando de sentimentos, nunca detive muito controle sobre eles. Ainda não o terminei, mas estou muito empolgada que as pessoas estejam gostando da minha escrita e, sobretudo, da nossa história.

Me dá a certeza de que se eu pudesse voltar no tempo para quando te conheci, teria vivido tudo novamente, mesmo sabendo de quão angustiante seria a sua ausência. Pelo simples fato de que fomos perfeitos juntos. E, poucas vezes na vida, se experimenta algo parecido.

Rebecca.



São Paulo, 5 de junho de 2020.

Chewie,

Eu te conheci no auge dos meus dezessete anos, dá para acreditar?

Sei que se estivesse do seu lado, você provavelmente reviraria os olhos para mim e diria que adora a minha sagacidade. Não te culpo, eu sou mesmo rainha de fazer comentários óbvios. Mas é que agora, perto de completar vinte e dois, eu finalmente me dei conta de como já faz tempo! Me surpreendi não só com os anos que passaram, mas principalmente no quanto as coisas mudaram de lá para cá, sabe? Céus, quase parece outra vida. Tudo mudou, nossas realidades mudaram. Quem poderia imaginar nos rumos que seguiríamos? Eu jamais poderia fazer ideia. A única coisa que não mudou nesse intervalo foi o meu amor por você. Mas, sendo honesta comigo mesma, receio que isso nunca vai deixar de ser assim. E tudo bem. Você é a minha faceta mais bonita.

Acho tão engraçado que, por tanto tempo, me privei do amor com medo de sofrer e fui me apaixonar logo pelo meu professor complicado, que estava de viagem marcada para fora do país. Quero dizer, dentre todas as coisas fáceis, olha só onde fui parar! Talvez você seja meu carma, Hahahah

Não sei se você vai ler essa carta, tampouco sei se chegou a receber a última. Gosto de me convencer que não, e esse é o único motivo para nunca mais ter respondido. Mas, se por acaso estiver com essa em mãos, talvez no meio de um voo para o próximo destino da turnê da sua banda, ocupado demais para dar um sinal de vida, saiba que esse é um adeus. É aqui que nossos caminhos finalmente encontram a bifurcação e você deixa de fazer parte da minha vida. Ou é nisso que quero acreditar. O fato é que na próxima semana me mudo desse endereço e não pretendo mais entrar em contato com você. Isso dói em mim, mas o caminho certo nem sempre é o fácil. Está me machucando demais adiar esse adeus que, na verdade, já aconteceu em alguns anos, em um hotel fazenda, com você me dizendo as palavras mais lindas que alguém já me disse um dia.

Então, apenas para não encerrarmos com um clima pesado que não combina em nada com nós dois, que tal eu te contar as novidades?

A Linguagem do Amor alcançou 8 milhões de leituras online! O que acabou chamando atenção de uma das maiores editoras do país e, por isso, serei lançada na Bienal de São Paulo, dia 28 de agosto às 20h. Onde quer que você esteja nesse dia, espero que se lembre de mim e saiba que finalmente me encontrei. Finalmente achei algo que faça com que eu me sinta viva, como há muito não me sentia. É o primeiro raio de felicidade depois de uma longa tempestade.

Torço muito pela sua felicidade (e a de Castiel também). Espero que encontre alguém incrível, que te dê mais motivos para sorrir do que para chorar. Espero que

viaje o mundo e conheça os mais diferentes lugares e que, em cada um deles, as pessoas o reconheçam pela sua música e contem o quanto você os ajudou a sair de um momento ruim.

Obrigada por me ensinar a amar.

De alguém que para sempre te desejará o bem,

Princesinha-donzela.



Capítulo 79

*Estou na miséria
Não há ninguém
Que possa me confortar
Por que você não me responde?
Seu silêncio está me matando lentamente*

Maroon 5 - Misery

— Você pode assinar esses dois, por favor? Minha melhor amiga não pôde vir junto e eu queria muito surpreendê-la. Ela ama esse livro! — subi o olhar e encontrei uma garota que deveria estar na casa dos quinze. Ela tinha expressivos olhos castanhos e um sorriso nervoso estampava o rosto.

No mesmo instante, meu coração apertou consideravelmente.

— Como é o seu nome? — perguntei, mordiscando o lábio inferior.

— Rebeca, mas com um c só! — exclamou, animadíssima.

— Que legal! — deixei escapar e, apenas para confirmar a resposta, olhei de soslaio para o meu editor que negou com um acenar de cabeça, indicando a fila que

se estendia atrás dela. De fato, era enorme. E, levando em conta que eu só tinha mais uma hora para autografar os livros de todas aquelas pessoas, era compreensível o porquê de ele não hesitar em sua resposta. — Eu adoraria, mas infelizmente não posso, me desculpa. Temos um cronograma e se abrímos essa exceção para uma pessoa, vamos precisar abrir para todo mundo. E ainda tem muita gente para assinar... — encolhi os ombros.

Ela não era a primeira a pedir e eu sabia que não seria a última. E eu, manteiga derretida como era, ficava chateada de não poder atender todos os pedidos. Mas também não seria justo com todas as pessoas que haviam conseguido as senhas.

Por sorte, Rebeca levou na esportiva e estendeu seu livro com um sorriso enorme no rosto, no qual assinei bem grandão, *“Rebeca, espero que esse livro seja para sempre um lembrete do quanto a vida pode nos surpreender. Um beijo da sua xará, Becca!”*.

— Aqui está — entreguei o livro em suas mãos e ela logo veio ao meu lado, para que o fotógrafo batesse uma foto nossa. Minhas bochechas doeram quando eu sorri, mas, estranhamente, essa foi uma dor deliciosa que adoraria continuar sentindo.

Era incrível saber que todas aquelas pessoas estavam ali por mim, unicamente porque apreciavam o meu trabalho a ponto de se importarem comigo. Ainda não havia caído a ficha de que aquilo estava mesmo acontecendo. Não só eu estar na minha própria sessão de autógrafos, mas, principalmente de que pessoas me pediam para assinar um livro a mais e eu precisava negar. Quero dizer, nem nos meus sonhos mais incríveis e impossíveis algo tão maravilhoso assim acontecia!

Assisti a Rebeca se afastar depois de nos despedirmos e aproveitei o momento para pegar outra caixa de marcadores embaixo da mesa. Fiquei tão distraída pensando no quanto a noite estava sendo incrível que, quando me levantei novamente, pulei no lugar ao me deparar com o homem parado logo em minha frente. Desviei os olhos ligeiramente para a esquerda e reparei em sua namorada, que vinha logo atrás dele, abraçada ao meu livro como se o usasse de escudo.

— Becca, estou tão feliz em conhecer você! — exclamou ela, arriscando um passo à frente, com um sorriso no rosto. — Te acompanho desde o Wattpad... li seu livro em um único dia. Eu amei!

— Sério?! — perguntei, com um sorriso idiota no rosto.

Não adiantava, eu continuava delirando cada vez que alguém me dizia coisas do tipo. Era simplesmente insano pensar que algo escrito por mim tivesse ganhado a atenção de uma pessoa a ponto de ela não conseguir abandonar a leitura.

— É sério!

— Nossa... eu queria conseguir exprimir o quanto isso me deixa feliz, mas acho que dá para notar na minha cara, né? — brinquei, fazendo-os rir.

Meu editor pigarreou com um pouco de impaciência, lembrando-me da realidade. E, nela, eu não tinha tempo para jogar conversa fora, embora fosse algo realmente convidativo. Por isso, tudo o que fiz foi pegar o livro das mãos dela, colocando-o sobre a mesa e abrindo na folha de rosto.

— Eu assino no nome dos dois?

— Isso! — foi ele quem respondeu, olhando para ela. Meus pensamentos foram parar inevitavelmente em Adônis. Senti uma pontada na boca do estômago, odiando-me por, mesmo depois de tanto tempo, não ter conseguido superar o passado. — Juliana e Dênis, por favor.

— Certo.

Inclinei-me para frente e escrevi a dedicatória em poucos segundos, devolvendo-o a Juliana, que me surpreendeu ao contornar a mesa para me abraçar. Retribuí o gesto, ao mesmo tempo em que ele parou à minha esquerda, para que o fotógrafo tirasse uma foto de nós três.

E, mesmo depois de eles terem abandonado a mesa, permaneci com o mesmo sorriso bobo no rosto, afetada pelo carinho de Juliana comigo. O que foi muito bom, porque assim não foquei no fato de que, mesmo sem querer, a presença deles acendeu uma parte minha muito perigosa. Aquela que, normalmente, fazia-me chorar ouvindo Beatles, ou cada vez que alguém falava sobre dinossauros perto de mim — entre outras situações do tipo.

Fazia pouco mais de duas horas que eu estava ali e, apesar do cansaço físico e mental depois de tanto conversar e interagir com meus leitores, a felicidade era esmagadora e compensava todo o resto. Era justamente por isso que eu me recusava a deixar o melhor dia da minha vida ser apagado pela memória de Adônis. Eu não me permitiria sentir saudades, tampouco tristeza. Não, eu precisava ser grata por todas as coisas incríveis acontecendo em minha vida.

Naquela manhã, quando Arthur e Nataly me acordaram com o café na cama e um buquê lindo de Lírios do Vale — cujo significado, segundo eles, era “volta da felicidade” —, fiz uma promessa de que, não importa o quanto doesse, eu lutaria

para permanecer firme. Lutaria pela volta da minha felicidade. E, no fim das contas, não foi muito difícil, principalmente levando em consideração a quantidade de carinho e amor que recebi de tantas pessoas diferentes.

Além do mais, tinham também meus avós que, assim como meus melhores amigos, não saíram do *stand* da editora desde o começo da minha sessão de autógrafos. Mesmo sem cadeiras para sentar, os quatro pareciam tão felizes quanto eu e, cada vez que os procurava com o olhar, encontrava-os conversando animadamente, sempre com um grupo de pessoas diferente. Eu quase podia imaginar vovô dizendo para cada um deles:

— Becca é a minha neta, sabia? Ela é como uma filha para mim!

Isso deixava meu coração transbordando de amor. Ter os quatro ali era maravilhoso e eu me sentia muito realizada, ainda mais por ter o apoio das pessoas que mais amava. No entanto, por mais errado que parecesse admitir isso, ainda *faltava* algo. Agora eu entendia muito bem o que Adônis me disse pouco antes de ir embora para a Irlanda, sobre seu sonho jamais ser como sempre almejou, porque não estaríamos mais juntos. Era exatamente assim que eu me sentia. Como se possuísse uma ferida dentro de mim a qual nunca cicatrizasse e que, graças a isso, eu não pudesse viver as outras coisas sem que sua presença estivesse tão incisiva em minha vida. Tudo o que eu mais queria era arrancá-la, para poder me lembrar de como era viver sem algo incomodando constantemente. Droga, eu só queria conseguir esquecer. Ou, ao menos, tentava me convencer disso.

Balancei a cabeça para afastar os pensamentos turbulentos e, em seguida, abaixei para alcançar minha garrafinha de água embaixo da mesa. A fila permanecia enorme e eu simplesmente não podia me dar ao luxo de continuar divagando, ainda mais quando tantas pessoas tinham saído de suas casas para me prestigiar. Ainda escondida atrás da mesa, percebi que já havia alguém aguardando para me ver e, por isso, apressei-me. Dei um longo gole e senti a água fresca descer pela garganta, aliviando a sede. Ao levantar, encontrei um livro já aberto na folha de rosto, apenas a minha espera. Expirei o ar dos pulmões e, ainda ocupada em fechar a garrafinha, perguntei distraída:

— Assino no nome de quem?

— Chewie.

Foi rápido demais e, ao mesmo tempo, pareceu acontecer em câmera lenta. Uma dessas antíteses sem explicação da vida. Enrijeci-me, engolindo em seco. Em nem ao menos havia tido a chance de olhar para cima ainda. Agora, no entanto, não

seria mais preciso. Eram muitos detalhes que, somados, dissipavam qualquer sombra de dúvida. Em primeiro lugar, sua voz. Eu a reconheceria mesmo em mil anos. Depois tinha o perfume que, embora tivesse se apagado de minha memória, reacendeu tão logo ele penetrou minhas narinas. Inspirei profundamente, sendo invadida ao mesmo tempo pela fragrância e pelas memórias. Mas, ainda que não houvesse nada disso, daria para suspeitar de algo pela comoção que se fez ao meu redor. Havia um murmúrio ocupando o *stand* inteirinho, como se todos ali dentro sussurrassem uns para os outros que o reconheciam da banda Tyrannosaurs — ou, quem sabe, do meu livro.

Com o coração a mil por hora e morrendo de medo do iminente, subi o olhar. Se eu ainda estava respirando, provavelmente parei naquele exato momento.

Adônis estava ali, encarando-me com os olhos de Outono em brasa. Sua expressão era dura, diria até brava. As grossas sobrancelhas encontravam-se unidas, formando vincos profundos na testa. Ele usava um chapéu preto e a barba estilo lenhador permanecia intacta, como eu adorava.

Notei, no entanto, que apesar da postura firme, seu corpo entregava, de maneira sutil, o desespero que ele tanto tentava esconder. Isso porque seus dedos tremiam levemente, e ele não parava de bater a ponta do coturno no chão. Mas o principal certamente era a maneira como sua respiração estava entrecortada, tal como se ele tivesse acabado de correr uma maratona inteira antes de estar ali.

Chocada, a única coisa que consegui verbalizar foi:

— O que está fazendo?

— Te dando uma resposta — explicou, apoiando-se com as duas mãos na mesa de autógrafo.

— Uma... *resposta*?

E então, a explosão começou. Céus, eu nem ao menos tive tempo para me preocupar com a quantidade alarmante de pessoas nos assistindo porque as palavras que ele falava com tamanha intensidade e urgência roubaram todo o meu foco.

— Sim, donzela. Viajei mais de 10 horas para te responder! Só para dizer que te conhecer *foi* a coisa mais incrível que já me aconteceu. E que, por isso, não preciso e nem quero encontrar ninguém mais. Porque é insignificante outra pessoa me dar motivos para sorrir quando você deu um *sentido* para a minha vida. E, donzela, *viajar pelo mundo* não é um sonho. Não quando se acorda noite após noite sozinho e confuso em um quarto de hotel, lembrando a única vez em que foi

verdadeiramente feliz na vida inteira e sentindo que um pedaço seu morre a cada dia em que se distancia mais e mais dessa pontinho de luz em anos de escuridão. *Viajar pelo mundo* é igual acampar, só vale a pena com uma boa companhia! — Adônis se inclinou ainda mais para frente, ficando a pouquíssimos centímetros de distância. Então, diminuindo consideravelmente o tom de sua voz, falou olhando no fundo de meus olhos. — Você disse que torce pela minha felicidade, mas, porra, Rebecca, será que você realmente não vê? A única maneira de eu ser feliz é com você ao meu lado!

Aquele foi o estopim para que eu jogasse o meu juízo no lixo. Ou, ao menos, o que restava dele. Sem me importar com nada mais além do que meu coração pedia, levantei-me em um rompente, ignorando o resto do mundo e focando apenas no que importava — nós dois. E, eu juro, a vida voltou a ser boa outra vez.

Eu sabia que todas as questões envolvendo Adônis e eu ainda estavam em aberto. Sabia que ele me devia explicações e sabia que eu provavelmente tinha arruinado o cronograma de autógrafos e que talvez fosse receber uma bronca do meu editor. Mas nada disso fazia diferença.

Naquele momento, com Adônis me beijando de um jeito dolorosamente doce, as coisas não poderiam ser mais simples para mim.



Epílogo

*Nós viemos tão longe minha querida
Veja como nós crescemos
E eu quero ficar com você
Até ficarmos grisalhos e velhos
Apenas diga que você não vai embora*

James Arthur - Say You Won't Let Go

A primeira coisa que Adônis e eu fizemos depois do lançamento foi dirigirmos para o hotel onde ele estava hospedado e... bom, você deve imaginar, né?

Não, não arrancamos as roupas um do outro ainda no corredor enquanto nos beijávamos com ardor até ficar sem fôlego, para depois nos amar com toda a saudade e desejo reprimidos depois de tanto tempo.

Bem que eu gostaria. Na verdade, teria adorado que fosse isso, mas, não. Foi outra coisa. E estávamos vestidos, a propósito.

Nós conversamos.

Tínhamos muito para ser dito, no fim das contas. Quatro anos separados foi realmente muito tempo e, embora tenhamos nos visto nos primeiros anos, foram nos dois últimos que todas as mudanças significativas aconteceram. Quero dizer, já não éramos mais aluna e professor, vizinha e vizinho. Não, agora éramos escritora e *rock star* e eu achava que, de todas, essa era a minha combinação predileta. Porque era real.

Mas, ainda assim, tinham muitos pingos nos l's para serem colocados. Eu o amava tanto quanto antes — ou até mais, para ser honesta. Porém, isso não mudava o fato de que nós dois estávamos machucados. Então, antes que pudéssemos simplesmente nos entregar, era preciso esclarecer as coisas.

Adônis abriu a porta e revelou um quarto de hotel talvez maior que o apartamento onde eu morava. Com duas paredes feitas em panos de vidro, nós tínhamos uma vista privilegiada de um mar de prédios, cujas luzes acesas se pareciam com pisca-piscas de natal, brilhando intensamente na noite. Era lindo.

Entrei um pouco sem jeito, tal como se tivéssemos voltado no tempo e eu fosse aquela garota assustada, conhecendo seu apartamento pela primeira vez. Minhas pernas estavam trêmulas e as mãos, geladas. Passando por meia-dúzia de poltronas quadradas de couro posicionadas ao redor de uma mesinha de centro rasteira, vislumbrei, pelo canto dos olhos, a enorme cama de casal com dossel e engoli em seco, imaginando quantas coisas poderíamos fazer ali. Adônis pigarreou, com as mãos nos bolsos e um sorrisinho torto, enquanto me acompanhava em passos tranquilos.

Desconcertada, segui para uma chaise posicionada estrategicamente de frente para uma das paredes inteiras de vidro. Sentei-me nela, agradecendo mentalmente por isso. Meus joelhos fracos agradeciam.

— Quer beber alguma coisa?

— Álcool — falei rápido demais e ele inclinou a cabeça ligeiramente para a esquerda, olhando-me com curiosidade. — Você sabe, aquela coisinha mágica que vai parar na corrente sanguínea e nos transporta para um lugar mágico onde o nervosismo não existe.

Ele jogou a cabeça para trás, rindo em deleite.

— Está nervosa? — seu tom era divertido. — Comigo?

— Não com você. É a situação como um todo... — encolhi os ombros e ele riu novamente.

— Qual álcool especificamente? Tenho cerveja, vin...

— Cerveja está ótimo para mim — atirei.

Adônis assentiu, abaixando-se em frente ao frigobar, de onde tirou duas *long necks*. Ele ainda não tinha tirado o chapéu e eu o amava por isso, porque ficava simplesmente gostoso quando o usava.

Observei-o percorrer o curto trajeto até a chaise. Ele me entregou uma cerveja e ficou com a outra para ele, antes de se abaixar de frente para mim e apoiar os cotovelos nos meus joelhos. Os olhos de Outono brilhavam intensamente.

— Se faz alguma diferença, eu também estou.

— Está o quê? — perguntei, distraída.

— Nervoso.

— Ah, sim. Definitivamente ajuda muito. Embora eu não ache que seja verdade.

— Continuo sem moral, hein? — brincou, fazendo-me rir baixinho.

— Certas coisas não mudam — Adônis sorriu, levando a garrafa aos lábios e dando um demorado gole. Arregalei os olhos e não pude evitar a pergunta que veio em seguida. — Voltou a beber?

Ele respondeu com um suave menear de cabeça.

— Bom, eu não estou planejando dirigir — piscou para mim e um sorriso involuntário surgiu no meu rosto. — Já era tempo de superar alguns traumas e parar de me privar.

— Fico muito feliz por você. Conseguiu virar a página.

— Foi para isso que me mudei para a Irlanda, não? — notei um pouquinho de ironia em suas palavras e, de alguma forma, aquilo me agradou. Gostei de saber que o Adônis de sempre ainda estava ali. O conjunto todo que eu tanto amava.

— Foi para isso que se mudou — ecoei, sorrindo. — Só tem uma coisa ruim em você ter voltado a beber.

— Ah, é? Qual?

— Quem vai cuidar de mim quando eu passar da conta?

Sua risada genuína foi responsável por uma intensa onda de calor que subiu pelo meu tronco. As linhas de expressão que se formaram ao redor dos olhos estavam um pouco mais visíveis do que eu me lembrava.

— Podemos cuidar um do outro, eu acho.

— É, podemos... — minhas palavras morreram no ar e, incomodada com o silêncio, desviei a atenção para os meus pés e me ocupei em beber duas ou três goladas de cerveja. Queria que ela me ajudasse o quanto antes a relaxar. Se

dependesse de mim, tudo continuaria mecânico e esquisito pelo resto da madrugada.

Eu queria me resolver com ele, juro. Era o que eu mais queria desde sempre. No entanto, ainda existiam muitas dúvidas. Nosso histórico já continha tantas despedidas que eu simplesmente não suportaria mais nenhuma. Cada vez que eu precisava me afastar de Adônis e seguir com a minha vida, um novo pedacinho de mim morria. Eu o amava demais para continuar vê-lo partindo. Amava-o demais para acompanhá-lo de longe, sabendo o quanto funcionávamos juntos, mas sem poder viver isso. Era triste demais me refugiar em lembranças que, a cada dia, tornavam-se mais e mais distantes. E, fora isso, eu estava um pouco revoltada por ele ter ignorado minhas últimas cartas quando, claramente, havia recebido e lido. Presenciar o meu sofrimento sem fazer nada para impedir não se parecia com algo que ele faria. E isso estava me incomodando tanto quanto uma unha encravada quando usamos um sapato apertado demais.

Percebendo a minha ligeira recaída, Chewie levou os dedos compridos e frios ao meu queixo, erguendo o meu rosto até que nossos olhares se encontrassem. Seu toque continuava exatamente como eu recordava. Suas íris intensas me despiram, penetrando-me até alcançarem a alma. E eu deixei que ele olhasse. Às vezes, essa é a melhor maneira de se falar quando não consegue verbalizar palavra alguma.

— O que foi? Você parece triste.

— Como poderia não estar? — ouvi-me dizendo e ele fez uma expressão surpresa. Sutilezas nunca foram exatamente a minha praia. Sempre preferi ir direto ao ponto. — Você me deixou sem resposta por nove meses, Chewie. Nove. Meses. Daí, quando eu acho que finalmente estou conseguindo voltar a minha vida nos trilhos, você aparece e bagunça completamente os meus sentimentos. Traz à tona tudo o que eu passei os últimos meses lutando contra. É injusto. Como posso seguir em frente dessa forma?

— Você quer seguir em frente? — não pude deixar de notar a pontada de chateação em sua voz. — Mesmo?

Expirei o ar dos pulmões e o encarei significativamente. Seu rosto estava rígido como pedra, mas, ainda assim, a preocupação era visível em cada pequeno centímetro. E isso me desarmou. Eu queria que ele percebesse o absurdo de sua pergunta. Como ele podia realmente achar que se eu quisesse seguir em frente estaria ali, em seu quarto de hotel, toda nervosa e esquisita?

Homens..., pensei, revirando os olhos internamente.

— É claro que não, seu idiota! — respondi. — Eu não tenho como te esquecer, Chewie. Entreguei o meu coração para você, lembra?

— E eu para você. — Sorriu, parecendo aliviado. Antes que eu pudesse fazer algo a respeito, ele havia levantado, inclinando-se em minha frente. Com os braços apoiados na chaise, um de cada lado meu, Chewie cobriu meus lábios com os seus.

Ouvi um barulho seco e soube, mesmo se olhos fechados, que o seu chapéu tinha caído no chão. Permanecemos assim por alguns segundos, experimentando a sensação. Era tão familiar e, ao mesmo tempo, inédita. Seu perfume amadeirado e marcante ainda era o mesmo, por isso inspirei profundamente, como se deixasse Adônis se espalhar em mim, inflando-me. Era assim que me sentia, afinal. Eu tinha medo de que aquilo fosse um sonho, porque seria muito doloroso acordar.

Levei as mãos ao seu rosto, segurando-o para ter certeza de que não sairia de perto de mim. Então, invadi sua boca, louca para sentir o seu sabor. Louca para me sentir viva, como só acontecia quando estávamos juntos. Era uma loucura, mas o que eu podia fazer se era verdade? Nós nos completávamos. Éramos como C3PO e R2-D2 — funcionávamos muito bem juntos. Nossas línguas se entrelaçaram em uma dança intensa e, ao mesmo tempo, calma. Como se nos redescobríssemos enquanto relembrávamos as coisas que já sabíamos.

Ali, sentindo sua respiração terna contra a minha face, perdi a noção de onde estava, de que dia era e, principalmente, de que estivemos tanto tempo separados. Naquele beijo, parecíamos ter burlado as leis do tempo/espço e criado um buraco de minhoca, que nos transportava direto para o passado. Era como se, ontem mesmo, ele tivesse me dado a pulseira com o Tordo, a qual eu nunca mais ousei tirar do pulso direito. Se os sentimentos já estavam intensos antes, agora eram esmagadores. Consumiam-me com voracidade. E isso não podia me deixar mais satisfeita. Perdi-me nele e, assim, encontrei-me novamente.

Quando Adônis se afastou alguns centímetros, meus lábios, apesar de inchados, ainda formigavam de desejo. Tínhamos muito para recuperar. Céus, como tínhamos!

— Eu precisava muito te beijar. Agora, sim, podemos conversar — falou com bom-humor, oferecendo-me o seu sorriso mais descarado.

Em meio a risadas, passei as pernas para o outro lado da chaise, ficando de frente para a vista de tirar o fôlego. Deslizei o bumbum para a direita, oferecendo espaço para ele. Adônis sorriu e se sentou ao meu lado, porém não para frente,

como eu. Em vez disso, ficou com uma perna de cada lado, daquele jeito descontraído que combinava tão bem com ele. Cruzando os braços sobre o peito, ele me lançou um olhar ansioso.

— Bom, já sabemos que você não quer seguir em frente. E também que eu sou um idiota. — Encolheu os ombros e lançou uma piscadela. Rimos em uníssono. — Estou pronto para o restante.

— Por que não respondeu as minhas cartas? Por que me deixou sofrendo por tanto tempo se as recebeu? — as palavras pulavam para fora da minha boca sem que eu detivesse o menor controle sobre elas. — Eu ficava me perguntando se elas não tinham chegado ou você só não respondeu porque já tinha conseguido me esquecer... Droga, Chewie! Tem noção de tudo que me fez passar? Era angustiante não ter como entrar em contato. As coisas poderiam ter sido bem mais fáceis. Sei que você ficou magoado quando eu me envolvi...

— Magoado?! — ele me interrompeu. — Magoado? — repetiu e a palavra estalou em sua língua. — Não, Rebecca, eu não fiquei *magoado*. Eu fiquei puto! Realmente puto. E, depois disso, fiquei na merda. Meu mundo ruiu quando li sua carta. Quis viajar no mesmo instante para cá só para socar a cara do babaca que colocou as mãos em você e... e... merda, não quero nem pensar nas outras coisas que ele também deve ter colocado.

— Chewie, eu...

— Não, me escuta, por favor! — pediu, e sua voz saiu trêmula. — Por favor! Isso aqui está entalado há tempo demais e eu sinto que posso explodir a qualquer momento se não colocar para fora. — Ele me olhou com intensidade e apenas concordei com a cabeça, deixando-o prosseguir. — Você nunca me prometeu nada, eu sei. Na verdade nosso trato era que ficássemos no passado um do outro. Só que você nunca chegou a ficar no passado. Jamais deixou de estar no meu presente, donzela. Era a protagonista dos meus pensamentos da hora em que eu acordava até quando deitava para dormir. E a única coisa que me confortava era saber que eu não estava sozinho nesse barco. Nós estávamos passando por isso juntos e, de alguma forma, isso me enchia de esperanças.

“Eu tirava força de cada carta sua, tirava força da certeza de que isso que temos ainda continuava muito vivo dentro de nós. E então chegou... chegou a notícia e eu só consegui ficar com raiva. — Sua escolha de palavras me fez arregalar os olhos. Percebendo a minha reação, ele se adiantou em explicar — Não de você, nunca de você. Mas... da vida, entende? Por que para conseguir algo

incrível, que era a minha banda, eu precisava abrir mão da coisa mais foda que já aconteceu comigo?”

Adônis parou abruptamente, esfregando o rosto com impaciência. Aproveitei o momento para falar.

— Eu também estava passando por tudo isso! Você estava demorando cada vez mais para me responder e eu só conseguia pensar no rumo que sua vida estava levando e no quanto isso me afastava cada vez mais de você, Chewie! Acha que eu queria ter estado com outra pessoa? Acha que eu consegui te superar? — Lancei as mãos no ar, para mostrar o tamanho de minha indignação. — Foi um ato de desespero! Eu estava na merda desde o dia em que você saiu da minha vida e tudo só piorava. Eu... só queria tentar tirar o vazio de dentro de mim. Tentar te esquecer, colocando outro em seu lugar. É horrível, eu sei. Mas ficava imaginando que, em cada show de cada cidade que você fazia, provavelmente teria uma profusão de meninas loucas para tirarem a roupa para você, e...

— E o quê? Eu ficaria com elas? *Transaria* com elas? Tentaria te esquecer colocando outra em seu lugar? — Ele falou com um pouco de rispidez. — Não, Becca! Eu te falei uma vez, muito tempo atrás, que meu coração estava trancado e não tinha mais como abrir. Acontece que você conseguiu entrar, você fez isso. Entrou e ocupou cada maldito pedacinho dele. Agora ele não pertence a mais ninguém que não você, porra!

— Está me dizendo que nesses quatro anos não estive com ninguém? — perguntei, tentando mensurar o tamanho do absurdo.

Adônis reagiu com uma risadinha incrédula e um balançar de cabeça.

— É claro que eu estive, sua idiota! — falou com leveza, parafraseando o que eu havia dito ainda há pouco — Com você! Duas vezes.

— Só comigo? — as lágrimas foram parar nos meus olhos em uma velocidade surpreendente.

— Só com você. Porque eu sou seu, de mais ninguém — ele se aproximou de mim, envolvendo-me com os braços e apoiando o queixo no meu ombro esquerdo. Recostei a cabeça na sua, olhando, lá embaixo, carros passando de um lado para o outro em uma frequência cada vez menor.

— Por que parou de me responder? Por que fez isso comigo?

— Não fiz. Você sabe que não sou assim.

— Então me explica.

Ele respirou fundo e se afastou alguns centímetros. Suas mãos vieram parar nos meus ombros, girando-me para que eu ficasse de frente. Passei a perna esquerda para o outro lado, imitando-o.

— Eu fiquei muito mal, Becca. Muito *mesmo*. — Explicou, estralando os pulsos com tranquilidade. — Tão mal que meus amigos ficaram preocupados comigo e, por isso, interceptaram as cartas. Esconderam de mim com medo de eu acabar voltando a ficar na merda.

— O quê?! — perguntei, chocada.

— É, eu sei — ele deu de ombros. — Eu nunca desconfiei de nada, porque, você sabe, achei que estivesse ocupada demais seguindo em frente — falou com tanto sarcasmo que deixei uma risada escapar. — Pensei em escrever para você, mas eles insistiram que eu seria um babaca se fizesse isso. E, bem, acreditei neles. Você estava feliz, na minha imaginação. Estava com alguém que poderia oferecer coisas que eu não. Então usei isso como deixa para também tentar te esquecer.

— Que grandes filhos da puta! — falei, cheia de indignação.

— Não fique com raiva deles, donzela. Principalmente de Domênico e Igor. Eles só queriam me poupar. Estiveram comigo quando enfrentei toda a barra do acidente e achavam que eu merecia parar de sofrer um pouco.

Estalei a língua nos dentes, pensando a respeito.

— Eles devem achar que sou uma vaca sem coração, né? — uma risadinha nervosa escapou de meus lábios.

— Não, eles não acham. Eles sabem o quanto amo você e sabem que você foi a responsável por eu estar vivo de novo. Eles, na verdade, morrem de vontade de te conhecer.

— E eu vou conhecê-los?

— Isso depende mais de você — Ele sorriu torto.

— Mas você sabia da estreia do meu livro... e tudo o que eu falei na última carta... como descobriu sobre elas?

Adônis fispou o lábio inferior e meus olhos foram parar lá instantaneamente.

— Meu pai me ligou um dia perguntando se eu sabia que você tinha escrito um livro e virado fenômeno na internet. Eu joguei seu nome no Google e vi todas as coisas incríveis que estavam acontecendo e descobri, para minha total surpresa, que estava no livro! — Ele sorriu em provocação e meu rosto queimou inteiro. — E isso não fez o menor sentido. Se você tinha me deixado no passado como eu achava, não teria feito isso. Então eu pressionei meus amigos até descobrir que

havia, sim, cartas suas. Quase cometi um assassinato naquele dia, mas consegui colocar as mãos nelas.

— Daí veio atrás de mim — concluí, tomando o último gole da minha cerveja esquecida. Estava quente, mas não me importei.

— Uhum.

Esfreguei o rosto com as duas mãos, tentando organizar a bagunça que era a minha cabeça naquele momento. Tinha tanta coisa para absorver... eu ainda estava me recuperando de sua chegada e agora ainda precisava lidar com todas aquelas descobertas.

Quando voltei a encará-lo, não pude evitar a única pergunta que dominava todo o meu ser, célula por célula.

— E o que será de nós?

— Como assim?

— Por que agora é diferente das outras vezes? Por que agora temos a possibilidade de um futuro?

— Porque terminei a minha faculdade, fiz o que precisava fazer para ser todo seu. E você também alcançou seus objetivos, encontrou seu lugar no mundo, não foi? Estamos prontos, agora, Becca. Prontos como nunca estivemos.

Aquilo soou como um absurdo para mim.

— Prontos? Adônis, olha só para você. Acha mesmo que vamos conseguir com essa sua nova vid...

— Eu largo tudo!

—... A distância é enorme. Não vou conseguir levar isso com doses homeopáticas, é muito doloroso...

— Você me ouviu? Eu largo tudo!

— Preciso de você inteiro, e... — Minha mão ficou parada no ar, apontando para ele. Empertiguei-me, encarando-o com perplexidade. — Calma. O que foi que disse?

— Eu largo tudo, Rebecca. Agora mesmo. Nada me importa mais que nós dois juntos.

— Você enlouqueceu — sussurrei. — Está louco.

— Estou — falou baixinho, aproximando-se perigosamente de mim. — Por você.

— E o seu sonho? Você lutou a vida todo por isso.

— Meu único sonho é você, donzela. Demorei demais para perceber o quanto estava sendo burro.

— Adônis, você não pod...

— Shhhhh — falou, antes de me beijar com calma, deliciando-me com o meu sabor.

Minhas mãos foram automaticamente para dentro da sua camisa jeans, apenas para confirmar se tudo estava como na minha memória. E, bem, estava.

Deixei-me levar, sentindo correntes elétricas avançarem de fininho pelos meus membros, deixando-me arrepiada e, ao mesmo tempo, em chamas. Então, tive um lampejo de lucidez novamente, que foi o suficiente para que eu interrompesse o beijo.

— Não pode desistir de tudo o que conquistou. Não é certo.

— Precisamos falar sobre isso *agora*? — gemeu contra a minha boca. — Estou latejando de vontade de você, Becca. Olha isso aqui... — ele buscou a minha mão e a colocou sobre sua rigidez. Fechei os olhos momentaneamente, sendo seduzida pela ideia.

Pelo cajado de Gandalf, Rebecca, concentre-se!

Vocês terão muito tempo para isso!

Foi obrigada a concordar com meu subconsciente e manter o foco mais um pouco. Tirei a mão dele, recebendo outro gemido como resposta — mas, dessa vez, era um de protesto.

— Precisamos. Só vou me entregar depois de ter certeza de que, dessa vez, é para sempre — falei categoricamente, afastando-me um pouco mais, de modo que pudesse ter a visão completa do seu rosto.

— Tudo bem. — Um sorriso gentil estampou seu rosto. — Para quem esperou tanto tempo, o que são alguns minutinhos a mais?

Rimos juntos e eu adorei a sonoridade de nossas risadas. Estavam leves, felizes.

— Não quero que desista de algo que você ama tanto por mim, Chewie. É sério. Não vou conseguir dormir sabendo que você fez uma escolha tão permanente e jogou fora uma chance única na vida.

— E eu não vou conseguir dormir, acordar ou sequer viver sabendo que você está do outro lado do mundo, sozinha. E que, a qualquer momento, alguém pode conseguir te roubar de mim.

— Isso nunca vai acontecer — sorri. — Não mesmo.

— Não me importo, Becca. De verdade. Que outra chance temos de ficar juntos? — sua voz entregava a urgência por trás das palavras. — A música é importante e o sucesso da banda foi uma das coisas mais incríveis que já me aconteceram, mas posso recomeçar. Eu apanhei muito, mas entendi que só sou completo com você. Outras portas se abrirão, e...

— Não, Chewie. Não vou aceitar. Depois de tudo o que passamos, acho que já deveríamos saber que medidas extremas não nos levarão a lugar algum, né?

— O que você sugere então, Rebecca? — ele perguntou, parecendo perdido.

— Equilíbrio.



Seis meses mais tarde...

— *Eu ainda me lembro daquela noite, quando percebi que as coisas nunca mais seriam iguais. Você estava parada na minha porta usando apenas uma camiseta...* — a voz de Adônis veio abafada do palco, arrepiando-me inteirinha.

Ao fundo, pude ouvir um mar de gritos histéricos, como sempre acontecia quando eles começavam a tocar Collision. Não consegui evitar o sorriso bobo que dominou o meu rosto. A sorte era que, exceto por mim, o camarim estava vazio. Prendi a respiração, deixando a música me envolver daquela maneira surreal. Não importava quantas vezes eu os ouvisse tocar, a sensação nunca mudava. Os *riffs* das guitarras eram elétricos e as batidas frenéticas da bateria pareciam conversar com as do meu coração. O que eu mais amava, no entanto, era o solo de baixo, que fazia o meu corpo todo vibrar no mesmo ritmo.

Era indescritível experimentar tudo aquilo. Os shows pareciam um mundo à parte onde todos sentiam as músicas correrem pelas veias. A energia era pulsante. Normalmente eu ficava atrás do palco, escondidinha, vivendo aquilo tudo com intensidade e, principalmente, babando em Adônis. Vai por mim, se ele já era um pecado antes, agora, com uma guitarra na mão e suor fazendo sua camisa grudar no corpo, chegava a ser revoltante.

— *Ohhhh, e eu soube, em uma fração de segundo, que nós não seríamos apenas dois estranhos colidindo um contra o outro...* — Milhares de vozes se uniram

a dele, cantando em uníssono.

Peguei-me cantarolando baixinho, incapaz de me manter emocionalmente alheia. Quero dizer, não tinha como! Aquela canção era sobre mim, sobre nós. Não dava para ignorar uma das coisas mais fascinantes que já haviam me acontecido. Não dava para evitar a adrenalina que sempre se espalhava pelo meu corpo, deixando-me mole como geleia de mocotó.

Meus olhos recaíram para o notebook esquecido em meu colo e, no mesmo instante, minha garganta ficou muito seca. Fiquei tão distraída com o show que, por um momento, me esqueci do meu trabalho. A razão principal de eu estar ali sozinha, aliás, e não curtindo a minha banda predileta, como adoraria. Pesquei uma bolinha de queijo da mesa a alguns centímetros de mim e a lancei boca adentro. Ainda mastigando, ajeitei-me no sofá e estiquei as pernas, arrumando o computador no meu colo de um jeito mais confortável e, então, voltei a escrever.

Assim como aconteceu na internet, a *Linguagem do Amor explodiu* em formato físico. O livro foi um sucesso de vendas, ficando por semanas a fio no topo dos mais vendidos. Entre sessões de autógrafos intermináveis, entrevistas para as mais diversas mídias e várias mensagens de carinho dos meus leitores, eu vivia um sonho que jamais pensei ter. Depois de passar a vida com a cara enfiada nos livros, desejando trabalhar em uma editora para poder fazer parte desse mundo de alguma forma, como eu poderia sonhar que acabaria me tornando uma escritora? Como poderia sonhar que meu livro mudaria a vida de pessoas assim como tantos outros haviam mudado a minha? Era maravilhoso! A certeza de que isso era o que eu queria para o resto da minha vida só crescia a cada dia, conforme novas descobertas e experiências surgiam, surpreendendo-me.

O sucesso do meu livro foi tanto que a minha editora me convidou a escrever outros. Com a diferença de que, agora, eu teria prazos a cumprir, metas diárias a bater, números a alcançar. A pressão era absurda, mas, ironicamente, deliciosa. Eu adorava mostrar para mim mesma, diariamente, o quanto era capaz de superar os meus limites.

Porém, a melhor parte da minha profissão estava no fato de que eu não precisava criar raízes em lugar algum. E era justamente por causa desse pequeno detalhe que Adônis e eu tínhamos conseguido nos acertar.

Quando ele se mostrou disposto a largar o maior sonho de sua vida e tudo o que tinha conquistado apenas para ficar ao meu lado, tudo mudou entre nós dois. Isso porque, a única maneira de fazer as coisas darem certo entre nós seria se um

dos dois cedesse. Então, de repente, um milhão de possibilidades se abriu para uma relação que parecia fadada ao fracasso. Saber que Adônis poderia pagar um preço tão alto por mim me deu um choque de realidade — ele era o amor da minha vida. Amava-me a ponto de abdicar coisas valiosíssimas para ele.

Eu passei a entender que cada uma de nossas escolhas nos levou a chegar àquele momento fundamental em que estávamos preparados para começar uma vida juntos. Adônis acertou quando afirmou que, como nunca, a hora tinha chegado. Porque eu jamais teria começado a escrever se não fosse para tirar a angústia de não tê-lo por perto. Da mesma forma que, se ele não tivesse se mudado de país e percorrido seus objetivos, para sempre existiria o peso das dúvidas sobre nós dois. Existiria uma porção de “e se...?”, e o problema era que todos os caminhos que viriam depois poderiam ser muito perigosos. Agora tudo tinha mudado, porém. Não estávamos mais pela metade como anos atrás. Não precisávamos nos *completar* para aliviar todas as mágoas que carregávamos dentro de nós mesmos. Éramos inteiros e, por isso, somávamos a existência um do outro.

Todas essas constatações foram a força-motriz que me impulsionou a, eu mesma, abrir mão de algumas coisas que já não faziam mais sentido algum para mim. Como, por exemplo, a necessidade de continuar morando no Brasil. Eu não podia dar a desculpa de ser por causa dos meus avós, pois morava longe deles há muitos anos. Além disso, tinha terminado a faculdade e meu emprego era o mais flexível possível, afinal, dava para escrever de qualquer lugar do mundo, não é? Quando eu tivesse compromissos relacionados a lançamentos dos futuros livros, era só viajar de volta para lá. E essa também já seria a desculpa perfeita para que eu fizesse uma visita às pessoas que deixaria para trás — vovó e vovô, Arthur e Nataly.

Foi por isso que, pouco mais de um mês depois de Adônis ter ido atrás de mim, arrumei minhas malas e me mudei para Waterford, onde alugamos um apartamento pequeno e aconchegante para começarmos a nova temporada de nossas histórias — aquela em que passaríamos a ser um só. Morar em um país tão diferente do Brasil foi complicado no começo, como eu já esperava, mas só o fato de tê-lo para mim, além de Castiel, é claro, fazia tudo valer a pena. Nosso apartamento, no entanto, era o lugar em que menos ficávamos. Isso porque os Tyrannosaurs viajavam muito em suas turnês — e eu os acompanhava em cada uma delas. Então nosso lar passou a ser em aeroportos, aviões, quartos de hotel e *backstages*. E, francamente, não podia ser melhor para mim. Nunca fui muito convencional, tampouco ele.

Fui arrancada bruscamente dos devaneios pela voz de Adônis conversando com a plateia e, principalmente, pelas coisas que ele dizia. Aprumei-me no lugar, atenta às palavras, as quais eram um pouco difíceis de entender diante de toda a gritaria feita pelos fãs.

—... Isqueiros ou então os celulares... Esse momento é muito importante... Depois de tudo o que passamos... Estará aqui... Preciso da ajuda de todos vocês, tudo bem? — houve uma pausa seguida pela plateia ovacionando com euforia.

Antes que eu pudesse sequer pensar a respeito, um *roadie* irrompeu o camarim. Parecia ter pressa e, dada a maneira como mudava o peso do corpo de uma perna para a outra a cada dois segundos, constatei que estava ansioso.

— Senhorita Moraes, preciso que me acompanhe, por favor.

— Eu... hum? Por quê? — perguntei, alarmada. Quero dizer, eu tinha importância zero ali dentro. Não conseguia imaginar qualquer situação em que minha presença fosse relevante.

Minha resposta o deixou ainda mais ansioso. Olhando por cima do ombro em direção à porta, ele se adiantou até parar ao lado do sofá e então, para a minha surpresa, fechou os dedos ao redor do meu braço direito com firmeza.

— Vamos, preciso te levar logo.

— Me levar para *onde*? — protestei, já em pé. Mas sua resposta nunca veio. Em vez disso, andamos a passos rápidos pelos corredores que davam acesso ao palco.

Àquela altura, meu coração trabalhava depressa o suficiente para se parecer com a bateria de uma escola de samba. Sem saber muito bem o porquê, eu tremia da cabeça aos dedinhos do pé. Apesar de não entender o que era, já tinha percebido que algo estava acontecendo. Algo relevante o suficiente para que o *roadie* estivesse tão sério e determinado, enquanto me arrastava sem diminuir o ritmo.

O som se tornava mais alto a cada passo, um murmúrio de milhares de vozes fundidas. Fora isso, nada. A banda não estava tocando. Fui tomada por desespero quando percebi que estava sendo levada ao palanque. Não para ficar escondida assistindo ao show, como já fizera tantas outras vezes, mas sim para participar dele. A constatação foi como um raio paralisante. Em uma fração de segundos, minhas pernas ficaram pesadas como chumbo.

— Hei, o que está fazendo? Não podemos atrapalhar o sh... — minha voz simplesmente morreu quando vislumbrei o que me esperava lá.

O chão de linóleo fora inteiro coberto por fartos arranjos de girassóis, que davam a impressão de, juntos, formarem um vasto e fofo tapete amarelo vibrante. Todos da banda olhavam para mim com atenção, enquanto eu era levada desajeitadamente pelo *roadie*, que não tentava esconder o tamanho do seu alívio.

Nem ao menos percebi quando exatamente comecei a chorar, mas antes mesmo de alcançar a metade do palco, meu rosto já estava encharcado. A plateia entrou em polvorosa e percebi, estupefata, que todos tinham as mãos erguidas para o alto, segurando os isqueiros e celulares de que eu havia ouvido Adônis falar. Era a coisa mais maravilhosa que eu já havia tido a oportunidade de presenciar! Parecia-se com um milhão de estrelas brilhando intensamente em um céu vivo feito apenas para mim.

Foi quando meus olhos encontraram Adônis. Ele estava de costas para os fãs e sem sua guitarra. As íris de Outono ardiam intensamente ao passo em que, nos lábios, um sorriso contagiante se assemelhando ao de alguém que acabara de ganhar na Mega-Sena. Ele aparentava ser a segunda pessoa mais feliz do mundo, porque, bem, eu certamente era a primeira.

Notando o meu estado caótico, ele se adiantou em minha direção, estendendo a mão direita, na qual me agarrei como se dependesse disso para viver. Suas mãos vieram parar na minha cintura, sugerindo que ele queria dançar comigo. Um pouco sem pensar, envolvi seu pescoço com os meus braços, provocando uma nova explosão de gritos e aplausos.

E então, enquanto eu ainda tentava assimilar tudo o que já tinha acontecido até ali, uma música começou, superando todos os outros sons e dominando o meu mundo. Eu estava tão perplexa que demorei a perceber não se tratar de uma música deles, mas, sim, de Beatles.

Ainda abraçado a mim, Adônis soltou uma das mãos de mim e tomou o microfone do suporte. No segundo seguinte, sua voz pairava majestosa por toda a arena. Eu não conseguia ver mais nada. Embora estivesse com os olhos abertos, meu cérebro entrara em pane. Por isso, restou-me apenas vivenciar o momento. E, diga-se de passagem, foi a melhor decisão que eu poderia ter tomado.

— *Eu dou a ela todo meu amor, é só o que eu faço. E se você visse o meu amor, se apaixonaria por ela também. Eu a amo.*

Oh, Deus! Oh, Deus! Oh, Deus!, era o único pensamento ecoando copiosamente pelas paredes do meu crânio. Aquilo tudo era mesmo real? Estava mesmo acontecendo?

— *Brilham as estrelas, escurece o céu... Eu sei que este meu amor nunca morrerá. E eu a amo.*

A única coisa que me dava certeza de não ser um sonho era o fato de que minha mente jamais seria capaz de inventar tudo aquilo. Adônis sempre conseguia me surpreender. As melhores lembranças da minha vida tinham todas a ver com ele. Céus, eu me perguntava se merecia tanto.

Sua voz deu lugar à de Domênico, que começou a cantar a segunda parte da música. Então, sem conseguir encontrar o meu fôlego em lugar algum, assisti a ele se ajoelhar em minha frente enquanto tateava o blazer, até que sua mão surgiu de dentro de um bolso segurando uma pequena caixinha preta de veludo e, nesse momento, eu parei de chorar como uma pessoa normal para chorar como uma completa maluca. Meus ombros balançavam com violência, os olhos pareciam torneiras abertas e, além disso, eu tinha total consciência de que meu rosto deveria estar vermelho como um tomate bem maduro. Também pudera, aquele era o mais lindo dos pedidos, havia como reagir de forma diferente?

Eu não era a única com as emoções à flor da pele, no entanto. Os olhos de Chewie, brilhando muito além do normal, eram a confirmação de que ele também estava prestes a se desmanchar em lágrimas. Por segundos que abrigaram uma eternidade, ele me encarou, como se me despisse com as íris, camada por camada, até chegar à alma. Somente quando alcançou o mais íntimo do meu ser que ele se deu por satisfeito e, empertigando-se no lugar, silabou duas palavras que, apesar da música e de todo o barulho vindo da plateia, consegui entender perfeitamente.

— Casa comigo?

Eu juro, não só o meu coração parou, como também o mundo inteirinho. Foi como uma falha na Matrix. Só existia Chewie e eu e esse momento que, pelo resto de minha vida, levaria dentro do meu coração.

Não sei exatamente como consegui encontrar a minha voz quando o meu corpo estava tão anestesiado por todos os acontecimentos incríveis. Mas o fato é que aconteceu e, para mim, apenas a minha voz existia. Eu a ouvi tão alta como se estivesse com um megafone em frente aos lábios.

— Caso! — falei pela primeira vez, mas não pareceu o suficiente. Por isso continuei. — Caso, caso, caso e caso!

Chewie se levantou em um rompante, com um sorriso bobo tão lindo que eu poderia passar o resto da noite apenas admirando. Percebi que ele finalmente tinha cedido às lágrimas, que traçavam brilhantes caminhos orgânicos em seu rosto.

Como eu achava que aquela seria a hora em que ele colocaria o anel em mim, surpreendi-me quando suas mãos frias seguraram o meu rosto e ele procurou minha boca com tanta urgência. Foi durante o nosso beijo que o mundo voltou a funcionar. Percebi, estupefata, a explosão de gritos e aplausos que nos rodeava.

Usando a manga do blazer para secar as lágrimas, ele se desvencilhou de mim e tomou minha mão esquerda. Nem ao menos me dei conta de que aquela não era a mão certa. Estávamos cegos pela emoção. Adônis deslizou o anel pelo meu dedo anelar e, antes que pudéssemos fazer qualquer outra coisa, os outros meninos da banda estavam pulando ao nosso redor, gritando e fazendo bagunça. Gargalhei em deleite, ao mesmo tempo em que continuava chorando incessantemente. Pelos dragões de Daenerys Targaryen, se eu não morresse do coração naquela noite, jamais morreria, sabia disso.

Como o show precisava continuar, Domênico, Igor, Gael e Ethan nos soltaram, voltando às suas posições iniciais e tomando seus instrumentos. Adônis aproveitou a deixa para me acompanhar até o fundo do palco, mas eu sabia que tínhamos apenas poucos segundos. Por isso, tão logo alcançamos uma área onde ninguém mais podia nos ver, pulei em seu pescoço, abraçando-o com toda a força que abrigava dentro de mim. Procurei sua boca e o beijei com a mesma euforia da primeira vez, quando apenas nos conhecíamos. Não importa quanto tempo tivesse passado, as coisas não mudavam entre nós. Continuávamos sendo aquele casal apaixonado que sempre se esbarrava na escadaria do prédio. Embora muitas coisas tivessem se alterado drasticamente, a principal delas não — nossa essência.

Suas mãos me seguraram pela cintura e ele me tirou do chão. Balancei os pés no ar, sentindo-me nas nuvens. Adônis riu baixinho, lançando-me um olhar que dizia, com todas as letras, o quanto ele não queria se afastar de mim naquele momento, mas precisava. Eu sabia disso porque era exatamente como me sentia.

— Preciso voltar... — justificou, encolhendo os ombros.

— Tudo bem. Vamos ter muito tempo para aproveitar.

— Só a vida inteira. — sussurrou contra os meus lábios e sorri contra os dele.

— Eu te amo, minha donzela.

— Eu te amo, meu Chewbacca.



Dois anos mais tarde...

Apoiei os cotovelos no vidro temperado que delimitava a varanda, contemplando a vista fantástica que se estendia para onde quer que meus olhos mirassem. Levei a caneca aos lábios, bebericando o cappuccino fumegante ao passo em que soltava um suspiro audível. Uma lufada de vento soprou meus cabelos para fora do rosto, de uma maneira deliciosa, que só aumentou meu desejo de estar em qualquer lugar, que não ali na sacada. Afinal de contas, Paris, pelo que eu podia ver, era tudo o que eu havia ouvido falar e um pouco mais. A Torre Eiffel se projetava ao noroeste, roubando todo o meu fôlego e atenção. Era impossível me concentrar no notebook esquecido sobre a mesinha redonda de vime quando eu tinha uma vista privilegiada daquele que era considerada o cartão postal daquela cidade maravilhosa.

Fisquei o lábio inferior, maravilhada. Fazia um dia tão bonito de primavera, com o céu azul de azul vibrante, cujas nuvens se pareciam com flocos de algodão amontoados, e as árvores florescendo em uma infinita profusão de cores. Aceitei o fato de que não conseguiria voltar a escrever. Não naquelas condições. Eu estava eufórica para conhecer cada pequeno detalhe de Paris e não sossegaria até que isso acontecesse. Aquela era a minha primeira vez ali, na vida inteira. Adônis estava louco para me mostrar os lugares que já havia visitado em sua primeira passagem por ali, na qual eu infelizmente não estive presente, pois precisei viajar ao Brasil para a turnê de lançamento do meu último livro.

Tomei outro gole considerável da minha bebida, enrolando uma mecha de cabelo no dedo indicador. De pensar que, na próxima semana estaríamos em Nova York, meu estômago já revirava em excitação. Nossa rotina era simplesmente uma loucura! Os períodos em que permanecíamos na calma de nosso lar, em Waterford, tornaram-se muito raros, levando em consideração o sucesso estrondoso dos Tyrannosaurs e o fato de que as turnês eram cada vez maiores. Eu simplesmente adorava. Não poderia imaginar nada diferente para nós dois. Nossa casa acabava sendo o mundo, em toda a sua imensidão. Cada semana em um quarto de hotel novo, com muitas vistas diferentes e um milhão de possibilidades para nós dois. Nem sempre dava para acompanhá-lo, no entanto, pois eventualmente era preciso retornar ao Brasil para o lançamento de um novo livro, ou simplesmente para participar de bienais e eventos literários. Então podíamos ficar

semanas a fio separados um do outro. E, se por um lado eu detestava ficar longe dele, por outro, era inegável que retornar ao lar fazia tudo valer a pena porque, você sabe, era quando matávamos a saudade. Céus, se Adônis já era insaciável em ocasiões comuns, imagine então depois de tanto tempo sem me ver!

Era justamente por causa de nossa vida nada convencional que ainda não planejavamos ter filhos. Isso e também por sermos novos. Haveria muito tempo pela frente. Sentíamos que, antes de dar um passo tão importante, precisávamos nos curtir bastante, aproveitar ao máximo aquela fase de nossas vidas e compensar todo o tempo que permanecemos separados um do outro. Afinal, depois que tivéssemos um bebê, nada jamais voltaria a ser igual, inclusive aquelas viagens constantes. Não que o assunto não tivesse surgido, a propósito. Vez ou outra, Adônis deixava escapar o quanto o empolgava a ideia de termos nossa família crescendo.

— Castiel precisa de um irmão. E olha que ele já está velhinho, hein! — dizia Adônis, como se esse fosse o argumento mais indiscutível do mundo.

Depois disso, passávamos talvez horas conversando sobre o possível sexo, como imaginávamos que ele ou ela seria, assim como nomes e mais um milhão de pautas que apareciam pelo caminho.

Um sorriso pincelou meus lábios, ao pensar nisso. Se fechasse os olhos, podia visualizar perfeitamente ele ensinando nosso filho a tocar desde pequenininho, enquanto eu fazia toda sorte de brincadeiras com tintas, quanto mais sujeira fizesse, melhor. Acho que nos daríamos muito bem nisso, quando a hora chegasse. Ele seria um ótimo pai, eu podia sentir. Era só tomar pela maneira devota como cuidava de mim, sempre carinhoso e paciente. Aquele Adônis sem pavio e cheio de rancor que conheci um dia havia se dissipado permanentemente. Assim como a Rebecca que se privava de tudo, com medo da vida. Em vez disso, tornávamo-nos, se era possível, cada vez mais parecidos. Todo dia uma versão melhor que no dia anterior. Em meio ao caos da vida, nossa evolução era sempre assim, em parceria. Como as coisas deveriam ser.

Estava tão distraída em meus pensamentos que mal percebi sua chegada. Por isso, quando suas mãos frias me seguraram pela cintura repentinamente, pulei no lugar.

— Para ter se assustado assim, só podia estar pensando em safadeza. — sussurrou, abraçando-me por trás. Arquejei ao perceber sua rigidez contra o meu bumbum.

— Eu não, já você... — falei entre risadas e ele me acompanhou, rindo em deleite.

— Eu adoraria dizer que é porque você está deliciosa escorada na sacada desse jeito, mas, na verdade, é porque acabei de acordar.

— Nossa, Adônis, você podia ter me deixado acreditando que sou muito difícil de resistir! — protestei de maneira teatral e ele me apertou ainda mais contra o seu corpo, apoiando o queixo no meu ombro.

— Você é muito difícil de resistir — suas mãos desceram, pelos meus quadris, parando sobre as coxas. — E sabe disso.

Umedeci os lábios, sentindo todos os meus pelos eriçarem.

— Sabe o que seria uma boa ideia? — minha voz saiu rouca de desejo. — Fazer amor com a Torre Eiffel de pano de fundo. É sério, não deve existir nada mais romântico que isso.

Sua gargalhada foi contagiante. Usando as mãos, ele me girou até que eu estivesse de frente para ele, e então me beijou daquela maneira deliciosa, a qual me deixava de joelhos moles e fracos.

— Adoraria atender o seu desejo agora mesmo, mas temos pouco tempo para a quantidade de coisas que queremos visitar.

— Ahhhh, Chewie... — choraminguei, fazendo beicinho.

— A culpa é sua! Por que me deixou dormir até tão tarde? — indagou, com um sorriso manso.

— Porque você parecia exausto.

— Eu *estava* — concordou. — Mas dormir na cidade luz parece um desperdício, não?

— Nada é um desperdício com você! — Arranhei as unhas em seu peito, antes de deixar um beijinho em sua boca. — Mesmo que você esteja inconsciente.

— Isso foi um pouco mórbido, mas vou aceitar, por ora — brincou, arrancando outra risada calorosa minha. — Agora que tal se vestir enquanto eu tomo um banho? Fiquei sabendo que tem um lugar aqui perto com um brunch... hum... como é a expressão mesmo?

— Obsceno de tão bom?

— Exatamente! Obsceno de tão bom.

— Ok, você me convenceu! — falei, desvencilhando-me dele para tomar o notebook sobre a mesinha. — Acho até que vou usar minha boina para me sentir como uma verdadeira parisiense.

Ele sorriu de um jeito tão lindo que eu precisei sorrir junto.

— Talvez isso atrase um pouco o nosso passeio. Sabe que fica sexy demais de boina, não sabe?

— Quem sabe assim você mude de ideia sobre a coisa da sacada e tudo mais... — disse, pestanejando com falsa inocência.

Adônis jogou a cabeça para trás, rindo.

— Você não desiste, né?

— Só depois de conseguir os meus objetivos. — Pisquei com malícia, pouco antes de ele sumir para dentro.

Entrei logo depois dele, deixando meu notebook sobre a cama. Meus olhos foram parar no criado-mudo ao lado dela, onde um porta-retratos nosso jazia, conferindo um pouco de pessoalidade ao quarto de hotel. Incapaz de resistir, tomei a foto nas mãos, passeando os olhos pelos detalhes com carinho. Era do nosso casamento, uma pequena cerimônia que fizemos na Ilha do Mel, apenas com meus avós, seus pais, os meninos da banda, Arthur e Nataly. Nela, eu tinha os braços abertos como o Cristo Redentor e olhava para a direita com se prestasse atenção a algo que diziam. Adônis estava ao meu lado, usando suspensórios e uma gravata borboleta; uma das mãos segurava Castiel, que estava com uma expressão emburradíssima e, com a outra, ele fingia se proteger do chuveiro fino que nos envolvia. Nós dois tínhamos sorrisos enormes no rosto, como se fôssemos os reis do mundo. Pouco depois de aquela foto ser tirada, a chuva irrompeu do céu de uma só vez, e todos tiveram que correr pra dentro do hotel, onde fizemos a recepção. Eu fazia questão de levar aquela fotografia em todas as viagens, apenas como um lembrete diário do quanto éramos, acima de tudo, sortudos.

Justamente eu, que sempre acreditei fugir do amor, fui salva diversas vezes graças a ele. Pelos meus avós, em primeiro lugar, que fizeram tudo por mim e sempre estiveram ao meu lado. Sem eles eu não teria a menor chance de chegar tão longe. Pelos meus melhores amigos, os quais me ensinaram que a vida precisa ser vivida com leveza e estiveram ao meu lado a cada tropeço. Mas, principalmente, por Adônis.

Quando olho para trás e vejo a ironia de nossos caminhos terem se cruzado de maneira tão incisiva, percebo que o destino já tinha planos sólidos para nós dois. Não havia nada que pudéssemos fazer. Somente isso explicaria como pessoas aparentemente tão distintas entre si pudessem ser, na verdade, tão iguais. Éramos duas pessoas cheias de cicatrizes e medos. Não queríamos nos apaixonar, porém,

entre tantos encontros e desencontros, acabamos encontrando um no outro a razão de ser. Achávamos estar fadados ao fim, sem nunca considerar que o destino poderia nos presentear com um novo capítulo. E, no entanto, ali estávamos, apenas começando nossa vida, sempre um ao lado do outro, em todas as conquistas e, principalmente, nos contratempos. Esse, na minha concepção, era o “felizes para sempre” da vida real.

Uma das minhas frases favoritas de Harry Potter sempre foi aquela de Dumbledore, que já havia me tirado das trevas tantas vezes. *“Tenha pena dos vivos e, acima de tudo, daqueles que vivem sem amor”*. Agora, mais do que nunca, eu a entendia como jamais fui capaz.

Porque, fosse por letras de músicas com duplos sentido, por indecifráveis olhares com a cor do Outono, por cartas e mais cartas que carregavam nossos corações, ou ilustrações que diziam muito mais que palavras... não importava a maneira como ela se manifestasse; de todas as linguagens existentes, a minha preferida sempre seria a do amor.

Fim

Agradecimentos

A Linguagem do Amor surgiu como um desafio. A princípio, era para ser um conto de poucas páginas, que eu pretendia escrever em um curto intervalo de tempo. Porém, contrariando meu desejo inicial, Adônis e Rebecca me conquistaram e o romance deles tomou uma proporção bem maior do que o esperado. E ainda bem que ouvi o meu coração! Esse foi um livro que amei demais escrever e para sempre nutrirei um carinho especial por ele. No entanto, se cheguei até aqui, foi graças ao apoio de pessoas maravilhosas que fazem parte disso tanto quanto eu.

Em primeiro lugar, um enorme OBRIGADA, em letras garrafais, aos meus leitores queridos. Vocês são a razão de eu poder fazer da escrita o meu ofício. Não faria sentido algum continuar contando histórias sem vocês aqui. Muito, muito, muito obrigada mesmo!

Ao meu marido, Charles, agradeço infinitamente por sempre acreditar tanto nos meus personagens e ser, de longe, a pessoa que mais me incentiva no mundo inteirinho. Meu amor, sou muito feliz por ter você na minha vida e mais ainda por poder comemorar cada pequena conquista ao seu lado. Te amo demais!

Jéssica Miguel, você foi a minha primeira parceira, sabia? Por isso, quando se ofereceu para ser leitora beta de ALDA, fiquei muito feliz. Agradeço por toda a ajuda e suporte que me ofereceu ao longo desses cinco meses. Adônis e Rebecca devem muito a você!

Gilvana Rocha, bendita foi a hora em que entrei em contato pelo Skoob, hein? Você virou uma parceira com lugarzinho reservado no meu coração! Muito obrigada por aceitar ser minha leitora beta, por acreditar no potencial de #ChewBecca desde o começo e por me ajudar tanto com a divulgação. Você não sabe disso, mas várias vezes eu estava uma pilha de incertezas ao te enviar os capítulos e era sempre um alívio quando você me contava o que tinha achado.

Minha revisora linda, Luísa Pinheiro, agradeço por cuidar com tanto carinho desse livro! Amava encontrar alguma notinha sua no meio da revisão interagindo com a história.

Jheny Barroca, obrigada por amar Adônis e Rebecca tanto! Obrigada por sempre me surpreender com esse carinho enorme pela história e a vontade de me ajudar a fazer acontecer. Você colocou sorrisos no meu rosto muitas vezes.

Loletes queridas, como amo passar horas conversando com vocês! Melhor grupo no whatsapp não há. Porra de pipoca! Hahah

Aos blogs parceiros, um muito obrigada para lá de especial. Desejo todo o sucesso do mundo para cada uma!

Por fim e não menos importante, muito obrigada à minha família e amigos, por oferecerem uma rede de segurança, sem a qual eu jamais conseguiria chegar a lugar algum. Amo vocês com todo o meu coração!

Todos vocês foram peças fundamentáveis nesse quebra-cabeça e eu sou imensamente grata por fazerem parte do meu sonho.

Playlist

https://open.spotify.com/user/lolasalgado_/playlist/20zspqbuACkFXdeNJs60uC

Aerosmith – I don't wanna miss a thing
Alok – Hear me Now
Anavitória – Singular
Ana Carolina – Quem de nós dois
Arctic Monkeys – I wanna be yours
Arctic Monkeys – R U mine?
Ariana Grande – Everyday
Banda do Mar – Pode ser
Banks – Warm water
Bon Jovi – Livin' on a prayer
Cassia Eller – Por enquanto
Cage the elephant – Trouble
Cícero – Ensaio sobre ela
Cigarettes After Sex – Apocalypse
Cigarettes After Sex – Dreaming of you
Cigarettes After Sex – Please don't cry
Coldplay – Speed of sound
Creedence Clearwater Revival – Have you ever seen the rain
Daughter – Landfill
Daughter – Run
Death Cab For Cutie – I will possess your heart
Death Cab For Cutie – You're a tourist
Depeche Mode – Enjoy the silence
Engenheiros do Hawaii – Refrão de Bolero (versão acústica)
Ed Sheeran – Shape of you
Extreme – More than words
Franz Ferdinand – Take me out
Guns N' Roses – Don't cry
Heartless Bastards – Only for you
Ingrid Michaelson – You and I

Ira! E Pitty – Eu quero sempre mais
Jace Everett – Bad Things
James Arthur – Say you Won't Let Go
Jota Quest – Ela me faz tão bem
Legião Urbana – Quando o sol bater na janela do seu quarto
Legião Urbana – Quase sem querer
Lenny Kravitz – Again
Little Joy – Brand new start
Little Joy – Unattainable
Los Hermanos – Fingi na hora rir
Los Hermanos – O último romance
Lulu Santos – Um certo alguém
LS Jack – Amanhã não se sabe
Mallu Magalhães – Don't you leave me
Mallu Magalhães – Highly sensitive
Mallu Magalhães – Velha e louca
Marcelo Jeneci – Felicidade
Marina and the Diamonds – Forget
Marisa Monte – Não vá embora
Maroon 5 – Misery
Melim – Dois Corações
Metallica – Fade to Black
Metallica – Nothing else matters
Nando Reis – All star
Nando Reis – Pra você guardei o amor
Papas da Língua – Eu sei
Passion Pit – Carried Away
Pitty – Equalize
Ruth – Everyday
Sarah Jaffe – Summer Begg
Seu Jorge – Mina do condomínio
Sia – Alive
Snowmine – Let me in
Snow Patrol – Open your eyes
Snow Patrol – Run

Sky Ferreira – You're not the one
The Beatles – And I love her
The Beatles – Eight days a week
The Beatles – From me to you
The Beatles – I should have known better
The Beatles – In My Life
The Civil Wars – Forget me not
The Strokes – Reptilia
The Subways – I want to hear what you have got to say
The White Stripes – I don't know what to do with myself
Tribalistas – Grão de amor
Two door cinema club – What you know
Two doors cinema club – Something good can work
Vance Joy – Mess is mine
Yael Naim – New Soul

Sobre a Autora

Lola Salgado é o pseudônimo de uma escritora paranaense que acredita fervorosamente que o sushi foi talvez a melhor invenção da humanidade. Gosta dos dias mais frescos, de café amargo e de histórias que mexem com os seus sentimentos. Está em relacionamento sério com os livros desde que se considera por gente, e escreve porque alguém certa vez lhe disse que era assim que se fazia magia. Desde então, levou isso como lema de vida.

Lola é escorpiana, nascida em novembro de 93. Seu livro de estreia, **O Advogado**, conquistou 1,2 milhões de leituras no Wattpad e ocupou o 8º lugar na Lista de E-books Independentes Mais Vendidos da Amazon no ano de 2016. A continuação, **O Acusado**, ganhou o prêmio internacional Wattys, no Wattpad, concorrendo com outras 100 mil obras participantes.

Você pode acompanhar o trabalho dela pelo **Facebook** (<https://www.facebook.com/autorololasalgado/>), **Instagram** (https://www.instagram.com/lolasalgado_/) ou **Wattpad** (<https://www.wattpad.com/user/LolaSalgado>).



Não se esqueça de deixar uma avaliação, ela é muito importante para mim!

^[1] Metallica – Nothing Else Matters